FR. THOMÉ DE JESUS

TRABALHOS DE JESUS

Editado por

TRABALHOS DE JESUS

FREI THOMÉ DE JESUS

TOMO PRIMEIRO

NOTA

O livro "Trabalhos de Jesus" foi escrito no sec. XVI. Os textos disponíveis na internet, que utilizámos como fontes, respeitam a uma edição de 1865.

Para facilitar a leitura e compreensão utilizámos a inteligência artificial (ChatGPT) para conseguir uma "tradução livre" com a ortografia e estilo correntes. Por exemplo, fraccionando parágrafos muito extensos — abrangendo por vezes várias páginas — em parágrafos de menor dimensão, e substituindo formas e expressões arcaicas por outras análogas usadas atualmente, respeitando o tom devocional, contemplativo e penitente do original:

Note-se que a IA, alíás como a a inteligência humana, não é imune a erros Assim, antecipadamente pedimos que nos sejam relevadas eventuais imprecisões que escaparam à nossa revisão.

Fontes:
books.google.pt
archive.org
alexandriacatolica

Texto original mais utilizado neste Tomo Pimeiro: Clicar *AQUI*

VIDA DO VEN. P. FR. THOMÉ DE JESUS,

RELIGIOSO DA ORDEM DOS EREMITAS
DE SANTO AGOST1NHO

DA PROVÍNCIA DE PORTUGAL.

Composta pelo ilustrissimo
e Reverendíssimo Senhor

P. FR. ALEIXO DE MENEZES, ARCEBISPO E PRIMAZ DE BRAGA,

do Conselho de Estado de Sua Majestade em
Portugal, e Presidente do Supremo do mesmo Reino,
Religioso da mesma ordem.

Tirada de um Livro, que o mesmo Senhor fez de vidas de pessoas de santidade, que neste Reino floresceram, escrita de sua mão muita parte, e por sua morte se recolheu, e se conserva na livraria do Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa.

Fr. Thomé de Jesus era filho de Fernando Álvares de Andrada, um dos principais e ilustres cavalheiros do Reino de Portugal, membro do conselho de Estado de El-Rei D. João III, e um dos mais influentes e confiáveis conselheiros que este príncipe teve durante o seu governo. Este nobre era muito devoto da sagrada Religião do nosso Pai Santo Agostinho, e estimava grandemente a virtude e santidade do venerável Padre Fr. Luís de Montoya, que na época estava envolvido na fundação do Colégio de Nossa Senhora da Graça, em Coimbra. E quis, como homem prudente e grande cristão, que ele fosse mestre dos seus filhos, pois desejava que seguissem a vida eclesiástica, para que fossem educados na sua doutrina.

Assim que Fr. Thomé teve idade suficiente para sair da casa dos pais, foi enviado para o Colégio, juntamente com o seu irmão Diogo de Paiva de Andrada, cujos conhecimentos, virtudes e pregação são bem conhecidos tanto neste Reino como fora dele, como o demonstram as lições que proferiu no Concílio de Trento — onde esteve presente por ordem de El-Rei

D. Sebastião —, além dos livros que escreveu contra os hereges e os sermões que se encontram impressos.

O servo de Deus Fr. Thomé de Jesus tinha dez anos quando foi entregue à educação e formação do santo Fr. Luís de Montoya, e este o educou de tal maneira que, aos quinze anos de idade, lhe deu o hábito da nossa Religião, no mesmo Colégio onde se havia formado.

A decisão de Fr. Thomé de Jesus de seguir a vida religiosa teve como causa importante um milagre que o glorioso São José operou em seu favor, pouco depois de ele ter chegado ao Colégio. Certa tarde, o jovem Thomé, juntamente com outros estudantes, foi levado pelos religiosos do Colégio a recrear-se junto ao rio Mondego. Thomé lançou-se à água para nadar; mas, como sabia pouco daquele exercício e tinha poucas forças, acabou por se embaraçar de tal maneira na água que começou a afogar-se, sem que houvesse remédio.

Vendo isso, os religiosos correram para acudir, enquanto um deles — o servo de Deus —, reconhecendo o perigo em que o menino se encontrava, já sem sentidos, pôs-se de joelhos e começou a invocar São José (por quem tinha grande devoção), pedindo-lhe que socorresse e salvasse o inocente menino. O Santo ouviu a sua oração e, por sua intercessão, o menino foi levado até à margem do rio, exatamente onde estavam os religiosos, que o retiraram da água sem qualquer lesão.

Em agradecimento, o servo de Deus Fr. Luís de Montoya mandou edificar uma capela no Colégio em honra do glorioso São José, tomando-o como patrono da casa — como ainda hoje o é. Quanto ao menino Thomé, reconhecendo a graça que Deus lhe havia concedido ao salvar-lhe milagrosamente a vida, decidiu desde então consagrá-la inteiramente ao serviço do mesmo Senhor.

Depois de ter sido recebido na Ordem, Fr. Thomé de Jesus foi enviado para o Convento de Nossa Senhora da Graça, na cidade de Lisboa, onde fez o seu noviciado e professou. Passado o tempo necessário para ser instruído nas cerimónias e práticas da vida religiosa, os superiores mandaram-no de volta ao Colégio de Coimbra, onde estudou Artes e Teologia. Saiu de lá como um teólogo e pregador muito formado e completo, exercendo o ofício

da pregação com grande proveito, graças à sua doutrina e à eficácia das suas palavras.

Nessa altura, o santo Padre Fr. Luís de Montoya já se encontrava em Lisboa, onde, apesar de exercer o cargo de Vigário Geral da Província, desempenhava também as funções de Prior do Convento e de mestre de noviços. Conhecendo bem a virtude e o espírito de Fr. Thomé — um dos discípulos que mais estimava e a quem mais queria — colocou-o no noviciado e entregou-lhe a formação dos noviços, função que só confiava a pessoas de grande espírito e vida religiosa.

O primeiro a quem confiara essa missão tinha sido o grande servo de Deus Fr. Diogo de Santa Ana, que durante muitos anos a exerceu com distinção. Fr. Thomé foi escolhido para lhe suceder, e desempenhou esse ofício durante vários anos, com grande proveito para a Ordem, formando muitos religiosos com virtude, amor de Deus e espírito de oração, que mais tarde se tornaram muito úteis à vida religiosa.

Compôs um livro chamado *Costumes do Noviciado*, tão bem elaborado e tão apropriado para os que entravam na vida religiosa, que a experiência provou a sua grande utilidade. Durante muitos anos, os noviciados desta Província foram guiados por esse manual. Infelizmente, o original perdeu-se, talvez por algum descuido causado pelas pestes que houve na cidade de Lisboa, ou por mudanças na estrutura dos noviciados. O que ficou dele na memória ainda hoje serve de guia, e, apesar de o livro estar mais ordenado, o essencial do seu conteúdo permanece o mesmo.

Fr. Thomé de Jesus era um grande zelador da observância regular e da vida religiosa. Por isso, ao ver que alguns religiosos, desejosos de maior perfeição, se tinham deslocado para Itália a fim de viverem em congregações mais rigorosas de Recoletos da mesma Ordem, decidiu, para consolo desses e em benefício de muitos outros que tinham o mesmo desejo, fundar uma congregação de Recoletos no Reino de Portugal, marcada por grande penitência e pobreza.

Partilhou este pensamento com o santo Padre Fr. Luís de Montoya, que o aprovou, e com o seu parecer começaram os primeiros passos nessa direção. O projeto recebeu ainda grande apoio do Cardeal Infante D.

Henrique — que à época era legado *a latere* em Portugal e viria a ser o Sereníssimo Rei deste Reino.

Como início desta Recoleta, um devoto começou logo a edificar e construir um Mosteiro muito conforme com os ideais dessa forma mais austera de vida religiosa.

Entraram para esta congregação muitos e muito respeitáveis Padres, tanto da Província de Portugal como da de Castela. Entre eles, destacou-se o Padre Mestre Fr. Luís de Leão, catedrático de Prima de Escritura na Universidade de Salamanca, figura muito conhecida em Espanha pelas suas vastas letras, vida religiosa e pelas obras que deixou impressas.

Fruto desta iniciativa, Fr. Luís de Leão ficou tão afeiçoado a este modo de vida que, sem nunca perder esse santo desejo, e vendo que em Portugal não se tinha conseguido estabelecer plenamente essa forma de vida, quando muitos anos mais tarde foi eleito Provincial da Província de Castela, deu então início às casas recoletas que ainda hoje existem em Espanha.

Quis-se aqui deixar esta nota para que se saiba onde foi lançada a primeira pedra de tão grande edifício espiritual, e quem foi o primeiro a tentar erguê-lo.

Estando já os assuntos da Recoleção tão avançados, ao ponto de os fundadores se prepararem para se transferir para o novo Convento, o demónio — inimigo de todo o bem —, sentindo profundamente essa reforma e desejando impedir a edificação dessas casas que, nas Ordens, servem como fortalezas contra os seus intentos, instigou o ânimo de alguns que, com o pretexto de zelarem pelo bem da Província, se opuseram a esse santo instituto.

Diziam que para essa nova forma de vida iriam passar as pessoas mais virtuosas e capazes da Província, o que deixaria a restante vida religiosa enfraquecida e exposta à perda da observância sobre a qual estava fundada. Levantaram-se então tantas inquietações e resistências que o santo Padre Fr. Luís de Montoya julgou melhor, naquele momento, suspender a concretização dessa obra. Com a sua morte, a iniciativa foi totalmente interrompida.

O Padre Fr. Thomé, em vez de ser amado por muitos, como seria justo, passou a ser mal visto por causa desta situação. Daí tiveram origem vários sofrimentos, que ele suportou com grande paciência e silêncio, sempre ocupado no serviço de Deus e da vida religiosa com grande alegria e paz interior — servindo, em especial, àqueles que, de uma forma ou de outra, se tinham oposto a ele.

Certo dia, um religioso advertiu Fr. Thomé, perguntando-lhe por que razão fazia tantos benefícios à mãe e às irmãs pobres de outro homem (a quem ele sustentava com esmolas que andava a pedir), já que essas mulheres lhe davam muitas ocasiões para exercer a paciência. Fr. Thomé respondeu que não se devia olhar aos merecimentos das pessoas para fazer o bem, pois Deus Nosso Senhor nos faz infinitas graças sem que tenhamos qualquer merecimento.

Foi também nessa época que escreveu a vida do Padre Fr. Luís de Montoya, seu mestre e formador — cuja memória ainda hoje conservamos — e, como verdadeiro herdeiro do seu espírito, terminou também a quarta parte da Vida de Cristo, que tinha ficado incompleta com a morte de Fr. Luís. Fê-lo com tanto espírito e devoção, que não se percebe qualquer diferença entre o autor que iniciou a obra e aquele que a completou.

Era muito dado à oração e à leitura dos Santos Padres, a tal ponto que, sendo mestre dos noviços, nunca se deitava antes das Matinas, passando esse tempo dedicado à oração e à leitura espiritual. Só depois disso se deitava, e mesmo assim dormia muito pouco.

Com o desejo profundo de se ver livre de outros encargos, para poder dedicar-se inteiramente à vida espiritual, pediu por várias vezes licença aos seus Superiores para recolher-se ao Convento de Penafirme — fundado nos arredores de Torres Vedras, junto ao mar, numa grande solidão. Trata-se de uma fundação muito antiga, onde sempre viveram religiosos muito santos. Ali passava a maior parte dos dias e noites recolhido na sua cela, embora não deixasse de ir pregar nas aldeias vizinhas, onde o fazia com grande edificação e proveito para os que o ouviam.

Por causa deste contínuo exercício de oração e leitura dos livros dos autores espirituais, alcançou profundo conhecimento das coisas do espírito,

bem como um dom muito especial para as ensinar e praticar. Manteve uma relação espiritual próxima com pessoas que, naquele tempo, também se dedicavam à vida interior, como o Padre Fr. Luís de Granada e alguns Padres Capuchinhos da Província da Arrábida, com os quais muitas vezes se comunicava.

Era extremamente zeloso do culto divino, e foi por sua opinião e conselho que se introduziu no Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a música de canto de órgão. Justificava esta iniciativa dizendo que, além de o principal objetivo ser louvar o Senhor dessa maneira solene, a música também servia para atrair os leigos à frequência da Igreja e dos ofícios divinos. Além disso, ocupava os religiosos que não se dedicavam aos estudos, empregando-os no exercício do canto.

Foi ele quem deu início às confrarias do Santíssimo Sacramento e da Santa Ressurreição, estabelecidas no mesmo Convento e compostas por gente da mais nobre do reino. Procurava junto de senhoras nobres, suas parentes e devotas, corporais, palas, véus ricos e outros ornamentos para o altar, que depois distribuía pelos conventos mais pobres.

Durante a Semana Santa, ele próprio, com as suas mãos, trabalhava à noite na preparação e arranjo dos monumentos, com grande cuidado e perfeição.

Deu grande exemplo de caridade para com os necessitados e os doentes. Recolhia muitas esmolas para distribuir entre os parentes pobres dos religiosos, para que estes não se distraíssem com essa preocupação. Visitava e tratava os doentes, procurando proporcionar-lhes todos os cuidados e confortos possíveis. Tinha um dom e uma inclinação muito particular para esta missão: ele mesmo preparava os xaropes e outros medicamentos, chegando a adquirir tanto conhecimento sobre as doenças que os próprios médicos muitas vezes seguiam o seu parecer.

Quando estava no Convento de Penafirme, os lavradores pobres da região vinham ter com ele para lhe contar as suas enfermidades, e ele os visitava, fazia um diagnóstico inicial e preparava um relatório para enviar aos médicos, além de receitar alguns remédios, para os quais mantinha sempre os ingredientes necessários.

O primeiro ofício que teve na Ordem foi o de mestre dos noviços, cargo que exerceu durante algum tempo de forma contínua. Depois de ter descansado dessa função, foi novamente chamado a exercê-la, acumulando-a com o cargo de subprior do Convento. Mais tarde, foi Prior do Convento de Penafirme e, por fim, um dos Visitadores desta Província, em tempos muito difíceis.

Durante esses períodos de provação, assim como o Senhor lhe deu muitas ocasiões de sofrimento, também lhe concedeu ânimo e fortaleza para os suportar, sem nunca perder o seu habitual sossego e paciência — qualidades com que conseguiu vencer grandes dificuldades.

As virtudes e qualidades de Fr. Thomé eram amplamente conhecidas em todo o Reino de Portugal, de tal modo que El-Rei D. Sebastião tinha por ele grande estima. Quando se preparava para aquela infeliz jornada em África, no ano de 1578, o rei mandou chamar o servo de Deus, que se encontrava recolhido, como era seu costume, no convento de Penafirme.

Apesar de Fr. Thomé sempre ter fugido da corte e das suas pretensões, viu-se obrigado a obedecer à ordem de El-Rei. Como o monarca já conhecia bem a sua grande caridade e a especial graça que possuía para cuidar e consolar os doentes, confiou-lhe o encargo de assistir os enfermos do exército.

Fr. Thomé cumpriu essa missão com admirável diligência, começando a exercê-la na cidade de Arzila. Ali não apenas tratava e visitava os doentes, mas também percorria as casas e tendas dos cavalheiros — que dispunham de melhores mantimentos —, recolhendo deles tudo o que pudesse servir para ajudar e consolar os enfermos.

Chegou a tal ponto a sua caridade, que ele próprio carregava às costas a carne e outros mantimentos que lhe davam para os doentes, como se fosse um servo ou escravo de qualquer deles.

O mesmo que fazia em Arzila continuou a fazer em todo o exército, até ao dia da batalha, na qual mostrou claramente o zelo que tinha pela honra de Deus e pela salvação das almas. Nos primeiros confrontos, erguendo um crucifixo que trazia nas mãos, exortava todos, persuadindo-os a que

colocassem a intenção daquela batalha na honra e glória de Cristo Nosso Senhor e na propagação da sua santa fé católica.

À medida que começavam a cair os primeiros feridos, ele acorria a eles, confessando todos quantos podia. Estando ocupado neste santo ministério, num dos Terços de infantaria que já começava a desorganizar-se, foi atingido por um mouro montado a cavalo, que lhe lançou uma lança a um ombro, derrubando-o por terra, mal ferido. Logo depois, outro mouro lançou mão dele e levou-o cativo para a cidade de Mequinez.

A uma légua da cidade, num lugar afastado do convívio das pessoas, vivia um cacique mouro muito reputado como santo por todos os que habitavam naquelas redondezas. Num espaço semelhante a uma ermida, levava uma vida de grandes penitências. Este mouro era um dos que eles chamam morábitos, que correspondem aos nossos eremitas — grande zelador da lei de Maomé e feroz inimigo da fé de Cristo Nosso Senhor.

Ao saber que tinham trazido para a cidade um importante cristão, homem de grande nome, virtude e saber, considerou que nada seria um serviço maior a Maomé, e uma afronta mais significativa à fé cristã, do que converter esse homem letrado do rei cristão à lei de Maomé. Com esse intento, deixou o deserto onde vivia e veio à cidade. Graças à grande autoridade que ali detinha, conseguiu convencer os que tinham cativo Fr. Thomé de Jesus a vendê-lo, e, depois de o comprar, levou-o consigo para o seu retiro.

Ali, tratava-o com muita bondade, tentando, por meio desses favores, persuadi-lo a abandonar a fé em Cristo Nosso Senhor e a converter-se ao islamismo. Prometia-lhe que, se o fizesse, lhe conseguiria grandes honras e riquezas da parte do rei mouro e que, com a sua influência, o colocaria em alta estima entre o povo.

Mas o santo religioso, Fr. Thomé, aproveitava-se dessas conversas e favores que o morábito lhe fazia para, pelo contrário, tentar persuadi-lo a abandonar a lei de Maomé — cheia de falsidades e erros — e a converter-se à fé de Cristo Nosso Senhor, a única verdadeira, na qual unicamente há salvação. Pois, dizia-lhe, "não há outro nome debaixo do céu pelo qual possamos ser salvos, senão o de Cristo Nosso Senhor".

Desenganado o morábito, ao perceber que não conseguiria alcançar o que pretendia por meio de favores e persuasões, decidiu tomar o caminho contrário: tratá-lo com dureza, para que, por força de afrontas, prisões e sofrimentos, Fr. Thomé acabasse por abandonar a fé que professava. Mandou então que o acorrentassem com ferros e, despido, foi lançado numa prisão áspera, onde habitualmente lhe davam pouca comida e lhe infligiam muitos açoites.

Vendo-se assim o servo de Deus em tamanha aflição e encarcerado, sem poder mais ajudar os seus irmãos e companheiros com as suas palavras e pregações, como até então fazia, decidiu fazer com a pena o que já não podia fazer com a voz. Procurou conseguir papel e tinta e, nas poucas horas do dia em que uma fresta da prisão deixava entrar alguma luz, escreveu, no meio dessas prisões, o devoto e comovente livro *Os Trabalhos de Jesus*.

Com essa obra, queria que os pobres cativos, ao contemplarem os sofrimentos que o nosso bom Mestre e Senhor Jesus Cristo padeceu por amor de nós e pela nossa salvação, aprendessem a suportar com paciência os tormentos e tribulações do seu próprio cativeiro

Este livro (Os Trabalhos de Jesus) mostra claramente o espírito e a erudição do seu autor, pois, sem outro estudo senão aquele que alcançava na oração e no trato com Deus, carregado de correntes e prisões, oprimido por grandes sofrimentos, compôs a obra com tamanha doutrina e perfeição como se a tivesse escrito no maior descanso e tranquilidade da alma.

O mouro continuava a maltratar o servo de Deus e, vendo que nem com isso conseguia dobrá-lo à sua vontade, apertou-lhe ainda mais as correntes e reduziu-lhe o alimento a tal ponto que parecia estar a matá-lo aos poucos, consumido pelo ódio que lhe tinha. Contudo, não conseguiu fazer isso tão secretamente que os outros cativos não viessem a saber do sucedido. Assim, com a maior urgência possível, enviaram aviso a D. Francisco da Costa, que então se encontrava em Marrocos como embaixador de El-Rei D. Henrique, tratando do resgate dos cativos portugueses.

O embaixador deu conta do caso ao Xerife, e, por sua insistência, obteve uma ordem para que o governador de Mequinez retirasse Fr. Thomé do poder do morábito e o enviasse como escravo para Marrocos. Esta

decisão encontrou resistência, devido à grande reputação de santidade e autoridade em que todos tinham o morábito, mas, por fim, teve de se cumprir a ordem do rei.

O Padre Fr. Thomé saiu da prisão em tal estado de fraqueza que, se lá permanecesse mais alguns dias, teria certamente morrido. Estava tão debilitado e exausto que foi necessário acolhê-lo durante alguns dias na casa de mercadores locais, para que recuperasse forças antes de ser levado para Marrocos.

El-Rei ordenou que levassem Fr. Thomé a um bairro onde estavam os religiosos, cavaleiros e as pessoas mais respeitadas que então se encontravam cativas, junto às casas dos embaixadores D. Francisco da Costa e Pedro Vanegas. Cada um destes embaixadores lhe tinha preparado um aposento em sua casa para o hospedar e cuidar.

Embora o servo de Deus estivesse com grande necessidade desse abrigo e cuidado, não foi possível convencê-lo a aceitar tal oferta. Pelo contrário, pediu com insistência que o levassem à Sagena — que era a prisão dos cativos pobres — onde o Xerife mantinha cerca de dois mil cativos cristãos de várias nações. Dizia ele que ali esperava, com a ajuda de Deus, recuperar mais depressa do que entre os confortos das casas dos embaixadores.

E assim aconteceu: em pouco tempo recuperou a saúde e as forças, que começou logo a empregar no auxílio e consolação daqueles pobres cativos. Confessava-os, administrava-lhes os sacramentos, animava-os, instruía-os e fortalecia-os todos os dias, à hora em que voltavam das tarefas que os seus senhores lhes impunham.

À hora da oração, tocava uma campainha, e ao sinal todos acorriam à capela que havia na prisão. Fr. Thomé subia então ao púlpito e pregava, fazendo práticas espirituais adequadas ao estado em que todos se encontravam. A sua dedicação era tal que transformou completamente o ambiente: aquele lugar da Sagena, mais parecia um convento de religiosos do que uma prisão de cativos.

A mesma caridade demonstrava Fr. Thomé ajudando os seus companheiros nas suas necessidades temporais: cuidava de todos os

doentes, procurando médicos que os visitassem, reunia esmolas dos Embaixadores, dos Cavaleiros ricos que ali aguardavam o seu resgate, e também dos mercadores presentes. Tudo o que recebia gastava no alívio e conforto dos enfermos.

Aos domingos e dias santos, pregava na capela do Embaixador para os Cavaleiros e Nobres de Portugal, e todos os dias celebrava Missa na capela da Sagena. Tinha particular zelo em promover a paz e a reconciliação entre os cristãos que, por rivalidades pessoais, se haviam deixado de falar. Empenhava-se com muito fervor nesta tarefa e também em evitar pecados públicos e escandalosos, motivo pelo qual sofreu graves perseguições e afrontas de alguns cavaleiros que levavam vidas licenciosas.

Como cada estado de vida traz consigo as suas dificuldades e perigos, elaborou com grande cuidado um manual de confissão, para que os cativos pudessem confessar-se de acordo com o estado em que viviam. Esse manual foi de grande utilidade, pois esclarecia muitas dúvidas e ignorâncias que entre eles havia.

Portou-se sempre com tal firmeza e liberdade nas coisas do serviço de Deus, que, certo dia, estando a celebrar Missa em casa do Embaixador de Portugal, ao ver que entravam na capela três franceses hereges — favorecidos pelos mouros por lhes terem trazido um navio carregado de lanças para vender — recusou continuar a Missa enquanto não fossem expulsos da igreja. Nem o medo das ameaças dos mouros, nem o facto de estar ele próprio cativo entre eles, o fizeram ceder, antes permaneceu firme na observância e zelo da disciplina eclesiástica e dos sagrados cânones.

Ainda que estivesse cativo, não deixava de procurar a salvação dos mouros sempre que podia, tanto nas conversas e práticas particulares, como nas disputas que por vezes lhe propunham.

Essa caridade, que movia o servo de Deus Frei Thomé a buscar a salvação das almas dos mouros por todos os meios possíveis, levava-o a tratar com ainda mais cuidado os cristãos renegados que havia naquele tempo. Havia em Marrocos muitos cristãos renegados de diversas nações, e Frei Thomé os procurava e visitava continuamente, admoestando-os e

exortando-os com grandíssima eficácia e liberdade para que retornassem à fé que haviam abandonado.

As suas admoestações não foram em vão, pois alguns, tocados por elas, voltaram à obediência da Santa Igreja na qual haviam sido criados, regressando às terras cristãs com cartas suas, onde foram reconciliados. Outros, com ainda maior arrependimento das suas culpas, confessando o erro que haviam cometido e a verdade da fé que haviam deixado, tornaram-se mártires de Cristo.

Entre estes destacou-se a constância de um Pedro Navarro, natural de Madrid, alcaide em quem o Xerife depositava grande confiança, e que entre os mouros era conhecido como Alcaide Amet. Convencido pelo servo de Deus, ao regressar para a terra dos cristãos com muitos cativos sob sua responsabilidade, foi preso no caminho e executado na praça de Marrocos com requintes de crueldade. Foi crucificado e permaneceu durante três dias cravado a uma parede, confessando a fé em Cristo nosso Senhor, para grande admiração de mouros e cristãos que o viram.

Também se confessava, nesse tempo, com o servo de Deus, António Mendes, subdiácono português, natural do Algarve, que igualmente estava cativo em Marrocos. Da sua doutrina e convivência aprendeu tanto e tornou-se tão bom discípulo que, após a morte do servo de Deus Frei Thomé, exerceu o mesmo ministério com sete jovens que haviam sido feitos cativos ainda crianças na batalha de Alcácer. Estes jovens serviam como pajens do Xerife, e todos, junto com o seu mestre, sofreram glorioso martírio na cidade de Marrocos.

Também a caridade do servo de Deus Frei Thomé de Jesus se estendeu aos judeus, com quem frequentemente debatia, procurando convencê-los da sua cegueira e obstinação, mostrando-lhes, pelas Divinas Escrituras, o grande erro das suas esperanças. Embora poucos seguissem a sua doutrina, era tido entre eles como um homem sábio e de grande erudição.

Nesse tempo, passou-se de Portugal para Marrocos um certo Estevão Dias, cristão-novo, que passou a viver como judeu. Entre os judeus daquela judiaria, mostrava-se como um grande rabino e era conhecido entre eles como Joseph.

Querendo dar autoridade à sua doutrina, escreveu um tratado dirigido a Frei Thomé, no qual, procurando justificar-se diante dele pelas razões que o levaram a abandonar a fé de Cristo e seguir o judaísmo, expôs todas as dúvidas que tinha em relação à Lei de Cristo e ao Santo Evangelho, demonstrando que, segundo ele, tinha sido convencido por elas.

Esse judeu afirmava ter abandonado a fé cristã por causa dessas dúvidas. No entanto, o servo de Deus (Frei Thomé) não quis responder-lhe, pois percebeu que ele não buscava ser esclarecido nas suas dúvidas nem conhecer a verdade delas, mas apenas engrandecer-se entre os judeus de Derberia e de outras regiões, fazendo-se passar por grande letrado e tão douto que podia debater, disputar e escrever com um dos mais ilustres teólogos dos cristãos.

Vendo o judeu que o servo de Deus desprezava as suas provocações e não dava importância às suas arrogâncias e blasfémias, levou o tratado a Guilherme Xevier, francês de origem, que então se encontrava em Marrocos por causa de certos negócios. Este intercedeu junto a Frei Thomé, pedindo insistentemente que respondesse às blasfémias e disparates daquele judeu, que se vangloriava muito da erudição do tratado que havia escrito.

Pareceu a Frei Thomé que já era tempo de cuidar da verdade da Lei e da fé de Cristo, nosso Senhor, e que, dirigindo a resposta a Guilherme Xevei, o judeu não conseguiria a autoridade que pretendia quanto à competência do assunto. Por isso, escreveu um tratado muito douto em língua castelhana, para que fosse mais acessível a outras nações. Nesse tratado, explicando a razão por que não quis responder ao judeu quando este lhe apresentou suas dúvidas — ou blasfémias —, Frei Thomé vai respondendo a todas elas com grande erudição e clareza, refutando as suas falsidades e as blasfémias que pretendia sustentar com as Escrituras Divinas, mostrando como eram contrárias à Sagrada Escritura.

Com isso, os rabinos de Marrocos ficaram muito confusos e arrependidos de terem incitado o rabino José a publicar com tanta insistência o seu tratado. E, vindo depois uma cópia desse tratado de Frei Thomé a Portugal, pareceu muito douto e digno de estima a todos os que o leram.

Escreveu também outro tratado sobre os principais mistérios da nossa santa fé, que divulgou largamente entre os judeus da Berbéria, e que produziu grandes frutos entre eles.

Nestes exercícios espirituais se ocupava o servo de Deus, Frei Thomé de Jesus, durante quase quatro anos em que esteve cativo. Durante todo esse tempo, sua irmã, a Condessa de Linhares, assim como os demais irmãos e parentes, tentaram providenciar o seu resgate, enviando dinheiro para isso. O próprio rei D. Filipe II ordenou expressamente ao seu embaixador, Pedro Vanegas de Córdoba, que residia em Marrocos, que tratasse do resgate.

No entanto, o servo de Deus não consentiu que se tratasse desse assunto. Quando lhe disseram que Sua Majestade lhe fazia grande mercê ao mandar o seu embaixador para resgatá-lo, respondeu que tinha a firme resolução de morrer ao serviço dos cativos de Marrocos, estivesse livre ou cativo. E acrescentou que aquele resgate seria melhor aproveitado por outros que estivessem em maior necessidade do que ele.

Afirmava, portanto, que considerava mais feliz sorte viver e morrer cativo, pelo bem das almas dos seus compatriotas e companheiros, do que viver em liberdade à custa da perda de tais graças e méritos. E quando os seus parentes lhe escreveram fazendo muitas queixas sobre isso, respondeu a um religioso seu sobrinho, com quem se correspondia por cartas, que fizesse entender aos demais parentes que não se cansassem mais com isso, pois ele não sairia daquele cativeiro.

Embora da parte dele nada impedisse, e deixasse tudo à disposição divina, estava certo de que Deus, nosso Senhor, queria que ele terminasse ali a sua vida, naquele estado e lugar. E que só sentia, em relação a isso, que outros cativos morressem em Marrocos com tanto desamparo, enquanto ele recebia especial cuidado do embaixador de Portugal.

O mesmo também deu a entender algumas vezes a outras pessoas, parecendo que o próprio Senhor lhe havia revelado tal desígnio.

Além dos exercícios de caridade, o servo de Deus acrescentava os da penitência, jejuns e disciplinas, que jamais abandonou. Esses praticava com

ainda mais intensidade durante a Quaresma, o que lhe causava ainda maior sofrimento, pois nesses dias também se dedicava ao trabalho da pregação.

Assim, pregando naquela Quaresma do ano de mil quinhentos e oitenta e dois, na maior parte dos dias para os cativos da Sagena e outros na casa do Embaixador, no final da Quaresma adoeceu gravemente. Sabendo que aquela seria a sua última enfermidade, preparou-se para morrer com admirável devoção.

Durante a Semana Santa, recebeu os sacramentos da Igreja, e na Quinta-feira Santa, apesar de já estar muito fraco, pediu para ser levado à casa do Embaixador, onde eram realizados os ofícios daquela sagrada semana. Lá, recebeu novamente o Santíssimo Sacramento do altar, depois do que o trouxeram de volta ao seu aposento.

No dia seguinte, que foi a Sexta-feira Santa, o Embaixador D. Francisco da Costa veio visitá-lo e despedir-se dele. Na presença de todos os que o acompanhavam, Frei Thomé encomendou ao Embaixador o cuidado dos cativos, seu resgate e o socorro às necessidades dos pobres.

Vendo o Embaixador que Frei Thomé estava muito fraco e que, ao seu ver, faleceria em poucas horas, quis ficar com ele até que expirasse. Frei Thomé não consentiu e o Embaixador disse que não o privasse da consolação de estar presente na sua morte. Vendo a insistência do Embaixador, Frei Thomé respondeu que ele deveria recolher-se, pois ainda era cedo, já que ele não deixaria esta vida antes do domingo de Páscoa, porque Deus queria que ele permanecesse na terra até então. O Embaixador, então, retirou-se.

Passado o domingo de Páscoa, sabendo que certos cativos que Frei Thomé ajudava, desconfiados ao vê-lo morrer, já tinham dado palavra aos mouros de que abandonariam a fé, pois pensavam que poderiam conseguir resgate, Frei Thomé mandou chamá-los. Repreendeu-os por seu erro e os exortou fortemente a permanecer na fé de Jesus Cristo, nosso Senhor, que eles haviam professado.

Mesmo expirando, com a fala já quase embaraçada, e com o espírito tomado pelo desejo e cuidado da salvação daquelas almas, e abraçado pelo

amor e honra de Deus — cuja fé eles queriam abandonar —, prometeu-lhes que até um tempo certo, que lhes indicou, chegaria o seu resgate e teriam a liberdade. Tomou-lhes a palavra de que esperariam pelo que ele lhes prometia.

Com essa exortação e a confiança na promessa, as suas forças acabaram. Nomeando muitas vezes o doce nome de Jesus, perdeu completamente a fala e, com ela, a vida, entregando a alma nas mãos do seu Criador. O resgate daqueles cativos chegou no tempo marcado, e eles foram libertos, como Frei Thomé lhes havia assegurado.

Ao seu funeral compareceram os cristãos que estavam em Marrocos, e Frei Thomé foi sepultado com o hábito da sua Ordem, que jamais deixou durante todo o seu cativeiro. Foi enterrado em Almaeta, um local reservado que os Xerifes concediam em Marrocos para a sepultura dos cristãos cativos.

O funeral foi celebrado com muitas lágrimas e comoção por todos, que se sentiram profundamente afetados pela perda daquele que, em grande parte, era o alívio dos seus trabalhos, dos seus cativeiros e o socorro das suas necessidades.

Morreu o servo de Deus no dia 17 de abril de 1582, na primeira oitava da Páscoa, como havia dito ao Embaixador de Portugal, com cinquenta e três anos de idade e quatro anos de cativeiro.

Esse tipo de morte ele já havia anunciado muitos anos antes a certos religiosos da sua Ordem que se preparavam para embarcar para a Índia Oriental. Acompanhando-os até a barra de Lisboa e despedindo-se de todos, chamou em particular alguns a quem tinha mais afeição — por tê-los formado no noviciado, sendo mestre dos noviços — e, lançando-lhes a bênção com amor e caridade paterna, disse-lhes:

“Ide, meus filhos, com a bênção de Deus, à pregação do santo Evangelho, para onde a santa obediência vos envia. Espero, pela bondade do Senhor, que Ele vos conceda a sua graça para que realizeis muitos serviços naquela região. E para vos fortalecer ainda mais, e para que não penseis que só vós tereis que trabalhar, saibam que eu também vos

acompanharei em trabalhos semelhantes, embora em lugares diferentes. Daqui a alguns anos terei a minha sorte, sairei por esta barra e irei também à terra dos infiéis, como vós, de onde não voltarei mais, e entre eles terminarei a minha vida. Assim, trabalhando cada um por sua parte, todos nos reuniremos no Céu.”

Isso foi confirmado depois da sua morte por alguns dos religiosos a quem o havia dito, e teve testemunho especial do Reverendíssimo D. Frei Jorge Queimado, bispo de Fez, coadjutor do Arcebispo de Braga, que foi um dos religiosos que partiram para a Índia e a quem Frei Thomé falou sobre isso.

Isso aconteceu no ano de 1575, quatorze anos antes da sua morte[*], a qual foi também revelada a uma grande serva de Deus, freira professa da nossa Religião, que vivia em Coimbra, chamada Beatriz Vaz de Oliveira. Seis meses antes da morte deste servo de Deus, ela contou isso ao seu confessor, acrescentando grandes louvores à sua virtude e paciência, com a santa inveja que tinha da sua ditosa sorte, para honra e glória de nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina para sempre. Amém.

[*] "Esses anos não coincidem com as datas indicadas.

Esta é a única nota de pé de página publicada. Para simplificar, dada a extensão do livro, foram omitidas as restantes notas,

DEDICATÓRIA

À RAINHA DO CÉU E DA TERRA

A SEMPRE VIRGEM MARIA SENHORA NOSSA

A vós, e ao vosso grande nome, ó Soberana Rainha, se consagra esta grande obra, que contém os Trabalhos do vosso Filho, com a firme confiança de que a recebereis com toda a aceitação, tanto pelo que ela tem de trabalhos quanto pelo que tem de vosso.

Num outro e melhor livro, que é o vosso coração, estão gravados todos aqueles que agora neste se vos oferecem escritos. Lá tiveram a grandeza de serem impressos pelo vosso amor, aqui têm a honra de serem consagrados ao vosso nome, fazendo com que esta honra seja igual àquela grandeza.

E embora no vosso coração tenha sido impressa a primeira estampa destes Trabalhos, por esse motivo, neste livro se vê um tão fiel retrato do vosso coração; a quem, senão a vós, haveria de ser consagrado este livro?

Além disso, é justo, ó Soberana Virgem, que aquele Senhor que neste mundo sofreu tão grandes penas nestes trabalhos, tenha agora no Céu, onde reina convosco, o grande prazer e a glória extraordinária de vê-los impressos sob tão grande proteção e oferecidos a tão divina Princesa.

Por estas razões, dedicamos esta obra a Vós, principalmente porque ela contém aquela matéria que, pela sua excelência, pedia ser consagrada a uma Senhora tão grande.

Aqui tendes, Virgem Santíssima, esses trabalhos que são vossos por tantos títulos; seria até grande ingratidão nossa não os dedicar à vossa grandeza, sendo Vós, Senhora, a verdadeira Mãe do Senhor que os padeceu, e a fiel companheira dos trabalhos sofridos.

Não vos peço, Senhora, que apenas ponhais os olhos neste livro, porque está claro que para onde vão os olhos, ali está o coração.

Peço-vos que nos alcanceis do vosso Filho, pelos vossos méritos, um grande espírito para meditarmos, e uma grande dor para sentirmos, para que, por meio desse sentimento e meditação, vivamos (como Ele quer e Vós quereis) muito agradecidos por tantos benefícios que nos concedeu por ter padecido tantos trabalhos.

CARTA
DE
FREI THOMÉ DE JESUS

DA ORDEM DOS EREMITAS DE SANTO AGOSTINHO, DA PROVÍNCIA DE PORTUGAL, CATIVO EM MARROCOS; DIRIGIDA À NAÇÃO PORTUGUESA NO TEMPO DAQUELAS GRANDES TRIBULAÇÕES DA JORNADA DE ÁFRICA

Se os julgamentos humanos não fossem tão limitados e variados como são para compreender os eternos e sábios desígnios de Deus, por meio dos quais Ele governa as coisas humanas e o mundo, não tenho dúvida de que os homens tirariam muito mais proveito de tudo o que Deus faz, e que Deus seria muito mais glorificado por eles em tudo.

Mas, como o poder divino governa tudo com infinita sabedoria, que entende perfeitamente a necessidade e a harmonia de todas as coisas, e com eterna bondade, que de tudo o que faz e permite retira bens; e como o julgamento humano é, por um lado, fraco e, por outro, condicionado, limitado e cego, ele aprova ou desaprova as coisas que vê apenas segundo a sua própria medida.

Por isso, na maior parte das vezes, o julgamento humano entra em conflito com os altos desígnios da divina Providência, considerando-se perdido pelos próprios meios pelos quais Deus quer salvá-lo, e por salvo justamente onde mais se perde.

Dessa situação nasce o facto de, na maior parte das vezes, termos dificuldade em nos contentar: pouco ou nada nos submetemos ao que Deus determina a nosso respeito e sobre as nossas coisas; somos muito ingratos pelas graças que Ele nos concede; e somos ignorantes ao avaliá-las corretamente.

Vemos que Deus concede aos homens bens temporais — prosperidade, bons acontecimentos, bom tempo, fertilidade das colheitas, abundância dos recursos que se buscam no mundo — para que haja uma grande e próspera sociedade, e para que um homem seja rico e contente. Então, Deus é

proclamado em voz alta como bom, como Aquele que dá grandes graças e grande misericórdia.

Mas, na verdade, esses bens temporais são de tal natureza que, muitas vezes, se encontram tanto em homens bons como maus, e até mesmo em animais irracionais; e, se há alguma vantagem neles, é frequentemente concedida àqueles que não conhecem a Deus. Já os Seus — aqueles que são verdadeiramente de Deus —, que sabem desprezar esses bens, são tidos por Ele como os mais heroicos da Sua casa.

E se Deus nos priva dessas coisas e, em vez disso, nos dá bens espirituais, oferece a Sua graça e bênçãos celestiais; ou se nos envia sofrimentos para que nos desapeguemos da terra e o nosso amor se eleve ao desejo das riquezas para as quais fomos criados; ou ainda nos castiga para que não nos percamos completamente — somos tais que consideramos a grandeza de tão verdadeiros bens como coisa de pouco valor, e vemos a severidade dos castigos paternais como se fossem injustiças.

Com quanta razão se julgaria um homem como tolo, sem entendimento, se, tendo necessidade de dinheiro para salvar a própria vida, o rejeitasse e, em vez disso, se agarrasse apenas à bolsa — agradecendo mais pela bolsa do que pelo próprio dinheiro?

Tais somos nós: sendo o uso dos bens temporais apenas um auxílio para suportar as dificuldades da vida e sustentá-la com vista a alcançar os tesouros espirituais e celestiais, avaliamos tão mal que damos grande valor a coisas sem valor e passageiras, e nelas sentimos se Deus nos trata com cuidado ou com desinteresse — sem maior tristeza pela perda dos bens espirituais e celestiais, nem apreço quando nos são oferecidos.

E se Deus fosse um juiz rigoroso, julgando-nos conforme os nossos juízos desproporcionados sobre as Suas obras e graças, conformar-Se-ia à nossa visão limitada e só nos daria aquilo que, segundo essa medida, valorizamos e procuramos — o que seria o maior castigo que nos poderia infligir.

Mas, como Pai e verdadeiro conhecedor do que mais nos convém, ignora as nossas ingratidões e desejos mesquinhos, como quem tolera os

apetites desordenados dos doentes ou dos loucos, que só desejam o que mais os prejudica; e dá-nos aquilo que realmente importa, para que não percamos os bens verdadeiros para os quais fomos criados, e para que Ele seja mais glorificado nas Suas criaturas.

A reforma das extravagâncias e desvarios do coração humano consiste em compreender que só há uma coisa verdadeiramente essencial — no Céu, na Terra, no tempo e na eternidade: que se cumpra a vontade divina em tudo, para Sua honra e glória, e que essa vontade seja também desejada por nós, tal como é compreendida, com humilde submissão.

Aqui está a fonte de todos os bens que justamente podemos esperar de Deus, o remédio e a cura de todos os males que tornam a vida humana pesada e perigosa, e a paz do coração e do espírito em todas as aflições e perturbações da vida.

Assim como o Senhor nosso Deus não teve outra causa, obrigação ou necessidade para criar e governar o mundo, nem para realizar nele as obras da Sua infinita grandeza, senão a própria natureza da Sua bondade — que é comunicar-Se —, também não podemos acreditar que tenha outro fim mais importante do que glorificar-Se em tudo.

Glorificar-Se significa manifestar a grandeza e majestade das Suas perfeições, que são a fonte de todos os nossos bens, para, por elas, ser conhecido e amado pelas Suas criaturas.

A este fim Deus ordena todas as Suas obras — tanto as da misericórdia, que nos favorecem, como as da justiça, que nos corrigem, e até as da providência, que nos são incompreensíveis.

É isso que significam aquelas palavras divinas do livro dos Provérbios: «Todas as coisas fez Deus para Si mesmo, até o malvado para o dia mau.» Porque Deus não Se mostra menos glorioso na justiça com que permite que o ímpio prossiga e termine os seus dias no mal, do que na misericórdia com que nos enche de riquíssimos bens.

Daqui se compreendem duas coisas. A primeira, que o mais nobre modo de existir da criatura é a obediência — pela qual ela se submete ao poder de

Deus, permitindo-Lhe fazer dela e nela tudo quanto quiser. A maior honra da criatura está em ser instrumento de Deus, por meio do qual Ele manifesta a Sua grandeza. Porque, nisso, a criatura torna-se como um espelho onde se refletem as perfeições divinas — perfeições que só podem ser conhecidas nela quando esta recebe os bens que a fazem ser e valer alguma coisa.

A segunda é que, quando a criatura racional e livre quer, por vontade própria, ser aquilo que já é por natureza — alegrando-se por ser instrumento das obras e dos desígnios divinos, sem resistência —, então liberta-se de todas as suas imperfeições e misérias, e aproxima-se mais da perfeição do seu divino Criador.

É nesse ponto que cessam todas as perturbações da vida, e no meio das trevas do mundo nasce-lhe uma luz clara — com a qual aprende a reconhecer e adorar, em tudo, a mão do seu soberano Governador. Com essa luz, confia na providência dos Seus conselhos secretos e divinos, e glorifica-O até nos acontecimentos mais adversos da vida.

Porque já não julga as coisas pelo que parecem, mas sim pela sabedoria e bondade da Providência com que são conduzidas — para que, através delas, o seu Autor seja glorificado e reconhecido como o único verdadeiramente digno de toda a glória.

Com esta fé e luz espiritual, a Igreja Católica nunca ficou desamparada do seu Divino Esposo — nem mesmo no tempo da lei natural, quando, por justiça divina, toda a humanidade foi exterminada, restando apenas Noé e os seus filhos, por meio dos quais o género humano foi restaurado.

Mas reconheço a beleza da Igreja — não menos na justiça com que Deus concedeu o perdão, do que na bondade com que a havia criado do nada. E assim, tanto num caso como no outro, a Igreja compreendeu que era amada por Ele.

Durante o tempo da Lei Escrita (o Antigo Testamento), esta santa Igreja sempre se reconheceu como povo escolhido de Deus — tanto nos cativeiros, castigos e sofrimentos que padeceu, como nas maravilhas que Deus nela operava. Porque, em tudo, reconhecia que tinha por Senhor um Deus santo, poderoso, justo, forte, paciente e misericordioso.

Depois de Cristo, nosso Senhor, ter subido ao Céu — que olhos humanos, sem a luz divina, seriam capazes de julgar corretamente todas as perseguições que a Igreja Católica sofreu? Quantos Papas e justos foram mortos pela espada e pela tirania dos inimigos do nome de Cristo? Quão grandes foram as mudanças e tormentas que padeceu: guerras, fomes, pestes, invasões de infiéis em terras católicas, roubos, saques, incêndios, mortes, abandonos e aflições — tantas e tão intensas que parece cansar tanto lê-las e meditá-las como sofrê-las. Mas a santa Igreja, instruída pelo espírito do seu Divino Mestre, iluminada pela luz do seu soberano Sol e submetida ao sapientíssimo governo do seu eterno Esposo, considera-se mais enriquecida em todas as perdas, mais segura em todos os trabalhos e perigos, e mais honrada em todos os abatimentos. Pois, em todas essas tribulações, vê-se por Ele fortalecida e sustentada, e vê-O mais glorificado.

E, em cada mudança que Deus nela opera, reconhece os incompreensíveis bens que Ele retira dos males — ao ponto de não valorizar menos as suas mortes do que as suas ressurreições.

Fundados nestas verdades puras e eternas, meus caríssimos e cristianíssimos Portugueses, não deis ouvidos à ignorância dos que vos julgam como uma nação já desamparada e esquecida por Deus, por causa dos muitos sofrimentos que Ele vos tem permitido nos tempos presentes. Antes, reconhecei a natureza paternal do amor do nosso Deus — que, como diz a Sagrada Escritura, castiga mais aqueles filhos que mais ama, e aos que Lhe são mais queridos, menos defeitos tolera. Por isso, considerai como sinal de lembrança e favor divino os vossos sofrimentos presentes, e confiai que eles são para bens muito maiores.

As vossas dores são medidas das vossas consolações — não uma por uma, mas multiplicadas, pois a cada dor correspondem muitas consolações. Lembrai-vos das grandes graças que a vossa nação recebeu de Deus, e da honra com que, por elas, fostes distinguidos entre todas as nações da Terra. E confiai que nenhuma mudança poderá obscurecer o vosso nome, se da vossa parte não faltar uma fé firme e uma confiança segura na bondade e no poder daquele Senhor que até agora sempre vos sustentou e favoreceu.

Agradecei, cristianíssimos Portugueses, ao Senhor por terdes sido escolhidos entre todas as nações do mundo como um instrumento

privilegiado para, por meio de vós, aumentar a glória do Seu santo nome. E, pelas inúmeras e generosas graças que para isso vos concedeu, não permitais que os castigos presentes derrubem os vossos ânimos. Recebei-os com humildade e com o firme propósito de vos empenhardes ainda mais — com a vossa vida, o vosso sangue, os vossos bens e forças — no progresso da Sua honra por todo o mundo. Acendei ainda mais o amor de Deus nos vossos corações e fazei resplandecer em vós o Seu serviço para bem de toda a Cristandade.

Contudo, grandes sofrimentos coletivos deixam grandes aflições pessoais, que não se curam nem consolam plenamente apenas com considerações gerais. Porque das pestes, fomes, guerras, saques e roubos, ficam muitos cativos, muitos empobrecidos e despojados, muitos órfãos sem pais, muitas mães sem filhos, muitas viúvas sem maridos, muitas mulheres desonradas, muitas necessidades sem remédio, muitas lágrimas, muitas tentações — e muito poucas consolações.

E isso atinge grandes e pequenos, nobres e humildes, clérigos e leigos. Por isso, são necessários outros consoladores, mais eficazes, mais íntimos e pessoais.

Esses, meus queridos Portugueses em Cristo, são os sofrimentos de Jesus, nosso Senhor — meditados e acolhidos no coração. Porque o coração atribulado pelos males que o cercam, ao fixar os olhos da alma nos sofrimentos de Jesus, ganha novas forças para os suportar, e vive numa esperança mais firme e consoladora do seu verdadeiro remédio.

E mais ainda: ao perseverar nesta companhia e diálogo interior com Cristo sofredor, a alma recebe de Deus tamanhas graças que passa a considerar suaves as suas próprias aflições, vendo como a melhor parte da vida aquela que foi partilhada com um Senhor tão atribulado.

Foi por isso que nosso Senhor levou consigo para o Céu os sinais visíveis dos Seus sofrimentos — nas cinco Chagas. Para que, ao vermos que Ele quis viver uma vida cheia de dores e terminar com padecimentos incomparáveis — não por Si, mas por nós —, e que levou ao Céu esses sinais, entendêssemos que nos deixou na terra as tribulações e as cruzes como tesouros seguros da alma, fontes de graça e promessas do Céu.

E que, no Céu, nos deixou cinco riquíssimos penhores — as Suas Chagas — para que, por elas e nelas, esperemos com confiança as verdadeiras consolações.

E essas consolações não serão negadas aos Portugueses, se trouxerem as Suas Chagas nos corações, como se gloriam delas nos seus escudos e nas suas bandeiras.

Nos tempos das vossas grandes tribulações, Deus, por misericórdia — sem que eu o merecesse — concedeu-me a graça de me encontrar aqui na Berbéria, participante dos sofrimentos daqueles que, pela glória do Seu santo nome, se encontram cativos.

E podeis crer que aqui não se passam menos aflições, fomes, abandonos, dores, necessidades, tormentos e mortes penosas do que aí convosco. Ainda que os vossos sofrimentos recebam maior atenção, os que se vivem aqui, por serem considerados habituais, são menos notados e valorizados por aqueles que estão em liberdade.

Contudo, vós aí tendes acesso aos sacramentos — fontes de graça —, aos templos sagrados e a outras ajudas, como os ministros da Igreja, que são grande alívio para os corações aflitos e firmes amarras para resistir às grandes ondas e mares de tribulações.

Mas os pobres cativos, privados de tudo isso, sustentam-se apenas com os olhos voltados para o Céu, nas mãos da caridade e nas esmolas dos que, estando longe, não veem os sofrimentos que aqui se padecem — e vivem mais apoiados na graça divina do que em forças humanas.

E como a fraqueza humana é grande, há entre nós — pelos nossos pecados — perigos de graves quedas espirituais, nas quais muitos tropeçam; e também maiores tentações de perder a paciência. Mas, por outro lado, há também maiores ocasiões de merecer a glória.

Tendo Deus querido incluir-me no número dos Seus filhos atribulados, e estando eu sozinho numa prisão escura — por vezes acorrentado, outras vezes não — sofrendo todas as condições próprias de um cativo, e conhecendo bem que a minha fraqueza era maior do que a de todos os

outros, assim como, sem qualquer mérito meu, Ele me concedeu a graça destes sofrimentos, assim também, apenas pela Sua bondade, me inspirou a empregar o tempo (em que nada tinha que fazer) na compilação dos Trabalhos de Jesus, que me poderiam servir de verdadeiro alívio para as minhas aflições.

Comecei esta obra com grande esforço e segredo, conseguindo papel e tinta, e escrevendo quase sempre apenas com a luz que entrava pelas frestas da porta ou por pequenas aberturas e buracos nas paredes. Roubava tempo para isso, para que não me vissem, e não tinha outros meios ou instrumentos além da luz divina, que por graça iluminava o meu espírito e os meus olhos cansados, sem eu ter qualquer merecimento para isso.

No início, pensei fazer uma compilação muito breve dos sofrimentos do Senhor. E confesso a Sua bondade, pois eu não sabia por onde começar, nem como continuar, nem como terminar. Mas, à medida que ia escrevendo — não levado pelos meus conhecimentos, mas guiado pela Sua mão, tão habituada a conduzir as ovelhas perdidas — encontrei-me, no fim, com dois volumes: contendo a história dos Seus sofrimentos, meditações, exercícios e doutrinas, que Ele me ensinou sem eu O ouvir.

Por meio destas páginas, reconheço a Sua misericórdia, pois nunca — nem antes, nem depois, nem naquele momento — soube sentir o que Ele me fazia escrever.

Esta obra foi feita sem qualquer ajuda de livros e sem experiência em escrever sobre este tipo de matéria; por isso, mesmo que eu não quisesse, todas as minhas falhas e imperfeições ficam ali bem visíveis. Tudo o que houver de útil nestes escritos é unicamente dom de Deus. Ninguém pode atribuí-lo a engenho, nem a talento, nem a experiência em coisas tão divinas, mas apenas ao efeito daquela fonte suprema, que tanto corre por canais riquíssimos e santos, como também decidiu passar por este vaso desprezado, que não deixa de ser de velho barro, mostrando, por meio dele, a água divina da sua beleza.

E quem quiser pensar de outra forma, ainda que enganado, não discutirei. Porque, de qualquer maneira, fico sujeito ao julgamento divino, que não se orienta como o parecer humano costuma fazer.

Quando me vi diante de tão grande trabalho, pareceu-me que talvez o Senhor quisesse que também outros atribulados tirassem proveito dele. Por isso, decidi publicá-lo, se assim o entendessem aqueles que têm a responsabilidade de julgar e discernir sobre estas matérias.

E não alterei nada do que escrevi, mesmo quando, mais tarde, já em liberdade, tive acesso a cópias e leituras de livros que me poderiam ter ajudado. Porque não quero modificar nada daquilo que a luz divina realizou, pois essa luz não perde nada do que é, mesmo que passe por lugares baixos e feios. Nem me incomoda que, com isso, fiquem mais expostos os meus próprios defeitos — se for para maior glória de Deus.

Estando indeciso sobre a quem dedicaria esta obra, para que, com o seu favor, pudesse vir à luz, lembrei-me das muitas razões de gratidão que tenho, e sobretudo dos muitos sofrimentos com que Deus quis humilhar-vos. Lembrei-me também de que o meu Padre Santo Agostinho, vendo a Itália ardendo em tribulações semelhantes, compôs e ofereceu aos italianos os livros da Cidade de Deus, para que, consolados com aquela doutrina, pudessem elevar os olhos, mesmo no meio das suas dores, àquela Jerusalém celeste, de onde descem todas as verdadeiras consolações.

Seguindo o exemplo deste Santo Padre, não quis oferecer estas graças que o Senhor me concedeu nos meus sofrimentos a ninguém senão a vós, minha cristianíssima e atribuladíssima Nação Portuguesa.

Por isso, meus Portugueses atribulados, aceitai esta oferta deste vosso também atribulado cativo. E cada um de vós, recolhido no seu retiro, leia e medite em silêncio nos sofrimentos do atribulado Jesus. E esse suavíssimo Cordeiro, amicíssimo companheiro, que, com o seu Eterno Pai e o divino Espírito Santo, vê tudo o que se passa no íntimo dos corações, cumprirá o que prometeu pela sua boca: virá a cada um dos nossos corações e neles fará a sua morada eterna.

E, com essa companhia, sereis mais ternamente amados por Ele e mais felizes nas vossas aflições do que todos os que vivem prósperos nos seus divertimentos terrenos.

Deste cativeiro de Marrocos, e do indigno companheiro dos cativos atribulados pelo nome do atribulado Jesus, o vosso Português frade indigno dos Eremitas de Santo Agostinho.

A oito de Novembro de 1581
Fr. Thomé de Jesus

PRÓLOGO AO LEITOR

Esta minha obra dos Trabalhos de Jesus, assim como confesso a Deus, e manifesto aos leitores as minhas imperfeições e misérias, assim lembra e descobre às almas desejosas de continuar as obrigações que têm para fugir dos pecados, que ele com tantos trabalhos procurou eliminar e satisfazer.

A primeira parte trata dos sofrimentos que Cristo, nosso Senhor, passou desde o momento da sua concepção até ao dia da sua santíssima Paixão. E como não é possível meditar em detalhe sobre cada um desses sofrimentos, resumi-os em vinte e cinco, como géneros ou categorias em que Ele padeceu.

Alguns exercícios incluídos não pertencem diretamente à matéria dos sofrimentos (como os da Encarnação, do Nascimento, da Adoração dos Reis e da Apresentação no Templo), para que aqueles que se queiram exercitar espiritualmente nesses dias tão significativos tenham em que ocupar-se, meditando nas graças que por eles se recebem de Deus.

Esta primeira parte trata também de várias doutrinas, e convida a pedir diversas virtudes, conforme os muitos exemplos que o nosso Senhor nos deu nos seus sofrimentos.

A segunda parte resume os sofrimentos da Paixão do Senhor em mais vinte e cinco [trabalhos], para evitar excessiva extensão. Pois cada dor em cada membro, cada articulação, cada golpe de açoite, cada espinho e cada cravo, cada hora daquele dia, e cada injúria ou blasfémia ouvida, pode, com razão, ser contada como um sofrimento particular — sofrimento esse que ultrapassa completamente a nossa capacidade de amar, de modo a poder senti-lo e agradecê-lo com justiça e dignidade.

Alguns sofrimentos que aparecem na primeira parte pertencem à mesma matéria de outros que são tratados nesta segunda. Mas, como na Paixão atingiram o cume da dor e da aflição possíveis, esse grau supremo de sofrimento merecia ser considerado como um novo e distinto trabalho, e com razão ser contada como um trabalho particular, que excede todas as forças do nosso amor para poder justa e dignamente sentir e agradecer.

Repete-se muitas vezes, sempre que o assunto o permite, a grande graça que Deus concedeu ao género humano: a de transformar as penas e os sofrimentos desta vida — que são justos castigos pelos pecados — em ocasiões e matéria de merecimento para a glória eterna, quando são unidos com amor aos Sofrimentos de Cristo, os quais dão virtude aos nossos.

Os sofrimentos do Senhor são as verdadeiras consolações e alívios para os nossos próprios sofrimentos. E o amor verdadeiro prova-se muito mais, e é mais purificado, nos tempos de sofrimento do que nos momentos de favor e prosperidade — mesmo quando estes são de ordem espiritual.

Quem quiser ler esta obra apenas para ocupar bem o tempo, deve limitar-se aos capítulos que tratam da história e da doutrina dos Sofrimentos do Senhor, deixando de parte os exercícios. Estes devem ser lidos com recolhimento e em momentos de tranquilidade, para que possam produzir os efeitos que elevam e unem a alma a Deus — que é o verdadeiro fim e conteúdo desses exercícios.

De outro modo, o leitor tirará muito pouco proveito deles, e a leitura passará apenas como uma simples narrativa histórica, como já dissemos nos avisos prévios desta obra.

As doutrinas e lições que coloquei no início desta primeira parte não dispensam os principiantes e os imperfeitos do caminho espiritual. Pelo contrário, aconselho-os a recorrerem a mestres experientes, e a receberem deles, como se fossem oráculos divinos, os ensinamentos de que precisam, com humildade.

Quanto a mim, peço a todos paciência diante das minhas imperfeições, e que corrijam, por amor de Jesus, as minhas ignorâncias.

TRABALHOS DE JESUS

PARTE PRIMEIRA

DOUTRINA DOS FRUTOS

DA CONSIDERAÇÃO DOS TRABALHOS

DE JESUS

Perde-se muita gente que trata das coisas do espírito de forma indiscreta, por quererem segui-las sem a ordem de que elas precisam. Porque, ao lerem sobre as grandes penitências dos santos, os seus intensos fervores, os êxtases dos contemplativos, e as obras sublimes que o amor de Deus realiza nas almas mortificadas e já perfeitamente unidas a Ele — essas pessoas vão atrás do que vêem de admirável nos santos, mas não se ocupam do fundamento sobre o qual Deus ergueu tais edifícios espirituais, nem do caminho por onde levou os seus servos a tão altos dons e benefícios.

Isso é mais perigoso em nossos tempos do que nos passados; porque, como hoje temos mais escritos sobre estas coisas, a linguagem espiritual é mais geralmente conhecida — mas menos praticada: muito se fala dela, mas pouco se põe por obra ou se conhece por experiência.

Uma razão muito principal pela qual muitas pessoas julgam ter mais do que realmente têm, e se consideram espiritualmente avançadas antes do tempo, é esta: como Deus, em todas as suas obras, se manifesta consigo mesmo e é tão belo nos começos, muitos se enganam com isso e se julgam perfeitos e consumados só por causa da doçura e fervor da sua primeira conversão a Deus.

É como a obra de um excelente e perfeito pintor, cujos primeiros traços do desenho já revelam a beleza da obra que há de ser; e desde a camada base de cor até aos claros e escuros bem acabados, tudo parece vindo da mão de um verdadeiro mestre. Mas, na verdade, a obra só pode ser chamada perfeita quando estiver totalmente acabada: tudo, até o fim, vem da sua mão, sim — mas são apenas preparações e caminho para a perfeição.

Assim também os primeiros traços dos bons desejos, e aquela “cor morta” dos gostos suaves que sentimos no começo da vida espiritual, por alguma semelhança que têm com as operações do perfeito amor de Deus, parecem tanto vir da mesma mão divina — que é Deus — que muitos se enganam e acreditam já ter alcançado o estado dos seus perfeitos servos.

E com isso, pensando que o que sentem é o mesmo que leem e ouvem dos santos, constroem telhados sem paredes, e casa sem alicerce — e com qualquer tentação, caem e são enganados.

Estes espíritos enganados têm três sinais muito comuns, pelos quais se pode reconhecer o seu erro:

O primeiro é que vivem num tipo de segurança, à qual chamam falsamente "paz", e por isso se têm por tão certos no caminho, que não se submetem a conselhos. Porém, é doutrina dos mais experientes e perfeitos contemplativos que, mesmo aqueles que parecem ter chegado à mais alta contemplação, se devem sujeitar a conselhos. E que, se não o fazem, mais se devem chamar proprietários (isto é, apegados à sua própria vontade) do que verdadeiros contemplativos — pois, nesse ponto, estão desviados. Costumam, ainda, indignar-se facilmente (com aparência de zelo) pelos defeitos dos outros, e julgar mal o próximo com facilidade — quando, na verdade, a virtude verdadeira não se indigna, mas se compadece, e se tem a si mesma em menor conta que os outros.

O segundo, que nasce do primeiro, é a vontade própria, mal conhecida por eles mesmos, que — com aparência de virtude — não suporta contradição. Daí nasce que, na maior parte das vezes, são impacientes e se exaltam com palavras. E o pior é que muitas vezes justificam tudo isso com aparência de zelo pela virtude. Quando, na verdade, a virtude verdadeira se lança pelas raízes da negação da vontade própria, mansidão, paciência, e silêncio.

O terceiro é que, levados pelo gosto e pela suavidade que sentem nos exercícios espirituais, mostram pouco apreço ou disposição para o exercício das virtudes (que julgam um impedimento). Quando, na verdade, as virtudes são o verdadeiro fruto dos exercícios espirituais, e os nervos e a força com que o espírito se sustenta.

O perigo em que essas almas vivem, as grandes quedas que sofrem, e o quão difícil é remediá-las, seria matéria longa — e requereria outro tratado mais extenso.

O remédio geral e principal para não cair nesses perigos — e para sair dos que já se caíram — é entender, com toda a seriedade, qual é a substância da vida espiritual, para que ela sirva de norte e regra de todos os exercícios. Essa substância é a mortificação e o amor.

A mortificação que não acende o amor de Deus é suspeita; e o amor que não mortifica não merece tão divino nome. Estes dois — mortificação e amor — são o claro e escuro que dá cor e perfeição à vida espiritual. São o agridoce do manjar saboroso de Deus, que fortalece e sustenta as almas.

Quem quiser realmente aproveitar espiritualmente, deve exercitar-se sempre nessas duas coisas — buscá-las em tudo, examinar-se por elas, e fazer delas o seu principal alicerce e fundamento.

E porque nas obras da alma livre, Deus e a alma concorrem juntos — e há muitos perigos de engano no caminho espiritual —, quem quiser caminhar com segurança deve tomar mais a seu encargo a mortificação de si mesmo, e deixar os dons do amor a Deus, que é o sábio divino, o verdadeiro e perfeito mestre desses dons, e fiel em nos dar quando e como for necessário.

Esse Senhor (Deus) não costuma fazer as suas maravilhas, senão em almas dispostas pela mortificação — que é a disposição própria para os dons de Deus. Tudo o que Ele dá antes de a alma estar mortificada são apenas atrativos e doçuras, para que ela não se assuste com a dureza da mortificação e da cruz.

Sobre isso já se escreveu muito, e não é minha intenção tratar disso agora; mas, apenas em resumo, para os frutos que se devem tirar deste livro, digo: que quando ouvirmos falar em mortificação, devemos entender que a força e essência dela é uma entrega total e uma renúncia completa da pessoa e de todas as suas coisas — interiores, exteriores e mesmo celestiais — a Deus nosso Senhor, sempre e para sempre, sem nenhuma resistência voluntária.

E isto, que soa tão suave ao ouvido, e que se diz com tão poucas e brandas palavras, é toda a batalha dos justos; é contra isso que se levanta todo o tipo de tentação, e é o que mais a natureza humana repugna e resiste.

Esta é a contradição de que fala São Paulo (cf. Romanos 7, 22), que existe entre a carne e o espírito — contradição que dá tanto trabalho e guerra aos servos de Deus: pois a carne quer ser senhora e livre, enquanto o espírito deseja submeter, sem resistência, todo o homem — interior e exterior — à vontade divina.

E todo o tipo de exercício santo e espiritual tem como objetivo principal tornar o homem um instrumento vivo, sem resistência à vontade de Deus em tudo.

Porque, onde Deus encontra essa disposição e preparação, comunica largamente os seus bens; e quanto mais a alma está livre, puramente resignada e entregue a Deus nosso Senhor, tanto mais o amor divino nela realiza operações maiores, mais puras e mais perfeitas.

Assim se ajudam mutuamente estas duas virtudes — resignação e amor — a tal ponto que parecem uma ser mãe da outra: pois quanto maior for a resignação, mais ela refina e purifica o amor; e quanto mais puro for o amor, mais ele fortalece e aperfeiçoa essa entrega. Podemos dizer que esta entrega perfeita da alma nas mãos de Deus é como a fonte que Deus colocou no Paraíso terrestre, que se dividia em quatro rios, e que tornavam fresca, fértil e rica toda a terra onde estavam plantadas as virtudes: pois, quando todas têm as suas raízes nessa água divina, tornam-se árvores que dão frutos perfeitos de vida.

E, sendo essa entrega o fundamento e a disposição perfeita para os frutos e dons do Espírito, é também neste ponto que se concentra toda a tentação — tentando impedir essa entrega total e voluntária a Deus.

Mas este mesmo Deus, verdadeiro médico dos nossos males, sabendo que aqui está a cura perfeita de tudo, ordenou que o caminho para o Céu fosse de contínua cruz e trabalho: porque, o que a vontade enganada não faz por si, a tribulação constante tira da alma, de um lado, o gosto pelas coisas terrenas — para que ela não ande tão viva e apegada a elas como deseja —

e, de outro lado, faz com que, pela sua própria fraqueza e incapacidade de suportar o peso da vida por si mesma, a alma busque socorro em Deus.

Assim, a cruz serve às almas como freio contra os gostos da terra, e como espora para buscar os bens de Deus.

Neste caminho da cruz e dos trabalhos, Deus encerrrou toda a verdadeira sabedoria do espírito, de tal forma que fora dele só há ignorância e engano. Este quis que fosse o sinal da sua amizade — quando Ele mais tribula, é aos seus maiores amigos, e estes mais desejam sofrer na vida por amor a este Senhor.

Ele não isentou ninguém deste caminho da cruz — nem mesmo os mais puros e limpos de coração, como foi a Virgem Nossa Senhora — mas, ao contrário, neles confiou a maior parte da sua cruz.

E mesmo aqueles que parecem estar mais mergulhados nas doces águas do amor de Deus, e mais favorecidos e acariciados pela suavidade da sua fervente caridade — ninguém (que não tenha passado por isso) pode imaginar as cruzes e tormentos que padecem, nascidos do próprio amor. Pois quanto mais esse amor se dá, também mais crucifica.

E porque Cristo, nosso Senhor, é justo, reto e igual em tudo, sujeitou-se Ele mesmo a esta lei — nem quis que a sua amizade por nós fosse conhecida senão pelo mesmo caminho por onde se conhece e se prova o nosso amor por Ele.

Por isso, vindo a fazer-se Homem, assim como nenhum tempo ou lugar era para Ele impróprio para amar, também nenhum o foi para sofrer. Nem poupou o ventre sacratíssimo de sua Mãe, nem a sua infância, nem a juventude, nem qualquer outro momento da sua vida: em toda ela viveu na cruz dos trabalhos, e nela morreu.

Por isso, sendo o caminho dos sofrimentos tão importante para alcançar a verdadeira sabedoria espiritual e o puro amor de Deus, e sendo tão grande e contínua a oposição da natureza (humana), não há nada que mais ajude a alma a suportar o peso do sofrimento e a entregar-se totalmente a Deus como sacrifício vivo, oferecido sem resistência a toda a sua vontade e

disposição, do que a memória, a constante companhia e a consideração dos sofrimentos de Jesus, pelos muitos frutos que deles se colhem.

Primeiramente, a alma compreende quanto deve a este Senhor, e quanto Ele merece ser amado, e vê como é seguro confiar n'Ele: pois Aquele que foi tão fiel, que não se poupou a si mesmo por minha salvação, como me há de faltar agora em cuidar de mim com atenção especial, e em transformar todas as coisas em bem, depois de me entregar a Ele?

Dessa entrega a Deus nasce imediatamente uma tranquilidade em todos os acontecimentos da vida: pois, ao contemplar os sofrimentos e o amor de Jesus, somos levados a aceitar tudo das suas mãos. Daqui nasce também uma fortíssima confiança n'Ele — no presente, no passado e no futuro.

Nasce também a desconfiança de si próprio, porque a alma vê que os seus pecados causaram tanto sofrimento a Cristo, e reconhece que não tem outro remédio senão n'Ele. Começa então a aborrecer-se a si mesma por ter cometido esses pecados, e reconhece que é capaz de pecar por si só, e que não se pode salvar sem os sofrimentos de Jesus.

Sobre estas raízes começa logo a brotar e crescer o amor a Jesus, que vai transformando a alma n'Ele. E este amor traz consigo a sua marca: o desejo de se parecer com o Senhor e de o imitar; envergonha-se do tempo em que não o fez, arde por reparar o que perdeu e, com amor, segue suavemente o perfume de Jesus atribulado e crucificado.

Deste amor e desejo de imitação nasce outro fundamento da vida espiritual, que é o suave exercício das virtudes. Porque o amor do Senhor e o desejo de o imitar geram na alma uma tal facilidade para as obras das virtudes, que, mesmo quando não se tem presente a ocasião de as praticar, há disposição, gosto e preparação para as exercitar quando surgir a oportunidade.

Parece-me que é isto que querem dizer os autores espirituais quando afirmam que, na oração, se exercitam todas as virtudes. Não porque nela exista matéria para exercer os atos de todas — o que não é possível —, mas porque na oração se exercita o amor de Deus, que é a própria matéria das

virtudes, e que produz na alma o mesmo efeito que os atos concretos de cada virtude.

Com efeito, é certo que o exercício continuado de cada virtude gera na alma uma suave, leve e agradável inclinação para a sua prática, ao que os teólogos chamam o hábito da virtude. Essa facilidade e inclinação que o exercício de cada virtude cria na alma para as suas ações, a oração — como ato de amor de Deus continuado — produz para todas as virtudes: porque dispõe, habilita e inclina a alma a praticá-las com gosto, quando se apresenta a ocasião.

Foi isto mesmo que quis dizer São Paulo, ao afirmar que a caridade é paciente, benigna, fiel, tudo crê, tudo espera, e outras virtudes mais que menciona: porque o amor de Deus, ou caridade, torna a alma tão pronta e disposta para todas as virtudes, que, sem esforço e com alegria, se apraz em exercitar cada uma delas, por querer parecer-se com o seu amado Jesus e agradar-lhe.

Em conclusão, sobre estes fundamentos que nascem da consideração contínua dos sofrimentos de Jesus — que são o amor, a resignação e a imitação — não se pode descrever, em particular, a grande riqueza de bens e graças que Deus dá e comunica de si às almas que perseveram com fidelidade neste santo exercício.

Basta que elas o experimentem como o mel que se tira da pedra Cristo, e como os suaves óleos que sempre manam das cruzes, que aos olhos do mundo parecem pedras duras. Nos bens que os sofrimentos de Cristo nos mereceram, e que por meio das cruzes se comunicam, vemos como estas são, verdadeiramente, a escada do Céu.

É aqui que começamos a subir, é aqui que nos elevamos e crescemos, é aqui que nos tornamos perfeitos e consumados. Porque assim como Cristo se fez tudo para todos, assim também quis que em todos os estados da vida espiritual encontrássemos n’Ele guia, caminho, verdade, vida e perfeição.

Por isso, para colher os frutos de vida da meditação sobre os sofrimentos de Jesus, é necessário percorrer este exercício com os olhos e o coração voltados para acender em si o amor ao Senhor, oferecer-se e

entregar-se a Ele com fidelidade e confiança, e mover-se por contínuos desejos de o imitar.

Para isto, tenha diante dos olhos duas considerações.

A primeira: quanta razão há para que guardemos nós, na terra, a mesma lei que Cristo guarda connosco no Céu. Sobre isso diz São João que seremos semelhantes a Ele e que O veremos tal como Ele é. Ou seja, Deus será no Céu tão fiel amigo, que não só nos dará a visão clara de si mesmo, como também nos tornará semelhantes a Ele na glória. Da mesma forma, com fidelidade, deve a alma desejar não apenas contemplar os sofrimentos de Cristo para tirar deles os bens que nos mereceu, mas também assemelhar-se a eles pela imitação, recebendo-os das suas mãos com submissão, como verdadeiros tesouros do Céu.

Assim diz também São João: aquele que diz que está em Cristo deve andar como Ele andou. Isto é, quem julga que ama a Cristo e, por amor, está unido a Ele, deve mostrá-lo nisto: que o segue e imita nos sofrimentos, na vida e nas obras por onde Ele passou.

A segunda consideração é que, assim como o Senhor não se contentou com pouco para se parecer muito connosco nas misérias e sofrimentos, também nós não devemos contentar-nos com qualquer gosto nas coisas de Deus, nem considerar mau qualquer sofrimento. Pelo contrário, em todo o lugar, em toda a coisa, em todo o género de trabalhos, devemos alegrar-nos por poder mostrar a este Senhor o amor que Lhe devemos, e tomar isso como o principal ofício e propósito da nossa vida — com perseverança até à morte, que é o que coroa.

Porque, se tomarmos as coisas divinas e espirituais apenas como algo agradável para passar uma boa hora nelas, uma vez passada essa hora, todas as outras nos parecerão menos proveitosas, e estimaremos menos ter perdido aquele momento. Mas se tomarmos estas coisas espirituais como essenciais, como o principal da vida, e as desejarmos e procurarmos como tal, elas crescerão em nós e darão frutos de perfeição e de vida eterna.

É verdade que, de qualquer modo, se tira algum proveito; mas não se pode comparar o que se faz com estima e valor, ao que se faz como coisa de

menor importância. Disse tudo isto São Cipriano numa só frase: «Bastas tu a Deus? Basta-te Deus a ti?»

Pois, já que Deus me teve como um dos principais intentos dos seus sofrimentos e da sua vida, para me salvar, que admiração há em que eu tenha também por principal propósito da vida buscá-lo, amá-lo e imitá-lo para sempre?

Lembremo-nos, para isso, de que o primeiro ato de vontade de Deus feito homem — no momento em que foi concebido, e com o qual logo nos mereceu todos os bens que por Ele temos — foi uma amorosa e voluntária obediência àquilo que o Pai eterno queria que Ele padecesse por nós.

A primeira palavra que São Lucas escreve sobre Ele é que disse: «É necessário que me ocupe nas coisas de meu Pai»; e a última palavra com que terminou foi: «Nas tuas mãos, Pai, entrego o meu espírito.»

Assim, Cristo resumiu-se totalmente em amar, obedecer e padecer: pois nisso começou, nisso continuou, e nisso acabou a sua vida.

Por isso, os seus verdadeiros amigos consideram por perdida toda a parte da vida que não é empregada no amor e na intenção de participar nos sofrimentos deste Senhor.

AVISOS DO MODO QUE SE HÁ DE TER

PARA TIRAR O FRUTO QUE SE PRETENDE DA LIÇÃO E CONSIDERAÇÃO DOS TRABALHOS DE JESUS

Os que começam e desejam mudar de vida, transformando-a segundo a imitação de Cristo nosso Senhor, procuram sempre conselhos para saber qual o modo de proceder nos seus exercícios espirituais. Pois o afastamento da conversação espiritual com Deus (por causa dos nossos pecados) tornou esta prática difícil de entender e trabalhosa de realizar, sendo, no entanto, a mais própria de todas e a mais natural à alma.

Por isso, os principiantes, como são novos e inexperientes, têm necessariamente de ser ajudados, até que saibam por si mesmos como

proceder e caminhar, e já não tenham necessidade de se prender às palavras e aos escritos. Porque o Nosso Senhor, àqueles que perseveram, dá palavras, inspirações, sentimentos, luzes e afetos interiores, pelos quais o coração se dilata para correr confiadamente no caminho do Senhor; e o entendimento é iluminado no conhecimento das verdades católicas, e a vontade acende-se no amor àquilo em que crê e ao Senhor que se comunica interiormente e se revela.

Nesses momentos, aprende-se mais em um instante do que com livros e doutrinas ao longo de muito tempo. Mas, enquanto essa hora bendita não chega, ou quando esse divino Sol de justiça volta a esconder os seus raios, os principiantes precisam de recorrer à santa leitura e à doutrina católica, para que a alma possa continuar a caminhar sem se deter na procura deste Senhor.

Para isso, é conselho dos santos que os que ainda não sabem caminhar — ou, enquanto Deus, de dentro, não ensina nem conduz a alma (como muitas vezes faz, quando encontra disposição ou vê que é tempo) — tenham sempre, antes da oração, alguma leitura espiritual.

Porque a doutrina persuade o entendimento, enche a memória de bons pensamentos, recolhe a atenção, move a vontade, muitas vezes acende e inflama o fogo do espírito, amolece a dureza e secura da alma, e prepara-a para saber como proceder na oração.

Contudo, às pessoas novas nesta prática da meditação e do recolhimento interior, acontece-lhes muitas vezes — ou quase sempre —, depois da leitura, mesmo ficando comovidas e abaladas, voltarem à secura com que começaram, por não saberem como proceder na meditação e na elevação da alma a Deus. E assim, tornam-se como entraram.

Se essa situação sem guia se prolonga por muitos dias, na maioria das vezes acabam por ganhar medo ao recolhimento, arrefecem e abandonam o caminho que haviam começado.

Para isso seria muito importante, se possível, haver mestres que “mastigassem” as coisas para os principiantes e que, conforme os talentos que neles reconhecessem para as coisas espirituais, os fossem conduzindo e

elevando, mais ou menos, segundo o caminho que Deus lhes revela querer seguir com eles — seja por aversão ao pecado, por afetos suaves da presença do Senhor, por aspirações e desejos por Ele, ou por muitos outros modos pelos quais Deus conduz as almas, conforme o tempo que Ele determina.

Porque, embora o fim seja sempre um — unir-se a Deus pelo amor, conformar-se com Ele pela imitação e entregar-se a Ele pela resignação —, os modos interiores para chegar a esse fim são muito diversos. E isso é uma das mais admiráveis maravilhas das obras de Deus, nas quais mais se manifesta a riqueza dos seus tesouros e sabedoria.

Quem tem um mestre aproveita muito em pouco tempo, se for obediente. Como se vê nas ordens religiosas bem organizadas e fundadas sobre o exercício das coisas espirituais, para o qual foram principalmente instituídas.

Nelas, os noviços são acompanhados por mestres espirituais e experientes, que lhes dão, para cada dia, os exercícios e pontos de meditação, com a introdução, o modo de proceder e o encerramento do exercício; explicam-lhes as coisas com clareza e conduzem-nos conforme o caminho que Deus lhes vai abrindo, até que se lhes abram os olhos e conheçam a oração pura e a conversação com Deus, e saibam como proceder por si mesmos.

E assim, em pouco tempo, fazem uma grande mudança da vida mundana de onde saíram para a vida espiritual, que nunca antes haviam experimentado e que foram buscar na vida religiosa.

Assim, nas ordens religiosas onde se conserva este método de formação dos noviços — com o qual todas começaram, centrado no exercício da mortificação que nelas se pratica —, abundam muitos homens espirituais. Mas onde isto já não se cultiva tanto, há muitos homens de bem, mas fracos monges.

Por isso, os prelados que não confiam a formação dos noviços aos mais experientes nas coisas do espírito, e os mestres que não se ocupam principalmente disso, dando mais importância ao exterior, são os

verdadeiros responsáveis pelo relaxamento da observância. Pois alimentam os novos com seios sem leite, com os quais se enfraquecem e debilitam.

Mas como nem todos podem ser religiosos, nem encontrar um mestre a quem se confiar — o que, por nossos pecados, é hoje uma grande carência no mundo —, sirvam-se, para saber como proceder nos seus exercícios espirituais, da leitura de livros (se os encontrarem) que expliquem na prática como se deve fazer o exercício. E, se também isso faltar, procurem algum confessor servo de Deus ou amigo espiritual a quem prestem contas de si.

E, sobretudo, mantenham o uso regular dos sacramentos, para purificar a alma — o que é o principal meio para serem iluminados por Deus. E, quando tudo faltar, que nunca falte a pura intenção de agradar a Deus, nem a humildade e a perseverança nos bons exercícios, da forma que souberem fazê-los. Porque Deus é fiel, e nunca faltou em nenhuma necessidade — muito menos faltará nestas, que são tão importantes, àqueles que o buscam com coração humilde.

Por isso, tendo eu reunido os sofrimentos de Jesus em cinquenta partes, para os atribulados que com Ele se quiserem consolar, e para não faltar àqueles que mais precisam — que são os principiantes, se quiserem aproveitar-se desta obra —, deixo para eles esta ordem:

Primeiro, a história do sofrimento do Senhor, com alguma doutrina que sirva de leitura, para que a alma se vá recolhendo e se prepare para entrar no exercício. Depois, apresento o exercício na forma como se pode realizar, enquanto não chega a influência divina. Porque, quando ela se faz sentir, é necessário escutar apenas o Senhor e silenciar, nesse momento, todo o resto dentro de si.

Todos os exercícios têm três pontos principais: humilhação pelo próprio conhecimento de si; entrega e oferecimento de si mesmo, com resignação, nas mãos de Deus; e desejos de imitar Cristo e de se parecer com Ele — tudo isto acompanhado por aspirações e atos afetuosos de amor. Porque é nestas três coisas (como já foi dito) que se deve ter os olhos fixos durante toda a vida, em todas as obras e exercícios, aquele que quiser neles aproveitar-se espiritualmente.

Todos os exercícios incluem também adorações, súplicas, e ações de graças, para que, por todos os meios possíveis, se mova e inflame a vontade, na medida do possível, para se unir a Deus pelo amor e se deixar cativar pela beleza e bondade do Senhor que se busca.

Não segui uma ordem rígida nestes pontos, para que o espírito esteja mais livre e se mova melhor o afeto naquilo que deseja.

Mas, para tirar maior proveito dos exercícios, tenha em conta os seguintes conselhos, tanto para a mudança de vida como para a prática dos próprios exercícios:

1. Para aproveitar muito, deve aquele que se quer aproveitar, por começar a mudar de vida, satisfazendo a Deus pelo passado, com uma confissão pura e geral. E deve esforçar-se por conhecer bem a que defeitos é mais inclinado, para poder combater contra eles; e as suas orações devem ser contínuas nesse sentido, pedindo sempre pelas virtudes contrárias aos seus vícios.

Principalmente, deve pedir sempre a Deus humildade e amor, porque estas duas virtudes são as que purificam por completo a alma de tudo o que desagrada a Deus nela, e são as que a preparam para receber as suas graças.

2. Esforce-se por conhecer muito bem as obrigações do seu estado de vida e por cumpri-las com toda a fidelidade, pois isso é o que Deus quer dele. E sobre esse fundamento deve construir todos os seus exercícios, sem os separar das obrigações do seu estado.

Esteja certo daquilo que diz São Bernardo: que não agrada a Deus tudo o que Lhe ofereces, se deixas por cumprir aquilo que Lhe deves por obrigação.

Chamo "estado" à vida religiosa, à prelazia, aos cargos de governo, aos ofícios de justiça, ao estado de casado, viúvo ou solteiro com responsabilidades de família. E chamo "obrigações" às que vêm da lei de Deus, e não das exigências da vaidade.

Como essas obrigações nem sempre são claras ou conhecidas, devem ser examinadas com pessoas doutas e virtuosas, que temam a Deus e falem não segundo os gostos das pessoas, mas segundo aquilo que é necessário para a glória de Deus e o bem das almas — e é esse conselho que se deve seguir.

3. Tendo satisfeito a Deus por meio de uma confissão pura, íntegra e geral, e conhecendo bem as obrigações do seu estado, deve mudar e ordenar todos os seus cuidados, obras, ocupações e negócios da vida segundo os propósitos da vida espiritual — considerando-a como o mais importante e principal de tudo —, esforçando-se, quanto puder, por não usar das coisas desta vida senão de modo a não impedirem esses propósitos.

Deve ordenar toda a sua vida com este entendimento: que uma das maravilhas da graça e do espírito de Deus é que todo o estado de vida lícito e não reprovado pela lei divina pode ser adaptado a esses fins espirituais e por eles governado em tudo. E sem dúvida experimentará em si mesmo a grande fidelidade de Deus: que as obrigações que, por natureza, mais parecem impedir o recolhimento, são muitas vezes aquelas que mais motivam o desejo da presença de Deus. E Ele, de forma secreta e interior, visitará a alma com as suas influências divinas, para que aquilo que se faz por obediência à sua lei não se torne penoso.

4. Esforce-se por buscar em tudo a glória e honra de Deus, tanto nas ações e obras que quiser realizar como nos conselhos que pedir. Mas não se contente com o simples facto de que aquilo que pretende não seja pecado; procure sempre o mais perfeito, segundo a condição do seu estado. Compare o seu desejo com aquilo que Cristo nosso Senhor faria naquele caso, se se encontrasse na mesma situação, conforme ao exemplo que nos deixou. Porque assim caminhará como verdadeiro imitador do Senhor — e, pelo menos, evitará o pecado, o que já é um grande fruto, e muitas vezes acabará por seguir o caminho mais perfeito.

5. Esforce-se por ter uma vida ordenada e ocupada. Porque uma natureza regrada e disciplinada cria menos malícia, conhece-se melhor a si mesma e oferece menos entrada ao demónio para tentar.

Esta ordem e regra aplica-se ao comer, dormir, e a ter hora certa para o recolhimento e a oração; o hábito diário de ouvir missa; dias certos para recorrer aos sacramentos — que devem ser frequentes para purificar a alma; recitação do ofício divino ou orações vocais particulares; devoção especial à Nossa Senhora e a alguns santos, aos quais se encomende cada dia como seus advogados, pedindo-lhes auxílio em todas as suas necessidades.

Examine também cada dia a alma, tanto quanto às culpas como quanto ao progresso espiritual, e renove os seus bons propósitos.

E, como regra habitual, não comece nada nem se decida por nenhuma novidade que surja sem antes se encomendar e oferecer ao Senhor, pedindo-lhe graça, luz e favor para acertar com aquilo que for a sua vontade e glória — ainda que seja com uma breve oração, elevando o coração a Deus, o que se pode fazer em qualquer lugar em que se esteja, sem ser notado.

6. Aceite da mão de Deus tudo o que na vida lhe acontecer, seja de alegria ou de tristeza, e tudo quanto no mundo suceder de mal ou de bem, e por tudo louve sempre o Senhor. E ainda que sinta na sua natureza sentimentos contrários a este propósito, e que esses sentimentos o arrastem com força para a tristeza, impaciência, agitação ou qualquer outra perturbação humana, não deixe de voltar-se para Deus — ainda que seja com grande esforço — e de o louvar por aquilo que faz e permite. Peça-lhe que não o julgue pelos sentimentos impetuosos da sua natureza, mas pelos santos propósitos que, por misericórdia, Ele lhe concede. E com isso, sossegue o mais que puder nos movimentos e fraquezas da sua humanidade.

7. Esconda, tanto quanto puder, as graças particulares que receber de Deus, salvo para aquelas pessoas espirituais que tiver escolhido como suas conselheiras, a quem deve tratar com fidelidade, falando de si com total pureza e clareza de verdade. Mas tenha cuidado para que, ao esconder as graças de Deus, não faça nada que seja, ou pareça ser, pecado, nem algo que com razão possa escandalizar o próximo ou os mais fracos na fé.

8. Porque as tentações são muitas e muito variadas — tanto as que levam ao pecado, como as que impedem o exercício das coisas espirituais —, e esse é um assunto tão vasto que, não podendo ser tratado aqui por inteiro, retenha dois conselhos gerais:

O primeiro: tenha receio de tudo aquilo por que se sinta muito inclinado ou afeiçoado, ainda que pareça bom, porque tudo o que se busca com grande apego, ou que custa deixar com pesar, fora de Deus puro, é amado desordenadamente. E todo o amor desordenado é raiz de muitas tentações e grande obstáculo para alcançar o conhecimento e amor do Deus puro que se deseja.

O segundo: não dê entrada voluntária a nenhum pensamento de tentação que o possa perturbar; mas resista-lhe logo no início, encomendando-se e oferecendo-se ao Senhor, apresentando-Lhe humildemente diante dos olhos do coração aquela batalha e a sua grande fraqueza, pedindo-Lhe auxílio para uma criatura tão pobre. Se a tentação for persistente, conte-a a algum servo de Deus e obedeça com confiança ao seu conselho.

Se não houver alguém a quem recorrer, recorra ao sacramento da confissão e comunhão, para receber neles a graça de lutar e vencer. E, se não tiver oportunidade para isso, invoque muitas vezes a Deus no seu coração com humildade, bem como a Virgem Nossa Senhora, toda a corte celestial, e o sangue e as chagas de Cristo; e ofereça ao Senhor todo o sofrimento que suportar nas tentações, e a vitória que Ele lhe conceder sobre elas, pelas almas que se encontram no fogo do Purgatório.

De modo especial, saiba aquele que deseja crescer nas coisas do espírito que as tentações contra a castidade e contra a humildade (isto é, as tentações da carne e da soberba) são as que mais diretamente se opõem aos bens espirituais.

Mas aquele que é tentado nunca deve pensar que está abandonado, enquanto rejeitar a tentação e pedir com humildade o auxílio divino. E também não deve abandonar os seus exercícios espirituais, por mais cansado que se sinta com as tentações — pois isso seria como fugir do médico e do remédio.

E é já um grande proveito apresentar-se a Deus, aflito como estiver, prostrando-se aos Seus pés tal como se encontra, oferecendo-se com generosidade a tudo o que o Senhor quiser que ele padeça, confiando plenamente na bondade e misericórdia divina. Deve crer, com fé firme, que

Deus vê tudo com sabedoria e o ordena com amor — não para a sua perdição, mas para a sua salvação

9. Tudo o que dissemos até aqui sobre a mudança de vida, a pureza dos desejos e das obras, e o combate às tentações, é de grande importância para que, ao aproximar-se da oração, a alma não sinta, em sua consciência, o peso de alguma falta recente que lhe cause vergonha e a impeça de se apresentar diante do Senhor com confiança — o que seria um grande obstáculo à paz interior necessária para o exercício espiritual.

Mas, se por acaso tiver caído em alguma falta que, com razão, lhe cause vergonha de se apresentar diante de Deus, que use essa mesma vergonha para se humilhar e se oferecer diante dos olhos divinos e misericordiosos do Senhor. Reconheça que Ele não quis outro remédio para os que o ofendem senão que o busquem a Ele mesmo, apresentando-se com arrependimento por meio da contrição e dos sacramentos.

E com esse ato de humildade, não abandone o exercício espiritual — pois deixar o exercício não é sinal de autoconhecimento, mas sim de uma forma subtil e disfarçada de soberba: aquela que não quer ter nada que a humilhe ou a faça sentir-se pequena.

Tenha sempre claro e assumido, aquele que se exercita espiritualmente, que não alcançará o que deseja por suas próprias virtudes ou méritos. Tudo o que fizer deve ser entendido apenas como preparação e disposição para que Deus se comunique com ele e opere em sua alma com os dons que Ele conhece e pode conceder.

E se a pessoa perseverar nisso com a graça de Deus, permanecendo fiel, sem voltar atrás, renovando-se diariamente no propósito e no caminho que escolheu — então não terá feito pouco. Confie em Deus: Ele realizará em sua alma a obra que for mais conveniente para a glória d’Ele mesmo e para a sua salvação.

Mas guarde-se de querer ser juiz do próprio progresso espiritual, ou de tentar entender e medir as obras de Deus dentro de si. Muitas vezes o Senhor realiza as obras que tanto desejamos sem que as percebamos,

porque assim convém para o nosso bem. Outras vezes, Ele as dá a conhecer logo; outras, só mais tarde.

Deus quer que confiemos na Sua bondade, e que, da nossa parte, nos consideremos sempre necessitados, frágeis e imperfeitos — e que, como tais, não deixemos de clamar e bater à porta com fidelidade. E com isso devemos contentar-nos.

10. Quando se sentir árido e seco no exercício espiritual, leve-o até ao fim o melhor que puder, porque não sairá dele sem fruto, ainda que não o sinta. Deus não nega a sua graça a quem faz o que está ao seu alcance e persevera. Mas quando sentir que o Senhor lhe dá brandura de coração e que tem disposição para se deter nas coisas espirituais, não avance além do ponto que o inflama e enternece, enquanto durar essa centelha, mesmo que gaste nela toda a hora do exercício sem o completar; porque, soprando-a, pode tornar-se brasa viva e crescer em chama de amor, com a qual Deus opere na alma a transformação desejada e realize nela a obra pretendida.

E vendo que essa centelha se vai apagando, retome então os pontos do exercício, mantendo sempre a alma livre para se inflamar no amor do Senhor em qualquer parte onde Deus lhe comunique o seu divino fogo. Porque, sendo isso o que se busca, tanto faz alcançá-lo com um só ponto ou motivo do exercício, como ao longo de todo ele ou através de muitos.

11. Esforce-se muitas vezes durante o dia por se oferecer ao Senhor: louvar o seu santo nome e a sua glória; invocá-lo em sua ajuda; dizer-lhe palavras suaves com o corpo e com a alma; quando estiver só, abraçá-lo com todo o amor que puder; suspirar por Ele em todo o tempo e lugar, para ir sustentando e alimentando o fogo interior com palavras e aspirações doces, o mais discretamente possível no exterior.

Porque muitas vezes acontecerá que Deus lhe conceda, estando distraído, aquilo que lhe negou na hora da oração, para que veja que tudo se deve a Ele, e não ao nosso esforço — e com isso, acende o nosso amor e humilha o nosso orgulho.

12. Tenha sempre muito vivas em sua memória duas lembranças muito importantes.

A primeira, para consolar-se nos trabalhos e tentações: Deus nunca dá um trabalho ou uma tentação além da medida do que cada pessoa pode suportar, com a ajuda da Sua graça. Como diz o santo Isaac no livro que escreveu sobre a religião, mesmo que sintamos primeiro o peso do trabalho e da tentação, Deus, como amigo fiel que conhece a nossa fraqueza, primeiro nos dá a graça e o favor para lutar e vencer, antes mesmo da tribulação. Por isso, sabendo que tudo vem com medida, temos muito motivo para não mostrar fraqueza, mas sim para lutar com confiança.

A outra lembrança importante, que sempre devemos lembrar, é que Deus está presente em todo o lugar, e renovar essa lembrança com muita frequência, para que em todos os negócios se viva com reverência e temor diante dos olhos do Senhor, que tudo vê — principalmente quando estiver ocupado com tarefas, com outras pessoas, ou em momentos de distração.

Porque, por esse meio, e perseverando em tudo o que já dissemos, no que se aprende em outros livros, na experiência de servos de Deus e em muitas inspirações divinas, o Senhor terá misericórdia de abrir-lhe a porta, desfazer a confusão e dar-lhe entrada na casa dos seus suaves e perfumados vinhos de amor, ordenando em sua alma a caridade.

Lá, onde Ele habita, cessarão as línguas humanas, haverá paz, e você mesmo dormirá e descansará. Oh, quem pudesse já ver essa hora!

Dai-a, Senhor, quando for para cumprir a vossa honra e glória.

MODO QUE SE HÁ DE TER NA HORA DO EXERCÍCIO

Quando chegar a hora do exercício, lembre-se de que tem a Deus, trino e uno, presente — ou dentro do seu coração, mais íntimo do que o seu próprio interior ou na sua majestade soberana —, diante da qual se encontra como uma miserável criatura. Está cercado por Ele de todos os lados, ou pela sua bondade, tal como um pequeno peixe está rodeado pelo mar — está n’Ele e é completamente envolvido por Ele — ou como uma pessoa que, no meio de um campo, está cercada por todos os lados pela luz do Sol, que de todas as direções lança sobre ela os seus raios.

Sabendo que tem perto de si o Senhor com quem dialoga, que o vê e conhece todo o seu interior, e que não pode ser enganado, estará diante d'Ele com maior reverência e atenção, fé e esperança, confiante de que Ele não o abandonará, mas antes o ouvirá e ajudará.

Tenha cuidado e lembre-se de meditar sobre os mistérios em que se exercita, não como se fossem acontecimentos passados, mas como se estivesse presente neles e os visse acontecer naquele mesmo momento. Porque, ainda que as ações e os factos já tenham acontecido, a virtude deles não passou, nem passou o amor com que o Senhor os realizou. Ele continua hoje tão vivo, tão infinito, tão sem mudança, sendo exatamente o mesmo — não outro — como quando, vivendo esta vida mortal por amor de nós, padeceu e morreu.

E como Ele está presente e continua a arder no mesmo amor com que fez tudo por nós — e como continua agora a ter um gosto tão presente e atual por tudo o que fez, que, se fosse necessário, o tornaria a fazer — também nós devemos considerar os seus mistérios não como coisas do passado, mas como realidades presentes. Porque também nós buscamos neles o fruto e o proveito, não como de algo acabado, mas como de algo vivo e eterno.

Assim, devemos fixar os olhos no Senhor, abraçar-nos a Ele crucificado e atribulado, falar com Ele como se o víssemos e O acompanhássemos naquela hora.

Ao começar o exercício, recolha os sentidos interiores e exteriores com a devida reverência ao Senhor, que está presente. Faça o sinal da cruz e reze um Pai-Nosso ao mesmo Senhor, e uma Ave-Maria, pedindo auxílio à Senhora da vida e da misericórdia.

E isto não deve ser feito apenas por formalidade, mas com verdadeiro sentimento, deixando que o coração acompanhe as palavras, elevando afetos e fervor. Porque aquele que se exercita deve esforçar-se por não desperdiçar nenhum momento durante a hora do exercício. Antes, que tudo — pouco ou muito — sirva para acender o fervor, recolher-se interiormente, elevar a alma a Deus e enternecer-se.

E para os que não sabem como fazê-lo, direi aqui em breves palavras — não para que quem se exercita diga exatamente estas com a boca, mas para mostrar como deve estar o coração elevado e ocupado durante as palavras que pronuncia nestas orações da Igreja. E se souber orientar o afeto, tanto melhor. Porque o coração sente mais profundamente a oração do que aquilo que as palavras conseguem exprimir.

E por isso, as palavras que aqui acrescento, além das próprias destas orações, é melhor senti-las interiormente do que simplesmente dizê-las. Ou então usar quaisquer outras que Deus inspire, para ir enternecendo e amolecendo o coração.

Pelo sinal salvífico da Cruz, minha fortaleza, livrai-nos, Senhor, verdadeiro amigo e nosso Deus, dos nossos inimigos, contra os quais nada posso sem Ti.

Em nome do Pai, que me ama como a um filho, do Filho, que me abraça como a um irmão, e do Espírito Santo, que com o seu amor me envolve e purifica

Pai nosso amantíssimo, que estais nos Céus, a quem não vejo com os olhos, mas procuro com o desejo: santificado e conhecido, amado e adorado seja o vosso santíssimo nome por mim e por todas as almas, venha nesta hora a nós, desterrados de Vós, o vosso reino, e que não reine na minha alma outro senão Vós. Seja feita em mim, sem contradição, toda a vossa vontade, assim na terra, e com tanta obediência e amor, como se faz no Céu. O pão nosso da vossa graça e a ajuda de cada dia, sem a qual nada podemos, dai-nos hoje, e nesta hora, para que saibamos buscar-vos, abraçar-vos e amar-vos. Perdoai-nos, Pai amantíssimo, com misericórdia, as nossas dívidas, tantas e tão enormes, que só conhecendo a vossa bondade ouso ter confiança. E assim como nós, por Vós e por vosso amor, com todo o coração — tanto quanto podemos — perdoamos a todos os nossos devedores, tudo quanto contra nós fizeram, e com toda a vontade com que o devemos fazer, não nos deixeis cair em tentação, nem me desampareis, Senhor, nesta hora em que sabeis que sem Vós nada sou nem sei, mas livrai-me, por vossa bondade, de todo o mal, e muito mais de mim mesmo, que sempre fui contra Vós e contra o bem da minha alma. Ámen.

Ó Mãe de Deus, minha Senhora e intercessora, Rainha dos Anjos, Ave Maria, estrela e guia dos pecadores e dos necessitados, cheia de graça, não só para ti, mas também para mim, sempre que me aproximo de ti. O Senhor está contigo, para que, por teu meio, esteja também comigo. Bendita és tu entre todas as mulheres, acolhida e aceite pelo Senhor, e segura — nossa esperança certa e fiel. Bendito é o fruto do teu ventre, fruto de vida e remédio para as minhas misérias: Jesus, meu amor e meu Salvador.

Ó Santa Maria, minha Senhora e intercessora, Mãe de Deus, Mãe dos pecadores, roga, Senhora minha, por mim, pecador, e por todos os pecadores, agora, nesta hora em que procuro o meu Senhor, para que, por teu meio, O encontre e Ele me receba. E também na hora da nossa morte, para que, com o teu Filho unigénito, para sempre te possa ver, minha Senhora. Ámen.

Depois, leia com atenção e lentamente os relatos dos sofrimentos que o Senhor passou, bem como a doutrina que neles encontrar. E, se durante a leitura sentir algum movimento interior, siga-o — vá atrás do impulso que Deus lhe dá enquanto ele durar — e suspenda a leitura nesse momento. Quando esse movimento interior cessar, pode então retomar a leitura.

Terminada a leitura, faça suaves aspirações ao Senhor, como se O visse com os seus próprios olhos naquele sofrimento, e fale-Lhe com palavras ternas — aquelas que Deus lhe inspirar — ou simplesmente com afetos suaves da alma: de gratidão, de entrega, e de amor.

Depois, entre no exercício, levando sempre na memória o Senhor com quem fala, e usando o que aqui está escrito apenas como introdução — um caminho — para que o amor cumpra o seu papel. Este amor nunca deve ser impedido, mas sim soprado e atiçado como fogo, porque é precisamente isso o que se pretende.

O entendimento deve ocupar-se o menos possível, porque — como nesta vida mortal, enquanto a alma está cativa neste corpo — pouco alcança, basta que ele sirva para abrir a porta à vontade e ao amor, para que estes façam o seu ofício.

E, se Deus tiver a graça de calar os discursos do entendimento e da imaginação, e a alma sentir dentro de si uma paz suave, um repouso cheio de admiração pelo que vê em Deus com fé viva e iluminada — ou se experimentar dor por aquilo que vê que Ele padeceu, ou por tê-Lo ofendido; ou desejo de que todas as criaturas O amem e sirvam; ou uma chama de vontade que se abraça e se prende ao Senhor; ou algum movimento interior que a une, mergulha e eleva para o Senhor, em cuja presença se encontra — então, permaneça nessa paz o mais que puder, sem dar entrada a nenhum outro pensamento, por mais santo que seja.

Isto não porque os santos pensamentos prejudiquem a alma, mas porque nessa paz e elevação, a alma recolhe e saboreia o fruto desses mesmos pensamentos santos. E como não pode ocupar-se de muitas coisas diferentes ao mesmo tempo, pode muito bem acontecer que seja tentação — no momento em que deveria colher o fruto dos bons pensamentos — surgirem-lhe outros pensamentos que a distraiam, para que não colha fruto nem de uns nem de outros.

Por isso, é melhor perseverar nessa paz, nesse sossego interior, nesses afetos de amor, enquanto o Senhor os concede. E depois, aproveitar-se dos santos pensamentos para o mesmo fim. Como a ovelha que, quando está descansada, ruminando e saboreando o que comeu, não pega noutra erva, por melhor que seja, pois o estômago não pode com tanta coisa ao mesmo tempo.

Chegará aquele bem-aventurado dia da glória celestial, em que, libertadas as potências da alma do peso desta carne terrena, cada uma se expandirá em Deus — num mar sem fundo de amor, sabedoria e conhecimento — e se unirá a Ele sem nada que lhe impeça os seus santos ofícios.

Terminada a hora e o tempo destinado ao exercício e à oração, se estiver ainda abrasado e visitado pelo Senhor, levante-se com suspiros ou com paz e sossego, como quem leva Deus consigo. E, com o maior recolhimento interior possível, vá fazer o que tiver de fazer, suspirando muitas vezes ao Senhor, abraçando-se com tão bom companheiro que leva consigo.

E esforce-se por conservar, o melhor que puder, aquela luz, paz e fervor que lhe foi comunicada, e gaste nela quantos momentos puder até à próxima hora de oração. E, se lhe surgir alguma coisa que o possa distrair, deve acolhê-la com o mesmo fruto que tirou da oração.

Se estiver seco, endurecido, e lhe parecer que não fez nada, e que perdeu o tempo do exercício; se se vir cansado dos seus pensamentos que o combateram, e da sequidão que o apertou e atribulou — não desanime nem se aflija. Antes, levante-se do lugar onde está, erga as mãos, os olhos e o coração ao Céu, o melhor que puder, e louve o Senhor com as melhores palavras que conseguir dizer. E pode dizer estas palavras:

«Bemdito sejais meu Senhor, justo sois, e justo é o vosso juízo. Bedito sejais quando me consolais, e bendito quando me desamparardes.

Quem sou eu, pera querer ser de vós, visitado? Vós sempre sois quem sois, e eu sou quem vós vedes nesta hora: sabeis que sem vós não posso, nem valho nada. Tudo fazeis como quem sois, e por tudo. vos dou infinitas·graças: faça-se a vossa vontade. e não a minha. Não me desampareis meu Deus, nem me deixeis nas mãos dos meus inimigos, e pecados.

Feito isto, examine atentamente se houve distração, e veja se teve nisso alguma culpa — quer por negligência na própria oração, quer por coisas que tenha feito antes dela. Se encontrar culpa, acuse-se, e confesse-se como pecador culpado diante do Senhor, e reze algum Salmo ou Pai-nosso como satisfação, e humilhando o seu coração diante de Deus, vá louvando-O com a boca, mesmo que não sinta isso no coração — pronunciando muitas vezes o nome e o juízo do Senhor.

E não pense que sai menos aproveitado quando sai humilhado e castigado da oração, do que quando sai devoto e visitado, pois nosso Senhor, como verdadeiro médico das nossas almas, e que deseja ainda mais que nós o nosso proveito, trata-nos — quando a isso chegamos — como Ele sabe o que mais nos convém.

Por isso, quando entrarmos na oração, não devemos fixar os olhos na consolação, mas sim renunciá-la voluntária e livremente, para que o Senhor

nos trate como for mais proveitoso aos Seus olhos. E devemos sair da oração humilhados e tão agradecidos pela provação como pela consolação, porque uma e outra vêm da mão de um Pai amorosíssimo.

Serve muito para trazer a alma recolhida e para caminhar com maior prontidão para a oração, dar ao Senhor as primícias do dia, levantando o coração a Ele logo ao acordar pela manhã, esforçando-se por ter algum sentimento amoroso da Sua presença.

Depois, durante o dia (como já dissemos), deve lembrar-se Dele muitas vezes, com aspirações suaves, e adormecer ao fim do dia abraçado aos Seus pés e na Sua companhia.

Porque quem não tem cuidado do recolhimento da sua alma, e a deixa solta por todas as coisas que a podem distrair, e deixa o recolhimento interior só para a hora da oração e do exercício, poucas vezes estará verdadeiramente recolhido nessa oração.

Mas, de todas as maneiras, é bom e proveitoso ter horas determinadas de recolhimento e oração, porque o Senhor é misericordioso e, nessas horas, porá em nós os olhos da Sua misericórdia, e fará connosco, não como nós somos, mas como Ele é.

Para emendar todas as faltas da alma, é coisa importantíssima ter cada dia um exame de consciência, pelo menos uma vez ao dia, para se reformar e pedir misericórdia ao Senhor, o qual pode ser feito da seguinte maneira:

Deve ter, quem quiser aproveitar-se muito, alguns propósitos bem firmes e importantes para o bem da alma — uns gerais, para todo o tempo, e outros particulares, conforme as mudanças do tempo e dos trabalhos (ou ocupações).

Os propósitos gerais devem ser estes:

1. Ter contínua vigilância no seu coração,, para não o deixar deter-se em pensamentos, desejos, ou ações ofensivos aos olhos de Deus

2. Trazer muitas vezes à memória a presença de Deus, para O louvar e adorar com amor e reverência.

3. Não deixar passar nenhum defeito, interior nem exterior, sem logo o acusar secretamente com dor e arrependimento, pedindo humildemente perdão ao Senhor.

4. Não se decidir em coisa alguma — seja conselho ou negócio — sem primeiro se recomendar ao Senhor, para acertar com a Sua vontade, conforme o tempo e as circunstâncias que tiver para isso.

5. Refrear os sentidos, principalmente a língua, para que não se espalhe por assuntos dos quais a razão não possa dar conta.

6. Fazer o bem aos próximos, de qualquer qualidade que sejam, tanto quanto puder, e alargar nisto a vontade de tal maneira que ultrapasse a própria possibilidade, quanto ela o permitir.

7. Não consentir no coração, ainda que seja por coisa muito pequena, desgosto ou repugnância pelo próximo, sem logo pelejar contra isso, recomendando-o a nosso Senhor.

8. Não consentir na alma pecado algum sem sentir dor particular por ele, e buscar o remédio da confissão, principalmente se for pecado mortal, fazendo-o tão depressa quanto puder.

9. Ter atenção aos exercícios particulares, devoções e inspirações que o Senhor lhe der, para não deixar de os cumprir por negligência, mas corresponder com elevação da alma ao Senhor, sempre que e onde sentir que Deus, por movimento interior, a chama.

10. Ter atenção às coisas a que a alma está mais inclinada, tanto às más como às boas, para trazer sempre o freio na mão do temor de Deus, e assim fugir de toda a ocasião de mal e pecado, procurando em tudo a glória de Deus e o bem da própria alma.

11. Não estar preso ao próprio parecer e vontade, mas alegrar-se em fazer antes a vontade alheia do que a sua, sempre que isso não for ofensa ao

Senhor.

12. Não presumir de si, nem fazer as coisas do seu·estado por estima da sua pessoa, mas pelo que cumpre à honra, e glória de Deus: nem desestimar ninguém por culpas que nele veja; e todo o bem que em si vir, humilhar-se como do alheio: nem se antepor a nenhuma pessoa por imperfeita qne seja.

13. Dar graças a Deus por tudo o que acontecer no mundo, e acolher tudo como vindo da Sua mão, sobretudo as coisas particulares que pessoalmente lhe acontecerem.

Além destes propósitos gerais, aquele que se exercita na vida espiritual deve ter também outros propósitos particulares, conforme ao estado de vida em que se encontra:

Alguns, para cumprir bem os seus deveres e obrigações;

Outros, para corrigir os defeitos diários;

Outros ainda, para evitar ocasiões que possam impedir o aproveitamento da alma;

Outros, para favorecer mais diretamente o crescimento espiritual da alma;

E também propósitos relacionados ao andamento dos seus trabalhos e ocupações ordinárias, seja quanto ao uso do tempo, às conversas obrigatórias, aos ofícios ou cargos que exerce, e até para os diversos acontecimentos inesperados que surgem no dia a dia.

Porque — como a coisa mais importante para quem deseja agradar a Deus é o aproveitamento da sua alma e o evitar toda a ofensa ao Senhor — deve-se manter sempre vivo esse cuidado, como um negociante zeloso que busca sempre novas formas de ganhar e progredir diante de Deus.

E, para isso, conforme os tempos, os lugares e as situações da vida, é preciso renovar, mudar, aumentar ou diminuir os próprios propósitos, pois,

como diz o *Contemptus mundi*:, "Conforme for o nosso propósito, assim será o nosso aproveitamento."

E para que não haja frieza ou descuido numa coisa tão importante, é muito necessário fazer diariamente uma revisão de vida, examinando com atenção o cumprimento dos seus propósitos, tanto os gerais quanto os particulares.

Esse exame pode ser feito da seguinte maneira:

Feito o sinal da cruz, e rezado o Pai Nosso e a Ave Maria — como já foi dito —, apresente-se diante de Deus, como: o filho pródigo, que volta ao Pai eterno depois de ver o quanto está arruinado e perdido, sabendo que só Ele pode remediar; ou como o publicano, que vê em si apenas pecados e misérias, e nem sequer se atreve a levantar os olhos ao céu; ou como Madalena, aos pés do Senhor, carregada de pecados, mas confiando inteiramente na Sua misericórdia; ou como o leproso, que de longe suplica ao Senhor que o purifique; ou como o servo mau, que não tinha com que pagar o que devia, e prostrado aos pés do Senhor lhe pedia misericórdia; ou ainda como uma criatura vilíssima e baixíssima, diante da soberana majestade de Deus, e que está carregada de infinitas misérias e necessidades.

Com qualquer dessas imagens, ou outra que mais toque e humilhe seu coração, coloque-se diante da Divina Misericórdia e faça um ato de contrição geral, a Deus e a toda a corte celestial, com o maior arrependimento da alma que puder ter.

Terminado esse ato, reflita e traga à memória como guardou naquele dia os seus propósitos, tanto os gerais como os particulares, e também quais foram as culpas e falhas com que ofendeu o Senhor. Em cada uma dessas coisas em que notar que caiu, tenha dor e vergonha particular diante de Deus, e louve a Sua bondade, por ainda assim suportá-lo e não o abandonar.

Então, renove e reforme seus propósitos diante do Senhor, determinando-se também a confessar os pecados cometidos.

Feito isso, com a maior humildade e arrependimento que conseguir, com o coração lançado aos pés do Senhor, e, se necessário, também com o corpo prostrado, fale com Ele desta maneira:

Eis-me aqui, Senhor, vossa miserável criatura. Eis aqui aquele a quem tanto amastes e ainda amais, e por quem tanto fizestes — tão desaproveitado, tão fraco, tão perdido como vós vedes.

Eis aqui o traidor de todas as vossas misericórdias, desleal em todos os vossos serviços: tão generoso em prometer, tão fraco e miserável em cumprir. Que será de mim, Senhor, sem a vossa misericórdia?

Sem vós, Senhor, nada sei, nada posso, nada valho. Sei pecar, mas não sei remediar-me; sei cair, mas não sei levantar-me; sei perder-vos, mas não sei recuperar-vos; sei lançar-vos fora de mim, mas não sei buscar-vos; sei ofender-vos, mas não sei agradar-vos — se a vossa luz e a vossa graça não me favorecerem e ajudarem.

Vós vedes, Senhor, que tudo há de vir da vossa mão: a vontade, o desejo, e a força para pôr por obra aquilo que inspirais em mim. Ó amado e benigníssimo Senhor dos homens! Vós sois o verdadeiro amparo dos órfãos, o remédio dos necessitados. Eis aqui o vosso paupérrimo e miserável pecador, todo entregue à vossa misericórdia e bondade: lançai sobre mim os olhos da vossa compaixão, esquecei, Senhor, os meus males, compadecei-vos das minhas misérias, e regai este miserável coração com a fonte viva da vossa eterna bondade.

Ó luz verdadeira, não me deixeis nas minhas trevas! Ó fortaleza infinita, fortalecei a minha miséria e fraqueza! Recebei, Senhor, o meu desejo, ajudai esta pobre vontade, esquecei o que vos mereço por meus pecados, e dai-me o que por vossa Cruz me merecestes.

Tal como sou, vosso quero ser. Suplantai com a vossa bondade o que falta à minha miséria. Ó bondade, meu Senhor, já que me dais a boa vontade e o desejo de vos servir, essa mesma bondade vos mova a fazer em mim aquilo que de mim quereis, para que tudo seja para vossa honra e glória. Amém.

Depois de feito este oferecimento, humildemente reze algum salmo, ou alguns Padre-Nossos às Chagas do Senhor, e a nossa Senhora, e aos seus santos advogados, em satisfação das suas faltas, pedindo ajuda e favor para se emendar delas. E levante-se com o cuidado de ser fiel a Deus no cumprimento do que, neste exercício de exame, propôs.

Entenda aquele que se exercita, que este modo de fazer este exercício, e os propósitos que nele se apontam, e que sempre devem andar vivos, são para os principiantes que desejam aproveitar-se e chegar à perfeição.

Mas, depois que nosso Senhor, com a sua luz, descobre às almas a grande pureza que Ele quer naquelas que há de unir a Si por puro amor, e lhes dá um conhecimento mais claro dos seus defeitos e dos impedimentos que põem às suas soberanas operações, assim como com olhos mais iluminados e interiores se vêem e conhecem, com mais rigor e profundidade investigam o segredo das suas inclinações e afeições, não só as viciosas, mas também as naturais. Sintam com tal rigor o imperfeito da sua natureza, que praza a Deus que todos os pecadores chorassem tanto os seus gravíssimos pecados mortais, como estes servos de Deus, tão perspicazes, os menores defeitos.

E como esses vivem na região da luz que os ensina, não trato agora deles, mas me dirijo aos que começam, os quais, enquanto não chegarem lá (se o desejam), não sejam indulgentes e permissivos com seus defeitos.

MOTIVOS QUE PODEM INFLAMAR INTENSAMENTE A ALMA EM AMOR AO SENHOR ATRIBULADO.

Porque não se devem repetir demasiadas vezes as mesmas coisas, pois isso causa enfado — especialmente no que diz respeito a assuntos espirituais profundos, que, quando excessivamente repetidos, podem cansar — quero, portanto, acrescentar algumas considerações e motivos que aquele que se exercita nos trabalhos de Jesus possa ter na memória, para se inflamar no amor ao Senhor e compreender melhor a obrigação que tem de o imitar.

E, ainda que, por ser matéria tão vasta, não seja possível tratar de todos os motivos que as obras de Cristo por si mesmas dão para ser amado —

porque são tantos e tão grandiosos, que requereriam um tratado extenso —, os que aqui indicarei, junto com outros que o próprio Senhor ensinará interiormente, e que serão sentidos e compreendidos quando se meditarem os seus trabalhos, hão de causar maior admiração e mover fortemente a alma no exercício.

PRIMEIRO

"*Padeceu por pura vontade, sem obrigação*.

A primeira coisa, da parte do Senhor, que pode mover muito a alma a amá-lo profundamente, é que Ele, voluntariamente e por puro amor que nos tinha — e ainda tem — quis padecer por nós muitos sofrimentos, sem ter qualquer obrigação de fazê-lo. Pois nem os méritos dos homens o obrigavam, nem o rigor da justiça, já que todos os filhos de Adão eram devedores e pecadores.

É verdade que as suas promessas o comprometiam, por sua fidelidade, a cumpri-las; e que, enquanto homem, a obediência ao Pai eterno — que aceitara o seu sacrifício — o obrigava a padecer. Mas, mesmo assim, foi a sua livre vontade, e não uma dívida, que o levou a prometer, e por fim a cumprir; e foi o seu puro amor, sem qualquer outra obrigação, que o fez oferecer-se para sofrer.

Porque sendo Ele igual ao Pai — e não menor — a obediência que prestou não foi de alguém inferior e sujeito, mas de uma majestade divina e igual, a qual, como o Pai e o Espírito Santo, decidiu tomar a nossa carne e, por obediência não forçada, mas amorosa e voluntária, padecer por nós. E porque as coisas que são puramente voluntárias, e nascem de puro amor, nos obrigam profundamente; estamos portanto muito mais obrigados a amar e a servir este Senhor — que, sem nenhum mérito da nossa parte, sem exigência da justiça, e sem obrigação imposta, senão apenas pelo amor com que nos queria, tomou sobre si as nossas misérias e dores.

SEGUNDO

Padeceu com gosto.

O gosto com que Ele se deixou atribular por nós era tão grande, que — embora a Sagrada Escritura compare os sofrimentos de Cristo Senhor nosso a mares imensos e revoltos — no coração d'Ele havia tal fome de padecer, que todos os tormentos que sofreu foram necessários apenas para satisfazer esse desejo. Assim o profetizou Jeremias, ao dizer que haveriam de fartar o Senhor de injúrias. Ora, injúrias são um alimento tão amargo que, só de pensar nelas, já causam repulsa e nojo. Se Jeremias disse isso pensando apenas no que as injúrias são em si mesmas, disse pouco — porque muito pouco bastaria, não só para 'fartar', mas para fazer com que qualquer um as rejeitasse com razão.

Mas o profeta quis dizer algo mais profundo: que o gosto com que o Senhor sofria por nós era tão grande, que essas dores, em vez de serem rejeitadas, eram por Ele desejadas com verdadeira fome de trabalhos. para que alguém pudesse suportar as injúrias mais dolorosas da vida, seria necessário inventar novas formas e modos pouco habituais de sofrimento para satisfazê-lo.

Pois uma grande fome e sede não se saciam com pouco, assim como um grande prazer numa coisa não se satisfaz com apenas uma parte dela. Com isso, entende-se que, já que os grandes sofrimentos de Cristo foram proporcionais ao grande desejo que Ele tinha de os suportar, então é justo e razoável que esse mesmo desejo d'Ele seja a medida do amor que Lhe devemos.

TERCEIRO

O amor fez-Lhe as penas suaves

Do amor, da vontade e do gosto com que o Senhor suportou os seus sofrimentos por nós, nasceu ainda outra circunstância que muito nos obriga a amá-lo: o fato de Ele ter tornado coisas extremamente penosas, por sua própria natureza, em experiências suavíssimas — pelo amor com que as enfrentou. Como, por exemplo, viver trinta anos obedecendo a Nossa Senhora; conviver com pessoas tão diferentes e inferiores a Ele; ser tentado

pelo demónio — criatura tão perversa, sendo Ele quem é. Essas e outras que neste livro chamamos de sofrimentos do Senhor, por serem naturalmente dolorosas, foram por Ele vividas com tamanha suavidade e gosto que não lhe causaram sofrimento. Mas isso não nos obriga a amá-lo menos, só porque Ele as suportou com gosto — situações que a nós custariam muito. Pois o amor as tornou suaves para Ele, tanto quanto aquelas que realmente Lhe causaram grande dor, e que Ele quis sofrer para mostrar quanto nos amava. E quem sabe o que é amar, reflita bem: o que será maior prova de amor — sofrer muito por amor, ou, por causa do amor, tornar o sofrimento suave?

QUARTO

Operou um milagre em si mesmo para poder sofrer.

Nosso Senhor, quanto à alma, já era bem-aventurado: por ela via a Deus, e tinha essa visão beatífica, como as almas que estão glorificadas no céu. Ora, é natural às almas bem-aventuradas que, estando unidas aos seus corpos, transmitam a esses corpos a bem-aventurança — tornando-os glorificados, imortais, impassíveis, luminosos, resplandecentes, ágeis, subtis, e plenamente participantes da glória. Portanto, já que a alma de Cristo, nosso Senhor, era bem-aventurada e glorificada, o seu santíssimo corpo, ao qual estava unida, não poderia sofrer sem um milagre. Esse milagre foi feito por Cristo em Si mesmo antes mesmo de realizar todos os outros milagres entre os homens. Pois, para poder sofrer e morrer por nós, Ele reteve milagrosamente a glória da Sua alma, para que não passasse ao corpo — e assim, o Seu corpo santíssimo permanecesse como os demais corpos humanos nesta vida: mortal e sujeito à dor.

De tal maneira, que assim como Ele fez muitos milagres nos homens — e fará sempre que for necessário para livrá-los dos sofrimentos e lhes dar descanso nas suas misérias — fez em Si um milagre ainda maior: unir um corpo mortal e passível a uma alma glorificada e bem-aventurada, para poder sofrer muito por nós, como quem nos ama mais do que a Si mesmo.

QUINTO

Mereceu tudo para nós

Como a alma de Cristo, nosso Senhor, foi criada já em graça e glória — como já dissemos — não podia, sendo compreensiva e bem-aventurada como era, merecer para Si mais graça ou glória, pois o estado dos bem-aventurados não é de merecer, mas de receber e possuir todos os bens. Por isso, a única coisa que Ele mereceu para Si foi a exaltação do Seu nome e a glorificação do Seu corpo — cuja glória, como vimos, Lhe foi milagrosamente retirada por um tempo. Isso Ele mereceu para Si, porque ainda não possuía plenamente. Mas todo o restante que Ele mereceu, enquanto Cristo, nosso Senhor, vivia com um corpo mortal neste mundo, não foi para Si, mas para nós. Por nós, Ele mereceu graça e glória, satisfação pelos pecados, perdão das culpas e tudo mais que precisávamos. E como esses merecimentos são medidos pela virtude divina — daquela Pessoa divina humanada de suprema e infinita majestade — as suas obras meritórias têm valor infinito. Por isso, bastaria uma só obra meritória de Cristo para nos alcançar tudo o que necessitamos, e nos redimir plenamente.

Mas isso não foi suficiente para o Seu amor: quis fazer obras tão grandes, tão numerosas, tão penosas e com tantos méritos infinitos, para que ficasse claro o tamanho do amor com que Ele sofreu por nós. Assim é o tesouro que Ele nos deixou para remédio de todas as nossas necessidades.

SEXTO

O seu amor não tem princípio, mudança, nem fim

Esse amor nunca teve começo, nem mudança, nem pode ter fim. Não teve começo, porque desde que Deus é Deus — e Ele o é sem princípio — esse amor já existia em Seu peito divino. Ainda que em certo momento esse amor se tenha manifestado por muitas obras, não começou com elas; essas obras foram apenas manifestações de um amor eterno que sempre ardeu no Seu coração divino, sem começo.

Não pode ter mudança, porque tamanha imperfeição não cabe na majestade, grandeza e divindade do nosso Deus, cuja natureza é ser imutável.

Pela mesma razão, não pode ter fim: porque sendo Deus eterno e infinito, é sempre o mesmo — não era menor antes de vir ao mundo do que é agora, depois de Se ter manifestado na cruz. E a excelência e grandeza desse amor está nisto: é o mesmo amor com que as três Pessoas divinas se amam infinitamente entre si — e não é outro. Pois, como em Deus não pode haver coisa diferente ou desigual a Ele mesmo, também não pode haver n'Ele mais que um só amor, com o qual Ele ama a Si mesmo e às Suas criaturas n'Ele mesmo. Esse amor não deixa de ser o mesmo, embora as suas manifestações e comunicações variem de acordo com os tempos, naturezas, capacidades, necessidades e disposições das criaturas. E quem vê que Deus é Amor, sabe que Ele nos ama com o mesmo amor com que Se ama a Si mesmo infinitamente, pois nada reteve, nada poupou, quando podia fazer tanto pelas nossas necessidades.

SÉTIMO

Todo se deu a todos

Este amor é tão imenso, que nunca foi dividido, nem pode ser repetido com mais ou menos intensidade. Com um só e mesmo ato de amor, Ele ama a cada um de nós, e também a todos em conjunto. De tal modo que morreu por cada um com o mesmo amor com que morreu por todos. Assim, cada pessoa pode dizer com verdade, como disse São Bernardo:

"Todo sois meu, bom Jesus, todo entregue ao meu serviço."

E pode chamá-lo com toda verdade, como o apóstolo Tomé: "Meu Senhor e meu Deus!" — como se não houvesse outra alma a quem Ele pertencesse senão a minha.

É certo que Ele se comunica às almas conforme a disposição que encontra nelas, pois não força ninguém. Mas da parte d'Ele, há amor pronto e abundante, com desejo de se dar a cada um, tanto quanto a todos juntos —

e muito mais ainda. Por isso (como dizia São João Crisóstomo), é negligência da nossa parte quando pedimos pouco, e falta nossa, não da misericórdia do Senhor, quando recebemos pouco. Pois quando alguém ama pouco a criatura, isso vem de amar pouco o Criador. Assim, quando Jesus padecia, com a Sua infinita sabedoria, que vê tudo com perfeita presença, tinha a mim e a cada alma diante de Si, e oferecia-Se ao Pai por mim, considerando as minhas necessidades como se não houvesse outro necessitado no mundo.

OITAVO

Encobriu a sua majestade para se parecer muito connosco

Porque por se parecer muito comigo, nada contou como perda ou desonra ser tido como pecador, mesmo sem o ser. Não considerou a sua majestade divina como algo a se apegar, para deixar de se rebaixar tanto quanto fosse possível — nem evitou padecer tudo o que podia, sem pecado. Não teve coisa própria que não quisesse perder por mim. Não estimou nem a honra, para não parecer pecador. Não estimou a vida, que é o bem mais precioso, senão para dá-la por mim. E a alma, que naturalmente não podia separar-se do corpo, Ele a fez sair por mim, com verdadeira morte.

E a Santíssima Trindade, que é impassível (não pode sofrer), ainda assim deu virtude e eficácia às obras e aos sofrimentos que Ele assumiu. E corpo, alma e divindade, Ele deixou como alimento e companhia perpétua para mim no Santíssimo Sacramento do altar. Enfim, estimou-me tanto, que tudo o que tinha, me deu, e tudo o que podia sofrer, por mim padeceu.

NONO

Muitos dos seus trabalhos eram mortais.

Muitos dos sofrimentos que Cristo tomou sobre si, foram em tamanho grau, que teriam sido suficientes para matá-lo, se fosse apenas um homem. Como, por exemplo, a fome no deserto, depois de quarenta dias sem comer,

e a tristeza do Horto das Oliveiras — aquela a que São Lucas chama agonia, que é um estado de agonia mortal. Mas, como não convinha que Ele morresse por Si mesmo (isto é, sem ser entregue pelos outros, nem no tempo designado), ainda que assumisse sofrimentos tão intensos que podiam matá-lo, Ele sustentava a sua sacratíssima humanidade com a sua divindade, por sua soberana virtude — para padecer muito mais do que a natureza humana normalmente poderia suportar.

Foi isso mesmo que Cristo fez em sua sacratíssima Paixão: Embora os tormentos fossem já suficientes para o matar, Ele sustentava-se com a virtude da sua divindade, até cumprir todo o sofrimento que havia determinado passar. De tal modo que, para padecer muito e se humilhar profundamente, — encobria a virtude e divindade da sua Pessoa, para que os homens não tivessem por Ele nenhum respeito; — e, ao mesmo tempo, usava essa mesma divindade para fortalecer e sustentar a sua sagrada humanidade, para que ela não desfalecesse nos grandes sinais e provas de amor que queria dar pelos sofrimentos que enfrentava por nós.

DÉCIMO

Quem e por quem.

O que mais destaca as obras do divino amor e caridade — e que São Paulo mostra claramente nas suas cartas — é o fato de que nós somos amados por Deus, mesmo sem merecimento algum. Nós somos amados mesmo com muitos pecados e faltas, e quando nos apresentamos diante Dele, não encontramos senão ofensas, razões verdadeiras para sermos rejeitados, causas justas para sermos condenados. É fácil entender que alguém possa oferecer-se para morrer por um homem bom e justo, para preservar a justiça e a bondade na terra. Mas morrer por um homem mau, que ofende a Deus e escandaliza os outros, que destrói e desonra quem o ajuda, isso não cabe no entendimento humano. Só no fogo do amor divino cabe essa loucura de amor:

Deus Pai entregou o Seu Filho aos homens, mesmo sendo nós inimigos Dele; Jesus ofereceu-se para sofrer e morrer por nós; E o Espírito Santo,

que é fogo divino, arde no Pai e no Filho para amar os pecadores — mesmo que sejam inimigos, como se fossem amigos. Porque Deus governa a Sua amizade não pelos nossos méritos, mas por Si mesmo — E quanto menos merecemos, tanto mais Ele usa as nossas faltas para mostrar a Sua refinada misericórdia. Portanto, vê, alma querida, quanto estás obrigada a Deus por tudo isso!

FIM DA DOUTRINA E AVISOS PARA OS PRINCIPlANTES

TRABALHOS DE JESUS

QUE PASSOU DA HORA EM QUE FOI CONCEBIDO, ATÉ AO DIA EM QUE PADECEU, RESUMIDOS EM VINTE E CINCO.

TRABALHO 1

A vista e aceitação dos trabalhos que havia de passar

Nosso Senhor reformou a natureza humana desordenada e corrompida pelo pecado do primeiro homem, Adão, com remédios tão adequados às suas feridas, que com razão pode ser chamado o Redentor perfeito. Pois não só nascemos todos como filhos de Adão, pecadores, vivendo sujeitos ao pecado e às suas consequências, mas também o seu pecado introduziu tal desordem e oposição ao bem, inclinando a natureza humana para o mal, que ela precisava tanto de um reformador perfeito para corrigir essas desordens como de um Redentor suficiente para satisfazer pelos seus males.

Por isso, o Filho de Deus, pela sua infinita bondade, quis redimir o género humano e, em tudo o que fez, não só nos alcançou os remédios para todos os nossos males, como também nos deixou nas suas obras um exemplo e modelo de toda a virtude, para reformarmos a nossa vida e os nossos costumes.

É por isso que São Paulo ensina que, assim como trazemos em nós a imagem terrena de Adão — pelos pecados em que nascemos e vivemos — também devemos procurar refletir a imagem santíssima do Adão celeste, Cristo nosso Senhor, na transformação da nossa vida, pois a Ele fomos unidos pela sua graça, que nos é comunicada no baptismo.

Noutra passagem, o mesmo apóstolo diz que nos revestimos de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo como pessoas redimidas pelo seu sangue e seguindo os seus exemplos.

Este nosso divino Mestre e Redentor começou a sua obra pela mesma ordem, combatendo os vícios pelos quais pecámos com as virtudes contrárias.

Assim, escolheu em vez de Eva — para a obra que queria realizar — outra pessoa perfeita: a santíssima Virgem Maria, nossa Senhora, puríssima de alma, santíssima de vida, totalmente obediente a Deus, instrumento de todos os bens, como Eva tinha sido de todos os males.

Adão pecou poucas horas depois de ter sido criado, apesar de ter sido dotado de muitas perfeições naturais e dons da graça, para se manter no estado em que fora colocado no Paraíso terrestre.

Já o Filho de Deus, formando o seu santíssimo corpo e criando nele uma alma à qual uniu a sua divindade infinita, fez tudo num instante, perfeito e completo, sem esperar os tempos próprios da geração humana. Num só momento, começou a grande obra da nossa Redenção.

O primeiro pecado — e causa de todos os nossos males — foi a desobediência; e a primeira virtude e obra do nosso Redentor Jesus foi precisamente a obediência mais pura e perfeita.

A nossa perdição começou com o desejo desordenado da humanidade, contrário à vontade divina; e o nosso remédio começa com os imensos sofrimentos e aflições que o nosso Redentor quis suportar na sua humanidade, por obediência à vontade do seu Eterno Pai.

Por isso, logo que o Filho de Deus desceu do Céu à Terra e se uniu à nossa humanidade, no primeiro instante da sua santíssima Conceição — momento em que já podia ser adorado com verdade como Deus e verdadeiro homem — começou o seu primeiro sofrimento e o nosso primeiro remédio.

Não adiou para mais tarde, pois não quis que houvesse uma única hora ou momento da sua vida em que não se pudesse dizer com verdade que era totalmente nossa, repleta de bens infinitos para os pecadores que vinha redimir.

Assim, logo no primeiro instante da sua vida, o Pai Eterno apresentou ao seu Filho feito homem todos os sofrimentos, penas, dores, abandonos, aflições, tormentos e a própria morte que queria que Ele suportasse pelos pecadores.

E fê-lo com todas as circunstâncias e com uma intensidade de dor tão viva, como se tudo aquilo estivesse já a acontecer naquele momento.

E como Cristo, nosso Senhor, estava cheio de toda a sabedoria e graça, nada Lhe podia ser ocultado. Sentiu, desde logo, com toda a profundidade, a obediência que Lhe era pedida, como se já a tivesse vivido na prática; e a sua humanidade inteira submeteu-se voluntariamente a essa obediência, aceitando sofrer até à morte na Cruz tudo quanto o Pai Eterno lhe ordenava — com uma entrega tão plena e sem qualquer resistência, como se esses sofrimentos fossem imensos prazeres.

Ao longo da sua vida e da sua paixão, não houve nada na sua humanidade em que o Filho de Deus não tivesse cumprido cuidadosamente essa obediência, mesmo com grandes dores e sofrimentos.

E assim, nesse primeiro instante da sua vida, ao aceitar essa missão, não se limitou a oferecer-se de forma genérica para padecer tudo o que lhe fosse ordenado, mas devemos compreender que, com grande cuidado e amor, ofereceu a sua cabeça aos espinhos, os seus olhos às lágrimas, o seu rosto às bofetadas, o seu cabelo às humilhações, a sua boca ao fel e ao vinagre, o seu corpo aos açoites; ofereceu cada articulação, nervo, veia, membro do seu corpo, a sua vida e a sua honra — tudo quanto havia nele — para sofrer tudo o que o Pai Eterno lhe mandava e que era necessário para a nossa salvação.

Aquela tenra humanidade de Cristo viu-se, neste momento, mergulhada numa grande aflição e agonia.

Porque o nosso Senhor não quis poupar-se à experiência de nenhuma dor — e a nossa natureza humana, sendo fraca, costuma sentir com mais intensidade os sofrimentos que já experimentou antes —, é certo que aquela sagrada humanidade sofreu imensamente ao contemplar os tormentos que a esperavam.

Aquilo que poderia ter faltado à sua experiência direta para atenuar o sofrimento, era largamente compensado pela sua sabedoria divina, que via tudo com absoluta clareza e, por isso mesmo, Lhe fazia sentir ainda mais profundamente cada dor.

E, embora no Horto — já perto do fim da sua vida — essa angústia tenha atingido extremos muito maiores, os sentimentos interiores nesta primeira hora não foram, nesse aspeto, menos intensos.

Esta voluntária obediência de Deus feito homem foi tão acompanhada de humildade, sujeição, amor ardentíssimo, dor, sofrimento e merecimento infinito, e foi tão agradável a Deus, que por ela, de modo mais do que suficiente, acredito que se realizou a Redenção do gênero humano. Tanto assim, que, se o Pai Eterno tivesse revogado a sentença de morte do seu Filho unigénito e o tivesse levado ao Céu naquela hora, ainda assim bastaria o merecimento daquela obediência para perdoar todos os pecados, vencer o demónio, encher o mundo de tesouros de graça, abrir a entrada da vida eterna, e realizar tudo o mais que Deus nos quis dar por meio do seu Filho.

Porque, sendo a pessoa do Deus humanado divina e infinita, e os merecimentos das obras conforme à dignidade da pessoa que as realiza, cada obra de Cristo era uma obra de merecimento infinito. E cada uma delas bastaria para redimir cem mil mundos — ou mais, se existissem.

O profeta Isaías predisse isso ao dizer que o Senhor seria chamado "apressado saqueador", pois antes que o menino soubesse chamar pai e mãe, já tomaria Damasco — o que simboliza o poder do demónio e do pecado, ao qual todo o género humano estava cativo. Disse isto o profeta vendo em espírito que nosso Senhor não demoraria nem um só momento em providenciar o nosso remédio, mas que seria tão apressado, que logo no primeiro instante de ser homem já mereceria, com sua obediência, tudo quanto a divina misericórdia nos queria dar: não só antes de saber falar, mas mesmo antes de nascer.

Mas tal foi o amor que o trouxe à terra, que, bastando o merecimento de uma só das suas obras para o nosso bem total, não bastava para satisfazer o seu amor fazer menos do que tudo aquilo que fez e padeceu em toda a sua vida. Tal Redentor temos, tal Senhor, e tal amigo.

Pois que melhor lição queremos para a reforma da nossa má vida do que esta primeira que nos dá este divino Mestre? Princípio de todos os nossos males (diz a Sagrada Escritura) é o afastamento da obediência a Deus. E aqui vemos que, assim como este Senhor fundamentou todos os bens que

nos mereceu na obediência, também quis que todo o nosso bem estivesse fundado na perfeita obediência à vontade de Deus. E assim como Ele não teve um só momento de vida fora dessa obediência, também nós devemos considerar como perdida toda hora de vida que não esteja ocupada na obediência e no serviço deste Senhor.

Ora vede quantas horas nos rouba o sono, a comida, a ociosidade, e — o que é pior — quantas nos tiram os pecados, os prazeres condenáveis do corpo e as coisas que nos fazem perder a Deus. Vede quão pouco tempo empregamos em buscar a Deus; a tibieza com que O buscamos; a facilidade com que abandonamos o Seu serviço; o descuido com a nossa própria salvação, que a Ele custou tanto cuidado. Se compararmos a frieza do nosso amor por este Senhor durante toda a nossa vida, as desculpas e preguiças para O servir de todo o coração e com todas as forças, com a pressa que Ele teve em padecer por nós e com o rigor com que se tratou a si mesmo para nos satisfazer, não acharemos menos razão para nos envergonharmos diante d'Ele do que para Lhe agradecermos o que Lhe devemos.

Muito se escreveu sobre esta virtude da obediência e da sujeição à vontade de Deus. Aqui direi apenas uma coisa: que este Senhor nos ensinou o modo como quer que seja esta obediência quando nos mandou pedir: "Seja feita a tua vontade assim na terra como no Céu." E no Céu, não apenas todos querem e fazem o que Deus quer, mas nem sabem compreender coisa diferente do que Deus manda. Assim também nós não devemos contentar-nos apenas com a obediência da vontade própria a Deus, mas devemos buscar também a obediência do entendimento.

Porque há no mundo — e na maior parte das pessoas — tantas razões aceites, aprovadas e até consagradas com títulos de honra, excelência e obrigação, que são contrárias à lei de Deus e à Sua doutrina evangélica, e a malícia desta natureza inventa cada dia novas desculpas para escapar da obediência a Deus sob o pretexto de O servir, que, se o cristão não andar com muito cuidado, facilmente será enganado.

Por isso, devemos pedir ao nosso Senhor, como David, que não nos deixe tomar por verdade as vaidades, mas que nos dê a sua luz para conhecer claramente os seus caminhos divinos, de modo puro e perfeito,

como Ele os ensina; e que não nos deixe entender nem estimar outra coisa senão a perfeição dos seus exemplos e da sua doutrina.

E quem, pondo os olhos no espelho de toda a bondade — Cristo, nosso Senhor e Mestre — com o desejo de imitar o que n'Ele vê aprovado, e submetendo a isso o seu entendimento, será livrado de muitos erros.

Exercício da encarnação e do primeiro trabalho de Jesus

Adoro-Te, Verbo divino encarnado; adoro-Te, Filho do Deus vivo feito homem; adoro-Te, meu verdadeiro Deus, revestido da minha miserável carne e mortalidade. Chegaste, ó desejado pelos santos patriarcas; chegaste, saúde das almas, verdadeira vida e bem-aventurança para os pecadores perdidos.

Já não se poderá vangloriar o Céu de ser unicamente a tua morada, pois agora Te tenho aqui unido à minha humanidade, habitando o meu exílio, companheiro das nossas moradas terrenas. Já nenhuma criatura poderá desprezar-me, pois eu não adoro anjos — eu adoro um Deus feito homem — e eles, os anjos, adoram a Deus humanado.

Chegou a Tua hora, ó fonte de águas vivas, rio de infinitas bondades e misericórdias! Transbordaste do Teu leito, encheste tudo, inundaste tudo com riquezas e graças divinas. Esqueceste os nossos males, abraçaste as nossas misérias, vieste como esposo das almas, cheio de graça e de verdade.

Quem como Tu, meu Deus, quando o mundo menos o merecia, quando os pecados mais reinavam, quando esta natureza estava mais danificada e corrompida pelos pecados, quando tinhas mais razões para afastar-Te de nós — então revelas as Tuas verdades, dás-Te por inteiro, socorres-nos com a Tua presença, e Te fazes homem, nosso companheiro, e remediador de nossos males?

Só Tu és verdadeiro: os Teus prazos sempre se cumprem. Quando pareces mais distante, é então que estás mais perto, mais presente, cheio de graças e de verdades. Porque Tu trazes misericórdias verdadeiras, riquezas verdadeiras, bondades, saúde, vida, bem-aventurança, paz, amizade,

tesouros, glória, grandezas e abundância verdadeira para as almas que vens buscar, e para este mundo perdido que vens remediar.

Não vens de mãos vazias, meu soberano Senhor; não deixas os teus tesouros represados no Céu: tudo quanto tens, trazes contigo. Não perdes nada de Teu, sendo homem como eu, mas dás-me tudo quanto é Teu.

Já não posso fugir de Ti por temor da Tua majestade, pois Te tenho aqui na minha miséria, rendido e ao alcance do meu amor. Abraço-Te, meu bem supremo, amo-Te, minha bem-aventurança, meu tesouro, minha riqueza, meu companheiro, meu verdadeiro amigo, minha paz, minha alegria, minha glória, minha vida, minha saúde.

Oh, como sou rico contigo! Invejem-me os Anjos! Invejem-me os Serafins! Invejem-me o Céu e a Terra e todas as criaturas, pois eu tenho neste Senhor o que vós não tendes: tenho um Deus Homem — e vós não tendes um Deus Anjo. Vós adorais o meu tesouro, adorais o meu único bem, adorais o meu companheiro e amigo, o meu Deus feito homem e o meu homem Deus, de quem vos veem, e hão de vir, todos os bens que possuís ou possais possuir.

Pudeste mais do que eu, amor divino! Não pude pecar tanto que não pudesses perdoar; não pude ser tão ingrato que Te fizesse desistir de dar; não pude rejeitar-Te tanto que Te perdesse totalmente; não pude fugir-Te tanto que não me alcançasses, pois soltaste a força e o ímpeto do Teu fogo divino, prendeste a minha humanidade, vestiste-Te das minhas misérias, e nelas Te deste por completo.

Entraste no meu exílio e misturaste-Te comigo; e se fujo a Deus, não posso fugir ao homem. De maneira que, se não quiser perder-me por minha própria vontade, não posso perder-Te a Ti, homem como eu, companheiro das minhas misérias e da minha mortalidade.

Compreendo-Te bem, meu Deus: é o amor que Te move, e é amor que queres. Ardes em fogo e desejas que, tocando nas estopas desta humanidade, elas também se inflamem de amor — se se deixarem abrasar por Ti, e não quiserem continuar a viver encharcadas nos charcos e lodos do amor terreno.

Mas Tu, meu Deus, da Tua parte, acendes esse fogo em todas as almas — tanto que até os que se perdem, perdem-se carregados de obras e de graças do Teu infinito amor. Mas como não Te dão o coração, tudo neles se perde em vão.

Dou-Te, Senhor da minha alma, todo o meu coração, todo o meu espírito, todo este meu ser, todo o meu amor. Amo-Te e desejo dissolver-me completamente no Teu amor. Se tivesse o amor de todas as criaturas, amar-Te-ia com ele todo; e se tivesse amor infinito, amar-Te-ia infinitamente. Mas amo-Te quanto posso, e, pois Tu, Bem infinito, és todo meu, amo-Te com tudo o que sou.

Oh, se Te amasse sempre! Oh, se sempre me abrasasses! Oh, se Te possuísse sempre! Oh, se nada me separasse de Ti, meu Deus humanado — ainda que a Tua humanidade esteja em Ti perfeitíssima, puríssima, cheia de graça, é parte da minha pobre humanidade. Em Ti não pode haver corrupção ou culpa, como em mim; mas ela é o instrumento do meu remédio, e por isso, como por ela me perco, por ela me queres salvar.

Cura-me, ó saúde verdadeira! Ilumina-me, grandeza divina! Sustenta-me, fortaleza soberana! Vivifica-me, vida eterna! Pois vejo-Te, Deus que adoro, homem rodeado das minhas misérias — sem pecado, e cheio de todas estas graças e perfeições para meu remédio.

Que a misericórdia e o amor que Te fizeram homem tenham piedade desta humanidade Tua em mim tão perdida, miserável e corrompida. Quiseste, meu Deus, mostrar que tudo o que fazes nos homens, já o fazes como no Teu próprio corpo, pois Te fizeste homem. Já curas as minhas chagas como se fossem Tuas; olhas por mim, governas-me, ajudas-me, salvas-me como sendo Teu — pois por honra dessa humanidade que tomaste, queres e pretendes que todos os homens sejam como Tu: puros, limpos, ricos, grandes e bem-aventurados.

Sou Teu, meu Criador; sou Teu por justiça; quero ser Teu por amor e por livre vontade de todo o coração. Eis-me aqui, todo me entrego a Ti, abraço-me aos Teus santíssimos pés, pois és todo meu, totalmente entregue, todo rendido para conquistar o amor desta alma.

Ó Amor, opera em mim tamanha mudança, que possas também dizer: "Toda és minha, pobre criatura!" Oh, se já visse esse perfeito “todo” — inteiramente Tua! Mas só Tu o podes realizar, ó fogo divino — e todo me deves consumir, abrasar e converter em Ti.

Exercício do primeiro trabalho

Ó Filho de Deus vivo, ó alegria das minhas mortais misérias, ó meu verdadeiro Salvador e redentor; ó única cura para os meus males, com quanta ânsia vindes ao encontro das almas perdidas! Com quanta vontade mostrais que amais profundamente os pecadores, desejando satisfazer por eles, e com tal fome de sofrimentos e cruzes, que nem um momento quereis perder da vossa vida sem trabalho pelo nosso bem.

É certo que, se pudésseis — e se fosse possível — ter nascido já crucificado, teríeis entrado no mundo pregado na cruz, e nela teríeis vivido até à morte! Tal é a intensidade do vosso amor, tal é a verdade desse coração abrasado e dessa amizade pura que nos tendes. Mas, como isso não podia ser, não quisestes perder um só instante de vida, nem passar um momento sem dor, cruz ou tormento. E enquanto não chegava o tempo da dura Cruz de madeira, não quisestes que vos faltassem nunca as duríssimas cruzes de dores, aflições e trabalhos. Não poupastes essa humanidade, nesse corpo tão pequeno e tão tenro, que formastes nas puríssimas entranhas da Santíssima Virgem.

Oh, como vos abrasais inteiramente em obras de puro, delicado e divino amor, no qual vindes ardendo! Assim como não considerastes esse pequeno corpo indigno de ser cheio de uma alma bem-aventurada, e o unistes à vossa divindade, assim também não quisestes poupá-lo — antes, julgastes esse corpo digno de muito sofrer, sentindo nele, de uma só vez, tudo o que vos estava reservado ao longo da vida: logo lhe mostrastes as lágrimas, os sentimentos aflitos, os frios, as fomes, as asperezas, as privações, os cansaços, os suores, as afrontas, as injúrias e os desprezos que teria de suportar: as cordas que o prenderiam, os açoites e os espinhos que o rasgariam, a cruz e os cravos que lhe desconjuntariam o corpo, o fel e o vinagre que teria de beber, os gravíssimos abandonos que sentiria, as imensas e terríveis dores e tormentos que padeceria, e a morte crudelíssima

com que terminaria tudo. Tudo isso quisestes que, logo no primeiro momento em que foi formada, a vossa sacratíssima humanidade visse — e que tudo, de uma só vez, atormentasse, afligisse e ferisse, e que todos aqueles ternísssimos e sagrados membros aceitassem tudo, a tudo se submetessem. E não vos contentastes, sendo Deus eterno, em humilhar-vos até tomar a nossa carne — mas logo nela começastes a padecer pelos meus pecados e a obedecer ao vosso Divino Pai até à morte de cruz.

Se, depois de terdes trinta e três anos de idade, essa vossa sacratíssima humanidade, ao contemplar e recordar estas mesmas coisas, se viu em tão grande angústia, aflição e tristeza, que passou por agonias mortais e suou sangue — que não sofreria então, logo ao entrar no mundo, ao ter diante de si, com tanta clareza, certeza e vividez, a representação dessas dores, como se já fossem trabalhos vividos? Que sentiria ao ver tão vasto e atribulado mar de sofrimentos que toda a vossa vida traria?

Compreendo, Senhor da minha alma, que nenhum dos Vossos sofrimentos foi maior do que este. Porque, para sentir tais dores, já éreis verdadeiramente humano; e para as compreender com toda a profundidade, peso e intensidade que tinham, sois verdadeiramente divino. E tudo isso Vos foi apresentado de uma só vez; tudo tomastes sobre Vós de imediato, e tudo Vos atormentou e afligiu — porque o Vosso amor não permitia que a Vossa humanidade fosse poupada a qualquer dor que pudesse ser grande e custosa por amor de mim.

Ó amor divino, como nunca sabes estar ocioso! Quantos modos encontras para te manifestares! Nenhum tempo Te é impróprio, nem há ocasião que não sirva para revelares as Tuas obras. Mas é no sofrimento e na dor que mais Te mostras. E quando a idade ou o lugar não permitem tormentos exteriores, inventas cruzes interiores, para arderes sempre, amares sempre, dares sempre os Teus tesouros, e mostrares a Tua intensidade, a Tua força e a Tua fidelidade àqueles que amas e desejas conduzir até Ti..

Ó miserável de mim, envelhecido em pecados, quando vejo essa pressa em padecer por mim, e esse desejo tão fervoroso de me remediar: esse não sofrer limites para me fazer graças, nessa (que ainda não se pode chamar) idade, nesse corpo e membros tão pequenos que mal podiam aparentar

humanidade, e nessa primeira entrada no mundo, o que hei de dizer? Como não me envergonho de estar diante de Vós? Porque, em qualquer idade que me veja, vejo-me tão cheio de males e pecados que parece que nenhuma idade neste corpo foi pequena para deixar de ser grande pecador, duro e velho em pecar, assim como para Vós nenhuma idade foi pequena para sofrer muito.

No ventre da minha mãe, quando ainda não tinha forças para nada, já o pecado original habitava na minha alma — e eu já me parecia com o velho Adão. Depois de nascer, mesmo sem ter ainda uso perfeito da razão, embora não soubesse pecar, as inclinações para a ira, a indignação, a mentira, a inveja, a soberba, a gula e todas as outras tendências do corpo já mostravam raízes fundas numa terra frágil — e, num corpo pequeno, cresciam como velhos troncos, com ramos largos e venenosos da má e antiga árvore.

E quando enfim cheguei ao uso pleno da razão — que frutos havia de dar esta alma, pelos quais essa árvore seria conhecida e julgada? Ó Deus cheio de piedade… que frutos abomináveis de males e pecados vieram dela! Ó misericórdia infinita, que até agora me suportaste — não me confundas, mas perdoa-me nesta hora: a ira com que soltei os meus apetites desordenados, a facilidade com que me entreguei às más inclinações que a idade, até então, de algum modo reprimia.

Oh, como libertei todas essas inclinações para a vaidade, para a mentira, para a presunção, para todos os maus pensamentos e desejos, para toda a baixeza e torpeza que, por dentro e por fora, dominavam a minha alma! Tão esquecido de Ti, tão insensível aos Teus conselhos, tão cego às Tuas verdades, tão surdo à Tua voz, tão rebelde à obediência da Tua lei… tão satisfeito comigo próprio e com o mundo, tão aborrecido pelas coisas da alma, tão agarrado a mim mesmo, tão longe de Ti, tão cheio de amor-próprio, tão frio e vazio do Teu amor.

Parecia-me que o tempo era pouco para os meus desejos, que o mundo era pequeno demais para as minhas ambições — e, ao mesmo tempo, grande demais para que valesse a pena perder-Te por causa dele. Detestei o que Tu amavas; desprezei o que Tu estimavas. Nenhuma virtude me parecia bastante para os grandes males que trazia em mim, e tudo me parecia inútil quando se tratava de Te servir. E aquilo que a idade ou as circunstâncias não

podiam dar-me, a natureza completava — para meu maior orgulho e perdição.

Sempre grande para pecar, sempre velho nas corrupções, sempre ingrato às vossas misericórdias, sempre frio, tímido, fraco, descuidado, esquecido, enfadado, doente, orgulhoso e rebelde para vos amar, para me entregar a Vós, e para vos servir e obedecer.

Vós, como verdadeiro amigo desta alma e realmente compassivo das suas dores, não quisestes esperar pelos dias em que o corpo se vai formando no ventre da mãe até estar velho, mas logo no primeiro momento em que entrastes no mundo, formastes um corpo vivo e perfeito, cheio da vossa divina majestade, para gastardes os dias na natureza, vagarosamente, em obras de amor, graça e em sentimentos muito penosos por mim, e antecipastes, por amor, a obra e o sofrimento a todos os naturais.

E eu, bondade infinita, nem chegando ainda a ter uso da razão vos conheci, nem vivendo depois muitos dias cheio das vossas graças vos procurei, nem vos amei; mas contentei-me com uma fé tão fria, tão morta nesta alma tão cheia de pecados e males, que não há em mim senão desalentos, que Vós já estais a sofrer por eles. Ó amor infinito, perdoai-me! Bem me vistes quando me mostravas tanto amor, bem me conhecestes quando aceitastes padecer por mim, e porque sabíeis que eu seria assim, não quisestes perder hora nem tempo em me remediar.

Muda-me, Senhor, e ainda que tarde, faz que eu comece a amar-vos e a obedecer. Dai-me o sentimento da minha má vida e a mudança total dela em Vós e na vossa obediência. Ó quem nunca vos tivesse ofendido! Ó se todas as horas gastasse em vosso amor e serviço! Se na primeira hora, Deus meu, em que a Vós me entrego de todo o coração, já me sentisse inflamado, mudado, aproveitado e diferente do que era! Que perfeito servo vosso eu seria agora, quão cheio do vosso amor, quão transformado no vosso espírito se todas as horas da vida gastasse em Vós! Ó paciência infinita que me tolerastes! Ó bondade infinita que me esperaste até agora! Ó amor que por mim tão ardentemente chamaste, muda-me todo em ti. Desta hora até à derradeira ofereço-te toda a vida, e em ti a quero gastar.

Pesa-me, Deus meu, de vos ter ofendido; satisfazei-vos em mim, conforme for a vossa vontade. O amor que foi tão fervoroso e apressado em padecer por mim, esse abra neste coração uma fonte de lágrimas, para que em tudo o que me resta de vida chore a vida passada; e gaste e dispenda todas as horas em Vós. Este é o ofício desse amor, e no que eu, pelos meus males, tenho desmerecido, aconselho-me convosco, e o que ele por mim vos pedir, isso me dai no resto da minha miserável vida.

Mas quero agora, Senhor meu, deixar em Vós os meus males, pois sois a verdadeira cura deles, para acabar de ver e agradecer estas primeiras e infinitas misericórdias que me fazeis ao vir à terra. Não gastareis, Senhor, estas primeiras horas e dias em que entrais no mundo só com essa tão pura alma dessa Sacratíssima Virgem, que tão cheia a achais de graça, amor e pureza, e de quem tanto vos agradastes que vos fizestes Filho seu? Logo quisestes que eu tivesse ali lugar? Logo foram lembradas as minhas misérias e necessidades? Logo decidistes remediá-las? Ó Pastor divino e verdadeiro amigo das vossas erradas ovelhas, que vindes buscar e remediar pecadores e não justos, pois a natureza humana não tem colheita sua própria.

Essa alma da Virgem Santíssima não perdeu a sua pureza, porque para tudo tendes largueza e bondade infinita. E ela também, dos frutos destas misericórdias, é quem é. Mas Vós, que sois amor e sois divino, não sois particular nem proprietário, antes vos dais a todos, e totalmente a cada um. Tão perto me tínheis ali, e presente ao vosso amor e conhecimento, como a alma da Virgem, a quem estaveis unido por amor. Oh divino amor, quanto te devo! Pois, quando isto creio e vejo, não fica em mim nada que não se inflame no teu amor. Oh frieza, oh dureza minha! Derretei-a, Senhor, com o vosso divino abraço, pois todo o bem que tenho me veio desse amor que me mostrais. Porque, quando aceitastes padecer por mim todos os trabalhos que o vosso Pai vos apresentou nesta primeira hora da vossa vinda, logo com esse amor, com essa humilde obediência, com essa perfeita resignação à vontade do vosso Eterno Pai, com essa pena e aflição que a vossa humanidade aí padeceu, me merecestes abundantemente perdão dos meus pecados, luz para as minhas trevas, remissão das minhas penas eternas, transformação das penas temporais em merecimento de graça e glória, a fé, a esperança e a caridade que me destes, a glória que me prometestes, vitória

sobre os meus inimigos e perfeita redenção de todos os meus males e cativeiros da alma. Logo me enchestes de bens, logo realizastes plenamente a obra para a qual viestes, e se mais nada me désseis, ficaria plenamente satisfeito e remediado. Pois, amor divino, se isto basta para mim, porque não basta para o vosso amor? Oh Deus de amor, quem não te ama, não te entende nem sabe procurar-te!

O que se conhece bem não cansa, mas deseja-se e continua-se; e, porque a coisa de que mais gostais é o bem que fazeis, vos soube tão bem esta tão larga, rica e abundante comunicação de Vós e entrega dos vossos bens, que não quisestes voltar ao Céu apenas com isto feito, mas aumentou-se tanto a vossa fome, desejo e prazer (se assim posso dizer), que quisestes saciar-vos e fartar-vos em fazer-me mercês e misericórdias durante trinta e três anos. Oh, oh, oh amor! Cale-se a língua e o entendimento, dilatai-vos por toda esta alma, para que ela não seja tão mimada e dura na sua frieza que impeça as vossas soberanas obras em mim. Abraçai-me, alargai-me, fortalecei-me, até vos amar muito, até vos possuir muito. Porque me contentarei eu com pouco, diante de um tão grande amor, tão faminto do meu bem e de fazer muito por mim? Que direi, amor divino? A minha miséria e frieza confundem-me, mas nesta hora entrego-me todo quanto posso: força tendes para fazer em mim o que fazeis em Vós. Toda a vida, toda a alma, todas as forças, todos os acontecimentos e todas as minhas coisas vos entrego. De tudo, e de mim, em mim fazei o que quiserdes, e não permitais que eu queira nunca outra coisa. A Vós só quero, e a mim só para Vós me quero: dai-me uma fome de Vós, como a tendes de mim, para que sempre vos ame e sempre deseje amar-vos.

Oh Mãe de Deus, Virgem puríssima e santíssima, tesoureira destas misericórdias, amai por mim este Senhor que em vós me dá tantos bens. E pois conheceis melhor do que todos o peso destas obrigações, alcançai-me perdão do passado, e cativai-me e prendei-me a este Senhor, agora e em toda a hora, e por toda a vida. Oh corte celestial, que sois frutos desta nova e divina planta de Deus humanado e abrasado no amor dos homens, louvai-o e amai-o por mim, e com esse fogo em que ardeis, abrasai-me para sempre. Ámen.

TRABALHO 1I

Ó aperto e miséria do lugar em que andou nove meses

Foi o Filho de Deus tão solícito em procurar modos de sofrer, que nos deixou fortemente obrigados a sermos muito atentos a todas as particularidades das suas obras, para sabermos agradecê-las e imitá-las. E assim, o seu amor fê-lo inventar um novo género de sofrimento, que só Ele poderia padecer: o sentimento do aperto e da miséria do lugar em que esteve durante nove meses.

E Cristo, nosso Senhor, não quis que nenhuma coisa lhe aliviasse esse sofrimento, nem que lhe faltasse qualquer coisa que pudesse torná-lo ainda mais pesado. Da parte da divindade — à qual aquela sacratíssima humanidade estava unida — não teve qualquer alívio: pois, ainda que a alma de Cristo, por essa união, visse a Deus e fosse bem-aventurada (e por natureza, as almas bem-aventuradas glorificam os seus corpos), todavia, porque o Filho de Deus se fez homem para sofrer, operou em si mesmo este milagre: reteve a glória da sua alma para que não chegasse ao corpo, a fim de que a sua humanidade corporal permanecesse, em tudo, tão capaz de sofrer como qualquer outra.

Por isso, a divindade unida à humanidade ajudava e fortalecia essa humanidade para que ela pudesse suportar muitos sofrimentos, e sofrer muito mais do que poderia se não fosse ajudada por essa união — mas sem lhe dar qualquer alívio que tornasse o sofrimento menos sentido.

Da parte da Virgem Santíssima, em cujo sacratíssimo ventre andou, também não quis o Filho de Deus tomar qualquer alívio que tornasse o sofrimento fisicamente mais leve. Porque, ainda que a puríssima alma da Virgem fosse para Ele um verdadeiro paraíso de delícias — mais suave que o paraíso terrestre o foi para Adão — isso acontecia espiritualmente, por muitos bens espirituais que o Senhor comunicava àquela santíssima alma, e pelo amor perfeitíssimo que ardia entre a Mãe e o Filho, com que o Senhor amava a Virgem, e era amado por aquele seu puríssimo espírito.

Mas, como ser Mãe de Deus não tirava à Santíssima Virgem a sua natureza humana, o seu puríssimo ventre não deixou de ter as qualidades naturais e ordinárias. E ainda que, por ser obra divina do Espírito Santo, a sua gravidez estivesse livre do peso, das fraquezas e outras misérias comuns às demais mulheres grávidas, nas outras baixezas humanas — que não contrariam a sua santidade e virginal pureza — foi igual a todos os filhos de Adão.

Porque o Filho de Deus feito homem quis, em tudo, parecer-se connosco, filhos de Adão, submeteu-se a todas as nossas misérias — exceto àquelas que implicariam, necessariamente, algum sinal de pecado.

Na sua santíssima humanidade, nada houve que aliviasse os sofrimentos — pois, desde o início, aceitou tudo quanto era próprio da natureza humana, exceto o pecado.

A sua conceção santíssima não foi obra humana, mas divina — e, por isso, logo no primeiro instante, foi perfeita e acabada. Desde então, o Espírito Santo formou no seio de Maria o corpo de Cristo nosso Senhor, na menor dimensão possível em que a natureza humana pode existir com vida e alma — mas, ao mesmo tempo, tão perfeitamente formado em todos os seus membros naturais, como nunca foi outro corpo humano.

E quanto à alma de Cristo, foi criada plena de graça e de sabedoria, de forma tão elevada que superava todas as criaturas humanas e angélicas. Era uma alma tão perfeita e santa que estava apta, desde o início, para unir-se à divindade do Filho de Deus, servindo de instrumento puríssimo para todas as suas obras divinas, que haveria de realizar no mundo e na redenção do género humano.

Esta graça e sabedoria estavam em Cristo num grau tão elevado que não podiam crescer, pois Ele era, no ventre de sua Mãe, o mesmo que era subindo ao Céu e sentado à direita do Pai. E crescer em graça e sabedoria seria adquirir o que lhe faltava — o que seria tão impróprio para Ele no ventre da sua Mãe, como o seria à direita do Pai.

Daqui se entende que todas as outras criaturas humanas não sentem os sofrimentos do ventre materno porque nosso Criador, que em tudo usa de

bondade e piedade com os filhos de Adão, suspende nelas o uso da razão durante os nove meses, para que a natureza faça a sua obra sem consciência de dor, e para que as crianças não comecem a vida sentindo sofrimento.

Mas o Filho de Deus humanado, que escolheu como principal forma de mostrar o seu amor sofrendo muito por nós, não quis fazer uso dessa natural dispensa e alívio. Pelo contrário, como Criador do próprio lugar onde estava, sofreu durante os nove meses as misérias da sustentação, a escuridão do lugar, a vizinhança e o contacto com as entranhas humanas. E se cada um de nós refletir em si mesmo o tamanho desse sofrimento — se Deus nos obrigasse a voltar ao ventre de nossa mãe com o entendimento que hoje temos — e se pensarmos quanto mais leve nos pareceria sofrer tudo o mais da vida de um homem para evitar esse estado, por aí se poderá começar a compreender quanto custou a Cristo passar esses nove meses com muito maior entendimento e juízo mais perfeito do que qualquer outro homem

Nicodemos ficou pasmado quando Cristo lhe disse que, sem tornar a nascer, ninguém se podia salvar (referindo-se ao nascimento espiritual pelo batismo). Porque, não compreendendo isto de forma tão espiritual, achou pesadíssima e impossível a obrigação de voltar, já sendo homem entendido e experimentado nas coisas da vida, às misérias de um menino no ventre da mãe, para renascer.

Por isso, o nosso Padre Santo Agostinho, no seu cântico que compôs com Santo Ambrósio no dia do seu batismo, exalta esta verdade com palavras muito fortes, dizendo a Cristo, nosso Senhor: «Tu, para tomares e livrares a nossa humanidade, não tiveste repugnância do ventre da Virgem.» E até a palavra latina *horruisti* diz mais, pois significa sentir repulsa, afastar-se com asco de algo muito impuro. Mas deste lugar (o ventre da Virgem), nosso Senhor não teve repugnância — antes o suportou com amor e com o mesmo sofrimento com que padeceu todas as outras penas da sua vida, durante nove meses. Quase que, por assim dizer, "cantando" meses de pena pelas horas de prazer que Adão teve no paraíso terrestre e que perdeu por causa do seu pecado.

Deus criou o homem para viver com prazeres espirituais e sem trabalhos corporais, no paraíso das delícias, onde teria permanecido, talvez, das oito horas da manhã em que foi criado até às cinco da tarde, quando porventura

dele foi lançado. E o Filho de Deus, que buscava para si um paraíso nas almas, não quis um paraíso corporal na terra, mas quis viver os primeiros nove meses num dos lugares mais baixos e miseráveis da terra, que é o ventre humano. E não só não quis abreviar o prazo dos nove meses, mas, se as outras crianças passam os primeiros quarenta dias sem vida e sem alma humana, ele quis viver esses dias com vantagem, fora da ordem da natureza, para nos livrar da pena.

Assim como o santo Job mostrou ainda mais amor a Deus quando, tendo passado de uma vida próspera para um monturo, perseverou na sua fidelidade, assim também o Filho de Deus, para que ninguém pudesse excedê-Lo em demonstrações de amor, não Se contentou em nascer num lugar humilde — mas quis, por assim dizer, cair do Céu sobre esse mesmo lugar, e nele formar o seu corpo ao longo de tantos meses, sofrendo, penando e amando.

Com isto, o Senhor adaptou-Se ao nosso modo de compreender a amizade, pois, para nós, os sinais mais seguros de amor são o sofrer muito por um amigo — e tanto mais quando esse amigo é indigno.

Por isso, o Filho de Deus, sem levar em conta o quanto O desmerecíamos, quis, em todas as horas da sua vida, e por muitos modos de sofrer, mostrar a perfeição da amizade que tem por nós.

E fê-lo para que os homens, tão naturalmente inclinados à sociabilidade e ao desejo de amigos, não estimassem nenhuma amizade mais do que a d'Ele, nem procurassem outra convivência mais desejável do que a sua. Assim, o Filho de Deus manifestou esta sua afeição, humilhando-Se até ao mais profundo, por amor de nós.

Porque o amor, diz o nosso Padre Santo Agostinho, não conhece o que é majestade. A majestade causa temor, mas o amor acolhe; a majestade tira a ousadia da conversação, mas o amor nela é confiantíssimo; a majestade afasta os pequenos, mas o amor iguala os amados. Por isso, a baixeza da nossa miséria mal se atreveria a conversar com a bondade divina, se esta não usasse de invenções para esconder a sua majestade. Foi por isso que Deus deu tanto valor às nossas baixezas, para tomar posse delas, que parece que das suas grandezas divinas — que lhe são mais próprias — não fazia

caso. Daqui se entende claramente o quão pouco caso Deus faz das pessoas que fazem muito caso de si mesmas. "Deus é alto", diz o nosso Padre Santo Agostinho, "mas se te humilhas, Ele se aproxima de ti; e se te exaltas, Ele se afasta de ti."

É verdade que, às vezes, é necessário disfarçar ou esconder a humildade e o desprezo de si mesmo que o cristão deve ter — por respeito aos cargos, funções, dignidades, ou por causa de certas circunstâncias.

Mas diante de Deus, no íntimo da alma, não há sinal mais seguro de quão longe ou perto alguém está do Senhor e do seu amor do que o quanto verdadeiramente se considera pequeno diante d'Ele.

Contudo, como nisso pode haver muitos enganos — pois alguém pode julgar-se humilde, enquanto na verdade abriga em si uma soberba secreta — é necessário haver um sinal que revele a verdade:

Se as coisas que o humilham são mais agradáveis e doces para a alma, se seu coração e seus desejos se inclinam espontaneamente para elas, por um profundo reconhecimento da sua própria baixeza e por um santo ódio de si mesmo; e se, ao contrário, as coisas que o exaltam lhe causam receio e temor de desagradar a Deus — então parece que a alma está bem enraizada.

Porque mesmo que essa pessoa, por exigência da glória de Deus, pelo bem das almas ou pelas obrigações do seu cargo, tenha de mostrar autoridade e valor, o seu espírito, ainda assim, permanecerá diante de Deus escondido e aniquilado.

Mas, se o louvor e a honra arrastam o seu coração consigo; e se, ao contrário, o desprezo e a afronta o deixam triste, descontente, cheio de pensamentos, aborrecido, indignado e dado a muitos raciocínios — como a natureza costuma reagir nestes casos — seja pelos méritos que julga ter, pelas qualidades que reconhece em si, ou por qualquer outro motivo que inquieta a alma, então entenda que precisa chorar diante de Deus e suplicar-Lhe o espírito de humildade.

Reconheça que, se lhe faltam as influências do Espírito de Deus e do seu amor, é porque também lhe falta a disposição necessária para o amor

puro — que é a humildade simples e verdadeira.

E deve, portanto, decidir-se por este Senhor, sem esperar que Ele aceite o seu amor por outros meios que não aqueles mesmos pelos quais nos mostrou o quanto nos ama.

Não deixe aqui, por esquecimento, de considerar o quão claramente nosso Senhor mostrou que a sua maior alegria é estar muito perto, muito unido às almas que tanto ama — ou, melhor dizendo, estar muito dentro delas. Pois é tão amigo das entranhas humanas que não fez para si outro paraíso terrestre (como fez para Adão), mas nas entranhas — tão vizinhas da alma — se fez homem.

E, subindo ao Céu, deixou-se no Santíssimo Sacramento como alimento, para que, por essa invenção, pudesse ser hospedado nas entranhas de todos quantos o amassem e desejassem.

É verdade o que diz São Paulo: que na terra e nas almas onde o pecado inundou tudo, a graça e o amor do Senhor transbordaram e alagaram ainda mais. Porque, como Deus criou os homens para os prazeres (espirituais), e não para os trabalhos, logo lhes deu o Paraíso terrestre como lugar de delícias, conforme sua intenção. E este paraíso, perdido pelo pecado, e lançado o género humano em penas e tormentos por justiça, o Senhor não quis mudar a sua intenção — mas restituiu aos homens o bem perdido, e compensou-lhes os males em que caíram, fazendo-se Ele mesmo o nosso Paraíso.

A luz e a glória do Céu, diz São João, é o Cordeiro de Deus. Ele é quem torna o Paraíso repleto de todos os bens — bens que Ele, em si mesmo, e consigo, traz onde quer que esteja. Por isso, foi Ele tão nosso amigo, que fez dos nossos interiores o seu Paraíso, mostrando que mais se agrada deles do que de todas as outras coisas. E, por essa invenção de amor, as almas que o amam vivem n’Ele um verdadeiro Paraíso — e, ainda que por pecados sejam dele lançadas, podem ter certeza de que, pela penitência e pelo amor, serão readmitidas.

Nesse Paraíso (Cristo), seremos sustentados com o fruto da vida, instruídos com a sabedoria eterna, abrasados com o fogo do amor divino e

enriquecidos com sublimes transformações.

Aquele que, com bons olhos e coração puro, contemplar essas maravilhas do amor de Deus, poderá com razão dizer com David: “O meu coração e a minha carne exultam no Deus vivo.”

A carne, porque se vê unida ao Verbo divino e, mais ainda, escolhida para ser morada desse Amigo celeste. E o coração, porque reconhece que já na terra pode saborear algo do próprio Paraíso.

E ainda que essa união com Cristo aqui na terra seja de modo diferente do que será na glória eterna, o penhor é do mesmo valor e dignidade, pois Cristo quis ser para nós não apenas sinal, mas penhor e antecipação do próprio Paraíso.

Exercício do lugar onde o Senhor permaneceu durante nove meses.

Quem poderá, Senhor meu, compreender os desígnios da vossa eterna sabedoria? Adoro-vos e glorifico-vos quanto posso, e desejo poder adorar-vos como merecem as maravilhosas obras que o vosso amor infinito realizou por mim.

Desejo, de todo o coração, amar-vos, servir-vos e entregar-me completamente a Vós, em todas as horas e momentos da minha vida — pois tudo é pouco diante da vossa bondade sem limites, com que tendes sido tão generoso comigo.

Vós, Filho do Deus vivo, que vindes do seio do Pai Eterno, em quem viveis e sois o Verbo eterno e divino, igual a Ele em divindade, majestade, poder, grandeza, bondade, sabedoria, glória e eternidade de bens — quisestes unir a Vós esta nossa pobre natureza humana, e não tivestes repugnância nem desprezo de passar nove meses nas entranhas humildes de uma criatura, num lugar tão pequeno, tão escondido, tão miserável.

Mesmo que a alma fosse santíssima, o vosso santíssimo ventre, ó Virgem, não deixava de ter as misérias e fragilidades naturais comuns a todas as criaturas humanas. E nisso, ó meu Deus, só me resta admirar,

adorar e amar a grandeza da vossa infinita bondade e amor, que por mim tanto vos humilhastes.

Até nisso quisestes sofrer, ó Deus e Senhor meu, o que nenhuma outra criança sofre. Pois Vós, que sois o nosso Criador, medistes com misericórdia os sofrimentos que dais às criaturas — e bem sabeis quão grande tormento seria para uma alma racional viver encerrada no ventre da mãe, com perfeito uso da razão, sentindo a escuridão, o aperto, e a miséria daquele lugar, que nem mesmo se pode descrever sem repulsa. E ainda assim, ali quisestes passar nove meses por amor a mim.

Tivestes compaixão de nós ao começarmos a vida com tanto sofrimento, e por isso limitastes o uso da razão, para que, ao nascer — e também nos primeiros tempos da infância, até que o corpo tivesse força para ações mais conscientes —, quase não entendêssemos nem sentíssemos. Nisso mostraste ser para nós um Pai brando, suave e cheio de piedade. Mas a Vós mesmo, ó eterna Beleza, tratastes com severidade e rigor.

Quisestes passar — só Vós, entre todos os homens — por todos os sofrimentos que eles mereceram, e também pelos seus pecados, abraçando aflições, angústias, escuridão e o peso de todas as misérias daquele lugar tão humilde, onde permanecestes por nove meses. Ali estivestes, cheio de sabedoria eterna e perfeitíssimo em todos os dons da graça, sem ter menos nem mais do que tendes agora.

Sede remido, louvado e glorificado, ó meu Deus, por tamanhas misericórdias! Ó vida da minha alma, como entrais em mim, Vós que sois amigo dos sofrimentos? Quanta engenhosidade e amor mostrais em buscar dores e trabalhos que ninguém, senão Vós, poderia suportar!

Em tudo quereis vencer a todos: em amar infinitamente, em humilhar-se muito, em padecer muito, e mostrar em tudo que esta alma não tem outro amigo, outro pai, outro verdadeiro refúgio senão Vós.

Por que não Vos amo, Deus meu, de todo o coração? Por que tenho por grande coisa aquilo que por amor a Vós padeço? Convosco não usais de peso nem medida, pois a medida do vosso padecer é o vosso amor; e comigo sois tão brando, dando-me sofrimentos pequenos, pela minha pouca

e miserável medida. E, todavia, Deus meu, eu me queixo e recuso passar por eles, e trabalho para me livrar deles! Oh, quanto pouco Vos amo e quanto deveria amar-Vos, ó Jesus, vida da minha alma e toda a minha segurança!

Muda, Senhor, a fraqueza desta carne em fortaleza e desejo de padecer muito por Vós. Ensina-me a odiá-la, pois que em Vós assim a rejeitastes desde a concepção até a Cruz. Tira de mim o amor a ela que me destrói e me faz perder todos os bens que me dais. Sujeitai-a Vós, Senhor, ao espírito, como Vós a quereis.

Mas, vida da minha alma, glória do Paraíso, bem-aventurança e riqueza soberana do Céu: como fizestes Adão, o primeiro homem, logo perfeito, e o colocastes no Paraíso de prazeres, sem todas essas misérias? E a Vós, reparador nosso e verdadeiro Pai, vos colocastes em tanto trabalho?

Não há para Vós algum Paraíso onde possais estar e nos levar a vosso convívio, fora dessas misérias em que andamos? Pois Vós, bondade infinita, não haveríeis de perder, como Adão perdeu, se nele estivésseis.

Ó conhecedor sapientíssimo das minhas necessidades! Ó piedosíssimo remediador delas! Ó divino mestre das minhas ignorâncias! Redentor e Médico prudentíssimo das minhas chagas!

Não mostrastes em Adão que o vosso desejo era não dar trabalho, mas prazer; conversar com os homens sem penas nem dores, criá-los em Paraíso como príncipes para se tornarem reis da glória?

Mas não há tanto bem para uma natureza tão fraca e baixa. E, já que em prazeres o primeiro pai se perdeu, cumpre-nos viver e ganhar com açoites e dores. Forçados pela necessidade e para termos remédio de saúde e salvação, nos trouxestes a esta escola de misérias e trabalhos, para que eles nos abatam a soberba e nos façam reconhecer a vossa obediência e o amor que nos tendes.

Aqui nos vindes buscar, Deus da minha alma; aqui nos vindes consolar; aqui nos vindes atribular connosco. E se me dais a mim um açoite, dais em Vós cem; se me trazes penas, carregais sobre Vós as minhas e as de todos,

além das vossas. De modo que o vosso Paraíso e os nossos prazeres são remediar-me, ensinar-me, curar-me, acompanhar-me e enriquecer-me convosco

Oh infinita misericórdia, corro e me confundo ao aparecer diante de Vós, quando me vejo e me comparo convosco! Oh, como sou filho do primeiro pecador, Adão! Sem estar no Paraíso, quero fazer da terra, que é lugar de lágrimas e trabalhos, o meu Paraíso. Assim amo as coisas da vida, assim me perco por elas, assim me levo todo o cuidado, o sentido e o gosto, como se fossem bens verdadeiros e eternos, e por elas me perco e vos nego, vida da minha alma!

Vós não quisestes ter nenhuma parte da vida sem imensos trabalhos, e eu, todas as horas da vida, queria ter contentamentos e gostos. Faço das criaturas miseráveis do meu Deus, pois o amor que só a Vós, Deus meu, devo, eu o tiro de Vós e dou a elas. E não contente com isso, sirvo os vossos inimigos, e tantos senhores reconheço nesta alma, quantos pecados contra Vós cometo.

Oh, horas desventuradas, tão perdidas e tão mal gastas, em tantas abominações e desventuras! Quantas Vós vedes e eu não ouso falar, mas a Vós, Deus meu, as apresento, a Vós as confesso. Curai-as, Senhor, tirai de mim o amor delas e do mundo, por vossa misericórdia. Reformai este interior tão perdido, recolhei-o todo convosco. Oh, quem nunca Vos ofendesse!

Seja, Senhor, para mim daqui por diante fel e vinagre tudo o que no mundo há, e sejam para mim prazeres humilhar-me e padecer convosco. Vencestes em Vos humilhar muito mais que todos, em padecer mais que todos. Vencei-me também em me humilhar, em me render todo ao Vosso serviço, em me dar o Vosso amor, em me mudar todo o gosto, todo o sabor, todo o sentido, todo o cuidado em Vós, meu bom Jesus.

Oh verdadeiro amigo da minha alma, como Vós pareceis todo convosco mesmo, formosíssimo, amorosíssimo e boníssimo Jesus, formoso em vossos começos, formoso nos meios e nos fins. Todo um, todo suave, todo cheio de misericórdias e amor. Não quisestes, meu Senhor, estranhar no mundo o lugar das humanas entranhas nove meses, porque cresceis quando me

dissestes que Vos havia de comer, para Vos ter nas minhas. Para as minhas, Deus meu, Vos acostumais aí, e com isso me fazeis crer que também quereis que Vos traga nelas. Nessas Vos fazeis homem para poderdes fazer manjar e pão divino, para entrares nas minhas.

Que é isto, Deus meu? Não só na terra quereis humanas entranhas, mas também depois de estar no Céu as desejais? Tão dentro quereis estar de mim, tão pegado ao meu interior dentro deste peito corporal, e muito mais dentro desta alma, que para Vós criastes! Oh, como é verdade que os Vossos prazeres e paraíso é estar com os filhos dos homens.

Que achastes, Senhor, em mim, para fazerdes tanto só para estar comigo? Toda a vossa riqueza tendes convosco — então, o que vedes em mim, para não vos contentardes em estar só convosco e ainda quererdes a mim, cheio de misérias e pecados? Vós sois o Paraíso, cheio de todos os bens — o que quereis das minhas misérias? Como posso eu ser o paraíso daquele que é o Paraíso, cheio de infinitos bens? Oh, se me désseis, Senhor, a vossa luz para vos entender, e o vosso amor para vos abraçar e me apegar a Vós!

Porque Vós, bom Jesus, sois o verdadeiro Paraíso — por isso quereis estar comigo, e mostrar em mim as vossas virtudes, para que, estando eu em Vós, esteja também no Paraíso, recebendo de Vós os verdadeiros frutos da vida, da sabedoria e do amor, comunicando-vos todo a mim e fazendo esta alma participar das vossas suavidades e riquezas.

Oh meu Deus, e todo o meu bem, dai-me que me alegre em Vós sobre todas as coisas: mais do que em toda a saúde, mais do que em toda a beleza, mais do que em toda a glória, mais do que em toda a honra, poder, riquezas, artes, prazeres, fama e louvor, e mais do que em toda a suavidade e consolação — mais do que em tudo quanto me podeis dar, visível ou invisível!

Tu és bom acima de tudo, tu és o único Altíssimo, belíssimo, amorosíssimo, gloriosíssimo, nobilíssimo. Tu és o verdadeiro Paraíso de todos os bens e prazeres — e sem ti, até o paraíso seria exílio. O meu coração não pode encontrar verdadeiro descanso senão em ti; e porque tu sabes disso, inventas tantos modos para estares em mim, para que, assim, eu

também esteja em ti. E já que eu não te procuro, tu me procuras; tu vens a mim e me ameaças com a morte, se eu não quiser estar em ti.

Ó Esposo da minha alma, Jesus, amor puríssimo, quando me verei livre de mim mesmo, para estar todo em ti? Quando chegará aquela ditosa hora em que eu me ocuparei todo de ti e verei quão doce és, ó meu Deus? Quando me recolherei todo em ti, a ponto de não me sentir mais a mim mesmo, possuído inteiramente pelo teu amor? Oh, quantas coisas me fazem gemer, porque me afastam de ti, me perturbam, entristecem, escurecem, distraem, afogam, e me impedem de entrar livremente em ti e de gozar os teus doces abraços!

Ó Jesus, resplendor da glória, consolação da alma peregrina, aqui estou diante de ti — miserável, que nem sei falar. Mas as minhas necessidades falam ao teu dulcíssimo amor, que aqui a este encontro te trouxe e que estão clamando por mim. Ouve, Senhor, e não tardes em vir a este teu servo indigno e pobre, e alegra-me com o paraíso dos teus bens: tu és a minha alegria, e sem ti não posso estar verdadeiramente contente.

Miserável sou, Senhor, e estou prisioneiro da minha cegueira e culpa, até que tu me mostres o teu doce rosto, e com ele me livres de mim mesmo. Que os outros busquem o que quiserem, mas a mim nenhuma coisa me satisfaz nem me agrada, senão tu, ó Deus meu, amor da minha alma, minha esperança e minha salvação.

Vem, Senhor, já a mim — e se tanto desejas estar comigo, eis-me aqui! Aparece, doce Jesus, a este coração, e diz-lhe: "Eu sou a tua salvação." Abraça-te comigo e em mim, e transforma-me por completo.

Ó meu amor, minha glória, minha suavidade!

Ó Mãe de Deus, sacratíssima Virgem puríssima, e riquíssima de Deus, que mereceste por tantos meses ser a tesoureira dos bens divinos — não tens esse tesouro só para ti: guardas esse bem para mim, criaste-o por mim, por mim te foi entregue. Sede, Senhora, generosa comigo: dai-me esse Senhor, prendei-me todo a Ele, e desapegai de mim tudo o que me afasta d’Ele. E já que Ele não rejeita entranhas humanas a não ser por causa das culpas, purificai-me, para que eu mereça sempre tê-Lo dentro de mim.

Ó cidadãos celestes, em quem este Senhor já reina e vive sem impedimento, e em quem já viveis seguros n'Ele — alcançai a este miserável uma centelha desse fogo que vos abraza, para que em mim se acenda até tornar-me digno de vossa doce companhia. Amém

TRABALHO III

Ter nove meses represada a força do seu amor.

Guerrico, Abade, apontou num sermão um sofrimento especial que o nosso Senhor suportou durante os nove meses em que permaneceu no ventre da santíssima Virgem Maria — um sofrimento muito próprio e natural do imenso fogo de amor que sempre ardia em seu coração divino. Esse sofrimento consistia em reprimir e conter a força e a impetuosidade desse amor, que naquele momento ainda não podia manifestar-se plenamente, nem realizar as obras para as quais o Verbo tinha vindo ao mundo.

O amor tem, por natureza, o fogo — o mais ativo e poderoso dos elementos. Por isso mesmo, Deus é chamado nas Escrituras de “fogo consumidor”, por causa das obras de amor que realizou e continua a realizar. Obras estas tão elevadas, tão acima da compreensão humana, que, se não tivessem origem no seu infinito amor, pareceriam totalmente desproporcionais à majestade de um Deus.

No amor divino cabem, com toda a propriedade, todos os nomes ligados ao poder e à grandeza: forte, poderoso, invencível, furioso, inflamador, transformador — e todos os demais desta natureza. Pois esse fogo eterno, soberano e ardentíssimo, do qual procedem tais obras, manifesta tanto em Deus quanto nas criaturas o quão próprias lhe são essas perfeições e virtudes.

Tal como o fogo, quando encontra uma matéria mais dura, mostra com mais força a sua fúria, assim também o amor — ao inflamar-se na grandeza e majestade do coração divino — arde com uma intensidade que a mente humana não consegue compreender. Era esse fogo que ardia no Verbo divino encarnado, já no ventre da sua santíssima Mãe. Ali estava, à espera do tempo e do ritmo da natureza, para depois surgir e manifestar-se em obras divinas, em ensinamentos soberanos, em sofrimentos imensos, em rios vastos de misericórdia. Ele ardia por realizar logo as suas obras, mas

era preciso permanecer escondido, em silêncio, e esperar — durante meses e anos — o momento determinado pelo seu eterno plano.

Por isso, a fúria e a força deste amor contido voltavam-se contra o próprio Senhor, afligiam-no, atormentavam-no, consumiam-no. Porque, se é verdade — como é — o que diz a Sagrada Escritura e confirma a experiência, que “a esperança adiada aflige a alma” (cf. Provérbios 13,12), e quanto maior for o bem esperado, maior é a dor da espera, imagina só como não teria sofrido este Senhor com a lentidão com que a natureza avançava até formar-lhe um corpo — corpo no qual manifestaria os desejos do seu coração, nas muitas graças que nos iria conceder, e nas grandes dores que decidiu sofrer, para satisfazer à intensidade do seu amor.

O nosso Pai, Santo Agostinho, disse algo que reforça muito esta verdade: Se Deus pudesse sofrer, nada mais o atormentaria além das angústias do seu amor. Ele diz isto para mostrar o quanto Deus se entristece quando as pessoas não Lhe dão o seu amor. Assim, percebe-se que um Deus tão amoroso — que é o próprio Amor — não sofreria dores, angústias ou agonias maiores (se isso fosse possível) do que não ser amado, mesmo depois de ter feito tanto para o ser, vendo os seus esforços, cuidados e sofrimentos rejeitados por almas frias e indiferentes. Com este espírito e esta compreensão do inflamado Santo Agostinho — tão experiente nos excessos do amor divino — entende-se que, se já era sofrimento para Deus amar muito e não ser amado, ainda mais o seria amar intensamente e não conseguir mostrar o quanto ama.

Essas angústias que Deus, na sua divindade, não podia sofrer, Ele suportou na sua humanidade. Porque, ao assumir a natureza humana como meio para mostrar o seu amor infinito, todo o tempo em que teve de esperar e conter a fúria desse amor que desejava explodir causava-lhe um grande sofrimento. Esta verdade tornou-se clara quando chegou o tempo em que Deus pôde deixar o seu amor livre: então, fez da sua humanidade um verdadeiro alimento e encontrou nela tantas formas e maneiras de sofrer que primeiro esgotou toda a capacidade e força da natureza humana antes de esgotar a fúria do seu amor em se manifestar através dela. E assim, parece que, sentindo o Senhor que a sua humanidade já não podia sofrer tanto quanto o seu amor ainda queria agir, antes mesmo de morrer, encontrou

uma nova solução: quis deixar-se como alimento na terra, para que por meio dele (na Eucaristia) continuasse a agir nas almas e nas vidas daqueles que o recebem, fazendo aquilo que a fraqueza da sua humanidade já não podia fazer diretamente.

E mandou abrir o lado do seu corpo morto na Cruz para que, por essa ferida, e pelas mãos e pés abertos, subisse ao Céu: como satisfação ao desejo do seu amor, como sinal de que nada deixava por fazer, e como fonte aberta para tudo o que ainda deseja realizar

Duas coisas há na terra que, pela experiência, testemunham estas puras verdades de Cristo: o amor santo dos justos, e o amor terreno dos mundanos.

O amor puro e perfeito dos justos, que é apenas uma faísca comunicada do incompreensível forno do amor divino — no qual ardia Cristo, nosso Senhor — realiza neles muitas operações semelhantes às que Ele mesmo viveu; pois esse amor os atormenta continuamente e os faz viver em permanente sofrimento espiritual. Eles sofrem porque não vêem Aquele que amam, sofrem porque se prolonga o seu degredo (exílio neste mundo), por causa do peso e da limitação da carne. Sofrem também porque a prisão do corpo os impede de corresponder plenamente a tudo quanto Deus lhes pede. Vê-se, assim, que esses justos perdem o gosto pelos sentidos, o sono, a fome, o repouso corporal, muitas vezes. Pois o amor divino exige tanto deles, que não lhes deixa nada que não deseje ocupar para si.

Tudo o que fazem lhes parece pouco; ardem por arder em tudo. Mas como a alma está presa no cárcere do corpo, não é suficientemente livre para tudo o que o espírito deseja, e por isso vivem sempre em dor e pena. E bem se percebe quanto isso lhes custa, porque na maioria das vezes, aqueles que chegam a esse estado andam fracos, debilitados, com a compleição física desgastada. As particularidades e segredos dessa experiência não são para este lugar, nem para todas as pessoas. Somente os que o experimentam sabem quanto esse amor atormenta e crucifica as almas que mais possui. E esses mesmos sabem como é difícil exprimir com palavras a alegria e a paz em que vivem, mesmo estando misturadas com penas e tormentos — e como precisam de muito mais paciência para suportar a vida e o peso da carne, do que para enfrentar os próprios trabalhos do mundo.

São Paulo disse algo disso quando se chamava “desventurado”, por não conseguir levar o peso da carne até tudo quanto o seu espírito lhe pedia. E também, quando se via tão preso a Cristo, que só n’Ele vivia, dizia que o maior ganho da vida seria terminá-la. E quando David consolava a tristeza da sua alma com a esperança de se ocupar sempre em louvar o Senhor, e se alimentava de lágrimas, e quando todo o seu ser, interior e exterior, de dia e de noite, o atormentava, perguntando-lhe por seu Deus, e onde estava Aquele que amava — e não O via — bem se via quanto mais doíam essas penas de amor de Deus do que os trabalhos e sofrimentos que passara na vida. Pois se tanto custa aos santos não poderem, mesmo com uma faísca do amor divino, viver livremente o que o amor pede — e se, por isso, a vida nesta carne mortal lhes é um peso, e o degredo lhes é insuportável — que não faria aquele imenso fogo de amor no peito de Cristo, no tempo em que precisava esperar o momento certo para realizar o que queria?

Do amor natural ou terreno, ninguém deixa de experimentar com quanta fúria corre ao que ama. Desse amor nasce: a tristeza pela ausência, a esperança de ver o amado, o prazer de o possuir, o medo de o perder, e a dor de tê-lo perdido.

Esse amor não considera a qualidade daquilo que ama, se é bom ou mau. Basta que o coração se tenha afeiçoado: todo o esforço parece pequeno para alcançar o amado. Tudo o que o impede é visto como injusto, por mais justo que seja; tudo o que ajuda é visto como bom. E sem mais razão além do afeto, o homem passa por tudo, rompe tudo, comete tudo, e só sente não alcançar o que deseja.

Vemos, muitas vezes, que nas coisas que o juízo livre e claro mais condena, é nelas que o coração mais se apega, tornando-se duro e insensível a qualquer remédio ou conselho. E nota-se ainda maior fúria nesse afeto, quando a pessoa, tocada por alguma luz de Deus, deseja desapegar-se do que amou mal, para apegar-se a Deus de todo o coração.

Nessa hora, o coração mal acostumado se revolta, rompe todas as correntes e cadeias, esperneia, e se lança contra a verdade e contra Deus, mais do que uma besta brava.

Deixo de lado os detalhes, pois a experiência diária os mostra claramente. Basta dizer que os trabalhos e as angústias da vida humana têm raiz nessa afeição do coração, porque: ou ama mais do que pode alcançar, ou os sentidos, interiores e exteriores, não encontram descanso naquilo que desejam e possuem, ou, finalmente, porque o afeto e o amor são maiores do que as coisas amadas, e os corações ardem com desejos desordenados e sofrem de mágoa constante.

Para que se cumpra a justa lei que Deus estabeleceu contra os que não O amam: que todo o coração desordenado seja, por si mesmo, o seu próprio castigo. Pois se tantas agonias causa um amor terreno (que, embora não seja uma faísca do amor divino, ainda traz uns riscos e manchas que dão alguma semelhança ao verdadeiro amor — como um fogo pintado em comparação com o fogo vivo)... — que operações não faria o fogo vivo e puro do amor, na própria esfera de onde nasce — ou seja, no divino peito de Cristo — durante o tempo em que foi forçado a conter-se e a esperar para realizar o que tanto desejava?

Refletindo novamente sobre isto, é grande a confusão para um cristão quando se vê ao espelho deste amor. Porque, se tiver os olhos abertos e se comparar com o amor divino de Cristo, verá quão bem se expressou o nosso Santo Padre Agostinho ao dizer, a respeito do tempo em que andava sem amor de Deus, que se via numa “região de dessemelhança” . Pois assim como toda a nobreza da alma consiste em assemelhar-se a quem a criou — tanto nas suas perfeições como nas suas ações —, aquele que, como o filho pródigo e desorientado, foge dessa região de semelhança com Deus, onde mais se poderá encontrar senão numa outra muito afastada, cheia de confusão e desordem, onde nada veja que se pareça com a pureza do seu Criador? E se a cegueira da alma for tão grande que não saiba compreender o amor de Deus para, por aí, entender a si mesmo — poderá, ao menos, ver-se em si próprio, se quiser, e reconhecer quão longe está desse amor. Porque nas suas afeições terrenas, no esforço que faz para as satisfazer, na frustração por não as alcançar, na fúria com que as persegue, na ocupação constante com essas coisas — e em tudo o mais que aí descobrir — verá quanto está preso a si mesmo, quão esquecido de Deus e da salvação, quão pouco, ou mesmo nada, faz por amor daquele Senhor de quem vive, e a quem deve tudo o que tem e espera.

Exercício dos nove meses, nos quais o Senhor teve, represada a força do seu amor.

"Não podeis estar ocioso, ó fogo e amor divino! Quando parece que não fazeis nada, então é quando mais atormentais interiormente; porque, se não realizais as vossas obras, parece que nem se pode chamar-vos fogo e amor. Sois, meu bom Jesus, Deus de amor — puro fogo e puro amor divino. Todo ardeis, e não necessitais de outro algoz senão do vosso próprio amor. Que apertos são estes, nos quais o vosso amor me coloca, ó vida da minha alma? Descansai agora, alegrai-vos, pois há de chegar o tempo em que vos fartareis de padecer.

Ó verdadeiro amigo de minha alma, esta não é a vossa condição. Pois tudo o que muito se estima e se deseja, dilatar-se causa grande dor, cansaço e aflição. Estimais e desejais tanto fazer-me misericórdias, dar por mim o vosso sangue, morrer e padecer por mim, gastar-vos inteiramente por amor e para minha salvação, que enquanto isso vos tarda, ardeis, penais, suspirais e vos afligis.

Desejais revelar-vos ao mundo, e é necessário estar oculto; desejais ensinar as vossas verdades, e é forçoso calar-vos; desejais chamar e acolher os pecadores, curar os doentes, encher tudo com as vossas virtudes e graças, padecer e morrer pela humanidade — e, no entanto, é necessário, por agora, estar escondido e dissimulado.

Obedeceis por amor à ordem do Pai Eterno, e, obedecendo, desejais — e, desejando, sofreis com as demoras e vagar da natureza. Já que não podeis ainda agir nas obras que tendes para fazer, sofreis em ver-se adiado o propósito com que viestes ao mundo.

Oh, quão mal compreendido é, pelos amantes do mundo, este vosso modo de sofrer! Quem vos ama, vos entende.

Se os vossos servos, bom Jesus — aqueles a quem inflamais com o vosso puro amor — vivem sempre em dor por amor, ao verem a perdição do mundo, ao sentirem dilatado o exílio do desejo e da estima que arde neles por vossa glória e pelo bem do próximo; e se para eles é um contínuo martírio a fraqueza que sentem em si mesmos para corresponder ao que o

amor lhes exige, e o desejo de vos ter e possuir… que dor vos causaria, a Vós, Senhor meu, amar muito, desejar muito, esperar muito, ardendo nesse divino peito como num imenso forno de fogo puro e divino?

Se apenas as faíscas que saltam desse fogo nos corações dos vossos já produzem obras tão vivas, que não fará o fogo inteiro? Bendito, louvado e glorificado seja o vosso santo amor, ó Deus meu, Senhor da minha alma. E já que tanto sofrimento vos causa o vosso amor, ao esperar essas necessárias demoras das vossas obras, aqui tendes onde o empregar: aqui está esta minha alma diante de Vós, tão miserável e pecadora, que só do vosso amor espera o remédio.

Lançai, Senhor, os olhos sobre mim, e tende piedade da destruição que vedes cá dentro, e das chagas mortais desta vossa criatura.

Oh, quão longe estou do vosso amor, meu Deus! Os efeitos que o vosso amor fez em Vós para meu bem, o amor do mundo faz em mim para me afastar de Vós. Corro com furiosa afeição às coisas terrenas; entristeço-me se tardam, aflijo-me se não as tenho, fico desconsolado se não sucedem conforme a minha vontade. Espero-as com desejo, busco-as com cuidado, guardo-as com zelo, perco-as com dor — porque tudo me tem roubado, tudo me possuiu, tudo me apartou de Vós.

Oh miserável de mim! Ainda que reconheço isso, não me sinto inteiramente tocado: porque, meu Deus, se de fato sentisse, ter-me-ia rasgado em dor de ver quanto menos vos estimei — a Vós, minha glória e bem-aventurança — do que ao mundo, e quantas vezes vos deixei por meus gostos.

Ó amor divino, quanto te devo! O que seria de mim, se não fosses divino e infinito? Porque, sendo menos, não poderias suportar-me. Quantas vezes, meu Deus, entrastes nesta alma com os vossos dons e com desejo de nela conversar, e de enchê-la de bens — e, ao surgir algum desejo terreno, sem vergonha, sem respeito, vos expulsei, para dar entrada às minhas desventuradas afeições terrenas!

E quando me acho perdido, arruinado por essas afeições, e torno a Vós — logo vos encontro como Pai e Amigo, esquecido dos meus males: logo

me recebeis em vossa graça, logo abraçais a minha alma com amor, logo me inspirais conselhos santos, logo vos tornais presente no meu interior… e nem assim me dou todo a Vós!

A cada passo, volto a perder-vos, a lançar-vos fora de mim, a rejeitar-vos, a despedir-vos do meu coração por meus pecados — pecados que me dão mais prazer que Vós, já que por eles vos abandono!

Como vivo, meu Deus? Como posso estar diante de Vós confessando essas verdades dos meus males sem me desfazer em dor?

Ó misericórdia infinita, ó piedade imensa, ó bondade eterna! Com quanta razão já poderíeis ter-me lançado fora de Vós, lançado no inferno, entregue aos demónios! E sois tão infinita que calais, sofreis, esperais, e vos deixais afrontar e injuriar por mim, e ainda desejais que eu volte a vos amar e chamar — para logo me socorrer.

Oh, alma minha, como ficas quando de ti lanças o teu Deus? Ficas sem vida, sem juízo, sem luz, sem amor — entregue aos teus pecados e à vontade do demónio. Que digo, bom Jesus? Fico sem Vós, Deus meu, todo o meu bem, toda a minha esperança.

Oh pobre de mim! Oh desventurado de mim! Quando acabará esta desgraçada peregrinação, e vos verei — seguro de nunca mais vos perder, meu Deus?

Perdoai, Senhor! Perdoai, Jesus! Perdoai, Filho do Deus vivo! Perdoai, Cordeiro de Deus cheio de misericórdia, este estado miserável desta triste alma.

Derretei-me todo em dor e em sentimento dos meus males. Aqui os coloco, todos juntos, e a mim mesmo com eles, neste fogo que em vós arde. Curai, Senhor, estas chagas; mudai-me e transformai-me inteiramente conforme a vossa vontade. Aqui, ocupai-vos de mim; aqui, ardei em mim; aqui, realizai o desejo de cumprir as vossas obras.

Oh, quando me verei tão possuído pelo vosso amor, que possa dizer sinceramente: “Vós sois meu Deus, meu amor, meu Senhor, todo meu — e

eu todo vosso”?

Oh, quando não estimarei nem desejarei nada senão a Vós, minha vida bem-aventurada? Oh, quando me cansarão as coisas desta vida e me causarão repulsa, tanto quanto antes me agradaram e atraíram?

Oh, vida do meu coração, acendei agora mesmo na minha alma o desejo de vos possuir e amar! Acendei, Senhor, este fogo — que sempre arda, que nunca se apague — e que nas provações do verdadeiro amor, nunca falte

Oh meu fogo, oh meu suave amor, que quereis que eu faça por Vós? Converta-se contra mim tudo o que até agora amei fora de Vós; converta-se todo o meu coração a Vós.

Quero declarar guerra a tudo, menos convosco — convosco só quero paz e amizade. Renuncio a tudo por amor de Vós. Só a Vós quero; todo me rendo, todo me ofereço, todo me entrego.

Castigai-me, atribulai-me, crucificai-me — fazei de mim o que quiserdes, mas prendei-me, possuí-me, cativai-me para Vós, ó amor divino.

Ensinai-me, Senhor, a suportar o peso desta carne sem vos perder, nem vos ofender. Ensinai-me a sofrer muito por Vós. Ensinai-me a vos estimar como mereceis.

Só me seja dor perder-vos; só me seja lucro amar-vos. Que eu abomine tudo o que me afasta de Vós, e ame com afeição tudo o que me conduz a Vós.

Sede Vós o único amor da minha vida, o fim de todos os meus desejos e obras. A Vós eu busque, a Vós encontre, a Vós vá, a Vós chegue, só a Vós deseje, só a Vós possua para sempre.

E que tudo o que não sois Vós, desde agora, me cause enjoo.

Ponde, a minha vida, em Vós todo o meu pensamento e cuidado, desde esta hora para sempre. Seja meu único prazer sofrer muito por Vós, viver entregue a Vós, sujeito à vossa vontade. Esquecei, Senhor, os meus males

passados. Olhai agora para este desejo que me dais e que tenho de Vós. E, pois bem sabeis o quanto custa esperar o que tanto se deseja, não tardeis, meu bom Jesus, a vir a mim e tomar-me todo para Vós.

Vinde, Senhor, e com a vossa presença iluminai as trevas desta alma, e fazei com que nada me doa mais do que a vossa demora e a ausência de sentir que vos pertenço totalmente.

Oh amor divino, quando fareis em mim essas vossas obras? Oh amor! Não gasteis todo o vosso ardor apenas em atormentar esse Cordeiro; vinde também transformar este lobo feroz que sou — amansai-o, sujeitai-o a Vós, e levai-o sempre à vossa mão. Oh, oh, oh... quando me verei finalmente possuído por Vós, inteiramente transformado?

Que grande coisa é, ó Deus da minha alma, que eu deseje ocupar-me inteiramente em Vós, se fora de Vós tudo em mim se perde, e a Vós vejo totalmente ocupado comigo, sem tirar de mim outro proveito além do gosto de me amar e de me fazer o bem?

Porventura, bom Jesus, estivestes ocioso durante os nove meses no ventre da Virgem, ainda que não falásseis, nem vos mostrásseis, nem sofrêsseis visivelmente por mim, o que já então desejáveis?

Claro que não!

Todo aquele tempo, ó vida da minha alma, gastastes sentindo os meus males e oferecendo-vos ao vosso Eterno Pai por mim, para alcançar-me e merecer-me misericórdias e infinitos benefícios.

Ali já me tínheis presente, já me chamava o vosso amor à união convosco e ao vosso serviço. Cada gota de sangue que se formava em vosso corpo, cada alimento que tomáveis para sustentar aqueles tenros membros, cada crescimento em vossa estatura, renovava o vosso amor por mim, e de novo vos oferecíeis ao vosso eterno Pai, para, na cruz, vos entregardes completamente por mim.

Tivestes tantos novos desejos e delícias de fazer muito por mim, quantos momentos sustentáveis e acrescentáveis a vida e as forças dessa

natureza humana que por mim tomastes.

Que mais faríeis, ó Deus meu, por mim, se eu mesmo fosse o vosso Deus? Adoro essa vossa bondade. Adoro esse vosso cuidado para comigo. Adoro esse infinito amor: tão universal e tão detalhado, tão antigo e tão novo, tão eterno e tão continuamente renovado. Pasmo-me, ó meu amor! Nem sei como falar. Acendei Vós mesmo o vosso amor em mim, para que eu saiba sentir, agradecer e amar.

Vós a mim, Deus meu? Vós por mim? E não sois cego no que fazeis, nem vos move alguma afeição desordenada? Pois, Deus meu, Vós por mim? Ah! ah! — ó bondade! ó amor sem lei, sem regra, sem medida! Adoro-vos, louvo-vos, desejo-vos, por Vós suspiro. Vinde a mim — fazei em mim o que fazeis em Vós. Pois, se não quereis mais razão para tudo o que fazeis que o vosso amor, ensinai-me essa lei, essa razão, para que ela sozinha me governe em tudo. Que grande coisa faço eu em desejar-vos tanto, em amar-vos muito, em viver totalmente para Vós, em consumir-me inteiramente por Vós, se nada faço de graça, nem posso corresponder dignamente a tanto amor que vos devo?

Não posso ser o primeiro, pois Vós sempre começais. Prouvesse a Vós, Senhor, que eu ao menos fosse o segundo e respondesse a tanto amor com alguma faísca dele.

Mas Vós, amor divino, fareis tudo: e o que agora desejo, há de ser obra vossa.

Tirai de mim, Senhor, os impedimentos que vedes contra o vosso amor. Desfazei este muro de aço que está entre Vós e mim. O amor que tanto vos ocupa em mim, leve-vos a destruir tudo o que em mim vos desagrada.

Levai, Deus e Senhor meu, para Vós: todo o meu desejo, toda a minha esperança, todas as minhas forças, toda a minha alma, todo o meu tempo, todas as minhas obras e toda a minha vida.

Seja eu um instrumento vivo, sem nenhuma resistência, à vossa vontade. Quem me conhece senão Vós, Deus meu? Quem vê as minhas necessidades senão Vós, verdadeiro remédio para elas?

Diante de Vós estou tal qual me vedes. O que desejo nesta hora, só Vós o sabeis. Quão perfeitamente ou quão fracamente o desejo, só Vós o entendeis. Quanto vos dou, Vós o pesais. Quanta necessidade tenho de vosso amor, Vós, divino amor da minha alma, perfeitamente o penetrais.

Dai-me, meu amor, o que vedes que me é necessário. Preparai-me para receber o que me podeis dar. Sou vosso, e Vós sois meu. Fizestes-vos meu amor por mim.

Aqui estou entregue e rendido, quanto posso, com os olhos, com o desejo, com a esperança, com o coração, com a alma, com tudo aberto e suspirando por vós.

Quando vireis, e me saciareis, e me abrasareis todo em vós? Ó Deus meu, ó amor meu, ó vida minha, ó único desejo meu, ó suave Jesus meu!

Mãe de Deus, Virgem puríssima, quem poderá compreender o que recebestes nesses nove meses? Também aqui se cala a minha língua, e fala por mim o meu desejo.

Dai-mo, Senhor! Dai-mo, Senhora da vida! Dai-mo, minha esperança!

Nem sei nem quero pedir mais. Vós, que sabeis que só isso me basta, alcançai-me amor para saber desejá-lo por completo, e abraços interiores e puros para prendê-lo perpetuamente em mim.

Ó corte celestial, que amais e sois amada, e em quem está todo esse Bem, fazei que eu, miserável, não fique fora dele, mas que viva sempre amando — pois não vivo senão para ser daquele Senhor amado, que vive e reina em vós. Amém

TRABALHO 1V

Do duro tratamento que deu Cristo ao seu corpo logo ao nascer, e do seu nascimento

Chegada a hora em que o Verbo divino encarnado devia sair do sacratíssimo ventre da puríssima Virgem, nossa Senhora, e aparecer ao mundo, foi tão grande o seu alvoroço por se ver já a caminho — caminho este que tanto desejara — que David o comparou ao ânimo e esforço de um gigante para realizar alguma grande façanha.

E, vendo quanta frieza havia na terra para o receber, alvoroçou o Céu e mandou que descessem exércitos de Anjos a festejar a sua entrada na terra. E sem dúvida, se Ele soltasse todas as criaturas, como soltou quando morreu, elas teriam mostrado com novos excessos e alterações a alegria que merecia a vinda do Filho de Deus à terra — como mostraram tristeza na sua despedida e morte.

Mas, como a sua determinação era plantar na terra o espírito do Céu, e aparecer em figura e modo desapegado do amor às coisas terrenas, contentou-se apenas com as festas do Céu.

Mas por todo o género humano, a sacratíssima Virgem cumpriu ali, perfeitíssima, o ofício e o divino serviço ao Senhor: pois ela só foi escolhida para honrar a nossa desonrada natureza e para suprir todas as suas faltas.

Assim, ao chegar a hora do parto, ela a sentiu — não com dores e trabalhos como as demais mulheres, mas com tamanhos e tão novos excessos de inflamadas moções de amor interior, e com tamanhos júbilos e elevações da alma — que bem entendeu que havia chegado a hora desejada em que veria diante dos seus olhos, teria em seus braços, e junto ao seu peito virginal, o seu Filho unigénito, e de Deus, e se veria ao mesmo tempo virgem perpétua e mãe daquele que por ser Deus adorava.

E esta Senhora havia chegado à cidade de Belém naquele dia com seu esposo José, por mandado e decreto lançado por toda a Judeia, da parte do Imperador Romano, para que se reconhecesse a vassalagem e se pagasse, por si e por seu Filho, tributo ao Imperador.

Como a cidade era pequena e havia muita gente, porque todos os da casa de David se dirigiam para aquela cidade ao mesmo tempo, a Senhora não encontrou lugar para ficar, nem entre os moradores, nem nas estalagens. Foi necessário então que se recolhesse a um canto de uma estrebaria pública, onde havia manjedouras (que a Escritura chama presépio — o local onde os viajantes amarravam os seus cavalos para comer). Não se pense que a Senhora escolheu este lugar sem consideração, pois, como o Espírito Santo a ensinava e guiava, embora soubesse que a hora do parto estava próxima e que teria sido mais fácil não fazer pessoalmente o caminho desde a cidade de Nazaré até Belém, foi buscar o lugar que sabia ser o que Deus, que trazia no seu puríssimo ventre, tinha escolhido para nascer. Adaptou-se, como uma serva (mais do que como mãe) à vontade do Senhor que ia dar à luz, e não ao gosto que ela pudesse ter de estar noutro lugar muito diferente.

Estando a Senhora num canto daquela pobre e desabrigada estrebaria, ocupada numa oração muito intensa, o Verbo divino encarnado, sem que ela sentisse qualquer efeito corporal, pela sua própria e divina virtude, e deixando a sua sacratíssima Mãe íntegra e perpétua Virgem, à meia-noite em ponto — segundo foi revelado a São Bernardo — saiu do seu puríssimo ventre. Usou então o dom da subtileza dos corpos bem-aventurados e glorificados, que entram e saem onde querem, sem alterar nada àquilo por onde passam.

Sendo assim, o divino Verbo encarnado, Filho vivo de Deus, lançou-se ao chão sobre o esterco que havia na casa, diante dos olhos da Virgem sacratíssima, em corpo muito pequeno e formoso, com a figura e aparência semelhante a todas as outras crianças recém-nascidas.

No mesmo instante, a Senhora sentiu os seus seios cheios de leite por milagre celestial, e, prostrada em terra, adorou o seu Deus e Filho. Pegou-o nos seus puríssimos braços, cobriu-o com pobres panos de couro, aqueceu-o, deu-lhe de mamar, e deitou-o, para lhe fazer a vontade, no melhor lugar daquela estrebaria, que era uma manjedoura. Depois ficou ao seu lado,

guardando-o, adorando-o e maravilhando-se. O que ela sentiu naquele momento deixo à consideração dos devotos, porque nem a língua nem a pena podem descrever tamanhos excessos e ações de amor como ali houve.

Os exércitos dos Anjos cumpriram o seu dever, reconhecendo e adorando o Senhor feito homem, chamando os pastores para virem também, e cantando com cânticos celestiais “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade”. Essa palavra dos Anjos tem vários sentidos e significados profundos.

Num certo sentido, querem dizer que está acabada a divisão e guerra que o pecado tinha causado entre Deus e os homens — e que, a partir de agora, toda a boa vontade, todo o bom desejo, todo o amor dos corações humanos têm entrada livre no divino peito, pelas pazes que o Filho de Deus, agora nascido, fez e confirmou, para que nunca mais sejam desfeitas.

Querem também dizer, noutro sentido, que os homens podem já viver seguros da ira e da justiça divina, à sombra e proteção de tão grande mediador e protetor, como temos agora no Filho de Deus humanado. Pois por meio dele, a bondade divina achou razões e merecimentos mais que suficientes para, de boa vontade, nos receber novamente na sua graça, amizade e paz.

Nesse sentido, os Anjos querem dizer que a paz da boa vontade e liberalidade de Deus foi dada aos homens.

Outro sentido pode ser dado a estas palavras, muito apropriado ao amor que Deus neste dia mostra aos homens. Muitas vezes, na divina Escritura, os pecadores são chamados filhos da ira, filhos da perdição e filhos da morte, por estarem sujeitos e entregues a essas coisas por causa dos pecados.

Mas por Cristo, nosso Senhor, fomos adotados por Deus e já somos verdadeiramente seus filhos. E como isso não se deve aos nossos merecimentos, mas somente aos excessos do amor e da vontade que Deus nos demonstrou, dando-nos o seu Filho feito homem, os Anjos agora nos chamam homens e filhos daquela divina vontade e entranhas, já tão inclinadas para todo o nosso bem.

E por isso cantam que a paz seja dada aos homens, filhos daquela vontade e bondade paternal infinita — pois a paz é o princípio de todos os bens e a sua conservação.

Entre todos esses cânticos e alegrias angélicas, não nos esqueçamos do trabalho que nosso Senhor dá à sua humanidade, e como Ele logo a desengana, mostrando que não nasce para descanso. Dirigemos, pois, o nosso agradecimento a esse Senhor por estar tão atento ao nosso remédio e ao que nos convém, de tal modo que nem mesmo as festas celestiais são suficientes para lhe causar o menor esquecimento de nós.

O Senhor tinha ali os braços da sacratíssima Virgem, que Ele escolhera para o servirem e acolherem, braços já obrigados a isso por serem braços de mãe — e de tão excelsa Mãe! No entanto, ao sair de seu puríssimo e virginal ventre, Ele não se deita logo em seus braços, nem permite que Ela logo cumpra esse ofício materno. Ao contrário, por sua própria vontade, Ele se lança ao chão, escolhendo a terra como cama — a mesma que serve de leito aos bichos e animais.

E de tal maneira escolheu este tratamento para o seu corpo ao nascer, que o manteve por toda a sua vida, para que desde o seu nascimento até a sua morte pudesse dizer que lhe faltava o abrigo que têm as raposas e as aves, às quais não faltam os seus ninhos. A Ele, no entanto, faltava até mesmo uma pedra, ou um palmo de chão próprio, onde pudesse reclinar a sua cabeça — algo que até os animais possuem em comm.

E quis logo ao nascer parecer aquilo que David profetizou dele: que seria como um bicho, e não homem, e pareceria ser o próprio desprezo dos homens. Quem estima os animais que são criados sobre o esterco? Pois essa foi a conta que o Filho de Deus fez do seu próprio corpo: ao nascer, lançou-se no lugar onde os bichos se criam, sobre o esterco.

Isso não se pode julgar em Cristo como um mero acaso ou fraqueza de menino, pois Ele saiu do santíssimo ventre — onde esteve nove meses — pela sua própria virtude. Foi, sim, uma providência eterna. Ele mesmo, como Deus, Senhor e Governador do mundo, ordenou que acabassem os reis da linhagem de David na Judeia, e que os capitães e príncipes que os sucederam também deixassem de reinar, até que essa sucessão direta viesse

a terminar em Maria Santíssima, sua Mãe — pobre — e José, seu santo esposo, carpinteiro.

Assim, Ele quis nascer de uma mãe pobre, embora legítimo herdeiro do reino temporal de David. Mas como não pretendia cumprir as promessas feitas a David na forma de um reino terreno e temporal, e sim como um reino celestial e eterno, Ele ordenou que tudo acabasse, e que reinasse um rei estrangeiro e gentio, para assim nascer, viver e morrer pobre.

Do mesmo modo, Ele quis e ordenou que os imperadores romanos fossem senhores da Judeia, como eram de boa parte do mundo, e pôs no coração do imperador Augusto que mandasse alistar todos os seus vassalos. E por esse meio fez-se com que todos os descendentes da linhagem de David fossem a Belém para se registarem e pagarem o tributo. E assim foi que a Virgem, já grávida, se dirigiu a Belém, num tempo em que não havia onde se acolher, senão numa estrebaria, onde Ele, ao nascer, pudesse ser lançado sobre o esterco e no chão, como havia determinado.

Bem diferentes são os pensamentos e desígnios de Deus daqueles do mundo: Deus move todo o mundo e dá tantas voltas para nascer numa estrebaria, pobre e desprezado no chão; e o mundo, ao contrário, não se ocupa de outra coisa senão em se revirar em mil voltas para ser, ter, parecer, alcançar posição, e tudo por puras vaidades.

Ficam também aqui bem desenganadas as pessoas que mimam o corpo — por quem tantos se sacrificam, como se fosse o seu maior e mais fiel amigo — quando, na verdade, ele é nosso verdadeiro inimigo, contrário a todo o nosso bem. Tanto é assim, que o iluminado São Frei Egídio, companheiro de São Francisco, dizia que aquele vivia com mais segurança e verdade que já estivesse desenganado e convicto de que o seu corpo era inimigo de todo o seu bem.

Por isso, nosso Senhor, que vinha ao mundo para ser o espelho de toda a verdade e o desengano de todos os erros, ainda que tivesse o seu corpo e carne perfeitamente obedientes à sua divindade, e totalmente conformes à sua vontade, sem nenhuma resistência culpável, quis mesmo assim ensinar-nos, com o seu exemplo, como devemos considerar o nosso próprio corpo.

E logo ao nascer, tratou o seu corpo como inimigo, mesmo não o sendo, e deu-lhe o chão como casa e abrigo por toda a vida, para que vivesse na terra cansado e sem mimos.

E sem dúvida, isso não custou pouco ao Senhor, porque, como tinha uma composição delicada, e era frágil como os outros homens, sujeito ao sofrimento, devia passar por muitos desconfortos físicos, e perder muito do pouco sono que conseguia, por causa do mau agasalho que lhe dava.

O Senhor via claramente quanto mal nos faz o amor próprio da carne, e a paz que temos feito com os seus apetites, e quanto nos preocupamos para os contentar; e que nada na vida nos faz perder tanto o que Deus merece e o fruto dos seus trabalhos, senão esse amor próprio deste corpo.

Por isso, no seu próprio corpo, como num espelho, Ele nos ensina quanto devemos vigiar sobre ele.

Se no Céu o amor próprio, sem a fraqueza da carne, derribou tantos Anjos ao Inferno — que tinham tantas capacidades naturais e de graça para se sustentar —, o que fará esse amor próprio em gente de barro, que trabalha tanto para lhe fazer a vontade?

Para lembrar o quanto há descuido nisso no mundo, pensemos no que diz São Bernardo: só depois de estarmos no Céu, e vendo a Deus, poderemos estar seguros do amor próprio, porque, como nos é natural, lá o levaremos connosco.

Mas lá estará tão cheio da vista de Deus, que só lá perderá a malícia com que nos destrói.

Mas nesta vida, quem não andar sempre em guerra e batalha contra esse amor próprio, tenha por certo a ruína e perdição da alma. E tanto mais devemos vigiar sobre ele quanto ele se mostra mais brando e amigo da natureza, porque então com mais fúria e dano emprega a sua malícia.

Exercício do nascimento, e duro tratamento que nosso Senhor deu ao seu corpo

"Inflama, bom Jesus, nesta hora a minha alma com o fogo da tua caridade; ilumina amor meu, este coração com a tua luz eterna. Refreia a distração dos meus pensamentos, recolhe todos os meus sentidos interiores, tira do meu coração a névoa, a cegueira, para que eu te veja, te compreenda, te conheça, te ame, te receba e te abrace com puro amor, ó Esposo da minha alma, tu que tão belo, tão rico e tão cheio de bens sais desse sacratíssimo ventre, e tão abrasado de amor entras nesta terra, lugar de misérias e de exílio."

Bendito sejas, tu que vens em nome do Senhor Deus, e Senhor nosso, que agora resplandeces diante de nós! Vem, minha salvação, vem, minha glória, vem bem-aventurança tão esperada e desejada por esta alma!

Adoro-te, meu Deus, feito carne por minha causa; adoro esses teus membros, adoro a tua alma, adoro a tua divindade, adoro o teu amor, adoro as tuas misericórdias, adoro esses divinos bens e riquezas com que vens cheio.

Apareceste, ó minha glória, nesta terra deserta de todos os bens e povoada de todas as misérias. Já estás entre os pecadores, já te rodeiam os pobres e os pastores. Fizeste da terra um Céu, e da manjedoura um Paraíso.

Já descem do Céu os teus Anjos para buscar-te e adorar-te aqui na terra. O nosso exílio já está cheio de glória; o vale de lágrimas está cheio de cânticos e louvores celestiais. Onde estás, tudo é Paraíso, porque tu és o próprio Paraíso dos deleites divinos, espirituais e celestiais das almas que te amam.

Contigo tudo é puro, tudo é limpo, tudo é claro, tudo é pleno, tudo é pacífico, tudo é suave, tudo é amoroso e cheio de doçura.

Sem que te busquemos, tu nos buscas, meu Deus; sem que te chamemos, vens às nossas miseráveis moradas. Que farás então àqueles que te desejam e te invocam? Chamo-te, bom Jesus — vem, Senhor, a esta alma! Entra nela, nasce nela, luz divina, e ilumina-a com o teu esplendor.

Hoje dás a paz às boas vontades, porque bem sabes quão poucas ou nenhumas boas obras acharás em nós, e quão pobres somos de virtudes.

Quando muito, conseguimos ter bons desejos. Tu guardas para ti as grandes obras e os grandes feitos; e a mim deixas ser rico apenas de querer, de desejar muito — para que com essa vontade tu possas tratar comigo e me dês graça para agir com ela.

Ó meu Deus, amor infinito, se há algum bem em mim, é porque sou criatura e filho dessa tua vontade paternal e amorosa — de onde jorra uma fonte perpétua de bondade.

Também em mim, tu queres apenas a boa vontade como disposição para todos os bens que me podes dar. Pois, meu Senhor, se procuras vontades, eis aqui a minha, que neste momento, por tua bondade, me dás — desejosa de te amar muito, de te possuir, de te ter, de te abraçar, de se entregar toda a ti. E o que me falta para ser perfeita, tu, perfeição soberana, o hás de suprir.

Quem sou eu para ter qualquer bem sem ti? Sopra, ó Espírito divino, sobre essa faísca de desejo por ti que acendeste em mim. Faz dela uma brasa viva, e da brasa uma chama de amor, que me faça arder todo em ti — e que todo te traga a mim.

Oh divino Menino, como és diferente do que pareces! Aos olhos humanos, não se vê em Ti mais do que um corpo muito pequeno e frágil, deitado no chão, encolhido, chorando e tremendo de frio — como que rejeitado pelo mundo e desprovido de tudo, entre animais e sobre a palha, como um pobre desprezado.

Mas Tu és o Filho do Pai Eterno, o brilho e a substância da sua glória, Deus infinito e eterno, todo-poderoso, tesouro das riquezas divinas, abundância das almas bem-aventuradas, consolo dos que Te amam, esperança dos que Te desejam, e riqueza perfeita dos que Te possuem.

Oh Deus-Menino, oh soberano tão pequenino, quem duvidará de poder ter-Te completamente, se Te fizeste tão pequeno que em qualquer lugar podes caber? Fizeste-Te, meu Deus, do tamanho dos corações mais simples, para que todos Te possam ter, acolher e possuir. E aqueles que Te recebem, Tu os tornas grandes, alargas o seu coração contigo.

Não rejeitas ninguém, não foges de ninguém; aceitas qualquer acolhimento e deixas-Te abraçar por todos com amor, como verdadeira vida da alma que és. Por isso vens como menino: porque quem abraça um menino, abraça a Deus; quem acolhe um menino, acolhe a Deus; quem tem um menino, tem a Deus, e alegra-se com Deus.

Escondeste, minha soberana glória, a Tua majestade, para seres tratado por todos sem receio e com familiaridade. Quem ousaria aproximar-se de Ti, se a Tua bondade não se tivesse feito tão acessível a nós?

Vem a este coração, meu divino Menino, recebe os braços que o desejo desta alma Te oferece. Aceita o abrigo que este coração Te quer dar; acolhe-Te em mim. Mostra-me a beleza e a graça do Teu rosto suave; encanta-me com a Tua formosura. Com a Tua mansidão de cordeiro, enternece a dureza deste coração — derrete-o todo no Teu amor.

Anda sempre comigo, meu doce Jesus, cresce comigo, dá-me forças contigo para Te amar muito, para Te obedecer muito, para fazer sempre a Tua vontade — prisioneiro do Teu amor.

Bom Jesus, Verbo divino, sabedoria eterna, verdadeira vida das almas, se vindes ao mundo para buscar os homens, por que, ao sair desse sacratíssimo, puríssimo e virginal ventre de vossa Mãe, tratais a todos com tamanha severidade e dureza — a começar por Vós mesmo? Por que lançais esses membros tão tenros no chão duro e frio, nesse lugar sujo e desprezível?

Ao menos por respeito à vossa Mãe Santíssima, que vos há de criar e servir com tanto amor e fidelidade, não poderíeis logo repousar em seus santíssimos braços?

O que é isso, meu Deus e minha glória? Vós não estais por acaso estendido no chão como qualquer criança fraca e ignorante — Vós que sois a eterna Sabedoria? Fazeis isso porque quereis. Sois tratado dessa maneira por vossa livre vontade.

Ó Deus da minha alma, desde muito tempo, há anos, governais o mundo e ordenais todas as coisas de forma que fosse necessário que a vossa

santíssima Mãe chegasse a Belém exatamente no tempo e na hora em que haveria tanta gente, que não lhe restasse outro lugar para se abrigar senão numa estrebaria.

E quando chega essa hora que Vós mesmo ordenastes, e saís com a vossa própria virtude dessas entranhas virginais, por vossa vontade vos deixais cair ao chão. Abaixais-vos à terra, apegais-vos a esse lugar pobre e humilde.

Tratastes-vos com tanta dureza e aspereza, e vos tornastes tão amigo dessa pobreza, que durante toda a vossa vida a vossa cama foi o chão — a ponto de poderdes dizer com verdade que não tínheis onde reclinar a cabeça, senão na terra comum aos animais e às bestas do campo.

Com tantos sofrimentos em vosso santíssimo corpo, como se esse chão vos fosse tão contrário e inimigo como o meu corpo miserável é para o meu espírito.

Oh bom Jesus, que amizade é essa com a aspereza e o tratamento duro do vosso corpo e da terra rígida, onde por vontade própria vos lançais, deixando os braços da Virgem? Para chegar a isso, dais voltas ao mundo, desfeitos reinos e mudais os destinos dos povos — para quê?

Não escolhestes Vós os puríssimos braços da Virgem Santíssima para vos servirem? Pois como esperais que ela vos tome nos braços, se Vós mesmo não escolheis para Vós senão o que há de mais duro, áspero, humilde e pobre neste mundo?

Aqui ainda não há carrascos nem algozes que vos arrastem pelo chão, como o farão depois quando vos prenderem. É a vossa vontade livre e o vosso amor que vos lança nessa terra dura, nesse chão humilde, nesse esterco, e vos deita nessa manjedoura.

Oh sabedoria infinita, que conheceis tão bem os meus males! Oh verdadeiro e único remédio para eles! O meu corpo e a minha carne são, dentro de mim, os maiores e mais prejudiciais inimigos que tenho. Em tudo se opõem a mim, me inclinam para o mal, e por causa deles perco todos os bens que por eles mesmo recebi de Vós.

E Vós, bom Jesus, tendo em Vós essa mesma carne que é minha, mas puríssima e completamente obediente à vossa divindade — carne pela qual quereis conceder-me infinitas graças — tratais essa carne em Vós como inimiga, como eu deveria tratá-la em mim.

Enquanto não a glorificais, não lhe dais descanso, mas antes guerra e sofrimento constantes

Oh eu, miserável de mim! Vejo isso com tanta clareza — e mesmo assim não me envergonho de ter feito paz e amizade com essa inimiga mortal!

Sirvo este corpo como a um senhor, confio nele como se fosse algo grandioso, cuido dele como de um amigo, animo-o como a um aliado fiel — e por causa dele vos perco a Vós!

Meu Deus, a cada passo vejo quanto Vos devo, como se cada passo estivesse carregado com as minhas obrigações para convosco.

Oh, quantas ofensas cometi contra Vós só por querer agradar a este corpo! Como me afligem os seus males, como me compadeço das suas dores, como dou razão às suas queixas contra Vós! E como ando atrás dele — cego, distraído e enredado!

Mas vejo em Vós, ó Deus da minha alma, como tratais esta minha miserável humanidade.

Oh luz do meu coração, espelho e mestre das verdades puras e eternas, já que me ensinais com tanta clareza o que convém a este corpo, que o mesmo amor que Vos leva a tantos extremos para me iluminar e curar, faça nascer em mim um novo espírito — um espírito que odeie, com verdade, esse inimigo tão traiçoeiro e venenoso, que é a carne.

Vós sabeis, Senhor meu, que não é possível eu vir a odiar algo que até agora tanto amei; nem reconhecer as suas armadilhas ocultas, fugir delas ou escapar — nem rejeitá-lo sempre e tratá-lo como inimigo e contrário a todo o meu bem — se não for com o fogo do vosso amor puro e desinteressado, que me leve a querer obedecer-vos e agradar-vos.

Está, meu Deus, este amor-próprio dentro das entranhas deste homem terreno. E quando penso que me vejo com clareza e me conheço — comparando-me convosco — percebo que estou ainda mais preso a ele.

Ele anda comigo, cresce comigo, acompanha-me por toda parte. Mistura-se a tudo, quer intrometer-se em todas as vossas coisas — para dominar, para ser senhor, para reinar. E, para minha desgraça, quase sempre sai vencedor sobre mim.

Que farei, meu Deus, diante do peso desta miséria e das leis desta carne, tão contrárias a Vós? Não tenho outro remédio senão Vós, meu Deus e meu Senhor. Foi para isso que nascestes, foi por isso que vos tratastes com tanta dureza — por amor de mim.

Curai, pois, bom Jesus, com esses vossos cautérios, a podridão destas misérias, e com a força do vosso Espírito, curai a fraqueza do meu.

Vida e consolação da minha alma, essa terra não vos reconhecerá, essa baixezinha não vos amará, essa manjedoura não saberá quem sois — e cada um permanecerá o que é, porque não mudareis a sua natureza bruta.

Este coração duro e terreno, Senhor, que é o esterco das miseráveis aflições desta alma, a baixezinha dos desejos em que me detenho até agora, pela vossa presença se move: deixai esse lugar, vinde a mim. A mim podeis suavizar, iluminar, transformar, abraçar — para que eu vos ame, vos conheça, vos adore, vos abrace, vos possua — e, por amor a Vós e convosco, me aborreça a mim mesmo plenamente.

Vinde, Jesus, a esta alma, porque aqui me humilharei; na minha humildade vos glorificareis, e me ensinareis as vossas verdades; vencereis os meus inimigos, e fareis viver neste coração o vosso Espírito, com a morte do espírito terreno que em mim habita.

Ponde-vos sempre, bom Jesus, diante dos meus olhos, apresentai-vos ao meu coração, para que a vossa formosura e suavidade me prendam, e eu perca o apego a este mundo. Pois toda a minha perdição vem de querer agradar a esta carne e não a Vós; Vós sabeis que não consigo dominar essa

carne, que sou tão fraco quando chega a ocasião. Que a vossa poderosa mão me guie e me obrigue contra mim mesmo.

Aqui me ponho aos vossos pés, aqui me ofereço todo a Vós, com todas as minhas chagas e batalhas. Quero, nesta hora, tudo o que quiserdes de mim, desejo que façais em mim toda a vossa vontade. Ainda que esta carne pesada queira outra coisa, ó bom Jesus, mortificai-a, quebrantai-a e fazei-a servir-Vos. Mostrai em mim a força do vosso Espírito e do amor que me atrai para o céu. O que o meu coração deseja e deve desejar — Vós o sabeis.

Fazei comigo segundo a vossa grande misericórdia, pois eu não sei fazer mais que mostrar as minhas chagas e suspirar a Vós, meu Deus, minha esperança, meu verdadeiro amigo, meu remediador, em quem confio, a quem adoro, louvo e desejo amar de todo o coração.

Oh Mãe e Virgem Santíssima, ajudai este miserável degradado a quebrantar as durezas deste coração terreno, e as contradições deste corpo miserável, e sujeitai-o inteiramente a este Senhor, sempre e em tudo.

Que eu não fique sem o fruto destes trabalhos e deste Senhor, e fora de sua graça. Ajudai-me a contentar-me com Ele, a vencer-me a mim mesmo, a servi-Lo sempre e a amá-Lo profundamente.

Oh Anjos e almas puríssimas dessa soberana corte, amai e glorificai este Senhor com infinitos louvores, por quantas graças me concede. Sede meus advogados e intercessores, para que esta pesada terra não me vença, mas alcançai-me o Espírito para que eu ande sempre sob os pés do Senhor, cansado e atribulado, até que, por misericórdia vossa, alcance a paz eterna convosco. Amém.

TRABALHO V

Lágrimas do Senhor pelos nossos pecados.

Tendo o Senhor no mundo acabado de nascer, logo na primeira voz que lançou, chorou, como todas as outras crianças, parecendo-se com elas em tudo.

Não é coisa de pouca admiração e consideração ver o Filho de Deus vivo esconder a sua eterna sabedoria e viver calado, em silêncio, até o tempo em que as outras crianças falavam, choravam, deixavam-se cuidar, eram trazidas ao colo e tratadas como todas as outras crianças — não mostrando menos fraqueza natural do que elas.

E como tudo isso fazia não por fraqueza, mas por vontade, deixava aberta para quem o amava uma grande porta para o tratar e se derreter nas maravilhas do eterno conselho.

Davam grande motivo para isso as lágrimas com que o Senhor entrou no mundo: e embora nelas parecesse como as outras crianças, na causa que as provocava eram muito diferentes.

O salmista profetizou sobre este Senhor que o zelo pela honra da casa de Deus seria tão grande nele que o consumiria por dentro, de tal forma que, por amor a Deus, tomaria sobre si todas as ofensas que no mundo lhe fossem feitas.

Assim, entrando no mundo, teve um sentimento tão profundo pelas ofensas e pecados que os homens cometem contra Deus que, já em sua eterna sabedoria, os tinha presentes, e logo começou a chorar; e toda a vida continuou em lágrimas, banhando-se nelas até morrer.

São Paulo disse que o eterno Pai teve tanto respeito pelas lágrimas com que seu Filho unigénito lhe rogava pelos pecadores, e pela sua divina pessoa, que foi atendido e nos alcançou o remédio para os nossos pecados.

O Senhor gastou a maior parte das horas de sua vida em oração a seu eterno Pai pelos pecados do mundo, e para que toda a sua humanidade estivesse ocupada em merecer-nos perdão; a sua alma sacratíssima, com as suas potências superiores, estava toda elevada a Deus, que via como bem-aventurado, e o corpo se banhava em lágrimas, afligindo-se com o sentimento e a dor dos pecados que eram cometidos, e que os homens tinham cometido contra Deus

Essas lágrimas deveriam ser sempre em grande quantidade. Porque, como o Senhor foi sempre tão generoso nas suas dores, que até numa vez que suou sangue, foi tanto que corria pelo chão onde estava

Assim devemos acreditar que o chão onde orava ficava sempre molhado pelas suas lágrimas, e que elas lhe serviam de banho para aliviar o desgosto, enquanto não chegava o banho do seu sangue, no qual desejava profundamente mergulhar-se. Nosso Senhor não derramava essas lágrimas sem grande esforço, sentimento e sofrimento. Porque os trabalhos são tanto mais pesados quanto mais vêm de dentro, e mais afligem a alma; por isso, os trabalhos exteriores não se comparam aos interiores. O sofrimento que a alma sente dos males é proporcional ao conhecimento que tem deles; e como Nosso Senhor é quem melhor conhece a gravidade deles, sentia-os exatamente como mereciam ser sentidos. Por isso, o salmista só soube comparar esse sentimento a algo que continuamente consome e corrói as entranhas.

Quando os Santos querem enfatizar muito a dureza e a crueldade dos pecados, dizem que se um pecador os visse claramente, morreria de susto. E isso é verdade, porque a experiência tem mostrado, em alguns servos de Deus, que Ele não lhes revela claramente a gravidade dos seus pecados, a não ser depois de lhes ter dado tanta força interior que a alma possa suportar o sofrimento; e ainda assim essa luz dura pouco, para purificar depressa, porque já se viu que, se essa clareza sobre a gravidade dos pecados durasse muito, a natureza não conseguiria suportar o espanto sem morrer. Mas Deus logo faz com que essa luz se esconda, e dá um novo dom de esperança na sua bondade, e assim cativa-os ainda mais para o seu serviço e amor, juntando-os a si por completo, por amor.

Quem achar isto uma descrição exagerada, olhe para o Filho de Deus, verdadeiro conhecedor dos nossos males, que não achou pouco o quanto sofreu por eles. Porque sabia que, sem o preço do seu sangue e méritos infinitos, eles não podiam ser satisfeitos. Assim, a visão da gravidade dos pecados foi uma das coisas que no Horto lhe causou suor e agonias quase mortais, como diremos adiante.

Quando Nosso Senhor tomou sobre si todos os pecados do mundo para satisfazer por eles, conhecendo perfeitamente a gravidade de cada um deles, com que sentimento, com que angústia, com que dor de alma e com que sofrimento os choraria? Não lhe seria menos doloroso o facto de os pecados serem de outras pessoas, porque o seu amor não podia ser egoísta, e assim fazia suas as nossas coisas, sentindo os nossos males como seus próprios

O Senhor não se afligia tanto pelo mal que os pecados nos causavam, mas muito mais pela ofensa que faziam a Deus. Por ambos esses motivos, o seu amor fazia-o chorar continuamente. Assim, percebe-se que, embora os outros meros filhos de Adão tenham muitas razões para chorar ao nascer — por nascerem com o pecado original, filhos da ira, condenados ao exílio, enfrentando uma vida cheia de trabalhos, desastres e pecados, tão longe do Céu, arriscando perdê-lo, e por tantas misérias da vida que acabam na maior de todas, a morte, sem certeza da vida eterna —, como nascem sem uso da razão, não se sentem, e a natureza cumpre o seu papel muito próprio para filhos tão miseráveis do pecado.

E, embora ao menos no começo e no fim da vida se desengane e perceba quanta razão tem para chorar os males que o cercam, o Filho de Deus, com a sua sabedoria eterna, que entrou no mundo apenas na forma e quantidade de um mero filho de Adão chorando, conhecia e sentia os males pelos quais chorava. Ali viu claramente a sujeição que demos à carne e ao mundo, o descontrole dos nossos apetites condenados, o esquecimento das coisas soberanas, o desamor pelas coisas espirituais da alma, os cuidados dos corações humanos tão ocupados fora de Deus, a multidão dos maus desejos, maus pensamentos, más palavras e obras condenáveis de cada um dos nascidos e por nascer.

Ali viu quanto mal não podemos remediar sem Ele, e quanto se obrigou a satisfazer e pagar por todos, e especialmente por quantas almas nascia e

havia de trabalhar com esforço, e quanto desconhecimento existia na terra — coisas que a pena e a língua não podem declarar.

Tudo isso causava-lhe um sentimento tão intenso que daqueles dois olhos sacratíssimos brotavam jorros e fontes de lágrimas que subiam ao Céu, acalmando a justa ira divina acesa contra nós. E, como Nosso Senhor sentia os pecados de cada um de nós tanto quanto os de todo o mundo, cada um deve considerar aquelas lágrimas como suas, sentir-se causa delas, aproveitar o seu fruto e ajudar o Senhor a fazer tão necessário ofício por um miserável pecador.

O profeta Ezequiel viu sair de um templo, que Deus lhe mostrou em revelação, da parte direita uma corrente de água com tanta virtude que salvava todos os que nela chegavam. Muitas vezes, a Escritura Divina chama “parte direita” a força divina e à abundância de todos os bens, a qual naquele templo de Deus vivo, Cristo nosso Senhor, estava plenamente presente. Porque no seu corpo, que Ele mesmo chamou templo, morava toda a divindade de Deus. E dele, ao nascer, manava esse rio de águas vivas, como um outro Jordão com duas fontes e olhos, com as quais todos podem lavar-se e curar-se de todos os seus males.

Aqui vê-se quão bem-aventurados são os que choram (como Cristo diz), pois têm estas lágrimas como consolo. Aqui também se vê como este Senhor exerce o verdadeiro ofício de pai, pois toma sobre si os trabalhos dos seus filhos, e chora por eles, remediando-os, e enviando os seus Anjos para anunciar alegrias no mundo, pois tem presente o seu esposo e redentor, na presença do qual ninguém pode chorar.

Assim como os pais trabalham, suam e se esforçam pelos filhos que vivem na desordem, assim quis o Senhor que todos estivessem consolados quando Ele chora, e com as suas lágrimas faz o ofício de salvador. A Sagrada Escritura diz uma grande verdade: é melhor ir à casa onde se chora do que onde se ri e se festeja. Não só porque, no fim, todo o prazer do mundo abaixo do Céu traz tristeza ou morte, mas porque, na maior parte das vezes, onde há muito prazer na terra, há muito descuido da alma e do Céu.

Vê-se nos homens tal desatino, esquecidos do Céu, que não são menos vergonhosas as coisas que choram do que as que festejam e as que não

choram. Festejam as coisas da terra, as prosperidades da vida, os gostos viciosos da carne, que a divina Escritura diz que, passando longos dias em festas, são essas coisas pelas quais, num instante, descem ao inferno para se arrependerem sem fruto, e chorarem para sempre sem proveito.

Choram por faltar-lhes os prazeres da sua perdição, por não poderem satisfazer os seus gostos, por se verem em adversidades, que são os caminhos mais seguros para o Céu, mas que eles mais aborrecem. Deixam de chorar os males da alma, as ofensas ao Senhor, as perdas da vida eterna, o perigo da condenação perpétua em que vivem.

Nada disso se vê na casa destas lágrimas do Senhor, neste santo presépio. As festas aqui são angélicas, os gostos espirituais, as recompensas soberanas e divinas; a companhia dos justos, a Virgem, São José e os pastores. Choram-se ali pecados e desprezam-se os prazeres da vida; merece-se o Céu, e são consolados os que nele entram.

E embora as lágrimas sejam ordinariamente demonstração e efeito de tristeza (porque ou se derramam pelo que falta, ou por causa da tristeza quando o bem chega), não deixam de ser propriedade deste Senhor, porque, embora Ele não possa sentir falta nem aumento de qualquer bem próprio que lhe causasse lágrimas, elas fazem o seu ofício por nós, como poderiam fazer por si, porque sente os nossos males, a falta dos bens que perdemos, e a presença de todos eles neste mesmo Senhor que as derrama, que é o nosso verdadeiro tesouro de todos os bens.

Todas as lágrimas têm neste Senhor uma companhia singular: as tristes têm o sentimento do seu coração paternal; as ferventes têm o amor que nele arde; as desejosas têm os bens que as lágrimas merecem; seja qual for a sua qualidade, desde que sejam santas, Ele tem-nas nos seus braços, e isso basta.

Cada pessoa deve olhar para dentro de si mesma, pelos seus gostos, para saber se pode dar entrada a este Senhor e fazer parte das suas piedosas e amorosas lágrimas.

Porque a causa maior da vida para um cristão deve ser o medo santo, e há uma facilidade e profundo descuido com que os homens deixam as suas

almas e o seu amor serem empregados em coisas indignas do amor de uma alma criada para Deus e para os bens eternos.

Por isso vivem os homens normalmente tão seguros nos seus pecados e tão descuidados em limpar as suas consciências, como se não houvesse lágrimas para chorar, nem morte para passar, nem contas a prestar a Deus.

Então pensam que tiveram bom dia, porque cumpriram os mais terrenos desejos da vida. E feitas as contas, de quanto tempo deixaram levar, e ao tempo que dão ao mundo, ao gosto do corpo, à vaidade, e ao contentamento que têm pelas coisas por onde perdem a alma, têm muita razão para pensar que Cristo nosso Senhor chora por eles em vão, e que muito mais em vão eles hão-de vir a chorar eternamente, quando já não lhes servirá de nada.

Oh, quanto melhor está o servo de Deus que é desprezado pelo mundo, e que o mundo tem por indigno dos seus falsos gostos, acompanhando Jesus nas lágrimas, alcançando os frutos espirituais que elas dão, e os eternos que Ele mereceu. Quanto melhor está o penitente que conhece as suas culpas, e faz companhia a Jesus Cristo no sentimento delas, e recebe o perdão que as lágrimas deste Senhor lhe concedem. Quanto melhor está o recolhido, seja de que qualidade ou estado for, que sabe tomar conta da vida, reformar o seu erro, cuidar da sua alma e aproveitar o seu tempo para se entregar e oferecer a Deus, e dar e receber d'Ele, cada um à sua maneira, numa familiar e suave comunicação de amor, indigna dos que amam o mundo, e encoberta só para os que sabem chorar amorosamente com Jesus para serem verdadeiramente consolados por Ele.

Exercício das lágrimas do Senhor

Meu bom Jesus, amor da minha alma, que lágrimas são estas que derramais logo ao entrar no mundo? Ó suprema consolação de todos os que sofrem, porque Vos comoveis assim em lágrimas no dia em que entrais na terra dos pecadores tristes, a quem vindes consolar? Os Anjos cantam com alegria, anunciam aos Pastores boas novas de júbilo por terdes nascido, mandando aos homens que se alegrem por ter nascido o Salvador – que sois Vós, só Vós, o único bem meu, o único bom Jesus. E entre tantos cânticos celestiais, entre tantas boas notícias de alegria… estais a chorar?

Bendito, louvado e glorificado sejais, meu Senhor, que vindes tão cheio de desejo de nos salvar e redimir dos nossos pecados, que nem por uma hora quereis deixar de exercer este ofício. E aquilo que ainda não fazeis com a vossa morte e sofrimento pelos pecados dos homens, começais já a fazê-lo chorando, como se fossem os vossos próprios pecados.

Não quereis, verdadeiro amigo da minha alma, deixar de nos abrir em tudo o caminho para o nosso remédio. E porque sabeis que muitos Vos hão de regar os pés espiritualmente com lágrimas e dor dos seus pecados, como fez a vossa Madalena, quereis Vós primeiro regar o coração do Pai com as vossas lágrimas, para com elas humedecer e enternecer as minhas, e santificá-las, a fim de que sejam aceites e as culpas perdoadas.

Por isso, logo ao entrar no mundo, começais a satisfazer com as vossas lágrimas ao Pai Eterno aquilo que depois havereis de pagar totalmente com o vosso sangue.

Ó amor da minha alma, que Vos darei eu por um amor tão grande, tão imenso, como o que me tendes? Não sois, bom Jesus, como os outros meninos, embora pareçais com eles ao lançar o primeiro choro como todos. Mas eles, apesar de terem muita razão para chorar – pelo exílio em que entram, pelo pecado original com que nascem, pelos perigos e sofrimentos que hão de passar, pelas misérias corporais e espirituais que começam a padecer desde o nascimento – não o compreendem. A natureza ignorante faz, sem sentir, aquilo que a razão deveria fazer, se se entendesse.

Mas Vós, meu eterno e divino Senhor, soberano bem e luz da minha alma, bem sabeis o que fazeis. Não chorais pelas mesmas razões por que os outros meninos choram, e com razão; mas com a vossa eterna sabedoria vedes os pecados dos homens, as ofensas já cometidas e aquelas que ainda hão de ser feitas contra o vosso eterno Pai, vedes a perdição das almas que há no mundo em que entrais, as misérias e necessidades interiores que os homens nem conhecem.

Vedes os erros que nos cegam a todos; o prazer que encontramos no pecado, por onde nos perdemos; o esquecimento da vossa lei e dos bens eternos; o desprezo pelas coisas celestes e o amor pelas terrenas, que reinam neste mundo; o engano em que tanta gente vive, contente, mas afastada de

Vós; o domínio que o pecado e o demónio têm sobre as almas; o perigo da condenação eterna, em que o mundo vive despreocupado; a ira do vosso eterno Pai, justamente indignado contra os homens; e como é impossível à fraca natureza humana remediar tantos males sem Vós, e sem o amor que nos vindes mostrar nesta terra.

E por isso, ó vida da minha alma, quando Vos vejo entrar neste mundo tão perdido, quereis que o Céu se alegre, pois por Vós será em breve povoado, e quereis que os homens se regozijem, pois já Vos têm na terra – o seu único, soberano e verdadeiro remédio.

Mas quereis também que Vos deixem fazer, a Vós só, o vosso ofício, no meio de todos esses cânticos e alegrias, com muitas lágrimas que brotam dos vossos olhos divinos, nascidas desse amor ardente que arde no vosso peito, e que ofereceis ao vosso eterno Pai com um profundo sentimento dos nossos males e com o desejo intenso de os remediar.

Por isso quisestes que esses vossos olhos puríssimos, logo ao nascerdes, se tornassem dois canais por onde corressem as águas vivas desse peito misericordioso – águas que curam todas as nossas feridas. E com essas lágrimas quentes derreteis e consumis o amor gelado da terra que nos faz tanto mal.

Ó Jesus, tesouro de bens divinos, fazei que essas águas vivas cheguem até mim, para que eu seja salvo.

Adoro-Vos, amor divino. Adoro-Vos, misericórdia infinita. Adoro-Vos, Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tão cuidadoso e solícito com o meu remédio, e tão apressado em curar as minhas feridas

Bem Te chamou Isaías de “apressado roubador”, porque antes mesmo de chegar o tempo em que devias começar a falar como as outras crianças, já roubais com essas lágrimas os bens do Céu – as misericórdias de Deus, as graças espirituais e celestes para os pecadores – e nos encheis com bens soberanos.

Ó único Salvador e remédio para os meus males, ó Esposo fidelíssimo desta alma, ó Pai amantíssimo deste miserável pecador!

Quanta verdade dissestes: que os filhos do esposo não podem chorar enquanto o têm consigo, mas quando o perderem, então chorarão a falta da sua presença (cf. Mt 9,15).

Porque o esposo e pai, estando presente, toma sobre si os trabalhos dos filhos, carrega ele mesmo as suas necessidades, consola-os com a sua presença; e os filhos, despreocupados, vivem alegres e em paz, confiando tudo ao cuidado do pai.

Assim fazeis Vós, meu bom Jesus: ao aparecerdes no meio de nós, quereis que todos nos alegremos e que em Vós depositemos todos os nossos cuidados. E Vós, só Vós, ocupais-vos com lágrimas em arrancar o mal dos filhos que amais, em tratar do seu remédio, em procurar e merecer por eles os verdadeiros bens que lhes faltam.

Bendito e louvado seja esse amor paternal e divino que nos tendes, bom Jesus!

Mais ainda Vos devo, Deus da minha alma, porque não só começastes a vida chorando, mas a continuastes em lágrimas, e a terminastes também chorando na Cruz, com muitas lágrimas.

Passastes noites e dias em oração contínua, banhando o vosso santíssimo rosto e peito, regando a terra com lágrimas, sentindo as minhas dores como se fossem vossas, e alcançando-me com elas inúmeros bens, como se fossem vossos os frutos.

E ainda que não tivésseis sofrido outros trabalhos na vida, já bastaria tê-la passado toda a chorar por males que não cometestes, e a suspirar por remédios e bens de que não precisáveis.

Ó fonte infinita de misericórdia, ó fogo eterno de amor sem fim, como não me desfaço todo em lágrimas ao ver isto? Como não me consumo em desejo de Vos amar e servir, e em profundo ódio aos meus pecados?

Como, meu dulcíssimo Jesus, não Vos ajudo eu, a cada hora, nesse ofício que tantos bens me mereceu?

Ó lágrimas abrasadas e suavíssimas, enternecei e abrandai a dureza deste coração, nesta hora e por toda a minha vida, para que Vos ajude a chorar os meus pecados, e me abrase todo no vosso amor.

Porque se Vós, eterna Sabedoria, não vistes em mim senão motivos para chorar por mim durante toda a vida, que cegueira é a minha, que procuro prazeres nesta vida sem me dar conta, sem me conhecer?

Iluminai, luz divina, as minhas trevas, para que eu me veja, me reconheça e me aborreça. Desapegai o meu coração do amor terreno, que me afasta de Vós. Tirai de mim o gosto pelas coisas que me fizeram tão miserável – a ponto de nem me entender a mim mesmo, e de Vos fazer chorar por mim durante toda a vossa vida.

Ó piedade infinita, tão paciente em me suportar, e tão generosa em me remediar — que seria de mim, se não Vos compadecêsseis das minhas grandes misérias? Que seria de mim, se não olhásseis os meus males com misericórdia?

Porque, meu Deus, olhando bem para a minha vida, tenho tantas razões para ter medo, e para chorar — não só pelo que já chorei, mas também pelo que ainda não chorei.

Quando, meu Deus, senti eu com tanta dor a Vossa ausência, ou a perda de Vós, minha eterna riqueza, como sinto a perda de qualquer bem ou prazer desta vida?

Choro se perco o pai, um irmão, um parente ou amigo — pessoas que não me podem salvar nem livrar dos meus males, e que, mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente hei de perder. E no entanto, a cada dia Vos perco a Vós, e os Vossos bens eternos, por causa dos meus pecados, e mereço ser afastado da companhia celestial para a qual fui criado… e não o sinto, nem choro por isso!

Sinto, magoa-me e choro se os homens me dão desgostos, se não me tratam como acho que mereço, se alguma coisa me contraria por dentro ou por fora; fico perturbado, agitado, se perco um pouco da minha honra, ou do crédito diante dos outros. Aflijo-me se dizem de mim — com ou sem

razão — algo que julgo indigno. Não suporto ver outros crescerem ou serem mais considerados do que eu. Gasto a vida e o tempo em alegrar e satisfazer este meu inimigo mortal — o corpo pesado, corrompido e miserável — e se me falta algo para cumprir os seus desejos, entristeço-me. Perco o sono e a paz por causa dele e das minhas paixões.

E — pior ainda — tenho gasto grande parte desta vida miserável que me destes, bom Jesus, não em obras e desejos para merecer o Céu, mas em pensamentos e ações por onde o perco! E sou tão miserável que nem aceito que me tirem, ou que eu mesmo abandone, as ocasiões da minha perdição — as mesmas ocasiões em que Vos perco, único bem da minha alma.

Choro por perder essas ocasiões, e luto por elas como se fossem verdadeiros bens vindos de Vós!

Vejo-me sem virtudes, sem vitória sobre as minhas tentações — antes vencido por elas. Vejo-me fraco, sem firmeza, com força para o mal, e sem força interior para o bem; sem luz interior, sem fogo do vosso amor, sem desejo vivo de Vos agradar, sem cuidado verdadeiro em Vos sentir, sem amor nem desejo de sofrer por Vós, sem paz interior, sem nada de bom em mim que eu possa considerar como verdadeiro bem.

Que digo, meu Deus? Vejo-me longe de Vós, afastado dos vossos doces abraços, vivendo em região sombria, à sombra da morte, sem Vós — verdadeira vida desta alma — e ainda assim não choro, nem me derreto em lágrimas diante de Vós?

Não sois Vós, bom Jesus, mais verdadeiro pai, amigo, irmão, companheiro, honra, riqueza, consolo e bem-aventurança desta alma do que tudo o que há na terra?

Então por que me entristeço tanto pelas coisas da terra, e não sinto com dor a Vossa ausência?

Ó lágrimas de infinito merecimento, valei-me! Já que tantos bens me merecestes, alcançai-me também o dom de estimar o que realmente devo estimar, e o desprezo e ódio pelo que devo desprezar. Acabe-se já, Senhor, esta minha miséria! Não permita que eu ande mais tempo nesta vida

enganado. Tende compaixão, Senhor, de uma vida tão curta para poder merecer o Céu, e tão desperdiçada em coisas da terra. Ao menos, a partir desta hora, pela virtude dessas lágrimas abrasadas, seja eu todo mudado segundo a vossa vontade.

Peço-Vos perdão, Senhor meu, por todo o meu passado. Desejo, com toda a alma, ajudar-Vos com o meu arrependimento, aborrecer os meus pecados e chorá-los sinceramente.

Mas sois Vós quem o pode fazer por mim.

Ó lágrimas que abris o Céu, abri os olhos desta alma cega! Ó lágrimas que penetrais o coração do Pai eterno, penetrai também as profundezas deste meu coração! Ó lágrimas que trazeis à terra todos os bens do Céu, elevai este coração terreno às coisas celestes! Ó lágrimas cheias de doçura, de amor e de piedade, acabai de lavar esta alma, purificai-a, abrasai-a, transformai-a completamente em fogo de amor divino, e destruí nela o fogo do amor terreno.

Oh, quando chegará essa ditosa hora em que se vejam nesta alma terrena os efeitos dessas divinas lágrimas?

Bom Jesus, aquilo que eu não sei pedir, essas vossas lágrimas pedem por mim. Ouvi-as a elas, porque eu não mereço ser ouvido, e por elas me dai o que pedem, pois é por mim que elas se derramam.

Meu dulcíssimo Jesus, é verdade que as lágrimas são fruto da tristeza — ou nascem dela — porque a tristeza, que é sentimento e dor pela perda ou ausência do que se ama, faz chorar por aquilo que se deseja e ama. E quando o bem amado finalmente chega, a tristeza termina em lágrimas de alegria pelo bem presente, cuja falta se sentia.

Por isso, os vossos santos e servos, que Vos buscam com desejo sincero, choram pelos males que os afastaram de Vós, e choram também quando Vos comunicam e experimentam nos seus corações, pelo prazer de Vos terem, depois de tanto tempo sem Vos sentirem.

Mas isto — sendo assim como é — levanta uma pergunta: Que bem Vos falta a Vós, bom Jesus, para chorardes por ele? Ou que bem Vos pode vir de novo, para que choreis de alegria por tê-lo presente?

Vós sois o mesmo bem eterno, e em Vós estão todas as vossas riquezas. Assim como nelas não pode haver falta ou carência, também não pode haver aumento ou crescimento.

Então, vida da minha alma, que bem Vos falta para sentirdes tristeza e chorardes por ele?

Ó amor infinito — não um amor egoísta, mas generoso, abertíssimo, que dá os próprios bens e ainda deseja os dos outros! Ó divina caridade, não satisfeita com a tua própria abundância, mas abrasada pelo desejo de bem para os outros — como és rica nos teus bens, e ainda assim faminta pelos bens alheios! Ó fogo sagrado, cuja fome nunca se sacia senão ao transformar tudo em ti mesmo!

Parece que mostrais, amor da minha alma, que não estais satisfeito senão quando, com o vosso fogo, transformais todas as almas em Vós.

E como criastes as almas para Vós, sofreis perdê-las como se fosse perder parte da vossa própria natureza, e chorais para as reconquistar.

Parece que o fogo está alegre quando arde em chamas, mas chora quando se apaga e se desfaz em cinza.

Agora, Pastor divino, que vindes buscar as ovelhas erradas e perdidas, entrais neste "vale de lágrimas", onde elas se perderam — chorando por elas.

E depois de tomardes sobre Vós os nossos pecados e os castigos que eles merecem, e com tantos trabalhos, dores e morte ajuntardes as vossas ovelhas no curral da glória, nos pastos celestes, então Vos alegrareis, então estareis satisfeito.

Ó fogo infinito! Ó amor eterno! Quando não tens onde abrasar e expandir-te, e faltam corações que queiras consumir, choras!

Pois vida do meu coração, dulcíssimo Jesus, aqui está a mais perdida das ovelhas por quem chorais: não choreis mais por esta alma, abrasai-a toda, e ficai satisfeito!

Dai-me essas lágrimas, já que as derramais por mim. Pois estais, amor divino, tão desejoso, que, sendo um bem infinito, ainda assim me quereis a mim, e chorais por mim! Quem impede que Vos sacieis de mim?

Não sois Vós aquele a quem rogo? Não sois divino? Não sois todo-poderoso? Não sois infinito?

Quem então Vos impede de consumir em mim tudo o que Vos desagrada, e de me transformar inteiramente em Vós, e assim Vos contentardes com esta alma?

Ah, meu Deus! Ah, bondade infinita! Sejam as lágrimas o meu pão, de dia e de noite, enquanto não Vos sentir nesta alma.

Dai-me o dom de chorar por Vos ter perdido, e de continuar a chorar, para não Vos tornar a perder.

Alegra-me com a tua presença, e fujam depressa desta pobre terra todos os meus inimigos!

Ah, Senhor! Neste momento desejo sofrer muito, desejo amar muito, e desejo enxugar essas vossas lágrimas. Mas não sei o que me prende, o que me abate.

Tu, que me conheces e me vês, Tu que choras pelos meus males — cura-os! E já que também choras pelo desejo dos meus bens, diz-me, meu amor, meu Jesus, meu Pai, meu Esposo, meu único bem: o que é que me falta ainda para ser todo Teu?

Oh, quanta verdade dissestes, meu Deus, na Sagrada Escritura: que melhor é ir à casa do pranto do que à do prazer e dos banquetes.

De Vós está escrito que nascestes a chorar, e morrestes a chorar, e que no Céu enxugais por completo as lágrimas dos justos. Fostes Vós quem

dissestes que são bem-aventurados os que choram. Dos mundanos está escrito que gastam os seus dias em prazeres, e num só instante descem aos prantos eternos no inferno.

Ó vida da minha alma, se tudo isto é verdade, quanto melhor é este presépio cheio das vossas lágrimas, do que os palácios reais cheios de entretenimentos e músicas! Não há prazer na vida que não termine em tristeza, e não há lágrimas vossas que não venham carregadas de bens e alegrias.

No meio dos prazeres da terra, o trabalho da vida ou a morte tudo muda em tristeza. E até os maiores gozos enganosos do pecado, quando chega a morte, são transformados em lágrimas eternas e infernais.

Mas os pecadores que choram os seus pecados diante de Vós saem justificados e consolados, e os justos que vivem em contínuas lágrimas e desejo de Vos ver e possuir, são consolados com prazeres eternos.

Ó vida do meu coração: quanto melhor é chorar convosco, do que gozar prazeres sem Vós! Que mais poderiam querer os que choram, do que ter-Vos por companheiro, por único bem e perfeito consolador?

Fazei, bom Jesus, que eu seja um dos da vossa casa. Que suavíssima hora, quando, regando-se o corpo com lágrimas, a alma Vos abraça intimamente consigo! Ó divino Menino, abraçai-me convosco, choremos juntos: Vós por mim, e eu por Vós. Ganhareis a minha alma, e eu possuir-Vos-ei. Consolar-Vos-eis comigo, e eu conVosco.

Oh, que ternuras e que tesouros comunicais àqueles que, abraçados Convosco, choram por Vós e Convosco!

Bem-aventurados, verdadeiramente bem-aventurados, os que choram — pois serão consolados por Vós, e Convosco, na bem-aventurança eterna.

Acabem para mim, bom Jesus, os prazeres da terra; comecem em mim as fontes de lágrimas. E pois que Vos tenho ao chorar, desde já renuncio a todos os prazeres desta vida. Vinde a mim, bom Jesus, derretei-me todo no

desejo de Vos possuir. Seja para mim este mundo um vale de lágrimas, para que possa merecer possuir-Vos para sempre nas supremas e eternas alegrias.

Ó Mãe sacratíssima deste Senhor, que vistes e compreendestes as Suas lágrimas, e O acompanháveis nelas com o gozo de ter diante dos vossos olhos, e nos vossos braços, tamanho Bem: alcançai-me dessas lágrimas aquilo que elas me desejam dar.

Ó Corte Celeste, regada com o fruto dessas lágrimas, e enriquecida com os bens que por elas foram merecidos: compadecei-vos deste exilado filho de Eva, e alcançai-me o ódio daquilo que me impede de estar em vossa companhia, e um fogo ardente de amor por Aquele que aí vedes, amais e possuís. Ámen.

TRABALHO VI

Desabrigo nas asperezas do tempo.

A batalha que o nosso Senhor travou nesta vida contra os pecados (como já dissemos) não foi apenas para satisfazer por eles ao Pai Eterno e merecer-nos graça e glória para nos libertar do seu poder, mas também para nos deixar exemplos vivos de virtudes, para que víssemos o mal que nos causam e aprendêssemos a fugir deles. Por isso, contra os vícios que mais reinam no mundo e contra as maiores e mais comuns ocasiões deles, armou-se ainda mais e, com as virtudes contrárias, deu-nos muito mais exemplos. Como, por exemplo, a humildade, a paciência, o ódio e desprezo de todo o gosto do mundo e de tudo o que nele se estima, e outras semelhantes.

E porque o amor pelo corpo, o cuidado e o mimo com ele são das coisas que mais ocupam e consomem tempo aos homens, e que mais ocasiões dão para muitos e gravíssimos pecados, o Filho de Deus, logo ao nascer e durante toda a vida, tratou o Seu corpo de tal maneira que os que tivessem forças, espírito e graça para o mortificar, dominar e castigar tivessem n'Ele exemplo mais do que suficiente; e os que não ousassem tanto, ao menos, pelo modo como o Senhor tratou o Seu corpo, vissem quanto se devem guardar de tão cruel inimigo doméstico, para não perderem por ele a alma e os bens supremos.

Um dos mimos que os homens costumam dar aos seus corpos, e que lhes gasta grande parte da vida e dos bens, é inventar formas de os livrar das injúrias, mudanças e asperezas do tempo, para que sintam menos aquilo a que são naturalmente sujeitos. Para isso inventou a vaidade humana as casas, sótãos, varandas, eirados, jardins, bosques, fontes, tanques, roupas, camas, comidas, músicas, jogos e outra grande variedade de confortos: uns para o calor, outros para o frio, e outros para distrair os sentidos, para que não sintam tanto o que inevitavelmente hão de padecer.

Mas, como o corpo mimado não dá outro fruto senão traições contra aquele a quem deve sujeição e obediência, levanta-se este tirano e, sendo escravo, quer ser senhor; e, no meio dos prazeres destes confortos, abre as

portas ao descuido da vida eterna, à estima exagerada de todas as coisas terrenas, a prazeres profanos e desonestos, à libertinagem dos sentidos, por todas as coisas que podem cativar e submeter a alma ao seu amor e serviço.

E, devido à grande libertinagem e excesso que disto há no mundo, e ao grande perigo que as almas correm de se perder, os Santos Padres, movidos e ensinados pelo Espírito Santo, criaram a vida comum nos Mosteiros, onde houvesse uma justa medida para viver e se cortasse todo o excesso que leva à perdição da alma, sem faltar ocasião para quem quisesse sujeitar o corpo a maiores asperezas. E muitos, não contentes com isto, afastaram-se das povoações e foram para desertos sem casas, sem roupas nem alimentos que parecessem humanos. Uns viveram toda a vida em jejum perpétuo, outros expostos ao calor, frio e relento, e todos se esforçavam por negar ao corpo até o necessário, tanto quanto os mundanos se ocupam em o satisfazer e mimar.

O nosso divino Mestre Jesus, vindo ao mundo, nasceu nu, como todos os filhos de Adão, numa casa desabrigada, no mês mais frio do ano, a horas de meia-noite, tremendo de frio, sem abrigo nem agasalho suficiente. Depois de adulto, nunca mudou a roupa que Nossa Senhora lhe deu, bem pobre, e com ela andou até a deixar aos pés da Cruz. Não se recolhia do calor, nem se agasalhava mais do frio, nem fugia do relento; e, como o Seu corpo era como o dos outros e sujeito ao sofrimento, os tempos ásperos não Lhe causavam menos impressão que a qualquer outro. Enquanto viveu em casa, esta não tinha estrutura suficiente para o proteger do calor e do frio.

Depois de começar a pregar, a terra era o Seu chão e o céu o Seu telhado, e o Seu santíssimo corpo, barba, cabelos e vestes recebiam orvalhos, geadas, chuvas, ventos, sol e calor, com todos os trabalhos que isso custa, como se fosse Ele o pecador que tivesse abusado de tudo isso. E para não dar descanso ao corpo, se de dia recebia agasalho e alimento de alguns, à noite saía para o campo, montes ou hortas a orar e sofrer.

Este Senhor era o próprio autor e criador dos tempos, que os repartiu nas suas variações para o serviço dos homens. E devemos pensar que, pois tudo sabia, já quando os criou, o Seu amor O movia e Lhe dava especial gosto em suportar o trabalho que Lhe haviam de causar. Assim, criou para Si o frio do inverno, o calor do verão e a aspereza dos ventos, satisfazendo-

Se apenas com o trabalho disto, deixando aos homens os frutos temporais que eles produzem, e dos quais o Senhor fez pouco uso.

Grande companheiro têm neste Senhor os pobres, a quem falta o que sobra aos ricos. E, ainda que sofram o trabalho e desabrigo dos tempos por não poderem ter os necessários meios de defesa, todavia, como é grande virtude cristã saber fazer da necessidade virtude, lembrem-se do que diz São Crisóstomo: que, como Deus dá muito valor ao amor e à boa vontade, não aceita menos os trabalhos forçados que os voluntários, se o amor, a vontade e o desejo de O servir fazem deles um sacrifício e Lhe oferecem aquilo que não podem deixar de padecer.

E com muita razão podemos pensar isto de Deus: porque, assim como os trabalhos que me vêm forçosamente e que não posso evitar vêm da mão de Deus, tal como a vontade que Ele dá para aceitar outros voluntariamente para O servir, não Se dá Ele por menos servido de quem aceita de boa vontade o mal que Ele ordena do que daquele que executa a boa vontade que Ele mesmo inspira.

Antes, se os pobres e necessitados tivessem espírito de Deus, não se deveriam considerar pouco ditosos por Deus lhes ter dado no mundo a sorte que para Si escolheu; pois vemos que, quando nasceu, havendo muitos justos ricos entre o povo de Deus, só à companhia dos pobres (Sua Mãe, São José e os Pastores) Se mostrou. E têm com Cristo, desabrigado e atribulado, uma grande consolação e merecimento, se Lhe oferecerem o frio, o calor e as necessidades que padecem, em união e companhia das que Ele padeceu; porque, juntando a sua pequenez a esta tão divina companhia, ficam com ela a merecer frutos da vida eterna.

E se fazer da necessidade virtude vale tanto diante de Deus, quanto valerá padecer por virtude aquilo que não é necessário? Sem dúvida, os ermos povoados de voluntários penitentes, os Mosteiros cheios de voluntários necessitados, as asperezas voluntárias impostas ao corpo, o cortar voluntário dos excessos corporais, têm neste Senhor não só exemplo e valor, mas também força e ânimo para tudo aquilo que a natureza julga não poder fazer. Porque o amor, como diz São Pedro Crisólogo, não costuma tomar a dificuldade como desculpa, nem a impossibilidade como pretexto para não fazer o que deseja, tanto mais animadamente empreende

as coisas quanto mais difíceis e impossíveis lhe parecem, para se assemelhar, de algum modo, ao verdadeiro amigo Jesus.

Assim conta Paládio que umas santas mulheres, vivendo muitos anos entre paredes altas sem telhado, com grandíssimo trabalho, sendo perguntadas como podiam suportar aquilo, não souberam dar outra razão senão que a formosura do Esposo era tamanha que não deixava parecer grande o trabalho, pois lhes dava semelhança com Ele e contentamento.

E se os mimados e excessivos nos prazeres soubessem dos mimos espirituais dos que se despojam por Deus e dos suaves confortos com que esse Senhor os trata, estariam muito longe de fazer pelos seus corpos o que fazem. Mas, porque isto é mais para experimentar do que para explicar, podem, contudo, ter uma ideia pelo que vai no coração dos justos que padecem privações: que vivem nelas mais contentes e alegres do que os outros em todos os seus prazeres; e que não trocariam uma hora dos seus frios ou calores, em companhia de Jesus, por todos os gostos de todos os mimados do mundo juntos.

Parece que aqui não se enquadram os que não são tão mimosos ao ponto de, pelo mimo do corpo, perderem Deus, nem tão rigorosos consigo próprios que deixem tudo por Ele. Como, por exemplo, reis, nobres, casados e a maior parte das pessoas de bem do mundo. Mas, na verdade, também estes encontram nos trabalhos do Senhor grande consolação, pois vêem que, embora o Senhor tenha dado exemplos tão rigorosos para a vida humana, não obrigou ninguém a segui-los; antes, merecendo-nos Ele o Céu com tantos frios e calores, deixa-nos ir até Ele com abrigos e agasalhos, e, com os Seus trabalhos, obteve remédio para os males que a alma comete pelo gosto do corpo. Todavia, permitiu aos homens o uso destas coisas, mas não lhes deu licença para excessos desmedidos nem para prenderem nelas o amor que Lhe devem. E, ainda que para se livrar das tiranias do corpo tenham mais trabalho e mais perigo do que os que deixaram tudo, se recorrerem à frequência dos sacramentos para purificar a alma, ao exercício das virtudes próprias do seu estado e tiverem cuidado para que a alma não se disperse nem se ocupe e distraia tanto com as coisas e prazeres do corpo como ele quer, poderoso é o Senhor, que de pedras sabe fazer filhos de Deus, para tirar rosas de espinhos e flores de mato áspero.

Podem também estes ter um modo especial de se harmonizar com Deus, e que Lhe é muito agradável: que, quando virem a diferença que há entre eles e Cristo no tratamento dos seus corpos, o que vêem em Cristo lhes sirva de confusão diante de Deus, levando-os a pedir-Lhe misericórdia e desapego de tudo o que possa pôr obstáculo ao Seu amor. Porque tal é este nosso amigo, que Se agrada muito da humildade do coração, supre com amor todas as faltas da nossa natureza e enche com abundância todos os verdadeiros desejos de amor. E, pois Ele é tão generoso connosco, sendo tão rigoroso consigo mesmo, quem se poderá queixar com razão? Ou, por melhor dizer, deixará Ele de ter razão para se queixar se, esquecendo tudo o que fez, apenas nos preocupamos em agradar, sem medida, ao inimigo que destrói as almas que com tanto trabalho remiu?

Não se deve esquecer, para melhor agradecer ao Senhor estas graças que nos concedeu nos trabalhos que por nós quis padecer, que neles quis sujeitar-Se às leis que impôs a Adão. Uma delas foi que comeria o seu pão com o suor do seu rosto, numa terra que lhe daria espinhos em vez de trigo. Por pão entende-se tudo o que se procura para viver e sustentar a vida; e por suor entende-se o trabalho que tudo custa, sendo o suor o maior sinal de cansaço e esforço físico. Assim, Deus quis dizer que, como não soube nem quis aproveitar o estado folgado do Paraíso, teria, como pena da desobediência, de conquistar a vida com muito trabalho e, muitas vezes, trabalhando em vão.

O Filho de Deus, cuja principal obra foi salvar almas, quis passar pela mesma lei e, com o suor do Seu rosto, com muito frio e muito trabalho, quis procurar-lhes o remédio, como filho do cansado Adão. Mas, ainda assim, sofreu também a outra parte da pena, pois em muitas almas trabalhou em vão, recolhendo delas, em vez de fruto de vida, perdição eterna. Só dá fruto e gosto ao Senhor o coração que sacode de si o amor terreno e a frieza do amor divino; porque estas dão ao Senhor mais trabalho do que as asperezas do tempo que padeceu. Pois, se as quis padecer, foi para provocar os nossos corações a acolhê-Lo no íntimo da alma, onde nenhum mimo que Lhe façamos é recusado, nem qualquer presente de amor pode ser excessivo.

Exercício de desabrigo do Senhor

Brandura divina, como não comoveis a dureza deste coração para vos amar e agradecer tantas invenções quanto o vosso amor encontrou para me mostrar o quanto me quereis? Como suportais que eu esteja tão frio no meio de tantos fogos do vosso amor? Não o permitais, bom Jesus, que o vosso amor ardente, que não sabe estar ocioso, se ocupe só em Vós: ordenai que trabalhe também em mim, e que em mim se exerça com toda a sua força. Nesta dureza do meu coração tem muito que fazer; se fizer em mim as suas obras, serei totalmente abrasado, e Vós mais glorificado.

Adoro-vos, Menino divino, amo-vos, meu soberano bem, nesses membros pequeninos e encobertos. Em tudo sois grande, em tudo sois semelhante a Vós mesmo; nem esses pequenos membros conseguem esconder a riqueza dos vossos tesouros. Só a aparência é fraca — mas que coisa há em Vós que não seja soberana e admirável? Que fareis, bom Jesus, por mim, quando esses vossos membros crescerem e tiverem força para padecer muito, se agora, quando ainda têm necessidade natural de agasalho e abrigo, já os tratais com tanta dureza?

Vejo que não temperais a inclemência do frio; vejo esse pequeno corpo estremecer com o desabrigo da noite tão gelada; vejo uma Mãe tão pobre, que mal tem com que vos cobrir; vejo esta casinha tão aberta, que não há canto que vos possa abrigar. Não vejo aqui fogueiras para vos aquecer, mas apenas miséria e falta de tudo. Bendito e louvado sejais, riqueza infinita do Céu!

Poupai-vos agora, bom Jesus, pois tereis tantos trabalhos ainda por suportar nesta vida, para minha salvação! Mas estas são as febres do vosso amor, que não vos deixam descansar: o corpo sofre com os frios, com as mudanças do ar e do tempo, mas a alma e a divindade ardem num fogo vivo; e Vós não sois como aqueles que se contentam com pouco e deixam as obras boas a meio, sem as levar até ao fim.

Toda a vossa vida, esperança do meu coração, vivestes desabrigado: nunca vos protegíeis do calor, nunca vos defendíeis do frio, nunca mudáveis de roupa conforme o tempo; nunca usastes de confortos nem mimos — sempre preferistes o mais áspero e duro desta vida, do qual todos fugimos.

Quantas vezes, Senhor meu, amanhecíeis ao relento, pálido pelo frio da noite? Quantas vezes a vossa sagrada cabeça, as vossas barbas, e as vossas roupas estariam molhadas pelo orvalho e pela humidade? Quantas vezes essas puríssimas carnes se banhariam em suor com o calor do dia?

E porque tudo posso confiar na vossa infinita e eterna bondade, e no amor que me tendes, imagino, ó Deus, com ternura, que quando criastes o mundo para ser casa e sustento dos nossos corpos, e quando repartistes os tempos, já destináveis o frio ao inverno, o calor ao verão, e o rigor aos ventos, para que vos atormentassem. Já então, movido pelo amor, vos apressáveis a vir agora ajudar os homens nas dificuldades dos tempos agrestes.

Assim, logo ao nascer, como quem deseja experimentar aquilo que criou para si, ordenais à noite fria que Te atormente; e com tanto gosto começais a suportar o sofrimento causado pelos tempos que criastes para vos atormentarem, como os mundanos se alegram em desfrutar dos jardins e casas de prazer que fazem para os seus passatempos desordenados.

Ó amantíssimo das almas, ó mestre verdadeiro das sublimes e puras verdades, ó companheiro fidelíssimo dos pecadores atribulados, quão longe está de Vós mandar algo sem o cumprir! Pois mesmo no tempo em que caláveis, falavam por Vós as vossas obras.

Bem vedes Vós, bom Jesus, quanto tempo me ocupa — e tão mal empregado — o cuidado e o mimo deste corpo miserável, verdadeiro inimigo desta alma. Bem vedes quanto ele me distrai das coisas interiores, porque me absorve por completo. E como sou obediente a tudo o que ele exige de mim, mesmo com risco de Vos perder. Vivendo nos braços deste inimigo — malicioso, manhoso, falso e perigoso para todo o bem da alma — nunca lhe nego nada do que pede, e nada me parece demasiado para o satisfazer.

Vejo que, quanto mais cuido dele, menos me agradece; quanto mais lhe dou, mais me exige; quanto mais o sirvo, mais se impõe como senhor. Quanto mais o animo, mais se enfraquece; e quando penso que está satisfeito, mais se queixa. E se porventura desejo receber dele alguma retribuição, paga-me afastando-me de Vós, minha soberana bem-

aventurança, rebaixando esta alma miserável a toda a baixeza do mundo, e não permitindo que em mim dure ou viva qualquer coisa que seja vossa e possa contrariar os seus prazeres.

Ó conhecedor do meu interior miserável, quanto tenho aqui que chorar! Ó verdadeira Vida das mortes desta alma: misericórdia! Não vos ireis contra mim, Senhor. Os males que esta alma miserável sofre por satisfazer este corpo, só Vós os conheceis; e o cativeiro em que me encontro, só Vós o entendeis. E mesmo que toda a vida eu chore, nunca deixarei de ter motivo para chorar; e por mais que me purifiqueis, sempre terei de temer.

Valhei-me, Senhor, por amor de Vós, pois bem sabeis quanto devo temer o tempo em que tratei mais do meu corpo do que de Vós, e quanto devo chorar pelo tempo em que, mesmo com a vossa graça, Vos procurei de forma tão imperfeita. Porque, bom Jesus, espelho e amor da minha alma, quando fiz eu por Vós o que o mundo e o corpo fazem por si mesmos?

Não têm fim os excessos e invenções de casas, roupas e confortos para fugir ao calor e ao frio, para proteger o corpo do desconforto do tempo — e tudo isso parece pouco! E para isso são deixados de lado as viúvas pobres, os órfãos e o culto divino. E eu, quando com a vossa graça me inspirais a procurar-Vos e a preparar-Vos morada na minha alma — que casa Vos preparei no meu coração? Que fogos acendi de amor para Vos acolher nesta alma? Com que pureza Vos abracei dentro de mim?

Ó bondade infinita, tão paciente em me suportar, tão generosa em me perdoar!

Vale mais uma hora dos vossos doces e interiores consolos do que todos os prazeres que o mundo pode dar juntos. E, no entanto, quanto mais faz o mundo pelos seus falsos bens, do que eu faço pelos verdadeiros! A vida foge do meu coração, a minha alma emudece e confunde-se. Curai, Senhor, as chagas desta vossa criatura, que tanto amais.

Só Vós agis em tudo como Aquele que sois, e eu, em tudo, ajo como o que sou. Faço muito por este corpo, como o grande pecador e perverso que sou, e contento-me com fazer muito pouco por Vós, como fraco e miserável.

Os meus males são grandes, pela medida do meu coração tão corrompido; os meus bens são pequenos, porque sou muito pobre deles — e eu conheço-me, meu Deus. Só Vós, Senhor da minha alma, sois grande em tudo: grande no poder, grande no sofrer, grande na tribulação, grande em me amar, grande em me perdoar, grande em ter paciência comigo, e grande em Vos acomodar à minha pequenez.

Não me obrigais a fazer quanto Vós fazeis, e ainda me permitis acudir às necessidades deste corpo — e apenas me pedis que Vos ame muito. Oh, quando chegará essa hora em que, com um amor ardente, supere a fraqueza e miséria deste corpo? Ó divino Amor, grande em tudo, acende-te neste coração e realiza nele as tuas grandes obras.

Dá-me domínio sobre esta carne, e se não posso sofrer nela todos os trabalhos que Tu sofreste por mim, ao menos dá-me uma fome de Ti que nunca se sacie. Que ao menos Te deseje muito, já que Tu fazes tanto por mim.

Tira de mim toda a desmesura; ensina-me a não dar mais a este inimigo (o corpo) do que o necessário. Converte em Ti todo o meu cuidado, pois só em Ti está bem empregue. Trocai, Senhor, a partir desta hora e para sempre, os cuidados desta alma: tomai Vós conta de mim e concedei-me que eu me ocupe inteiramente em Vós.

Que mais posso desejar, minha Vida, além de Ti, que seja verdadeiramente bom? Que me pode faltar, se em Ti encontro o meu contentamento? Oh vida perdida, quanto tempo gastei longe de Ti! Oh amor mal empregado fora de Ti! Tu és o verdadeiro descanso desta alma, o verdadeiro remédio para as minhas necessidades, o amparo seguro nas minhas aflições, o único e verdadeiro Pai que me sustenta e cuida de mim.

Então, vida do meu coração, como é que ainda não me contento só contigo? Abri, Senhor, este peito; acolhei e curai esta vossa criatura, porque, de qualquer forma que seja, eu sou vosso. E se já o sou por justiça, quero sê-lo agora, e para sempre, por escolha, vontade e amor.

Mas, Senhor da minha alma, minha esperança, meu verdadeiro contentamento: o que mais Vos atormenta — o frio que sofreis ou a frieza

desta alma? Ensinai-me, Senhor, a compreender-Vos e a contentar-Vos.

Bem sei que com a aspereza deste frio estais a pagar o mal deste coração tão entregue ao conforto. Sofreis com gosto esse sofrimento, e ainda me ameaçais — com ternura paterna — de atravessar esse vosso peito cheio de amor, se me encontrardes morno e indiferente!

Ó misericórdia infinita, que será de mim, que não encontro sequer uma hora da minha vida em que, com amor verdadeiro, Vos tenha suplicado com fervor? Vós aceitais bem sofrer frios e tempestades como um viajante e peregrino, porque sabeis que não tendes abrigo aqui, senão na vossa própria casa. E, quando chegais a este coração que criastes para Vós, e que quereis como casa do vosso descanso, quereis encontrá-lo acolhedor, com calor, com abrigo.

Oh, quem sempre Vos acolhesse com amor puro! Oh, quem nunca Vos tivesse lançado fora com frieza! Mas bem sei que é isso mesmo o que quereis de mim — pois usais comigo da mesma lei que aplicais a Vós. Criastes-me, meu Deus, para Vós, e ordenastes que o meu coração permaneça inquieto enquanto não repousar em Vós.

Quisestes ser a minha morada e o meu lugar de repouso. Lançastes-me neste degrau de vida como remédio, para que Vos procure e caminhe até Vós e, assim, Vos mereça. E se permitis que eu passe trabalhos nesta vida — como caminhante numa terra árida e pedregosa — ao chegar a Vós, não quereis que esteja cansado nem desanimado.

Logo Vos encontro, logo me consolais, logo me sustentais, logo me mostrais que em Vós estão os meus verdadeiros bens e repousos. Em Vós não quereis que me falte nada, para que reconheça como bem empregado tudo o que sofri para chegar até Vós.

E se por vezes Vos ocultais, é para que depois Vos possua com mais suavidade e gosto. Sois tão justo e tão fiel que quereis usar comigo da mesma medida. Só em mim quereis abrigo e descanso; só em mim quereis repousar; só comigo quereis partilhar os vossos divinos momentos de intimidade. Mas se encontrais o meu coração — a casa desta alma — ocupado por outro amor, frio e desabrigado do vosso, então não repousais.

Se em mim encontrais acolhimento, todo o vosso trabalho é, para Vós, bem recompensado; mas se achais o lugar ocupado, é isso que Vos cansa.

Ó meu amor, minha glória, minha beleza — quantas vezes batestes e eu não Vos abri? Quantas vezes chamastes e eu não Vos acolhi? Quantas vezes entrastes e eu Vos expulsei? Quantas vezes Vos troquei, minha bem-aventurança, pela minha perdição?

Para que vivo eu, meu Deus, se não é para Vós? Acabai, Senhor, com este mistério! Vós, que nem cansado deixais de insistir para entrar nesta alma, fazei com que finalmente Vos receba! Vinde, minha esperança, vinde, minha saúde, vinde, minha glória — lançai fora os maus moradores desta alma, pois ela é vossa morada!

Acendei nela o fogo do vosso amor; fechai-Vos dentro dela e não me deixeis fazer nela o que eu quiser. Transformai-me conforme a vossa vontade.

Não confieis em mim, meu Deus; bem sabeis que, quando estou diante de Vós, sou generoso em prometer e em desejar — mas, saindo daqui, sou lento em cumprir e frio em amar-Vos. Fazei Vós a vossa obra, pois não posso ter bem algum senão em Vós.

Não se perca, vida da minha alma, a vossa obra por causa da minha malícia. Reparai o que foi destruído, salvai o que se perdeu; glorificai-Vos na vossa criatura. Reinai no que é vosso, abrigai-Vos em mim — que sou vosso — e abrigai-me Convosco, meu Deus e meu Senhor, minha bem-aventurança perfeita.

Fazei-me conhecer mais profundamente, meu único bem e amparo, quão grande foi a sentença que destes a Adão: que, com o suor do seu rosto e o trabalho do seu corpo, comeria o pão — e que, muitas vezes, colheria espinhos em vez de pão. E Vós, meu verdadeiro Adão e Pai, que não tendes pão mais saboroso do que os corações — ainda que saibais quantos se hão de colher em espinhos — não quereis, por isso, escapar à sentença rigorosa de Adão?

Mas buscais e escavais os meus remédios com frio, calor, mortes e trabalhos. Que há em mim, para que tenhais gosto em mim e façais tanto por mim? O que ganhais em ser amado? Ah, perdoai-me, Deus da minha alma — quem sou eu para querer saber mais do que querer-Vos a Vós?

E se outra coisa não quereis, senão que Vos ame — por que não Vos amo? Muito me dais para que Vos ame, muito quereis ser amado por mim — e não sei em qual dessas coisas mais Vos dais.

Ah, Amor, que tanto me ama e tanto faz para ser amado por mim — o que te detém, que não faças em mim o que desejas? Como posso amar-Te sem Ti? Faz em mim o que mandas, e depois manda o que quiseres.

Queima já os espinhos e o mato desta alma que tanto trabalho Te dá; lavra este coração duro como terra, semeia nele o teu divino amor. Dá fim a esta frieza interior. Tu, que me queres por inteiro, toma-me todo, pois eu já não sei fazer outra coisa senão gemer e chorar.

Abre os teus tesouros, pois tudo está em teu poder. Ó amor, ó voluntário amor!

Ó Mãe de Deus, puríssima morada deste Senhor, Vós que tanto mais O acolhestes na vossa alma do que O abrigastes exteriormente; ó tesoureira de todos estes bens, alcançai-me deste Senhor aquilo que Ele quer de mim, pois bem sabeis que, sem Ele, até a mais pura vontade é frágil.

Ó moradas sublimes e casas celestiais, corações puríssimos onde Deus repousa, lembrai-vos de que fostes também peregrinos. Compadecei-vos deste que ainda caminha em perigo, e alcançai-me d’Ele que faça de mim a sua morada perpétua. Ámen.

De Nossa Senhora Sacratíssima

Antes de avançarmos, parece-me necessário lembrar aos que se dedicam a meditar nos trabalhos do Senhor que não se esqueçam da companhia que a sacratíssima Virgem Maria, nossa Senhora, fez ao Filho de Deus e seu próprio Filho durante toda a sua vida e nos seus trabalhos.

Porque o Senhor nos deu esta Senhora tão perfeita e tão cheia de todas as virtudes e graças, para honrar a nossa natureza, para suprir as nossas faltas e para se satisfazer nela por todos aqueles que Ele deseja e não encontra em ninguém.

A nossa natureza ficou assim depois do pecado do nosso primeiro pai, Adão, pois nenhum dos seus filhos consegue cuidar de si próprio, senão com imperfeições e defeitos, mesmo nas coisas em que pensamos que agradamos a Deus e O servimos.

Assim diz Isaías, que todas as nossas justiças e virtudes são tão imperfeitas que não podemos fazer outra coisa senão fugir delas, por causa dos nossos defeitos.

Isaías não diz isto apenas com estas palavras, mas compara as nossas virtudes a algo tão baixo que nem se pode nomear, algo que serve para limpar outra coisa muito mais miserável, e mesmo depois de cumprir o seu papel, não fica menos baixa, antes permanece na mesma miséria.

Assim, as virtudes que praticamos para curar os defeitos e podres da nossa natureza são tão mal exercitadas e com tantos defeitos, que nos devem humilhar tanto como as próprias imperfeições.

E como o nosso Senhor fez esta nossa natureza, como diz São Leão Papa, para que imitasse o seu Criador, está tão derrubada pelos pecados que ficou muito mais abaixo da semelhança das perfeições divinas com que Deus a criou, para que pudesse imitá-Lo como deve ser, e para Deus fazer nela o seu lugar de prazer, como desejava.

Para tudo isto, Deus acudiu e restituiu tudo fazendo da Virgem sacratíssima sua Mãe e nossa Senhora tão perfeita, que na sua alma morasse completamente a sua vontade, e que os seus serviços lhe fossem mais aceites do que os de todas as outras criaturas puras, humanas e angelicais, e que na sua alma se visse mais do que em todas a perfeitíssima semelhança das perfeições divinas.

E isto é mesmo assim, pois até no exterior mostrava uma tão soberana perfeição, que São Dionísio Areopagita disse que, se a Fé não lhe tivesse

ensinado que havia um só Deus, ao ver a Virgem Nossa Senhora teria pensado que nela estava completa a divindade.

Deste modo, Santo Atanásio explica aquela palavra do Anjo: “O Espírito Santo virá sobre ti, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.”

Assim o Espírito Santo pôs na Senhora do mundo tantas perfeições que pareciam nela como sombras da perfeição de Deus, representando-as tão vivamente. Ora, como esta Senhora não teve nenhuma dessas graças e perfeições para si própria, usava todas elas para servir e agradar ao Senhor de forma perfeita.

Conhecia profundamente os mistérios divinos, tirava deles os frutos do espírito com muita prudência, e cumpria todas as suas obrigações com tanta pureza e perfeição que escondia de Deus todos os defeitos humanos para os sofrer e curar, tendo na nossa natureza corrupta uma criatura humana pura que, em tudo, satisfazia todos os seus desejos e fazia todas as suas vontades.

Por isso, o Evangelista diz dela que, nestes primeiros mistérios da vida e entrada do Senhor no mundo, ela conservava, ponderava e meditava tudo no seu coração.

Tomava dos prazeres apenas o suficiente. Conhecia os trabalhos do Senhor e sentia o que lhe competia, fazendo-lhe uma companhia fiel em tudo quanto sabia que o Senhor dela queria.

Lembra-te, portanto, desta Senhora, quem cuida dos trabalhos de Jesus, para ajudar a senti-los e para dela receber uma companhia a Deus muitíssimo aceitável, que suprirá as tuas faltas.

TRABALHO VII

Circuncisão.

Cristo nosso Senhor não quis, depois do Seu nascimento, passar muitos dias sem dor que Lhe custasse sangue e tormento, oferecendo assim as primícias do muito que havia de derramar e apresentar ao Pai Eterno para nossa salvação. Assim, aos oito dias de vida, que era o tempo estabelecido pela lei que Deus deu a Abraão para a circuncisão dos meninos, submeteu-Se a essa mesma lei, sendo Ele o próprio autor dela.

Muitas razões O dispensavam de a cumprir, para além de ser o próprio Deus que a tinha instituído. Em primeiro lugar, porque a circuncisão fora estabelecida como sinal de fé no Messias que o povo de Israel esperava; pela circuncisão, confessavam viver na esperança, fé e amor d'Aquele que havia de vir salvar. Mas Cristo, sendo Ele o próprio esperado e prometido Filho de Deus feito homem, não tinha outro maior que Si cuja fé e esperança precisasse declarar.

A circuncisão era também sinal dado por Deus a Abraão e aos seus descendentes pela linha de Isaac, como marca do pacto em que Deus Se comprometia a ser o Deus daquele povo, e este a ter unicamente a Ele como seu Senhor. Assim, só este seria o povo escolhido de Deus, enquanto todas as outras nações, mergulhadas na idolatria, seriam rejeitadas. Mas Cristo veio pôr fim a este pacto restrito, alargando-o para formar um só rebanho de todos os povos e nações, escolhendo de entre todos aqueles que quisessem viver e morrer no Seu amor e fé, sem distinção. Portanto, já não estava obrigado ao sinal de um pacto que Ele próprio vinha renovar e ampliar.

Além disso, a circuncisão corporal simbolizava a obrigação de cortar e purificar do coração toda a dureza e más inclinações que prejudicassem o amor e a observância da lei de Deus. Mas Cristo, pureza e perfeição infinitas, não tinha nada em Si que cortar ou reformar, sendo Ele quem purifica todas as almas.

Acima de tudo, a circuncisão era um sacramento da antiga lei, pelo qual, mediante a profissão de fé e esperança no Messias e submissão à lei de Deus, se perdoava o pecado original. Era, portanto, sinal e remédio para pecadores. Cristo, que tanto como Deus quanto como homem era impecável, e que é o autor da graça e do perdão, estava infinitamente longe de precisar deste remédio. Ainda assim, o amor divino — que nada pode prejudicar — não considerou impróprio descer àquilo que mais contrastava com a Sua majestade, mostrando mais força e grandeza quanto mais operava em coisas aparentemente alheias à Sua natureza divina.

Assim, Cristo não se contentou em manifestar o Seu amor apenas em obras sublimes e elevadas, mas quis dá-lo a conhecer ainda mais em coisas humilíssimas, submetendo-Se a elas por amor de nós. Entre todas, a mais baixa foi tomar a figura de pecador: não só nascendo como filho da carne do pecador Adão, mas também tomando sobre Si penas e remédios instituídos para limpar pecados.

Com isto, o Senhor combate um tipo de soberba muito comum: a de quem não tem vergonha diante de Deus para cometer muitos e gravíssimos pecados, mas sente imensa vergonha diante dos homens de parecer pecador. Assim, não têm qualquer pesar pelas feridas da alma, mas recusam os remédios e curas, por orgulho e vaidade. Cristo, sendo a santidade e saúde perfeitas, escondeu a perfeição da Sua pureza divina e humana e submeteu-Se à circuncisão como pecador, tomando sobre Si o remédio para culpas que não tinha, ensinando-nos que não é desonrado diante de Deus aquele que é tido por pecador sem o ser, nem honrado o que é mau só porque não parece.

A circuncisão obriga-nos ainda mais ao Senhor porque, ao contrário de outras ocasiões em que tomou forma de pecador, aqui não houve sinais visíveis da Sua divindade. No nascimento, os anjos e pastores adoraram-n’O como Deus; no templo, Simeão e Ana proclamaram-No; no batismo, o Pai e o Espírito Santo testemunharam-No; nas tentações, os anjos serviram-No; na paixão, até a natureza O reconheceu. Só na circuncisão parece esquecer-Se totalmente de Si e da Sua honra — sem anjos, milagres ou proclamações — para se unir intimamente a nós.

Mesmo que a circuncisão fosse apenas dolorosa, isso bastaria para que Ele a aceitasse, pois vinha desejoso de sofrer. E essa dor era grande, feita com instrumentos rudimentares, e aumentava ao terceiro dia, como narra a Escritura. O que as outras crianças sofriam sem compreender, tornando mais leve a pena, Ele sentiu com plena consciência e aceitou com o mesmo amor com que mais tarde se ofereceu na cruz.

Quis também cumprir o que a lei ordenava sobre as primícias: sendo tão pobre que nada possuía, ofereceu, neste primeiro tormento, as primícias do Seu preciosíssimo sangue — o bem mais fecundo que o mundo teria. Assim, logo aos oito dias, o Seu amor, com grande dor, tirou-Lhe do corpo as primícias do sangue que depois esgotaria totalmente na cruz.

Tudo isto fez por uma humanidade que desperdiça a infância em ignorâncias, a juventude em vaidades e a vida adulta em satisfazer os desejos do corpo e tudo o que mata a alma, deixando para Deus, a quem tudo se deve, apenas o resto — ou nada. Quem tiver os olhos abertos, encontrará razão para se envergonhar diante do cuidado deste Senhor, que não quis ter um único dia de vida livre de trabalhar pela nossa salvação, e que, desde o nascimento até à glória, se resume todo em muito sofrer e muito dar de Si.

Cristo nosso Senhor quis que a nossa redenção Lhe custasse muito, de modo que, desde menino até à morte, trabalhasse continuamente nela. Quis que víssemos que nos estimava mais do que a tudo o que tinha criado. Deus não empenhou mais esforço em criar o homem do que em criar a formiga, pois tudo foi feito igualmente porque Ele quis, sem trabalho algum. E, não Se importando com a perda das outras criaturas, para que o homem não se perdesse, tomou sobre Si todos os trabalhos, deu-lhes tão grande valor e quis que a nossa redenção Lhe custasse tão caro, para que não pensássemos que estimava pouco a Sua criatura, a qual nada Lhe custou criar, mas muito Lhe custou redimir. Por esta razão, São Paulo nos obriga a um perpétuo serviço a este Senhor, não só com todas as forças da alma, mas também com o corpo, pois diz que fomos comprados por um grande preço. É verdade o que diz Santo Agostinho, que muito menos teria bastado para satisfazer por nós; mas o que bastava para a redenção não bastava para o Seu amor, que queria ir até ao extremo. Também é verdade o que diz São

Cipriano: que Deus fez tanto pela nossa redenção para que a facilidade do perdão não nos deixasse livres para pecar. Tão inclinados estamos ao pecado que tudo isto foi necessário para reconhecermos o peso e a gravidade das culpas, já que precisaram de cura tão trabalhosa. E se, mesmo assim, nos entregamos tão facilmente ao vício, que faríamos se Deus, sem tanto esforço, não tivesse mostrado quanto aborrece o pecado e quanto mal nos faz? Cada um deve examinar-se, vendo se tem gasto a vida nos prazeres do pecado, sem sentir arrependimento, quando o seu Redentor não poupou nem a infância, nem descansou durante toda a vida, nem deixou de trabalhar mesmo na morte pela nossa cura. Naquele tempo era costume dar nome às crianças no dia da circuncisão. Também este Senhor, para que o início da Sua vida correspondesse ao seu fim, quis escrever na Sua santíssima carne, no oitavo dia, o sacratíssimo nome de Jesus (que significa Salvador) com o Seu sangue, já que, no fim da vida, iria realizar plenamente esta obra, derramando todo o sangue que tinha no corpo. Por ordem do Anjo, vindo da parte de Deus, foi-Lhe posto este nome na circuncisão. São Bernardo afirma que este nome não foi dado nesse dia como se fosse novo, mas que então foi publicamente chamado pelo nome que Lhe era próprio, e que mais Lhe convinha: ser Salvador, a verdadeira e essencial saúde, que a nenhum outro pertence naturalmente senão a Ele. Só Cristo é a verdadeira saúde das nossas almas; e porque o é por natureza, eternamente, trouxe consigo o Seu nome, mas quis que se declarasse apenas no primeiro dia em que, do Seu sacratíssimo corpo, correu o bálsamo do Seu precioso sangue, que cura todas as nossas chagas. O profeta Isaías tinha anunciado muitos outros nomes para o Senhor: “Apressado Roubador”, “Emanuel” (Deus connosco), “Admirável”, “Conselheiro”, “Príncipe da Paz”, “Deus”, “Pai do mundo futuro”, entre outros. Todos estes se encerram e se explicam no sacratíssimo nome de Jesus. Para ser verdadeiramente Jesus (Salvador), tinha de vir como um forte e apressado libertador para nos arrancar ao poder do demónio, do pecado e das cegueiras que nos perdiam; tinha de ser Deus e viver entre os homens; Mestre e Conselheiro com doutrinas admiráveis para nos salvar do erro; reconciliar-nos com Deus, fazendo a paz entre o Céu e a terra; ser Pai e autor da vida eterna, abrir as portas do Céu e dá-lo aos que o merecessem; e o Seu reino haveria de durar sem fim. Isto é ser Salvador perfeito, e tudo isto está contido no nome de Jesus. Querer o Senhor este nome é mais um excesso do Seu amor. Quando Moisés perguntou a Deus pelo Seu nome, Ele disse que era o Deus de

Abraão, de Isaac e de Jacob, e que assim queria ser sempre conhecido, porque estes foram santíssimos, grandes amigos e fiéis servos, e por eles e pela sua descendência Deus fez mais obras divinas do que por todas as outras nações do mundo. Mas, vendo o Filho de Deus que os Seus amigos eram poucos e como iria fazer tão grandes demonstrações de amor pelos Seus inimigos, mesmo sendo por eles desamado, não quis ser conhecido por outro nome senão por amigo e Salvador de inimigos. Antes, Deus quis honrar a amizade de poucos amigos; agora, neste nome de Jesus, quis honrar o Seu amor imenso para com tantos e tão grandes pecadores, chamando-Se seu Salvador, e admitindo-os à Sua verdadeira amizade. Assim, já Moisés não pode gloriar-se de ser o único amigo por ver Deus face a face, nem Abraão, Isaac e Jacob são os únicos íntimos que falaram e conviveram com Deus invisível; muito mais nós, pecadores, somos agora amigos especiais e queridos, porque O temos na nossa própria figura, circuncidado como pecador, vivendo e morrendo entre pecadores, e chamando-Se no Céu e na terra nosso Salvador. E como este Senhor é de tal modo nosso Salvador, quis que o Seu santíssimo nome de Jesus fosse temido no inferno, exaltado no mundo, adorado no Céu; e que nele as almas justas encontrassem prazer, as pecadoras, saúde; nos perigos, segurança; no descanso, contentamento; nas necessidades, remédio; na peregrinação, esperança; no frio, calor; nos devotos, amor; no medo, coragem; na tristeza, alegria; nos bens, fonte; e nos males, redenção.

Exercício da Circuncisào do Senhor.

Chegou, bom Jesus, amor da minha alma, a primeira hora tão desejada por Vós, em que haveis de derramar sangue pelos pecadores. Mostrai-me, meu amor, esse coração, os fogos que nele ardem, o alvoroço com que espera estas primeiras dores, que por nós haveis de sofrer. Tanto vos devo, Senhor, pelo amor e gosto com que tudo fazeis, como pelas próprias obras e graças que me dais. Quem como Vós, Deus de amor? Quem se enamorou assim de mim? Oh, se este coração vos seguisse ardendo, como vejo que Vós me seguis! Eu sempre vos atraso, e a Vós, meu verdadeiro amigo, parecem-vos longos anos os oito dias que esperais, pelo desejo que tendes de sofrer a pena e dor da circuncisão por mim, e dar-me nela as primícias do vosso santíssimo sangue.

A mim nem com leis, nem com ameaças conseguis levar a Vós; e Vós, sabedoria divina, sem obrigação de lei, vos sujeitais a ela, porque é lei de sofrer, na qual podeis mostrar a lei do amor, que vos mantém cativo e preso aos pecadores. Derretei-vos, entranhas minhas, no amor deste Senhor. Abri-vos, agarrai-vos a Ele, recolhei-o no íntimo da alma. Oh, meu suave amor, oh, minha segura e perfeita amizade! Nunca encontrais desculpa para não me mostrares o amor que me tendes. Não vos desculpais com a idade, nem com a vossa majestade, nem com o rigor da lei, nem com o facto de estardes desobrigado dela; mas quanto mais livre e mais Senhor sois, mais cativo vos mostrais do vosso amor, e em tudo o vosso amor é o vosso governo. Tudo fazeis porque amais, tudo sofreis porque amais, e amais porque amais.

Oh, bom Jesus, quem ama a quem? Vós a mim, em quem não vedes nada que possa ser amado, senão apenas a ocasião que os meus males vos dão de mostrares a grandeza do vosso amor, a riqueza da vossa bondade e os tesouros da vossa misericórdia. Pouco foi para Vós fazer-vos homem e menino, pobre, cheio de lágrimas, sujeito às minhas misérias; mas ainda quisestes parecer pecador e tomar na vossa carne o remédio que destes para os pecadores, sendo tão longe da vossa natureza qualquer mancha de pecado, que, se pudésseis pecar, seria impossível serdes Deus.

Que é isto, vida da minha alma? Se a coisa que mais aborreceis são os pecados, como sofreis parecer pecador? A fealdade dos pecados torna o inferno horrível; e a mancha dos pecados que temos na alma afasta-nos de Vós, Deus meu, e do Céu. Como é que Vós, divino Salvador, não só sofreis, mas procurais a figura de pecador, não apenas fazendo-vos filho do pecador Adão, nascido da sua carne, mas sujeitando-vos aos próprios remédios que destes para limpar pecados?

Deixais-vos circuncidar, sendo a circuncisão sacramento por Vós ordenado, para os pecadores protestarem nele a fé com que criam em Vós, Deus verdadeiro, e pela virtude dessa fé e protesto lhes perdoardes o pecado original. E mandastes que esse protesto e perdão se fizesse com sangue, porque o vosso santíssimo sangue ainda não tinha sido derramado, e sofriam esta pena os pecadores filhos do pecador Adão, pois nasciam como o seu pai. Mas Vós, pureza infinita e Deus verdadeiro, que sois o mesmo

infinito e soberano Senhor, em quem todos cremos e por cuja fé e amor somos salvos, e o mesmo misericordiosíssimo purificador e perdoador dos pecados, que necessidade tendes dos remédios dos pecados?

Amo-vos, penhor de infinito amor; adoro-vos, infinita sabedoria; louvo e engrandeço os vossos soberanos e incompreensíveis conselhos. Aborreceis pecados e amais o pecador, e o vosso amor não vos deixa de vos parecer com o amado na pena, embora não tenhais culpa. Obrigar-vos a pagar pelas minhas culpas foi a razão para passardes pelas penas que mereço; e tivestes mais cuidado com o meu remédio do que com a vossa honra nesta parte. Sois, meu divino bem, tão alto, que nenhum mal vos alcança; tão limpo, que nenhum pecador vos pode sujar; tão puro, que nem a figura de pecador vos pode manchar; e, sendo tão imprópria para Vós essa aparência, sois tão perfeitíssimo amante, que antes preferis pôr em risco a vossa honra do que o meu remédio.

Que achastes em mim, Deus meu, para tanto me amar? Oh, amor infinito! Assim como todas as coisas fizestes só por amor de Vós, assim nos amais com tamanhos excessos de amor só por amor de Vós. Para vos satisfazerdes nestes extremos, para mostrares neles em que fogo arde o vosso peito, chegastes ao extremo dos extremos: querer parecer o que é impossível serdes, para que, quando vos visse por amor como eu, nisso reconhecesse quem sois.

Oh, grande Deus e grande conhecedor meu, quanta coisa foi necessária para iluminar a minha profunda cegueira, humilhar o meu louco orgulho e pôr no caminho a minha vida errada! Quanto mais vos vejo elevado e ocupado na minha baixeza, mais entendo que, com menos força, menos virtude, menos perfeição e menos extremos de infinito amor, como mostrais, não podia eu ser levantado e remediado.

Oh, divino espelho de bondade, iluminai os meus olhos para que em Vós me veja; e, vendo-me e conhecendo quanto vos devo, me humilhe; e, humilhando-me, vos agrade; e, agradando-vos, me encha de novo esplendor da vossa luz, para que, assim purificado e iluminado o meu amor, todo se ocupe em Vós, como estais sempre ocupado em mim.

Se em Vós é grandeza de amor quererdes parecer pecador, que não podeis ser, que grande loucura e insofrível soberba é em mim gostar de ser pecador e não sofrer parecer tal? Gostar das chagas, pela cura das quais derramais este sangue, e envergonhar-me da sua cura? Fugir de toda a virtude e trabalhar para parecer o que não sou?

Curai, Senhor, em mim estas contrariedades sem fundamento nem razão. Não posso negar quão má e feia coisa são os pecados, pois me envergonho que os saibam; e, por outro lado, gosto de os cometer como se fossem verdadeiras bondades. Envergonho-me do castigo para que não me tenham em má conta, e sinto-me contente quando neles faço a minha vontade. Mato-me para que me seja restituída a honra, quando se publica o que na verdade sou; e em nenhuma coisa mais ocupo o pensamento do que em ser o que me envergonho de parecer.

Oh, infernais desordens! Amo o mal para o ter, e por ele me perder; aborreço-o para que não se saiba nem se cure. Tudo desordenadamente me vence: o amor dos meus males, a que desgraçadamente estou cativo; e o ódio à sua fealdade, para que não se ponha o remédio. É tão grande mal aborrecê-los desta maneira como amá-los, pois amo-os para não sofrer o castigo e a emenda deles, e aborreço-os para mais conservar o amor que lhes tenho.

E, na verdade, tudo é amor das minhas chagas, íntimo gosto das minhas culpas e íntima afeição pela minha perdição. Desta desordem, Deus meu, nasce em mim outra não menor: creio quão alto e soberano sois e que me vedes; conheço e experimento quão baixos e miseráveis são os homens que me vêem; sei que o vosso juízo verdadeiro me pode condenar justamente; sei que o juízo dos homens mais me pode perverter do que santificar; sei que o que sou diante dos vossos olhos e no vosso juízo, isso sou; e sei que não sou, na verdade, o que os olhos dos homens pensam que sou; nem eles me podem tornar melhor do que sou.

E, com todas estas certezas tão verdadeiras, que creio e entendo, nenhum temor nem vergonha tenho de ser, diante dos vossos puríssimos e divinos olhos, como Vós vedes que eu sou; e trabalho para parecer aos olhos dos homens o contrário do que, na minha consciência, vejo que sou. E, para que tudo seja desordem no meu desordenadíssimo coração, finjo

brandura exterior com coração de víbora; finjo honestidade com desejos e obras desonestos; finjo desprezo pela vaidade; e finjo humildade com soberbíssima arrogância e vanglória; finjo zelo santo com grossíssima ambição; santifico os meus vícios com capas de virtudes; e então fico mais incurável quando as minhas chagas parecem mais sãs e cobertas.

Deixo o tempo em que fui tão servo dos meus vícios e más inclinações que nem me envergonhava dos pecados e zombava da sua cura; e, pública e abertamente, me mostrava servo e seguidor das minhas desventuradas misérias e culpas. Fazia delas galantaria e arte; surdo a toda a verdade que desmentia as minhas mentiras; cego a toda a santidade que repreendia os meus males; e sem temor nem vergonha perante tudo o que me podia refrear neles. Pois neles me gloriava, deles vivia, a eles servia e deles me honrava.

E quando, como cristão, era forçado a buscar o remédio deles, deixava as raízes vivas para que nunca me deixassem as companheiras da minha perdição, que mais amava do que a saúde da minha alma.

Oh divina misericórdia, que já víeis isto, quando por mim padecíeis, então vos preparáveis para me suportar, esperar e perdoar. Parece que desesperastes de eu alguma vez consentir na cura dos meus males e, para não me condenardes, tomastes tudo sobre Vós. Senhor meu, afogue-se a minha alma na contemplação deste abismo sem fundo de misericórdia; mas que farei, se ela está também afogada e mergulhada no abismo de tão desordenadas e miseráveis desventuras?

Vós sabeis que nada mais clama aos vossos ouvidos divinos do que os meus males; noutro tempo, atendíeis a semelhantes clamores e abrasáveis cidades, subvertíeis povos, destruíeis e lançáveis no inferno os pecadores. Agora, Deus da minha alma, atendeis a eles, tomais sobre Vós as nossas penas, olhais-nos com misericórdia, perdoais-nos com piedade, ajudais-nos com amor e ajuntais-nos convosco, até tomardes a nossa figura, para que, com a vossa virtude, sejamos salvos.

Pois, bom Jesus, havíeis de ser o que sofre por mim, e eu hei de ficar o ferido? Oh entranhas paternais, curai este filho pródigo e enfermo; oh divina pureza, limpai este leproso; oh vida soberana, ressuscitai este morto.

Chegue até mim a virtude deste sangue; tirai-me com ele as minhas desordens e estabelecei em mim a caridade e o vosso amor. Já que para Vós me criastes, colocai o vosso temor em mim; que eu aborreça em mim o que Vós aborreceis e ame em Vós o que Vós amais.

Afastai o meu coração dos olhares venenosos dos homens e voltai-os para Vós. Que eu me contente só convosco e que toda a criatura se desagrade de mim. Oh amante soberano da minha alma, oh reparador poderosíssimo das minhas perdas, oh conhecedor sapientíssimo dos meus erros e dos meus remédios: plantai tamanho ódio aos meus males neste coração perverso e tão grande estima e amor por Vós, que eu fuja de mim para Vós, fuja dos homens e de tudo o que me cega e engana, para a vossa sombra e amparo.

Que toda a criatura me conheça pelo que sou e me ajude a vingar em mim as nossas ofensas. Desapegai o meu coração das afeições que o arrastam, para que as vossas obras não sejam em mim sem fruto. Já que não gastei toda a vida em Vós, como Vós gastastes em mim, ao menos na sua última parte, ainda que tarde, renovai-me. Sois poderoso, que me fizestes do nada; fazei de mim, que sou mau, um amigo fidelíssimo e servo leal da vossa casa.

Mostrai, Senhor, em mim a virtude desse sangue, para que toda a criatura vos glorifique, vendo o poder e a majestade que tendes escondidos nessa meninice e fraqueza. Que toda a alma veja que a figura de pecador é poderosa em Vós para transformar pecadores em verdadeiros santos; e que os mais pobres de bens são, por Vós e em Vós, mais ricos, mais santificados, mais transformados e mais abrasados no vosso amor.

Lembrai-vos, Senhor, que nos salvais muito porque sofreis muito, porque amais muito; e também dissestes que quem mais ama, mais é perdoado. E, pois, tomastes para Vós o sofrimento penoso para me dar o amor suave, dai-me este amor grande e abundante, para que me perdoeis muito.

Para que tomastes, Senhor, com dores, sangue e com os ardores da morte o nome de Jesus, se haveis de estar para comigo surdo a tantos clamores quantos vos dão as minhas necessidades? Antes de nascerdes,

mandastes dizer pelos Anjos que vos chamaríeis Jesus, porque havíeis de perdoar pecados. Pois Jesus, eis aqui o pecador. Se, por terdes muito para sofrer e perdoar, começais logo aos oito dias, para vos ficar tempo para tudo o que desejais passar, e logo vos chamais Jesus para logo começardes a salvar, começai por mim, Senhor Jesus.

Oh meu Jesus, já não vos quero pedir nada, porque o que necessito Vós o sabeis; fazei nisso o que quiserdes, para mim basta o vosso nome. Com Jesus hei de ir para onde quer que me puserdes e lançardes. Escrevei "Jesus" nos meus olhos, nos meus ouvidos, em todos os meus sentidos, no meu coração; fugirá de mim o inferno, tremerão de mim os demónios, reconhecer-me-á o Céu, e Vós, meu Jesus, não me desconhecereis.

Acaso posso eu ser pecador sem Vós serdes o meu verdadeiro Salvador? Pois que quer dizer Jesus, senão Salvador? Oh meu Jesus, oh meu Jesus, oh meu Jesus, porque sois Salvador e meu, porque sou pecador. Canta, minha alma pecadora, ao meu Jesus; não te envergonhes de nenhuma criatura, nem dele; canta-lhe com amor agora que é menino pequeno e da tua medida; depois chorarás com Ele, grande, na cruz. Não lhe digas agora pecados, para não o entristeceres; diz-lhe apenas, cantando, o nome que Ele gosta de ouvir.

Oh Jesus, Jesus, Jesus, doce Jesus, Jesus suave, Jesus formoso, Jesus rico, Jesus amoroso, Jesus divino, Jesus amigo, Jesus pai, Jesus companheiro, Jesus Rei, Jesus todo para mim Jesus: descansa, Jesus, neste coração que te deseja, que arde em teu amor. Se é coração pecador, tu és Jesus Salvador; se é coração humano, tu és Jesus humano. Desfaleça, meu Jesus, a minha língua e o meu coração contigo e, pois não sei falar, fale-vos o meu amor, oh meu suavíssimo Jesus; ou falai Vós, para que eu ouça e reconheça o meu Jesus.

Oh Mãe de Jesus, tão rica dele, enriquecede com Ele a minha pobreza. Oh corte celestial de Jesus, que não tendes outro bem que Ele, levai-me convosco a ver Jesus para sempre. Ámen.

TRABALHO VIII

Degredado da pátria por perseguição de Herodes, e a história dos Reis Magos.

Cristo, nosso Senhor, ensinou durante trinta anos com obras maravilhosas e com exemplos perfeitíssimos, guardando silêncio quanto às doutrinas divinas que, no fim da sua vida, havia de anunciar ao mundo com palavras e ações ao longo de apenas três anos e por meio do sofrimento. Fê-lo assim para que as verdades do Evangelho ficassem mais claras; para que as coisas mais contrárias à natureza se tornassem, pela sua companhia, mais doces; para que a enganosa doutrina do mundo e da carne ficasse desmascarada; e para que a tibieza dos homens ficasse sem desculpa.

Pois, como os erros da vida humana não podiam ser corrigidos e reconduzidos a um caminho certo e saudável senão pelo homem imitando as perfeições de Deus — seu Criador, que não via — e, por isso, era necessário evitar imitar os homens que via (pois todos andavam errados), Deus fez-se homem, como diz o nosso Santo Padre Agostinho, para que o homem tivesse um homem que pudesse ver e um Deus que pudesse imitar.

E porque, para a imitação, as obras têm muito mais força do que as palavras, Deus, feito homem, viveu trinta anos a praticá-las e apenas um décimo desse tempo — três anos — a explicá-las e a dá-las a entender. Não convinha à vida do Salvador haver nela qualquer tempo ou idade ociosa quanto ao seu ofício. Por isso, desde menino começou a realizar obras maravilhosas e divinas, com exemplos contrários aos errados inícios da vida humana.

A entrada mais comum e geral dos erros na vida mundana dá-se quando os homens, mal começam a ter consciência de si, seguem logo o caminho mais trilhado por todos, aprovando ou desaprovando as coisas segundo o que encontram na praça pública e no modo comum de viver das pessoas. Trata-se então de se estabelecerem bem na sua posição, na sua honra, nos seus bens; dar descanso e prazer ao corpo; entreter os sentidos; conformar-se com a opinião e os interesses dos grandes. E, logo a seguir a isto, vêm as

desculpas contra a virtude e os conflitos com a vida e os costumes virtuosos — o que, no fim de contas, leva ao arrefecimento do amor de Deus, ao esquecimento do Céu e aos muitos vícios que povoam a vida humana.

E este modo de viver, tão repetido e comum, que já se tornou insensível de tão habitual, é o alicerce e fundamento de todos os pecados e perigos de perdição em que andamos.

Porque, sendo o caminho do Céu cercado de inimigos e perigos que o podem fazer perder, não pode haver começo mais perigoso em tudo do que iniciar a vida com aquele descuidado sentimento de segurança com que os homens tratam de si mesmos, do seu corpo, do mundo, das conversas com os outros e dos assuntos da vida humana.

Pois, logo a seguir, entram em ação os ardis dos inimigos, que não dormem, e — sem serem notados — fazem o que querem e causam tanto dano quanto desejarem.

Por isso, o espelho das verdades eternas, Cristo nosso Senhor, antes mesmo de chegar à idade em que os homens costumam começar a ter entendimento — como Ele tudo compreendia com a sua sabedoria divina —, deu de Si exemplos profundamente diferentes dos inícios por onde os homens costumam entrar na vida.

Sendo ainda com menos de dois anos, não quis gozar do descanso da pátria, nem dos carinhos caseiros mais lícitos, necessários, úteis e sem culpa — especialmente próprios da infância, mais do que em qualquer outra idade da vida —, mas, nessa tenra idade, quis ser exilado para o Egito, não como favorecido por amigos, mas já como perseguido por Herodes, antes ainda de ser por ele conhecido.

A ocasião para isso foi a entrada dos Santos Magos em Jerusalém, perguntando pelo Rei que acabara de nascer. Porque, nascido o Senhor em Belém, assim como dos pobres chamou pastores para O adorarem, também dos grandes chamou sábios (segundo a opinião comum, eram reis) para O reconhecerem. Mas aos pobres — por serem menos presos às coisas da terra — chamou por meio de uma mensagem clara e direta dos Anjos do Céu; aos grandes — por serem mais fracos e indispostos para as coisas divinas,

devido ao modo de vida a que estavam acostumados — chamou de forma mais adaptada à sua condição de astrólogos, para que se deixassem guiar com mais suavidade.

Não é novidade que Deus se acomode ao nosso modo de ser, tirando de qualquer coisa que encontre em nós ocasião para nos atrair a Si, como um pai amorosíssimo que, conhecendo bem a fraqueza e miséria dos seus filhos desterrados, sabe encontrar modos de os salvar. Pois sabe que, se não usar todos esses recursos da sua casa, acabará por tê-la despovoada dos seus próprios e naturais moradores e herdeiros.

Assim, apareceu a esses sábios astrólogos uma nova estrela — chamada assim pelo nome comum que damos a tudo o que se parece com as estrelas, quer sejam planetas, quer cometas. Mas, na substância, era muito diferente: não era feita de matéria celestial, mas de ar ou de fogo; no lugar, não estava fixa no céu, mas situava-se na região do ar; no seu movimento, não seguia o curso de oriente a ocidente como as demais; nem na grandeza, pois, sendo muito mais pequena do que qualquer das estrelas, parecia, com grande vantagem, muito maior — por estar muito mais próxima da vista do que elas.

Mas tal era o seu resplendor e a sua beleza fora do comum, que a estrela provocava grande admiração e levava à reflexão sobre o que poderia significar. Ajudou o Senhor, por revelação interior (como se deve crer), a esclarecer o sentido daquela nova e espantosa estrela, pela qual os Magos entenderam que nascera um Rei na Judeia, digno de adoração na terra.

Desaparecida a estrela, puseram-se a caminho. E, sendo ainda novos nos conselhos das coisas divinas, não lhes ocorreu mais do que supor que esse Rei teria nascido como os reis da terra — em ricos palácios, na principal cidade e capital do reino — onde, naturalmente, tudo deveria estar em festa, com grandes celebrações e dispendiosas invenções, em sinal de alegria pública.

Permitiu o Senhor, nesses seus novos servos, essa opinião mais baixa e terrena, para que, ao chegarem a Jerusalém, se desse ocasião a um anúncio público da sua vinda à terra. Era para que todo aquele que tivesse bom

espírito se dispusesse a procurar tão grande bem, e para que os desatentos despertassem do sono da sua perdição.

Mas, ao entrarem os Magos em Jerusalém, encontraram tudo tão frio e sem qualquer sinal de alvoroço, que começaram a perguntar pelo Rei recém-nascido e a anunciar o sinal do Céu que tinham visto a confirmar essa verdade.

A Judeia estava então governada por um rei estrangeiro, Herodes — o que, segundo a profecia de Jacob, era precisamente o sinal da vinda do Messias. Mas o povo já estava tão arrefecido nas esperanças de tão grande bem, e tão conformado com o serviço e o domínio do idólatra estrangeiro, que, em vez de olharem para o assunto com olhos de fé, e com verdadeira atenção religiosa, todos se perturbaram de medo — temendo que houvesse novas pretensões ao trono e novos levantamentos, como os que costumam destruir completamente a paz e a prosperidade pública.

Muito maior ainda foi a perturbação de Herodes ao ouvir tal notícia, tão nova e inesperada, sobre a existência de um novo Rei. Como sabia, pela convivência com os judeus, que estes esperavam o Messias e, por Ele, a libertação da pátria — e sendo ele um tirano e estrangeiro, sempre cheio de suspeitas — receou ainda mais, temendo que aquilo fosse o início da sua ruína.

A sua malícia levou-o a dar mais crédito aos Magos, por causa do perigo que temia, do que deram os próprios judeus, que não se moveram para ir procurar tão grande bem, mesmo quando este lhes foi anunciado.

Contudo, com astúcia, fingiu tranquilidade e calma. Recebeu os Magos com dissimulação e hospitalidade e tratou de consultar os sábios entre os judeus, para saber o que diziam as suas Escrituras sobre esse caso — a fim de que tão veneráveis pessoas não tivessem vindo em vão ou em erro.

Os sábios responderam com a profecia de Miqueias, que dizia que o Messias havia de nascer em Belém. Porém, esconderam a substância mais profunda da profecia — aquela que afirma que “a sua saída será desde os dias da eternidade” —, o que indicava claramente que esse Rei seria Deus, e que, portanto, pouco importaria o poder de Herodes contra Ele. Mas, para

não parecerem alegrar-se com algo que pudesse pôr em risco a continuidade do reinado de Herodes, procuraram agradá-lo e manter-se em sua estima, ocultando parte da verdade.

Herodes decidiu então matar o Senhor ainda menino, e de forma discreta impedir o que poderia vir a ser um grande acontecimento. Fingindo-se religioso e santo, chamou os Magos em segredo — pois não confiava em ninguém menos do que nos próprios judeus, que pretendiam manter a sua influência e prestígio.

Assim o permite Deus: que se frustrem os projetos humanos que seguem caminhos tortuosos, e que não encontrem piores inimigos e agentes da sua própria ruína do que aqueles por quem abandonam a verdade e a virtude.

Herodes extraiu dos corações puros e sem malícia dos Magos todos os pormenores: o modo, o tempo e as circunstâncias do sinal que tinham visto do novo Rei, e o que mais os movera a ir procurá-lo. Mostrando-se muito humilde, disse não ser digno de ver em sua terra aquilo que eles, vindos de tão longe, haviam alcançado. Pediu-lhes então que fossem a Belém e voltassem para lhe dar notícias do que encontrassem, enquanto ele se preparava para, com toda a sua corte e aparato, ir também adorar o menino, reconhecê-lo como Senhor e servi-lo como seu próprio amo, criando-o em sua casa como merecia.

Os Magos, sem suspeitarem de qualquer mal nas palavras tão dissimuladas de Herodes, seguiram caminho para Belém. E não houve em Jerusalém uma só pessoa que, sequer por curiosidade, os acompanhasse — tão cega e descuidada estava aquela gente em relação ao que mais lhe importava!

Logo que saíram, a estrela reapareceu e transformou toda a tristeza que levavam em imensa alegria. Guiou-os, caminhando diante deles, até se deter sobre o lugar onde Cristo nascera.

A Santíssima Virgem, alarmada com o rumor da gente, acolheu consigo o Senhor, protegendo o seu tesouro. Mas os Magos, iluminados por uma nova luz interior — que lhes vinha do Verbo encarnado —, compreenderam

os desígnios divinos e, naquela pobre casinha, reconheceram, sob os pequenos membros do Menino, a divina Majestade. Adoraram o seu Deus, oculto em tão humildes aparências exteriores, e prostraram-se diante do Menino, oferecendo-lhe ouro, incenso e mirra.

Mas Deus — contra cujos desígnios nada pode a malícia humana —, advertiu-os por meio de um sonho a que não voltassem a Herodes e regressassem por outro caminho. Eles obedeceram, voltando consolados, deixando frustrada a malícia e os ardis de Herodes.

Passaram-se muitos dias sem que Herodes pusesse logo em execução a sua má intenção de matar o Senhor — tanto pelo tempo em que ficou à espera do regresso dos Magos, que Deus desviara, como também por outros grandes negócios do reino que, certamente, Deus ordenara que se acumulassem naquele momento para dar tempo ao cumprimento dos seus soberanos desígnios.

Nesse intervalo, o Senhor pôde ser apresentado pacificamente no Templo, e a Senhora recolher-se à sua casa em Nazaré, onde o Anjo lhe aparecera. Mas Herodes, sempre receoso de que naquela terra crescesse a raiz da sua destruição, não deixava de ter presente o seu intento de procurar o Menino e matá-lo, logo que surgisse ocasião.

Por isso, o Pai eterno enviou um Anjo que revelou em sonhos a São José que era vontade divina que fugisse com a Santíssima Virgem e o seu Filho unigénito para o Egito, pois o Menino seria procurado para ser morto, e que lá permanecesse até que lhe fosse ordenado voltar — como de facto foi depois, com a morte de Herodes. E assim regressaram a Nazaré, na Galileia, sem passar pela Judeia, por receio e medo de Arquelau, filho de Herodes, que reinava ali.

As revelações feitas em sonhos não diminuem em nada a verdade das coisas reveladas, pois não são sonhos vãos, como os que ordinariamente temos, mas são acompanhados de luz divina e de uma certeza interior soberana sobre o que é revelado — tão forte que torna a verdade mais segura do que se fosse vista com os próprios olhos despertos.

Assim o mostram as palavras de Jacob, que ao despertar do sono em que tivera a visão da escada que chegava ao Céu, por onde subiam e desciam Anjos, disse: “Na verdade, este lugar é santo, e eu não o sabia.” Com esta afirmação tão segura, Jacob mostra que estava tão certo da santidade daquele lugar — revelada em sonho — como se a tivesse conhecido bem acordado.

Da mesma forma, José, que humanamente poderia ter duvidado de que o sonho fosse uma revelação divina — pois mandava fugir com um Menino que era Deus, contra quem ninguém tem poder —, não duvidou. Porque, juntamente com a revelação angélica, recebeu uma luz divina tão clara e certa sobre a sabedoria do conselho eterno, pelo qual se devia governar aquele Menino divino, que se levantou sem hesitar, ainda de noite, e fugiu sem demora.

Voltando ao princípio de onde esta história até aqui se desenvolveu, vê-se claramente quão cedo começou o nosso Senhor a ser perseguido pelo mundo — e, por essa mesma ocasião, a ensinar qual é a verdadeira, certa e segura entrada da vida humana para alcançar o Céu.

Essa entrada consiste em começar a vida como peregrinos, como quem não tem cidade permanente neste mundo, mas caminha para outra que dura para sempre . O fundamento que normalmente fazemos da vida e das coisas terrenas desfaz e destrói completamente os fundamentos do Céu. Porque são tão contrários entre si, que a eternidade da vida celeste começa e se edifica num uso moderado das coisas deste mundo — como coisas vãs e passageiras, pelas quais se deve passar caminhando e suspirando sempre pela vida eterna. Ao contrário, a perdição da vida mundana funda-se em usar as coisas transitórias como se fossem eternas, nelas fixando o coração, como se fossem perpétuas — com frieza e descuido da vida que é para sempre.

Assim, o grande apego e o sólido fundamento que os homens normalmente fazem da vida terrena é, na verdade, o início da perda da vida do Céu.

Por isso, São Paulo exalta tanto a fé de Abraão, Isaac e Jacob, que, tendo sido tirados por Deus da sua pátria terrena, a Mesopotâmia, para a

Palestina — terra que lhes fora prometida como sua e da sua descendência —, mesmo assim nela viveram como hóspedes e peregrinos, em tendas, sem construírem casas nem assentarem raízes em parte alguma, como se estivessem em terra alheia.

Eles punham mais esperança na cidade eterna, feita por Deus, que desejavam, e essas esperanças levavam-nos a confessar sempre que eram peregrinos na terra em que viviam. E ainda que saudassem de longe essa vida e essa cidade soberana, diz São Paulo que Deus não se envergonhava de Se chamar Deus deles, porque, assim como Ele lhes tinha preparado a cidade do Céu, também eles viviam em contínuos suspiros e desejos por ela, o que muito agradava a Deus.

A vida de peregrino satisfaz-se com muito pouco; é apertada para os muitos excessos com que a pátria celeste está povoada. E fazer do degredo e da peregrinação uma pátria é um mal quase sem remédio.

Deste erro nascem, como de uma sementeira, as múltiplas ocupações dos homens, todas centradas na terra; nascem os pecados domésticos, com que se faz a própria vida e se busca prazer; nascem os excessivos e exagerados cuidados com o corpo, que tomam tanta parte da vida, da consciência e da alma — e todas as outras coisas que põem a salvação em risco.

O Salvador, que quis peregrinar connosco, não reservou os trabalhos do degredo para o fim da vida, mas — ainda menino — mudou o assento da sua pátria, passou a terras estranhas, saiu do abrigo e do mimo dos seus, e enfrentou os trabalhos de caminhos longos, sem nenhum descanso corporal, nem sequer o muito lícito. E se o caminho era em inverno ou verão, de toda maneira lhe havia de custar muito.

Porque, sendo a Senhora paupérrima, não havia de ser a montada tão firme que pudesse encurtar o caminho; nem as despesas seriam tais que lhes permitissem abrigar-se em muitas casas resguardadas da intempérie; nem as roupas estariam tão bem preparadas para se defenderem das asperezas e injúrias do tempo, que o vento, o frio, o sol ou o calor não os penetrassem com dureza.

Assim, sem dúvida, passou a Senhora muitas noites com o Menino ao desabrigo no campo, e com muito sofrimento. Porque, já desde pequeno, começou o Senhor a ser sofredor, e cordeiro manso, sem dar nenhuma pena à sua sacratíssima Mãe, que O criava.

Uma vez posto no Egipto — terra estranha —, onde a Senhora vivia do trabalho da sua agulha, e o Santo José do seu ofício, o Menino ia crescendo, e os trabalhos e necessidades que padeceram não se podem imaginar.

É verdade que, se as faltas eram muitas e os remédios delas muito poucos e pobres, a conversação com Jesus fazia todo o trabalho suave, toda a pobreza rica, e toda a carência farta. Mas o Senhor temperava uma coisa com outra, de modo que os alívios divinos e espirituais não tiravam ao seu corpo o peso do trabalho corporal.

Outra parte deste trabalho do Senhor oferece grande matéria de consideração: o facto de que, em tão poucos dias de vida, já era perseguido pelo mundo, e tinha por primeiros inimigos os mais poderosos dele. Não Lhe queriam menos do que tirar-Lhe a vida — a Ele que era tão necessário ao mundo.

Já nessa idade mostrava os começos do que faria no fim da vida: sofrer, calar, deixar que fizessem Dele quanto quisessem os inimigos, e, para isso, encobrir a majestade e o poder da sua divindade.

Mas o Senhor estava tão contente de estar entre os homens no mundo, que, sendo-Lhe tão fácil — e tão próprio, já que queria fugir — esconder-se esses anos no Céu, preferiu antes peregrinar pela terra com trabalhos do que deixá-la, até que a tornasse estrada para o Céu

Assim, com a sua entrada e permanência no Egipto, deixou aquela terra consagrada e abrasada do seu Espírito, para depois ser povoada de tantas e tão grandes levas dos seus servos perfeitíssimos, como nos seus desertos viveram muitos anos — e dela saíram para povoar o Céu.

Eis o Senhor, que sempre do mal tira bens, e tomou os seus trabalhos como instrumentos de riquíssimas mercês que deu ao mundo.

...[Parágrafo ilegível]...

Tão inimigo se mostrou sempre deste Senhor, que logo, ainda menino, o quis matar, e toda a vida o perseguiu; e, na última hora, quando o Senhor lhe quis pedir algo para saciar a sua sede mortal, despediu-o com fel e vinagre. Este é o mundo, a quem servimos, por quem nos sacrificamos, e muitas vezes nos perdemos; tão cego, que, não havendo melhor forma de se conservar do que reconhecendo este Senhor, preferiu antes perder-se procurando-lhe a morte do que salvar-se servindo-o na vida.

Temos aqui clara prova da verdade que Jeremias disse: que é bom e proveitosíssimo ao homem levar o jugo desde a mocidade, pois assim estará quieto e calado diante de toda a perturbação da vida, porque se elevou acima de si mesmo. No Cântico dos Cânticos, gaba-se a esposa de ter guardado para o Senhor toda a fruta nova e velha. E David prometia a Deus que toda a sua força a guardaria para Ele.

E tudo isto é, à imitação do exemplo deste Senhor, não deixar o seu serviço para o tempo da vida cansada e das forças gastas, mas logo, na flor da idade, consagrar a Deus as forças e os primeiros frutos da alma. É pensamento demasiado baixo imaginar que, depois de muita experiência do mundo e de nele ter gasto o melhor vigor, Deus é melhor servido. Com este engano, o mundo fica com a melhor parte da vida e o demónio com a maior parte das almas.

O espírito e exemplo do Senhor ensinam que, pois Ele precisou de toda a vida para o nosso remédio, não devemos pensar que podemos satisfazer o serviço de tão grande Deus com a menor e mais fraca parte dela. Encher toda a vida de muitos exercícios de virtude, de muitos trabalhos sofridos por amor de Deus e de muitos méritos é a verdadeira sabedoria cristã. E prouvera a Deus que de uma má vida se desse, ao menos, uma boa volta no fim. Mas receio que, estando mal acostumada na mocidade, seja descuidada e preguiçosa na velhice.

Já que a entrada dos Magos em Jerusalém deu ocasião a este trabalho do Senhor, acrescentarei aqui um exercício deste mistério — tanto porque foi o início do chamamento das gentes ao conhecimento e imitação deste Senhor,

como para alcançar d’Ele a mesma luz, quem não a tem, ou para a recuperar, se a perdeu.

E porque o Senhor não quis começar a sua peregrinação ao Egipto sem primeiro ser oferecido ao seu Eterno Pai no templo, tomar a sua bênção e obedecer-Lhe, acrescentarei também outro exercício deste mistério, para imitar o santíssimo varão Frei Luís de Montoia, que me criou e cuja vida escrevi, o qual, nos vinte e um anos em que o tive por prelado, sempre nos incitava, na festa da Purificação, a oferecermo-nos com Cristo à obediência do Senhor.

Desta maneira, terão os que se exercitam na contemplação dos trabalhos do Senhor exercícios particulares para estas duas solenidades principais — a Epifania e a Purificação. E, depois destes dois exercícios, apresentarei a matéria do trabalho da peregrinação do Senhor.

Exercício do chamamento dos Magos a adorar o Senhor em Belém

Levantarei as minhas esperanças e os meus desejos para Vós, meu Deus e meu Senhor, minha luz clara, único esplendor, e luz para as minhas cegueiras e trevas da minha alma. Porque em Vós encontro a plena satisfação de tudo o que posso desejar, e o verdadeiro e mais perfeito remédio para todas as minhas necessidades. A minha esperança não sabe compreender a grande e imensa multidão de bens que de Vós pode esperar. Espera muito, mas esse muito não o entende; espera tudo, mas não alcança o que é esse tudo; espera coisas soberanas e infinitas, mas está longe de conhecer a infinitude dos vossos bens. Sois maior, Deus da minha alma, do que todo o muito; sois mais rico do que todo o tudo; sois mais incompreensível do que todo o infinito. E quando me esforço por pensar muito em Vós, para vos desejar muito, descubro que sois incomparavelmente maior do que toda a grandeza e imensidão que consigo imaginar de Vós.

Pois, soberano e infinito tesouro meu, não quero saber quão grande sois, pois não o posso compreender; mas abro-me ao desejo, e suspiro por esse abismo de bens eternos, de grandezas incompreensíveis. Contento-me, Senhor, em crer que tudo quanto sois, sois meu, e que eu sou criatura e

servo dessa majestade e grandeza. Oh, se o meu nada se afundasse nesse abismo de ser infinito! Se a minha cegueira se perdesse nesse resplendor de luz infinita; se a minha ignorância se submergisse nesse abismo de eterna sabedoria, e a minha morte nessa vida vital, e a minha frieza nessa eternidade de fogo e amor — e tudo o que sou e o que não sou — no que Vós, meu Deus e todo o meu bem, sois!

Em Vós hão de terminar as minhas misérias, ressuscitar as minhas mortes, iluminar-se as minhas trevas, e transformar-se as minhas desventuras, imperfeições e culpas. Em Vós hei de ser purificado, curado, ensinado, guiado e levado até Vós. Pouco haveria que andar, meu Senhor, para chegar até Vós, que estais em toda a parte, se os meus pecados não tivessem feito separação entre Vós e mim. Mas eu, por uma parte, afastei-me, e Vós, por outra, sois tão imenso, tão puro, tão elevado, tão divino, que, sem que me leveis, nunca poderei ir até Vós. Assim o dissestes: que ninguém pode ir até Vós, se o vosso Eterno Pai o não levar.

Como poderá a minha cegueira ver-vos sem a vossa luz resplandecente? Como vos poderá amar a minha frieza sem o fogo do vosso amor? Como poderá a minha baixeza apegar-se a Vós, se a vossa grandeza me não levantar? Que pode o nada sem aquele que é a fonte de todo o ser? Levai-me, Senhor, até Vós, pois para isso descestes à terra. Vistes que eu me perdia, e viestes encaminhar-me; vistes que fugia de Vós, e viestes buscar-me; vistes que sem Vós não podia ir até Vós, e viestes ao meu encontro.

Ó meu Salvador, ó meu bom Pastor, ó sapientíssimo Governador, ó amorosíssimo Redentor: sou eu o necessitado, o perdido, o miserável, o desprovido de todos os bens, o fraco para todo o bem, o ferido por todas as culpas, o caído em todas as pobrezas e pecados — e, com tudo isto, nem sequer reconheço o meu estado miserável, nem sinto as minhas necessidades. Vivo entretido com vaidades e mentiras, e revolvo-me no meu próprio lodo, sem dar por isso. E Vós, meu Deus, estais completamente ocupado comigo, abrasado de amor por esta alma pecadora.

Todos os vossos cuidados se voltam para inventar maneiras de me chamar, de me iluminar e de me levar até Vós. Assim que nascestes no mundo, logo chamastes pobres pastores, logo enviastes uma estrela aos Magos do Oriente. Não quisestes estar na terra nem um só momento sem

mim, para me cativardes com a vossa beleza sobre-substancial, para me encherdes dos vossos bens soberanos e para me terdes convosco para sempre, em vida, riquezas e prazeres infinitos. Estais tão “pobre” sem mim, ó riqueza infinita, que não descansais até me terdes convosco.

Não esperais que eu primeiro vos ame, vos deseje, vos procure ou tome a iniciativa por Vós. Não esperais pelos meus serviços nem pelos meus méritos. Nem fazeis caso do que haveis de encontrar em mim. E como sabeis que de mim não pode nascer nada de bom, quase tudo fazeis da vossa parte: incitais-me apenas a consentir e a cooperar com o bem, ajudando-me poderosamente para isso. Amais-me por graça, tirais por mim sem precisar de mim; só quereis que vos aceite e que me deixe levar.

Oh, se vos ouvisse a minha surdez! Se vos amasse como segundo, já que não sou o primeiro! Se me deixasse levar, já que não vos procuro! Se vos deixasse agir e vos desse o consentimento e colaboração que me pedis! Como me faríeis com a vossa mão! E como sairia dela de tal forma, que os vossos puríssimos olhos se poderiam alegrar com a vossa criatura!

Vós, luz divina, por meio de uma estrela material e resplandecente, movestes os corações dos Magos astrólogos, e com a vossa luz divina ensinastes os seus corações a virem procurar-vos e adorar-vos. E, com a vossa presença — ainda que escondida em corpo de menino, em roupas pobres, nos braços de uma mãe, numa casa humilde — ensinastes-lhes tudo: reconheceram-vos, adoraram-vos como seu Deus e Senhor. Ali perderam a baixeza dos seus pensamentos, ali elevaram até Vós os seus desejos, ali entregaram-vos todo o seu amor, ali renderam o seu espírito e liberdade à vossa lei e serviço, ali vos tomaram como a sua soberana riqueza, e Vós, neles, recebestes as primícias e a posse pacífica de todas as almas que viestes buscar à terra.

Fostes Vós que os chamastes, que os movestes, que os guiastes, que os ensinastes. Fostes Vós que lhes revelastes os vossos segredos, e fostes Vós que, convosco, preenchestes todos os seus desejos, espíritos e corações. Oh, quem vos soubera, meu Deus, dar graças por tantas bênçãos, que nos dais quando menos merecemos, quando menos desejamos ou sequer suspeitamos! Quantas vezes acontece que, por alguma estrela de boa inspiração, chamais a alma — e ela, movida por uma faísca do vosso amor,

começa a seguir-vos! Ora vos encontra, ora vos perde; ora vos tem, ora lhe desapareceis; ora julga agradar-vos, ora teme que a repudieis. E assim, entre altos e baixos, segue por um caminho e por outro, julgando que qualquer a pode levar até Vós. Mas, como sabe pouco e ainda anda cega, perde-se em todos, porque vos deseja, mas não sabe como vos desejar; ama-vos, mas não vos sabe amar; busca-vos, mas não sabe encontrar o caminho certo.

Desconfia de si mesma, e ainda não confia plenamente em Vós, porque — mesmo querendo — não sabe como. Oh, meu Deus, os vossos olhos vêem estas voltas e desvios, e Vós calais, e esperais — até que chega aquela hora feliz em que a alma, já fraca e desconfiada de si, recebe de Vós a abertura dos olhos. E então vê o caminho da verdadeira paz e da verdadeira vida; vê-vos perto de si, vê quão fácil e próprio lhe é entregar-se a Vós; sente, sem saber como, que sem dúvida a estais a chamar. Sem palavras, de repente a instruís. O corpo... não sabe onde está — mas segue com ela. A alma não sabe se anda, mas caminha sempre, e sempre chega. Possui-vos — e, mesmo procurando-vos, não vos perde. Se lhe ordenais entrar, acha-se em Vós; se ordenais sair, não se afasta de Vós. Vê — e não sabe o que vê; ouve — mas não sabe o que ouve, nem a quem, porque o que vê não é corporal, e o que ouve se diz sem palavras. Ama, e ama, e ama ainda mais. Ama — e mesmo vendo e ouvindo como peregrina do Céu, não se pode dizer em linguagem humana o que o amor puro é capaz de receber de Vós, mesmo neste exílio.

Oh meu Jesus, oh meu Menino, oh meu Rei, oh meu Deus — que hora aquela, que luz aquela, que comunicações de bens, que entrega tão profunda! O que quer que seja aquilo, Vós o sabeis. Mas a vossa criatura sabe que, se vos for fiel, se não se distrair da vossa presença, se conservar o dom recebido, e renunciar a tudo o que aquilo não é — mesmo que muito receba naquela hora — não terá ainda mais do que começos dos infinitos abismos de riquezas que tendes para lhe comunicar.

Oh alma da minha alma — quem tem alma, bem a tem, se a tem viva convosco. Oh vida da minha vida — quem tem vida, como poderá viver se não vive em Vós? Pode o meu coração ter-vos a Vós por completo, todo inteiro, um a um, único a único — e ainda assim andar miserável fora de Vós? Pode a vossa criatura esquecer a sua baixeza e estar convosco nos

vossos braços, e depois afastar-se de Vós? Anda pela terra a arranhar, fazendo tocas como toupeiras cegas e como bichos miseráveis, entretida com teias de aranha, ocupando os sentidos e pensamentos com coisas tão distantes desses bens que dais e mostrais por dentro. Oh amor divino, que conheceis tudo isso, e desejais dar tudo isso a todos — é por isso que vos multiplicais em tantos manjares! Quem vos possui, que não abraza tudo? Quem vos impede no que desejais? Quem se opõe ao que negociais com tanto esforço?

Enchei, Senhor, tudo de estrelas, se elas nos hão de guiar até Vós. Enchei tudo de exércitos de anjos, se eles nos hão de encaminhar até Vós. Estou como louco, meu bom Jesus — já nem sei o que digo. Nascei Vós nestes corações terrenos, aparecei a estes espíritos cegos, mostrai a vossa beleza a estas almas perdidas, soltai o fogo do vosso amor, que ele se espalhe — e todos nos elevareis até Vós.

Para que serve a liberdade, ou o livre-arbítrio, se o emprego tão mal que não vos procuro com ele? Não sei falar, meu Deus — fale por mim o vosso amor; e que ao vosso amor falem as minhas necessidades; e que às minhas necessidades respondam as vossas misericórdias. Interponha-se a vossa graça e bondade; ouçamo-nos mutuamente, façamos paz, união perpétua: Vós vivei em mim, e que eu viva sempre em Vós, por Vós e para Vós.

Ó alma pecadora, miserável e pobre, que uma vez recebe a luz e torna a cegar, recebe o fogo do amor e volta a esfriar, recebe o perdão e torna a pecar: foi levada ao íntimo da vossa suavidade e riqueza, foi presa pela vossa formosura, e voltou a esquecer-se, a soltar-se e a sair de onde tinha entrado. Voltou, como o porco ao lodo, e como o cão ao que tinha vomitado. De que se queixará, se Vós já não vos quiserdes fiar dela?

Oh divina bondade, que tanto sofreis — ainda assim esperais, chamais, ofereceis-vos! Chorarei, meu Deus, diante de Vós estas miseráveis e infelizes quedas; agarrar-me-ei a esses vossos pés e a essa vossa fraqueza, que tomastes para me salvar. Com justiça me entregais aos meus inimigos, aos meus vícios e às minhas más inclinações, e justamente me deixais ser por eles continuamente açoitado e humilhado; pois, tendo sido levado por Vós uma vez à adega dos vossos suaves vinhos, tornei a beber dos charcos cheios de veneno. Pois não quis a vossa casa — é justo que ande a

mendigar pelas casas alheias, onde nenhum bem encontro; pois não quis os vossos braços — é justo que ande por baixo dos pés das minhas desordenadas afeições e misérias; e como fui infiel em guardar o que me destes, justamente peço e não me dais; clamo, e não me ouvis; chamo, e não me socorreis.

Mas, Senhor, apesar de todas as minhas infidelidades, sois fidelíssimo amigo e pastor bondoso desta ovelha tresmalhada. Ainda não me lançastes no inferno, ainda não me entregastes ao demónio, ainda não me condenastes à separação eterna de Vós, nem me abandonastes totalmente. Por tudo isso, dou-vos infinitas graças. Já não vos peço aqueles mimos paternais que dais aos vossos fiéis servos; peço apenas, Senhor, que não me lanceis fora da vossa casa — prendei-me nela, entre os vossos. Dai-me lágrimas como pão, de dia e de noite, até que acheis em mim de novo a pureza que desejais, e possa tornar a ver o vosso rosto e a vossa beleza, e digais com doçura à minha alma: “Eu sou a tua salvação, a tua força, a tua constância.” Pois, humilhada e desconfiada de si mesma, a alma tornar-vos-á a buscar — e Vós vos glorificareis em ganhar o que estava perdido, iluminar o que queria permanecer cego, e tornar a recuperar aquele que tantas vezes mereceu ser rejeitado.

Mas, tal como estou, aqui me lanço diante dessa divina Majestade, escondida nessa infância sagrada, e com estes santos Reis, entrego-me a Vós como servo vosso para sempre, para que com eles me recebais. Sou pobre — não tenho ouro, incenso nem mirra para vos oferecer, como a Deus, como a homem e como a mortal que sois por amor de mim. Mas tudo o que me tendes dado, e tudo o que Vós sois, vos ofereço.

Ofereço-vos, pelos meus pecados, a contrição que por eles sinto — porque desejo não vos ofender mais, e sinto, meu Deus e meu amadíssimo Jesus, ter-vos ofendido. Ofereço-vos a confissão que o meu coração vos faz, e a minha língua, sentindo-me ferido pelas serpentes venenosas dos meus pecados em que caí por me afastar de Vós. Ó verdadeira saúde desta alma pecadora! Ofereço-vos o desejo de vos satisfazer — ou de que Vós vos satisfaçais de mim, conforme a vossa vontade — para que, sujeito a toda a vossa ordem, vos agrade.

Ofereço-vos as três potências da alma que me destes: o meu entendimento, para que o ilumineis no vosso conhecimento e nas vossas puras verdades; a memória, para que a enchais de Vós e a limpeis de pensamentos e imaginações estranhas a Vós; e a vontade, para que a purifiqueis com o fogo do vosso amor, para que com toda ela vos ame.

Ofereço-vos as três virtudes divinas que recebi no baptismo: a fé, com que vos creio e adoro como meu único Deus e Senhor, Criador, Redentor e todo o meu bem; a esperança, com que alargo o coração a todos os bens que de Vós posso desejar; e o amor, com que desejo unir-me só a Vós, na caridade eterna.

Ofereço-vos, bom Jesus, o que mais vos agrada — o que mais sois para mim: o vosso santíssimo corpo, a vossa puríssima alma e a vossa eterna divindade, onde está todo o bem e toda a sabedoria. Ofereço-me ao vosso Pai eterno, pelos méritos do vosso preciosíssimo sangue, e a Vós mesmo, pelas entranhas da vossa misericórdia e amor com que o Pai vos enviou à terra — e ao Espírito Santo, porque é amor infinito que arde em Vós e no Pai eterno.

Peço-vos, Senhor, que assim como aceitastes o ouro, o incenso e a mirra destes vossos Magos com os seus corações, e os iluminastes com o vosso conhecimento, e logo os encaminhastes e fostes o seu guia, e os afastastes do vosso inimigo Herodes — assim me ilumineis, luz divina, me guieis, verdade soberana, e me ressusciteis, vida verdadeira. Afastai-me de tudo o que vos desagrada, não me deixeis sair fora desta vossa casa, não me afasteis dos vossos pés. Aqui, aqui, bom Jesus! Aqui está todo o meu bem. Em paz, e em Vós mesmo, dormirei e descansarei.

Ó Mãe virginal, ó Virgem perpétua, Mãe santíssima, tão cheia desses tesouros divinos que se encerram neste Senhor, e tão senhora deles; reparte comigo, pobre miserável, não o ouro, o incenso e a mirra, que te ficam e não te fazem mais rica, mas as riquezas do Céu, das quais és tesoureira e distribuidora; para que, com o que me deres, eu tenha algo a oferecer a este Senhor, e que Ele Se agrade disso, e me receba, atraído pelo Seu amor.

Ó corte celestial, que servis este Rei soberano, O adorais e sempre O agradarnaMas eis — que podeis pedir lá no alto que vos seja negado? Pois

claramente vedes o que Ele deseja dar aos seus pobres e caídos. Alcançai d’Ele que não tarde com as Suas misericórdias, e me leve para junto de Si e dessa vossa companhia. Amém.

Da oferta do Senhor no Templo nos braços de Santo Simeão.

Para matéria e fundamento deste exercício, lembremo-nos de que, quarenta dias depois do parto virginal, quis o Senhor que Sua sacratíssima Mãe cumprisse duas leis às quais não estava obrigada.

Uma delas proibia a mulher que desse à luz um filho varão de entrar no Templo antes de passados quarenta dias, pois era tida por impura durante esse tempo, e ordenava que, por sua purificação, se oferecesse um cordeiro e uma rola, se fosse rica, ou duas pombas ou duas rolas, se fosse pobre. No entanto, a própria lei de Moisés a dispensava, pois deixava claro que se referia às mulheres que dessem à luz filhos concebidos por geração humana — o que não era o caso dela, pois concebera por obra do Espírito Santo.

Mas, como verdadeira imitadora de seu Filho, Deus e Senhor, preferiu antes a honra de se parecer com Ele na humildade do que o crédito de sua pureza virginal, ainda oculta ao mundo. Pois via diante dos seus olhos a divina Majestade humilhada em tudo, vivendo sob aparência e leis dos pecadores, sem ter pecado. E mais se prezava de ser serva e imitadora d’Ele do que de ser sua mãe.

A outra lei ordenava que todo filho primogénito varão, após quarenta dias, fosse oferecido e consagrado ao serviço de Deus no Templo. Se fosse da tribo de Levi, que era a sacerdotal, deveria servir permanentemente no Templo; se fosse de outra tribo, ficava dispensado do serviço mediante o pagamento de certa quantia em prata.

Também aqui, porém, a lei não obrigava o Senhor, pois estipulava que se tratava dos primogénitos nascidos de partos não virginais. E o nascimento do Filho da santíssima Virgem foi virginal e puríssimo.

A oferta de pobres demonstra que, embora os Magos tivessem deixado à Senhora ouro, incenso e mirra, tudo isso foi logo repartido com os pobres,

para não se afastarem da estima da santa pobreza, que, por experiência, viam que o Filho de Deus queria seguir e ensinar na Terra.

Porque, se Nossa Senhora ainda possuísse algo daquela oferta com que pudesse comprar um cordeiro, teria cumprido a lei na sua totalidade. Mas ela oferecia o Cordeiro divino pelos pecados do mundo, pois só d'Ele era rica. E ofereceu por si pombas ou rolas, e por seu Cordeiro, Jesus, pagou o preço de resgate dos pobres — o mesmo que se dava por qualquer criança comum — para criá-Lo como Redentor e Salvador do mundo.

E por aqui se verá quanto vale esta harmoniosa união espiritual entre Mãe e Filho: ambos escolherem a humildade e a pobreza, e se apresentarem como menos do que realmente eram.

É matéria de particular consideração e gratidão, pois tudo isso procede da mesma fonte de amor de onde brotaram todos os sofrimentos de Jesus.

O santo Simeão não devia ser sacerdote, pois o santo Evangelho não o chama senão de homem justo, temente a Deus, e cheio de bons e grandes desejos pela redenção do mundo. A vida lhe pesava, mas a suportava por causa da promessa que o Espírito Santo lhe havia feito: que antes de morrer veria o Filho de Deus feito homem.

No dia em que Nossa Senhora devia ir ao Templo, o Espírito Santo o mandou lá, para que O esperasse. E ele, ardendo de desejo e suspirando, vigiava com os olhos fixos na porta, atento e examinando todos os que entravam, mas o Espírito não lhe dizia que algum deles fosse o Senhor.

Até que chegaram a santíssima Virgem e José com o Menino, sem qualquer aparato, sem aparência alguma, senão a da mais estreita pobreza e da mais pura simplicidade. E aquilo que a todos permanecia oculto, não pôde ficar escondido aos olhos inflamados de amor divino.

Logo que o velho santo viu a Senhora, reconheceu-A. E a sua velhice, como que renovada pela luz daquele divino Sol que com seu amor tudo abrasava, e pela frescura das águas divinas que manavam do Seu santo peito, sacudindo as penas velhas e terrenas, abraçou o Menino.

E, tomando nos braços Aquele que interiormente o guiava, começou o velho e brando cisne — até então rouco de brados de desejo e longos suspiros — a purificar, quase na hora final, a sua voz sumida, e a cantar suavemente os gozos com que já morria, e com que encerrava o seu longo cansaço. Pois tinha visto a luz do mundo e a salvação suprema que tanto desejava.

Exercício deste mistério

Espelho das verdades eternas, das bondades divinas e da incompreensível sabedoria, Filho do Deus vivo, Jesus, meu mestre e redentor, abri os meus olhos para que em Vós veja os Vossos conselhos e caminhos, e acendei em mim o desejo e o espírito, para que, como o santo Simeão, eu Vos procure, Vos encontre, Vos abrace e em Vós descanse.

Humilhai o meu orgulho, pois tanto agrada a Vós a humildade; tirai de mim o amor ao mundo, pois escolhestes para Vós a pobreza; submetei-me plenamente à Vossa obediência, pois sois perfeito cumpridor das leis, mesmo daquelas a que não estais obrigado.

Não confiais muito na minha fraqueza e tibieza — por isso me exigis pouco; mas ao Vosso amor ardente, nada quereis dispensar, nem mesmo daquilo que parece que Vos desfaz.

Ensinai-me, Senhora, a lei desse amor. O amor não se força com medo das penas; mas, se é puro e verdadeiro, encontra em Vós, meu Deus, tanto merecimento e grandeza, que deseja consumir-se inteiramente em Vos servir. Vê as leis como poucas e as suas obrigações como pequenas, porque o amor obriga a tudo e nada deixa de fora, pois tudo lhe parece pouco e nada diante da grandeza divina que ama.

Quando me fará o Vosso amor humilde, pobre, desprezador de tudo, amante da baixeza, estimador do próprio desprezo, totalmente rendido ao Vosso serviço, crucificado em corpo e alma, com todas as forças e tudo o que sou aos Vossos pés, na obediência?

A Virgem pobre está rica convosco, o santo José, com Vos servir na sua pobreza, está contente e satisfeito; o velho Simeão suspira apenas por Vos ver; e crendo que todos estes estão certos, eu não sei por onde ando errado longe de Vós.

Mas como posso ver-me, divina luz, se Vós não me iluminais para que me veja e me aborreça?

Ó Deus da minha alma, se Vós quereis que os meninos, antes mesmo de se entenderem, sejam oferecidos a Vós, para que, quando se entenderem, já sejam vossos — como quereis que eu, tendo entendimento e já Vos conhecendo, não seja Vosso nem Vos sirva?

Mas se Vós, bondade infinita, não quiserdes suportar isso em mim — que será de mim?

Trocai, Senhor, isso pela Vossa misericórdia: amai-me Vós, para me remediar, e que eu me aborreça, para ser remediado.

Ensinai-me a sentir pesar pelos anos da infância em que Vos não conheci nem amei — porque, embora neles não Vos ofendesse, sendo já por Vós amado, não Vos correspondi com amor.

Muito mais ainda, Senhor de piedade, ensinai-me a chorar as primícias do meu entendimento e da minha vontade perfeita, que não Vos dei, e todo o tempo em que me afastei do Vosso serviço, os muitos pecados a que me entreguei, e as perversas inclinações que segui depois que cheguei à idade em que já Vos podia ofender ou servir — até esta hora em que estou, miserável pecador, diante dos Vossos olhos puríssimos.

Ó bom Jesus, esquecei toda a minha vida passada. Não contem como vida os anos que gastei em obras mortas, fora de Vós e sem Vós — vida do meu coração.

Aqui clamarei a Vós, até que me ouçais. Aqui chamarei, até que me atendais. Aqui me oferecerei, até que me recebais. Aqui chorarei, até que me perdoeis.

Irei atrás de Vós, meu bom Jesus; conVosco me oferecerei ao Pai Eterno, para que, por Vós, Ele não me rejeite.

E embora os cordeiros ficassem para ser sacrificados no templo, e os meninos voltassem com as suas mães — eu não serei assim.

Oferecer-Vos-ei a Vós, Cordeiro divino, por mim; e conVosco ficarei, sacrificando-me; conVosco tornarei, acompanhando-Vos; e nunca me apartarei de Vós.

Ó Pai de misericórdias e Deus de todo o remédio e consolação, aqui Vos ofereço o Vosso Filho Unigénito; ponde n'Ele os olhos, para que, por Ele, me perdoeis e me recebais. Eis aqui o Vosso Filho feito menino por mim, mansíssimo e humilíssimo cordeiro para meu remédio. Ainda que emudeça, o Seu coração clama por mim diante de Vós.

Ele vem aqui por todos os pecadores — como poderia ficar algum de fora? Ele reconhece a Vossa obediência por todos, submete-se às Vossas leis por todos, oferece-Se por todos. A Sua puríssima Mãe Vo-Lo entrega e O recebe de novo dAS Vossas mãos — por mim.

Olhai, Senhor, para estes dois corações santíssimos, puríssimos, agradabilíssimos a Vós. O fogo em que agora ardem, Vós o conheceis; o remédio que desejam e buscam para os pecadores, Vós o sabeis; a riqueza que daqui nos vem, Vós no-la dais.

Como, Senhor meu, desprezareis os amorosos clamores destes espíritos inflamados, que por nós Vos pedem misericórdia?

Com eles, Senhor, Vos ofereço a minha pobreza e miséria: o tempo, a vida, todos os seus acontecimentos, os trabalhos, as consolações; o corpo com todos os seus sentidos, a alma com todas as suas potências; a morte, e tudo o que em mim há de mau e de bom.

O bem, que é Vosso, para o aumentardes; o mal, que é meu, para o curardes e remediardes. Assim como este Senhor não quis iniciar o Vosso serviço sem primeiro Vos dar solene obediência e receber a Vossa bênção

paternal, assim eu, que nada valho nem posso, Vos peço essa bênção, esse favor paternal, e a essa obediência de hoje me submeto para sempre.

Dai-me, Senhor, o Espírito que ensinou à santíssima Virgem as Vossas vontades, que guiou o velho Simeão ao templo e lhe deu a conhecer o Salvador.

Criai em mim um coração novo, e o Espírito que me conduza a Vós — renovai-O cada dia em meu íntimo. E o que por mim não mereço, este Cordeiro o merece: por Ele me aceitai como Vosso, por Ele me dai a Vossa graça, e confirmai-me nela com perseverança.

Que mistério é este, Senhor? Que simplicidade e dissimulação com que entrais por Jerusalém e no templo? Como é que as criaturas não Vos reconhecem, e todas não exultam de alegria com a Vossa entrada?

David imaginava que o mar fugia e o Jordão se retirava diante do Vosso povo, quando o tirastes do Egito; que os montes e outeiros saltavam de prazer, e as pedras se desfaziam em ribeiros de água, porque sentiam que passáveis com eles. E toda a criação Vos festejava — e ali não ia mais do que a vara com que Moisés, por Vosso mandado, fazia maravilhas, e a Arca da Aliança com que se passou o Jordão — tudo figuras destas verdades que agora se encerram em Vós.

E passais Vós agora no meio do Vosso próprio povo — e ninguém Vos conhece, senão o justo Simeão e a santa profetisa Ana.

Infinitas graças Vos dou, Senhor meu, por este privilégio que concedeis aos corações puros e amorosos.

Entre doutores sábios e soberbos, falando no templo e fazendo as maravilhas divinas por toda a Judeia, não sois reconhecido; mas aqui, oculto, menino, calado, pobre, necessitado do colo de Vossa Mãe — não podeis ser ignorado pelos que Vos amam.

Por Vos verem, suportam o exílio; até Vos verem, a vida lhes parece suportável; e quando chegam ao que desejavam, mais desejam acabar.

Ó minha salvação, ó minha soberana riqueza, ó vida por quem vivo e sem a qual morro — por que não Vos vêem meus olhos? Onde estais, todo o meu bem, estais escondido?

Se ainda está em vigor a sentença de que o homem não pode ver-Vos e viver, dai-me licença de fazer acordo com a morte, para que me mate e eu Vos veja; ou então, aparecei-Vos a este miserável coração, para que Vos veja tanto quanto nesta vida é possível, interiormente.

Que a minha alma Vos sinta, e com Vossa presença se comovam todos os meus sentidos interiores, para que, presos por Vós, se enfastiem de tudo o que está fora de Vós.

A minha alma suspira por Vós, meu Deus. Oh, como estou bem quando Vos desejo! Como Vos agrado quando Vos amo! Quanto Vos sou agradável quando tudo me causa fastio por saudade de Vós!

Se estou assim, reconheço-Vos sob qualquer forma: menino, Vos acho grande; pobre, Vos sinto rico; mesmo crucificado, Vos acho doce.

Mas quando o coração se afasta do Vosso amor, nem pelas Vossas obras divinas, nem pela grandeza da Vossa majestade Vos reconheço.

Apegai-me a Vós, meu Deus; afastai os meus olhos das vaidades, para que conheça as Vossas puras verdades.

Aparecei a este coração desterrado, pois Vós sois a minha saúde e todo o meu bem. Dai-me que só em Vós me contente, pois sois o verdadeiro amigo e a glória da minha alma.

Tirai de mim o gosto pelas coisas da terra — ou fazei que só me saibam ao que realmente são, e que não me ceguem nem enganem com falsos bens, cheios de misérias. Que todas as minhas entranhas suspirem e desejem apenas a Vós, bem supremo, soberano e eterno.

Aproximai-Vos já, Senhor meu, não demoreis a Vossa vinda, porque convosco trareis todos os bens.

Vinde, bom Jesus, a esta alma pecadora, soltai-a das suas cadeias, ponde-a em liberdade de espírito, para que livremente renuncie a tudo por Vós, e a Vós se abrace, a Vós possua, a Vós cante, com este santo velho, as suas saudades e desejos de descansar para sempre conVosco. Amém.

Nunc dimittis servum tuum, Domine, secundum verbum tuum in pace.

Agora, Senhor, deixais o Vosso servo partir em paz, segundo a Vossa palavra.

Degradado vivo de Vós, meu bom Jesus, e mesmo Vos amando, ando sempre em sofrimento, porque não Vos vejo. Enquanto esse encontro se adia, tudo o que é terreno me causa dor, pois são coisas cegas e enganadoras, que têm as suas horas — e a minha, a verdadeira, tarda em chegar.

O corpo se contenta com os seus prazeres, os sentidos se ocupam com os seus passatempos, o mundo se gloria das suas vaidades, e cada um diz, satisfeito, que agora sim, pois tem o que desejava.

Mas a minha alma, que só em Vós encontra satisfação — e a quem Vós mostrais que tudo o mais é engano — suspira por Vós, e se Vós a fazeis esperar, vive, sim, mas sem a sua verdadeira hora: pois está sempre em dor até que Vós chegueis e a consoleis.

Soltai-me, Senhor, destas cadeias; não me deixeis tão preso e saudoso. Entrai, Senhor, porque sois Vós mesmo quem vem. Se não Vos vejo, Vós me vedes — e estais aqui. Este é o meu agora, esta é a minha doce hora; os Vossos tempos sempre se cumprem.

Adoro-Vos, meu Salvador. Adoro-Vos, minha bem-aventurança. Adoro-Vos, minha verdadeira vida. Cumpristes a Vossa palavra de acudir a quem Vos deseja e Vos chama.

Pois chegou a paz — e será para viver ainda com o risco de perdê-la? Agora já não quero mais esta vida, não quero mais este mundo. Agora que tenho aqui o penhor do Céu, é tempo de me soltardes das cadeias e de me libertardes da prisão deste corpo — em paz, e abraçado a Vós.

Qui viderunt oculi mei salutare tuum.

Porque meus olhos viram a Vossa salvação.

Porque os olhos da minha alma, iluminados pela salvação divina, inflamados pelo Vosso amor com a Vossa suave presença, já não têm mais que desejar — senão ver-Vos claramente, e amar-Vos com segurança, fora da prisão deste corpo.

Pois se aqui, minha salvação, vivendo como um exilado e cativo desta terra corporal e miserável, sem Vos ver claramente, o meu espírito ainda Vos vê ao seu modo — e reconhece que só Vós sois a minha salvação verdadeira — e, estando preso a Vós, tudo o mais lhe causa enfado, que mais poderá desejar senão ver Aquele que o cura, que o transforma, que o inflama, que o prende, que o consome em amor?

Não viestes Vós à terra senão para isto: para prender as almas ao Vosso amor.

Quod parasti ante faciem omnium populorum.

Aquilo que preparastes diante dos olhos de todos os povos.

Para isso vos deu o vosso Pai Eterno aos homens: para que, diante dos seus olhos, em Vós vissem os justos e os pecadores, judeus e gentios, e todos sem distinção, o seu mestre, a sua salvação, a sua glória, o seu tesouro e tudo quanto pudessem desejar. E porque os olhos humanos não vos podiam ver, fez-vos homem, para que, à nossa maneira, vos tivéssemos diante dos nossos olhos e na nossa convivência, aquele mesmo que o nosso amor deseja e por quem a alma inflamada suspira.

Lumen ad revelationem gentium, et gloriam plebis tuae Israel.

Luz para se revelar a todos os povos e para glória do vosso povo de Israel.

Convosco dissipam-se as nossas trevas, e descobrem-se os nossos erros. Com o vosso próprio esplendor vos revelais aos nossos espíritos, e com a

vossa formosura nos cativais. Em Vós o povo de Israel recebe as suas gloriosas promessas, e convosco tem a coroa das suas honras. Mas todas as almas, com a vossa luz divina, que resplandece por vos terem presente, estão instruídas, enriquecidas e cheias de Vós e dos vossos bens.

Iluminai-me, minha luz; curai-me, minha salvação; elevai-me, minha glória; satisfazei-me, minha bem-aventurança. Que a minha fé vos veja sempre, que o meu amor vos abrace, que a minha esperança vos deseje, e que a minha alma vos possua como puder, até que vos vá ver claramente naquela vida sem morte, união sem separação e descanso eterno no Céu.

Ó Mãe da saúde e da luz divina, por aquele amor com que oferecestes este Senhor ao Pai Eterno por todo o mundo, e a vós com Ele ao seu perpétuo serviço, oferecei-me a mim, convosco, a Ele, para que eu seja sempre da sua casa, e me ocupe sempre no seu santo serviço, e em mim arda sempre o seu amor, enquanto vivo desterrado d'Ele.

Ó corte soberana, já aceite e segura nessas moradas eternas, que vedes claramente e possuís seguramente aquilo que, antes de glorificados, desejastes — já que não sois donos dos vossos bens, prendei lá este coração, até que chegue a hora de se dissiparem as névoas desta terra miserável e, desprendido dela, vos acompanhe e convosco louve esse Senhor, e goze da vista desse Amado para sempre. Amém.

Exercício da fuga do Senhor para o Egipto, por causa da perseguição de Herodes.

De que fugis, Senhor do mundo? De quem fugis, Filho do Deus vivo? Para onde fugis, verdadeiro refúgio e segura salvação dos culpados que a Vós recorrem? Fuja de Vós a morte, pois sois a vida eterna, na qual ela há de terminar; fuja de Vós o tirano, pois sois o juiz soberano que o há de julgar e condenar; fujam de Vós os pecados e malícias, pois os haveis de confundir; fuja de Vós a cegueira dos vossos inimigos, pois sois a luz divina que os há de revelar; fuja de Vós toda a aflição e sofrimento, pois sois o verdadeiro consolador dos atribulados e alívio de todos os oprimidos; e fuja de Vós a própria fuga, pois sois Deus de eterna majestade, que estais em toda a parte e de ninguém podeis temer.

E se é necessário, Deus da minha alma, por agora fugir, vinde a mim, escondei-vos neste coração, porque, quando vos procurarem como menino para vos matar, me verão tão velho em pecados, que não acreditarão que podeis estar neste miserável coração. E aqui, meu bom Jesus, me perdoareis, me renovareis com a vossa presença e me enchereis de bens espirituais e do vosso amor.

Oh miserável de mim, que tal sou diante dos vossos olhos, e vedes em mim tantos pecados, que preferis ir para o Egipto do que esconder-vos em mim! Primeiro quereis merecer para mim a divina misericórdia com os vossos sofrimentos; primeiro quereis andar como peregrino e desterrado, para me alcançar o remédio de todas as minhas necessidades. Levai-me, meu Senhor, atrás de Vós; ande eu penando convosco, e aprendendo de Vós as verdades que me ensinais, para me preparardes e dispordes para que em mim possais ter os vossos agrados.

Sois Senhor de todo o mundo, e não quereis viver nele senão como peregrino; no que é vosso não quereis ter pátria certa, nem mostrar gosto por habitação própria na terra, que é obra das vossas mãos. Acaso, meu Deus, estais tão desterrado da bem-aventurança como eu? Se a vossa alma é bem-aventurada e vê sempre a vossa divindade, que mal vos pode fazer a terra ao vosso corpo e humanidade, para que nela vos comporteis como peregrino?

Em mim está bem viver como peregrino, pois ando desterrado do Céu; a mim cumpre não ter assento em parte alguma, pois em nenhuma delas vos vejo, e é-me necessário viver sem afeto às coisas da terra, para não perder por elas aquilo que me prometestes no Céu. Mas Vós, meu Deus, santificais tudo convosco; nenhuma coisa vos pode danar, nem podeis andar peregrino de Vós mesmo, nem fora do que é vosso — e, todavia, já nessa primeira idade andais como peregrino, e em nenhuma idade quereis nada do mundo senão como coisa muito de passagem e de caminho. Só o que vos dá trabalho, isso quereis por vida.

Abri, meu Deus, as entranhas da vossa misericórdia, derramai os tesouros da vossa piedade, para suportardes e perdoardes os erros da minha vida pecadora. Porque, embora tudo nela me desengane pelas suas muitas mudanças, nela, todavia, como se fosse imutável, faço assento.

Experimento em mim mesmo que em coisa alguma encontro perfeito descanso fora de Vós; porque, como me quisestes e criastes para Vós, não é possível encontrá-lo em nenhuma outra coisa.

Trago diante dos olhos as mudanças e voltas do mundo, no qual, desde o mais alto ao mais baixo, todos e tudo andam numa roda viva de reviravoltas, inquietações e mudanças — e nunca vi, desde que nasci, verdade mais clara nem mais certa com os meus próprios olhos. Em Vós, Deus da minha alma, vejo que não quereis descanso nem assento no mundo. Da vossa doutrina e exemplo aprendo, nesta vida que me comunicastes, que as coisas verdadeiras, certas e seguras que quereis que eu use são apenas instrumentos e passagens para outras melhores e bem-aventuradas; ou para as mesmas, transformadas, glorificadas e perpetuadas convosco no Céu — onde todas ou mudarão de forma, ou se trocarão por outras de substância mais perfeita e mais imutável.

E com tantos ensinamentos e lições, tantas experiências e desenganos, vive em meu cego e miserável coração um tamanho descuido pelas coisas eternas, e um cuidado tão espalhado, distraído e arraigado nas coisas terrenas, como se o Céu e a terra tivessem trocado as suas posições. Que cegueira é esta, Deus meu, tão sem razão nem fundamento? Porque vejo até com os olhos corporais estas verdades, e governo-me por elas como um cego? Quem me cega, se vejo? Ou como me cego, se vejo? Oh, desventurada afeição, tão embebida no que lhe foge; tão arraigada no que lhe falta; tão assentada e perpetuada no que vê claramente, que a toda a parte se consome e gasta!

Eis aqui, bondade infinita, os males deste coração, que por todos os lados descobre tão contrários erros, quantos e quão sem fundamento são os amores que tem pelas coisas que de Vós o afastam. Posta esta miserável alma entre as promessas que lhe fazeis de bens eternos e soberanos, que crê e pensa que deseja, é o fastio delas tal, que nem lança os olhos para elas; posta entre bens terrenos, baixos e mutáveis, é uma fome canina tão grande que com nada se farta.

Para merecer a vida para sempre e bens eternos, parece-lhe todo o tempo muito e qualquer trabalho grande, e que as obras ou desejos sejam insuficientes; mas para gostar das coisas mundanas e corruptíveis, a vida, o

cuidado e toda a ocupação lhe parecem poucas, e porventura a mesma eternidade lhe pareceria curta, se a tivesse para viver nos seus vícios.

Oh quantos pecados nascem aqui nesta alma, quantas perdas de bens verdadeiros, quantas afeições desordenadas, quantas raízes más se arraigam profundamente, que lançam frutos extremamente venenosos! Como concorda a minha fé e a minha esperança cristã com estas erradas afeições e desordens?

Senhor meu piedoso e Redentor misericordioso, que me vedes, conheceis e pesais em justa balança os meus enganados erros: Vós vedes quão justamente posso duvidar da qualidade da minha fé e cristandade, pois as obras e o amor tanto contrariam o que creio e experimento.

E pois vedes este miserável coração, ponde os olhos no vosso e perdoai-me e remediai o meu. Olhai, Senhor, para quem peregrinais, lembrai-vos para quem trabalhais, e pois comigo não vos enganais, a quem tão claramente conheceis, remediai com a vossa virtude a minha miséria. Se as minhas culpas vos clamam muito por justiça, também e muito mais vos clamam por misericórdia as chagas que nesta alma que redimistes fazeis.

Porque viestes peregrinar comigo, se eu não hei de encontrar nestas paternas entranhas remédio para não perder a pátria do Céu? Não posso eu ser tão grande pecador quanto Vós sois misericordioso e redentor; nem posso nem sei desejar o meu remédio tanto quanto Vós fazeis por me remediar.

Abri, pois, essas paternas entranhas a esta vossa miserável criatura. Imprimi neste vosso degradado um vivo desejo e amorosa saudade de vos ver, onde claramente vos manifestais aos vossos inimigos. E pois sois poderoso para tudo, entrai neste coração, expulsai dele os vossos inimigos, plantai os frutos do vosso Espírito nele, arrancai de mim toda a afeição terrena.

A Vós suspirem as minhas misérias, divina misericórdia; a Vós desejem as minhas mudanças, perpetuidade e eternidade de bens; a Vós se descubra todo o meu imperfeito ser, e clame para que me aperfeiçoem; e pois me trazeis degradado por estes monturos da terra, fazei, Senhor, que assim me

pareçam, para que o amor e desejo desta alma sempre vá a Vós e por Vós suspire.

Como não esperarei tudo de Vós, bom Jesus, pois vos vejo tão amigo dos pecadores da terra, tão contente de estar entre eles, e tão desejoso de lhes fazer mercês por todo o lado; que nem perseguido por eles, e fugindo, vos desapegais dela, nem foges para o Céu, que é a vossa casa pacífica, onde sois adorado, conhecido e amado como quem sois!

Ides ao Egito para queimar com o vosso espírito aquela idolatria e perdição da terra, para que as grandes manadas dos vossos servos e ovelhas, que com puro amor vos hão de buscar e imitar, encontrem nela os ares suaves e limpos, e sejais aí conhecido, amado e servido, onde mais o vosso nome é blasfemado, o demónio venerado, e os erros têm mais posse tomada.

Parece, Deus meu, que fugis para salvar a vida, e Vós escondeis um lugar para viverem os vossos escolhidos, cheios de bens espirituais e divinas influências celestiais, em cujos corações haveis de reinar à vossa vontade.

Quem duvida, meu Deus e Senhor, que o tempo que estivestes no Egito, granjeastes com o vosso Pai Eterno espírito, graça, amor e forças para os vossos puríssimos milhares de servos que nessa terra havíeis de ter? Quem duvidará que tinheis cada um deles tão presente, como se já tivesse nascido?

E ali depois acharão o vosso espírito e virtude, onde lhes merecestes com ferventíssimo amor e coração.

Ah, meu Deus, quando pareceis mais ocioso e desocupado, então estais mais ocupado em granjear o nosso remédio.

Menino, entrastes no Egito, fugindo com muito trabalho por todo aquele caminho; e pareceis à vista um bichinho da terra que busca onde se esconder para que não o pisem e matem; Vós, bem infinito e Filho de Deus vivo, encoberto e desconhecido, santificais nesta terra a pobreza de espírito, o desapego das coisas da terra, o ser desconhecido e desprezado no mundo,

o perpétuo silêncio e contínua oração, a muda e incansável obediência, a pureza da alma, os desejos do Céu fervorosos, o amor das misérias e necessidades corporais, a santa simplicidade, a batalha e vitória das tentações, a vida de puro amor e a angélica castidade em corpos mortais e terrenos.

E isso que nessa terra consagrastes, fizestes depois imitar a tantos servos vossos quantos tinheis em vossa sabedoria escolhido.

Feita essa obra nessa terra perdida, tornais à Judeia acabar os mistérios da nossa redenção.

E acabados, depois de vos esconderdes no Céu, mandais espalhar esses bens por todo o mundo.

Oh riqueza da minha alma, entre tantas lembranças de santificar e abraçar tudo com o vosso amor, onde fico eu?

Não comparastes Vós, Senhor, a vossa doutrina e espírito à rede varredora, que leva e pesca todo o género de peixe? Pois, Deus meu, como ando eu fora dela?

Que esperais de mim, Senhor? Não vêm os vossos puríssimos olhos que tudo em mim está perdido, se fico só comigo? Não vedes que não pode manar água senão da própria fonte de onde nasce?

Oh fonte de toda a santidade, santificai-me; oh fonte de toda a luz, alumiai-me; oh fonte de toda a bondade e perfeição, mudai as minhas maldades; oh fonte de todo o ser e vida, dai vida e ser ao meu nada; oh fonte de fogo de amor, abrazai-me para consumares em mim tudo o que Vos desagrada.

Ah, meu Jesus, que não posso comigo; desejo o que não tenho, e tudo o que aborreço, mas tudo em mim está tal, que nem o desejo do bem faz perfeito o aborrecimento do mal, nem o aborrecimento causa vivo desejo.

Tudo em mim está pobre, tudo não é o que parece; mas o que é, quanto é e o valor que tem, Vós o vedes e pesais.

Curai-me, médico divino, pois me conheceis, e fazei-me desejar a cura como Vós quereis.

Ensinai-me mais, mestre divino, ensinai-me mais, luz divina, as vossas verdades e eternos conselhos. Fugis de um inimigo para vos entregardes a muitos que vos hão de matar, e mandais-me fugir de onde me perseguem; e se me quereis fazer misericórdia, ordenais que não possa fugir para onde encontre outros trabalhos maiores do que aqueles de que fujo.

Que é isto, meu Deus? Não é melhor sofrer os males presentes do que fugir para onde hei de encontrar outros, e não me hei de livrar dos incomparáveis e cruéis que me estão guardados? Oh, como me engano, meu Deus, com os vossos conselhos, quando fujo da cruz para o descanso! Onde hei de o encontrar nesta vida, meu Deus? Pois para que queres que fuja, se não hei de descansar fugindo?

Ah, meu Deus, se eu soubesse conhecer-vos e amar-vos, eu vos entenderia. Quereis que eu fuja, peregrino, para que em tudo encontre peregrinação, e em toda a parte consagre com paciência o meu degredo, e tudo encha de serviços e do vosso amor? Ou, Senhor, queres porventura que até dos trabalhos me descuide, e do que de mim quereis fazer, e não trate de mais nada senão de não ter nenhum assento na terra, senão tratar em tudo de vos contentar, servir, deixar-vos fazer comigo e em mim todas as vossas vontades?

Oh luz divina, que tão senhora queres ser de todo este coração, porque ele não concorda contigo? Como não vejo que por esta secreta maneira me queres libertar dos meus tristes cativeiros, que me têm preso e afastado de ti? Quando me verei nesta segura liberdade, e cativo só de ti, vida desta alma verdadeira?

Oh minha soberana riqueza, se tu fores só o tesouro, na minha terra terrena só dos desejos da soberana viverei; se me vir entre amigos, só pela tua amizade suspirarei; se me vir em terra de inimigos, contigo me encontrarei: encarcerado estarei com a tua companhia livre; e libertado estarei preso de ti; em toda a parte, em todo o lugar, a Cruz será minha amiga, será tua companhia, e quanto menos tiver na terra onde descanse os meus pés, mais descanso encontrarei em ti.

Para que quero pátria, meu Deus? Para que quero regalias da vida? Para que desejo ver o mundo, se não para que em todas as partes do mundo me crucifiquem, e em todas o meu coração te louve, e a minha alma te adore, o meu espírito te deseje, e o meu amor te abrace? Ah, Senhor, que não sei falar, vivei, Senhor, em mim, peregrinai em mim, percorrei todo o meu ser, para que tudo em mim santifiqueis, e em mim só em Vós assenteis para que só a Vós ame.

Oh Rainha dos Anjos sacratíssima, a quem nenhum trabalho era pesado, nem peregrinação cansada, nem terra alheia com a companhia de Jesus! Com este tesouro toda a terra vos será pátria, todo o serviço vos será suave, e toda a obediência vos será leve.

Que bem posso ter sem a companhia deste Senhor? Lembrai-vos, Senhora, e advogada dos pecadores, que o fruto destes vossos e seus trabalhos é adquirir para si muitos filhos, chamar para si muitos errados, e ajuntar para si muitas ovelhas perdidas.

Ajudai, Senhora, esta ovelha errada, acossada dos inimigos, vagabunda pelos desertos deste vale de lágrimas. Ajuntai-me ao seu rebanho, para que sempre ouça e siga a voz deste divino pastor. Ó celestiais cidadãos, ajudai o degradado peregrino que anda em perigo, para que, perdido o amor da terra, mereça a vossa companhia para sempre. Amém.

TRABALHO IX

Sentimento da morte dos Inocentes.

Fugido Cristo nosso Senhor para o Egipto, e passados dois anos, ou quase, depois do seu nascimento, Herodes, tirano, não descansava com os receios que tinha de ter nascido na sua terra o pretendente e legítimo sucessor do seu reino. E como tinha decidido matar o Senhor, caso fosse descoberto pelos Magos, percebeu a sua malícia quando viu que os santos Magos não voltaram a ele, como tinham prometido. Sentindo-se escarnecido, ficou ainda mais cheio e confirmado nas suas suspeitas e receios; e, mudando a sua dissimulação em condenável ira e cólera, imaginou uma crueldade desumana: matar tantos meninos que Cristo, nosso Senhor, não pudesse escapar.

Como não confiava nos judeus, não se atreveu a fazer inquirição para descobrir apenas o menino Jesus que queria eliminar, pois receava que lhe trouxessem outro em seu lugar e ficasse com o rival vivo se matasse só um. Livre, pois, dos negócios que até ali o tinham distraído de executar a sua cruel decisão, e parecendo-lhe que já estaria esquecido o rumor que os Magos tinham deixado em Jerusalém sobre o nascimento do Messias, e que ninguém se temeria da sua crueldade, calculou o tempo desde que os Magos tinham visto a estrela (pela informação que deles obteve em segredo) e, achando que podiam ser dois anos, para se certificar ainda mais, fingiu um motivo e ocasião para mandar reunir todos os meninos de idade de dois anos para baixo, que se encontrassem nascidos em Belém e em todo o seu termo.

Tendo-os reunido, com mão armada, preparada para isso, mandou atacá-los e matá-los a todos, crendo que, entre tantos, não escaparia o Redentor do mundo. Assim encheu a terra de sangue inocente, e quase todas as casas de lágrimas, de mágoas e dores de mães cruel e desumanamente privadas dos seus filhos. A idade, a inocência e o grande número de mortos tornavam o caso ainda mais cruel e doloroso. Não era consolação serem muitas as mães privadas dos filhos; pelo contrário, quanto mais numerosas eram as perdas, maiores eram as dores.

Esta crueldade espantou, com razão, toda a terra e, quanto menos podia resistir a tão tirânica violência, mais desventurada parecia a sua triste sorte, que a tinha entregue ao cativeiro de tão perverso e inimigo tirano. O alvoroço, a perturbação e o sofrimento que casos semelhantes causam no povo, a experiência ensina; e o santo Jeremias profetizou que seriam lágrimas sem nenhuma consolação.

O nosso Padre Santo Agostinho e outros Doutores descrevem neste episódio as muitas mágoas que as mães aflitas diriam, e como se esforçariam por morrer pelos filhos ou por escondê-los, sem que lhes valesse qualquer artifício ou invenção. E tudo isto se pode imaginar num caso tão triste. A razão mostra que meninos de tão pouca idade, ainda a mamar, não poderiam ser reunidos sem as suas mães, e que, diante dos seus olhos, se faria a cruel carnificina; e o amor maternal levaria a prantos, a rasgar os cabelos e a soltar palavras muito mais dolorosas do que a pena pode descrever.

Alguns pensam também (e não sem piedosa reflexão) que os meninos receberam de Deus, naquele momento, algum prazer espiritual, por se verem tão felizes em tão tenra idade, que, com as suas mortes, derrotavam o furioso tirano e livravam o menino Jesus de continuar a ser procurado e perseguido; e que, por isso, quanto mais as mães tentavam escondê-los, mais se revelavam chorando, para não perderem tão ditosa sorte de defender, com o seu inocente sangue e glorioso martírio, a vida do inocente cordeiro Jesus.

O que na Judeia acontecia não estava menos presente ao divino Menino no Egipto (que, com a sua eterna sabedoria, tudo via) do que em Belém, onde a crueldade se executava. Aos seus ouvidos divinos chegavam os clamores e mágoas das aflitas mães, e diante dos seus olhos divinos estava o sangue que, fervendo, saía dos inocentes meninos por sua causa. E a sua santíssima humanidade, que tudo isto via em Deus, sofria tantos sentimentos e dores quantos eram os meninos mortos por sua causa, e as mães desoladas pelas suas mortes.

Cristo nosso Senhor era de natureza muito branda e compassiva, e qualquer sofrimento que visse nos outros lhe causava pena. Mostrou-o em muitos exemplos da sua vida: quando o seguia tanta gente no deserto, longe

de suas casas, disse aos Apóstolos: «Tenho piedade desta gente, que há três dias anda atrás de mim e não tem que comer.» Encontrando, um dia, junto da cidade de Naim, uma viúva que ia a chorar o filho único que levavam a enterrar, compadeceu-se das suas lágrimas e ressuscitou-o. Vendo Marta e Maria Madalena chorarem o seu irmão Lázaro, morto há quatro dias, comoveu-se profundamente e chorou de compaixão. Quando entrou em Jerusalém, recebido com festa e ramos, lembrou-se de que aquela cidade seria destruída pelos seus pecados, e começou a chorar, dizendo mágoas e lamentos pelos males que sobre ela viriam e que já sentia.

Muitos outros exemplos mostram a compaixão natural que o Senhor tinha pelos sofrimentos dos outros e quanto lhe doíam. Por isso, sentiu ainda mais, pois escapava Ele daquela morte e morriam tantos por amor d'Ele. Por todos desejava Ele morrer e, se fosse possível, de bom grado se deixaria matar, ressuscitando tantas vezes quantos meninos Herodes matou, para que nenhum deles morresse. Mas, como era necessário que Ele vivesse então e se poupasse para outra morte mais cruel por todo o género humano, a raiva de Herodes vingava-se da ira que tinha contra Ele no sangue inocente de tantos meninos.

O coração do Senhor sofria grande dor, tanto porque não era tempo de os livrar com a sua morte, como pelo tormento que aqueles inocentes e as suas mães padeciam apenas para Lhe tirarem a vida que, fugindo, Ele pusera a salvo. É verdade que Ele lhes havia de pagar isto muito bem: com as gloriosas coroas de martírio que lhes daria no Paraíso, e com o mérito que lhes alcançaria dali a poucos anos, ao dar por eles a sua própria vida. Mas o que havia de fazer como Redentor e justo premiador não diminuía o sentimento e a dor que, como homem de coração compassivo, padecia.

Alargando mais a matéria deste trabalho do Senhor, tenho por certo que um dos grandes tormentos que o Filho de Deus, feito homem, padeceu nesta peregrinação foi o sentimento dos trabalhos que os filhos de Adão, degradados do Céu, justa e forçosamente sofriam e haviam de sofrer, e que tinha muito presentes à sua eterna sabedoria. Isto entende-se melhor considerando a intenção que Deus claramente mostrou ter ao criar, entre as suas criaturas, a natureza humana tão perfeita como a fez. Não foi criá-la sujeita a trabalhos, mas livre deles, mesmo no tempo em que vivesse fora

do Céu. Toda a restante criatura terrena foi sujeita à morte natural, mas a natureza humana (que, quanto ao corpo, era da mesma condição que as outras criaturas, sujeita à corrupção e misérias) foi colocada num lugar de prazeres, no paraíso terrestre, livre de dor, fome, frio, calor, trabalhos, morte e de tudo o que lhe pudesse dar pena.

A sua intenção era criar, entre as naturezas angélicas, espirituais e incorruptíveis, e as puramente corporais e corruptíveis, uma que estivesse no meio: espiritual como os anjos, corporal como os seres terrenos, livre dos males das corporais e participante dos bens das espirituais, capaz das suas glórias. Nessa criatura, como num mundo celestial e terreno reunido, Deus faria as suas obras soberanas, comunicaria as suas divinas perfeições e teria o seu paraíso espiritual de prazeres. Perdido este ditoso estado pelo pecado, foi necessário mudar Deus a sua intenção para não perder esta criatura, que fez tanto para o seu agrado, e remediá-la com trabalhos, pois não soube conservar-se em gostos e prazeres.

Deste desvio que os pecados deram à intenção e aos desígnios de Deus para a nossa natureza, com razão poderia Ele sentir grande dor, se fosse capaz de padecer tormento. Assim, quando quis castigar o género humano com o dilúvio, diz a Escritura que Deus, tocado de íntimo sentimento, decidiu que todos morressem e “pesou-lhe” de ter criado os homens. Isto não é dizer que Deus padeça pena ou se arrependa do que eternamente determinou, mas mostrar que havia razão suficiente para sentir dar tanto trabalho a uma criatura feita para tanto descanso, e “arrepender-se” de ter começado algo que, por culpa dela, não seria justo levar avante.

O que a sua natureza divina não podia sentir com dor, ficou reservado para sentir na humanidade que assumiu, na qual chorava os nossos trabalhos como próprios, e sentia a obrigação de justiça com que no-los dava como se Ele mesmo, por justiça, os passasse. Assim, Cristo nosso Senhor fazia perfeitamente todos os ofícios com os homens: como Deus, ordenava os trabalhos humanos para os fins da sua honra, glória e proveito espiritual e celestial; e, como humano, companheiro e amigo fidelíssimo, sentia e doíam-lhe as penas que os homens padeciam, como quem teria muito mais gosto em não lhas dar, mas que, forçado pela justiça e pela necessidade de curar as nossas chagas, as permitia e ordenava.

Mas, já que com tanta pena sua nos carregava de trabalhos, dispôs as coisas de forma que nos fossem mais proveitosos do que os prazeres do paraíso perdido. Para isso, ajudou-nos a senti-los muito, e tomou grande parte deles sobre si, para que, santificados por Ele, servissem de semente para a glória, onde voltaria ao seu primeiro desígnio de viver eternamente com os seus escolhidos em perpétuo descanso, sem trabalho.

Duas considerações dá esta matéria, entre outras, muito importantes para a consolação dos trabalhos da vida, que, se formos servos de Deus e seus leais amigos, nunca nos hão de abandonar. A primeira é de Santo Agostinho: que a Igreja Católica, que começou em Adão e seus filhos, sempre se banhou no sangue, pelo seu divino e celestial esposo. O primeiro justo, Abel, às mãos do invejoso irmão Caim, morreu banhado no seu sangue inocente. Quando o Senhor veio à terra, os primeiros escolhidos encheram Belém de sangue inocente; Ele próprio, com o seu sangue, consagrou a sua Igreja, tanto morrendo na cruz como com o sangue de muitos mártires que por Ele deram a vida. E os que sem sangue acabaram, nunca viveram sem cruzes e trabalhos.

Debaixo da bandeira do Crucificado, não se pode ter por digno discípulo, nem honrado na sua corte, quem não se alegre de ser atribulado com Ele. Bem visto isto com olhos limpos e juízo cristão, há duas coisas que os homens não devem empregar fora de Deus e do Céu: o trabalho e o amor. Os trabalhos, aos quais o Senhor deu tanto valor com o seu sangue e o dos seus escolhidos, se forem postos na balança, pesam mais que todos os bens, e são mal empregados quando se gastam em coisas que fazem perder a alma.

David, um dia, cercado de inimigos e com grande sede, desejou um pouco de água da cisterna de Belém; três valentes arriscaram as suas vidas, atravessando o acampamento inimigo, para a trazer ao seu rei. Embora aos olhos humanos parecesse serviço de leais vassalos e obrigação de valentes soldados, David, homem de altas e divinas considerações, não desagradecendo o serviço, achou mal empregado o trabalho e perigo a que se expuseram, e mandou oferecer a Deus aquela água, a quem todo o cuidado e trabalho humano deve ser mais propriamente oferecido.

É exemplo digno de santidade: se os homens empregassem os cuidados e trabalhos com que procuram os gostos e ambições da vida só n'Aquele que, da vida e trabalhos empregados no seu serviço, tira ocasião para dar eternas recompensas, seriam mais leves de passar, e não se perderia tanta parte da vida nem tão boa mercadoria cristã. Mas a causa destas perdas é empregarem o amor em coisas que o não merecem, pois este só a Deus se deve. Ele é tão ciumento do nosso amor que não admite partilha com nenhuma outra coisa, e com razão: onde vai o amor, leva consigo o gosto, o cuidado, a ocupação, o trabalho e tudo o que o homem tem por dentro e por fora.

Se o amor e o trabalho forem dados a quem se devem — Deus — e n'Ele, que só o merece, se empregarem e a Ele, como propriedade preciosíssima, se oferecerem, não só asseguramos ser dos leais da sua Igreja e escolhidos da sua glória, mas também alcançamos ser dos mais aceites e ricos da sua casa.

A outra consideração é que Deus não ficou satisfeito em deixar para sempre o seu gosto de ter connosco os seus prazeres apenas na glória; mas, ainda neste vale de lágrimas e terra de trabalhos, procura e encontra formas de ter os seus doces gostos com os atribulados. Perdido o lugar de descanso do paraíso terrestre, faz tantas e tão grandes mercês aos atribulados filhos de Adão, que, com obras divinas de eterno amor, inflama e acende os seus corações com desejo de O contentar, servir e amar somente a Ele. Nessa convivência, comunica-lhes tanto de Si e eleva-os tanto a Si, que lhes torna suave todo o trabalho da terra e penoso tudo o que nela parece prazer, vivendo tão contentes no meio de todos os trabalhos como se vivessem em puros prazeres e alegrias.

Justino Mártir, numa oração que fez aos Romanos sobre a fé dos mártires, diz que uma das principais coisas que o levou a deixar a vida filosófica e pagã que seguia foi ver o prazer dos mártires no meio de tormentos tão numerosos e cruéis como os que sofriam. Pois não conseguia persuadir-se de que fosse possível a corpos humanos, que com o cristianismo não perderam a fraqueza da carne mortal, mostrarem tanto contentamento em sofrimentos que a carne tanto aborrece, senão por terem dentro de si outros segredos e verdadeiros gostos, que lhes transformavam

as penas em suaves contentamentos. E, depois de se tornar cristão e experimentar as verdades que Deus comunica aos seus verdadeiros e leais amigos, viu claramente que nenhuma pena corporal é suficiente para tirar o suave gosto interior do espírito aos atribulados por Cristo e com Cristo.

São Paulo contava os seus açoites e trabalhos como suaves gostos. É isto que quer dizer aquele encarecimento e espanto de David: «Quão grande é, Senhor, a soma da vossa doçura, que reservastes para os que vos temem. Escondê-los-eis no segredo da vossa face (que é o vosso conhecimento ou abundância dos vossos bens) das perturbações dos homens.» Deus não os esconde de modo que os trabalhos não os encontrem nem os alcancem; mas, alcançando-os ainda mais do que a todos os outros homens, desaparece-lhes o aspeto penoso na suavidade e penhor da doçura da conversação, amor e comunicação de Deus, de tal maneira que já não se sente sal no salgado, nem amargor no fel, nem aspereza no trabalho: porque tudo, com Deus, se transforma em contentamento, que nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, mas só o amor experimentou.

Deus, com estas invenções do seu amor, fica muito mais glorificado por ter com os seus um paraíso de prazeres na terra de trabalhos, onde menos se espera e onde parece mais improvável, do que se os tivesse no lugar próprio dos gostos. Mas tudo existe onde há puro amor. Nem todos chegam aqui, mas todos os atribulados têm esta consolação: todos os seus trabalhos passados por Deus são proveitosos, sofridos com paciência são meritórios, e levados com perseverança, se não forem aqui mudados em espirituais contentamentos, serão para sempre coroados com eternas e soberanas bem-aventuranças.

Exercício do trabalho e dor que o Menino Jesus teve da morte dos inocentes

Senhor Jesus Cristo, saúde e Redentor meu, ante os vossos olhos apresento as graças que vos devo dar pelas mercês que me fizestes; não tais quais Vós mereceis, mas tais quais a minha tibieza pode. Supris Vós, minha esperança, com a vossa clemência, o que falta à minha fraqueza. Vós sois a minha bem-aventurança e o fim da minha intenção e dos meus desejos, e,

posto que não mereça amar-vos quanto mereceis, desejo amar-vos quanto sou obrigado.

Oh minha luz, Vós vedes a minha consciência, e diante da vossa majestade está o desejo do meu coração, que me dais; e, pois que o que me inspirais — que vos ame — é o que me convém, dai-me que vos ame quanto quereis ser amado; ensinai-me a agradecer as mercês que, só porque me amais, me fizestes, para que não sejam em mim sem fruto. A vossa bondade me criou e me fez do nada; a vossa graça me santificou no batismo; a vossa sabedoria me conserva e governa; a vossa misericórdia me sofre, espera, recebe e perdoa; o vosso amor vos trouxe do Céu à terra e vos fez participante dos meus trabalhos, que justamente e merecidamente padeço.

Que tenho, Senhor, ou que espero, que não deva ao amor que me tendes e à vossa graça? Ou que bem posso ter, nem desejar, sem ela? Em Vós me dilato e alargo, e em mim me desfaço e consumo. Em Vós me transformo e alargo no abismo e grandeza dos vossos bens; e em mim fico sempre nada e miserável. Trabalho e canso, ando e desando, ocupo-me e inquieto-me em coisas e por coisas fora de Vós, e sempre desfaleço, fico menor, abatido, derrubado e afastado da vossa suavidade e dos vossos bens.

Quando, saúde minha, acudireis a esta vossa miserável criatura? Sem Vós, tudo em mim é miséria; sobre mim reina a cegueira das coisas superiores, debaixo de mim a dureza das coisas terrenas, aos lados a perturbação das minhas afeições, diante de mim a fome da vaidade, atrás o esquecimento dos verdadeiros bens, e dentro de mim a pura pobreza do vosso conhecimento e amor. E, com isto, tão insensível, que julgo viver estando sem Vós e sem nenhum bem. Oh meu bem, sem o qual vivo em todo o mal! Oh minha vida, sem a qual vivo em toda a morte! Oh minha saúde, sem a qual vivo em doenças incuráveis! Oh minha luz, sem a qual, em todas estas misérias, me tenho falsamente por contente! Ajudai-me, valei-me, curai-me e iluminai-me.

Vós sabeis que sem Vós nada posso, e por isso descestes do Céu à terra para me buscar, para que eu aqui vos encontrasse, onde, sem Vós, me perco. Tomastes os meus trabalhos às costas, para neles vos encontrardes como companheiro. Sofrestes as dores que eu merecia, para que menos sentisse as

minhas, e me abrísseis os olhos para conhecer em Vós quanto maiores penas mereço e quanto amor vos devo.

Adoro-vos, meu companheiro; adoro-vos, meu verdadeiro consolador; que vos importa, Senhor, consolar-me? Não estou eu como mereço, quando me cercam enfermidades, desconsolações, melancolias, enfados, tribulações, inquietações e canseiras da vida? Sinta eu, Senhor, a pena, pois fiz o mal; e, já que justamente me castigais quando me dais aflições, bem está que eu sozinho padeça. Vós, homem Jesus, para que haveis de vir ser companheiro das minhas dores?

Oh suavíssimo e veracíssimo amante desta vossa pobre criatura! Como é verdade que não vos agradais das perdas e penas das vossas criaturas. Como é verdade que para prazeres nos criastes, e não para dores; como é verdade que nos atribulais para necessária e justa cura dos nossos males, e nos consolais e alegrais por prazer, pois para prazeres nos criastes. Por isso viestes ao mundo chorar, cansar, suar, ser tentado, perseguido, injuriado, ser desagradecido, ter falsos amigos, sofrer carências, andar desterrado peregrinando, sofrer tormentos e mortes, e todas as tribulações que eu padeço, e outras muito maiores; não só para me ajudardes a passar as minhas, mas para me ajudardes a sentir as penas deste degredo que justamente me dais.

Grande verdade disse o vosso Apóstolo, que tenho em Vós um pastor de quem não posso duvidar que vos compadeceis de mim atribulado, quando me atribulais, pois fostes em todos os trabalhos tentado e provado, e por todos passastes para que eu creia que todos os meus sentis, e vos doem, e vos compadeceis deles, como experimentado no sentimento e peso deles.

Presentes estavas, meu bom Jesus, quando peregrinavas neste mundo, em todos os trabalhos que havias de permitir que eu tivesse na vida. Já te doía a minha aflição e, como bom pai e pastor, te doía o castigo que me havias de dar, e alcançavas-me graça para o suportar com proveito e bem. Como, meu bom pastor, me queixo, se te vejo tão ferido pelas minhas chagas? Como não reconheço quanto me convém padecê-las, se, ao senti-las tanto, mas mesmo assim mas concedes? Ó meu Senhor, tudo em mim está errado; mostra-me, formosura do Céu, a doçura desse teu coração e a sabedoria da providência com que governas, as entranhas paternais com que

me amas quando me castigas, e a riqueza da tua generosidade, com que tudo aquilo que, por justo castigo, me dás, transformas em bens e coroas celestiais.

Quem como Vós, Pai amantíssimo? O mundo enforca o ladrão e, com a sua morte, tudo acaba; Vós crucificais o malfeitor e dói-vos tanto a sua dor que lhe dais graça para sofrer, e pelo sofrimento lhe dais a vida eterna. O mundo açoita o culpado e deixa-o com a afronta; Vós castigais com trabalhos as nossas culpas e, com o arrependimento que dais, pagais pelos açoites com suavíssimas consolações interiores. O mundo derruba para perder; Vós derrubais para levantar. O mundo carrega para cansar; Vós carregais para aliviar.

Oh meu aliviador, oh meu suave consolador, porque não ardem as minhas entranhas no desejo de vos servir e agradar? Não vos contentais apenas em me ajudar a tirar das penas glórias, mas quem poderá dizer como sois generoso ao comunicar às almas que afligis, levando-as a tal ponto que só vivem descontente quando vivem sem tribulações? Revelai-me, Senhor, estes vossos segredos; ensinai-me a gloriar-me nas tribulações, a encontrar-vos nelas, a gostar do que tendes escondido àqueles que sem elas se gloriam.

Oh meu amor, porque trabalho senão por Vós, em Vós e para Vós? Quando elevais a minha alma para Vós e estou abraçado convosco e abrasado no vosso amor, não sinto a injúria, nem o desfavor, nem a pobreza, nem a necessidade, nem o desprezo, nem o falso amigo, nem outro trabalho algum: tudo afogais em Vós e mudais, com a vossa presença, em saborosos e suaves bocados. Que é isto, meu Deus? Tudo quereis que seja paraíso? Oh meu paraíso, quem me lança fora de Vós? Oh meu descanso, quem me afasta de Vós? Abri, meu Senhor, este coração e entrai na vossa paz, no vosso amor, no vosso suave conhecimento.

Tão desejoso estais, meu Deus, de ter comigo os vossos gostos, que não quereis esperar para mos dar apenas na casa dos vossos gozos eternos, onde me esperais, mas já aqui me dais as primícias deles, quando me mostrais a vossa presença. Oh amor divino e amigo, ouvi este coração, que já se esquece do seu desterro, e vos canta suavemente. Ouvi-o dizer, a Vós e só a Vós:

Quão suave és, meu amor, quão formoso meu amigo, quão doce meu único pastor! Desfaleço todo em Vós, Deus vivo; a minha alma só a Vós deseja, meu tesouro, minha suavidade, meu contentamento, minha abundância, minha esperança, minha glória. Ah, ah, ah, meu Deus, ah, ah, ah, meu! Oh, se aqui em Vós se acabasse tudo o que não sois Vós! Viva o amor e viva em mim; viva eu só em Vós, oh Deus, oh amor, oh meu, oh Jesus.

Oh bom Jesus, ensinai-me os excessos do vosso amor e as aflições que causa esse vosso suave coração. Quem, Senhor meu, sentiu na morte destes inocentes maior dor: as mães, que cruelmente perdem os filhos; os meninos, que desumanamente perdem a vida; ou Vós, que com as suas mortes conservais a vossa? O sentimento das mães não passa do amor natural; o dos meninos é ainda sem uso da razão; e o vosso, amantíssimo Jesus, é de amor divino, infinito, sapientíssimo e ardentíssimo no desejo de morrer por todos.

Como sofreis, Senhor, que morram estes para vos dar a vida, sendo vosso propósito dá-la a todos com a vossa morte? Ah, Senhor, em Vós só existe o amor invejoso de padecer, e tudo isto são invenções para passar mais dores que os meninos; cada golpe que lhes davam trespassava-vos, porque não o leváveis, cada morte deles vos apertava por não serdes Vós o morto por cada um deles.

Ali vos consumia o vosso amor, e saciáveis a inveja que tínheis destes meninos em dar sentença contra a vossa carne, para que fosse toda dilacerada, desconjuntada e atormentada por eles. Ali lhes pagáveis a vida, que com as suas mortes vos sustentavam, dando-lhes a vida eterna, e determinando morrer para lha dar; em cada um deles morríeis, em cada um decidíeis morrer por ele, e por eles sofriéis para depois, até à morte, sofrer por eles. Assim quisestes, Senhor, que nenhum mártir vos vencesse em padecer.

Assim ordenastes que vivesse para sempre quem, pensando morrer por Vós, morre para si. Assim fizestes que o nosso por Vós e o vosso por nós redundasse em eternos bens para nós. Bendito e louvado seja o tesouro das vossas larguezas. Quem pode ser pobre convosco, se está rico dos tesouros desse vosso amor infinito? Oh miserável de mim, em quantos males e

perdas caio pelo amor próprio, com que me poupo, e pelo mimo deste corpo, quando fujo ao trabalho!

É-me triste o jejum, penosa a oração, pesado o recolhimento, aflição o santo silêncio, carregado o sofrer a tribulação, insuportável a tentação. Tenho medo de deixar o gosto do meu corpo por Vós; parece-me que me há de faltar o que dei por vosso amor, não ouso resistir aos meus apetites; qualquer coisa que me possa apertar mais e deixar menos livre perante os meus apetites mete-me medo, acovarda-me e sujeita-me. Oh frieza gelada deste triste coração! Quão longe está isto de desejar morrer por Vós; quão longe de ter inveja a quem dá a vida por vosso amor; quão distante da fineza, lealdade e pureza desse amor que me tendes!

Sem ver sobre mim espadas nem martírios, fujo de dar trabalho a este inimigo corpo; como darei por Vós corpo e vida? A este, meu Deus, amais; por este penais; por este vos matais; por este desejais dar a vida. Tende, Senhor, misericórdia de mim e forçai a minha covardia e pequenez. Acabai já, Senhor, de levantar esta fraqueza derrubada; dai-me espírito para pôr os ombros a todo o trabalho, a todo o bom exercício, à mortificação do meu corpo, à imitação da grandeza desse amor que me tendes.

Lembrai-vos, Senhor, que dissestes que sem Vós nada podemos fazer. Vós vedes, Senhor, no meu interior, que muitas vezes me mostrais o perigo em que vivo e me inspirais que desperte, que fuja de mim e me afaste dos gostos que me afastam de Vós, e estou tão cativo de mim e agarrado aos meus apetites que tenho medo de me desprender deles; e, mesmo parecendo que quero sair deles, quero que não seja muito cedo. E, quando me quero determinar, tenho mais medo da pena que imagino que me hão de dar ao deixá-los, do que do mal que me fazem quando não os deixo.

Oh minha miserável cegueira: quem tem medo da saúde? Oh minha fortaleza, esforçai-me. Rompei já estas prisões, armai-me com a vossa luz e amor, e não tardeis. Não se glorie tanto tempo o meu inimigo, que pode mais do que eu. Vós, Senhor, que abrindo a vossa mão encheis tudo de bens; que, com a vossa virtude, fazeis dos fracos fortes e dos vencidos poderosos, lembrai-vos que tanto vosso sou eu, fraco e miserável, como todas as vossas criaturas.

Lembrai-vos, Senhor, que não dissestes que, ao vir buscar a ovelha perdida, a mandastes voltar sozinha ao rebanho; mas que a tomastes aos ombros e a levastes, porque quem sabe muito errar, menos sabe voltar. Esta ovelha sou eu; buscai-me, Divino Pastor, pois errei; tomai-me, pois enfraqueci; e trazei-me de volta ao suave amor e companhia que vos fazem as vossas amadas ovelhas.

Mas que é isto, Senhor, que pensa Herodes: conservar-se tirando-vos a vida? E quer matar tantos meninos para que não escapeis de ser um deles? Nem para viver nem para reinar quer a vossa companhia, ó poderoso dador das vidas e dos reinos. Ah, Senhor, quanto mais me admiro de Herodes e desta sua tirania, mais me condeno. Se eu sou este, ou semelhante a ele, Vós o sabeis.

Acaso deixareis de reconhecer a mesma natureza e gravidade da culpa em mim, ainda que eu não mate inocentes meninos? Quantas vezes, Senhor, procurei conservar o meu crédito matando a honra do próximo, que me mandais preservar. Quantas vezes, quebrando a vossa lei e a vossa verdadeira doutrina, procurei conservar o amigo lisonjeando, cumprir o meu desejo mentindo, favorecer-me perseguindo a virtude, e, com ofensas vossas, viver uma vida contente — tão cheia de mortes quanto vivos e verdadeiros bens e virtudes mato na minha alma!

Oh bondade infinita, quanto disto vedes e sofreis em mim e no mundo! Quase tudo o que no mundo se faz, se negoceia e se pretende, é à custa das vossas ofensas, de quebrar a vossa lei e de perder a virtude e as almas. Nisto consiste a “sabedoria” e o “entendimento” do mundo, o seu governo e sustento. E eu, assim, vivi esquecido de Vós, mais homicida de mim do que Herodes dos inocentes meninos. E não sinto que estais fugindo de mim quando isto faço. E penso que vivo, penso que sou, penso que sei, penso que faço, penso que me sustento — e em tudo sem Vós, vida, ser, saber, poder e substância verdadeira e perfeita da alma.

Vós, com a pobreza de espírito, quereis fazer-me rei e rico, e eu mato a pobreza para o ser; quereis tornar-me grande com a humildade, e eu mato-a para me engrandecer; quereis fazer-me honrado com o sofrer, e eu perco a paciência para conservar a honra. Em tudo vos encontro, e em tudo tenho medo da vossa companhia. Oh Senhor, e sem Vós que tal fico? Oh quão

pobre, quão baixo, quão cativo, quão infame, quão afastado da vida eterna e dos bens verdadeiros! Misericórdia, Senhor; por ela vos peço que antes me deis a morte dos inocentes do que a vida do rei Herodes.

Seja hoje, Senhor, o fim das minhas mortes desventuradas e o começo de viver em Vós. Dai-me amor à vossa lei, submissão à vossa doutrina, obediência à vossa vontade. Seja a minha prudência e o meu entendimento viver do que me ensinais e morrer pelo que me mandais. Acabai Vós, em mim, com os meus males, pois só em Vós e com a vossa virtude podem ter fim. Dai-me, Senhor, que daqui em diante não queira eu membros, sentidos, potências da alma, forças e vida senão para vos servir.

Não é menos glória vossa encher a vossa casa de maus convertidos do que de mártires inocentes. Glorificai-vos, Senhor, em mim, trazendo-me atrás do perfume das vossas virtudes. Que ele penetre o meu interior, acenda o amor desta alma, me faça aborrecer o amor do mundo e me dê único e perpétuo desejo de Vós, vida da minha alma.

Oh Mãe de Deus e Senhora minha, que para este Senhor e d'Ele vivestes sempre, por quem nós, mortos, podemos alcançar a vida, ressuscitai, pela vossa intercessão, as minhas misérias, mortas em vida de puro espírito e amor d'Ele inseparável.

Oh corte celestial, que só da vida, do poder e da grandeza deste Senhor tendes e reinais com Ele, alcançai-me que Ele reine em mim, para que, por Ele, vá reinar convosco para sempre. Ámen.

TRABALHO X

Da Obediência.

Herodes e os do seu grupo, que procuravam matar o Senhor após a morte dos Inocentes, morreram enquanto Cristo nosso Senhor ainda estava no Egipto. Deus revelou a sua morte a São José, esposo da Virgem nossa Senhora, e mandou-lhe que regressasse à terra de Israel com ela e com o Menino, seu Filho. Ao regressar, hospedou-se com eles na cidade de Nazaré, na Galileia, por receio de permanecer na Judeia, com medo de Arquelau, filho de Herodes, que aí reinava.

Como via que o Filho de Deus trazia escondida a majestade divina do seu poder infinito sob a aparência de humanidade e infância, com tantos sinais de fraqueza, não queria opor-se a nenhum trabalho que se lhe apresentasse. Temeu que Arquelau, com o reino, herdasse também do pai o cruel desejo de encontrar e matar Cristo nosso Senhor; e não quis, da sua parte, dar ocasião a que o Menino Jesus fosse outra vez perseguido, cuja vida e sustento, por então, estavam a seu cargo. Por isso, e por revelação divina, foi viver com Ele para Nazaré, o mais oculto, desconhecido e discreto possível, sem dar sinal do divino tesouro que possuía em Jesus, nem mostrar qualquer diferença entre Ele e os outros meninos do povo; seguindo a ordem que via ser a vontade do Pai Eterno para com o seu Filho humanado.

Ali criaram o Senhor a santíssima Virgem e o seu santo Esposo. Dali, cumprindo toda a lei, iam ao templo em Jerusalém quando esta o exigia. Foi aí que o Menino (tendo doze anos) ficou para trás, sendo encontrado por eles no templo ao fim de três dias. Ali o sustentaram com o trabalho das suas mãos, como pobre, até à idade de trinta anos, quando o Senhor entendeu ser tempo de se manifestar ao mundo com obras e doutrinas divinas.

De todo esse tempo da vida do Senhor até essa idade não se escreve mais nada sobre Ele, senão que estava sujeito à obediência de Nossa Senhora e de São José.

Na virtude da obediência resume-se toda a vida, obras e doutrinas do Senhor, sendo esta como um género universal, ou uma árvore de que procedem e onde se fundam todos os seus trabalhos. São Paulo atribui a esta virtude toda a glória que o Pai Eterno deu ao seu Filho unigénito e ao seu nome na terra. Porque se fez obediente em tudo, até à morte de cruz, por isso — diz ele — Deus o exaltou e lhe deu um nome soberano, Jesus, ao qual todos adorem no Céu, na terra e nos infernos, e todos creiam e confessem que Ele é Deus, e está à direita do Pai.

Assim, no que os santos Evangelistas escrevem sobre Ele, nada se encontra de mais constante do que a obediência. Chama-se Messias, que quer dizer "enviado", o que indica que foi a obediência que o trouxe à Terra, e que entrou nela segundo o modo que o Pai Eterno determinara.

A primeira palavra escrita que saiu da sua santíssima boca foi a que disse a Nossa Senhora, quando aos doze anos o encontrou no templo entre os Doutores: «Não sabeis, Senhora, que devo ocupar-me nas coisas do meu Pai?» Como se já Nossa Senhora não devesse ter coisa mais sabida e certa do que ser esse o único cuidado do seu Filho: empenhar-se em fazer a vontade do seu Eterno Pai.

E, posto que o Senhor tivesse dito muitas outras coisas nessa idade e naquela ocasião — como refere São Lucas, que Ele interrogava os Doutores no templo — o Espírito Santo não quis que a nossa fé soubesse outra primeira palavra daquela divina e sapientíssima boca que não fosse sobre a obediência.

Da vida do Senhor desde os doze até aos trinta anos — cheia de virtudes e exemplos tão admiráveis, que bastariam (se fossem escritos) para doutrinar perfeitamente as almas sem mais palavras — não se diz mais nada, senão que viveu em obediência, sujeito a Nossa Senhora e a São José. Nem se quis que soubéssemos mais d’Ele senão a sua obediência — não só a Deus, mas também aos homens que seu Pai, segundo a carne, lhe deu como superiores, como são os pais para os filhos.

Depois que o Senhor começou a pregar e a revelar as suas obras, a sua linguagem mais frequente era que viera fazer a vontade do seu Pai; que disso se alimentava; que a sua doutrina não era sua, mas d’Ele: dando a

entender que não dizia palavra alguma que não fosse contada e registada por seu Pai Eterno.

Quando o prenderam, não deu outra razão para não permitir que os seus Apóstolos o defendessem senão esta: como não havia Ele de beber o cálice da obediência ao seu Pai?

Finalmente, para que o fim estivesse de acordo com os começos e o meio, as duas últimas palavras que disse em vida, e com as quais expirou, foram: «Está tudo consumado, o que me foi mandado»; e: «Nas tuas mãos, Pai, entrego esta minha alma obediente»: e ali a entregou às mãos que sempre o governaram, e cuja obediência até à última hora sempre reconheceu e cumpriu.

Quantos e quão imensos trabalhos Cristo nosso Senhor viveu e sofreu por obediência, não é possível escrever, nem agradecer perfeitamente. Os trinta anos de obediência que o Santo Evangelista São Lucas resume numa só palavra, dizendo que esteve sujeito à obediência de Nossa Senhora e de São José, e sobre os quais os outros Evangelistas não dizem nem uma palavra, oferecem matérias admiráveis de meditação às almas devotas. Porque são incompreensíveis as perfeitíssimas virtudes que havia naquela gloriosa união da Virgem, de Jesus e de José: na tranquila harmonia e heroica perfeição de mandar, obedecer e humilhar-se.

A humildade com que Nossa Senhora adorava o seu Deus e Filho não teve igual no Céu nem na Terra; e a mortificação que lhe custava ter de mandar, como mãe, ao seu Deus, era proporcional à sua humildade — e mandando, obedecia mais perfeitamente à vontade do Pai Eterno, que assim o queria — e isso com muito maior sacrifício do que se apenas lhe tivesse sido ordenado obedecer. O Filho de Deus vivia em perpétuo silêncio e servia a sua Mãe em tudo, e a José, como se fosse seu pai, pois assim era tido. José, entre ambos, mais venerado e obedecido, como cabeça da casa, e nessa posição superior, vivia mais aniquilado em si mesmo que todas as criaturas mais humildes.

Ali tiveram a obediência e a humildade o seu trono alto e soberano, com mais perfeição e heroica grandeza do que em todas as outras criaturas, celestiais ou terrenas. Publicamente, os dois superiores não davam qualquer

sinal de reconhecerem em Jesus mais grandeza que a de um filho muito obediente: assim o mandavam, e Ele obedecia. Em segredo, Jesus zelava, por obediência à Lei de Deus, em servir, mesmo quando isso não lhe era mandado. E como o estado de vida de Nossa Senhora e de São José era de gente simples, de ofício manual, servia Ele como filho de um carpinteiro. Varria a pobre casa, apanhava os pedaços de madeira quando trabalhava em casa, guardava e levava (se fosse preciso) as ferramentas, e ajudava em tudo no serviço a José.

Tudo isto se suportava ali — e muito mais — porque sabiam que Deus assim o queria. Mas o que custava àquelas humilíssimas almas suportar tudo isto, só Deus, que era o obedecido, o sabe. São José e Nossa Senhora mantinham uma admiração constante pela obediência que viam no Senhor, sem que a familiaridade lhes diminuísse o respeito ou o conceito que d'Ele tinham; antes, com pureza interior, reverência e adoração, comportavam-se diante d'Aquele a quem, com temor de Deus, davam ordens.

É certo que, no recolhimento do lar, quando estavam a sós, ouviam daquela divina boca doutrinas e segredos diviníssimos, os quais penso que o Senhor não dizia senão quando lhos pediam ou sentia vontade de lhos comunicar por obediência ao desejo deles. E sem dúvida se deve crer que a maior parte do tempo ali recolhido se gastava em oração. Oh, que oração seria aquela! Os dois estariam orando e adorando o Filho da Virgem e de Deus, presente, e recebendo d'Ele aquilo que a língua não pode exprimir, nem o coração imaginar.

Os segredos e grandezas dessas obediências e conversas não se podem declarar. Mas aqui pode a meditação expandir-se com segurança quanto puder, porque tudo será pouco para aquilo que realmente é. Nesta obediência tão voluntária do Senhor, tantos anos à sua santíssima Mãe e a São José, parece que seria impróprio dizer que teve sofrimento. Porque, se algum houve, pareceria mais ser de Nossa Senhora, ao mandar, do que do Senhor, ao obedecer; e que era suavíssima a vida de obediência à Senhora e a São José — ainda que, por vezes, em ocasiões que se apresentavam, o corpo se cansasse com as tarefas que, obedecendo, realizava.

Mas como sofrem os filhos por estarem tantos anos sujeitos à casa e obediência dos pais, devemos julgar que não devemos menos ao Senhor —

não por Ele não ter achado essa obediência penosa, mas pelos trabalhos que depois sofreu por obedecer até à morte de cruz. Porque o amor que depois O fez sofrer muito, já então fazia com que não fosse penosa para o soberano superior — a quem pertence naturalmente toda a autoridade — ter superiores na Terra, e obedecer Deus a uma criatura, o Verbo eterno a um carpinteiro, e a divina majestade a serviços domésticos de servo e escravo, que são, por natureza, coisas penosíssimas — e ainda mais quando duram muito tempo.

Acrescentai a isto que os que sofrem algo semelhante no mundo fazem-no com esperança de que isso acabe. O escravo espera liberdade, o servo espera salário ou lucro, e o filho espera herdar ou tornar-se senhor da casa onde serve — e mesmo assim, mal suportam tal estado. Mas o Senhor esperava sair daquela suave obediência a Nossa Senhora e a São José para três anos de obras tão rigorosas e trabalhosas, de maior obediência ao seu Eterno Pai, que lhe haviam de custar o repouso, a honra, o suor, o sangue e a vida, com muitas e insuportáveis tribulações e tormentos.

E todavia, o rigor que O esperava não diminuía a suavidade com que tantos anos obedecia. Antes, recreava-se nela, para suportar os tormentos que sabia que viriam.

Passados esses anos de obediência à Senhora, e tendo iniciado as obras da obediência ao seu Eterno Pai — extremamente rigorosas —, embora o sofrimento fosse imenso e crescesse continuamente até à morte, a vontade, o fervor, a eficácia da humildade em obedecer não foi menor do que a das outras virtudes. Cristo não cresceu em perfeição — pois seria imperfeição pensar que pudesse crescer em quilates e grãos na maior de todas as virtudes —, mas deu demonstrações maiores e mais eficazes da perfeição que já possuía. E porque todas as minúcias da obediência deste Senhor, e o quanto lhe custou, com que esforço a levou até ao fim, não podem ser tratadas aqui (pois toda esta obra fala disso), convém agora que os que desejam imitá-lo considerem duas coisas apenas:

A primeira: quando o Pai Eterno enviou o seu Filho Unigénito, ordenando que, nos três anos que tomaria para se dar a conhecer e ensinar ao mundo, usasse de seu poder divino, Ele o fez com tamanha majestade em palavras e obras que, como dizem os Evangelistas, o mundo se admirava;

pois Ele não agia como os grandes do mundo, mas com autoridade e comando, como quem tinha soberano poder sobre tudo. No entanto, lançava de si a glória dessas obras e palavras (ainda que fossem próprias suas), e nunca se ouviu em sua boca senão que fazia as obras e ensinava as doutrinas de seu Pai, como se fossem de outro. Porque queria dar o exemplo de que nem o estado, nem a grandeza da dignidade ou do ofício deve distrair a alma da sujeição e obediência a Deus.

A segunda: quando chegou o tempo de ocultar novamente o seu poder soberano para padecer e calar-se diante dos inimigos que o atormentariam, o Pai Eterno não lhe deu por superiores a quem obedecer nem a Virgem Maria, nem a São José, mas sim juízes maus e inimigos — um rei tirano (neto daquele que em sua infância o quisera matar), um governador pagão, Pilatos, que o mandaria açoitar e condenar, algozes que o despiriam, vestiriam, dariam as mãos e o conduziriam aos lugares de tormento, impondo-lhe as crueldades que quisessem. E a todas as ordens, vontades e sentenças desses, no que dizia respeito à sua Paixão, obedeceu com tanta humildade e sujeição, e se colocou diante deles com tanta modéstia, silêncio e reverência, como se fossem o próprio Pai Eterno e as suas palavras fossem oráculos e mandamentos divinos.

De tal modo que, para obedecer, nunca fez diferença entre as pessoas que lhe ordenavam, nem pelos méritos delas, nem pelas obras que realizava por obediência — nascendo, vivendo e morrendo por obediência.

Se entendermos bem o que se vê neste admirável espelho de verdades eternas, também compreenderemos que, assim como Deus resumiu toda a guarda de sua lei no amor a Ele e ao próximo, também pôs toda a prova do amor na obediência. E por isso disse muitas vezes:

«Quem me amar guardará as minhas palavras e os meus mandamentos; e quem não me ama, não os guarda.» E assim como ninguém pode pensar que agrada a Deus se não o ama, também, se não lhe obedece, não pode pensar que o ama. E como estas duas virtudes comunicam as suas obras, também comunicam os efeitos que produzem nas almas, os prémios com que são coroadas, os danos que resultam da sua falta, e os remédios com que esses danos se curam.

Por amor, cresce a obediência, e com ela se aperfeiçoa o amor. Pelo amor, as almas santificam-se, unem-se a Deus e recebem d'Ele graças divinas, influências e operações; e pela obediência, ficam seguras na alma. Pela desobediência, perde-se o amor, e merecem-se todas as perdas e penas temporais e espirituais; e pela obediência, reconcilia-se o amor perdido e remedeiam-se os males cometidos.

Assim, na obediência está contida toda a sabedoria cristã. Isto me parece (salvo melhor juízo) ser o que quer dizer a divina Escritura ao chamar à árvore, por meio da qual Adão se perdeu, o nome de árvore da sabedoria. Porque não penso que o fruto daquela árvore tivesse, ao ser comido, o poder de abrir o entendimento para conhecer o bem e o mal, como o demónio maliciosamente insinuou para enganar Eva e levá-la à desobediência. Pois, como Deus não queria ter no Paraíso pessoas ignorantes, não teria proibido comer do fruto daquela árvore se, ao comê-lo, ficassem mais sábios.

Além disso, Adão já conhecia todo o bem necessário, e todos os seus descendentes o haviam de conhecer e neles esse conhecimento haveria de crescer, sem necessidade de comer daquela árvore; e o mal que passaram a conhecer ao comê-la não era sinal de verdadeira sabedoria. Porque saber pecar não é saber, mas ou é cegueira da virtude, ou teimosia contra ela. E são mais perfeitamente sábios aqueles que, sem experiência do mal, conhecem todo o bem, do que aqueles que, tendo experiência do mal, colocam em risco a verdadeira sabedoria dos bens e virtudes que Deus ensina — sabedoria essa que encerra, sem dano, o conhecimento do mal como seu contrário, para que se possa fugir dele. E esse conhecimento não faltaria no Paraíso terrestre, mesmo sem se comer do fruto proibido.

Por isso entendo que chamar-se à árvore da obediência árvore da sabedoria não é outra coisa senão dizer que a chave para conservar a sabedoria espiritual e santa, que Deus tinha comunicado a Adão naquele estado sagrado, estava em obedecer. E porque a primeira obediência que Deus impôs a Adão, além da lei natural, foi a de não comer daquela árvore, foi nesse mesmo lugar — onde começou a obediência — que Deus pôs o nome e a conservação da sabedoria. Porque a criatura não tem nada mais

importante para saber, nem sabedoria mais elevada, do que obedecer ao seu Criador; e tudo o que for diferente disso é cegueira, ignorância e perdição.

Parece concordar muito com este sentido aquilo que diz o nosso padre Santo Agostinho: que em nada mais se pode mostrar melhor a grandeza desta virtude do que em Deus ordenar e proibir algo que, por si, não era mau, e que, se Deus não o proibisse, até poderia ser bom. Pois nisso se mostra que o valor da obediência não está em impedir males, mas em exercitar bens. Ou melhor dizendo, de forma mais própria: a obediência não é menos perfeita nas coisas boas que se deixa de fazer por obedecer, do que nas que se fazem por obediência; porque o seu grande valor e estima não vêm de mais nada senão dela mesma. E por isso é verdade que em saber obedecer está todo o saber de um cristão, e em exercitá-lo está toda a sua perfeição. Por isso, David pedia a Deus que lhe ensinasse a sua vontade, sem outra razão senão esta: «porque sois o meu Deus»; e, por o serdes, a minha principal obrigação é saber fazer a vossa vontade. E assim diz também noutra parte que só pedia a Deus que o deixasse estar sempre na sua casa, para poder conhecer a sua vontade. E nisto se resume toda a bondade do servo: em conhecer a vontade do senhor e obedecer-lhe.

A desobediência nasce de três raízes perversas e venenosas. A primeira é a estima de si mesmo, que é uma cegueira da alma: não reconhecendo a sua baixeza natural, não suporta ver superioridade nos outros, e julga tê-la em si próprio. Esta presunção derrubou Lúcifer, e o desprezo dela exaltou a gloriosa Virgem. Contra esta raiz lutaram os Santos, obedecendo não só aos superiores, mas a toda a criatura, sempre que isso não fosse ofensa a Deus. E é isso que ensinam os seus conselhos e doutrinas: que devemos alegrar-nos mais por fazer a vontade alheia do que a nossa, para habituar esta natureza perversa a reconhecer a superioridade, mesmo onde não há obrigação — pois, vivendo sujeita, viverá mais segura contra quedas. E o modo dessa obediência a toda a criatura deve ser não só para me humilhar, mas trabalhando com todo o empenho e sinceridade interior em reconhecer que indignamente ocupo um lugar entre as criaturas, e que elas, juntamente com Deus, fazem tanto em suportar-me na sua companhia, que, com toda a justiça, me são superiores.

E porque isto é extremamente difícil de alcançar, deve-se pedi-lo a Deus com súplica constante e desejo fervoroso, para que Ele infunda esta verdade na alma pela sua misericórdia.

A segunda má raiz é a confiança no próprio entendimento e juízo. Esta é outra forma de cegueira, quase sempre acompanhada de teimosia e arrogância. E é tão difícil de curar, que raros são os homens muito apegados à sua própria opinião que, mesmo após muitos anos de combate contra este vício, tenham alcançado perfeita vitória. Porque, como esta cegueira consiste sempre na falta de luz da verdade, até que ela brilhe plenamente, os olhos da alma não conseguem ficar limpos. Foi isto que derrubou os hereges da submissão à fé, e causou todos os cismas na Igreja de Deus. É também a ama que dá leite, cria e alimenta todas as inquietações dentro das religiões.

Contra isto, armaram-se os Santos ao instituírem que a obediência não fosse apenas voluntária, mas obrigatória por voto, e que num mosteiro se seguisse sempre uma só opinião, mesmo que os subordinados tivessem ideias melhores. Porque a força da obrigação de seguir a opinião alheia refreia o ímpeto e o veneno do juízo próprio — e, ao menos, mesmo que seja como cativeiro e amargura purgante, impede que este juízo ataque tanto a alma.

Também a cura disto deve vir do Céu, e deve ser pedida como dom particular de Deus, pois é Ele a verdadeira luz dos entendimentos, e só Ele os pode refrear e submeter. Pode ser um grande meio, para arrancar esta raiz, trabalhar por perder o hábito de discutir e ganhar o hábito do silêncio, calando a própria razão. E ainda que o juízo interior pareça gritar para se fazer ouvir, já é começo de vitória encerrá-lo de modo que não seja percebido nem entendido. Interiormente, o espírito deve desprezar-se e cuspir sobre si mesmo por causa desta soberba, e evitar sujeitar-se a comparações com quem sabe menos; antes, compare-se com Deus, que permite cegueiras e dá a sua luz de forma tão velada, que cada um deve viver com receio de cair do seu amparo. E com este temor do Senhor andará o juízo refreado, e desejará antes submeter-se à opinião de outro por amor a Deus, do que arriscar-se a que Deus o deixe cair e errar.

A terceira raiz é o afeto distraído de Deus, que abandona a obediência para não desagradar a si mesmo, a um amigo, ou para não contrariar o apetite onde o homem põe a sua consolação. Foi isto que derrubou Adão, do qual São Paulo diz que não foi enganado como Eva; não pensou que seria como Deus, nem discordou da ameaça divina caso desobedecesse — mas, para não desagradar à sua companheira, e para satisfazer o apetite da gula, perdeu a obediência e o ditoso estado do Paraíso.

Este é o caruncho da obediência nas religiões. Porque a maioria dos que nem aspiram a ser prelados, nem pensam que as coisas devam ser governadas segundo a sua opinião, acabam, por apetites pessoais e por respeito aos seus próprios gostos, por roer e consumir a virtude da santa obediência. Ora para agradar a parentes e amigos, ora por outros motivos, que se tornam companheiros de distração dos sentidos, descuido da oração, tibieza no serviço de Deus e intenções mundanas que ainda não abandonaram — ou que voltaram a admitir dentro da vida religiosa.

Contra isso se armaram os Santos fundadores das Ordens com os votos de pobreza e castidade, e com o encerramento: para que, desobrigados do trato com o mundo e obrigados a cortar as propriedades e apetites da natureza, estivessem mais livres para obedecer a Deus.

A cura desta má raiz está escrita em muitos livros, os quais todos se resumem nas palavras de Cristo Nosso Senhor: «Renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me.» E pelas muitas batalhas que isto exige, Ele se pôs por capitão e mestre, obedecendo até à morte de cruz, e não tendo nesta vida outro gosto nem descanso senão obedecer.

E porque esta virtude é o remédio geral para todos os males, não é de estranhar que se lhe dê o louvor de todos os bens. Pois mesmo onde não há virtude, mas apenas ordem, é à obediência que se deve o governo acertado de todas as coisas. O mundo irracional, pela obediência a Deus e pela sujeição das coisas inferiores às superiores, conserva-se. As navegações, os exércitos, as batalhas, as repúblicas — tudo se governa por obediência. Assim, quando há virtude — ou seja, quando se obedece à vontade de Deus —, com razão é ela o acerto universal de todas as coisas, o remédio e a cura de todos os males.

Como diz David, ao perguntar com que emenda um jovem poderá corrigir os seus caminhos errados, responde: «Guardando os vossos mandamentos.» E da riqueza dos bens que pela obediência se adquirem, diz: «Alegrar-me-ei nas vossas palavras (que são a vossa divina lei), como quem encontrou grandes e ricas presas.» E em todo o Salmo 118 se verá que não há coisa boa que não se inclua na lei de Deus.

Sobre estes fundamentos, recordo que há três estados de obediência, ou de pessoas obrigadas a obedecer. Uns são aqueles que, tendo obrigação de obedecer, também têm, por ofício ou dignidade, a função de serem obedecidos, como são os reis, prelados, capitães, governadores, pais de família e os que têm cargos públicos ou particulares sobre pessoas sujeitas a eles. Outros, que não têm obrigação de mandar nem de serem sujeitos, mas apenas cumprem a obrigação geral da lei de Deus. Outros ainda, que além desta obrigação cristã e natural, prometeram por voto viver num estado de obediência e vida religiosa.

Os primeiros vivem em maior perigo, mas têm muitas oportunidades de merecimento. Os segundos, numa santa liberdade e caminho seguro para o Céu. Os terceiros vivem num paraíso na terra, se se alegram com aquilo que prometeram. Mas todos têm como norte e guia seguir e cumprir em tudo a vontade de Deus, a sua doutrina e a sua lei.

Os que hão de ser obedecidos têm obrigação de ser imitadores de Deus, a quem representam, na forma de se fazerem obedecer: ou seja, devem fazer-se reconhecer como superiores mais pela força da bondade e da virtude do que pelo rigor. Porque nada aproveita ou prejudica mais do que o exemplo dos superiores. E quando o rigor assenta apenas na justiça, e não em modos de fazer o bem, é grande motivo para que os súbditos desvalorizem as pessoas e a obediência dos que mandam.

Com esta demonstração de bondade e virtude exterior, têm os superiores obrigação de submeter e referir tudo o que fazem à obediência de Deus, como ministros da sua vontade e não como donos das suas superioridades. Porque o que mais estraga tudo o que fazem os superiores é exercerem os cargos como se fossem seus, e não como serviço de obediência a Deus.

Por isso David diz aos superiores: «Entendei e aprendei, Vós que julgais a terra. Servi o Senhor com temor, e alegrai-vos n'Ele com tremor.» Isto é: tremei sempre diante da altura em que vos colocou, e entendei e aprendei que não vos podeis alegrar diante d'Ele, senão por o servirdes com temor — mais do que por mandardes aos súbditos. E, explicando-se mais, acrescenta: «Pegai na sua obediência, para que o Senhor não se ire e vos lance fora do caminho santo.» E o texto hebraico diz ainda mais claramente: onde a nossa versão diz «pegai na obediência», a hebraica tem *Osculamini filium*, ou seja, «beijai o Filho». Porque, tendo dito antes que Deus fizera do seu Filho o Rei universal, aconselha David aos reis e superiores que beijem a mão deste Filho de Deus, como a seu Rei, e reconheçam em tudo a sua obediência, se não quiserem, no dia da ira de Deus, ser lançados fora do caminho e da companhia dos santos.

Por isso, a obediência é todo o acerto e boa condução do governo, e a sabedoria dos que mandam. Devem guardar-se os superiores de um vício muito comum, em que caem se descuidam da humildade: que é quererem que tudo lhes seja elogiado e que tudo lhes seja devido, vivendo numa inveja inquieta da honra alheia, e num ciúme desconfiado da própria. Pensam que tudo o que não se faz por eles, lhes rouba prestígio, valor, nome e crédito. Daqui lhes vem não aceitarem bem os conselhos, porque lhes parece que quem os aconselha só o faz por ver neles falta de entendimento. E recusam fazer as coisas por parecer alheio, porque lhes parece que já não acertam por si mesmos. E muitas outras desordens deste tipo, que é preciso mortificar, para que quem ocupa cargos e superioridades não caia da graça de Deus e na perdição da alma.

Estes perigos e males curam-se quando se busca nos cargos apenas a honra e glória de Deus, e que Ele seja perfeitamente servido e obedecido em tudo. E quando esta intenção pura reina na alma do superior, todos os bons conselhos e boas ações encontram nela lugar, venham de onde vierem. E deseja mais ser ajudado por todos para acertar no serviço de Deus do que ser honrado pela opinião dos homens.

Os que não têm súbditos, nem obrigação de serem obedecidos, vivem livres destes perigos. Mas todo o seu bem espiritual consiste numa só coisa: ter por principal intenção de vida reger-se pela lei de Deus. Ao escrever

isto, quase não queria deter-me em algo tão sabido — mas muito me entristece ser necessário dizê-lo como se fosse uma novidade, como se ninguém o soubesse. Porque, por causa dos nossos pecados, tudo o que não é lei de Deus, e tudo o que destrói as almas, é o que domina no mundo; e a lei de Deus é a única coisa que não só não é tida em conta, mas quem aconselha segundo ela é considerado pesado, rigoroso e extremado.

Não sei se pode haver algo mais vergonhoso nesta vida do que a conversa que corre entre os cristãos mais entendidos do mundo, nas situações que acontecem. Dizem: "Deixemos agora a lei de Deus; aqui está em causa a honra, trata-se de gente da corte, ou do que o mundo aceita e pratica; aqui há obrigação de cumprir a palavra, seja de uma forma ou de outra; de alinhar com o rei, ou com os poderosos, assim ou assado." E esse "assim ou assado" não tem substância, nem verdade, nem juízo, e não assenta em nenhum fundamento sólido.

Gostaria de perguntar a esses entendimentos tão sábios: ao deixarem de tratar as suas coisas segundo a lei de Deus e o que Ele manda, segundo que linguagem falam? Que juízo têm? Que lei seguem? Se é da carne, São Paulo diz que a sabedoria dela é morte. Se é do mundo, o mesmo Santo afirma que a sabedoria do mundo, diante de Deus, é ignorância. Se é do demónio, digam eles mesmos quem ele é. A carne mata, porque por ela morre em nós a graça e a vida eterna. O mundo é insensato, porque todo o seu juízo se baseia em fumo, mentira, engano e tribulação no dia do juízo. O demónio é inimigo, que tudo quanto quer de nós é enganar-nos para o mal.

Então, que juízo é o de falar sem Deus e sem a sua lei? O juízo, a prudência, é viver segundo a lei de Deus e submeter-se em tudo à sua vontade, tendo como regra divina aquela que lhe é mais agradável: a obediência mais do que o sacrifício — porque nela o homem inteiro se sacrifica a Deus. E como temos leis de Deus para todos os sentidos, para as potências da alma, e para todos os sucessos da vida, quem se resume a obedecer faz de si um perpétuo sacrifício a Deus. E de Deus recebe a graça de fazer sempre a sua vontade, porque, como estão conformes, tanto mais Deus se esmera em satisfazer os desejos do homem, quanto mais este põe todos os seus desejos em cumprir a vontade de Deus.

Os que têm voto de obediência e vida religiosa sabem bem que a obediência de ação é inferior, e que a de vontade e ação é mais santa; e que a de vontade, ação e entendimento é mais perfeita. A esta poucos chegam, porque como os prelados não são divinos, e têm falhas de humanos pecadores, raramente os obedientes alcançam tamanha simplicidade e pureza santas, que os pareceres dos seus prelados lhes pareçam conselhos divinos. Mas quem chega a esse ponto vive em perpétua paz.

Estes sabem que não é obediente quem deseja e procura que lhe mandem apenas aquilo que gosta de fazer. Sabem que não pode ser obediente perfeito aquele que se faz juiz dos defeitos dos seus prelados e repara muito neles — e, muito menos ainda, aquele que, ao obedecer, pretende agradar a mais vontades do que à de Deus.

Muitas outras coisas se aprendem nos mosteiros, que são escolas desta virtude (a obediência), as quais dispenso aqui de referir. Darei apenas um conselho àqueles que começam na vida religiosa, para evitarem muitas inquietações: que não ponham a sua consolação em estarem com prelados seus amigos. Porque, além de Deus permitir muitas vezes que justamente com aqueles em quem depositaram o seu gosto venham a ter desgostos, a obediência não é santa se se obedece apenas ao amigo de quem se gosta — e isso é causa de muitas inquietações nos mosteiros. Pois as culpas dos superiores recaem sobre os seus amigos. E, se os religiosos se regem por eles, tornam-se malvistos; e, se não lhes fazem o caso que eles esperam, tornam-se seus inimigos. E como tudo isto se funda num amor próprio fingido e não em Deus, acaba por ser, nos mosteiros, fonte de murmurações, estandarte de bandos, destruição de toda a paz e virtude, e entrada das perturbações do mundo na casa de Deus.

Considero muito agradável a Deus o esforço de estar sujeito indiferentemente a todo o tipo de prelados — bons ou maus — e não recusar o jugo daquele de quem mais se desgosta, ou mesmo se for inimigo. Porque a obediência é tanto mais desinteressada quanto menos é compreendida, esperada ou tida como verdadeira por parte daqueles a quem se obedece — e, assim, mais aceite é aos olhos de Deus. Grande é a coroa que merece, diante do Senhor, aquele que, com coração puro, tem por seu “Deus” (no sentido de representação de autoridade) um mau prelado (desde

que não seja contra a lei divina), e, como tal, lhe obedece e o reverencia. E que procura sempre razões para defender a parte daquele que lhe é contrário nas coisas que dizem respeito ao seu cargo (desde que não se oponham ao que Deus manda): este é um segredo de consciências puras, que são governadas só pela graça divina e cheias de consolações espirituais.

E se não erro, antes prefiro mosteiros cheios destes obedientes com maus prelados, do que de prelados santos com maus obedientes. Esta obediência ensinou Cristo nosso Senhor, quando disse que obedecessem ao que mandavam os príncipes e doutores da lei, mas que não imitassem as suas obras — e não mandou que, por serem maus, deixassem de obedecer-lhes. O mesmo ensinou São Pedro: que se deve obedecer a toda criatura humana que exerça cargo, não só aos bons, mas também aos desordeiros e maus. E, ainda que é obrigação, com zelo santo e apenas pela honra divina (sem vaidade pessoal), afastar da autoridade ou impedir que nela entre quem seja mau, para que não perverta com o seu mau exemplo,

Todavia, quando Deus permite que esse seja o prelado, segundo os seus juízos secretos, quer que seja obedecido inteiramente — no que não for contra a sua lei divina.

Exercitar com um prelado mau e inimigo a pureza e perfeição da obediência, suportar-lhe com silêncio os desvarios, e estar em paz obedecendo àquele com quem não se tem afinidade — isso é um tesouro de riquíssimas graças. Para não me alongar demasiado, dou aqui duas regras muito gerais sobre esta matéria da obediência dos religiosos:

A primeira: todo aquele que quer que tudo se faça segundo o seu parecer é desobediente, e vive descontente na vida religiosa. E, pelo contrário, todo o desobediente procura meter-se em tudo na ordem, sem se deter em si mesmo. Por isso, não anda unido à santa prudência o zelo religioso, se não for fundado na perfeita obediência à regra e aos prelados — ainda que sejam maus ou desatentos — desde que não mandem nada contra a lei de Deus e contra a regra.

A segunda: quem quiser viver na vida religiosa em perpétua região de paz espiritual, faça profissão e dê perfeita obediência ao amor divino. Se este tiver o leme, toda a vida será bem governada.

Exercício da obediência do Senhor.

Divina, eterna e soberana Majestade, Deus todo-poderoso, meu Senhor e Criador, que trato é este que quereis ter com esta vossa criatura tão vil, que nem sequer permitis que eu tenha outra ordem, outra regra, nem outro governo senão a vossa divina vontade? Quem sou eu, comparado convosco? Como posso sequer levantar os olhos para Vós, e ousar desejar conhecer os vossos conselhos e vontades, para por eles me guiar?

Já bastaria, para mim, que me ordenásseis acompanhar os animais da terra: aprender com a formiga o cuidado com o meu bem; com o bichinho a humildade; com o jumento espancado, a paciência; com o animal carregado e domado, a obediência; e com todas as outras criaturas, a nunca levantar os olhos contra Vós. Esses são os mestres adequados à minha vileza — e, se com eles me juntar e os imitar, muito alcançarei em agradar-vos e em que me tenhais por vosso servo.

Para que quereis, Senhor, que eu levante os olhos a essa vossa Majestade? Foi por isso que Adão caiu, e perdeu o estado de inocência. Foi por isso que caíram os anjos, porque quiseram igualar-se a Vós. Foi por isso que se perdeu Judas, porque não se contentou em estar na vossa companhia.

Ó meu Deus, a terra é-me própria, e o lodo é minha mãe; de barro me formaram as vossas mãos. Nele está a minha morada e o meu lugar. Ó minha verdadeira e infinita Sabedoria, não me criastes para o barro — ainda que dele me formastes — mas para Vós. Criastes-me da terra, mas não para a terra, e sim para habitardes nesta alma que encerrastes nesta miserável matéria.

Por isso quereis ser Vós a minha sabedoria, quereis ser a minha luz, quereis revelar-me as vossas bondades e ensinar-me as vossas vontades, para que, imitando o que vejo em Vós, não seja eu todo lodo. Quereis habitar em mim como em vosso templo, e como o que sois — e por isso não quereis que haja em mim senão o que é vosso e vos agrada.

Adoro-vos, meu divino Mestre — ensinai-me o que quereis que eu saiba, e não me deixeis saber mais nada além disso. Que os meus sentidos, os meus membros, as potências da minha alma, as minhas afeições, os meus

desejos e todos os meus pensamentos sejam governados por Vós. Faça-se em mim, meu Deus, a vossa vontade, como se faz no Céu.

Formastes, Senhor, o meu corpo terrestre, e a minha alma celeste; pois ordenai, Senhor, nesta terra e neste Céu que há em mim, que vos obedeçam ambos igualmente. Os anjos não vos estão menos sujeitos que os animais, nem os elementos terrenos e baixos menos que os corpos celestes. Que haja, Senhor, essa mesma ordem em mim. Que a minha carne e o meu espírito se alegrem em Vós, que tudo esteja sujeito aos vossos pés; e já que quereis de mim perfeita obediência àquilo que me ensinais, não permitais que esta terra (o meu corpo) se oponha ao que quereis desta alma.

Este é, meu Deus, o vosso desejo — e foi nesta perfeita ordem que criastes a nossa natureza. Mas a Vós, Salvador e único médico das minhas chagas, exporei a minha queixa e mostrarei as minhas doenças.

Vive em mim a lei do pecado, contrária a toda a vossa vontade. E, ainda que pela fé eu creia no que me ensinais, sou desgraçado, pois esta contradição da carne me oprime. O mundo clama-me com o que me mostra — embora tudo seja engano — e eu sigo-o. A vaidade chama-me com mentira — e eu acredito-lhe. A carne chama-me com o apetite — e eu deixo-me cegar. A má inclinação da terra chama-me com coisas contrárias à vossa lei — e eu deixo-me levar.

Vós bradais-me com puras e eternas verdades e doutrinas — e eu temo-vos, fujo-vos, abandono a vossa obediência. Chamais-me — e eu não respondo, ainda que ouça. Inspirais-me — e eu não me decido. Animais-me — e eu não me atrevo. Asegurais-me — e eu não perco o medo. Tirais por mim — e eu não me desapego. Vejo onde estou caído — e não me levanto. Vejo-me em perigo — e não fujo.

Ó triste miséria minha! Tenho medo de Vós e de mim. O mau hábito e a vossa lei fatigam-me; o que de mim quereis e o que até aqui desejei, espicaçam-me. Nem me abandono, nem vos procuro.

Ó pacificador poderoso das batalhas, livrai-me destas angústias! Rompei, Senhor, estas correntes. A Vós sacrificarei toda esta minha natureza, inteira, para vos servir e obedecer.

Enquanto me dais este conhecimento do meu trabalho e perigo, iluminai-me, socorrei-me, fortalecei-me, para que eu não perca esta luz e caia no sono mortal da cegueira — para que eu não adormeça tranquilamente nos meus vícios, onde nem vos ouça, nem a mim me veja, e chegue a gostar do veneno, da morte, e de estar afastado de Vós.

Quando estive assim, Senhor, quão desgraçado fui! Vivia, sim, mas não de Vós, nem da vossa verdadeira vida e obediência. Vivia de cobiças terrenas, de desejos profanos, de apetites baixos e perversos, de abominações que a vossa misericórdia via e suportava.

Ó minha verdadeira saúde, não te afastes de mim! Curaste-me no batismo, deste-me a tua lei. Pois então, Senhor, afastai os meus olhos para que não vejam outra coisa; que os meus pés corram ao vosso serviço; que as minhas mãos trabalhem em vos agradar; que os meus olhos vejam as vossas verdades; que os meus ouvidos escutem as vossas vontades; que o meu coração abrace tudo o que Vós lhe ensinais.

Quando, Senhor e meu verdadeiro Mestre, quando, ó sapientíssimo reparador das minhas perdas, quando, ó perfeitíssimo reformador dos meus erros, purificareis a minha memória de todo o embaraço dos pensamentos? E o meu entendimento de toda imagem e figura terrena? E a minha vontade de toda baixeza e afeições indignas?

Quando me atraireis ao perfume dos vossos unguentos, preso pela vossa formosura, iluminado pela vossa doutrina, cativo da vossa vontade?

Quando pacificareis esta guerra da carne contra o espírito? Bem-aventurado — disse o vosso obediente servo David — aquele a quem Vós ensinardes a vossa lei, e apaziguardes nele os dias da batalha, enquanto não chega a hora de o corpo pecador ir para a sepultura.

Ah, minha bem-aventurança, sepultai já estes apetites terrenos e pecadores, e reinai nesta alma! Ah, Senhor, não sei falar, mas todo eu suspiro por Vós: o meu corpo terreno com as suas chagas, e o meu espírito com as suas prisões e perdas. Tudo em mim vos clama por misericórdia. Tomai-me, Senhor, pela mão, e guiai-me, para que eu não viva em mim, mas somente na vossa obediência, sem nenhuma contradição — pois vosso

quero ser, e por vosso governo desejo guiar-me. Vós, que me dais a vontade, dai-me também a possibilidade.

Senhor meu Jesus Cristo, espelho das eternas verdades, iluminai esta miserável alma, para que em Vós veja e aprenda a reforma destes e de todos os meus miseráveis erros e pecados. Dou-vos infinitas graças por me mostrares em Vós aquilo que devo seguir, para que eu não possa alegar ignorância, nem desculpa.

Vós sois o meu verdadeiro Deus; a divina grandeza e majestade pertencem-vos por natureza. Toda a justiça está debaixo dos vossos pés soberanos. E, no entanto, para vencer a minha soberba, dureza e altivez, que vistes em mim, escondestes a vossa majestade, viestes submeter-vos às vossas criaturas, obedecer às obras das vossas mãos, e governar-vos pela vontade e obediência daqueles que Vós mesmos sustentais e regeis.

Porventura, por ser a Virgem Santíssima vossa mãe, deixou ela de ser vossa criatura? Por vos ter gerado e dado à luz, deixou de serdes Vós o seu Criador?

Tudo o que ela (a Virgem Maria) tem em Vós é obra e mercê vossa. Haveria nela alguma coisa que, comparada com a vossa divina grandeza, pudesse ter algum valor ou existência por si mesma? Porventura o facto de ser vossa Mãe tirou-vos a superioridade de serdes seu eterno Senhor?

Então como é que a obrigais a mandar-vos e vos submetestes, como menor, à sua obediência e governo durante trinta anos? Que necessidade tínheis Vós de ser governado e de obedecer, se sois a verdadeira luz e sabedoria, pela qual todos — os que mandam e os que obedecem — acertam nos seus caminhos? Nem mesmo a Senhora podia acertar ao mandar-vos, senão por ser interiormente ensinada por Vós.

Ó puríssimo espelho de soberanas virtudes, e também de todos os meus tristes erros, estai sempre diante dos olhos da minha alma, para que, em Vós, eu aprenda a conhecer-me, a aborrecer-me, e a imitar-vos, e com essa imitação cure a minha perdição.

Porque não hei de obedecer eu a toda a criatura? Porque não me submeto a toda a vontade e parecer alheio, se vejo tudo isto? Que mal me poderia vir por andar, por vosso amor, debaixo dos pés de todos? No que é baixo eu vos encontrarei; ali serei semelhante a Vós, pois tanto vos abaixastes. E se me elevo, perco-vos, porque aborreceis a soberba; perco-me, porque me afasto de Vós.

Quebrai, Senhor, em mim esta soberba. Porque presumo de mim e me tenho em demasiado apreço, por isso confio nos meus pareceres, sigo a minha vontade, e não me submeto àqueles a quem Vós mandais, nem ao que Vós quereis. E é por isso que vivo sempre inquieto e cheio de muitas cegueiras.

O meu parecer próprio cega-se: ora pela afeição, ora pela mágoa, ora pela indignação, ora pelo apetite da vaidade, ora pela inveja, ora pelo interesse, e por muitas outras inclinações que nascem deste miserável e terreno homem. E, quando julgo que vos sirvo, segundo o que entendo, já não vos agrado, por me apegar a isso sem me submeter ao parecer de outro. E é daí que vêm as minhas quedas com desculpa, as minhas cegueiras mais densas, e as minhas chagas mais incuráveis — porque quanto mais de mim me fío, menos me conheço e mais me condeno.

Vós quereis que eu viva em paz, obedecendo — mas eu tomo sobre mim a guerra, querendo reger-me por mim mesmo. Vós quereis ser meu protetor, se eu me sujeitar — mas desobedecendo, eu quero expor-me aos tiros do inimigo. Vós quereis tomar a vosso cuidado as minhas coisas, se eu me deixar governar por outros — mas eu insisto em obrigar-me a dar-vos contas de tudo, e querer ir convosco a juízo.

Ó meu Deus, e se eu entrar em juízo convosco, que será de mim, pobre homem da terra, cheio de males e pecados, que até no que penso de mim me engano, e não posso enganar os vossos puríssimos olhos?

Convertei-me, Senhor, e quebrai em mim esta soberba antes que chegue a temida hora da prestação de contas. Vós sabeis, Senhor, que pelo muito mal que resulta do homem governar-se pelo seu próprio parecer, não quisestes que nenhum filho de Adão, até hoje, deixasse de cair em muitos erros e cegueiras por confiar no seu próprio entendimento; e que nenhum

que se submeteu e se tornou sujeito, que não confiasse em si mesmo, deixou de ser iluminado e ajudado por Vós.

Porque Vós resistis aos soberbos e colocais-vos do lado dos humildes.

Quando, por amor de Vós, me submeto, sei que vos agrado. Quando, para vos imitar, nego o meu parecer e aceito o de outro — mesmo que esse entenda menos ou saiba menos — sei que não me deixais errar. E quando me custa submeter-me ao outro e quero insistir no que acho que sei, quem me dirá (ó obediente e humilde Jesus) que vos agrado?

Quando estimo demasiado o meu parecer, escandalizo; e se não o estimo, desprezo o próximo e fico vaidoso. Presumo de ser avisado, mas nem me sei entender. Parece-me que acerto, mas não vejo os meus erros. Fico só comigo — sem Vós e sem a vossa luz — e tenho-me por seguro, pensando que alcanço tudo, sem aprender convosco.

Ó meu Deus, que quisestes, por bem, ser o meu Salvador e a minha saúde: Vós sabeis que as piores raízes e as mais difíceis de arrancar em mim são a presunção própria, a estima que tenho de mim, e os pareceres guiados pela minha própria vontade. E vedes que estas são as peçonhentas sementes de todo o meu mal.

Ensinai-me, Senhor, a clamar sempre com vivo desejo da minha salvação, pedindo a Vós remédio para estes males. E pois só a vossa poderosa mão pode curar estas chagas, não deixeis que se corrompam e apodreçam em mim.

Ensinai-me, meu divino Mestre, a perfeição desta virtude — tão vossa amiga e companheira inseparável — pois por ela não só a vossa santíssima Mãe e São José, mas até aos algozes que vos prenderam, açoitaram e crucificaram, e aos juízes iníquos que injustamente vos condenaram, Vós obedecestes humildemente, sem resistência nem contradição.

Se vos pediam as mãos para vo-las atar, oferecíeis-nas; se vos mandavam despir e vestir, assim fazíeis; se vos mandavam sentar para escárnio, sentávais-vos; se vos mandavam tomar a cruz aos ombros, tomávais-na; se vos davam fel e vinagre para beber, bebiéis; se vos

mandavam estender-vos sobre a cruz para pregar-vos nela, obedecíeis sem hesitar um passo. Nada fazíeis sem que vo-lo mandassem, e cada mandamento destes Vós o esperáveis para o cumprir — como se pela boca de cada um deles o vosso eterno Pai vos estivesse a ordenar.

Louvem-vos, Senhor do meu coração, o Céu e a Terra. Louvem-vos as vossas virtudes. Adorem-vos todos os coros dos Anjos e Santos, e que todas as minhas forças se empreguem no vosso louvor. Porque, meu Deus, não arde todo o meu interior no vosso amor diante de tão clara luz de puras verdades, que me dais?

Vós aborreceis o pecador enquanto é mau, e quereis que eu lhe obedeça; reprovais a sua malícia, e quereis que eu me lhe submeta. Não se entende que quereis de mim que, tanto no bem como no mal, não reconheça outro superior senão Vós, nem outra vontade senão a vossa? Ó meu Deus, não sei ser livre, porque amo o cativeiro da minha vontade errada e cega.

Se me mandardes coisas penosas, pesadas, cruéis, tristes e mortais, por serdes Vós quem as manda, nenhum mal me poderá vir. E parece-me que, se vos visse com os meus próprios olhos, e soubesse que sois Vós quem me manda, tudo faria com diligência. Pois se sois Vós, meu governador e fidelíssimo amigo, quem tudo ordena no Céu e na Terra, que importa mais serdes Vós a mandar-me o que quereis, por meio de um demónio ou por um anjo? Por um mau ou por um bom?

Ah, meu Senhor, Vós que vedes as verdades deste coração errado, bem entendeis que, quando faço diferença entre os que me mandam (falo dos homens, e não de Vós), é por isso que me inquieto e desobedeço. Se tratasse de Vós, e vos reconhecesse unicamente como meu verdadeiro governador, e me lançasse nos vossos braços e providência, mesmo quando me entregásseis cativo nas mãos dos vossos inimigos, Vós moveríeis o seu coração e a sua boca para o que mais me convém. Quando me destes um Prelado mau e contrário a mim, todas as suas malícias Vós as converteríeis em bem para mim, e o que ele perderia comigo por maldita intenção, eu ganhá-lo-ia convosco por simples obediência.

Aqui me lanço, meu Deus, a estes vossos pés. Governai-me por quem quiserdes; sujeitai-me a quem vos aprouver. Vós sois em tudo e em todos o

meu superior; Vós, o meu suave governador; Vós, o meu sapientíssimo mestre; Vós, o que me conhece e me ama. E por estas duas leis me guiais: que toda a criatura me mande, e que eu conheça interiormente, muito verdadeiramente, que não mereço nem das mais vis criaturas ser mandado, e que não há nenhum tão mau que não me possa, com toda a justiça, mandar. Mas dai-me, meu Senhor, que em todos obedeça apenas a Vós, e que não reconheça outra vontade senão a vossa, que tudo vedes e tudo ordenais como Pai de misericórdias.

Ó Deus de amor, e fidelíssimo amigo da minha alma, ouvi-me, Senhor, nesta hora, e aceitai as minhas súplicas, que humildemente vos dirijo. O que mais quereis de mim, para me fazerdes as graças que desejais, senão que vos obedeça? A primeira coisa que me mandais é que vos ame.

Deus da minha vida, e minha verdadeira vida, ponha-se já fim a esta divisão e a esta pesada contradição da minha desobediência. Aceitai, meu Senhor, esta oferta que agora vos quero fazer, e confirmai com a vossa graça a profissão que este pobre interior vos apresenta. Eu, miserável pecador, por cujo amor vos entregastes totalmente, faço profissão solene e dou perpétua obediência a esse vosso amor.

Aceitai, minha esperança e todo o meu bem, estas mãos e pés, esta língua e olhos, todos estes sentidos e corpo, esta vontade, memória e entendimento; os desejos, os suspiros, as intenções desta alma. Aceitai, Senhor, todas as horas e momentos da vida, todos os seus acontecimentos, todo este homem interior. Vós, que dissestes que nada podemos fazer sem Vós, nem podemos dar bons frutos sem estarmos em Vós, e não podemos estar em Vós senão por união de amor.

Seja esse vosso amor o prelado e superior desta vossa criatura. Que ele mova os meus sentidos, as minhas potências, as minhas obras. Que ele me faça agir, estar quieto, parar e caminhar, por onde e quando Vós quiserdes. Que ele se acenda no meu coração e reine em mim. Que ele me console e me aflija; que me humilhe e me levante; que ele recolha em si todas as minhas imperfeições, e cative a si todo o íntimo desta alma. Que ele alargue consigo a estreiteza da minha miséria, eleve a si o espírito abatido; encha consigo toda a capacidade desta criatura.

Ó amor divino, possui-me todo, e de ti possuído, lança-me por onde quiseres, submerge-me em quantos mares quiseres; despedaça-me com quantos tormentos quiseres; pois em ti e contigo não me poderei perder. Ouve-me, amor divino, e pois estás mais faminto de mim do que eu te sei desejar, come-me, digere-me, transforma-me em ti. Que eu não veja em mim, nem em toda a criatura, senão a ti.

Ó Mãe de Deus puríssima, perfeitamente obediente ao mandar, e humilíssima como superiora do vosso único Filho e de Deus, tende compaixão das quedas da minha desobediência e soberba. Alcançai-me deste Senhor — que sempre cumpre as vossas vontades — que esta miserável criatura se submeta inteiramente à Sua vontade.

Ó corte celestial, que reinais por ordem e obediência perfeitíssima, desatai o cativeiro desta alma com a liberdade em que viveis, e alcançai-me remédio para sair de mim mesmo e viver em plena sujeição à vontade desse Senhor, que vedes e adorais para sempre. Amém.

TRABALHO XI

Da Pobreza.

O que Cristo, nosso Senhor, sofreu e fez até à idade de trinta anos — que São Lucas, como dissemos, resumiu apenas dizendo que viveu submisso à Senhora —, ainda que todos os Santos Evangelistas o tenham silenciado, não deixa de oferecer rica matéria de meditação aos seus servos.

Mas mesmo antes das obras de heroicas virtudes, que deles escreveram nos três últimos anos em que ensinou o mundo, podemos recolher a perfeição e o sentido de toda a sua vida, que quis passar em silêncio, oculto, sem permitir que se escrevesse nada sobre ela. Confirma isto São Lucas nos Atos dos Apóstolos, ao dizer que o Senhor "começou por fazer, e depois a ensinar" — o que é clara prova de que aquilo que ensinou com tamanha abundância durante três anos, já o tinha vivido e experimentado por obras durante trinta.

Com isso nos ensinou que quão pouca substância têm palavras e doutrinas bem ditas se não vêm acompanhadas de boas obras. Pois essas palavras, ainda que se agitem como bandeiras ao vento, ostentando algum sinal de firmeza, são no fundo como casa de barro por dentro — tudo ruína iminente, se falta o alicerce firme de uma vida santa e de boas obras.

E não seria tanto mal se a doutrina santa, sem vida santa, passasse com o esquecimento, como passa o som das palavras. Mas as palavras boas, que parecem ter passado como o vento, ficam diante do juízo divino guardadas e recordadas para condenação daqueles que as ensinaram sem as viverem.

Neste dever e perigo vivem não só os pregadores e confessores, mas também todos os que aconselham, repreendem ou traçam o caminho da vida dos outros. Por isso São Tiago advertia: "Não queirais ser muitos mestres, pois sobre Vós recairá juízo mais severo".

E quem ensina e vive sem esta ponderação, ponha os olhos no Juiz e Senhor que o há de julgar — Ele que, sendo o único e soberano, o único

cujas palavras se devem crer por autoridade própria (privilégio que não deu a nenhuma criatura), ainda assim viveu trinta anos a fazer por obras aquilo que ensinaria apenas por três.

Com isso se vê quão pouca estima merece quem deseja crédito e valor não pelo exemplo da vida, mas pela autoridade da sua posição. Estes, ao roubarem de Deus aquilo que é só d'Ele — e de que nem Ele quis fazer uso —, não só serão reprovados por Deus pela vida que levam, mas o próprio Senhor permitirá, com justiça, que também as suas pessoas sejam desprezadas e desconsideradas pelos homens. E ainda que não o sejam em público, fraca é a consolação da falsa reputação quando acompanhada da repreensão da própria consciência.

Considerando, então, as obras que fez e as doutrinas que ensinou nos três últimos anos da sua vida, podemos compreender algo do que faria e dos sofrimentos que passou nos trinta anos anteriores — pelas virtudes que exercitava, pela honra do seu eterno Pai que zelava, e pela salvação dos homens, que ardentemente desejava.

No Sermão da Montanha, onde este Senhor tratou da vida evangélica perfeita e do verdadeiro entendimento e guarda da Lei de Deus — e onde está resumida toda a sua doutrina —, a primeira coisa que ensinou foi a pobreza de espírito.

E como o Senhor pregava o Reino do Céu, e não dizia palavra que não fosse medida e pesada, não se deve crer que, naquela longa doutrina, naquele grande e sublime sermão (que São Mateus escreveu com tanta atenção, até notando que levantou os olhos e abriu a sua santa boca), tivesse começado por chamar bem-aventurados os pobres de espírito — dando-lhes o primeiro lugar na perfeição evangélica e no Reino dos Céus — senão porque esta era a sua companheira amada: na pobreza nasceu, nela viveu, e nela quis morrer, sem temer nenhum dos sofrimentos que a pobreza traz consigo.

Bem merece, pois, na nossa estima e gratidão, lugar muito principal esta graça que nos fez, ao querer viver por nós em pobreza, e pelo muito trabalho com que exerceu essa santa pobreza. Tanto a estimou que, para nascer, escolheu lugar paupérrimo, não próprio, mas comum; mãe pobre

para lhe dar à luz; carpinteiro para o criar; pastores pobres como os primeiros a adorá-lo; e oferta de pobres para ser apresentado no Templo.

Nos três últimos anos da sua vida, nunca teve casa nem lugar próprio para descansar, como ele mesmo disse a um que o queria seguir: “Sou mais pobre que as raposas e aves, porque as raposas, mesmo sendo desprezadas, têm as suas tocas, e as aves têm os seus ninhos — mas eu não tenho onde reclinar a cabeça.”

Vivia de esmolas, aceitava hospedagens alheias como verdadeiro pobre, e, quando estas lhe faltavam, não se queixava. A terra — comum a todos — era a sua casa, e o céu o seu teto. Passava, por vezes, com os seus discípulos, tanta necessidade, que os levava às searas para colher espigas e debulhá-las com as mãos, a fim de satisfazerem a fome. E quando quis dar de comer a cinco mil homens que o seguiam, encontrou-se na sua "despensa" — que era um pobre cesto — apenas com dois peixes e cinco pães de cevada, para repartir entre todos os seus discípulos.

Andava sem cajado nem alforje, com apenas o que de esmola lhe davam para suprir as necessidades mais apertadas, sem se preocupar com o dia seguinte. Queria na sua companhia apenas aqueles que deixassem tudo, ou vendessem tudo e dessem aos pobres. Escolheu por discípulos os mais pobres do mundo.

Vestia uma túnica branca de lã, tecida à agulha, e um manto roxo de lã grossa (do qual vi uma parte). Diz-se que nunca trocou essa veste, e que ela crescia com Ele. Acredita-se que andava descalço, ainda que dos seus Apóstolos São Marcos diga que calçavam alpergatas.

Por fim, morreu nu, crucificado, com a santa pobreza nos braços — sem nenhuma veste, pois os algozes já a haviam tirado e lançado à sorte; sem um copo de água para matar a sede; sem ter onde reclinar a cabeça, nem onde repousar os membros para morrer. E até o túmulo onde foi sepultado, bem como a mortalha, lhe foram dados de esmola.

Por tais começos e tais finais da sua vida pobre e sofrida, podemos julgar que, nos trinta anos em que viveu na casa de Nossa Senhora, essa santa pobreza foi sua amiga fiel e inseparável companheira.

Com quanto trabalho essa santa virtude se exercita ao longo da vida, sabem-no bem aqueles que não apenas renunciam interiormente aos bens temporais, mas que padecem também exteriormente a falta deles — mesmo quando são necessários. Porque as necessidades do nosso corpo terreno são contínuas e muitas, e suportar a carência do necessário, ainda que voluntária, não deixa de ser penosa e trabalhosa para a fraqueza da carne.

Naquela pobre casinha de Nazaré sustentavam-se a Senhora e São José, com o Filho de Deus, pelo trabalho da carpintaria e pela agulha da sacratíssima Virgem. E como naquela santa companhia se cuidava mais do espírito que do corpo, gastavam menos tempo a ganhar o pão e mais tempo nos exercícios da oração e da vida espiritual, que é a força e o verdadeiro sustento da perfeita pobreza.

Faltava muitas vezes a comida, e ainda mais vezes era mal preparada, pouco saborosa, sempre muito pobre e escassa. E o "móvel" de que mais estava cheia a casa era justamente a falta de todas as coisas temporais.

A essa vida se entregou e ofereceu — e aos trabalhos dela (de que falaremos mais longamente no trabalho seguinte) — a própria Riqueza divina, o tesouro de todos os bens celestes, o Senhor universal do mundo terreno e celeste, durante os trinta e três anos que viveu neste desterro em carne mortal. E nem mesmo teve como sua a vida e o corpo que levou consigo ao Céu, pois tudo despendeu em nosso benefício.

E ainda hoje, cada dia, a oferece em alimento a quem o quiser — para mostrar que ainda considera esse corpo mais propriedade daquele que o come do que seu próprio. (Se assim se pode dizer, com o devido encarecimento.)

Cristo nosso Senhor não se teria despido tanto, nem teria posto tanto empenho em dar exemplo desta virtude da pobreza, se ela não fosse importantíssima para a perfeição cristã. Porque o principal fim da sua doutrina é acender nos corações dos homens o amor puro pelas coisas para as quais foram criados — pois nisso está a reforma de todos os nossos males.

Todos os nossos males se resumem no esquecimento das coisas eternas e na afeição excessiva pelas coisas temporais. Enquanto o coração humano está cheio dessa afeição desordenada, não segue os caminhos da fé, não põe suas esperanças nas coisas altas e divinas, e não dá o seu amor àquele a quem unicamente se deve: Deus.

Daí vem que, afastada a alma dos seus verdadeiros bens naturais e soberanos, — para os quais Deus lhe deu a medida da sua capacidade — todas as outras coisas a que ela se prende e nas quais se ocupa são demasiado pequenas. Tão pequenas, que — por não serem nada ou não bastarem todas juntas — não podem encher o espaço interior criado para conter bens divinos e eternos.

E quanto mais entulho de afetos terrenos se lhe lança, tanto mais cresce nela a fome dos males pelos quais se perde, e de que ainda assim gosta, tornando-se cada vez mais estranha à estima e ao amor dos verdadeiros bens que a poderiam satisfazer.

Assim, entrando uns males, chamam outros, porque todos cabem nessa alma, como em casa ampla e vazia. E repartido o amor da alma por tantas coisas, nenhuma verdadeira cura lhe resta, senão reunir todas as forças da sua capacidade espiritual para amar um único Bem suficiente para a satisfazer plenamente: Deus.

Reunindo todo o amor num só objeto, curam-se todos os males causados pela dispersão desse amor; reformam-se todas as perdas interiores e purifica-se o espírito para a comunicação e participação dos dons soberanos e divinos, para os quais foi criado. Pois a alma não pode gozá-los sem a companhia de todas as virtudes.

Sendo, pois, o amor da alma — espalhado ou unido — sua perdição ou sua salvação, a virtude da pobreza de espírito tem por ofício limpar a alma de toda a afeição terrena, e dispor a capacidade humana para receber as riquezas do amor divino

Por isso Cristo, nosso Senhor, que — como Ele próprio disse — veio à terra para acender o fogo do divino amor nas almas, deu o primeiro lugar à

santa pobreza, como ministra e executora adequada desses seus divinos desígnios.

E não só com os seus exemplos perfeitíssimos, mas também com muitas doutrinas, empenhou-se por fazê-la ser acreditada e acolhida nos nossos corações. A isso se dirigem todas aquelas suas palavras divinas, com as quais alarga os nossos corações, os eleva às realidades celestiais, e nos assegura que nada nos faltará:

"Buscai primeiro o Reino de Deus, e tudo o mais vos será acrescentado."

"Não vos preocupeis com o dia de amanhã."

"Não sejais excessivamente solícitos com as vossas necessidades temporais, pois o vosso Pai celestial sabe muito bem do que necessitais."

E outras muitas palavras semelhantes, com as quais Ele se compromete a tomar sobre si o cuidado de tudo quanto nos for necessário, para que nós possamos pôr todo o nosso cuidado somente n'Ele.

Esta é a verdadeira pobreza de espírito, que nosso Pai Santo Agostinho diz ser o mesmo que humildade, porque arranca pela raiz a soberba — que consiste na estima e confiança desordenada em coisas inferiores, como se fossem divinas — e que é o princípio de todo o pecado.

Esta virtude é própria do primeiro dom do Espírito Santo, que é o temor filial de Deus. Pois, reconhecendo que a criatura humana vive sempre pobre sem Deus, não se atreve a afastar-se d'Aquele que é sua única verdadeira riqueza, nem a amar nada que o possa ofender. Por isso, purifica e limpa o coração de qualquer afeição às coisas terrenas.

Nesta virtude se fundaram todas as ordens religiosas. E ainda que diferem entre si nos modos, no fim todas são iguais: desligar, pelo voto da santa pobreza, o coração do amor por qualquer bem terreno, que possa ocupar o lugar devido ao amor divino.

E a Santa Igreja aprova como mais perfeitas as ordens religiosas que professam com mais rigor a separação do uso das coisas temporais, porque as considera mais ricas na perfeição do amor de Deus, e mais dispostas e preparadas para recebê-lo.

Assim, o espelho das eternas verdades, que em si mesmo contém os tesouros de todos os bens divinos — aqueles que as almas podem desejar e para os quais foram criadas —, vindo à terra para se manifestar e dar-se a conhecer (por termos os bens terrenos mais próximos e mais compreensíveis ao nosso modo humano), quis entrar, viver e morrer pobre de tudo quanto usamos nesta vida terrena.

Para que, ao voltarmos os olhos para esse Senhor de todas as coisas, não víssemos n'Ele mais nada senão Ele mesmo. E, ao vermos que Ele não encontrou na terra coisa alguma digna de o acompanhar — a não ser os nossos corações, onde deseja entrar sem qualquer outro apego terreno —, também nós tenhamos por indigno dos nossos corações tudo aquilo que for inferior a Ele, e o recebamos sem qualquer mistura de amor pelas coisas da terra

Segundo isto, na verdade mais pura, a pobreza de espírito consiste em estar livre de toda a afeição pelas coisas pobres, isto é, pelas coisas terrenas, que — por sua baixeza — não têm verdadeiro valor nem dignidade, para que a alma possa estar cheia e rica daquilo que não tem preço justo nem estima suficiente: os bens eternos.

Iluminados por estas verdades católicas, os santos consideravam-se paupérrimos mesmo quando possuíam abundância de bens terrenos, e sentiam-se plenamente contentes na falta de todos eles. Pois, tendo experiência de uma coisa e de outra, viam que nunca o homem está mais pobre do que quando tudo o que possui não passa de bens pobres e vazios.

E tais são todas as coisas deste mundo, por maiores ou mais numerosas que pareçam: nem cada uma por si, nem todas juntas podem satisfazer o coração humano, que, iluminado para distinguir entre verdades e enganos, não quer encher-se nem empregar-se senão naquilo que é verdadeiro.

E porque essas verdades e riquezas só se encontram em Deus, o santo considera-se rico com elas, e, com as outras, quanto mais cheio estiver, mais pobre se reconhece.

Segundo essa verdade, pareceria que esta virtude deveria chamar-se propriamente “riqueza de espírito”. Mas, como se prega e se ensina a pessoas que, por engano e cegueira, tomam falsamente a abundância de bens terrenos como riqueza, o Senhor, para lhes falar numa linguagem que compreendam, chama-lhe “pobreza”, sendo na realidade “riqueza do espírito”.

Há uma regra de experiência geral: ninguém considera como muito aquilo que faz, a não ser quem não tem capacidade de o fazer. Quem tem essa capacidade, nem mesmo fazendo muito se dá por satisfeito. O generoso considera sempre pouco o que dá, porque nem dando muito sacia a sua disposição natural; já o mesquinho, que dá contra a sua inclinação, julga que ninguém dá mais do que ele — ainda que dê menos que todos.

O guloso e desregrado fica pasmado por jejuar um só dia; e o temperante, pelo contrário, espanta-se dos dias que não jejua. O impaciente acha que ninguém sofre mais que ele, ainda que se enfureça com a menor contrariedade; o paciente, por sua vez, julga não saber sofrer, só por sentir em si o impulso natural diante das injúrias e males.

O cobiçoso pensa que não há outro Job no mundo se lhe falta dinheiro para os jogos ou excessos; e o pobre de espírito considera-se o mais avarento do mundo, só por ter alguma provisão para as suas necessidades mais básicas.

Assim se dá em tudo: julgamos os santos por aquilo que sentimos em nós mesmos. Admiramo-nos da pobreza de São Francisco quando ainda estamos muito apegados aos bens terrenos e deles fazemos caso. Mas aqueles que já provaram as riquezas espirituais pasmam, isso sim, de como São Francisco ainda aceitava os remendos com que se cobria.

Enquanto estamos apegados às coisas baixas e terrenas, estamos apenas a aprender e a procurar a pobreza de espírito; mas, depois de desapegados

delas e possuídos pelo amor divino, é então que, mais propriamente, gozamos das verdadeiras riquezas do espírito.

Na Igreja de Deus há dois estados de pobreza de espírito: uns que, mesmo possuindo abundância de bens temporais, têm o coração desapegado das coisas que possuem; e outros que, por vontade ou por voto, se desapossaram do que tinham ou podiam ter e desejar, para, com menos ocupações e distrações, se consagrarem a Deus e às coisas divinas.

O primeiro não é impossível; mas o segundo é mais perfeito. E como o primeiro não é impossível, Deus justamente castiga aqueles que, por afeição desordenada e mau uso dos bens temporais que Ele lhes dá, se lançam no pecado e perdem os bens do Céu, que podiam conquistar com os da terra. Porque Deus não permite que, por nossa fraqueza, tenhamos muito na terra com liberdade para manter o coração preso ao mundo, mas apenas para uso moderado das necessidades, e como ocasião de mérito e conquista do Céu.

Por isso, Deus permitiu que houvesse pobres, e deu muitas formas legítimas de empregar os bens terrenos com merecimento.

São Basílio pondera com grande profundidade que, nas virtudes mais heroicas, Deus quis ter na sua Igreja, em todos os estados de vida, santos tão perfeitos, que nem os que professam maior perfeição devem presumir ser mais santos por isso, nem os que não a professam têm desculpa para não o serem.

Na obediência, Deus teve em Abraão, homem casado, um modelo tão perfeito, que nem o religioso mais obediente poderá ir além de oferecer, sem hesitação, a vida de seu próprio filho, o que é mais que dar a própria vida — pois o amor natural leva a sacrificar-se para salvar os filhos.

Na castidade, teve em Susana, também casada, uma mulher tão pura, que preferiu perder a honra e a vida a manchar-se. E o religioso casto não tem mais a perder, ao conservar a castidade prometida, do que ela teve por conservar a sua.

Na pobreza de espírito, Deus deu-nos o exemplo de Job, tão desapegado de tudo o que possuía, que, mesmo com a repentina perda de todos os seus

bens, não sentiu outra comoção senão para dar graças ao Senhor.

E se alguém, já professo e muito fervoroso na pobreza de espírito como prometeu, chegar a uma grande perfeição, não pense que é pouco, se com muito cuidado e esforço se achar tão desapegado das coisas que já não tem, quanto o foi Job, ao perder de repente todas as que tinha.

Com isso fica claro que a pobreza de espírito pode ser exercida em qualquer estado de vida, e que é sempre obrigatória, mas de modo diferente:

Aos que a professaram por voto, é-lhes proibido apropriar-se de bens temporais que, de outro modo, poderiam possuir justamente e sem pecado, se não os tivessem renunciado.

Aos que não fizeram voto de pobreza, é-lhes proibido apegar-se aos bens e usá-los com risco de pecado, de transgredir a lei de Deus e perder a alma.

E neste género, com a graça de Deus, podem chegar a altíssima perfeição.

Há dois vícios dos quais devem guardar-se muito aqueles que, neste estado, querem ser pobres de espírito:

A prodigalidade — que deseja possuir muito, para gastar mal;

A avareza — que junta muito, para não gastar nem bem nem mal.

Ambos esses vícios opõem-se diretamente à pobreza de espírito.

A prodigalidade, porque ao gastar desenfreadamente, atrai afetos desordenados e pecaminosos, distraindo o coração do amor que só se deve a Deus, e com o qual a pobreza de espírito se sustenta.

A avareza encerra o amor do coração, impedindo-o de se elevar a Deus. Mas qual dos dois vícios — a avareza ou a prodigalidade — seja mais prejudicial à alma, gostaria de ouvir os pareceres de outros santos mais iluminados. O meu parecer (submetendo-me sempre aos melhores) é que o avarento é mais grave e incurável que o pródigo, por muitas razões.

O fim do pródigo é contentar-se a si mesmo e a muitos outros, o que é um mal menor do que querer contentar-se só a si mesmo. O pródigo tem por hábito dar; o avarento, ao contrário, receber e acumular. E Cristo disse que “mais bem-aventurado é dar do que receber”.

O pródigo, mesmo que gaste por afeições desordenadas ou vícios, não se prende tanto aos bens temporais que lança fora. Já o avarento, se evita certos pecados, não é por amor à virtude, mas por não querer gastar. E sem dúvida, seria dissoluto, desonesto e desregrado, se pudesse sê-lo sem gastar; mas é a cobiça que o refreia, não Deus, e assim continua sempre cativo do seu dinheiro.

Deixo de lado o facto de que, para o mundo, o pródigo é mais estimado, tem mais amigos, brilha mais e é considerado generoso; enquanto o avarento é tacanho, mesquinho e desprezado em tudo. Deixo também que o pródigo goza do que tem, enquanto o avarento vive sempre miserável. E omito outras razões que pouco servem para a virtude, por estarem carregadas de mundo e vaidade.

A cura destes dois males é muito mais fácil no pródigo do que no avarento. Pois, quando se vê sem recursos, o pródigo, não tendo mais o que gastar, fica mais contido nos vícios, e, na necessidade, está mais disposto a reconhecer seus erros e a transformar a carência em virtude.

O avarento, pelo contrário, fica ardendo de cobiça por aquilo que não pode ter, e cheio de ansiedades com medo de perder o que possui — e tudo isso o torna espiritualmente mais doente e de pior qualidade.

E mesmo quando ambos não chegam a esses extremos e decidem voltar-se para Deus, o pródigo já tem meio caminho andado, porque não sente tanto deixar tudo, e só precisa chorar os males da vida passada, que se purgam rapidamente, para logo se empregar nas coisas de Deus.

O avarento, porém, tem muito que purificar-se, para que não pense que está fazendo grande coisa ao deixar tudo por Deus. Pois não pode vir a ser verdadeiramente pobre de espírito sem, de fato e de coração, tornar-se liberal — e para isso, há muitos abismos a transpor.

Foi a miséria e a perda que trouxeram o filho pródigo, depois de se ver arruinado, à casa do pai e ao bom caminho. Já ao rico avarento, o cuidado com onde guardar o que possuía lhe tirou o coração do Céu e o sepultou, naquela mesma noite, no inferno.

Ao santo colégio de Cristo não pôde entrar o jovem que possuía muitos bens e estava apegado a eles, mesmo sendo chamado pessoalmente por Cristo. Mas os que deixaram tudo com liberalidade, esses foram acolhidos e exaltados por Ele.

Por isso julgo que quem, vivendo no mundo, quiser ser verdadeiramente pobre de espírito, deve usar da prodigalidade apenas para evitar a desordem do gasto e cortar os intentos da vaidade — mas deve sobretudo empenhar-se em fugir da avareza, que entorpece o espírito, o enche de fastio, o torna incapaz de receber os bens do Céu, e o enterra no fundo de toda a baixeza.

Sobre o segundo estado dos pobres de espírito — aqueles que, por voto, renunciaram à posse dos bens temporais — há muito a dizer. Mas, como neste capítulo tenho entre mãos o pobre Jesus, espelho desta heroica virtude e seu capitão, e não confio em mim mesmo, que na obrigação que tenho pela minha profissão não tenha satisfeito plenamente esta parte nem servido como devia, digo apenas — por mim ou contra mim e todos os do meu estado — que o nosso fim nesta santa pobreza, o nosso prémio, a nossa riqueza e o nosso tesouro é Jesus. Por isso Ele é o retrato da nossa vida, e Aquele que devemos imitar. Ele é o livro escrito por dentro e por fora, que viu o Profeta, para aqueles que, com puro desejo, O querem agradar, porque tudo n’Ele se lê e se vê como verdades puras, que Ele mesmo ensina aos seus pobres de espírito.

Para aqueles que não se querem desapegar de coração daquilo que deixaram por amor de Deus, Ele é um livro fechado e selado com sete selos — como o que São João viu no Apocalipse — que o Cordeiro Jesus abrirá e revelará aos humildes, mas esconderá aos soberbos. Porque a experiência mostra-nos que não há ninguém mais cego do que aquele que professa pobreza de espírito e não vive segundo a sua profissão. São mais agarrados às poucas coisas que usam do que os avarentos aos seus tesouros. Mais se inquietam por as ter, mais murmuram se lhas negam, mais se afligem se lhas tiram, do que os ricos com todas as suas riquezas.

E isso é uma grande desventura do nosso estado, porque quanto mais pequenas e insignificantes são as coisas pelas quais perdemos a paz e a pureza do amor de Deus, mais afastados estamos d'Ele e, aos olhos divinos, somos julgados menos dignos do Seu amor e das Suas graças espirituais. Pois Ele disse que quem não é fiel no pouco, menos o será no muito.

Por isso, com licença de todos os da minha profissão, afirmo que é impossível ser pobre de espírito um religioso que não trata da oração e da conversação com Deus, onde o amor divino se purifica e se desapega daquilo que impede a comunicação divina. E, ainda que para a consciência baste não ter nada como próprio (se realmente no coração não o tiver), para atingir a perfeição desta heroica virtude, e para alcançar as riquezas da pobreza de espírito para as quais foi chamado, estará muito mal preparado — e nunca lá chegará — sem o convívio com Aquele que consome em Si todas as afeições da terra. Esse convívio acontece na oração e no recolhimento interior, para os quais as ordens religiosas foram instituídas. Prouvesse a Deus que nelas, e com Ele, os religiosos se conservassem.

Destes dois estados de pobres de espírito pode entender-se o que disse São Paulo (segundo explica o nosso Padre Santo Agostinho): que sobre Cristo Nosso Senhor, que é a pedra fundamental de todo o edifício espiritual, uns edificam com palha e feno, e outros com ouro, prata e pedras preciosas. Uns encontrar-se-ão salvos com todas essas riquezas; os outros também se salvarão, mas como quem escapa do fogo.

Isto quer dizer que o pobre de espírito que tudo renuncia e, com isso, exerce todas as virtudes, salvar-se-á com todos esses bens espirituais, firmemente fundado com amor sobre a pedra que é Cristo. E aqueles que usam e possuem bens temporais — coisas que o fogo do Juízo há de consumir —, se estiverem também fundados em Cristo e guardarem a sua lei, também se salvarão. Mas tudo o que possuíram cá será consumido, e, como quem poderia ter-se perdido e queimado nessas coisas, deixá-las-ão para que se percam e ardam, e escaparão apenas do fogo, indo para Deus sem elas.

Por isso, já que — como diz São Paulo — passa a figura deste mundo, sejamos, como ele disse de si, que Jesus seja a nossa vida, para que a morte seja o nosso ganho.

Exercício da pobreza de Jesus.

Tesouro de soberanas riquezas e glórias, abundância perfeita para todos os que Vos desejam, Jesus, meu Deus, meu Rei, meu todo-poderoso Senhor, meu único bem e toda a minha grandeza — que Vos conheça o meu coração, e que o meu espírito compreenda, com a vossa luz, os desejos desse vosso amor que tendes por mim. Fazei que eu ame aquilo que me dais a entender, para que, conformando o meu coração com o vosso, vivais em mim, e eu em Vós.

Dou-Vos infinitas graças por quererdes ser todo o meu bem e toda a minha riquíssima bem-aventurança. Em Vós tenho tudo seguro, porque sois tão elevado que nenhum mal Vos pode alcançar; tão poderoso que nada Vos pode faltar; tão rico que nenhuma miséria pode existir em Vós. Tendes mais do que consigo entender, prometeis mais do que consigo desejar, e em tudo sois maior do que consigo compreender.

E em Vós, onde a minha alma se pode alargar e saciar, colocastes toda a minha perfeita bem-aventurança, de modo que fora de Vós nada posso encontrar senão pura miséria. Pois, Senhor, se assim o quereis, como poderei eu querer outra coisa? Aceito esta tão incomparável mercê; ensinai-me a saber desejar-Vos, amar-Vos e possuir-Vos. Desapegai o meu coração de todas as coisas terrenas; tirai de mim o gosto por tudo o que não me eleva e não me aproxima de Vós. Arrancai do fundo o meu espírito, libertando-o de toda a baixeza que até aqui me prende.

Purificai a capacidade desta alma, que criastes à vossa medida, para que sejais Vós, e só Vós, em mim, aquilo que quereis ser — e que eu só a Vós, meu bem total, deseje sempre, suspire por Vós e Vos abrace.

Oh meu bem totalmente grande! Oh bem seguro! Que infinito! Que grande! Que soberano bem, e quão verdadeiramente meu! Sois todo meu, porque nada de Vós me negais. Grande, porque sois divino; bem, porque sois fonte de toda a bondade. E esse “meu” sois de tal modo, que nenhuma justiça, nenhuma razão, nenhuma força me pode tirar de Vós, se eu não quiser.

Que toda a minha alma se derreta em Vós, que todo o meu interior se agarre a Vós, que todas as minhas forças se empreguem em Vós, pois não posso querer outro bem, nem imaginar que possa haver bem fora de Vós.

Enraizai, meu Deus, em mim o vosso amor, para que o peso da carne não me afaste de Vós, nem me leve atrás de si a corrente venenosa das coisas desta vida miserável, nem qualquer afeto terreno me cegue ou me prive da vossa luz. E já que sois todo o meu bem, não me falte este tão grande bem: que me defendeis de tudo o que me tira de Vós.

Ando com fome canina pelos monturos, pensando que me posso sustentar longe de Vós, com coisas que em Vós não encontro. Como um cão, ou um animal rasteiro, agarro-me sempre ao pior, ao que é rejeitado. Que bem me pode dar o agrado do corpo, que Vós rejeitastes? O favor dos homens, que desprezastes? A abundância dos bens temporais, que renunciastes? As preocupações e ocupações terrenas, das quais Vos desvinculastes? A honra e tudo o mais de que Vós Vos fizestes pobre?

Vós, a quem tudo era devido, e a quem nada podia faltar, escolhestes a privação em vez da abundância, por amor de mim — e eu tenho-me por miserável quando me faltam essas coisas, e por afortunado quando as possuo… mesmo não Vos tendo entre elas. Oh, quão cego e miserável sou! As coisas deste mundo enfeitiçam-me; roubam-me o afeto e desviam de Vós o amor que Vos devo. Tornam-me pobre de Vós e dos vossos bens divinos e puríssimos; lançam-me em lodos torpíssimos, e, no entanto, ainda penso que sou pobre apenas quando essas coisas más me faltam, e penso que sou algo quando as tenho.

Ó bom Jesus, por isso não sei amar-Vos nem estimar-Vos como devia, porque troco o amor e a estima que Vos devo e dou-os àquilo que Vós não quisestes que estivesse na vossa companhia. Se nada do que amo se encontra na vossa morada, como podereis Vós habitar a minha, cheia do amor por aquilo que Vós expulsastes da vossa?

Ó bondade infinita, que não quereis a morte do pecador, mas que ele se converta e viva — que posso eu fazer sem Vós? Vós não quisestes ser pobre para que em Vós me faltasse alguma coisa, mas para que eu soubesse

que não posso ser rico senão em Vós. Isto que quereis, é o que essa vossa pobreza deve realizar em mim.

Vós bem vedes que, quando possuo alguma coisa da terra com afeição, ou a procuro com desejo desordenado, é aí que está o meu sentido, aí coloco o meu prazer, a isso dedico o tempo e a atenção, por isso me inquieto. E, enquanto assim estou, esqueço-me de Vós; esqueço-me das horas de Vos orar em espírito e verdade; esqueço-me da obrigação que tenho de Vos amar; abandono as graças espirituais que desejais dar-me.

E — o que, sem vergonha, não devia confessar diante dos vossos olhos — é que me embebedo nessas coisas do meu apetite, sejam elas muito pequenas e mesquinhas, sejam daquelas que no mundo parecem grandes e importantes. E, quando tristemente me tento lembrar de Vós, dou-me conta de que estou preso e cativo, e que já não sei levantar os olhos para Vós. Prende-me um brinquedo, como a uma criança; um capricho, como a um doente; um pequeno prazer, não sei bem o quê. Porque sou de tal modo, que as minhas baixezas nem têm nome, nem valor, nem outra coisa senão veneno para me matar, correntes para me prender, e cordas que — não sei como — me arrastam para longe de Vós.

E o pior é que, por causa deste descuido, não dou conta dos pecados, tentações e inquietações da vida, em que caio sem me aperceber — a não ser quando já me encontro perdido e sem forças. Vós o vedes e o conheceis, pois só Vós o podeis curar.

Ó meu pobre Redentor, tende piedade destas pobrezas: são estas que Vós não quereis que eu tenha, estas que aborreceis em mim, porque por elas Vos perco. Confesso que não sei desapegar-me nem renunciar a tudo como devo. Mas tal como me vedes, assim me lanço a vossos pés.

Desatai Vós as minhas prisões, desfazei estes nós e laços de afeições terrenas; dai-me um espírito forte, e o desprezo por tudo aquilo que Vós rejeitastes na vossa vida. Reuni em Vós todos os meus cuidados, pois sois o verdadeiro remédio e o médico desta alma.

Divina luz e rica bondade desta pobre alma, ouvi, meu Senhor, e respondei ao interior desta alma; falai-me, Palavra eterna de Deus, e ensinai

o meu desejo, que quer aprender de Vós.

Acaso, Senhor, sendo Vós tão desprendido de tudo, e tão amigo de viver privado de tudo, quereis também lançar mão do meu coração e viver pobre dele? Ah, coração do meu coração! Ah, alma da minha alma! Ah, vida da minha vida! Este meu cego coração diz-me que sim — e diz-me isso apenas porque Vós mesmo lho ensinastes.

Despojais-Vos de tudo, para que eu seja o único a ter entrada; sacudis tudo, para estar livre por mim; fazeis-Vos pobre de tudo, para que este coração possa suprir o lugar de todas essas faltas. Quereis manter-Vos de mim, vestir-Vos de mim, reclinar-Vos em mim, saciar-Vos de mim, quando tudo mais Vos falta.

Para isso sois pobre: para que todo o coração pobre creia que pode ser o vosso abrigo e a vossa choupana. Vinde, meu Jesus! Vinde, meu pobre! Reclinai aqui a vossa cabeça neste pobre coração. Acolhei-Vos no ninho desta alma.

Lembrai-Vos, Senhor, que quando vivíeis no mundo tão pobre, o publicano Mateus Vos convidou à mesa dos pecadores, tão pobres como eu dos vossos bens — e entre eles aceitastes, satisfeito e acolhido, sem dar importância aos grandes que Vos censuravam.

Então, Zaqueu, pecador, desejou ver-Vos, e, para que Vos visse como queria, Vós mesmo Vos oferecestes para ir receber o seu acolhimento, e santificastes aquela casa. A Madalena foi buscar-Vos uma vez a uma casa alheia, onde foi santificada — e, desde então, era já Vós quem a procurava como sendo vossa. Quando de tudo Vos desfizestes, chamáveis a Vós todos os carregados, todos os presos e todos os afastados, com promessas de que a todos aliviaríeis. Só de ser amado pelos nossos corações estais faminto e desejoso — e de tudo o resto Vos mostrais carente, só por causa disso. Então, Senhor, quem me detém? Quem me impede de ter um lugar junto de Vós? É verdade que não sou digno de que entreis nesta alma — mas Vós não levais em conta a minha baixeza para deixardes de me chamar a Vós.

E quando dissestes que na cruz leváveis tudo para Vós, não me deixastes de fora. Pois então, Senhor, já que não sou menos vosso do que

todos esses, e sou até mais perdido e mais cego do que eles, sem saber para onde ir, vinde Vós a esta alma que, nesta hora, Vos deseja. E se há de haver uma hora, que seja esta. Que bastem as pobrezas e perdas do passado!

A partir desta hora, permanecei sempre com este coração.

Ah, meu Senhor e verdadeiro bem, vede que nunca rejeitastes nenhum tipo de pobre. Nascestes da santa pobreza, um santo pobre Vos criou; nascestes numa casa pobre e numa pobre cruz morrestes; escolhestes pastores ignorantes e pobres; chamastes discípulos imperfeitos e pobres; conversastes com pecadores espiritualmente pobres; e entre dois ladrões, pobríssimos de virtudes, terminastes.

Todas as pobrezas Vos agradaram e aceitastes como companheiras — umas para as exercerdes, outras para as curardes e enriquecerdes.

Como poderia eu, então, ficar de fora? Eu sou mais pobre de bens do que os ladrões; para Vós sou pobre, para Vós, bom Jesus — e para a vossa companhia tenho já um justo direito.

Recebei-me, Senhor pobre, na vossa companhia: curar-me-eis, enriquecer-me-eis, possuir-me-eis e santificar-me-eis. Amar-Vos-ei, e em mim Vos glorificareis.

Oh meu pobre Senhor, e meu pobre Salvador! Vejo-Vos pobre, mas não sei o que sente este meu pobre coração, que não se consegue afastar de Vós. E não sei que grandezas vejo nessa vossa pobreza. Eu as adoro quanto posso — dai-me Vós que as ame quanto devo.

Tudo aquilo de que Vós estais pobre, empobrece as almas que o possuem com afeto desordenado. E os que, por vosso amor, nada têm nem desejam, Vós tornai-os riquíssimos e plenamente felizes.

As almas dos vossos pobres estão cheias de luz, iluminadas pelos vossos segredos, sábias sem outro mestre senão o vosso Espírito; riquíssimas de bens divinos que não se podem dizer nem sequer imaginar; contentíssimas, sem cuidados que as perturbem; e em perpétua paz e sossego.

Com os seus corpos ainda na terra, conversam com o Céu; e em corpos de barro vivem uma vida de excessos angélicos. O prazer e contentamento que os mundanos cegos procuram e nunca encontram — esses vossos pobres o possuem.

Eles detêm o senhorio de tudo, sem nada terem; gozam de altivez de coração entre as misérias da terra; e o poder contra todo o inimigo é, para eles, um uso habitual e seguro. Aos olhos do mundo são como bichinhos desprezíveis; mas aos vossos olhos divinos, são príncipes e senhores.

Enfastiados e enjoados de tudo quanto o mundo estima — e sendo também, para o mundo, motivo de desprezo — vivem sempre nos vossos banquetes espirituais, e não querem outros manjares senão os celestiais.

Oh, quando, bom Jesus — desapegado de tudo, contente e rico apenas de Vós, alagado na abundância das vossas riquezas — Vos disser todo o meu coração: "Pai meu, riqueza minha, abundância minha, bem-aventurança minha!"

É verdade que sempre o sois, realmente; mas o meu coração só o sente quando sois Vós que lho fazeis sentir.

Quando chega o vosso toque interior, quando tirais as névoas desta alma, e consumis todos os seus desejos terrenos — oh, com que conhecimento tão diferente Vos diz então, com saber, com amor, com desejo sincero: "Deus meu, amor meu, riqueza minha, consolação minha e toda a minha satisfação!"

Porque, então, verdadeiramente, goza de Vós como do seu único bem — pois não tem no coração outra coisa que seja sua, senão a Vós.

Foge de mim, terra! Deixai-me, pensamentos terrenos! Afastai-vos de mim, amigos, cuidados, desejos, pequenezas terrenas!

Deixai-me abraçar o meu pobre Jesus, o meu pobre Jesus, o meu amigo Jesus, o meu tudo — Jesus! Oh, oh, Jesus! Oh, oh, oh, Jesus! Oh, meu! Oh, meu amor!

In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum: In justitia tua libera me.

Em Vós, meu bom Jesus, tenho toda a minha confiança, o meu ser e a minha fortaleza. Em Vós me apoio, e em Vós perco todo o medo. Nem me afastarei jamais de Vós, nem nunca me envergonharei de Vos ter amado, de ter crido em Vós, e de ter deixado tudo por amor de Vós. E, mesmo que tudo esteja contra mim, Vós, meu pobre Jesus, tomareis a minha defesa.

A vossa bondade, que aprovou a pobreza de espírito e com ela me enriquece, essa mesma bondade me livrará de todo o mal, de toda a fraqueza e de toda a perturbação.

Inclina ad me aurem tuam: accelera, ut eruas me.

Ouvi, Senhor, os clamores deste coração; dai ouvidos aos desejos desta alma que Vos anseia. Apressai-Vos em libertar-me de tudo o que me afasta de Vós e que, no mundo, me engana. A Vós escolho como minha soberana riqueza — confundí, Vós mesmo, todas as coisas que tentam ofuscar esta luz, para me afastar de Vós e me roubar este rico tesouro.

Esto mihi in Deum protectorem, et in domum refugii: ut salvum me facias.

Sede Vós o meu Deus, pois o sois — e não permitais que eu ame outra coisa com o amor que Vos devo, meu Deus. Sede Vós o meu Deus, sede o meu amparo, pois o sois — e não permitais que eu confie em outra coisa. Sede o meu abrigo, o meu refúgio e a minha salvação, pois só Vós tendes, para tudo, poder, bondade, riqueza, fortaleza e generosidade suficientes.

Quoniam fortitudo mea, et refugium meum es tu: et propter nomen tuum deduces me, et enutries me.

Quando Vós me mandastes imitar-Vos e, por vosso amor, deixar tudo, bem sabíeis da minha fraqueza. Mas nesse momento Vos comprometestes a serdes Vós a minha fortaleza; comprometestes-Vos a ser o meu refúgio em

todas as minhas necessidades; comprometestes-Vos a não olhar para os meus méritos, mas sim para a grandeza do vosso nome, da vossa bondade e da vossa misericórdia — para me guiar e me sustentar, segundo quem Vós sois, e não segundo o que eu mereço.

Educes me de laqueo hoc, quem absconderunt mihi: Quoniam tu es protector meus.

Seguro e vivo, bom Jesus, nos teus braços, seguro nesse amor que me tens, que me livrarás dos laços que a minha fraqueza e os meus inimigos armam; porque não quiseste que te tomasse por meu protetor e defensor senão para que não tivesse medo da minha carne, quando se queixa da fome e da pobreza, nem da minha fraqueza quando desespera de conseguir com a necessidade; nem do mundo, quando me despreza e me tem por enganado por te seguir; nem do demónio, quando ele me tenta de várias maneiras; porque queres que, amando-te e imitando-te, viva seguro em ti, pois para tudo o que mandas dás graça, e para me defender dos inimigos és todo-poderoso.

In manus tuas commendo spiritum meum. Redemisti me Domine Deus veritatis.

Pois Senhor e Deus meu, com todas as minhas misérias, pobrezas, pecados, fraquezas, e com todos os desejos que de Vós me dais, e com tudo o que me inspirais, nestes vossos braços paternais me lanço, nestas mãos que me formaram me ponho. Este espírito, que à vossa imagem e semelhança criastes, Vós o reformai com a sabedoria que me ensinastes. Vós, Salvador meu, redimistes-me dos meus pecados, não só morrendo por eles, mas ensinando-me, como Deus verdadeiro, verdades que o mundo não conhece. Dai-me a conhecê-las e a senti-las, assim como quereis que as entenda; fazei que as ame como quereis que as deseje, fazei que as ponha em prática como quereis que as siga. Não me falte essa mão poderosa que me fez, sem a qual nenhum bem posso alcançar; porque, ajudado por ela, pobre e desapegado de tudo o que dela me aparta, viva só dos bens e riquezas do espírito que ela em si encerra e de si comunica.

Ó Sacratíssima Mãe de Deus, pobríssima imitadora da pobreza de Jesus e riquíssima tesoureira dos tesouros da sua graça; não sois Senhora e Mãe dos pobres para rejeitar os pobres pecadores. Favorecei-me, Senhora, com o espírito que por pobreza nos deu tantas riquezas. Ajudai, corte celestial, este pobre com a vossa virtude a desamar o temporal, para conversar e merecer a vossa celestial companhia. Amém.

TRABALHO XII

Aspereza da vida.

A vida de pobreza voluntária tem, normalmente, associada a si a virtude da penitência, pela dureza e rigor com que os corpos são tratados. Porque os santos que foram pobres de espírito — e também os que o foram tanto espiritualmente como corporalmente, carecendo dos bens temporais que, por amor de Deus, renunciaram —, para se protegerem dos laços que o demónio e a natureza armam contra esta virtude, uniram à pobreza a austeridade de vida e a penitência. Cada um o fez à sua maneira e segundo as suas forças, mais ou menos, para fazer com que o corpo servisse ao espírito, refreando-o nos apetites dos seus excessos, e para melhor praticarem, com a mortificação corporal, o que o Senhor ensinou: aborrecer o corpo para salvar a alma.

Esta virtude não faltou na perfeitíssima vida de Cristo, nosso Senhor. Porque, embora Ele não tivesse necessidade de mortificar a sua carne, que era completamente sujeita e obediente ao espírito, não deixou, vindo à terra ensinar em si a forma de todas as virtudes, de nos dar exemplos perfeitíssimos de todas elas — e ainda mais daquelas que nos eram mais necessárias, mesmo que parecessem menos próprias da majestade da sua pessoa.

E como tomou sobre si a satisfação dos nossos pecados, assim como, na sua Paixão, não se poupou a nenhum tormento, também em toda a sua vida abraçou todas as obras rigorosas e trabalhosas das virtudes com que pôde afligir a sua sacratíssima humanidade. Via, como Redentor dos pecadores, quão necessária é para eles a virtude da penitência, e por isso — já que a parte interior desta, que é a dor pelos pecados próprios, não cabia na sua soberana pureza —, não quis deixar de nos ajudar, ensinar e levar a abraçá-la (como uma tábua de salvação em meio à tempestade e ao naufrágio), tomando sobre si a parte exterior da penitência, com a austeridade de vida, para enriquecer, com a riqueza da sua, a pobreza de merecimentos da nossa, e com a sua santíssima perfeição.

Muitos santos levaram uma vida muito mais austera do que Cristo nosso Senhor; como vemos em São João Batista, que nem se vestia, nem comia como homem, e por isso, nesse aspeto, era ainda mais admirado aos olhos ignorantes do povo (que costuma ter um juízo baixo sobre o verdadeiro valor das coisas), de tal modo que os cegos e perversos fariseus criticavam Cristo nosso Senhor, porque comia, bebia vinho e era amigo de comensais pecadores.

Mas, mesmo que este e muitos outros santos tenham excedido nosso Senhor no rigor de vida, nem com muitas e grandes virtudes chegaram à perfeição da sua. Porque a virtude da penitência fazia nos santos um ofício inferior ao que fazia em Cristo nosso Senhor. Pois nos santos reprimia a brutalidade da natureza, castigava os apetites desordenados dela, cortava as más raízes de afetos desordenados — como se fosse o trabalho de um cirurgião tratando feridas próprias —, enquanto em Cristo, sem haver nada disso, dava eficácia à penitência dos santos, para que pudessem fazer o que pretendiam: pois com as suas obras de sofrimento merecia riquíssimas graças, e riquezas do espírito e da glória para os penitentes.

O fim e a perfeição desta virtude nos santos é dispor a alma para a pureza do amor de Deus e ajudá-la a manter-se nele; e em Cristo nosso Senhor procedia já de um amor perfeitíssimo, sendo expressão da sua infinita caridade. Enfim (para não me alongar mais), a penitência nos santos é cautério para os pecadores, e no Redentor é unguento para os pecados; e por isso convinha que, nos santos — como pecadores — fosse mais rigorosa, e em nosso Redentor mais exemplar e digna de imitação.

Por isso este Senhor não quis mostrar-se soberano senão nas coisas em que não podia, nem queria, ser imitado por nós (como na majestade dos milagres que fazia, e na autoridade com que ensinava e realizava as suas obras); mas nas coisas em que nos obriga ou convida à sua imitação, viveu de modo mais conforme com a forma comum da vida santa exteriormente, sem grandes extremos, para não assustar a nossa fraqueza, e sem qualquer relaxamento, para refrear a desordem da nossa natureza.

A sua roupa era de lã, a sua comida sem qualquer invenção apetitosa de sabores; a mais comum era o pão — e este, na maioria das vezes, de cevada — e água. E quando por cortesia aceitava outra coisa, terminado o

momento, não deixava de retomar o seu rigor habitual. A sua cama era o chão, a cabeceira qualquer coisa dura. Não dormia mais do que o estritamente necessário para manter a natureza humana — e, para a sua manutenção, não queria usar de milagres, para não comprometer a credibilidade da verdade da sua humildade.

Mas, ainda que como homem o seu corpo muitas vezes se enfraquecesse com a dureza do chão e a intensidade das vigílias, não fazia concessões a si mesmo; antes o fazia, como servo obedientíssimo, suportar todo o trabalho que nestas coisas queria sofrer por nós.

Na oração era amplamente dedicado, de dia e de noite; nos jejuns, muito constante; e nos outros exercícios de austeridade, ao suportar frios e calores, era muito rigoroso consigo mesmo. Se o nosso Senhor usou cilícios e disciplinas, não o afirmo, porque não está escrito com tanta minúcia; mas também não ouso negá-lo. Porque foi tão generoso em se deixar atormentar pelos nossos pecados com muitos açoutes, escárnios e invenções novas de tormentos, que se pode pensar, pelo seu amor, que não seria comedido em afligir o seu corpo de todas as maneiras que os seus servos, com o seu espírito, viriam a praticar.

E se, ainda assim, a alguns parecer mais duro e impróprio ao Senhor disciplinar o seu corpo do que afligi-lo com fome, frio e calor, que estão à sua mão feitos para isso, não discuto, mas aconselho-lhes que se esforcem por alcançar do Senhor um amor perfeito. E quando, com amor, chegarem a não achar nada disso custoso em si, porventura também não lhes parecerão estas práticas impróprias ou impossíveis ao amor do Senhor.

E mesmo que isso lhes falte, basta que não lhe faltaram os outros trabalhos corporais da vida rigorosa e apertada que levou, sem qualquer regalo ou descanso — não digo desordenado, mas muitas vezes nem sequer o estritamente necessário. E isto durante trinta e três anos de modo contínuo: pois nem nos anos de infância viveu sem privações e pobreza, nem nos últimos, em que se manifestou ao mundo, teve maior conforto. Quanto menos se sabem e se podem dizer os pormenores desta vida trabalhosa e rigorosa do Senhor ao longo de tantos anos, tanto mais nos obrigam a tomá-lo como espelho de vida e do amor que lhe devemos: porque quem nem recompensa quis do mundo por nenhuma destas suas

obras, não deve querer que os seus servos vivam muito regalados nele. Assim, o mundo não lhes roube nem uma pequena parte do cuidado e do amor que devem ao Senhor.

Quanto e como deve o Senhor ser imitado nesta virtude, não é fácil declarar; porque, como nem todos são iguais na necessidade dela e nas forças corporais, não se podem estabelecer regras gerais. Todavia, podemos ter algumas balizas (que indicarei adiante) pelas quais, com a virtude da discreção, ordenemos a nossa vida de modo a não errarmos nem por excesso, nem por relaxamento.

A principal parte da virtude da penitência — que é a dor interior e o sentimento pelos pecados cometidos contra Deus, e o ódio a eles — é obrigatória a todos os pecadores, e nunca pode ter excesso ou exagero. Porque esta, quanto mais cresce na alma a luz divina, mais cresce o amor de Deus: e nunca, nesta vida, o pecado cometido contra Deus pode ser totalmente conhecido e abominado como deveria.

Assim como Deus não pode ser amado totalmente quanto merece, satisfaz-se Ele, por sua bondade e misericórdia, com que cada um O conheça e aborreça o pecado segundo a luz e a graça que recebe de Deus. E isto cada um é obrigado a procurar pelos sacramentos e pelos exercícios espirituais, porque a negligência nesta parte não está isenta de perigo para a salvação.

Ninguém deve pensar de si mesmo que alcançou esta virtude, se o conhecimento do pecado não tira a ocasião dele; ou se a confissão não é íntegra; ou se a faz a confessores dos quais se suspeita que não entenderão, ou que serão brandos e dissimularão com indulgência o rigor que a cura e emenda dos pecados exige; muito menos se o arrependimento e a confissão não freiam a liberdade e inclinação para os pecados. Porque tudo isto são indícios de que o amor ao pecado está enraizado na alma, e que não é sentido na sua raiz.

Por isso a experiência mostra que, na juventude, até que os anos e o discernimento das coisas se firmem, pouquíssimos são os verdadeiros penitentes, porque são raros os que realmente aborrecem as suas más inclinações e culpas.

Sinais de verdadeira penitência são (como diz São Jerónimo): quando a dor pela culpa causa tanta aflição e tormento como causou prazer ao cometê-la; e (como diz Santo Ambrósio): quando o ódio à culpa leva o homem a suportar afrontas e injúrias como satisfação pelo que fez contra Deus; e (como diz Taulero): quando a alma, com verdade e voluntária sujeição, não deseja de Deus menos o castigo e a pena que o perdão da culpa — e esta é perfeita penitência.

Cada um verá em si, por estes sinais, se sabe exercitar esta virtude. E por ser tão difícil alcançá-la, diz a Sagrada Escritura: «Nunca estejais sem temor do pecado perdoado». E isto o diz, para que não se volte a pecar confiando na segurança do perdão já recebido. Não que se deva pensar que Deus vá exigir novamente o pecado que uma vez perdoou com misericórdia, mas porque, nesta vida, ninguém (sem revelação certa) pode ter certeza de que Deus o perdoou, nem pode ter mais que a confiança da fé (com a qual deve sossegar-se), fundada em piedosas conjecturas de ter usado com bom ânimo os meios que Deus deu para isso.

Por isso, ninguém deve confiar em si mesmo, pensando que cumpriu com eles tão verdadeiramente e de todo o coração, que possa viver seguro e sem receio, devendo sempre chorar pelas culpas cometidas e vigiar cuidadosamente as más inclinações que a penitência não consumiu, para não cometer outras.

Porque assim como vemos que, mesmo depois de arrependidos, ainda somos provocados ao mal, devemos sempre, com humildade, presumir de nós mesmos que não aborrecemos suficientemente os pecados, nem sentimos dor bastante por eles, para os refrear e purificar o mal que em nós deixou a experiência dos pecados cometidos. E é isso que dizem os Santos: que a penitência deve durar toda a vida, porque é tão grande o mal da culpa, que ninguém deve pensar de si que satisfaz com menos do que chorá-la e senti-la até à morte. Pois Deus nunca perdoa o pecado sem exigir o seu aborrecimento, e enquanto durar essa obrigação, devemos sentir por tê-lo cometido — o que é por toda a vida.

Vemos, pelos nossos pecados, o contrário nos Santos e nos distraídos: que os muitos penitentes santos, quanto mais satisfizeram pelas suas culpas, menos se satisfazem com a dor e o sentimento delas, e com chorá-las,

aborrecê-las, fugir delas e ter-lhes medo. E os que as conhecem mais friamente, e mais tarde as confessam, vivem mais confiantes de que foram perdoados — e, por isso, vivem muito mais descuidados em fugir e evitar os pecados.

Compare-se isto com o que Cristo nosso Senhor fez e padeceu para merecer o perdão dos nossos pecados e satisfazer ao Pai Eterno, e aí se verá quanto mais temerosos do que confiantes deveríamos viver, com tanto frio e descuido de os chorar, emendar, aborrecer e evitar as ocasiões deles.

Neste divino espelho de toda a perfeição verão os três sinais que acima apontámos da verdadeira penitência, postos em execução tão perfeitamente por causa dos nossos pecados, que Ele não poderia ter feito mais, mesmo que fossem d'Ele próprio. Verão que nenhum pecador desenfreado pode ter tanto gosto nos pecados que comete, quanto sentimento e tristeza o Senhor teve por eles. Verão que o aborrecimento das ofensas que fazemos a Deus e o desejo de satisfação por elas O tornaram tão paciente nas injúrias e afrontas quanto nenhum pecador vaidoso pode ser desejoso de honras. Verão que Ele não quis do Pai Eterno o perdão das nossas culpas como graça gratuita, mas com o rigor de justos merecimentos, penas e castigos tormentosos, que Lhe ofereceu por elas.

E porque não confiou nas más inclinações humanas, de que os seus trabalhos aproveitassem a todos, deixou a virtude desses trabalhos nos sacramentos, e santificou as obras penitenciais com as suas, para que tivéssemos continuamente presentes os remédios — nós que somos continuamente combatidos pelas inclinações do pecado.

Pois parece-vos que, se esse verdadeiro conhecedor e ponderador da gravidade dos nossos pecados vivesse nesta vida mortal até ao fim do mundo, alguma vez deixaria o ofício de chorar os pecados dos homens e os perigos em que vivem de os cometer?

Daqui aprenderemos estas duas verdades: que, com fé viva, confiemos na bondade deste Senhor que nos perdoa quando a Ele nos chegamos arrependidos; e que, por causa do amor que Lhe devemos, Ele quer que toda a vida nos doa tê-Lo ofendido, para que O não tornemos a ofender.

A outra parte desta virtude, que é a matéria própria deste capítulo — a aspereza da vida —, da qual temos tantos exemplos em Cristo nosso Senhor, deve ser exercida com discrição, assim como uns têm menos forças para ela e outros mais. E, em caso de dúvida, é mais seguro, nas coisas, pender mais para o lado da aspereza do que da frouxidão, conforme ao estado de cada um. Os limites mais comuns para acertar nesta virtude parecem ser os seguintes:

I. Ter o cuidado de governar a vida por necessidade, e não por desejo, e procurar conhecer as verdadeiras necessidades da natureza ou do próprio estado — no que não se pode pôr uma regra fixa. Agem contra isto os religiosos que, sob pretexto de necessidade, costumam ter as celas muito providas de mimos e confortos, enfeites, excessos de roupa e outras coisas, que, além de porem em risco a pobreza que prometeram, relaxam o rigor da vida religiosa, favorecem a gula, mimam o inimigo que é o corpo, enfraquecem as forças do espírito e ocupam os sentidos na aquisição e conservação dessas coisas.

E acontece aquilo que São Paulo diz com grande reprovação: que na casa onde a regra e Deus são comuns, os excessos são tão particulares, que uns morrem de fome e outros se embriagam — ou seja, uns vivem com sobras e mimos; e outros padecem grandes necessidades, as quais se remediariam se os excessos de uns fossem repartidos com amor comum pelas faltas dos outros. Os males que daí vêm são mal compreendidos, porque renovam-se os afetos que se haviam deixado por parentes e amigos, crescem as obrigações que tiram o recolhimento, e finalmente, sem juízo temerário, deve-se suspeitar de todo o religioso abastado e cheio de mimos, que vive sem oração nem espírito. E do que além disso tiver, seja Deus o juiz.

No estado secular, o que se faz mais por desejo do que por necessidade é aquilo de que está cheia a praça e o mundo. Os males e pecados que daí procedem dariam matéria extensíssima. Contento-me com aconselhar que nesta parte cada um seja juiz rigoroso de si mesmo. E vejam bem como informam os seus conselheiros espirituais e confessores, cujo parecer devem seguir, pois a má informação acompanha a má cura e leva a sentença errada.

II. Outro critério é viver com atenção para conhecer bem as más inclinações do corpo, e com maior medo e receio usar das coisas para as quais ele é mais inclinado. Porque nessas costuma soltar-se mais facilmente e, às escondidas, transformar o desejo em virtude.

III. Outro critério é manter o olhar fixo no aproveitamento espiritual da alma, cuidando sempre que se faz menos do que se pode, e que se engana a si mesmo ao pensar que não pode mais. Desta maneira, não se ficará satisfeito com o que se faz e usar-se-ão as coisas necessárias com mais temor de Deus e menos liberdade e soltura.

IV. Outro critério é, tendo bem examinado, como já dissemos, a qualidade dos vícios em que mais se cai ou para os quais se está mais inclinado, usar então do género de aspereza mais adequado à sua emenda e ao freio deles. Por falta desta consideração, acontece que o muito falador e desmedido na língua — cuja própria aspereza seria calar até o necessário — castiga-se com jejuns sem deixar de falar; e o desonesto — cujo principal freio seria fechar os sentidos exteriores e ocupar os interiores com Deus — ocupa-se apenas com o cilício, ao qual o corpo, estando já acostumado, nem sente, nem se cuida. E assim acontece com outros: ficam pouco emendados, por não cuidarem da raiz. Ajudado por estes conselhos e com a virtude da discrição, cada um acertará no género de aspereza que mais lhe convém, e exercitá-lo-á tanto quanto pode, sem excessos por mais ou por menos.

Há muitos géneros de aspereza de vida: jejuns, vigílias, cilícios, disciplinas, aspereza de roupa e de cama, e outras do mesmo género, as quais às vezes são necessárias, outras obrigatórias, outras perigosas. Os que as praticam devem saber que estas são as menores neste género de virtude. E se tiram claramente as forças para cumprir as obrigações da lei de Deus e do próprio estado, ou se são feitas por parecer próprio e voluntário, sem sujeição aos padres espirituais ou a servos de Deus que possam dar conselho, são mais censuráveis do que louváveis. Porque, praticadas assim, com excesso de vontade própria, acontece que, por mais admiradas que sejam no exterior, geram soberba e pouca mortificação.

Destas, as que são por preceito da Igreja ou do estado, sendo obrigatórias, são seguras e devem sempre preceder às voluntárias. As que não são obrigatórias, quanto mais mortificam a carne, a fazem servir ao

espírito e são acompanhadas de outras asperezas — que diremos abaixo — mais importantes, tanto mais louváveis são.

Outras asperezas há mais seguras e necessárias: refrear os sentidos, a língua, o olhar, o ouvir, o conversar, a ociosidade, a ira, as ocasiões de pecado, a vontade própria, a opinião própria, o apetite pelas coisas, a própria condição — qualquer que seja, se não for para manifesto bem —, a opinião de si mesmo, e outras semelhantes. Todas estas se exercitam sem excessos que não sejam muito leves e fáceis de emendar.

E desta aspereza e rigor de vida foge o corpo muito mais do que das outras asperezas, e são tanto mais difíceis de suportar do que as outras, que aquelas, sendo contínuas, já não se sentem, mas estas raramente se continuam de tal modo que deixem de se sentir. E é sinal claro de quanto mais importantes são, o muito que a natureza sente ao sofrê-las.

Outra forma soberana de aspereza de vida é a continuação do recolhimento interior e da oração constante. E, se o espírito permitir isso, devem-se poupar as forças do corpo para esta prática. Está confirmado por todos os Santos e pelos que o experimentaram que a oração contínua é a mais rigorosa e áspera penitência que se pode dar ao corpo. Tanto assim, que aquele grande servo de Deus Frei Luís de Montoya, que me criou, dava como remédio aos seus súbditos, para fazerem facilmente e sem esforço todas as obras de virtude e todas as obrigações da religião, que, quando o corpo ou a vontade se recusasse a cumprir alguma dessas obras, lhes propusessem como alternativa estar em oração durante todo o tempo que gastariam naquela tarefa. Porque o corpo sente tanto o freio da oração que, para a evitar, preferirá aceitar qualquer outro trabalho.

Na oração, os pensamentos são cativados — o que é justamente onde a natureza mais se solta e se expande —, e, ao retirar-lhe a liberdade dos apetites e desordens, prende-se a vontade para que não se afeiçoe ao que deseja. Obriga-se a andar sempre debaixo do jugo, para que não entre no coração nada que o distraia ou perturbe. Enfim, quem vive na oração contínua está como encerrado, tratado como escravo, sem gostar de nada como desejaria. Não se deixam levar avante os seus ardis, não se acolhem os seus pretextos, nem tem liberdade em nenhuma das coisas das quais costumava ser senhor.

E, embora a oração contínua conduza a alma a uma vida de quietude e paz, a júbilos e a outros excessos de amor suave, tornando o corpo obediente ao espírito, ainda assim, por ser fraco, o corpo se consome e desgasta, sendo então necessário ajudá-lo mais e conceder-lhe algum pequeno alívio. Mas este já é recebido como pequenos pedaços de sustento para melhor suportar a morte contínua em que vive — e isso não prejudica a alma.

Prouvera a Deus que todos os amigos da penitência quisessem seguir este caminho: porque assim alcançariam todos os benefícios que desejam. Aconselho com segurança a todos os que, por obrigação do estado de vida ou por fraqueza natural, não podem praticar outras asperezas corporais, que se entreguem ao exercício da oração, que em qualquer estado de vida pode ser continuada. Asseguro-lhes que a virtude da penitência terá o seu devido lugar no coração de quem assim proceder.

Deixo aqui um aviso contra uma tentação geral de todos os cristãos que leem ou ouvem as vidas dos santos grandes penitentes, e que com isso se movem a algum desejo de se salvarem. Esses, na maioria das vezes, ficam pasmados com aqueles grandes extremos, aos quais entendem que nunca chegarão, e por isso dizem: «Como me hei de salvar, estando tão longe daquilo?» Este é um tipo de tentação com que o demónio enraíza ainda mais o descuido de emendar a vida.

Devem, por isso, saber que não é lícito querer imitar os santos naqueles grandes extremos que o Espírito de Deus os levou a fazer — pois só com esse mesmo Espírito devem ser imitados, e não de outra forma. E que ninguém pense que possui esse espírito, pois seria soberba. Mas, quando o tiverem, Deus os fará agir conforme a Sua vontade, sem que eles sequer reparem no que estão a fazer, se é muito ou pouco, se é extremo ou extraordinário. Porque são guiados por uma luz extraordinária, que lhes consome as imperfeições.

Mas os que isto vêem, louvem a Deus pelas maravilhosas obras que realiza nos Seus santos, e, humilhando-se, esforcem-se por fazer, ao menos, o pouco que podem, louvando o Senhor e confiando n’Ele, que tem no Seu Reino moradas para esses soberanos luzeiros e também para pequeninas luzes.

Exercício da aspereza da vida do Senhor, contra os pecados

Ó Senhor, esperança dos que são teus e desejo por quem suspira o coração dos que te possuem e dos que te buscam! Ó médico divino e verdadeira medicina para todas as minhas necessidades! Eis-me aqui, diante dos teus olhos divinos e misericordiosos, cheio de chagas e perdas interiores, que Vós vedes, ponderais e conheceis melhor do que eu. A culpa que nelas tenho, a pena que por elas mereço, quanto em tudo vos ofendi e quão mal o reconheço — Vós, que sois meu conhecedor e meu remediador, pesais tudo isso com justa medida.

Não posso nem quero fugir da vossa mão e do vosso juízo. Pois, se contra Vós pequei sem reconhecer as infinitas graças que me fizestes, desprezando e rejeitando tantos bens que essa vossa mão generosíssima me deu, é a essa mesma mão que me submeto: dela quero o remédio e a cura, dela aceito a pena e o castigo, dela peço a força e o espírito para me emendar.

A Vós, Pai celeste, e à vossa piedade confessarei os meus males: abri os olhos do meu coração para que veja a gravidade das minhas culpas e, ao reconhecê-las, as sinta com dor, e sentindo-as, as chore, e vos satisfaça com todo o meu interior.

Vós, Senhor, não rejeitais as vossas criaturas, mas eu confesso que não posso comparecer diante de Vós com nada que justamente não possais reprovar e aborrecer, porque em todos os meus sentidos interiores e exteriores, e em todas as minhas obras, trago escrita a sentença justa do meu castigo, que não posso negar diante dos vossos olhos divinos, que tudo vêem.

Os olhos, que devia levantar para Vós, são testemunhas das ofensas que com eles vos fiz. A língua, com que vos devo pedir perdão, está convencida de quantas palavras proferiu contra a vossa vontade. Os ouvidos, com que devo ouvir as vossas palavras, trazem contra si as vaidades e maldades com que se ocuparam, e com que perverteram este interior que criastes para Vós.

Tudo quanto há neste corpo está cercado de injúrias contra Vós, de ocupações terrenas, de serviços prestados a apetites perversos, feito

instrumento de toda a malícia e cruel arma dos vossos inimigos contra todas as vossas vontades. Aqui estou, como rebelde à vossa obediência, como ladrão da vossa honra, como destruidor das vossas obras, como desperdiçador dos vossos benefícios — e além disso, ignorante para me conhecer, duro para me emendar, malicioso, dissimulado e inclinado a todo o mal, tanto ao confessá-lo como ao ofender-vos sem o confessar; fraco para toda a cura e penitência, rebelde a todo castigo e a toda a obediência.

Pois esta alma miserável — como ousará levantar-se até à vossa divina pureza, estando tão baixa, terrena, suja e miserável como está? Vós a fizestes livre e senhora, e ela fez-se cativa, e usou da sua liberdade para fugir de Vós e desobedecer. Sempre mais amiga da sua carne do que de Vós, sempre apegada às vontades do corpo, ocupada nele e nos seus prazeres, surda às vossas inspirações, tíbia nas suas obrigações, cheia daquilo que Vós vedes e aborreceis, sem Vós — minha verdadeira vida e riqueza.

Os pensamentos estão corrompidos, a memória cheia — mas não de Vós, e Vós bem sabeis de quê. A vontade tornou-se um charco de todas as baixezas que Vós aborreceis. Ó Senhor, Vós sabeis que não posso confessar, nem sei reconhecer, os males que clamam contra mim à vossa justiça.

Que me resta, para vos poder agradar? Que vos posso oferecer, com que me possa apresentar diante de Vós? Nada, Senhor e Deus meu, me resta — senão o justo merecimento de todos os castigos e a sentença justa de condenação que contra mim pronunciareis, se não me olhardes com misericórdia.

Ó paciente Pai dos meus males, que será de todo o mal que vedes em mim e que ainda assim sofreis? Sofrestes os meus erros de juventude, as cobiças que dominaram toda a minha vida. Vistes, meu Deus, como andava transportado atrás dos meus pensamentos e desejos vergonhosos; como me alegrava ao cumprir as minhas vontades; como andava faminto do mundo e das ocasiões de pecado que perdia; como me esvaía em intenções e pretensões vãs, empenhado em as seguir, e num profundo descuido de mim mesmo e de Vós, ocupado com tudo quanto diz respeito a este homem interior e exterior; como vivia no cativeiro gostoso dos vícios e no

contentamento que deles tirava; como dividia e espalhava os afectos da minha alma, onde Vós não tínheis parte alguma.

Vistes-me errar voluntariamente; vistes-me fugir voluntariamente de Vós, Deus do meu coração. Vistes-me passar a vida em enganos, e chegar contente às portas do inferno e da perdição — e ainda assim me sofrestes e dissimulastes sempre comigo, e não permitistes até agora que caísse no inferno que justamente mereci. Sou eu este que sofreis, conhecendo bem quão grandes são os males que sofreis, e quão grande é a minha cegueira que não os vê. E ainda agora, nesta hora, estou aqui mal conhecido, e por Vós sofrido.

Pois, Senhor, que farei, se não quereis que me desespere, e se em mim nada tenho em que confie, nem posso prometer-me coisa alguma cuja fidelidade me assegure?

Ó amigo e pastor piedoso das ovelhas desgarradas, que não quisestes que os pecadores tivéssemos outro remédio senão em Vós mesmo, que sois o ofendido — e nos destes os vossos merecimentos para deles esperarmos a misericórdia; e nos ensinastes a penitência como remédio e emenda das nossas culpas — iluminai os meus olhos, para que em Vós aprenda a reforma das minhas perdições, o conhecimento e o ódio das minhas culpas, para satisfazer a tudo quanto contra a vossa bondade tenho cometido.

Adoro-vos, divino Mestre das minhas ignorâncias e misericordioso reparador das minhas necessidades. Dou-vos infinitas graças, meu divino pastor, pela bondade, amor e piedade com que tomastes sobre Vós os meus pecados, para por eles pagar. Adoro o amor infinito e a vontade com que vos oferecestes a todos os trabalhos para me aliviar, e com que carregastes sobre Vós toda a aspereza e rigor de vida, com que vos afligistes para me descarregar.

Adoro as vigílias e horas que gastastes em oração por mim. Adoro as fomes e sedes, os frios e os calores que por mim sofrestes. Adoro a dureza de abrigo com que tratáveis esse corpo sacratíssimo. Adoro todas as asperezas da vida, as penitências, as obras de sofrimento e todo o rigoroso tratamento com que vos aprouve, durante trinta e três anos, pagar pelos males que não cometestes, e que eu com gosto condenado cometi.

Adoro o sentimento com que os choráveis; o desejo com que por eles vos oferecíeis; o amor com que por eles vos atribuláveis; a ânsia com que buscáveis misericórdia para eles; a continuação e perseverança nos trabalhos com que por eles fazíeis reparação; a larguíssima entrada que me abristes aos tesouros da vossa misericórdia; a justa ira do vosso Eterno Pai que com o vosso valor aplacáveis; a graça e perdão deles que por mim merecestes.

Ensinai-me, Senhor, a saber agradecer estas tão grandes misericórdias. Nas noites em que por mim veláveis e vos ocupáveis em negociar para mim essas riquezas de graça, tinheis presentes os males em que eu gastaria os meus desvelos em noites de escuridão. Na fome e sede que padecíeis, lembráveis-vos dos excessos da minha gula. Nos frios e calores, víeis os mimos do meu corpo. Nas lágrimas que choráveis, sabíeis as durezas e licenciosidades dos meus gostos condenáveis.

Na ocupação e amor eterno com que vos oferecíeis, tínheis-me presente — ingrato, distraído, todo chagado e perdido. E em toda a aspereza que aplicáveis à vossa santíssima humanidade, víeis a largueza e soltura da minha em todos os vícios.

Já no conhecimento da vossa eterna sabedoria eu me estava perdendo, quando Vós me ganháveis. Eu fugia de Vós, quando com o vosso amor me prendíeis. Eu deleitava-me nos pecados, quando Vós por eles vos afligíeis. Eu cuidava dos prazeres do corpo, quando Vós mortificáveis o vosso com penitência. E eu só tratava do que me destruía e me afastava de Vós — quando Vós só tratáveis, à custa de grande esforço, de me reparar e remediar, como verdadeiro Pai, Senhor e amigo, que não quereis a morte do pecador, mas que se converta e viva.

Ah, Deus das minhas miseráveis necessidades, eu, eu sou aquele por quem vos afligis — eis-me aqui. Assim como então eu estava tão presente, e tão perdido, nos vossos trabalhos e diante da vossa sabedoria, como agora aqui estou, e como sempre fui — assim também tenho agora presente a virtude desses vossos sofrimentos com toda a vossa misericórdia.

A esses jejuns, vigílias, orações e penitências vossas me abraço, a elas recorro para pedir aquilo que eu não mereço. A elas, Senhor, olhai, para que

por elas me perdoeis. Se não quereis que o pecador se perca, porque é obra das vossas mãos, e amais tudo o que criastes — como podeis querer que eu me perca? Como haveriam de ser inúteis os grandes trabalhos que por mim passastes?

Abri, Senhor, os meus olhos para que me veja, conheça e aborreça a mim mesmo — pois sem a vossa luz sou cego, e amo o veneno dos meus vícios. Vistes nos meus pecados tamanha desgraça, tão feia malícia e tão condenável e infernal peçonha, que julgastes que, sem o vosso sangue, sem que Vós, Filho de Deus vivo, pagásseis por mim, não poderia haver cura nem remédio. Todo o vosso trabalho, divina sabedoria, considerastes necessário para a cura de tão grande e desgraçado mal como é o pecado. E como quem bem conhece esse mal, não tomais descanso algum até satisfazer por ele e o curar.

E eu, que os cometo, como é que durmo com eles descansado, tenho-os por companheiros, e muitas vezes por conforto, refrigério e alegria da minha vida? Ó divina piedade, compadecei-vos de tão grandes misérias minhas, e de tão cerrada cegueira! Já que não temi ofender-vos, ao menos tema por vos ter ofendido, e trema de vos tornar a ofender. Não permitais jamais que eu considere leve coisa ofender-vos, para que não venha a desprezar o pecado.

A estima de minhas culpas, eu não a posso ter sem dom vosso; e pois curá-las vos fez passar tantos anos de penitência, por esse mesmo dom vos peço: que deis a esta alma pecadora o fruto desses trabalhos — iluminando-me no perfeito conhecimento dos meus pecados e no entranhado ódio a eles.

Ah, meu Deus, misericórdia! Derrubai este muro de aço que há entre Vós e mim. Que maior desventura pode haver do que eu gostar de cometer o que Vós tanto aborreceis — a ponto de, por isso, condenardes para sempre almas que amais com tão infinito amor, que morrestes por elas na cruz — e eu, que cometo tais coisas, estar tão cego que penso que não faço nada de mal, e ainda viver por vezes triste por não conseguir fazer o mal que desejo?

Ah, meu Senhor, que nem sei pedir o que desejo, nem sei imaginar o que devo pedir, nem quanto devo desejá-lo, pois ainda estou cego. Se estivesse iluminado, toda a vida, por longa que fosse, a viveria triste por ter cometido contra Vós um só pecado. E contudo vivo como se estivesse seguro e despreocupado, tendo cometido tantos.

Ó misericordioso Senhor, já que não sei nem sequer desejar bem o que me cumpre, peço à vossa piedade: perguntai ao vosso puríssimo Espírito porque jejua tanto, porque vela tanto, porque tanto se aflige e tantos anos toma penitência pelos males que não fez — e pelo que ele vos responder, que conhece o mal que eu em mim não sei estimar — dai-me Vós o que eu não sei pedir, para que vos não ofenda mais.

Aos vossos trabalhos brado, a eles peço esta misericórdia; a eles atendei, e por eles dai-me a perfeita cura que eles me negociaram convosco, e que por mim mereceram.

Senhor meu, Redentor e reformador de todos os meus condenáveis erros, misericordiosíssimo, convertei ao vosso serviço todos os sentidos e membros dispersos deste corpo inimigo. Vós, que conheceis quão contrário ele é a todos os bens que plantais nesta alma, dai-lhe ânimo e forças para o dominar.

Ensinai-me a entender os seus enganos; desfazei a malícia dos seus ataques; dai-me fortaleza de espírito para lhe resistir e refreá-lo. Que posso eu contra tal inimigo sem a vossa força? Destes-mo por companheiro e obrigastes-me a mantê-lo e castigá-lo — mas sou tão desventurado que não sei equilibrar estas duas obrigações, pois mais facilmente me inclino a ter pena dele para o animar, do que a castigá-lo para o refrear.

Pregai, Senhor, na vossa cruz as minhas carnes com o vosso temor; e desses vossos trabalhos dai-me discernimento, vontade e forças para que eu o trate como Vós quereis. Afastai e fechai com o vosso temor os meus olhos, para que não vejam com prazer a vaidade, nem se detenham nas coisas que distraem a alma.

Ponde guarda, Senhor, e freio à minha língua; fechai totalmente a minha boca, para que eu tema falar o que não devo. E pois Vós dissestes que na

língua está a morte e a vida, fazei-me viver calando — para que não mate falando a minha alma nem a do meu próximo; mas, com silêncio e esperança, viva sempre ocupado em Vós.

E pois Vós dissestes na divina Escritura que os nossos sentidos são as portas por onde entra a morte às nossas almas, fechai-as Vós por dentro com o vosso amor e temor, para que só Vós vivais nesta alma, sem haver nela coisa mortal que vos desagrade.

Ensinai-me, Senhor, a cortar todos os apetites e a não usar das coisas temporais senão por necessidade, e sem excessos.

(Aqui, aquele que se exercita deve acusar-se diante de Deus das coisas particulares e corporais nas quais percebe que vive com mais negligência, das que o corpo mais lhe exige, e das que são maior ocasião de culpa, ou de excessos que distraem e cativam o coração. Também deve apresentar ao Senhor as suas disposições naturais, nas quais tem mais defeitos. E, apresentando tudo isso com o desejo de o arrancar de si mesmo, rogue assim a Deus:)

Oh Médico das minhas misérias, diviníssimo, fortalecei a minha fraqueza, para quebrar estas más inclinações. Oh conhecedor das minhas imperfeições, que em mim vedes como, pelo interior desta alma, estas más raízes entram e o dano que me causam, arrancai-as; o que Vós quereis e vos apraz que eu faça, ensinai-me, dai-me vontade para o fazer, forças para o executar e fortaleza para não temer dano, perda ou mal que este corpo imagine que lhe virá se vos servir. Dai-me, Senhor, que ame toda a criatura que me der algum trabalho, pois é instrumento para que a minha culpa seja castigada. Dai-me que toda a tribulação me seja doce, para por ela satisfazer os meus pecados. Dai-me que tanto me aborreçam os meus pecados quanto gostei de os cometer. Dai-me que tanto ame e procure a penitência como amei a culpa. E, porque Vós sabeis o que me convém, lanço-me a vossos pés piedosos. Perdoai quanto quiserdes, castigai quanto quiserdes, e dai-me que eu não queira outra coisa; aqui queimai, aqui cortai, aqui açoitai, aqui não perdoeis nada, para que para sempre me perdoeis.

Poderoso sois, piedoso Senhor meu, para acabar em mim todos os meus males. Vós, amantíssimo Jesus, vida e saúde desta alma pecadora, não

aceitais nem desejais menos a companhia, familiaridade e amor das almas convertidas do que das inocentes. Na hora em que a Madalena pecadora vos chorou a esses pés e os abraçou, logo ficou com o título de amadora, logo na vossa casa teve a melhor parte, logo subiu a ungir a vossa cabeça. São Paulo, perseguidor, na hora em que, de boa vontade, vos quis obedecer, logo teve o Céu por escola e a Vós por divino Mestre, e Vós tomastes o seu coração por aceitadíssima morada. Oh vida do meu coração, levantai este espírito abatido até Vós; a estes pés me abraço, amor da minha alma. Quero, meu Jesus, servir-vos, quero amar-vos, quero ser todo vosso. Afundem-se os meus pecados no abismo da vossa misericórdia, para que nunca mais sejam lembrados. É verdade que esta alma está negra, indigna de Vós. Não soube guardar-se, está tomada por muitos vícios por todas as partes. Mas aquilo que Vós curardes, quem o voltará a ferir? O que Vós edificardes, quem o derrubará? O que Vós unirdes, quem o espalhará? Esta alma é tão vossa como a dos vossos mais queridos. Amo-vos, meu Senhor. Se olhar para mim, fugirei de Vós; mas a Vós levanto os meus olhos, amante de puros espíritos. A Vós elevo o meu desejo, a Vós suspira o meu íntimo, a Vós se apega todo este coração. Vós consumireis o que em mim vos desagrada, e convosco tudo poderei e nada temerei. Meu Deus, minha riqueza, minha glória e toda a minha bem-aventurança.

Oh Mãe de Deus e dos pecadores, companheira fidelíssima dos trabalhos do vosso único Filho, pois sois a única que nunca experimentou o pecado, tende piedade deste pecador que deseja estar ao serviço e na companhia deste Senhor; fazei que, perdoado dos meus pecados, seja por Ele recebido. Oh cidadãos soberanos dessa santa cidade celestial, feita também para os pecadores, prendei lá o meu desejo, para que nenhuma coisa terrena me faça perder a vossa companhia. Ámen

TRABALHO XIII

Fome, e sede de justiça.

Deus dá tanto valor à fome e à sede de justiça, em que vivem os santos e justos que verdadeiramente desejam agradar a Deus, que a considerou uma das mais perfeitas virtudes evangélicas e um dos caminhos mais seguros e certos para a bem-aventurança, dizendo no sermão da montanha: «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.»

Por "justiça" entende-se a santidade das virtudes e a observância da lei e da doutrina de Deus — a qual justifica as almas, as livra dos pecados, as converte a Deus, as ilumina, purifica e torna capazes e dispostas ao perfeito amor de Deus e a receber os bens eternos.

É de tal merecimento a vida ocupada e consumida nesta fome e sede — isto é, em fervorosos desejos desta santidade e virtude — que parece que não pode ser recompensada com menos do que tudo o que Deus pode dar.

Pois como Deus quer, como principal disposição para conceder as suas graças, o desejo fervoroso da alma, este tipo de desejo — que nada satisfaz, e que cresce sempre mesmo depois de ter recebido — parece merecer tudo. Por isso, Deus não lhe determina uma recompensa particular, mas promete uma acumulação geral de todos os bens soberanos, chamando à recompensa, no Céu, "saciedade".

Porque o Senhor prometeu, naquele grande sermão da montanha (como diz o nosso Padre Santo Agostinho), um mesmo Reino dos Céus como prémio para os oito caminhos de bem-aventurança que ali ensinou, embora os tenha chamado por diferentes nomes e atributos, conforme a qualidade de cada virtude.

Por isso, ao Reino dos Céus que dará por esta virtude, chamou "saciedade" — a satisfação própria da fome e da sede — porque, naqueles bens eternos, onde Deus será amado e obedecido sem imperfeição, os justos

saciarão plenamente a fome e o desejo do seu amor e obediência, em que vivem.

Esta fome e sede de justiça entende-se de duas maneiras. Uma (como diz o mesmo Santo) é fome e desejo de libertar o ânimo e o espírito das coisas baixas, de arrancar de si mesmo o amor pelas coisas terrenas, nas quais está cativo com gosto pernicioso, e de os empregar só em Deus.

A outra é a fome e o desejo de que todas as almas façam o mesmo — e esta nasce da primeira, e é tanto maior quanto mais pura e perfeitamente a primeira se acende no amor de Deus.

O prémio da primeira começa já nesta vida, com aquele alimento de que Cristo se nutria quando disse: «O meu alimento é fazer a vontade do meu eterno Pai»; e com aquela água que também disse que, nos corações dos fiéis, se tornaria uma fonte de água viva que corre para a vida eterna.

Porque as almas famintas das virtudes que lhes faltam recebem de Deus a humilde sujeição à sua vontade, com a qual exercem todas as virtudes com gosto, e vivem e se sustentam cumprindo em tudo a vontade de Deus; e recebem também o fervor do amor divino, com o qual arrancam de si os vícios, e o seu interior, como água viva, corre e caminha para as coisas celestiais. Mas a perfeição dessa recompensa tê-la-ão-na na vida eterna.

A segunda fome e sede, na maior parte dos casos, tem a sua satisfação reservada para a outra vida, pois nesta geralmente reina a frieza da caridade e a continuidade dos vícios. Por isso, não pode haver saciedade plena senão onde já não houver vícios a arrancar, nem frieza a inflamar, nem mais nada a desejar para as almas dos próximos senão os bens eternos que já possuem.

Esta é uma das virtudes que os Santos exercitam com mais esforço, e que mais os cansa. Porque, no que toca a si mesmos, todos os seus trabalhos consistem em arrancar de si o amor às coisas terrenas e aos vícios a que a natureza os inclina. E em nenhuma coisa mais suam e se cansam do que em vencer as tentações e mortificar a carne, para satisfazer o desejo que têm de agradar a Deus e de O amar. E quanto maior é esse desejo e fome, tanto maiores são os trabalhos que por isso assumem.

E para nenhuma outra tarefa difícil é necessária maior paciência do que para suportar os defeitos da sua fraqueza e os estímulos contrários que sentem na sua natureza à fome e desejo que têm de agradar inteiramente a Deus e cumprir tudo o que Deus quer deles, o que Ele constantemente lhes revela interiormente.

E no que toca à salvação dos outros, depois que as almas chegam a amar de todo o coração ao Senhor, cresce nelas a luz e o conhecimento de quanto esse Senhor merece ser amado por todos. Custa-lhes muito ver a perdição dos que vivem em pecado, e ardem em desejo de ver tudo reformado e submetido à obediência da lei do Senhor. E não sentem menos ver os homens afastados d'Ele do que sentem a lembrança do tempo em que elas próprias também O estavam.

E pelo muito que uma e outra fome custam aos Santos, dá-se-lhes por prémio a saciedade, como refeição e alívio aos cansados do trabalho — como diz o nosso Padre Santo Agostinho. E diz ele mesmo que o quarto dom do Espírito Santo, que é a fortaleza, é dom próprio desta virtude. Porque é necessário muito esforço divino para a força com que o coração deve arrancar de si o amor terreno, e para os trabalhos com que se adquire o amor divino. E muita fortaleza do Espírito Santo precisa a alma presa ao amor de Deus, para suportar a dor que sente pela perdição das almas que vê, e para se oferecer a todo o trabalho pela salvação delas, quando necessário, sem se importar com perdas temporais, desonras nem a morte, para as ajudar a salvar.

E, segundo isto, esta virtude é fonte de todas as virtudes dos santos e dos gloriosos trabalhos que passam para agradar a Deus e ajudar os próximos.

Aquele que teve maior parte no trabalho desta virtude foi Cristo nosso Senhor, porque, na medida do seu amor, ardia sempre em viva e contínua fome, sede e fervorosíssimo desejo de ver as virtudes praticadas, a lei de Deus guardada, o seu Espírito plantado nos corações dos homens, o conhecimento de Deus ampliado, o amor a Deus aceso e os pecados extintos.

Não sentia menos a falta de tudo isso nos homens do que se o tivesse sentido em si mesmo. E assim não se preparou com menos ânimo para suportar todos os trabalhos por satisfazer essa fome em nós do que se o fizesse por si; porque todo o nosso mal e bem considerava mais seu do que nosso.

Esta ânsia e desejo durou-lhe desde que assumiu a nossa humanidade até que expirou na cruz.

São Paulo, que tinha apenas uma faísca do imenso fogo de amor que ardia no peito deste Senhor, dizia de si mesmo que o fortíssimo cuidado pelo bem de todas as Igrejas o fazia enfraquecer com os fracos, e queimar-se e arder quando via escândalos. E que já não era seu, mas que a caridade de Cristo o forçava a ser dos outros, quer estivesse fora de si em êxtases espirituais com Deus, quer em si mesmo para poder tratar com os homens. E que, embora trabalhasse por plantar a doutrina evangélica nos corações dos homens até ao ponto de sofrer prisões e cadeias, tudo considerava bem empregado por amor dos eleitos. E que, sendo a sua vida viver com Cristo, e estando todo o seu ganho na morte, vivia, contudo, em dois combates interiores sem saber qual escolher — se ser libertado desta vida para ir ver a Deus, ou viver para o proveito das almas.

E isto chegava a tal extremo que dizia que, embora soubesse que nada o podia separar da caridade de Cristo, o Espírito Santo era testemunha da sua consciência, que sentia tanta tristeza e dor ao ver a obstinação e perdição do povo judeu que teria aceite ser esquecido por Deus, se com isso eles pudessem ser salvos.

Ora, se São Paulo nem se considerava seu, nem considerava grande qualquer trabalho, e vivia em contínua dor pela perdição das almas, e desejava adiar a sua glória de ver a Cristo, se isso fosse necessário para a salvação dos outros — que se poderá dizer de Cristo nosso Senhor, amor eterno e fonte de toda a caridade, que veio à terra movido pelo desejo da nossa salvação?

Que se poderá dizer dos anos que aqui viveu em contínua fome e sede da salvação dos homens, tendo presentes todos os pecados dos antepassados, dos que então viviam e dos que estavam por nascer?

Considerava-os com a sua eterna sabedoria, doíam-lhe segundo o imenso amor que nos tinha, e desejava acabar com eles com toda a ânsia.

E assim vivia em contínua tormenta de trabalho e aflição — de modo que podemos dizer que sofreu tantas mortes quantos pecados conhecia no mundo inteiro, e quantas almas desejava salvar. Porque mais estimava salvá-las, e mais lhe doía cada ofensa feita a Deus do que a sua própria vida, pois por cada uma delas morreu — fazendo da sua parte tudo quanto podia, ainda que nem todos viessem a aproveitar-se da sua morte; e isso o magoava e angustiava mais do que a própria morte.

Assim deve cada um lembrar-se, ao ofender a Deus e descuidar a sua salvação, da obrigação em que está para com este Senhor, que vivia em excessivos sofrimentos interiores pelas culpas que nós, com gosto, cometemos. Esses sofrimentos só tinham alívio naqueles que Ele sabia que iriam chorar os seus pecados e emendar a sua vida com obediência à lei de Deus. Pois sentia os nossos males como suas próprias perdas, e desejava em nós as virtudes como se fossem seus próprios ganhos. Nem quis outro fruto nem recompensa pelos seus trabalhos senão o nosso progresso espiritual e remédio.

Mas como, sem a alma chegar ao puro amor de Deus e da sua glória e honra, não se pode compreender plenamente o valor espiritual deste sofrimento do Senhor, podemos, ao menos por analogia, alcançar algo da grande obrigação em que estamos para com Ele.

A coisa que um pai e uma mãe naturalmente mais amam é um filho ou uma filha. A experiência mostra que a maior tristeza da vida é ver uma filha desorientada e perdida em afectos inquietos que mancham a sua honra, ou um filho mal acostumado, com más companhias, perdido — e ainda mais quando não aproveitam conselho, nem repreensão, nem castigo.

Isto torna a vida cansativa e triste, a velhice pesada, e apaga todos os seus prazeres. E um pai e uma mãe sentem que já não lhes resta mais nada em que pôr os olhos.

Deste modo se queixava Deus muitas vezes pelos Profetas, dizendo que dávamos o amor que, como filhos, Lhe devemos, a muitos outros e

perversos amantes; que Lhe virávamos as costas, fugíamos d'Ele, Lhe dávamos trabalho e O fazíamos servir com os nossos pecados. E com muito mais razão Se queixa, porque, sem comparação, ama mais as nossas almas, faz mais por elas e sente mais a sua perda do que um pai natural sente pelos seus filhos e pelas suas perdas.

É grandíssima confusão e vergonha nossa (se a soubermos entender) ver as ânsias e angústias do coração do Senhor pela nossa salvação, e esse desejo tão intenso, essa fome e sede do nosso bem — e, em contraste, o desgosto que reina em nós pelas coisas da alma e do Céu, e a fome desenfreada por todos os apetites terrenos, de que gostamos mais do que de Deus.

Não pode haver sinal maior de que uma alma está rejeitada por Deus do que ter perdido o gosto por tudo o que é de Deus. Porque Deus e a natureza deram um apetite natural a todas as potências corporais e espirituais para as coisas que lhes são mais próprias, para que, desejando-as mais, as recebam com mais gosto e delas tirem maior proveito.

Assim diz a Sagrada Escritura que "o olho não se farta de ver, nem o ouvido de ouvir" — e o mesmo diremos do estômago, que a fome leva a comer e a sede leva a beber com gosto, e assim tirar proveito daquilo que toma, porque os sentidos estão mais despertos. E o maior sinal de que a natureza está no fim é quando os sentidos já não têm apetite nem gosto por nenhuma coisa própria sua: pois, como não as desejam, nem as recebem, nem as aproveitam.

Do mesmo modo, a alma — cuja inclinação natural é para as coisas infinitas, pelas quais só pode ser satisfeita —, quando, por estar ocupada em afetos terrenos, perde o apetite e o gosto por essas coisas, já não se importa de as perder, não deseja possuí-las, rejeita-as com desgosto, foge-lhes com repulsa e fica com todos os sinais de morte e perdição. Este é o vício a que os Santos chamam insensibilidade, o mais prejudicial para a salvação da alma, porque é, já em vida, sinal de perdição da sua verdadeira vida.

Deus queixava-Se pelos Profetas que chamava e não era ouvido; castigava e não era sentido; açoitava e não havia quem se compadecesse. E, insensíveis como estavam, entrava a morte interior sem temor, perdiam a

Deus sem o estimar e julgavam-se vivos, andando abraçados com a perdição.

Sobre estes, diz a Sagrada Escritura que passam a vida nos seus bens temporais, que muito estimam, sem lembrança e com desprezo dos bens espirituais, e que de repente, num instante, descem ao inferno. Porque viveram tanto tempo sem desejar as coisas eternas e as virtudes por meio das quais elas se alcançam, que, chegados à hora da morte — em que haveriam de ter as obras de toda a vida —, essas obras eram tão sem Deus e sem gosto pelas Suas coisas divinas, que, pelas que mais amaram e pela falta das que deviam ter desejado, se perderam.

Três coisas muito simples eu aconselharia àqueles que se virem neste estado tão arriscado e perigoso, para que não se afundem de todo, até que Deus lhes venha em auxílio com a Sua mão misericordiosa e suave influência da Sua luz e amor, com que eleve a alma a maior perfeição:

Primeira, que pelo menos louvem e aprovem a virtude onde quer que a vejam, mesmo que não a pratiquem, e favoreçam sempre os virtuosos — para que não venham, por desgosto das coisas divinas, a tornar-se perseguidores delas, o que já é quase sinal de companhia infernal. E muitas vezes o Senhor, vendo que a alma e a língua aprovam as obras que a fraqueza não segue, compadece-Se dela e dá-lhe força contra si mesma e contra os seus vícios, e abre-lhe os sentidos interiores para que passem a gostar do que antes lhes causava repulsa.

Segunda, que repreendam sempre em si mesmos a dureza e frieza do seu coração, quando virem que não fazem o que vêem fazer aos servos de Deus, e que se tenham por isso em má conta e por pouco. Porque, com isto, não se apagará neles por completo a luz divina e o conhecimento da verdade — que lhes convém, mas não seguem —, e não perderão totalmente o amor de Deus, nem viverão tranquilamente nos seus pecados.

Terceira, que procurem ter convivência e amizade com os servos de Deus, e os busquem, e conversem com eles sobre as coisas divinas. Porque, vendo os seus exemplos e ouvindo frequentemente o contrário do mal que eles próprios fazem, Deus lhes enternecerá o coração para deixarem de o fazer.

E, se o Senhor lhes abrir alguma entrada para a Sua luz, ocupem-se o mais que puderem em ler e meditar na vida e nos sofrimentos de nosso Senhor Jesus Cristo, e nas muitas obrigações que têm para com Ele — pois este é um remédio poderosíssimo para despertar o desejo da alma e cativá-la ao amor de tão rico e suave tesouro de bens como os que se encerram neste Senhor.

E àqueles a quem o Senhor fez a graça de lhes dar viva fome, sede e desejo d'Ele, se olharem bem para dentro de si, verão que Deus nunca cessa de os chamar interiormente, e que, cada vez mais, lhes mostra o quanto quer deles — pois só quer ser o Senhor do seu interior.

Por isso, com grande vigilância, respondam ao Senhor e sejam-Lhe fiéis em deixarem-se conduzir por Ele e em atiçar cada vez mais esse desejo. Porque, se com culpa e descuido se distraírem, entrará neles o gosto pelas coisas terrenas, e será esse segundo desgosto pelas coisas de Deus pior e mais incurável que o primeiro.

Lembrem-se que o Senhor ordenava, na Antiga Lei, que no Seu altar não ardesse outro fogo senão o que descesse do Céu. Mas lemos que esse fogo foi dado ao Seu santuário apenas duas vezes: uma no tempo de Moisés, no deserto, e outra no tempo do sacerdote Neemias, quando os judeus regressaram do cativeiro e repovoaram Jerusalém — pois já haviam passado muitos anos desde que se apagara o primeiro fogo, dado no deserto.

Mas, embora só duas vezes Deus tenha dado esse fogo ao Seu povo no altar do santuário, eles mantinham-no aceso constantemente com lenha que lhe acrescentavam — e, com isso, era sempre tido por fogo do Céu. Assim também o vivo desejo de agradar a Deus, a fome e sede constantes do Seu amor, do Seu serviço, da Sua honra e glória em nós e nos outros, é dom que Deus dá do Céu, e fogo que Ele acende nos nossos corações — porque, se Ele não o der, não o teremos por nós mesmos.

Mas, sendo dom Seu, quer que nós o aticemos com fervorosos suspiros, com o cuidado da oração e com bons exercícios. Porque, embora seja fogo do Céu, tem semelhança com o fogo terreno: se for atiçado, cresce; mas se for negligenciado, desfaz-se em cinzas, apaga-se — e será culpa nossa tê-lo perdido, com grande dano e obrigação de o voltar a alcançar com esforço.

E, quando por não ser atiçado se apaga, para o recuperar e alcançar de novo de Deus, faça-se como fez o sacerdote Neemias: que, não achando mais do que uma água espessa no poço onde o primeiro fogo fora escondido quando os judeus foram para o cativeiro, mandou lançar essa água sobre o altar e o sacrifício — até que o sol, que estava encoberto, brilhou sobre ela e, por virtude de Deus, a acendeu.

Assim também aquele pequeno resquício de fogo que ardeu na alma, com o conhecimento da culpa de o ter perdido, deve ser oferecido a Deus com um coração humilde, pedindo-Lhe com perseverança que o torne a acender. E Ele, que não deseja outra coisa senão isso, ouvirá com misericórdia a alma arrependida.

Dessa fome e sede de justiça nasce a virtude do santo zelo — tão necessária a toda a alma cristã, mas tão difícil de bem praticar, pois, se for bem aplicada, é muito proveitosa, mas se mal exercida, muito perigosa.

Deve ser exercida com muita ponderação, discrição e cuidado, porque, como muitas vezes exteriormente se parece com cólera e indignação, está muito sujeita a excessos de natureza e a escandalizar o próximo — e com isso causar mais dano do que proveito.

Por outro lado, como o fim desta virtude é o serviço de Deus e a salvação das almas, acontece por vezes que almas fervorosas se deixam levar por tal obrigação com tanto ardor, que desorganizam as circunstâncias necessárias para realizar o que pretendem — não guardando tempo, modo, lugar, oportunidade ou prudência para agir, como o supremo zelador de todo o bem o faz. E, como o que desejam não está nas suas mãos, descompassam a harmonia da caridade e cometem grandes faltas, por vezes com mais dano das almas e menos serviço de Deus.

O próprio nome "zelo" indica em parte a moderação e as condições com que se deve exercitar. Quer dizer “ciúme” — e é isso mesmo: ciúme no assunto do amor, do qual o zelo nasce. É o cuidado de o conservar e de evitar tudo o que o possa perder ou trocar, nascido da estima pelo próprio amor e pela coisa amada.

Assim, entende-se que o santo zelo deve nascer do verdadeiro amor de Deus, do amor da virtude, da estima pela glória de Deus, e da honra e proveito espiritual do próximo.

Do amor a Deus e ao próximo disse São Paulo que a caridade é paciente, benigna e bondosa; não é invejosa, não pensa mal, não faz mal a ninguém, não é presunçosa, não ambiciona a própria honra nem proveito, nunca pretende fazer o mal, mas alegra-se com a verdade e aborrece a maldade.

Todas estas qualidades deve ter o santo zelo. Primeiro, o zeloso deve amar verdadeiramente a Deus e ao próximo. Depois, deve pretender apenas a honra e glória de Deus e o bem do próximo.

E, conforme a isso, a primeira pedra que o zeloso deve lançar é zelar pela honra de Deus em si mesmo — e, conhecendo o mal que lhe faz o pecado, trabalhar para o eliminar, tanto em si como nos outros, com igual moderação. Porque dissimular com o dano da própria alma e zelar muito pelo mal dos outros; ser muito cuidadoso com a própria honra e com os modos e conveniências para tratar de si, mas muito impetuoso com os dos outros — isso é um zelo monstruoso, que geralmente aproveita pouco, é mal recebido e degenera em excessos de rigor e cólera.

Foi essa a regra que o Senhor deu aos zelosos da Lei de Moisés — os fariseus e doutores da Lei — no caso da mulher adúltera: «Aquele de vós que estiver sem pecado, que atire a primeira pedra.»

Porque é injusto e indiscreto o zelador que quer apedrejar, quando ele próprio merecia ser apedrejado.

O zelador deve desprezar a própria honra — pois, quando esta está em jogo, o zelo degenera por vezes em ambição. Deve ser compassivo com os males alheios — para que não aconteça que, por excesso de rigor, o culpado não seja ouvido, nem aceite em penitência, nem admitido à comunhão divina e à honra; mas, uma vez começada a cura, o fraco deve ser ajudado, favorecido e honrado.

Deve o zeloso ter-se em pior conta do que o culpado que quer emendar-se — para não cair no desprezo do próximo e não transformar o amor que lhe deve em ódio.

Os que têm por ofício público zelar pela virtude vivem em maior perigo — porque são obrigados a zelar por ela, mesmo que sejam maus. E acertar em fazer seguir a virtude que não se ama, não o posso assegurar a nenhum deles: ou serão brandos no rigor para não se repreenderem a si próprios, ou serão excessivos por não parecerem relaxados, ou pouco aproveitarão se não forem exemplares na vida.

Aconselharia a esses que, enquanto forem superiores, se atenham às leis que impõem aos outros e façam por si o que entendem que os outros devem fazer — pois, com isso, não serão escandalosos nem excessivamente rigorosos.

E se não o fizerem, não digo que de todo não acertarão na virtude do zelo — porque o Senhor, verdadeiro Pastor das almas, que Lhe custaram o Seu sangue, os fará acertar para proveito delas, mesmo que eles não o mereçam. E os súbditos devem receber as suas ordens com esta fé em Deus, se quiserem aproveitar.

Mas tanto os que têm cargo público como os particulares tomem como espelho, para acertar na virtude do zelo, a vida do grande e perfeitíssimo zelador da lei, da honra de Deus e do bem das almas: Cristo, nosso Senhor.

N’Ele se verá que, ao ensinar, foi perfeitíssimo e verdadeiríssimo, sem acepção de pessoas; ao sofrer pelas verdades que ensinava, foi constante e amoroso; ao acolher e amar os pecadores, foi suavíssimo; ao dissimular com as ofensas pessoais e fazer bem a quem O ofendia, foi cheio de brandura.

E sendo Ele inocente, por zelo da honra de Deus, carregou sobre Si, sem medida, todo o rigor — e acabou tudo o que quis com as almas com amor, brandura, obras e benefícios, mesmo aos que menos Lho mereciam.

Por isso, quem nas obras do zelo não traz claríssimas demonstrações de amor cristianíssimo, torna-se, por sua culpa, odioso e trabalha com pouco

proveito.

Exercicio da fome, e sede de justiça.

Fonte e manancial de soberanos e infinitos bens, a quem todas as minhas necessidades — ainda que não se entendam — suspiram, dou-vos infinitas graças, porque me fizestes tão carente de todos os bens, que até as minhas contínuas misérias continuamente me obrigam a ir a Vós. Que há em mim, Senhor meu, que não suspire por Vós, ainda que eu próprio não o entenda? Porque, sendo todo o bem procedente de Vós — os espirituais, porque se encerram em Vós, e os temporais, porque dessa vossa divina mão hão de ser dados — a essa mão olham todas as necessidades em que Vós quisestes que eu neste exílio vivesse, tanto as corporais como as espirituais.

A essa mão pedem os olhos a luz para verem, sem a qual estão em trevas; a essa mão pede o corpo o ar para respirar, o alimento para a sua fome, a água para a sua sede, a saúde para a sua doença, o dia para o seu trabalho, a noite para o seu descanso, a força para a sua actividade, o bom êxito nos seus negócios, o remédio para todas as suas necessidades. Pois está sempre cercado por elas, são-lhe próprias, nelas nasceu, nelas vive e há de morrer. E até para os bens temporais, essa mão, fabricadora de todo o bem, dá, com medida, o que a cada um é necessário. Quando estou cativo, ela me ampara; quando algum mal me pode sobrevir, ela o impede; quando permite que me venha, ela me ajuda a suportá-lo. E quando mais cuidado ponho em acudir às minhas necessidades e gasto nisso toda a ocupação da vida, sem me lembrar dessa poderosa e benigna mão, e me valho dos homens e das coisas terrenas, se essa mão paternal não puser a sua virtude — mesmo quando lho não peço, nem mereço — tudo se desarma em vão. Porque não quisestes que a ninguém devesse nem sequer as mínimas coisas, senão a Vós. E por isso todo este homem terreno suspira por Vós (ainda que menos se entenda), e é a Vós que as suas necessidades chamam, pois só de Vós hão de receber o remédio.

Também todo o interior desta alma (pobríssima por natureza de todo o bem, e muito mais pobre pelas ofensas que vos tem feito), a quem, meu Deus, há de suspirar, senão a Vós? Vós me suportais quando peco, Vós me esperais que me arrependa, Vós me inspirais todo o bem, Vós me ensinais

toda a verdade, Vós me dais a vontade para a querer, e a força para a seguir, e a graça para perseverar. Vós me dais a fé com que vos conheço, o amor com que vos amo, a esperança com que tudo vos peço. As potências desta alma, sem Vós, vivem numa fome irremediável, porque só Vós as podeis saciar.

Os bens espirituais, pelos quais se elevam até Vós, só de Vós lhes podem vir; e os infinitos, para que os criastes capazes, só convosco os hão de possuir. E quanto mais andam dispersas por afetos fora de Vós, mais perdidas, mais famintas e mais necessitadas ficam. Porque o seu desejo natural vos procura, a Vós, sua perfeita e plena medida de bens verdadeiros. E tudo o que seguem sem vos procurarem consome-as, desfá-las, enfraquece-as e fá-las viver em terras de fome e miséria.

Divina e perfeita fartura desta miserável natureza, ponde os olhos de misericórdia em mim e curai com amor aquilo que com ele criastes, pois vedes quão perdido está. Porque me fizestes só para Vós, e porque quisestes ser o meu verdadeiro e próprio bem, logo me fizestes de maneira que, por dentro e por fora, dependesse de Vós e vivesse em contínua necessidade de Vós. Fizestes com que todas as minhas inclinações corporais e espirituais pudessem servir de fomes de Vós, para que vos buscasse com tantas fomes, minha única, divina e soberana fartura; e, assim, com mais gosto vos recolhesse, com mais proveito vos gozasse, e com mais largueza me fartasse de quantos bens tendes.

Ó meu Deus, que monstro é este que vedes em mim? Como é possível que, sendo assim — e assim o conheço e confesso —, ainda faço celeiros, adegas e tesouros com todo o cuidado dentro desta alma e nos sentidos deste corpo, de coisas que se me consomem nas mãos, e me fogem da boca? E ando atrás delas, bebendo os ventos, faminto e não de Vós, desejoso e não de bens, tão perdido e necessitado como vedes. Um só dia convosco vale mais do que milhões de vidas sem Vós. Porque nesse dia dais tanto, consolais tanto, fartais tanto, que restaurais todas as forças perdidas, satisfazeis todas as necessidades, e inundais tudo com bens divinos. E, em tantos dias como vivi, não posso dizer que tive um desses. E, contudo, confessarei à vossa misericórdia que tive muitos por bons e suaves — mas deles só me ficou o chorar, e o desejo de arrancar (se pudesse) das entranhas

desta alma o que deles me ficou, que como peçonha me afasta de Vós, minha verdadeira vida.

Ó divina bondade, ó misericórdia infinita! Melhor é — como diz o vosso profeta — a vossa misericórdia do que muitas vidas juntas; porque todas, sem Vós, única vida rica desta alma, não têm outro remédio senão perderem-se, senão essa misericórdia. A ela peço a medicina destas chagas. Arrancai, Senhor, o amor desta alma às coisas baixas que a oprimem, e ponde-o só em Vós. Aparecei, luz verdadeira, a esta alma cega, e iluminai as minhas trevas, para que veja em que lodo estou e saiba suspirar por Vós. Dai-me medo dos meus gostos, enjoo do que até agora desejei, e limpeza interior, para que reconheça tudo o que é verdadeiro, e assim não perca os sabores soberanos que comunicais aos vossos. Misericórdia, Senhor de piedade! Que será de mim, se vos comparar com as coisas que eu, com fome e desejo, busco no vosso lugar, e pelas quais vos perco?

Como podereis deixar de vos enfastiar de mim, e de me lançardes fora do vosso gosto e amparo, que é a perdição que mereço? Ensinai-me Vós a fazer em mim esse juízo, e executai em mim essa sentença, para que Vós, com misericórdia, me perdoeis. Não quero, meu Deus, dizer com palavras, nem lembrar perante Vós a baixeza, torpeza, profanidade, vaidade e vergonha das coisas que até aqui amei e busquei, com a fome e desejo que a Vós devia, e com o gosto que só para Vós deveria guardar — para que não se corrompa o ar com as minhas brutidades. Mas confesso, perante os vossos puríssimos olhos, aquilo que perfeitamente vedes nesta miserável alma.

Confesso que sou capaz de perverter e corromper a pureza angélica e toda a criatura racional, se Vós a não guardardes e defenderdes de mim. Que terei feito então em mim? Ó conhecedor sapientíssimo, meu Jesus, sede meu Salvador, sede meu Redentor, sede aquele que sofre estes males e aquele que os remedeia. Este é o abismo sem fundo das miseráveis desventuras em que o abismo da vossa misericórdia há de mostrar a sua grandeza e infinita bondade. Quando me nela afundardes, sairei dela limpo e nova criatura, para com amor novo, fresco, tenro e vivo desejo vos buscar e amar.

Lembrai-vos, Senhor, que mandastes que vos chamasse no dia da tribulação, que me livraríeis, e que livre das minhas misérias vos louvaria com gosto vosso. Eis aqui o dia da minha tribulação — não corporal, porque essas me são melhores que o gosto das coisas terrenas —, mas dos perigos em que as misérias e males que vedes em mim me colocaram. A Vós clamo do profundo das necessidades interiores em que estou atolado, e das quais não posso sair senão por Vós. Ouvi-me, Senhor meu, livrai-me, e purificai os desejos desta vossa criatura, para que com fome só a Vós procurem, e vos alcancem; só a Vós busquem, e vos achem; de só Vós vivam, e em Vós se sustentem; para que com puros louvores vos cantem neste vale de lágrimas, e em Vós toda a minha alma se derreta, já desapegada de desejos terrenos.

Não me podeis negar, bom Jesus, o que vos peço, porque sei que nisto vos peço o que me quereis dar. Mas peço que o impedimento que há em mim, Vós o tireis. E o que eu não mereço, dai-o ao vosso amor e aos vossos desejos com que me procurastes todos os bens. Lembrai-vos, Senhor, que nada me deveis, nem eu merecia (antes, pelos danosos amores do mundo que vistes em mim e em mim aborreceis, eu desmerecia quantas mercês me fazíeis), quando, durante trinta e três anos, ardíeis em viva e amorosa fome e sede de me fazerdes muitas mercês, de usardes comigo de muitas misericórdias, de me converterdes todo a Vós, de me elevar os desejos e o amor a Vós e às vossas coisas soberanas.

Lembrai-vos das dores interiores que vos custei pelos pecados que já de mim sabíeis. Lembrai-vos das ânsias e apertos desse vosso coração, com que vos oferecíeis ao vosso Eterno Pai pelas minhas tibiezas e friezas. E, pois que durante tantos anos essa fome que padecíeis pelo meu bem vos atormentou e bradou à vossa misericórdia por mim, ouvi-a, Senhor; saciai-a comigo, dando-me o que ela vos pede.

Ó verdadeiro amigo das almas, Vós supris em tudo as nossas carências e faltas. Como vos fizestes homem como nós, todas as fomes dessa natureza humana que nós trazemos estragadas e mal empregadas, trouxestes Vós durante toda a vida postas no nosso remédio. Choravam os vossos olhos por ele, ouviam os vossos ouvidos as necessidades de todos, chamava a vossa suavíssima boca a todos, dias e noites suspiráveis por ver o bem de todos,

amava o vosso coração a todos, importunáveis o vosso Pai Eterno por todos, sentíeis a dureza de todos, compadecíeis-vos do que víeis em todos, desejáveis acender o vosso amor em todos, e doía-vos que se apagasse em muitos. E assim padecíeis esse trabalho por todos em mim, pois em mim, e em cada um, vos empregáveis como se não houvesse outro.

Que somos nós, Senhor meu, para tantas ânsias? Que proveito esperais de nós para tantas dores e tantos desejos que em nós empregais? Ah, Senhor meu, como pode esse vosso amor sofrer ver-se afligido sem se satisfazer em mim? Perdeste porventura a vossa força? Para quê, Senhor, tendes tanta consideração com o meu livre arbítrio, que aceitais perder-me Vós, e penardes Vós? Desde esta hora vo-lo entrego. Quero acompanhar-vos nesse cuidado e desejo que tendes de que eu vos ame. Amo-vos, meu Deus, e mais desejo amar-vos. Desapegue-se de mim todo o outro amor, pois só Vós mereceis todo este coração.

Bem sei que isto é o que quereis. Porque ordenastes que, assim como, se eu mereço alguma coisa diante de Vós, não possa ter outra paga justa senão a Vós, assim nenhuma coisa possa justamente merecer o amor deste coração senão Vós. E Vós sempre me pagais com Vós mesmos, e eu dou-me a quem não me merece. Ó Senhor, já que tanto elevastes a dignidade desta alma, não permitais que ela se rebaixe e abata. Aqui vos dou tudo o que há nesta alma, tudo o que neste corpo vos pode servir. Aceito-vos como meu único bem; aceitai-me todo por vosso, guardai-me como vosso, fechai-me em Vós como vosso, para que nunca me percais, nem eu vos perca, meu único e verdadeiro bem, meu único e verdadeiro Deus, e meu Senhor

Oração do Pai-Nosso com o mesmo intento

Ajuntai-vos comigo, céu e terra, anjos, homens e toda a criatura; vinde todos, louvemos, adoremos e amemos este Senhor. Todos nós, Senhor, com as palavras com que nos ensinastes a orar, e a acender em nós a fome e sede de Vós, e a atiçar os desejos dos vossos bens, vos louvamos e vos rogamos. Por essas palavras nos reconhecereis, pois fostes Vós quem no-las ensinou; por elas nos ouvireis, pois para sermos ouvidos no-las destes; por elas nos dareis vivos e perpétuos desejos de vos amar e servir, pois para isso no-las mandastes dizer:

Pater Noster

Pai eterno, Pai soberano, Pai todo-poderoso, Pai infinito, Pai misericordiosíssimo, Pai nosso amigo, Senhor nosso, que nos tendes escritos nesse vosso eterno amor. Pai que sois tão nosso, que tudo o que está fora de Vós nos é alheio, e que não nos olhais senão como filhos vossos amantíssimos.

Qui es in cœlis

Com esse amor nos esperais nessa casa celestial onde habitais; elevai até ela o nosso desejo. Já que aqui nos trazeis desterrados, não é para nos afastardes de Vós, mas para nos levardes por aqui até Vós: prendeu convosco os nossos desejos, para que, enfastiados das coisas da terra que nos têm exilados de Vós, em tudo e sempre, com todo o nosso interior e exterior, suspiremos por Vós.

Sanctificetur nomen tuum

Fazei-nos estimar a grandeza, majestade e divindade deste nome paternal; fazei que todos nos orgulhemos de ser vossos filhos. Trazei o mundo ao vosso conhecimento. Mostrem os nossos desejos, as nossas obras, as nossas palavras, que somos vossos filhos, que só pela vossa honra suspiramos, só a vossa glória e serviço desejamos. E que pareçamos, Pai Santo, filhos dessa vossa divina santidade.

Adveniat regnum tuum

Fujam de nós, como filhos vossos que somos, todas as coisas que nos querem afastar de Vós, para que só Vós reineis em nós. Ó Pai nosso, olhai o perigo em que vivemos, encurtai este degredo e levai-nos a Vós. Como, Senhor, podeis sofrer que vos amemos e não vos vejamos? E se for necessário estarmos ainda mais tempo neste exílio, Vós sabeis habitar neste coração. Vinde, Pai e Senhor, reinai aqui, habitai aqui. E se fizerdes desta alma o vosso reino, que o céu se detenha quanto quiserdes — pois nem cá

nem lá desejo senão que reineis em mim, e tenhais pleno senhorio em todas as nossas almas.

Fiat voluntas tua

Ah, vinde, Pai eterno! Alargai, Senhor, a vossa bondade, reinai sobre tudo, fazei-vos obedecer por todos. Bem sabeis que nada nos aproveita do nosso ser, senão o quanto puderdes ser servidos em nós. Todas as vossas vontades são de Pai amigo, de Pai cuidadoso do nosso bem. Quem, então, nos engana, para confiarmos noutra vontade que não a vossa? Viva, viva, Senhor, essa vontade boníssima! Todas as contrárias e diferentes, que se consumam!

Sicut in cœlo et in terra

Dessa vossa vontade vive a corte do céu quieta, contente, segura, rica, sem temor, e confirmada em todos os bens. Então porque confia a terra — cheia de perigos e de inimigos — noutras vontades diferentes das vossas? Ó Senhor meu, tirai essa presunção da terra, submetei-a toda a Vós, como submetestes o céu.

Panem nostrum quotidianum da nobis hodie

E pois que o sustento da nossa vida se resume nesta vossa obediência, e todas as almas se alimentam das vossas bondades paternais e graças, ajudai-nos com elas todos os dias. Seja cada dia vosso, e em cada dia da vida visitai-nos com as vossas mercês, e com elas nos obrigai a amar-vos todas as horas, para que, renovados cada dia e cada hora com o vosso alimento espiritual, com amor e desejo de Vós, com viva fome, suspiremos por Vós em cada dia e cada hora, sem que outro desejo entre nestes corações. Comece isto hoje, pois não nos destes dia certo para amanhã, e continuai-o em cada dia, até que chegue aquele que não tem passado nem futuro.

Dimitte nobis debita nostra

Não sejam impedimento a essas vossas mercês os nossos pecados. As dívidas em que estou convosco — de vos servir e amar — nunca, meu Deus, mas quiteis; quero satisfazê-las e quero cada dia mais dever-vos. Mas as dívidas do amor, que vos tirei e dei a coisas baixas, quitai-mas, Senhor, pois não vo-las posso pagar senão tornando-vos o amor. Aqui vo-lo restituo, frio e pervertido. Vós vos satisfazei com ele, purificai-o segundo o vosso gosto. E todo o resto em que pequei, perdoai-me com misericórdia.

Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris

Estais, Senhor, comprometido a perdoar-me como quem sois, pois me obrigastes a perdoar — com toda a minha fraca capacidade e graça vossa — a quem me ofendesse, da maneira como Vós perdoais tudo. E se assim tão generoso quisestes que eu fosse na minha pequenez, como podereis Vós ser escasso comigo na vossa largueza? Perdoo como me mandastes. Perdoai-me como podeis, para que entre Vós e mim não haja distância, nem impedimento, nem vergonha.

Et ne nos inducas in tentationem

Fazei, Senhor, em mim esta obra perfeita: tomai-me totalmente sob vossa guarda e livrai-me das tentações que me perturbam. Pai eterno, que não quisestes que os vossos filhos na terra fossem tentados para se perderem, e sabeis quantos bens perderemos se formos vencidos, tentai-nos e provai-nos como quiserdes, mas combati e vencei em nós com amor.

Sed libera nos a malo. Amen.

Olhai, Senhor, quão maliciosa é esta carne de que estamos cercados, e da qual só a vossa mão nos pode livrar. Olhai quantos males nos cercam, e por eles nos tiram de Vós. Olhai a quantos males estamos arriscados, nós, vossos filhos desterrados. Olhai que sem a vossa ajuda paternal nada podemos. Acudi com a vossa poderosa mão, livrai-nos de todos os males que nos possam apartar de Vós, para que em Vós vivamos seguros.

Ó Pai celestial, que prometestes aos vossos filhos águas vivas que correriam dos seus corações até Vós, vida nossa eterna! A minha alma deseja agora essa sede e essa água. Ó fonte de vida, fartai-me de sede de Vós, e saciai essa sede só convosco, sempre, a cada hora, a cada momento, para que não haja espaço para nenhuma outra sede.

Mãe de misericórdias, vós que sempre desejáveis e sempre vos saciáveis apenas destes soberanos bens, compadecei-vos dos filhos desterrados de Eva. Venha, pelos vossos merecimentos, esse fogo do céu que tudo abrase. Ó corte celestial, que desejais com segurança e saciais plenamente os desejos que de cá levastes, fazei que ao menos sempre desejemos os bens que aí tendes, para que mereçamos ajudar-vos a saciar-nos com eles. Amen.

TRABALHO XIV

Andar entre gente diferente da sua vida e costumes.

Anda geralmente acompanhada da fome e sede de justiça, um trabalho não pouco penoso de suportar para os servos de Deus, que é a comunicação e trato com gente de outra profissão, intenções e costumes, cuja companhia não se pode evitar completamente. Porque as almas que Deus eleva e ocupa em si, e às quais dá um desejo vivo, contínuo e fervoroso de que Deus seja conhecido, amado e servido por si e por todas as criaturas, vêem claramente as muitas obrigações que as almas têm para com o Senhor, e o gravíssimo mal que é não se dar a Deus o que lhe é devido. Por isso, um dos trabalhos mais pesados que sofrem nesta vida é terem sempre diante dos olhos a grande ignorância que há na terra acerca das coisas divinas, e o muito empenho com que se buscam e amam todas as coisas que afastam de Deus, e as muitas ofensas que se lhe fazem sem consideração nem respeito.

A ninguém poderia este trabalho ser tão pesado como a Cristo nosso Senhor. Porque Ele quis, por sua bondade, escolher no mundo e na terra um estado de vida baixo e pobre. E, pela profunda humildade a que se abaixou, não fez qualquer diferença da sua divina pessoa humanada para se distinguir da gente comum e popular. Vivia na comunidade, no meio do povo, numa casa pobre e numa rua comum, sem fechar a porta nem impedir a entrada a quem o quisesse ver e falar. Assim, dava a todos exemplo de vida santíssima e puríssima, recolhida, modesta, silenciosa e ocupada em Deus, sem dar demonstração da sua eterna sabedoria, porque vivia em silêncio, nem da majestade da sua divina pessoa, porque ainda não era tempo de se manifestar com milagres e maravilhas. Por isso, não era tratado pelo povo com o respeito que, sendo quem era, lhe era devido; nem a sua santidade era tão estimada que por ela cada um dos que o viam e conheciam se envergonhasse de viver e agir diante dos seus olhos como bem entendia.

Andando pois no meio do povo, quanta pena lhe causaria o que continuamente via e ouvia? A variedade das conversas e palavras desordenadas, o tumulto, a baixeza e a grosseria do trato popular que passava diante dos seus olhos e da sua gravíssima pessoa; os gritos de uns,

os disparates de outros; a rudeza de todos para com as coisas divinas; as discussões dos vizinhos, o comércio de rendas, as compras e vendas, a confusão dos baixos interesses de um povo simples; as mentiras, os juramentos, as contendas e os seus motivos; a imundície dos pecados e das desonestidades públicas, e com isto o esquecimento geral da salvação; o desinteresse pelas coisas divinas, o desprezo pela verdade, pelas virtudes e todo o resto de desrespeito e trato vil que o povo costuma ter nas praças.

Juntai a isto o modo de vida dos poderosos, a hipocrisia dos sacerdotes, a vaidade dos letrados, a cobiça dos juízes, a opressão dos inocentes, o desprezo pelos bons, a liberdade dos vícios, o domínio e aprovação dos maus costumes, o desenfreado público das más cobiças e desejos, a opressão e agravos dos pobres, os ricos arrogantes, e tudo o mais que geralmente se vive e reina entre o povo — encontros que o Senhor era forçado a presenciar muitas vezes, pois vivia entre eles.

Não se pode bem calcular quanto custou ao Senhor sofrer e padecer durante trinta anos à vista de tudo isto, entre gente tão variada como há no povo, e de condições e costumes tão diferentes dos seus. Tudo quanto havia nele tornava este sofrimento gravíssimo: a majestade da sua divina pessoa entre tão baixo comércio humano; a santidade da sua vida entre costumes tão profanos; o zelo pela honra de Deus, no qual ardia, entre tanta liberdade para o pecado; o vivo desejo que tinha da salvação de todos, entre caminhos tão largos, tão contínuos e tão despreocupadamente trilhados para a perdição, como continuamente via; e tudo o mais que nele havia, eram motivos e estímulos que continuamente atormentavam o seu puríssimo espírito.

Juntai a isto o que alguns devotos consideram — e não sem fundamento e razão — como o povo é bruto e tem pouco discernimento das coisas, e sem consideração se lança em juízos temerários e desprezos do que não sabe estimar, viam o Senhor crescer, tornar-se homem, deixar crescer a barba, sem trabalhar, sem aprender ofício nem letras, e estar em casa de sua santíssima Mãe e de José carpinteiro, pobres — e muitas vezes o chamariam ocioso, inútil, e que sendo já homem, comia do suor da sua mãe, sem a ajudar a ganhar o pão; e diriam sobre isso muitas coisas à Senhora santíssima, a São José e a Ele, com desprezo da sua pessoa.

E porventura muitos embirrariam com Ele e desprezariam o seu recolhimento e modéstia, porque não vivia como os outros, nem tratava dos negócios comuns da gente: e chamar-lhe-iam muitos nomes, e perder-lhe-iam todo o respeito. Tudo isto costumava haver entre o povo com quem Cristo convivia; e tudo se pode supor que Ele quis padecer por nós, pois nunca costumou dispensar-se de nada que lhe pudesse dar sofrimento.

Tudo isto o Senhor poderia ter evitado se tivesse tomado a vida do deserto, como São João Baptista. Mas como poucos são capazes da vida solitária, e a maior parte da gente que se salva vive em convivência e companhia dos outros homens, no meio do tumulto, nela tinha nosso Senhor mais matéria de sofrimento e paciência do que na quietude da vida solitária. Deixou o regime da vida do eremita ao seu divino espírito, que a seu tempo a ensinasse e guiasse aos que Ele arrebatasse e tirasse do tumulto do mundo, e contentou-se com a aprovar e dar exemplo dela durante quarenta dias; e tomou a vida comum para dar exemplo mais geral a todos, pois o Pai eterno no-lo tinha dado como mestre e espelho da reforma dos nossos males, e para que tivesse mais por onde satisfazer a pena deles, padecendo.

Três coisas principais, entre muitas outras, me parece que o Senhor quis ensinar ao viver trinta anos entre o povo comum: Primeira, como devemos tratar com as pessoas. Segunda, como devemos sofrer. Terceira, quão pouco nos devemos governar segundo a opinião delas.

Quanto ao modo de viver entre as pessoas, temos algumas regras gerais na Sagrada Escritura. Cristo nosso Senhor disse que há de ser de tal maneira que, aos olhos dos homens, o bom exemplo da observância da lei de Deus resplandeça de modo que as pessoas deem glória a Deus. E, a meu ver, dar glória a Deus neste lugar não é louvá-lo com a boca, mas sim que as obras mostrem a honra de tão grande Senhor, que só se serve de gente irrepreensível. Nisto se declara a obrigação que o cristão tem de viver bem diante de todos, da qual nenhuma lei pode dispensar, nem o costume, nem a honra, nem o estado — e Deus não aceitará qualquer desculpa, por mais justificada que pareça.

E ainda que o cristão deva ocultar as virtudes particulares em que se exercita, e os dons espirituais de Deus que interiormente recebe, todavia, a boa vida — que consiste em observar as obrigações cristãs do seu estado ou

ofício, e as leis de Deus e da Santa Igreja, e em evitar os pecados contra elas — é de tal modo obrigatoriamente pública que Deus não se satisfará com que seja guardada apenas em segredo. Por isso, vivem em grande erro os cortesãos e seculares que, querendo evitar os pecados mas envergonhados que isso se perceba, chegam ao ponto de fingir em público os mesmos pecados dos quais secretamente fogem. Porque, além de favorecerem assim os males que o mundo aprova e Deus condena, pesam sobre si a ameaça do Senhor que disse: «Quem se envergonhar de mim diante do mundo, também eu me envergonharei dele diante do meu Pai eterno.»

E com razão: porque, já que Cristo há de glorificar os seus publicamente no dia do juízo, também quer ser por eles glorificado diante dos olhos do mundo. Além disso, a obrigação de dar bom exemplo cristão ao próximo não se cumpre com o que está no coração, mas com aquilo que os outros vêem exteriormente. E àqueles que não cumprem esta obrigação, Cristo chamou escandalosos e desgraçados, dizendo que melhor lhes fora serem lançados ao mar com uma mó ao pescoço do que levarem o peso da culpa de não terem dado bom exemplo.

Declara também o Senhor nesta palavra que a intenção de dar bom exemplo ao próximo não deve ser a de ganhar crédito ou estima pessoal, mas sim a de honrar a Deus com a obediência e dar ocasião a outros para que o sirvam. É verdade que a virtude merece louvor, e todo o cristão é obrigado a louvá-la onde a vê; mas muito mais merece Deus que o seu servo virtuoso reconheça, de coração, que todo o louvor só a Ele se deve, pois é o autor de todas as nossas obras.

«Sem mim nada podeis fazer», disse Ele, e «não podeis dar fruto de boas obras se não estiverdes em mim, como o ramo na videira». A qual, embora rude, recebe o mérito da frescura, beleza, fertilidade e sabor do fruto da videira; e estar separada dela faz com que não sirva senão para o fogo. Assim, para o fogo servimos quando estamos sem a graça de Deus, que em nós realiza todas as obras de virtude. E quando as fazemos, não a nós, mas àquele que as faz em nós se deve todo o mérito.

Outra regra nos deu São Paulo para viver entre os outros: «Não devais nada a ninguém, senão o amor; porque nele se encerra toda a observância

da lei e nele cumprimos todas as obrigações que temos para com o próximo.» Ensina São Paulo, nesta regra, a meu ver, o modo de viver livre e sem dívidas entre as pessoas. E esse modo consiste não em usar a liberdade para fazer o que se quer sem consideração pelos que convivem connosco e nos observam, mas sim em fazer sempre o que se deve. Porque aquele que faz o que quer mostra que não estima nem respeita as pessoas com quem convive; e assim, como nisso se carrega de ofensas para com o próximo, assim também se obriga a pagar muitas dívidas — e a vida que parece mais livre, torna-se mais cativa e inquieta.

Com isto se compreende também o critério que se deve seguir no fazer e no receber amizades entre os próximos. E que, ao fazer, não falte o que com razão se pode esperar de nós; e, ao receber, haja tal moderação que nunca fiquemos obrigados a fazer pelos amigos aquilo que não devemos. Cumpridas estas obrigações com discrição, podem os vínculos da caridade e do amor ao próximo ter um limite: e esse limite deve ser tal que nunca cesse de crescer nem de permanecer tão vivo que alguma vez se pense que estamos desobrigados dele.

Resumindo, pois, em poucas palavras o modo de viver entre as pessoas de forma santa e cristã, conforme a estas regras e ao exemplo que Cristo nosso Senhor nos deixou, parece-me que o fundamento está todo no cristão guardar a lei de Deus — tanto por ser esta a maior de todas as obrigações da vida, que nenhuma outra pode contrariar. E nesta guarda é tão livre, que, justamente, a todos — superiores, iguais, inferiores, amigos ou inimigos — negará tudo quanto lhe peçam contra esta lei, sem lhes ficar devendo nada de justo.

Com isso entenda também que não nasceu para si, mas para os outros; e ainda que não possa pretender contentar senão a Deus, todavia, não tem licença para descontentar, com ofensa ou escândalo, o seu próximo.

Para acertar nestas duas coisas, aconselharia a todo o cristão que tivesse feito um firme e determinado propósito consigo mesmo e com Deus de fazer todo o bem que puder a qualquer tipo de pessoa, sem outro motivo senão por amor de Deus; e, ainda que a capacidade para isso seja curta e fraca, que a vontade e as suas manifestações sejam amplíssimas. E que se esforce sempre, em todas as situações que se apresentem, por encontrar

razões para agir, em vez de desculpas para se escusar do que lhe pedem. Nisso se assemelhará muito à natureza de Deus e parecerá obra das mãos do seu Criador. Porque o homem que não é útil a todos e para tudo, não se parece com o seu Autor, que é a fonte de todo o bem.

Acrescente-se a isto que se avalie o mal que se faz, não pela pessoa a quem se faz, mas pelo dano que causa à própria alma ao cometê-lo, e pela fealdade do próprio mal, para que em toda parte o considere como mal, o evite e fuja dele por ser mau, e não por ofender alguém. Em suma, que para todos seja tal como gostaria que tudo fosse para si mesmo.

É assim que se admira o nosso Santo Padre Agostinho de tão grande desatino como o que acontece entre os homens: que, não tolerando nada de mau, só a si mesmos querem maus. A vida, a honra, os bens, os amigos, o cavalo, a roupa, a comida, até a limpeza da casa — queremos tudo bom: só a nós nos permitimos ser maus. «Que fizeste de ti, ó homem — diz Santo Agostinho — que não queres ser nem como o teu remendo, nem como a sola do teu sapato?»

Por isso, já que queremos que tudo seja bom — e só é bom quando é útil — creio que nada se ajusta melhor à vida e à convivência com os outros do que trabalhar por ser, na vontade, no caráter, nas palavras e nas obras, útil para todos: fazendo diferença, não entre pessoas, mas entre necessidades. Com esta bondade e amizade geral, deve haver também uma escolha muito criteriosa dos amigos para a familiaridade, e ainda mais para os conselheiros e para os que guardam os segredos.

Para os familiares, São Paulo deu uma regra: que nem comamos nem convivamos com pessoas de maus costumes, ainda que sejam cristãs — como são os vaidosos, os dados a apetites desonestos, os mentirosos, trapaceiros, briguentos, inclinados ao mal, linguareiros e sem discrição, e outros semelhantes. A convivência com este tipo de pessoas não se deve evitar por desprezo por elas, nem por vaidade própria, o que seria soberba e falta de consciência da fraqueza humana; mas sim para não favorecer os seus vícios nem descredibilizar a virtude e a boa vida que somos obrigados a manter.

A essas pessoas deve-se dar entrada apenas para lhes fazer todo o bem possível, mas deve-se evitar a sua convivência, para não se adotar nem aprovar os seus costumes.

Não falo aqui daqueles que têm o dever do ofício ou um especial chamamento de Deus para ajudar os mal acostumados a mudar de vida. Porque esses, guiando-se pela caridade, saberão quando e como devem lidar com esse tipo de gente para o seu bem. Assim, a familiaridade deve ser com pessoas cuja convivência não prejudique a fama nem a virtude, e das quais o próximo não possa receber escândalo justo. E, se possível, com pessoas que tenham os mesmos propósitos de virtude. Porque, ao se conformarem nos costumes e no espírito, muito se ajudarão, edificarão e incentivarão à maior santidade.

E, quando não se encontrar quem ajude a crescer mais na virtude, melhor é ter afabilidade geral com todos e nenhuma familiaridade particular com ninguém.

Mas os conselheiros devem ser ainda mais criteriosamente escolhidos, e devem ser tais que sempre possam aconselhar o melhor, e que, nem por lisonja nem por interesses pessoais, deixem de dizer a verdade; e que haja prova de que sabem guardar segredo, e que têm amizade verdadeira, daquelas que tomam como próprios os bens e os males dos amigos, e costumam dar de si tal exemplo, que possam, com a sua boa vida, justificar e dar crédito aos seus conselhos.

E como na vida comum entre as pessoas há muitos motivos para o mal e muitos para exercitar o bem, aqueles que querem sair com proveito devem empenhar-se seriamente na reforma de si mesmos e na pureza das suas almas. Pois, se cumprirem este dever e por ele regularem os seus comportamentos, não lhes faltará luz nem graça divina para acertar em tudo. Devem guardar-se de uma tentação muito comum: muitos, vendo no tumulto e no convívio com as pessoas um grande obstáculo ao exercício das virtudes (como às vezes é), adiam esse esforço para um tempo futuro, em que possam ter mais sossego e isolamento. Mas isto é um engano, que a natureza humana utiliza para evitar submeter-se ao jugo das virtudes. Por isso, a experiência mostra que quem não se esforça por ser santo em todo o lado, em parte alguma o será. Por isso, nas ocasiões agitadas, deve o cristão

preocupar-se muito com o progresso da sua alma, se quer saber aproveitar-se, depois, do tempo de recolhimento. E como de todo o tempo teremos de dar contas a Deus, em todas as mudanças da vida devemos estar preparados para dar boa conta dele.

De tudo isto nos deu exemplo Cristo, nosso Senhor, vivendo entre o povo. Porque o seu principal cuidado foi sempre cumprir, em tudo, a Lei e a vontade do seu eterno Pai, e viveu diante de todos com tal pureza que pôde submeter a sua vida ao julgamento dos inimigos, dizendo-lhes: «Quem de vós me pode acusar de culpa ou pecado?» E assim, a coisa mais admirável que houve neste mundo, depois de criado, foi a incomparável modéstia, brandura, serenidade, recolhimento dos sentidos e perfeitíssimos sinais de santidade, que se viam exteriormente na pessoa do Filho de Deus feito homem, no meio do povo, da gente mais distraída do mundo. E este é um dos mais poderosos exemplos e espelhos que os servos de Deus podem ter para a reforma dos seus sentidos: lembrar-se sempre de como o Senhor os traria, e mais ainda, de como teria a alma ocupada e como exercitaria todas as virtudes entre um povo que nem o sabia estimar, nem imitar. E quem mais adaptar o seu modo de vida àquilo que a sua fé e meditação lhe ensinam sobre este Senhor, mais o agradará e receberá d'Ele influências divinas e graça para acertar em tudo. Porque é própria das obras de Deus a natureza de iluminar, ordenar, fortalecer e dar vigor às nossas.

Ensinou também nosso Senhor como devemos suportar as pessoas entre as quais vivemos, pois está escrito dele que nunca seria triste nem pesado, nem causaria escândalo nem alvoroço no meio do povo. Ouvia e via muitas coisas que o entristeciam e magoavam com o seu mal, mas calava e sofria, até chegar o tempo e a hora de as remediar. Calar e sofrer é a virtude mais universal para viver sem culpa entre as pessoas, e sem esta virtude não é possível ter paz na alma. É especialmente necessária a quem convive com pessoas de diferentes ofícios, temperamentos e intenções, pois a maioria das pessoas não suporta repreensão, irrita-se com qualquer contrariedade, e não percebe que o que lhes agrada pode ser penoso para outros, e acham pesado tudo o que as contraria. E, para quem entende isto, um dos mais difíceis martírios da vida é ver continuamente e disfarçar o que justamente o desagrada e desaprova. Este sofrimento é ainda maior para os que se dedicam à vida espiritual no meio do povo. Porque Deus separa-os mais dos

costumes, gostos e modos da convivência geral, o que dá lugar a serem escarnecidos, desprezados e muitas vezes perseguidos. É uma grande prova para os servos de Deus, pois o demónio, para os quebrar e cansar, incita os que com eles convivem a contrariá-los, a pôr-lhes nomes, a troçar de tudo o que neles vêem.

É necessário que estes peçam continuamente ao Senhor luz, para nunca perderem de vista as verdades interiores, e que se armem de paciência perpétua para não abandonarem a verdade que Deus lhes inspira interiormente. Para manterem a paciência e a perseverança no bem, devem ter em conta algumas recomendações. Primeiro, peçam ao Senhor (porque isto é dom do Céu) que lhes dê um conhecimento tão verdadeiro e humilde de si mesmos, que realmente se considerem piores que todos os pecadores, e que todas as criaturas tenham razão para os desprezar e castigar pelas ofensas feitas a Deus. Esforcem-se por conhecer e agradecer a Deus o quanto mais lhe devem do que os outros, pelas boas inclinações e vontade que Ele lhes deu para o servir, e por outras graças que lhes concedeu e negou aos outros. Tenham por certo que estão mais obrigados que qualquer outra criatura a suportar todos, e não a serem suportados por ninguém; porque é na paciência que se ganha o Céu, e os próprios males, quando são suportados com os outros, lançam raízes mais profundas e tornam-se incuráveis; mas quando se suportam os outros, arrancam-se da alma. Estejam convencidos de que só da graça de Deus depende o remédio para as diferentes disposições e acontecimentos que os desagradam, para não se perturbarem, e assim negociarão com Deus os bens que desejam para os próximos, com caritativa compaixão dos seus males. Resumam-se naquela verdade que diz o profeta Isaías: «Se voltardes para mim e descansardes em silêncio e esperança, será a vossa força.» Porque calar e sofrer é a arma mais poderosa para tudo, e onde ela falta, não pode haver vida tranquila. E se virem que, mesmo entendendo estas verdades, têm nelas muitas imperfeições, aprendam daí a suportar os outros. Porque não devem pensar que podem corrigir e mudar os outros, se nem a si próprios conseguem aperfeiçoar.

A terceira coisa que o Senhor nos ensina é quão pouco nos devemos reger pelo mundo e pelas pessoas com quem vivemos, se elas não têm todo o seu empenho em agradar apenas a Deus. O cristão funda-se naquela regra

de São Paulo: «Se ainda quisesse agradar aos homens, não seria servo de Deus.» E isso dizia, dizendo também noutro lugar que se fazia tudo para todos, para ganhar todos para Deus. Por isso, ajudar todos, suportar todos, ganhar todos para Deus, deve ser o exercício do cristão, de forma que nada seja suficiente para o desviar da verdadeira virtude que Cristo nos ensinou e que o mundo reprova. Isto não é fácil de fazer entre o povo, porque é tão poderosa a tentação do que o comum das pessoas — grandes e pequenos — aprova e segue, e o que vemos fazer aos parentes, amigos, companheiros e vizinhos com quem convivemos a toda a hora, que isso arrasta facilmente um coração fraco. Esta é a tentação que normalmente derruba a maior parte das pessoas virtuosas, porque rara é a virtude que quer desagradar a todos, ter todos contra si, e fazer diante dos seus olhos o contrário do que eles fazem e gostam, só para agradar a Deus.

Mas Deus estima tanto aqueles que, na vida, vão contra o que todos aprovam, quando isso é contrário à pureza da sua doutrina, que o profeta David, ao exaltar quão grande é a doçura e suavidade interior que Deus tem escondida para comunicar em segredo aos que o amam com pureza, diz que Deus comunica a perfeição dessa suavidade àqueles que esperam nele diante dos olhos dos homens — ou seja, àqueles que nenhum parecer humano desvia da verdade que interiormente conhecem. E com razão, pois quem está tão desapegado dos olhares humanos que vê sempre que, por nada, deve perder o respeito e a reverência a Deus, que não vê, tem perfeita disposição para tudo o que Deus lhe quiser dar. E como isso não se consegue sem passar por muitos desprezos, conflitos e contrariedades dos homens, Deus recompensa com o melhor dos seus suaves gostos, para que vejam quão bem empregam n’Ele tudo o que são e têm.

Assim, Jeremias, na carta que escreveu aos cativos na Babilónia, avisou da parte de Deus que, quando vissem os deuses falsos adorados e venerados pelos reis, levados aos ombros com festas e aclamações gerais, dissessem nos seus corações: «Tu só, Senhor, és quem deve ser adorado»; e que não se deixassem enganar pelo que todos estimavam. O cristão nunca se deve reger pelo que os outros dizem, pois isso é o maior engano da vida. Mas que não haja nada que justamente e santamente se possa dizer contra ele. E, da sua parte, fazendo o que deve, feche os ouvidos a tudo o mais. Esteja preparado para contrariar os mais poderosos, os mais sábios, os mais nobres

e prudentes do mundo, com a sua vida, nas coisas em que eles se afastarem da perfeição da vida evangélica. Não conseguirá fazer isto se tiver nos homens a sua esperança ou ambição. Mas se o seu único desejo for agradar a Deus e procurar a sua honra e glória, tenha no seu coração como indigna de crédito toda autoridade ou grandeza humana que não favoreça a doutrina do espírito. Não ligue ao que se costuma dizer àqueles que seguem a virtude: «Como podem pensar que só eles acertam, e todo o mundo erra?» Podem ter por certo que todos erram, se não seguem o que Cristo ensinou e o que leva ao puro amor de Deus. E não se diga com verdade que só eles acertam, porque acertam com o nosso divino Mestre Jesus, com o sagrado colégio apostólico, com o inflamado exército dos mártires, e com as santas legiões de todos os santos — com os quais os que não acertam, erram por completo.

Não excluo desta obrigação os que vivem em religião e devem seguir a vida comum; pois nem por estarem todos nos mosteiros religiosos, e terem o nome e o estatuto de servos de Deus, devem ser acreditados, seguidos e imitados, se não cumprem com a obrigação da santidade do seu estado. E porque tudo o que acima dissemos é tanto mais necessário na vida dos mosteiros, quanto mais contínua é a convivência entre uns e outros, a todos eles aconselho com toda a segurança que, conservando a obediência aos superiores, o contínuo e geral sofrimento em tudo e com todos, e a mansidão e humildade de costumes, se distingam na observância da regra e dos bons costumes, ainda que estes sejam quebrados pelos superiores ou por quem tenha mais autoridade. E para viver em paz na vida comum dos mosteiros, daria estas regras a quem as quiser seguir:

1. Nunca bajular os prelados, nem lhes desobedecer — o primeiro, para não abater o ânimo de um pobre homem dedicado a Deus; o segundo, para honrar a Deus, a quem o prelado representa.

2. Nunca manter familiaridade com quem possa distrair os pensamentos e a tranquilidade da alma.

3. Não pretender na Ordem outra coisa senão a paz do coração e a pureza da alma.

4. Nunca fazer mais pelos amigos do que pelos inimigos; pois ter alguém por inimigo, mesmo que o seja, dentro da casa de Deus, é o começo de desuniões e inquietações.

5. Ter afeição pelos mais desprezados e humildes, e ter-lhes uma santa inveja; porque quanto menos vistos são pelos outros, com mais pureza e desapego podem elevar os olhos a Deus. Estes têm na religião o grau e o lugar que o Filho de Deus tomou na terra, e recebem tanto mais favores da sua divina companhia quanto menos pensamentos têm em relação às coisas elevadas da terra.

6. Nunca dar importância aos de maior autoridade, senão para acreditar mais na virtude. Tudo o que se faz na Ordem, ou o que se pode fazer por meio da pessoa, da gravidade ou da autoridade, deve ser tido como se fosse o mais baixo ofício dela; porque quem se considera honrado pela dignidade e desprezado pelo ofício humilde, perde o estado de religioso.

7. Ser livre para seguir a pureza da virtude com mansidão e silêncio, ainda que geralmente seja esquecida ou ridicularizada por todos.

8. Estar preparado para os trabalhos e perseguições que isto há de custar. Este é um género de cruz que muito dói e magoa, não só por ser contínua e doméstica, mas porque, com o título de servos de Deus, e com gente tida por santa, com aparência de zelo, a virtude é contrariada.

9. Quando vir que lhe atribuem o que nunca pensou, e que atribuem ao pior motivo o bem que faz, e que julgam por hipocrisia aquilo que não faz, por não fazer o que os outros relaxados ou distraídos fazem, exercite o coração em recomendar ao Senhor os que mais o combatem, e peça-lhe que a todos dê a sua luz e espírito. E com silêncio, sofrimento e perseverança vença, desprezando-se a si mesmo, pois é tão mau, que precisa para se salvar de mais graças de Deus, e mais trabalhos e rigor do que os outros — e até que os servos de Deus o persigam.

10. Esforce-se por manter sempre o desejo de sofrer cruzes, considerando-se indigníssimo delas, e pedindo ao Senhor que lhe conceda sempre ver a verdade e importância deste caminho, que é, na religião, o melhor e mais seguro. A todos faça o bem que puder, como a seus senhores,

mas não espere de ninguém agradecimento, nem prémio, nem louvor, nem abandone o bem que faz por ser maltratado.

11. Em suma, trate muito da sua reforma interior, mesmo que veja tudo relaxado, e pense que veio à Ordem só para ser servo de todos, sofrer a todos, não ser visto nem suportado por ninguém, e para viver apenas com Deus na sua companhia. E com isso, quando o agravarem, não se queixará, pois fará conta de que os senhores têm licença para fazer aos seus servos o que quiserem.

Com estes avisos tão cristãos, todos os que não ajudarem neste caminho, como mundanos em trajes religiosos, devem ser evitados.

Exercício que o Senhor fez no meio do povo sofrendo trinta anos.

Mestre divino das verdades eternas, e pastor piedosíssimo das ovelhas errantes, bom Jesus, Senhor, e reparador de todas as minhas perdas: que amor é este que assim vos prende aos homens, que nem os nossos males — que tanto aborreceis — são capazes de vos afastar de nós? Criastes o Céu povoado de Anjos, que continuamente vos louvam, ardem no vosso amor, vos adoram e servem, e descestes do Céu à terra para viver trinta anos entre quem não vos conhece, nem ama, nem serve, convivendo com gente distraída e pecadora, onde nunca vedes senão pecados e ofensas vossas!

Quem vos mudou, meu Deus, daquilo que antes costumáveis fazer com os homens? Viestes ver Adão pecador no Paraíso para o dele expulsar; viestes ouvir os gritos que chegavam aos vossos divinos ouvidos dos pecadores de Sodoma e Gomorra, e destruístes aquelas cidades. Quando caminháveis com o vosso povo pelo deserto, Moisés tinha o trabalho de apaziguar a vossa ira, para que não os destruísseis pelos seus pecados — e, ao fim, morreram quase todos no deserto, sem verem a Terra Prometida que lhes tínheis prometido.

Agora Vós, o mesmo Deus eterno e infinito, vindes viver entre os homens, ver de perto os seus pecados, e conviver com eles nas suas casas e ruas, onde nem vos respeitam, nem deixam os seus males pela vossa companhia — e Vós sofreis com eles, e com eles viveis. Acaso os nossos

males clamam hoje menos a Vós do que os dos antigos? Aborreceis porventura menos os nossos pecados do que os deles? Ou amais-nos mais do que a eles?

Na verdade, meu Deus, David disse bem: que cobriste os nossos pecados, abrandaste toda a tua ira, e afastaste de ti a habitual indignação. Todo o rigor da vossa cólera a fizestes recair sobre Vós mesmo, para nos livrar, e destes-nos a vossa presença para que não nos destruísse a vossa ira. Oh, que gritos dava o vosso divino coração ao Pai eterno, por cada pecado que víeis e ouviais! Por muito que os pecados clamassem contra os pecadores, os rogos de misericórdia chegavam primeiro ao vosso divino peito e ouvidos, e eram mais escutados, e travavam a mão da vossa ira. Disfarçáveis com todos, compadecíeis-vos de todos, sofríeis as importunações e desatinos de todos, doíam-vos os males de todos, sentíeis as ofensas de todos; e andáveis como luz divina entre as trevas, não reconhecido; pai de todos, não amado; Deus de todos, não venerado; riqueza de todos, não estimado; bem-aventurança de todos, desprezado; pastor de todos, não seguido; e sendo todo o bem de todos, não visto, nem ouvido.

Oh, quem vos acompanhara! Quem convivera convosco! Quem vos vira e ouvira durante esses trinta anos! Para mim, vida da minha alma, para mim vos acostumastes nesses anos: sois ainda agora o mesmo. Ainda me vedes, ainda me sofreis, ainda estais perto de mim e dentro desta alma me falais, e dissimulais comigo, para ver se vos vejo, se vos entendo, se ponho os olhos em Vós para vos amar e servir. Não sejais em mim, meu Deus, luz em trevas, mas iluminai-me por completo com o vosso esplendor.

Se eu soubesse desejar as vossas grandes misericórdias, e ousasse pedi-las conforme à majestade de quem sois, até onde poderia eu ir senão a desejar ser um dos menores da vossa casa (como David), nunca sair da vossa porta, para que, quando passásseis, eu pudesse beijar o chão que pisásseis? Este vosso profeta dizia com verdade que valia mais um só dia desses, do que milhares de dias de vida. E Vós, soberano Senhor, glória e riqueza divina e infinita, tendes isso por pouco e vindes em pessoa cada dia a mim, à minha casa, entre nós habitais, aqui vos encontro sempre que vos procuro. Até hoje nunca quisestes deixar a minha companhia, e para não

vos apartardes de mim, fazeis de conta que não vedes os meus males, porque esperais consumir todos eles, se eu puser os olhos em Vós, vos amar e conviver convosco.

Oh meu divino amante, arrebatai todos os meus sentidos e desejos para Vós. Que mais posso querer? Que mais me podeis dar? Vós, meu Deus, não tendes de vosso mais do que a Vós mesmo, e não há maior bem do que possuir-vos — e tudo isso me dais! Onde estou eu, quando quero outra coisa? Que foi feito de mim, que não vos vejo? Onde se perdeu o sentido, que já não vos sinto? Ah, minha luz, iluminai-me; meu divino pastor, falai-me: que eu ouça a vossa voz, a reconheça, e nenhuma outra voz me atraia senão a vossa.

Porque estarei tão pobre, tendo-vos tão perto? Tão afastado de Vós, estando tudo tão próximo de mim? Ah, Senhor, Vós vedes os impedimentos que há em mim; conheceis o que me falta; sentis o que perco. Gritem a Vós as minhas necessidades, e compadecei-vos delas; e já que aqui vos tenho, lançai sobre elas os olhos de misericórdia e remediai-as, para que não viva tanto tempo convosco sem Vós — mas que todo o meu interior vos abrace, que vos ouça, que por Vós caminhe, que só a Vós deseje, e convosco se contente.

A Vós, meu Deus, confessarei os meus males, para que os vejais e os cureis, como desejais. Fazei que eu os sinta verdadeiramente e fuja deles, para que me perdoeis com misericórdia. Expulsastes-me justamente do Céu, para que aqui o merecesse, e esse é o principal cuidado ao qual me obrigastes, e do qual me pedireis uma conta mais estreita. E eu faço deste vale de misérias um Céu; nele ocupo todo o meu interior e exterior, esquecendo-me de Vós.

Todo o meu cuidado é agradar aos homens com quem convivo; sinto o seu desagrado como se fossem os meus deuses; estimo os seus louvores como se fossem eles os premiadores das minhas obras. Inquieta-me desagradá-los, sinto-me satisfeito quando os vejo contentes. Envergonho-me de me parecer conVosco, sendo humilde, paciente, calado, sofredor, desprezado por eles; sigo aquilo que eles aprovam, mesmo que seja contra Vós; e, para me adaptar a eles, rompo com o serviço que Vos devo, abandono aquilo que entendo ser conforme à Vossa puríssima doutrina.

Oh misericórdia divina, suportai, porque sois divina, este desrespeito que cada dia Vos faço. Vós bem sabeis quanto mais me importa aquilo que os homens dizem de mim, do que aquilo que a Vossa grandeza deseja de mim. Julgo que sou grande quando me estimam muito, mesmo que Vós me desprezeis; considero-me humilhado se me desprezam, mesmo que Vós me acolheis a Vós. Se vejo outros mais favorecidos e elogiados por eles, desanimo-me e perverto, por causa dos homens, toda a verdade, toda a perfeição da virtude, toda a igualdade e inteireza.

Faço com prontidão e zelo as obras que eles hão de ver, para que não as desaprovem, e entristece-me não os satisfazer como desejo. Suporto o trabalho da virtude quando sou observado por eles. E aquilo que faço diante dos Vossos sapientíssimos olhos está cheio de tibieza; contento-me com qualquer pouca eficácia que ponho nas obras. E, vendo que são tão fracas que justamente as rejeitaríeis, fico satisfeito, e não me importo com o quanto Vos devo.

Que tenho eu nos homens, Deus da minha alma? Deles não tenho senão a companhia de mortais, miseráveis e decaídos, fracos de juízo, mal inclinados nos pareceres, cegos na estima da verdade, enganadores na aprovação do bem e na reprovação do mal; julgam pelo que lhes parece, e em tudo navegam como terrenos. São prontos para ajudar o mal, ligeiríssimos para condenar o bem; fazem praça de vícios, cometem todos os males, perseguem todos os justos, vivem em perpétuas inquietações.

Os que são soberanos não têm mais ser, nem menos misérias do que os outros; e em todos reina a malícia e a miséria. Pois, meu Deus, que quero eu, ou que posso esperar deles? Hei de ser julgado pelo que Vós vedes em mim, que sois justo avaliador da verdade do que há em mim, e os homens de nenhuma coisa menos tratam do que da verdade, e só olham o que vêem por fora. E por causa deles me perco e Vos abandono. Livrai-me, meu Deus, dos olhos dos homens. Não sei como (mas Vós o sabeis), são olhos de basilisco, que tudo quanto vêem matam com a sua peçonha. Que espero, quando ponho neles a minha esperança? São gente que nem o que podem fazem, e quando podem alguma coisa, falham no melhor.

E, por fim, quando me vejo por eles desconsolado, atribulado, ingrato pelo que faço por eles, perseguido e rejeitado, nenhuma outra colheita tenho

senão a Vós, meu consolador paternal e remediador. Pois porque não sois Vós o primeiro e o último em todas as minhas coisas?

Oh bom Jesus, não sei confessar quanto mal há nesta Vossa miserável criatura nesta parte. Sei que me vejo roubado e desbaratado pelo vento e pela vaidade, e que de tudo quanto trago diante dos olhos, por onde me governo, nada tiro que me fique, nem de que possa cuidar que sou melhor ou mais aproveitado, e de que não possa, com justa razão, chorar a minha miséria.

Dou-Vos infinitas graças, porque quisestes que assim fosse, e que eu não pudesse ser rico senão de bens verdadeiros e eternos. Pois, Senhor, afastai os meus olhos da vaidade, livrai-me destes ladrões do meu bem; dai-me fortaleza para que os ventos que dos homens me combatem não me afoguem. E, pois que não são mais que ventos, abri Vós, com a Vossa luz, os meus olhos, para que não os considere de outro modo, para que o meu coração não se afaste de Vós, minha eterna riqueza e suma verdade, por causa da mentira da terra, pobreza e vaidade.

Mas, Senhor meu, Vós me obrigastes ao amor destes homens, a quem não quereis que eu siga nem imite, senão somente a Vós. Vós vedes a pequenez do meu juízo e a minha fraqueza para corresponder a tamanhas obrigações. Ensinai-me, meu divino Mestre, pois quisestes ser nosso mestre e para isso viestes do Céu às nossas pobres moradas.

Eu quero, meu Deus, sofrer todos, ser desprezado por todos, andar debaixo dos pés de todos, servir a todos e ser por todos desagradecido, se assim o ordenardes. Estou pronto para sofrer que todos sejam contra mim, se assim o permitirdes. Alargai, Senhor meu, este coração, para que todos nele caibam com pura caridade Vossa. Ensinai-me a não antepor ninguém, nem a colocar alguém no Vosso lugar neste coração. Sede Vós o meu guia e o meu mestre em todas as coisas, para que a mudança delas nunca me engane.

Ensinai-me a preferir o desfavor humano ao favor, para que o meu coração não corra atrás dos homens e Vos abandone a Vós. Tirai dos meus olhos a cegueira e a névoa, para que as coisas da vida não me enganem, mas cada uma seja estimada conforme o que merece. Vós mandastes que não

tivéssemos medo dos que não podem fazer mais mal do que tirar a vida corporal, mas que se temesse a Vós, que podeis também tirar a vida da alma para sempre.

Mas, Senhor meu, dai-me Vós primeiro — para que eu possa cumprir isto — amor pela verdadeira vida e desprezo por esta miserável; dai-me primeiro que eu não tenha outra honra senão servir-Vos e agradar-Vos; reinai Vós primeiro no meu coração, para que, cheio e possuído de Vós, perca o medo de tudo.

Ensinai-me, meu Deus, a prezar-me por ser Vosso imitador, e a querer parecer-me somente conVosco. Que perco eu, quando com os homens perco o crédito, a honra e a fama, se for aceito por Vós e por Vós recebido? Tudo quanto os homens dão não pode consolar o interior da alma; Vós, em segredo, consolais, alegrais e encheis de suavidade e doçura incomparáveis.

Quando me verei por Vós visto, por Vós enriquecido, por Vós santificado, por Vós consolado neste exílio? Quão rico estaria, sendo deixado por todos, e quão contente, sendo desprezado pelos homens! Plantai, Senhor, em mim as virtudes que Vos agradam, para que ninguém possa escandalizar-se de mim com justiça ou tomar de mim ocasião para o mal. Dai-me largueza de coração para ajudar e servir a todos por amor de Vós. Mas que só em Vós ponha a minha esperança e o meu desejo, pois só a Vós o devo, e só em Vós está bem empregado.

Fechai, Senhor, a minha língua; fortalecei o meu coração, para que com silêncio e esperança em Vós, eu suporte todos e aguente todos os desgostos que me derem. Não permitais que veja os grandes da terra senão como vermes e pasto de bichos, como são, para que só Vós sejais o meu grande e soberano.

Tirai do meu entendimento toda a aparência das coisas que não Vos agradam, para que eu siga apenas a pura verdade de todas elas, e para que só Vós tenhais, no meu coração, o crédito e a estima que mereceis: acima de todo o grande, acima de todo o sábio, acima de todo o amigo e companheiro, acima de todo o santo da terra, para que nenhuma coisa me mova a descer daquilo que me inspirais, nem me leve a abandonar aquilo que me ensinais. E todos os encontros que, por Vos servir, eu tiver entre os

homens, Vós, meu Deus, que conheceis a minha fraqueza e pequenez, tomai-os no escudo da Vossa bondade para me amparardes e sustentardes, para que nada me derrube.

Ah, minha Verdade, ah, minha Guia e Caminho, ah, minha Vida: ensinai-me conVosco, guiai-me por Vós e fazei-me viver firme e para sempre em Vós

Ó espelho das eternas bondades, que, sendo visto no Céu, encheis de todos os bens e assegurais de todos os males — quão fácil vos será prender os olhos desta alma em Vós, para me livrardes de todos os males! Sei que é só porque me sustentais que vivo; porque me amparais, não sou destruído pelos meus inimigos; porque tendes cuidado de mim e me governais, não estou já perdido. Se tenho tudo isto em Vós, mesmo andando esquecido de Vós e distraído pelo mundo venenoso, o que não terei se todo o meu interior andar sempre ocupado convosco?

Reformai, Senhor, a intenção desta alma, para que queira unicamente agradar-vos. A quem devo este interior, senão a Vós? Quem me pode satisfazer, senão Vós? Ah, meu Deus e todas as minhas coisas, se Vós, que sois a luz divina, não nascerdes nesta alma, como poderá ela saber buscar-vos?

Mostrai-vos sempre, meu Deus, a este coração, para que, comendo, pensando, falando e em todas as ocupações e negócios, vos veja diante de si e viva na vossa presença com temor e reverência, desejando, com pureza, fazer em tudo aquilo que vos agrada.

Moisés não quis mover-se de um lugar até que lhe prometestes ir à frente do vosso povo, porque, depois de ter conversado familiarmente convosco durante quarenta dias, já não se atrevia a viver seguro sem a vossa companhia: viu então em Vós a sua miséria, a vossa grandeza, e quão nada era sem Vós. E eu, como poderei passar seguro pelos contínuos perigos da alma, se Vós não aparecerdes sempre diante dos meus olhos, para que vos siga e vá após Vós?

Se no Céu, para sempre, estarei absorvido em Vós e contente por vos ver, porque, meu Deus, não hei de já agora acrescentar estes poucos dias de

exílio àquela eternidade — e viver, desde já, só de Vós e para Vós? Não viestes ao mundo para conviver entre os homens, senão para que se apegassem a Vós como ao seu mestre e a todo o seu bem? Pois, Senhor, por esse amor vos peço: lançai mão de mim, levai-me após Vós, e que, vivendo entre os homens, eu vos encontre entre todos — como meu mestre, minha guia e todo o meu bem.

Aqui vos ofereço todo o meu cuidado e toda a minha intenção. Vós a purificai conforme ao desejo que me dais, de maneira que todo eu, por dentro e por fora, só para Vós olhe, a Vós agrade, a Vós ame, por Vós suspire e em Vós descanse.

Ó santíssima Mãe de Deus, que na terra, na companhia de Jesus, vivestes mais rica que todos os poderosos do mundo e mais o agradastes que todas as criaturas — acolhei-me na companhia deste Senhor, e alcançai-me que toda outra me aborreça e me pareça sem sabor. Ó Corte celestial, que sempre vedes este Senhor, e por isso estais cheios de toda a bem-aventurança — vós compreendeis quão perdido ando quando não sigo este Senhor. Alcançai-me d'Ele que me prenda com o seu amor e me cative com a sua formosura, até que, convosco, o possua plenamente para sempre. Amém

TRABALHO XV

Jejum e vida do ermo.

Cristo nosso Senhor viveu calado e como um homem comum, dando perfeitíssimos exemplos de toda a virtude no meio do povo, obedecendo a Nossa Senhora e a São José (como já dissemos), durante quase trinta anos. Tendo atingido essa idade (que era o tempo determinado para se manifestar mais claramente ao mundo com obras e doutrinas divinas), o Espírito Santo enviou São João para que saísse dos desertos e percorresse as terras dos judeus pregando a penitência, e para dar a conhecer Cristo nosso Senhor, verdadeiro Filho de Deus que lhes tinha sido prometido.

E porque São João nunca tinha visto Cristo nosso Senhor (pois o povo não podia dar testemunho de quem nunca tinha visto nem conhecido), deu-lhe o Espírito Santo como sinal para o reconhecer: veria com os seus próprios olhos o Espírito Santo descer sobre Ele em forma de pomba.

Enquanto São João pregava e batizava os pecadores no rio Jordão, Cristo nosso Redentor e Senhor veio também, entre os pecadores, pedir a São João que o batizasse. Já este Senhor trazia em si a carne do pecador Adão; já (como dissemos antes) tinha tomado outras vezes a forma e as penas dos pecados na Circuncisão e nas obras de penitência que praticou durante toda a sua vida. E, querendo parecer-se ainda mais connosco, ao ver-se rodeado de pecadores que se convertiam, logo se misturou com eles para santificar as águas nas quais se batizavam, de modo que, por essas águas, viessem a ser purificados os pecados dos filhos de Adão, que Ele tomou sobre si para os limpar.

Assim como na Circuncisão, com a sua carne, cortou todas as leis do pecado que estavam contra nós — herança da carne que recebemos de Adão —, também neste batismo santificou e consagrou as leis da graça e do Espírito Santo, que nas águas instituiu para o perdão desse pecado.

São João, ao ver Cristo nosso Senhor, logo o reconheceu antes mesmo de ver o sinal da pomba. Por isso parece que esse sinal lhe foi dado para

confirmar ao povo o testemunho que havia de dar, e não para si próprio. Nem podia a pureza daquela santíssima alma, e a admirável caridade em que ardia aquele perfeitíssimo amigo do divino Esposo, deixar de o reconhecer, por mais disfarçado que viesse. Porque é próprio da luz não se esconder dos olhos claros e abertos; e o puro amor, que desde a primeira hora santificou e possuíu a sua alma, sentiu logo, de ventre para ventre, a presença do seu amigo. E, ao vê-lo com os seus olhos, não o podia desconhecer.

Se os cordeiros e os animais, mesmo sem nenhum sinal distintivo, entre muitos da mesma espécie, cor e aparência, reconhecem as suas mães e nunca as trocam, e elas reconhecem os filhos — como poderia São João precisar de sinal para reconhecer, entre todo o mundo, aquele cujo espírito e amor era a única fonte da sua vida?

É privilégio do puro amor não desconhecer Deus em nenhuma figura, por mais imprópria que seja. E quem disto duvida, ame — e queixe-se, se o desconhecer.

O Baptista recusava-se a batizar o Senhor, querendo antes e desejando receber da sua mão essa graça, para ser cheio de todos os dons divinos, já que fora espiritualmente santificado no ventre da sua mãe. Parecia-lhe também que, tendo ele a obrigação e o ofício de dar a conhecer ao mundo que Cristo era o Filho de Deus, não convinha ajudá-lo antes a dar mostras de pecador. Mas, como o Senhor lhe disse que se calasse e o batizasse, porque por aquele modo convinha então dar exemplo de penitência, rendeu-se e batizou-o.

Porque os santos não seguem a sua própria opinião nas coisas em que pretendem servir e agradar a Deus, senão enquanto não têm conhecimento da vontade de Deus nelas; mas, logo que a entendem, ou pelo sucesso dos acontecimentos ou por outro sinal, deixam-Lhe a ordem das coisas e só tratam de segui-la, sem se intrometerem com os seus juízos.

Assim, São João deixou Cristo nosso Senhor levar por diante os sinais da sua humildade; e sobre esses sinais deu testemunho da sua divindade, e deixou que Ele se manifestasse ao mundo, vencesse e prevalecesse como quisesse.

Por isso, logo após o batizar, viu o Espírito Santo descer do Céu em forma de pomba e pousar sobre Cristo nosso Senhor. E disse ao povo que aquele era o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo, e o Filho de Deus. E o Pai Eterno confirmou o testemunho de São João, mandando logo uma voz do Céu que dizia: «Este é o meu Filho amado, no qual pus toda a minha complacência e satisfação» — declarando com isso que, mesmo sendo homem e tendo figura de pecador na terra, já estava satisfeito com Ele, e que não havia já entre Ele e os pecadores nenhuma separação daquelas que até então tinham feito divisão entre eles e o seu Deus.

Esse mesmo testemunho de que Cristo nosso Senhor era o Cordeiro e Filho de Deus, e do sinal da pomba que viu, deu-o o Baptista outras vezes — tanto na presença do mesmo Senhor, depois de Ele ter voltado do deserto, onde jejuou quarenta dias, como na sua ausência, quando os fariseus lhe perguntaram se era ele o Messias. Cumpriu o seu ofício com a vida, com a palavra e com a morte. E, para se humilhar do santo atrevimento que teve (por ordem do Senhor) de lançar água sobre a sua cabeça, declarava-se indigníssimo até de se lançar a seus pés e desatar-lhe a correia das sandálias; e persuadia a todos que não fizessem caso dele, porque era necessário que ele diminuísse e desaparecesse, e que só o Cordeiro de Deus crescesse.

Descoberto e declarado ao povo pelo testemunho de São João, pelo sinal da pomba e pela voz do Pai, quem era Cristo nosso Senhor, viu que era chegado o tempo de também Ele se manifestar ao mundo, ensinar a lei e a perfeição evangélica, confirmá-la com obras divinas, chamar a si os pecadores e padecer por eles. E não contente com os muitos anos que tinha chorado os nossos pecados, e gasto em ferventíssimas orações e muitos merecimentos por eles (que já era preparação mais que suficiente para o que ainda queria fazer), recolheu-se por quarenta dias ao deserto (como outro Moisés no monte com Deus) para negociar com seu Eterno Pai o fruto que desejava tirar da eficácia das suas obras, doutrina e paixão: a salvação das nossas almas.

E, embora o Espírito Santo – divino e seu – fosse sempre quem movia todas as suas obras e inseparavelmente o acompanhasse, os Evangelistas dizem particularmente que foi o Espírito quem o levou ao deserto para

jejuar e ser tentado: tanto pelos imensos e renovados ardores que o seu coração sentia ao ver chegada a hora das suas batalhas e de fazer o que tanto desejava, como para nos dar a entender a importância das coisas que se dispunha a fazer, no peso, ordem e conta com que as começava.

Dessa permanência do Senhor no deserto durante quarenta dias, os santos Evangelistas não dizem mais senão que jejuou, e o que se passou com o tentador no fim desses dias; São Lucas diz que durante todos eles não comeu, e São Marcos, que estava entre os animais selvagens e feras.

Deixa sempre a brevidade dos Evangelistas sagrados muito espaço e matéria para reflexão. Por isso, temos licença para imaginar o trabalho corporal que o Senhor sofreu na vida do ermo, sozinho, em tempo naturalmente áspero, como é o de Janeiro e Fevereiro, com ventos, chuvas, geadas, nevões, frio e lama, sem casa nem cabana onde se abrigasse. Muitas das noites amanheceria gelado de frio, com as roupas encharcadas da chuva; e de dia, se fizesse sol, não apanhava mais calor para se secar do que as ervas do campo. Se se deitava, a dureza da terra quebrantava-o; se andava, os espinhos e pedras magoavam-no; e, de toda a maneira, padecia aquele santíssimo corpo o que não merecia, nem pedia às suas criaturas que lhe dessem o alívio que todas por certo lhe dariam se Ele as soltasse.

No jejum, não creio que o Senhor o tenha passado sem muitas fomes e debilidades da natureza, por mais que o seu espírito estivesse ocupado em Deus; nem fez com Ele o que fizera com Moisés e Elias, que, por milagre divino, não sentiam estar sem comer durante outros quarenta dias. Mas, como o Senhor era amigo de padecer, sustentava a sua força natural apenas quanto bastava para suportar a ocupação da oração e do trabalho do ermo; mas sofria grandes fraquezas, debilidades e fome por viver em contínuo sofrimento. E no fim dos quarenta dias soltou-se a fome, que o atormentava como uma fome de estômago que quarenta dias não comera, bastante para o matar, se a sua divindade não sustentasse o seu corpo e o fortalecesse para padecer mais.

E assim, o milagre que em Moisés e Elias consistiu em não sentirem pena, em si próprio fez para sentir ainda maior por nós. Porque (como muitas vezes dizemos nesta obra) muitos dos trabalhos que o Senhor tomou sobre si, que outros homens padecem, Ele media-os pelas suas forças, cada

um em tamanho extremo, tão grande que acabaria com qualquer outro corpo, e Ele sustentava o seu para poder suportar tudo. Assim, cada dor o atormentava com todo o seu rigor, e nós, por cada uma, devíamos-lhe a morte, que naturalmente teria padecido em cada uma delas se não se tivesse conservado para morrer por outra forma muito mais cruel e espantosa.

Ter o Senhor a companhia de feras e bestas todos aqueles dias (que São Marcos não apontou sem grande consideração), parece-me que não é só para advertir-nos de como nenhuma coisa faltou ao Senhor fazer por nós, até acompanhar-se com os bichos e animais da terra, descendo do seio do Pai Eterno e da companhia e serviço dos Anjos; mas para lembrar uma nova dimensão do trabalho e pena em que o Senhor no deserto todos aqueles dias viveu. Esta é que o próprio Senhor terá provocado os animais ferozes a rodeá-lo e acompanhá-lo com mansidão doméstica, e, ao vê-los à sua volta, derreter-se-ia em lágrimas e dor, lembrando-se da brutalidade e ferocidade de muitas almas que, endurecidas na rudeza dos seus vícios e amor da terra, haviam de o desconhecer e fugir dele.

Não é esta uma consideração imprópria ao espírito e condição do Senhor. Porque lemos dele que se magoava e se entristecia, lembrando-se da ternura com que a galinha acolhe os seus pintainhos, e comparava-a com a dureza da gente judaica, que não se deixava acolher por sua misericórdia e suavidade com que os queria tratar. Parece-me que chamaria o Senhor leões, ursos, víboras e outros animais ferozes, e lhes poria a mão como a um manso cordeiro, e suspiraria o seu coração com lágrimas nos olhos por ver assim os homens, e doía-lhe, na medida do seu amor, pelos que se haviam de perder.

Esta é uma consideração geral que devemos ter em todos os trabalhos de Cristo nosso Senhor: para conhecermos quanto maior dor lhe causamos com os nossos pecados do que o rigor das próprias penas dos pecados.

Mas São Marcos juntou duas coisas numa só frase que muito comovem, dizendo: «Estava com as feras, e os Anjos serviam-no.» Entre estes dois extremos — a mansidão das feras com quem o Senhor estava, e o serviço que recebia dos Anjos — vejam os homens onde se encontram: se no corpo das alimárias ou no espírito dos Anjos. Por isso, é desgraçada a nossa sorte se ficarmos fora da companhia e serviço deste Senhor: indignos da

companhia dos Anjos, mais brutos e ignorantes do que os animais, e mais afastados de Jesus do que eles.

Como não sofreria muito o Senhor ao ver-se acompanhado das feras e servido pelos Anjos, enquanto se cansava a procurar os homens, que o desconhecem, e trabalhava em vão, indo com tanta pena atrás dos que lhe fogem? São Marcos provoca-nos a invejar os animais, que, com a companhia do seu Criador, esqueceram a sua ferocidade; e a imitar os Anjos, que, entre as feras, reconheceram o seu Deus e o serviram.

E porque ali não se encontrou nenhum homem — por quem tudo aquilo se fazia — padecia o Senhor essa mágoa, pois a eles mais do que a tudo desejava junto de si. Mas nem por isso fechou a entrada a ninguém na sua companhia: porque, sem dúvida, em todo o tempo, cada um tem lugar aberto para estar com este Senhor (que tanto nos deseja), quer como brutos, se abrandarmos a nossa dureza e ferocidade, quer como angélicos, se com pureza e amor o buscarmos. Pois o Senhor não se retirou para o deserto para fugir dos homens, mas para, com mais saudade deles, os tornar a procurar e acolher.

Dois ensinamentos muito proveitosos nos transmitem estes santíssimos exemplos do Senhor. Primeiro, vê-se claramente a importância da salvação da alma, que Cristo teve em tão alta conta que não só fez por ela o que vemos e sabemos, mas também não quis entrar em tão grande negócio sem antes, com muito jejum e oração, aplacar a justa indignação do seu Eterno Pai. E passou quarenta dias no deserto para lhe confiar as almas que queria redimir, e as doutrinas e obras que para isso determinava pôr em execução; e para pedir a sua bênção, ajuda e companhia para tão grande obra.

Ao Senhor nada lhe vinha em salvar-nos ou perder-nos; mas como tomou sobre si acudir à nossa perdição, entendeu com a sua sabedoria divina que era um negócio de tanto peso e importância que requeria todo o cuidado, esforço, diligência e virtude da sua parte. E porque neste ponto se resume todo o nosso bem ou mal, a nenhuma outra coisa — pequena ou grande — nos obrigou, senão na medida em que ajudasse à salvação da alma. E quis que esta fosse a medida de todas as outras obrigações: tanto que nunca será aceitável nada que prejudique a salvação da alma, e tudo o que a favoreça lhe agradará.

Por aqui devemos julgar o estado em que nos encontramos perante tão grande e tão importante obrigação, que quase sempre trazemos esquecida ou tratada como o negócio mais baixo da vida. Com razão dizia o Senhor, como justo avaliador deste assunto: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?» E contou acerca de um homem rico que chegou a tanta prosperidade temporal, que o maior trabalho que tinha era não saber onde guardar tudo o que possuía. Estando ele a fazer contas e planos sobre como juntar tudo, e convencido de que assim teria muitos anos para viver bem, sem pensar na alma, ouviu uma voz do Céu que lhe disse: «Insensato, esta noite morrerás; e o que juntaste, de quem será?» Assim acontece — diz Cristo — com aquele que põe o seu cuidado em acumular riquezas, e não no serviço de Deus.

Ó loucos Reis, ó loucos Doutores, ó loucos Monges, ó loucos Sacerdotes, ó loucos Pregadores, ó loucos Prelados, ó loucos Capitães e soldados, ó loucos Cavaleiros e peões, ó loucos nobres e plebeus, ó loucos ricos e pobres, ó loucos favorecidos dos Reis e os esquecidos, ó loucos favorecidos do mundo e abandonados, ó loucos mimados e ociosos, ó loucos negociantes e mercadores, ó loucos, por sentença do Céu, todos vós que, depois de gastardes a vida, as forças, os talentos e as ocupações dela, vos encontrais no fim com a alma perdida. De que vos serve tudo isso, se, no momento em que mais precisais da vida e das suas obras, vos encontrais tão loucos e tão vazios, que, acabado tudo, vos vedes com a alma perdida?

Sem dúvida, bem analisado o grandíssimo descuido com que se trata a salvação da alma na terra, é coisa que pode meter o maior medo a um coração cristão. Vejo São Paulo, confirmado na graça e com certeza da salvação, castigar o seu corpo com receio de se perder. Vejo Santo Agostinho, depois de iluminado por Deus, não querer gastar uma hora a responder a questões de uma das artes liberais, para não se distrair da ocupação com a alma. Vejo São Bartolomeu deixar-se esfolar; São Lourenço deixar-se assar; São Francisco que nem sequer suportava o cuidado de remendar os hábitos; São João Baptista fugir durante vinte e cinco anos de dizer uma palavra ociosa. Vejo os Apóstolos e Mártires despedaçados; grupos de Santos retirarem-se para os desertos; o espírito com que se fundaram os Mosteiros como santos cárceres para fugir do

mundo; e o imenso cuidado, os incansáveis trabalhos e o fervor com que todos estes trataram e asseguraram a sua salvação.

E, colocando ao lado disso o prazer com que as estradas da perdição e dos vícios estão cheias, com falsa confiança de salvação; o tempo tão mal gasto; o abandono dos sentidos; as invenções de passatempos; e que à salvação não se dá sequer as sobras do tempo, dos bens ou das ocupações — e que tudo o que se lhe dedica é tido por demasiado (por pouco, fraco, tardio, podre e rejeitado que seja, como de facto é quase tudo o que damos à salvação da alma) — não sei que outra saída dar senão que voltemos os olhos para o Senhor e lhe peçamos que, já que tanto à sua custa nos resgatou por amor de nós, se lembre de nós.

Todavia, porque Cristo nosso Senhor é o nosso Salvador, se nos remiu sem nós, não nos levará ao Céu nem nos salvará sem nós. Lembro o que diz o nosso Padre Santo Agostinho: que ninguém se salvará sem ser chamado por Deus, e que nenhum dos chamados fará as obras da salvação sem ser ajudado por Deus. E que ninguém merece essa ajuda senão pedindo-a em oração. E ainda que muitos se percam por Ele o permitir, nenhum se perde por sua vontade. Assim, Deus chama a todos, mesmo sem lho pedirem, porque ser chamado depende só d'Ele. E antes que lho peçamos, já está pronto a ajudar-nos, para que ninguém se escuse de o pedir. Sempre a falta é nossa, pois nenhum cuidado temos em pedir-Lhe ajuda.

Aprendamos, pois, com o cuidado com que o Salvador tratou da nossa salvação, o quanto é necessário que tenhamos em alcançar d'Ele a virtude e a ajuda para nos salvar.

Outro ensinamento que podemos tirar destes exemplos do Senhor é o modo como se devem praticar o jejum e as outras virtudes exteriores: é necessário que sirvam para remover da alma os males e culpas contra os quais essas virtudes se devem exercer. Pois diz um Santo que jejuar e continuar a pecar é imitar o demónio, que é sempre mau e nunca come.

Cristo, nosso Senhor, ainda que ao longo da sua vida tenha feito muitos jejuns, quis que o único jejum escrito sobre Ele fosse acompanhado de muita oração, de afastamento do tumulto das pessoas e cheio de ocupação celestial.

Assim, em toda a Sagrada Escritura, onde se trata do jejum, Deus reprova claramente os jejuns acompanhados de vontades próprias, más obras, inclinações perversas e ocupações contrárias à sua Lei. São Gregório compara os que jejuam sem mortificar as suas más inclinações a Simão de Cirene, que pôde levar a cruz de Cristo, mas não soube morrer nela com Ele, contentando-se apenas com o pagamento que recebeu. Da mesma forma, quem jejua só por gosto ou por cumprir o preceito, sem com isso arrancar os vícios da alma que tornam o jejum inútil, nem plantar as virtudes que o santificam, engana-se.

Não sei como podemos aprovar em nós a injustiça que reprovamos nos outros: que pague o inocente pelo culpado. O estômago, mesmo que não peque por gula, paga pela língua que nunca se cala de maldizer, pelos olhos soltos que não querem recolher-se, pelos maus desejos que vagueiam desenfreadamente e por todos os vícios que reinam na alma e se cometem com gosto. E a única correção é castigá-los com o jejum. Mas Deus não é juiz tão injusto que aprove tal sentença perversa, nem aceitará uma penitência tão vã. Quando tudo o que corrompe os bens da alma jejuar, então sim, o nosso jejum será aceite por Deus.

Não digo que quem está em pecado não jejue, pois embora isso não traga proveito para a salvação, também não causa dano; e é menos mal jejuar sem fruto do que entregar-se à gula com grande prejuízo. Além disso, é bom estar habituado ao jejum para o tempo da graça. Mas aconselho a não perdermos o verdadeiro valor desta prática, sobre a qual os Santos, quando dela escrevem, não acabam de enumerar os benefícios. Benefícios esses que só alcança quem jejua com mortificação dos vícios e prática de virtudes interiores.

A moderação com que esta virtude deve ser exercida é resumida pelos Santos em duas regras. A primeira: evitar o excesso de pratos elaborados, que tiram o sentido de sacrifício ao jejum — pois isso, como diz Santo Agostinho, é fazer do jejum aliado da gula e da luxúria. A segunda: não enfraquecer o corpo a ponto de impedir outros bens espirituais, como ensinar as almas, administrar os sacramentos, cuidar da salvação de outrem (quando esse é o seu ofício) ou realizar outras obras obrigatórias. E, acima

de tudo, é necessário conservar a saúde do corpo para o exercício da oração, onde mais se ganha.

Os que jejuam sem esta moderação e não aceitam conselho nem regra daqueles a quem deviam escutar, fariam melhor em quebrar as suas vontades com que desagradam a Deus, do que em jejuar.

Para concluir esta matéria, lembro aos que têm afeição pelo jejum que se acautelem contra uma tentação de que muitas vezes não se dão conta: a de cumprirem com mais rigor os jejuns de devoção ou voluntários do que os de obrigação. Porque, não podendo o demónio tirar-nos o bom costume de jejuar, tenta que, nos jejuns voluntários, gastemos as forças que seriam necessárias para os jejuns obrigatórios, ou que sejamos mais negligentes nestes do que naqueles.

Todas as virtudes que dependem mais da vontade própria e menos da obediência são suspeitas, pelas muitas e ocultas malícias que a própria vontade encerra. Por isso, o obediente é mais agradável a Deus do que o jejuador voluntário — ao mesmo Senhor que disse que prefere a obediência ao sacrifício, e que por obediência se sacrificou na cruz.

Exercício do jejum e vida eremítica do Senhor.

Glória dos Anjos, riqueza dos bem-aventurados, e fidelíssimo amante dos pecadores, meu bom Jesus, Deus e meu Senhor; que graças vos darei por todas as graças que me tendes dado e dais a cada momento? Louvem-Vos, Senhor, comigo todas as Vossas criaturas, e como sois maior que todo o louvor, louvem-Vos as Vossas obras, as Vossas perfeições e as Vossas grandezas; pois pela sua medida me encheis de graças Vossas, e não pela pequenez da minha capacidade. Que seria de mim, se não cuidásseis de mim, e se não me fizésseis graças como quem sois? Ensinai-me a agradecer-Vos o que Vos devo, e a amar-Vos o que puder; porque, já que não posso amar-Vos quanto mereceis, ao menos que tudo o que há em mim se ocupe no Vosso amor.

Bem sabeis, Senhor, que mesmo que juntásseis em mim todo o amor dos justos que tendes na terra, e de toda a corte celestial, e tudo quanto Vos

amassem, ainda assim Vos deveria muito mais amor, e seria pouco para corresponder ao amor que me tendes e ao cuidado que tivestes de mim. Nessa grande eternidade, antes que eu nascesse, quando me tínheis presente na Vossa sabedoria, assumistes as minhas culpas e necessidades, e preparastes o remédio da minha salvação. Sabíeis que de nada precisáveis de mim, mas, pelo eterno amor com que me amastes, tivestes misericórdia de mim e fizestes tudo o que podíeis para que eu não me perdesse. Adoro esse amor infinito; adoro esse coração onde me tínheis gravado; adoro esse cuidado tão ardente com a minha salvação. Não se perca, Senhor, esta Vossa criatura, porque não empregastes em vão tanto cuidado e tanto esforço Vosso.

Por amor de mim, fostes ao deserto, conversastes, Filho de Deus, entre as feras, aceitastes o serviço dos Anjos, e suspirastes pela minha companhia. Por mim desejais estar ali. Por mim jejuastes quarenta dias. Por mim sofrestes muitas fomes e fraquezas. Por mim viveis ao relento, sol, vento e chuva. Por mim dormis sem agasalho nessa terra dura. Por mim chorais muitas lágrimas ao Pai Eterno. Por mim alcançais d'Ele que apazigue a Sua ira, que se satisfaça com os Vossos méritos e aceite os Vossos sofrimentos e a Vossa morte. Por mim Lhe rogais que me abra o entendimento para ouvir e receber as Vossas doutrinas; que me ilumine nas verdades da Vossa fé, me corrija nos meus erros e me aceite na Vossa glória.

Que bem tenho, ou espero que não mereça, bom Jesus, por estas lágrimas, por estas fervorosas orações, por esta penitência e jejum, e por este amor com que negociais todo o meu bem, antes que eu nascesse, antes que Vos conhecesse, antes que Vos amasse, e antes que soubesse pedir-Vos? Oh, meu amantíssimo Pai, que cuidados tão ternos e tão diligentes tendes por esta Vossa pobre criatura? Vós sentis os meus males, doem-Vos as minhas perdições, com mais sentimento do que se me tivésseis gerado; curai-os com mais brandura do que se me tivésseis trazido no vosso ventre. Mas que digo? No Vosso coração me trazíeis, aí me amáveis, aí me acolheis, aí me chamais, e me despertais com as forças e obras desse eterno amor, para que, quando me achasse vivo e rodeado das Vossas misericórdias, reconhecesse que a esse peito amoroso e paternal Lhe devo tudo.

Arde e inflama-te, coração frio, em amor; derreta-se em caridade todo o meu ser; emprega-se todo o meu interior e exterior no amor deste teu suave remediador. Alarga-te, coração pobre, porque não poderás ser desprezado de quem tanto te deseja e faz por ti. Não sei falar, bom Jesus; neste fogo de amor em que ardes, lanço-me onde o Vosso amor divino me der; e todos os bens me torno a oferecer: ardei, Senhor, e queimai-me; e o que com tantas lágrimas e trabalhos me negociais, dai-mo. Amo-Vos, meu Jesus, de todo o meu coração. E se vedes que não é assim, desejo de todo amar-Vos; e se vedes que de todo não desejo, desejo desejar muito; e se em tudo me engano comigo mesmo, sei que não me engano convosco, pois assim como sou, tal me aceitais.

Eis aqui por quem trabalhais; em mim vedes o que Vos dói, em Vós vedes o que me compete; fazei o que sabeis, podeis e quereis neste Vosso servo. Fazei luz divina, para que em Vós me veja e me conheça, para que, conhecendo-me, me aborreça e, aborrecendo-me, fuja de mim para Vós, que me podeis livrar de mim e curar as minhas feridas.

Que justiça é esta, Deus meu, e que conveniência, que trateis a minha salvação com tanto cuidado, e eu que serei perdido para sempre, se me condenardes, viva descuidado de negociar convosco? Vós, bom Jesus, desde que Vos encarnastes no ventre da Vossa santíssima Mãe até à morte na cruz, em toda a vida, tempo, horas, ocupação, obras e possíveis trabalhos, estais concentrado nisso, e eu, pobre, miserável, cego, sem ver os perigos que me cercam por todos os lados, vivo tão esquecido de mim e de Vós, como se não fosse nada para a minha salvação.

O tempo que me destes para Vos servir e merecer o Vosso Reino, que corre e me foge, emprego-o em pecados e apetites, e procuro entretenimentos que me ajudem a não sentir o tempo e a passá-lo com vãos contentamentos, como se o tivesse seguro e preso na mão. E passa a infância, a juventude e todas as outras idades, sem que eu possa dizer verdadeiramente que gastei um dia bem e perfeitamente, sem deixar frutos em obras da minha salvação. E tudo o que faço é assim: pensamentos distraídos; desejos da alma mal empregados; memória cheia de infinitas vaidades; entendimento ocupado em coisas terrenas e a vontade em vergonhosas baixezas.

Os meus jejuns, orações e tudo o mais com que poderia contentar-Vos são tão frios, imperfeitos e cheios de muitas culpas, que me podereis castigar por isso. Todas as outras coisas da vida me trazem inquietação, quando surgem, com infinitas ansiedades, cuidados e alterações; ora tristeza, ora prazer, ora receio, ora agitação, ora desespero, ora esperança; com este triste coração dividido e tão carregado, que quando quero tratar de mim e de Vós, não me encontro nem me parece que sou coisa da Vossa mão.

Tão estranho nas coisas espirituais, tão difícil para a Vossa companhia; tão cansado das coisas que têm a ver convosco; tão ignorante na pureza das virtudes, e tão bruto no que é meu, como se eu não tivesse nascido para o Céu nem para Vos amar. Assim peço o paraíso, como se mo devesseis. Assim me asseguro que hei de ir lá, como se o merecesse. Assim me contento com qualquer bem ou aparência dele, que faço tarde, mal e friamente, como se por justiça fosse eu senhor do Céu; toda a outra ocupação e negócio é para mim prioritária, sendo este o principal.

E Vós, bom Jesus, vedes tudo isto e estais a chorar porque vedes o que perco quando Vos perco, e que eu não sei sentir. E vedes o grande perigo da segurança em que vivo, que eu não quero ver; e o amor que me tendes magoa-Vos, e faz sofrer pela dor que eu deveria ter, e não tenho.

Oh fonte de toda a bondade, ó pastor divino e Filho de Deus vivo, que descestes do Céu à terra para buscar ovelhas perdidas; e por isso as viestes buscar, porque nós sabemos que estamos perdidos por nós mesmos, e não sabemos ganhar-nos. Eu errei como ovelha perdida. Deixei os Vossos suaves pastos, que alimentam almas, pelas venenosas ervas deste mundo. Fugi do Vosso curral, deixando a Vossa obediência, e fui ter com os lobos que me devoram e consomem. Perdi os caminhos por onde me conduziríeis e meti-me nas encruzilhadas e descaminhos da perdição.

Sei, meu divino pastor, que estou errado em tudo; buscai a Vossa ovelha; buscai o Vosso servo. Dai-me a companhia de uma dessas feras, pois pior que elas me tornei, e com a Vossa brandura acolhei-me, domai-me e sujeitai-me à Vossa obediência. Levai-me, Senhor, após Vós. Plantai no meu coração vivo cuidado com a minha salvação, pois a Vossa vontade é que eu não me perca. E, pois isto é o que mais me obriga, fazei-me ver

sempre, com a Vossa luz, quanto isso me importa, e acompanhai-me no cuidado e trabalho com que mo negociasteis. E ajudai-me com a Vossa virtude na miséria e fraqueza que em mim vedes.

Vós, Senhor, dissestes que ninguém pode vir a Vós, se não for trazido pelo Vosso Pai Eterno. Bem sabeis, Senhor, que não nos há de levar santos, senão pecadores para nos santificardes; não nos há de levar sujeitos senão duros para nos amaciares; não nos há de levar domésticos senão rústicos e ferozes, para com a Vossa suavidade nos mudardes.

Pois, Senhor, tal estou, e por Vossa graça desejo nesta hora acompanhar-Vos e ser mudado à Vossa vontade. Pois chegais a Vós essas feras rudes mansas com os Vossos carinhos, não me negueis entre elas um lugar, porque elas, que não sabem amar-Vos, se ficarão sem a Vossa companhia feroz e bruta, e a mim levareis manso, feito de lobo cordeiro, e de leão ovelha, e de víbora humilde imitador Vosso toda a vida, como Vós desejais.

Vós, pelo Vosso profeta, prometestes às almas afastadas de Vós que, para as converter, as levaríeis convosco à solidão, e lá lhes falaríeis ao coração. Vós sabeis o que é essa solidão onde, sem o ruído das coisas da terra, podeis ser ouvido; eu não sei o que é, mas sei que, onde Vós fordes o único a ser ouvido e falardes ao meu coração, aí estarei cheio de Vós e Vós contente de mim..

Ah, solidão cheia de todos os bens, quem te visse alguma vez! Ah, meu Senhor, levai-me a ela, falai-me ao coração, falai, Senhor, e ouvir-Vos-ei, e emudeçam para mim todas as outras vozes; porque a Vossa voz é doce, e a Vossa linguagem suave. Num momento limpai-me, aprisionai-me no Vosso amor, e fazei amargas todas as coisas que não me souberem a Vós. Pois cale tudo e falai Vós, meu mestre, meu divino consolador e meu puro amor.

Oh Mãe de Deus, ovelha puríssima e nunca perdida, que em espírito acompanhastes este Senhor, e da Sua companhia recebestes mais bem que toda a criatura, intercedei por este pobre, fazei-me ser admitido, e de todo possuído por este Senhor, que nada mais tenha em mim, nem a menor parte. Oh corte celestial, levada já a esse deserto celestial, seguro dos nossos perigosos tumultos, e povoado de prazeres eternos e gloriosos bens; pois para a Vossa companhia fui criado, alcançai-me o vivo desejo do que

tendes, o incansável cuidado de o procurar, e assim passar pelos encontros desta vida para não perder a Vossa bem-aventurada companhia. Amém

TRABALHO XVI

Da Tentação.

Passados os quarenta dias em que o Senhor jejuou no deserto sem comer, deixou, no final deles, que a sua natureza padecesse tamanha fome (como já foi dito) que o debilitava, enfraquecia e lhe tirava a cor, de tal forma que o demónio se pôde enganar e pensar que tinha ali uma ocasião muito oportuna para o tentar sem ser reconhecido. E não é estranho nele este ardil de procurar sempre ocasiões, circunstâncias e aparências de bem para fazer parecer virtude e necessidade o mal que comete; ou, se for pecado evidente, fazê-lo parecer menos grave e mais desculpável. É verdade que o demónio não procura estes ardis para todos, mas apenas para aqueles que sabe que lhe vão resistir.

Já as almas que, pelos seus pecados, perderam o receio dos seus vícios e gostam deles, não se pode propriamente dizer que sejam tentadas. Porque já deram ao demónio tanto domínio sobre si que ele não precisa de lutar contra elas, bastando apenas oferecer-lhes o que quer que façam, pois logo lhe obedecem. Os demónios têm-nas tão submissas e abatidas que, como Deus diz por Isaías, “mandam como senhores que elas se abaixem para passarem por cima delas”, e logo elas se rendem, fazendo de si mesmas e dos seus sentidos uma estrada e caminho por onde eles passam sem oposição.

Para estas almas, o demónio não precisa de ardis, manhas, força, insistência, nem de mais trabalho do que recordar-lhes as ocasiões e os pecados que quer que cometam; nem ele já lhes dá importância, nem elas sentem o seu mal, nem fazem esforço algum para lutar e resistir. Pelo contrário, na maior parte das vezes têm tanto ou mais medo da cura dos seus males do que dos próprios males. Mas, se aceitam o chamamento e a graça de Deus, então sentem as ofensas que lhe fazem, o peso da tentação e as manhas do inimigo.

E é para estas que ele se poupa e, com aqueles que realmente procuram agradar a Deus, refina-se nas suas artimanhas. E para demonstrar que estes são os que sabem reconhecer as tentações e lutar contra elas, o Senhor não

quis ser tentado pelo demónio de forma manifesta senão depois de um longo jejum e de quarenta dias de vida solitária, passada em sublime contemplação e admiráveis excessos do seu divino amor.

Causa espanto, e não sem razão, ver que o Senhor quisesse ser levado a pecar por uma criatura tão vil, baixa e maldita como o demónio. Mas, como já estava decidido a não deixar nenhum trabalho nosso por passar, tanto quanto fosse possível sem pecado, e sendo este da tentação um dos maiores perigos e dos que mais nos custa, não quis que o deixássemos de ter nele por companheiro — ainda que Ele não pudesse correr os nossos perigos nem sentir as angústias que nós sentimos, como adiante diremos.

Para que o Senhor pudesse ser tentado pelo demónio, e para que este ousasse atacá-lo, ofereceu-lhe a sua humanidade corporal, escondendo-lhe a glória da sua alma e da sua divindade; porque, se tivesse visto qualquer delas, entenderia que não podia conquistar uma alma já glorificada nem ter jurisdição sobre a divina Majestade, a cujo poder e justiça está sujeito em penas eternas. Mas via na humanidade do Senhor tamanha pureza que, mesmo com toda a sua malícia (que Deus lhe permitiu usar plenamente para esta e outras batalhas contra o Senhor), nunca conseguiu achar entrada para perturbar a sua alma.

Embora visse que, para tentar todas as outras almas, Deus lhe dá licença medida e limitada, e que só para Cristo Nosso Senhor a teve geral e amplíssima para o tentar exteriormente, a sua soberba cegou-o, não o deixando imaginar que a divina Majestade, que ele sabia que havia de encarnar, se humilhasse a consentir ser tentada. Porque a soberba infernal, obstinada no seu mal, não é capaz de compreender os segredos da magnífica e suprema humildade.

E ainda que o demónio sempre tivesse receios de que aquele fosse o Filho de Deus que sabia que havia de encarnar, tanto por ver que não tinha jurisdição sobre Ele, sendo Filho de Adão, como pelo que, com o seu poder e virtude, Ele fazia, procurava confirmar-se nessas suspeitas por muitas vias. Contudo, vendo que o Senhor nunca lhe respondeu de acordo sempre que lhe chamou “Filho de Deus” e não podendo imaginar tamanha humildade numa Majestade tão divina, decidiu consigo mesmo que o que via em Cristo seriam privilégios concedidos por Deus e não atributos e

perfeições próprios e naturais. Por isso não deixou de entrar em batalha, tentando a sorte contra Ele.

E como viu o Senhor com tamanha fome, visível nos sinais exteriores de fraqueza e debilidade, apareceu-lhe em figura humana visível, talvez como um homem recolhido por aqueles ermos. E mostrando compaixão pelo que via, recordou-lhe como havia poucos dias que Deus lhe mostrara o quanto o amava, ao chamá-lo do Céu “Filho amado”; assim como noutra ocasião tinha chamado o seu povo amado, por quem fizera tantas maravilhas, abrindo-lhes o mar nos perigos e tirando-lhes água da pedra dura na sua sede. E, com tantos favores de Deus e méritos que tinha, toda a criatura lhe obedeceria, para que não se deixasse morrer, e dissesse, como Filho de Deus, àquelas pedras que se transformassem em pão.

Outras muitas coisas semelhantes teria dito o demónio para fingir santidade, encobrir a sua maldade e dar aparência de bondade ao que aconselhava; e assim foram também as outras tentações (como veremos), ainda que os Evangelistas, em poucas palavras, nos transmitam apenas a substância das tentações, as respostas e a vitória sobre elas, como costumam fazer noutras passagens.

Muitos comentam estas tentações de forma muito ponderada. Alguns consideram que o Senhor foi tentado primeiro pela gula, contra o bocado de perdição que Adão comeu; segundo, pela vanglória, contra o desejo de Eva de ser como Deus; e terceiro, pela idolatria movida pela cobiça, contra o mal que tinha destruído e perdido o mundo. Outros ponderam que, na forma como o Senhor permitiu ser tentado, ensinou o verdadeiro estado daqueles que são vencidos.

Na primeira tentação, vê-se o erro dos que vivem para comer e para os prazeres, que são alimentos tão duros e impróprios para a alma que, de pedras tão terrenas, não se podem sustentar espíritos criados para bens celestiais. Na segunda, vê-se que a vaidade da vida e a soberba que reinam no mundo são, na verdade, elevações que levam a quedas maiores e mais incuráveis; e por isso o demónio o persuadia a ganhar honra atirando-se do pináculo abaixo. Na terceira tentação, descobre-se a verdade de São Paulo: que o amor desordenado às riquezas é verdadeira adoração de ídolos e que quem vive da cobiça tem o dinheiro e os bens como seu deus.

Muitos outros dizem mais coisas, aplicando as respostas do Senhor a cada tentação como seguríssimas armas defensivas e excelentes orientações para os estados das almas erradas, a fim de as reconduzir ao verdadeiro caminho. Mas, para abreviar uma matéria tão extensa, parece-me próprio para este lugar o que a maioria dos Santos que tratam das tentações e ardis do demónio dizem: que este antigo e manhoso inimigo, desejando aplicar os seus ataques onde causem mais dano e sejam menos percebidos — para que, com mais prejuízo, engane — procura conhecer a inclinação de cada um, boa ou má.

Acomoda-se, com fingida brandura, à virtude que cada um pratica, para revestir o mal com a cor e aparência dessa virtude; ou acomoda-se à inclinação viciosa que a natureza de cada um mais segue, para, por aí, ter entrada mais dissimulada. E não se empenha menos em que a tentação não seja reconhecida do que em procurar a vitória. E, quando encontra todas as portas da alma fechadas e bem guardadas, insinua-se secretamente entre os dons e graças de Deus que a alma licitamente pode desejar e aceitar, para ver se, por excesso ou defeito, ingratidão ou apego próprio, ou por qualquer outro meio, pode misturar o seu veneno.

Foi assim que, vendo o demónio que não encontrava qualquer entrada na perfeição soberana e na pureza admirável das virtudes do Senhor, para se poder transfigurar em alguma delas e enganá-lo, nem havia naquela natureza humana qualquer inclinação desordenada por onde pudesse atacar, aproveitou-se da ocasião da fome natural e da própria perfeição das virtudes de Cristo para o tentar.

É próprio das virtudes perfeitíssimas, entre as quais a principal é o puro amor de Deus e a caridade, viver em total e seguríssima confiança n’Ele, sem qualquer outra preocupação com a vida que ocupe ou distraia o coração, entregando tudo à sua providência. Foi esta a confiança que teve São Paulo, o primeiro eremita (cuja festa hoje se celebra), que passou quase noventa anos no deserto sustentado por um corvo; e muitos outros, de quem Deus cuidou, pois Ele é tão fiel que, a quem de tudo se despreocupa por amor d’Ele, nada falta. Este é um grau tão elevado e perfeito de amor a Deus que, embora deva ser desejado por todos (porque é como uma

semelhança do Céu na terra), ninguém o pode imitar plenamente enquanto Deus não o infundir na alma.

Quando Ele concede esta ditosa região de paz, faz-se o próprio guia e governo da alma que prende, livrando-a de erros e enganos. Ele mesmo lhe tira a preocupação e ocupação interior com as coisas humanas, de tal maneira que nem ela própria se apercebe se se lembra ou se esquece delas, estando todo o seu interior elevado e ocupado em Deus.

E, porque alguns, sem fundamento nem alicerce, querem apegar-se a esta perfeição, caem em muitos inconvenientes, perigos e erros, pois, sem terem recebido este dom de Deus, pretendem libertar-se das ocupações necessárias à vida e ao seu estado, e tanto se ocupam em deixá-las que perdem a paz interior e caem em laço pior.

Ora, como o demónio viu que o Senhor abraçara a vida do deserto sem qualquer preocupação com o sustento natural e jejuara quarenta dias sem comer, sem a ajuda que Elias teve com o pão que o Anjo lhe deu para o sustentar, e sem a glória em que Moisés esteve conversando com Deus no monte Sinai, julgou tratar-se de perfeição ainda maior. E, por isso, atacou-O, tentando ver se podia transformar aquela perfeitíssima confiança que tinha em Deus em preocupação consigo mesmo, levando-O a empregar o grande mérito que por ela possuía para fazer milagres com o fim de sustentar a sua fome.

Essa tentação parecia, naquele caso, a mais adequada e disfarçada, pois parecia muito obrigatório acudir à extrema necessidade natural em que estava. E, para remediar tal situação, parecia mais perfeito realizar um milagre com a mesma confiança em Deus com que realizara o jejum de quarenta dias sem comer, do que distrair-se a procurar outro remédio humano. Na verdade, é ato de humildade e de conhecimento da própria fraqueza procurar um remédio humano lícito e santo para a fome, quando Deus não queira servi-lo de outro modo naquele caso; e seria perverter a ordem do divino amor e da caridade empregar unicamente no próprio sustento o mérito da confiança posta em Deus.

Ao dizer o demónio a Cristo: «Diz que estas pedras se tornem pão», armou-se para ver se Ele faria o milagre pedindo-o a Deus ou ordenando-o

imperialmente como verdadeiro Deus — Aquele de quem a Escritura diz: «Ele disse que se fizessem as coisas, e tudo foi logo feito» — para ver, pelo modo de mando ou de súplica, se era Deus. E também quis ver se, naquela tamanha fome e necessidade (sendo puro homem), O podia derrubar da firmíssima confiança que a perfeita caridade tem em Deus.

Mas o Senhor desfez-lhe o ardil com aquela palavra da lei de Moisés: «Não vive o homem só de pão, mas de todas as palavras que saem da boca de Deus.» Esta palavra foi dita pelo Senhor ao seu povo, ensinando-lhes o temor e a obediência, e dando-lhes como principal remédio para conservarem as mercês que Dele tinham recebido na terra prometida o guardar a sua lei. E, para isso, que se lembrassem de que, durante quarenta anos no deserto, os privou de todo o sustento humano e os alimentou com o pão do Céu, para que vissem que agradar a Deus é o principal remédio para a vida humana, e não ofendê-l'O para a sustentar; pois, sem pão, com as suas obras divinas, Deus sabe sustentar quando quer.

Assim, Cristo quis dizer que era desnecessário o milagre, porque Quem O sustentara quarenta dias sem comer também lhe mataria a fome sem pão. E, por isso, é indigno de um coração capaz de Deus e dos seus bens depender mais das coisas do corpo do que de Deus, que a todas governa e sustenta com a sua providência e poder.

As outras duas tentações foram também ordenadas para destruir as raízes e alicerces da perfeita caridade. Persuadindo-se de que era apenas homem, levou o demónio o Senhor à mais alta torre do templo, que, segundo os modelos antigos, ficava sobre a porta principal e era altíssima. O demónio devia mostrar-se impressionado com aquela grande confiança que Cristo tinha em Deus, e dizer-Lhe que ele também vivia dessa confiança. E, para que visse quão seguro caminho era esse para os servos de Deus, levara-O ali com a virtude que Deus lhe tinha dado, para que em nada corresse perigo.

E, como os filhos de Deus tudo podiam, se Ele se tinha por tal, que se lançasse dali abaixo, pois queria ver até que grau chegara a sua confiança em Deus. Porque estava escrito que Deus ordenara aos Anjos que guardassem os seus servos para que nunca corressem perigo nos seus caminhos. E bem via que os Anjos O tinham trazido ali e guardado.

O demónio, ainda que condenado, não perdeu as propriedades naturais da natureza angélica, entre as quais está o ter sujeitas as coisas terrenas e elementares, para as mover e aplicar umas às outras; e o que não faz disso para a perdição dos homens é o que Deus lhe impede, refreando a sua malícia. Assim, sem tocar em Cristo nosso Senhor, como corpo fantástico em que Lhe apareceu, aplicou-lhe a sua virtude natural, consentindo-o o Senhor; e com isto pôde levá-l'O ao pináculo do templo e dali a um monte alto.

Esta tentação visava principalmente a estima de si mesmo e a confiança na própria virtude em caso temerário, do qual não resultava glória alguma para Deus, nem havia obrigação de o realizar para Sua honra. E revestiu esta própria estima e confiança nos próprios méritos com a mesma confiança em Deus que, na primeira tentação, encontrara tão firme.

Por experiência, sabia o demónio que nada mais desagrada aos filhos de Deus do que a estima de si, pois, se foi isto que o lançou do Paraíso celestial com os seus companheiros, que estrago e dano não fará aos que habitam nas frágeis paredes e barro desta nossa miséria? Já nesta segunda tentação, o demónio começava a perder a astúcia, como sempre acontece quando, na primeira investida, encontra forte resistência e é reconhecido; porque, daí em diante, revela mais a sua malícia.

E, ainda que, na autoridade que citou, tenha calado a sua derrota — já profetizada nas palavras seguintes: «Andarás sobre o áspide e o basilisco, e pisarás o leão e o dragão» —, isso de nada lhe aproveitou para evitar ser logo derrubado e vencido, experimentando em si mesmo aquilo que queria ocultar. Porque o Senhor, em poucas palavras, lhe atalhou dizendo: «Está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus.»

Daqui tirou o Senhor a regra para a perfeição da confiança que o puro amor tem em Deus: quando Ele a planta no coração da sua criatura, esta deixa-se conduzir, como ovelha humilde, pelo seu Pastor, mas com tal desconfiança e desestima de si mesma que seja apenas Deus a ser glorificado em tudo.

É isto que Deus faz às almas que possui e une a si com puro amor: que, sem temeridade e com humildade, obedeçam às mudanças que a sua

providência determinar que lhes aconteçam, roubando-lhes o coração e toda a atenção para si, de tal modo que nem se desviem d'Ele nem se ocupem interiormente com as coisas exteriores que Ele lhes manda fazer.

Por isso, enganou-se o demónio ao querer perturbar esta perfeita harmonia, procurando desviar a alma da união com Deus para manifestações de estima própria. Cheio então de soberba e raiva, decidiu despir-se de toda a dissimulação, para sua maior confusão — como acontece com os que perseveram fielmente na luta contra as tentações: esgotados os ardis, o inimigo ataca às claras. E Deus permite-o para vermos quão pouco sabe o astuto inimigo quando o humilde servo de Cristo o reconhece e, assim, é mais facilmente vencido.

O demónio levou o Senhor a um monte alto e já quis que Ele O tivesse por mais do que parecia. Ali mostrou-Lhe largamente todos os reinos, glória e grandezas do mundo, que ele saberia pintar muito bem, e o Senhor calou-se e suportou. Isto deve ter sido feito não por palavras, mas por representação imaginária ou fantástica, pois São Lucas diz que aconteceu "num só momento de tempo". No fim disse-lhe: «Tudo isto me foi entregue e eu dou-o a quem quero; vejo que ninguém o merece melhor do que tu; dar-to-ei se te lançares a meus pés e me adorares.»

O ardil do demónio foi pensar que quem estava tão firme na perfeita virtude não se julgaria incapaz do governo de todo o mundo. Era uma tentação baixa e de inimigo declarado, que já se lançava a tudo sem ordem nem tino. Mas é também um género de tentação com que o demónio combate os servos de Deus de forma disfarçada, sobretudo quando, no mundo, a paz, a verdade e a virtude estão perdidas; com ela, se não tiverem cuidado, perderão a paz interior sem proveito para o próximo. Porque a perfeita virtude nunca leva os servos de Deus a pensar que têm capacidade para coisas em que Deus não os colocou; e, mesmo para aquelas em que Ele os coloca, não se julgam suficientes, a não ser governados, ensinados e ajudados por Ele.

O Senhor não suportou mais a ousadia do demónio e, com autoridade, expulsou-o dizendo: «Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás.» O demónio desapareceu e os Anjos do Céu desceram para servir o Senhor; e o serviço, segundo os Santos, foi

trazer-lhe comida que o Pai eterno Lhe enviou — provavelmente pão e água — para fortalecer a fraqueza natural em que estava e saciar a fome. E, enquanto comia, os Anjos cantariam triunfos divinos e vitórias, gozando da sublime contemplação e clara visão do Verbo divino encarnado e dos seus eternos desígnios.

O demónio ainda não reconheceu Cristo como Filho de Deus nestas vitórias, porque o modo de vencer foi o habitual que qualquer servo de Deus pode ter. E, neste último mandato com que o Senhor expulsou Satanás, ensinou que a deliberação da vontade determinada é poderosíssima contra o inimigo: onde a encontra, ele não tem força alguma e foge. Assim, quando nos vence, é porque primeiro se alia à nossa vontade. Primeiro consegue que o escutemos; depois de ouvido, que nos detenhamos nos pensamentos; após a detenção, vem o gosto deles; este gosto traz a tibieza de fugir das ocasiões; e com tudo isto enfraquecem-se as forças da alma e perde-se o respeito devido a Deus, chegando ao consentimento voluntário.

Após o consentimento da vontade, o demónio procura a obra, porque, dizem os Santos, a experiência do pecado é uma espécie de força e poder que está sempre armado contra a alma, fazendo-a cair novamente no desejo — movido pelo apetite humano já excitado — daquilo que sabe ser mau. E, repetida a experiência, cada ato de pecado é um golpe do mau costume, uma corrente que prende mais o coração. Mas, se o inimigo encontra a vontade fechada e surda desde o início e decidida a expulsá-lo com ímpeto, é fraquíssimo e nada pode.

E, porque a vontade deliberada é tão poderosa contra o inimigo, não serve de desculpa para o pecado dizer que a tentação foi grande, pois Deus — que nunca falta com a sua graça para fortalecer a vontade de quem a pede com humildade — sabe que nenhuma tentação é mais forte do que nós, a não ser quando voluntariamente enfraquecemos a decisão de resistir e não travamos a batalha logo no princípio.

São Lucas diz que o demónio deixou Cristo por algum tempo, dando a entender que, vendo como pouco lhe servira aquele modo de O tentar e que não era aquela a alma em que pudesse entrar, dissimulou por então, para mais tarde tentar por meio dos seus ministros, com muitos trabalhos e

tormentos, para ver se podia quebrar-Lhe a paciência e desacreditar a sua doutrina e vida, já que não pôde perverter a sua inocência.

Assim, por artifício do demónio, São João introduziu tudo o que Judas fez contra o Senhor, o que foi início e ocasião de toda a sua Paixão. E esse mesmo Senhor, ao poder das trevas, deixou que fizesse tudo o que pudesse contra Ele quando foi preso — o que não é senão a cruel batalha do inimigo tentador. É verdade que o Senhor, em nenhuma das tentações do demónio, podia sofrer a pena e o perigo que nós sentimos com a rebelião e contradição da carne contra o espírito, e com a dificuldade que a carne sente em guardar a lei de Deus, de que o demónio se aproveita para nos fazer maior guerra e dar mais trabalho.

Essas desordens da nossa natureza são prova certa do pecado original, fonte e raiz de todas estas contradições e batalhas, e da corrupção com que nascemos — que Cristo não tinha —, mas possuía tanta perfeição e pureza quanto convinha à humanidade unida à divindade. Todavia, embora este género de luta não coubesse em Cristo, Ele humilhou-se tanto por nós que quis passar por aquilo que mais costuma pôr-nos em risco e, embora fosse impossível ser vencido pela tentação, quis mesmo assim ser tentado.

O que Lhe faltou nesse combate — pelo trabalho que não teve na resistência e vitória — supriu-o com a humildade com que a tudo Se submeteu e com os grandes sofrimentos que suportou dos ministros do demónio, quando este quis, por meio deles, derrubar a sua fortaleza. E concedeu-nos a graça de deixar o inimigo com as forças quebradas e vencidas, e uma vastíssima matéria de admiração e amor pelos ardis e invenções com que o divino amor que nos tinha Se revestiu de tudo o que nos dá trabalho, para nos dar a certeza da sua companhia, o remédio seguro, o descanso firme, o espelho puríssimo e o exemplo para tudo.

O Senhor quis ser tentado de todas estas formas por três razões: para prova das virtudes, para exercício delas e para quebrar as forças do nosso inimigo. Deus permite muitas tentações para que venham à luz e sejam conhecidas as virtudes dos seus, e para que cada um veja em si o que lhe falta e quão longe ou perto está delas. Porque muitas vezes a paz encobre defeitos e fraquezas, ou a perfeição que a batalha torna manifesta.

Assim foi descoberta a obediência de Abraão, quando Deus lhe mandou matar o filho Isaac; a constância de Job, com a perda de todos os bens; a paciência de Tobias, com a cegueira; e a pouca fé de São Pedro, com a tormenta no mar, e a sua fraqueza, quando negou ser discípulo de Cristo por medo.

Cristo teve muitas destas tentações ou provas, não para conhecer o que havia em si, mas para nós, à nossa maneira, entendermos a perfeição das virtudes deste Senhor, Pastor e Mestre que o Pai eterno nos deu para O imitarmos. Assim foi provada e mostrada a sua profunda humildade com muitos abatimentos da sua divina pessoa; a sua fortaleza, com muitos trabalhos; o seu amor, com muitos tormentos; e todas as outras perfeitíssimas virtudes tiveram provas para a sua demonstração, quer dadas pelo Pai eterno, quer assumidas por si, quer provocadas pelo mundo e seus seguidores, instrumentos do demónio.

Estas provas e tentações serviram também ao Senhor — como servem aos seus servos — para ocasiões de exercício das virtudes. A diferença é que nós, com as tentações, exercitamos as virtudes que nos faltam para as adquirir, ou para aumentar e aperfeiçoar as que temos; já as obras das virtudes que Cristo exercitava nasciam da perfeição que já possuía, que não podia crescer com o exercício. Todavia, para nos ensinar, quis usar do modo pelo qual nós as adquirimos.

E, por estas duas vias, ensinou-nos a arte de combater e vencer o inimigo — para a qual tanto precisamos de ter Capitão a quem seguir e imitar, com o seu poder e esforço, para lhe quebrar as forças. Porque, quando o tentador encontra em nós as virtudes (as armas com que nos defendemos) marcadas pelo selo da imitação do amor e perfeição deste Senhor, reconhece a força divina que nos ajuda e com que Ele foi derrotado, e perde o ânimo. Mas, se encontra negligência em imitar o Senhor e tibieza no exercício das virtudes, reconhece a nossa fraqueza e atreve-se contra nós como contra desarmados.

As forças que Cristo, nosso Senhor, quebrou ao inimigo tentador não consistiram em tirar-lhe a permissão que tem para nos tentar, mas sim em anular a justiça que ele tinha contra a nossa natureza; pois, ao tentar-nos

agora, fá-lo já mais como tirano e usurpador. E assim sente contra si, de forma mais forte, o poder da graça que recebemos por Cristo.

Pelo consentimento voluntário que Adão deu ao submeter-se à vontade do demónio, ficámos todos, por justa sentença, sujeitos a que ele nos procurasse e fizesse todo o mal que pudesse, e que Deus lhe permitisse, como pena e castigo da culpa de tão perversa sujeição. Cristo, nosso Redentor, entrando em batalha com o demónio (como diz São Leão Papa), não quis usar contra ele tanto de força e poder — que, para tão vil e maldita criatura, não era necessário — mas sim de combate de justiça, para desfazer a sentença que ele tinha contra nós.

Por isso, Cristo entrou em batalha com ele em forma humana, participante da nossa mortalidade, mas livre de toda a culpa de Adão. Como o demónio não tinha jurisdição senão sobre os filhos de Adão que nasciam no seu pecado, ao tentar Cristo, nosso Senhor, e procurar causar-Lhe trabalhos, tormentos e morte — sendo Ele totalmente sem culpa — caiu em abuso de poder, por querer submeter a Si Aquele que, por lei, era livre e isento da sua jurisdição.

E assim, pelo seu atrevido abuso contra este Filho de Adão inocentíssimo, perdeu a justiça que tinha contra os culpados. E, estando agora livres da sua jurisdição, passámos a ser-lhe superiores; combate-nos como tirano e usurpador, não como a quem está sujeito à morte, mas como conquistadores e legítimos herdeiros da vida eterna, que ele perdeu. E todos os seus ardis e batalhas, que antes eram castigo da culpa, servem-nos agora de conquista para maior glória.

Assim comenta Eusébio Emisseno, no sermão de Santo Estêvão, o triste estado em que já se encontra este desventurado inimigo: que todas as suas astúcias e raivas são os próprios meios pelos quais acabamos por conquistar aquilo mesmo que ele nos quer fazer perder.

Porque toda a sua fúria, com que se armou contra os servos de Deus, serviu — e ainda hoje serve — para encher a Igreja de merecimentos, refinar as almas dos fiéis na perfeição das virtudes, coroar os trabalhos dos justos com eternas bem-aventuranças e povoar o Paraíso com exércitos de mártires e santos.

Por isso se entende que aquele que, vencido por tão miserável inimigo, cai em culpa e em morte eterna, é ainda mais miserável e desventurado do que ele; porque voluntariamente se torna a submeter ao seu jugo, do qual já estava livre; perpetua-se na sua desgraçada companhia, da qual já se encontrava separado; aumenta-lhe as forças que o Senhor lhe tinha quebrado; restitui-lhe o prazer da sua perdição, que por Cristo lhe tinha sido tirado; e priva-se dos bens eternos dos quais o inimigo foi excluído, e aos quais ele, por Cristo nosso Senhor, tinha direito adquirido e que lhe estavam preparados pelo Seu sangue.

Exercício da tentação do Senhor contra as tentações

Todo-poderoso Deus e Senhor, que em nada manifestas mais o teu infinito poder do que em perdoar e ter misericórdia dos pecadores, que criaste à tua imagem e semelhança, aumenta em nós as tuas grandes misericórdias e faz com que estes nossos corações terrenos te amem sobre todas as coisas, para que alcancemos as grandes graças que nos prometeste — pois são tão imensas que excedem todo o nosso desejo e merecem todo o nosso coração.

Criar do nada e castigar uma criatura fraca é pouco para ti. Pois, para criares do nada, nada te resiste; e para destruíres com justiça quem injustamente te ofende, ninguém te pode impedir. Mas venceres a dureza livre do meu ingrato coração, e superares os justos clamores que contra mim levanta a tua divina justiça, e perdoares com misericórdia aquele que não o merece — isso sim é poder da tua grandeza. E porque a tua grandeza é eterna e infinita, tudo o que queres podes fazer, sem que se desfaça a plenitude da tua justiça nem se destrua a tua miserável criatura.

Adoro-te, meu grande Deus! Quem é grande como tu? Quem é poderoso como tu? Quem é justo como tu? Quem é misericordioso como tu? Dou-te infinitas graças pela fé que me deste, com a qual te reconheço como meu Deus; pela esperança, com a qual me obrigas a desejar muito de ti; e pelo amor, que queres que eu te tenha de todo o coração. Mas é teu, meu Deus e todo-poderoso meu, com o teu poder, levantares o meu coração abatido às grandezas que há em ti e que desejas comunicar-me. Tudo quanto queres, podes. Se queres, podes iluminar a minha cegueira; se queres, podes

encher-me da tua graça; se queres, podes submeter-me completamente à tua obediência; se queres, podes elevar a minha baixeza à comunhão interior do teu puro amor.

Ah, meu todo-poderoso e misericordioso Jesus, fala, Senhor, a este leproso; fala a este miserável; diz, Senhor, a este pecador — mas teu; diz, suave Verbo do Pai Eterno, de modo que eu te sinta e ouça; diz: «Quero», e serei limpo; serei teu perfeito amante e imitador, porque tudo quanto queres se realiza. E por coisas maiores que fizeste por mim, só porque assim o quiseste, ensinaste-me a esperar no teu amor. Quiseste, por mim, fazer-te homem mortal — e assim o foste; quiseste tomar a forma de pecador, e em tudo te pareceste comigo; quiseste tomar sobre ti as penas das minhas culpas, e pagaste por elas até com a morte; quiseste ensinar a minha rudeza, e deste-me doutrinas celestiais; quiseste vencer os meus inimigos e ensinar-me a combatê-los, e abaixaste a tua divina pessoa para que essa divina Majestade entrasse em batalha com aquela tua torpíssima e maldita criatura infernal, que de ti fora lançada e que te aborrece.

Sofreste que, na sua danada malícia, ousasse contra a tua soberana pureza, e que as suas entranhas infernais se levantassem contra a tua sobre-substancial inocência; deixaste que a tua pessoa divina humanada fosse levada por esse perverso tição infernal para onde ele quis, e que chegasse a cometer contra a tua divina Majestade, pedindo que o adorasses. E, ainda que ele não te conhecia, tu, meu Deus, que assim o querias, bem conhecias a tua grandeza e a baixeza daquela desventurada criatura.

Mais te abaixaste, meu Deus, nisso do que quando andaste por baixo dos pés dos teus cruéis atormentadores na tua Paixão. Porque os ministros da Paixão, embora perversos pecadores, eram por ti amados para serem salvos, e tocavam com as mãos a virtude que desejava santificá-los, e lavavam-se no sangue que eles mesmos derramavam para sua salvação. E, em muitos deles, os próprios tormentos que te davam haviam de triunfar, convertendo-os a ti, sendo os frutos e as glórias dos teus abatimentos, e pagando-te com o seu próprio sangue e vida aquela que te tiraram como pecadores — que era o que tu desejavas.

Mas o demónio tentador, inimigo do teu amor e dos teus filhos, incurável nas suas chagas, obstinado nas suas malícias, desprezado da tua

bondade para nunca mais ser admitido por ti — como, meu Deus, quiseste que te falasse, que te tentasse, que cometesse contra ti como faz aos miseráveis pecadores? Como te abaixaste à luta e combate com esse infernal, torpe e desventurado dragão? Como lhe soltaste toda a sua fúria contra ti, permitindo que, não podendo vencer-te diretamente, te fizesse passar por tantos sofrimentos por meio dos seus ministros, até te pôr na Cruz? Como suportaste que, por certo tempo, se vangloriasse de contrariar as tuas obras e de te tirar a vida?

Ah, meu Deus, não há mais o que querer saber, senão que assim o quiseste — e por isso o fizeste. As razões que em mim faltam para que assim o quisesses, tu mesmo as encontras em ti, pois essa vontade é santíssima, ordenadíssima e justíssima; e o que em mim não cabe, o teu poder e misericórdia encontraram lugar, conveniência e harmonia, de forma que em tudo sejas glorificado, parecendo-te contigo mesmo, como quem és: infinito, eterno e todo-poderoso.

Pois então, meu Senhor, quem impede agora a tua bondade de querer, e o teu poder de fazer em mim o que te peço? De me dares a tua luz, o teu amor, a tua pureza, a tua misericórdia? De fazeres desta tua miserável criatura aquilo que desejas? Se encontraste, para todas as coisas que te eram mais impróprias, razões bastantes e justíssimas na tua bondade para as quereres e fazeres — só para esta, que é tão tua e tão própria da tua grandeza divina e da tua virtude de Redentor e Salvador soberano — como é alargar o teu poder e a tua bondade para dares com misericórdia o que te peço, não encontrarás razão?

É verdade que não o mereço; é verdade que pequei por vontade própria. Todas as razões que há da minha parte para que não mo concedas são verdadeiríssimas. Mas acima de todas está a tua bondade, acima de todas a tua poderosa misericórdia — para me curares, para me restaurares, para me fortaleceres, e para me fazeres, com tua própria mão, tal que te agrade e te contentes de mim.

Pois meu remediador divino, todo-poderoso Jesus Salvador e meu Deus, já que a vossa fé me ensina que sois Vós esse mesmo, e que só de Vós posso e devo esperar todas as grandes coisas que não mereço, com toda a

confiança e humildade que posso, apresento-vos as minhas necessidades para que as remediais.

Vede, Senhor: se o demónio teve atrevimento de tentar a vossa incomparável pureza, onde não tinha qualquer jurisdição, e diante da qual se espantava; se contra a vossa pessoa tão inocente, fortaleza invencível, virtude perfeitíssima e obras divinas, ele se armou para vos enfraquecer, derrubar, ou pelo menos impedir o que quereis operar nas almas — que fará então à minha natureza, nascida em misérias, mergulhada no lodo e na corrupção, e cheia de más inclinações?

Vós vedes, Senhor, que este leão infernal não dorme na busca dos meus males e da minha perdição; comete contra mim todo o mal, infiltra-se em todo o bem. Desde que nasci até hoje, intromete-se em tudo o que é bom, empenha-se em enganar-me, e em buscar meios e astúcias para me vencer.

Quando durmo, inquieta-me até nos sonhos, e mal acordo, já está alerta para não perder qualquer oportunidade, momento, ou ocasião para me tentar. Ora se disfarça de anjo de luz, ora se reveste com os vossos dons, ora se apresenta com aparência de virtude, ora assume a cor das minhas inclinações — e assim, de todas as formas, em todo o tempo e lugar, em todos os assuntos interiores e exteriores, em todas as coisas boas ou más, me tenta.

É sorrateiro, ardiloso, enganador, para que eu não o veja nem entenda, a fim de me fazer ainda mais mal. Quando não me leva a pecar, perturba-me com as suas investidas, cansa-me com as suas insistências, e põe-me em perigo com fantasias perversas. Arde contra mim em malícia, aguça em mim a sua inveja para que eu não alcance os bens que ele perdeu, e chama em sua ajuda todas as fúrias infernais, as vaidades do mundo, os apetites da minha natureza miserável, as inclinações dos meus sentidos, as atitudes dos homens com quem convivo, e todos os acontecimentos da vida e do tempo — até mesmo com os meus pecados cometidos e já perdoados, e com as vossas misericórdias, ele me ataca.

Desde que nasci, encontro este inimigo ao meu lado — e, quanto menos o conhecia, mais perto de mim estava e mais dano me causava.

Ah, minha divina fortaleza e meu bom Jesus! Que pode esta miserável criatura, fraca e da terra, contra tal inimigo, com tanta malícia e astúcia? Quem sou eu para esta batalha? Em quem, meu Deus, confiais esta luta tão contínua e cruel?

É verdade que este inimigo só age dentro dos limites que Vós permitis, e que não lhe dais licença para me tentar mais do que aquilo que, com a vossa graça, posso vencer e aproveitar. Por isso, não tenho desculpa. Mas é isso mesmo que confesso à vossa misericórdia — não como desculpa, mas reconhecendo a minha infelicidade e miséria, pedindo remédio para o que em mim vedes quebrado e perdido.

Vós, Senhor misericordioso, por cuja piedade vivo, me suportais e esperais — vedes quantas vezes este inimigo levou vantagem sobre mim. A ele ouvi, e a Vós fechei o coração. E porque lhe obedeci tanto, ele tornou-se cada vez mais atrevido contra mim. E se o fujo, com mais raiva e fúria me persegue, devido ao hábito que criei e às portas que lhe abri em mim.

Reconheço que estou cada vez mais fraco, porque por minha vontade rejeitei as vossas ajudas, e por minha vontade me enfraqueci. Este perseguidor perverso não pode estar mais contra mim do que a minha própria fraqueza voluntária e negligência.

Com razão este inimigo me acusa diante de Vós e me exige justiça, porque sabe que, sem que eu quisesse, nada podia fazer comigo — e que me vence porque eu quero.

Mas, Senhor meu, abismo de infinita bondade e piedade, já estou nas suas garras, já me derrubou, já fiz tudo quanto ele quis — e fui eu que aticei a fome que ele tem de mim; fui eu o culpado de tudo.

Estarei então diante desse infinito abismo de misericórdias sem remédio? Para que sois meu Redentor, senão para me libertar? Para que sois todo o meu bem, senão para me tirar de todo o meu mal?

Ó bondade infinita, santificai-me! Ó pureza eterna, purificai-me! Ó fortaleza divina, fortalecei-me! Ó piedade divina, perdoai-me! Ó poder infinito, livrai-me deste inimigo — e de mim mesmo.

Vós vedes, Senhor, que ele não se contenta enquanto não me fizer perder por completo. Ganhai-me Vós; fique ele com a sua fome, e eu salvo por Vós.

Recordo-vos que não quisestes lutar com ele senão para que eu, com a vossa virtude, pudesse vencê-lo — por isso, tudo é vosso.

Pois então, Senhor, combatei por mim e vencei em mim.

É verdade que me mandastes servir e adorar somente a Vós, e eu, por vontade própria, servi este inimigo infeliz e todos os meus sentidos e apetites, de que ele se serve — e tive por eles mais respeito, sujeição e amor do que a Vós, como se fossem meus deuses; e por isso agora são tão senhores de mim.

É verdade que me mandastes que não fosse temerário nem vos pusesse à prova, e eu, com grande ousadia, ousei viver diante dos vossos olhos abraçado aos meus prazeres — e cometi tal desordem que esperei salvar-me indo pelo caminho da perdição; e tentei muitas vezes conciliar os meus prazeres condenáveis e a vontade do demónio com o vosso serviço.

E como isso não podia ser, fui eu mesmo quem me derrubei na miséria, em que caí por muitos pecados, muitas perdas da alma e às portas do inferno.

Isto é o que é meu; o que é vosso é misericórdia. Errei, bom Pastor; pequei, bom Jesus; agi como quem sou — meu Deus perfeitíssimo.

Por isso dissestes Vós que o homem não vive só do pão, mas das obras dessas mãos, da virtude desse coração poderoso e da piedade das palavras dessa divina e suavíssima boca.

Pois, Senhor, se não posso deixar de ser vosso, e de todas as maneiras vós sois meu — por quem morrerei, senão por vós?

Abri, bom Jesus, os vossos tesouros; levantai a minha baixeza; fortalecei-me contra este inimigo; perdoai-me o passado; e dai-me vida,

vigor e força para ser fiel combatente, como fui até agora covarde e miserável na batalha em que me pusestes.

Quem sou eu, Senhor, para combater e vencer?

Mas vós, meu divino Mestre, que com humildade vencestes os meus inimigos, não me deixastes outro remédio mais poderoso do que essa mesma humildade contra todos os seus ataques.

Confesso, meu Deus, que nada posso sem a vossa divina virtude — e se não o quiser confessar, as minhas próprias quedas o confessarão contra mim, pois com orgulho caí, e sem vós não me posso levantar

Nas minhas disposições presentes, nos assuntos interiores e exteriores, em tudo o que é bom ou mau, ele me tenta; é sorrateiro, astuto, enganador, para me cegar de modo que eu não o veja nem perceba — para assim me fazer ainda mais mal.

Quando não me leva a pecar, inquieta-me com as suas provocações, cansa-me com as suas insistências e põe-me em perigo com as suas perversas fantasias. Arde contra mim em malícia, aguça em mim a inveja para que eu não alcance os bens que ele perdeu, e chama em sua ajuda todas as furias infernais, as vaidades do mundo, os apetites da minha miserável natureza, as inclinações dos meus sentidos, as circunstâncias das pessoas com quem convivo, e todos os acontecimentos do tempo e da vida, até mesmo as minhas culpas cometidas e perdoadas, e com as vossas divinas misericórdias me arma.

Desde que nasci, encontro sempre este inimigo ao meu lado, e quanto menos o conhecia, mais perto estava de mim e maior dano me causava. Ah, minha divina fortaleza e meu bom Jesus, o que fará esta miserável criatura fraca e terrestre com tal inimigo, com tanta malícia e ardil contra si? Quem sou eu para esta batalha? De quem, Deus meu, espero uma peleja tão contínua e cruel? É verdade que este inimigo tem uma medida e que vós não lhe dais licença para me tentar mais do que, com a graça que me dais, posso vencer e aproveitar, por isso não tenho desculpa.

Mas isto é o que confesso à vossa misericórdia, não para me desculpar, mas reconhecendo a minha desventura e miséria, pedindo remédio para aquilo que em mim vedes quebrado e perdido.

Vós, misericordioso Senhor, por cuja piedade vivo, me sofreis e esperais, vede quantas vezes este inimigo leva e tem levado a melhor sobre mim. A ele ouvia, e a vós fechava o coração, e porque está em mim tão obedecido, por isso está cada vez mais atrevido contra mim; e se o fujo, com mais raiva e ânsia me persegue, pelo hábito que lhe dei e pela entrada e posse que lhe dei em mim.

Sei que cada vez sou mais fraco, porque voluntariamente rejeitei as vossas ajudas, e por vontade própria me enfraqueci. Não pode estar tanto contra mim este perverso perseguidor como está a minha fraqueza voluntária e descuido.

Com razão este inimigo me acusa diante de vós e me denuncia, porque sabe que, se eu não o quiser, nada poderia contra mim, e que me vence porque eu quero. Mas Senhor meu, peço a vossa infinita bondade e piedade, já estou nas suas garras, já me derrubou, já fiz tudo o que ele quis, e a fome que ele tem de mim eu a alimentei, e sou eu o culpado de tudo.

Pois hei-de estar perante esse infinito poço de misericórdia sem remédio? Para que sois meu Redentor, senão para me livrares? Para que sois todo o meu bem, senão para me tirares de todo o meu mal? Oh bondade infinita, santificai-me; ó limpeza eterna, purificai-me; ó fortaleza divina, fortalecei-me; ó piedade divina, perdoai-me; ó poder infinito, livrai-me deste inimigo e de mim.

Vós vede, Senhor, que ele não se contenta até me fazer perder totalmente; ganhai-me vós, fique ele com a sua fome, e eu livre por vós.

Lembro-vos que não quisestes batalhar com ele senão para que eu, com a vossa virtude, pudesse ser mais forte do que ele; por isso tudo é vosso. Pois Senhor, pelejai por mim e vencereis em mim.

É verdade que mandastes que só a vós servisse e adorasse, e eu, por vontade, servi este desventurado inimigo, e todos os meus sentidos e

apetites, que, se ele os ajuda, lhes dei mais respeito, sujeição e amor do que a vós, como se fossem meus deuses, e por isso eles estão tão senhores de mim.

É verdade que me mandastes que não fosse temerário nem vos tentasse, e eu, com grande temeridade, cometi viver diante dos vossos olhos abraçado aos meus gostos; e cometi tamanha desordem que esperáveis salvar-me indo pelo caminho da perdição; e quis juntar muitas vezes os meus gostos amaldiçoados e a vontade do demónio ao vosso serviço. E como isso não podia ser, eu próprio me derrubei na miséria em que caí de muitos pecados e muitas perdas da alma, às portas do inferno.

Isto é o meu e o vosso hino de misericórdia: errei, bom Pastor; pequei, bom Jesus; fiz o que sou, meu Deus perfeito. Por isso dissestes que o homem não vive só do pão, mas das obras dessas mãos, da virtude desse poderoso coração e da piedade das palavras dessa divina e suavíssima boca.

Pois Senhor, se não posso deixar de ser vosso, e vós de toda a maneira sois meu, por quem morrerei? Abri, bom Jesus, os vossos tesouros e levantai a minha baixeza, fortalecei-me contra este inimigo, perdoai-me o passado e dai-me vida, vigor e força para ser fiel batalhador, porque até agora fui covarde e miserável na peleja em que me pusestes.

Quem sou eu, Senhor, para pelejar e vencer? Mas vós, meu divino Mestre, que com humildade vencestes os meus inimigos, não me deixastes outro remédio mais poderoso que a humildade contra todos os seus ataques.

Confesso, Deus meu, que nada posso sem a vossa divina virtude; e quando assim não quiser confessar, contra mim terei as minhas próprias quedas, que com soberba dei, e de onde sem vós não posso levantar-me.

Minha presente vontade é nunca vos ofender, nunca consentir com o inimigo, mas também sei que não tenho forças para pelejar se vós não pelejardes por mim.

Oração do Salmo «De Profundis» para o mesmo propósito

De profundis clamavi ad te Domine, Domine exaudi vocem meam.

Confesso, meu Deus, que me colocastes num estado elevado e favorecido, cercado pelas vossas misericórdias; e eu, desventurado, caí no profundo da minha baixeza, no profundo do amor à terra, no profundo das vontades infernais dos meus inimigos, no profundo da maior fraqueza e cegueira, no profundo dos vícios que me afastam de vós, e enterrei-me no fundo das prisões que me cercam, que cativam e abatem a minha alma, de modo que não vejo a luz do Céu, nem sinto os vossos dons divinos e luzes, lançado nos abismos que me afastam de vós.

Mas vós, que me conheceis, mandastes que eu não desesperasse. Por isso, altíssimo e misericordiosíssimo Deus, de todas essas profundezas onde estou preso, cativo, acorrentado em trevas e sofrimento, fraco, cansado e miserável, a vós, meu Deus, levanto a minha esperança e os meus tristes olhos.

E, embora não mereça ser visto nem ouvido, não deixeis de lançar sobre mim os vossos piedosos olhos, nem de escutar as vozes miseráveis que as minhas misérias vos fazem soltar.

Fiant aures tuæ intendentes, in vocem deprecationis meæ.

Não fecheis, Senhor, esses ouvidos piedosos a quem foi surdo às vossas vozes paternais. Mas que o amor com que me pedistes que vos escutasse abra agora esses divinos ouvidos a quem hoje clama, suplica e pede a vossa ajuda.

Porque, se com misericórdia me ouvirdes e curardes, eu, meu Pastor, ouvirei a vossa voz e seguirei — tirado por vós das profundezas das misérias em que jazia — o vosso chamado e o vosso mandamento.

Si iniquitates observaveris Domine: Domine quis sustinebit?

Se vós, Senhor, tiverdes em conta a gravidade dos meus pecados e pesardes na justa e rigorosa balança o que eu por eles mereço, que esperança me restará? Que poder terei para pagar à vossa divina Majestade o que merecem as ofensas que contra vós cometi? E se não suavizardes o rigor da vossa justiça comigo, que remédio terei para a salvação e para onde

levantarei os meus olhos? Sem dúvida, estarei perdido, pois só em vós, que fostes ofendido por mim, posso esperar o remédio.

Quia apud te propitiatio est.

Porque o perdão dos pecados, a misericórdia e a piedade estão somente em vossas mãos, não quisestes que eu recorresse a outra coisa senão a essa mesma mão, e que pudésseis castigar-me para que os meus males tivessem remédio.

Pois tudo o que há fora dela está justamente contra mim, e tudo me condena. Tenho contra mim as minhas culpas, as minhas ingratidões, todas as vossas criaturas, das quais abusei, todas as vossas graças, das quais não tirei proveito, a vossa lei, que quebrei, o inimigo cuja vontade cumpri, e tudo o que há fora de vós está justamente contra mim, porque tudo isso grita contra mim tanto quanto eu amei tudo isso para vos ofender.

Eu mesmo sou o meu maior inimigo, e a minha consciência é a mais certa testemunha dos meus males.

Pois onde pode haver, fora de vós, misericórdia? Em vós, Senhor, está a piedade que tudo suporta, a misericórdia que tudo pode perdoar; e se vós fechardes para mim esse coração paternal, que será de mim? Onde irei buscar o remédio?

Et propter legem tuam sustinui te Domine.

Mas vós me deixastes uma lei para que eu nunca desesperasse, e que vos chamasse quando me visse em perigo, e que me convertesse a vós, e me acolhêsseis. Também estabelecestes uma lei para a vossa justiça que permitisse dissimular com o arrependimento.

E para que nada faltasse, estabelecestes ainda uma lei muito ampla para a vossa misericórdia, para que a todo o momento recebêsseis e perdoásseis o pecador arrependido.

É a essas leis que recorro, e com base nessas infalíveis leis, das quais tenho a certeza de que nunca vos arrependeríeis, venho aqui, aceitando todas as penas, esperando de vós toda a misericórdia que me for necessária.

Sustinuit anima mea in verbo ejus, speravit anima mea in Domino.

Não sois vós, Deus, que quebrais a vossa palavra; não chamais para matar, mas para dar vida; não ofereceis a vossa misericórdia para afogar aqueles que a ela recorrem, mas para os acolher e proteger.

Nessa palavra confia a minha alma; essa palavra busca esta vossa ovelha perdida.

A custodia matutina usque ad noctem speret Israel in Domino.

Vel secundum veritatem hebraicam sic:

Anima mea expectat Deum magis quam custodes ipsum mane: magis, inquam, quam custodes ipsum mane.

Assim como os vigilantes suspiram pela manhã para descansarem do trabalho da noite e para gozarem da luz de todo o dia, até que volte a anoitecer, assim, e muito mais, a minha alma vive e sustenta-se com a esperança que tem em vós.

Porque quando me cercam as trevas dos meus pecados e os perigos das minhas tentações, sei com certeza que só a vossa presença pode animar a minha fraqueza abatida e pobre. Por isso espero na vossa luz, para que veja; na vossa virtude, para que me fortaleça; na vossa misericórdia, para que possa suportar os sofrimentos; e na vossa graça, para que saia vitorioso.

Porque, sendo esta miserável alma visitada por vós, fugirão todos os inimigos, desaparecerão os meus pecados, e dareis a esta pobre criatura a vossa fortaleza e virtude para poder enfrentar a noite da tribulação e da tentação, quando permitirdes que ela volte.

Quia apud Dominum misericordia, et copiosa apud eum redemptio. Et ipse redimet Israel ex omnibus iniquitatibus ejus.

Vossos são os tesouros da misericórdia, e não sois avarento com eles. Porque, quando decidistes abri-los para remediar os meus males, que mais podíeis ter feito para me salvar? Com largueza me destes tudo o que tendes, e prometestes tudo quanto eu podia desejar, e com muita abundância supristes todas as minhas necessidades, que melhor do que eu conhecíeis. De todos os lados me cercastes com a vossa bondade. Tomastes sobre vós os meus males, padecestes as penas deles; derramastes todo o vosso sangue; destes a vossa vida; enriquecestes-me com os vossos merecimentos; vencestes os meus inimigos; abriste-me o reino dos Céus; e fizestes-me herdeiro de todos os bens celestiais. Pois, meu Redentor, que não se perca em mim tão copiosa e generosa redenção por causa das infelizes tentações do inimigo e das miseráveis quedas da minha fraqueza; mas fortalecei-me com a vossa virtude e amparai-me com a vossa misericórdia, para que sempre vos ame e resista fielmente aos meus inimigos, que me querem afastar de vós. E todos os males que em mim vos desagradam, que vós conheceis melhor do que eu, purificai-os como meu Redentor generoso e, renovado por vós, único reformador meu, vivereis em mim, e eu em vós, e com tudo o que me mandais poderei, e na vossa criatura vos glorificareis.

Ó Rainha dos Anjos, minha Senhora, e administradora de todos os bens de Deus, sede minha auxiliadora nas tentações. Abrandai a fúria dos meus inimigos e fortalecei a fraqueza da minha miséria, para que, ajudado por vós, se afastem de mim todos os poderes adversos, e eu glorifique o vosso santo nome.

Ó cidadãos celestiais, triunfadores gloriosos que já passastes pelos nossos perigos e deles estais seguros, ajudai este que caminha sobre as ondas das tentações, para que, com o vosso auxílio, chegue às vossas vitórias. Ámen.

TRABALHO XVII

Sofrer a grosseria dos Apóstolos antes de serem iluminados.

Vencida a batalha que o inimigo do género humano apresentou a Cristo nosso Senhor, por divina permissão, no fim dos quarenta dias em que jejuou no deserto, voltou o Senhor à Galileia para enfrentar outras batalhas maiores, das quais havia de alcançar gloriosas vitórias contra o mundo, o pecado e a morte.

E enquanto São João Baptista pregava, antes de ser preso (o que durou muitos meses), deixou-o exercer o seu ministério, e algumas vezes ia ao lugar onde ele pregava e batizava. Ali, São João deu dele o mesmo testemunho que tinha dado quando o batizou: de que era o Filho e o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

Embora ainda não se manifestasse publicamente como depois o fez, após a prisão de João, aos sábados pregava nas sinagogas e ensinava em algumas regiões, de tal forma que o povo começava a prestar atenção nele, a escutá-lo e a maravilhar-se com o que viam. Os que o conheciam dos anos anteriores, em que vivera em Nazaré, ficavam espantados por não o terem antes reconhecido assim.

E, decidindo percorrer as cidades da Judeia, pregando, fazendo milagres e dando-se a conhecer ao mundo para corrigir os seus erros e remediá-los, chamou muitos discípulos à sua companhia, e escolheu especialmente doze Apóstolos. Levando-os a um monte, passou a noite toda em oração; e, tendo-a concluído, deu-lhes o título e o ofício de Apóstolos.

O Senhor poderia ter dispensado essa oração, pois tudo o que fazia era perfeitíssimo; mas quis mostrar-nos com quanto cuidado tratava com o seu Eterno Pai tudo o que dizia respeito à nossa salvação. Ensinou-nos assim como se deve agir para acertar: o que só é possível quando se começa e se termina com Deus e com o seu Espírito.

E ainda que os Evangelistas não escrevam o chamamento de todos os doze em particular, o nosso Senhor disse-lhes, no sermão da Ceia: «Não fostes vós que me escolhestes a mim, mas fui eu que vos escolhi a vós, e vos dei o encargo de pregar pelo mundo e de produzir fruto abundante e duradouro nas almas» (João, cap. XV). Vê-se, portanto, que Cristo nosso Senhor chamou individualmente os doze para este sagrado ministério e para serem príncipes e colunas da sua Santa Igreja Católica (Lucas, cap. X).

Muitos dias depois, o Senhor escolheu outros setenta e dois discípulos, e enviou-os por toda a Judeia com o poder de fazer milagres, mandando-os visitar todas as cidades e lugares por onde Ele havia de passar, anunciando o Reino de Deus e curando os doentes, para que, por esses anúncios e maravilhas, o esperassem com mais desejo.

Cumpriram o seu ministério com grande admiração de todo o povo; e os que perseveraram na companhia de Cristo até à sua morte foram depois grandes auxiliares dos santos Apóstolos na pregação do Evangelho e na conversão dos povos. Dentre estes foi escolhido São Matias para ocupar o lugar de Judas, que se perverteu e se perdeu; e outros espantaram o mundo com a sua santidade e milagres.

A eleição que o Senhor fez de tais pessoas para tão grandes missões foi de tal natureza que São Paulo nos convida a considerá-la com atenção, observando as qualidades que Deus procurou nos homens que decidiu chamar e por meio dos quais quis converter o mundo e levá-lo ao conhecimento da sua fé. Ele disse: «Considerai, irmãos, o vosso chamamento: não há entre vós muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres; mas Deus escolheu as coisas mais ignorantes do mundo para confundir os sábios, e as mais fracas para confundir os fortes; escolheu as mais humildes e desprezadas, as que nada são, para destruir as que são e têm importância, para que ninguém se glorie diante Dele. Nem os eleitos para tais missões, pois não o foram por méritos próprios; nem os convertidos por meio deles, pois não o devem às suas virtudes, mas Àquele que tudo pode, e que quis fazer-se nossa sabedoria, nossa santificação e nossa redenção, para que só Nele nos gloriemos.

Com muita razão quer São Paulo que consideremos bem a qualidade das pessoas que Deus escolheu para serem colunas da sua Igreja, pois é uma das

coisas que mais exaltam o poder do Espírito do Senhor, que pode, a partir de algo tão humilde, edificar obras heroicas. É também uma das maiores graças que recebemos do Senhor: que nos tenha dado as suas soberanas misericórdias por meio de instrumentos tais, que só a sua virtude divina — de onde todo o bem procede — se reconheça neles.

Assim o quis Ele, para humilhar completamente a sabedoria do mundo. Porque, sabendo que nela não encontraria submissão, mas resistência à sua fé e doutrina, decidiu que, já que o mundo, com a sua sabedoria, não chegava a conhecer Deus, fosse iluminado pelas coisas mais humildes do próprio mundo, aquelas que ele considera mais ignorantes — como é a pregação da Cruz feita por pecadores.

O Senhor fez isto (como tudo o mais) à custa do seu trabalho e de uma profunda humildade, acompanhando-se de gente simples, de entendimento rude, e de qualidades muito diferentes daquelas que o seu ministério exigia — pessoas a quem faltavam todos os dons necessários para tão grande missão. Cristo nosso Senhor teve de cultivar neles, com muita paciência e ensino constante, as virtudes que lhes faltavam, e aperfeiçoá-los ao enviar sobre eles o Espírito Santo.

Bem sei que parece que estou a ofender a simplicidade com que esse sagrado coro apostólico entrou e conviveu com o Senhor até Ele subir ao Céu, sem que considerassem um fardo o ensinamento e a correção que d'Ele recebiam. Pois o Senhor os tratava como filhos, e eles, na medida em que então podiam, o amavam; e esse mesmo Senhor sabia que, depois de cheios do seu Espírito, com muitos trabalhos, virtudes, sangue, martírios e vidas, haviam de Lhe agradecer e servir por tão grandes favores.

Mas eles permitem-me dizer quem foram no princípio, e quanto trabalho davam a Cristo, pois melhor que eu o reconheceram depois; e por isso mais se humilhavam, e se admiravam da divina grandeza que, a partir de começos tão frágeis, os elevou a cimos tão altos de perfeição. Cada um tinha saudades da convivência e das situações que, então, não compreendia; e com amor perfeito, abraçavam espiritualmente o Senhor, que com tão paternal amor tolerara e suportara as suas rudezas, para delas extrair tão grandes bens. E não se cansavam de compensar com muitos serviços e trabalhos o esforço que então Lhe tinham dado. E ainda que o amor paternal

tornasse suave ao Senhor o peso das fraquezas de filhos tão amados, isso não nos diminui em nada a obrigação para com Ele — como se Lhe tivesse sido penoso — porque esse seu espírito tão amigo e paciente diante dos trabalhos não diminuía, mas aumentava, com o seu amor, os seus merecimentos.

Assim, o Filho de Deus feito homem, convivendo com os seus discípulos, encontrava-os — na maioria — pescadores em ocupação, simples no entendimento, ainda terrenos nos desejos e ambições, e muito rudes nos juízos e opiniões. Suportava-os como pai, acolhia-os como filhos e ensinava-os como divino mestre. E era mesmo necessário, pois os seus pensamentos se elevavam tão pouco às realidades divinas que ouviam, que não esperavam dele senão vê-lo como rei temporal da Judeia, e cada um se imaginava como um dos principais no seu reino, buscando razões para pensar que merecia sê-lo.

Os primeiros chamados — por serem mais antigos, ou por serem parentes de Cristo nosso Senhor pelo sangue — e os outros, por razões particulares, todos alimentavam, naturalmente, pensamentos cheios de vaidade. Cada um deles se imaginava a fazer favores a seus parentes e amigos, e a ser abastado em bens terrenos e privilégios pessoais, deixando transparecer que ainda estavam apegados às coisas do mundo. E não tratavam disto apenas entre si: muitas vezes apresentavam tais ideias a Cristo nosso Senhor, mesmo quando Ele estava ocupado com altíssimos e divinos mistérios.

Foi o que aconteceu durante o sermão da Ceia, quando discutiam entre si sobre qual deles havia de ser o maior. E, sempre que o Senhor falava das suas futuras dores e ressurreição, ou mostrava algum favor a São Pedro, logo os outros disputavam com ele a primazia. Escondiam-se uns dos outros para tentar garantir essa superioridade, como fizeram Tiago e João, que enviaram a mãe como intermediária, sem que os outros soubessem — o que, quando veio à tona, causou indignação entre eles. E assim passavam por outras fraquezas que bem mostravam o quão distantes ainda estavam, naquela sagrada companhia, do que mais tarde viriam a ser.

Eram tão fracos no espírito que, mesmo no melhor, lhes faltava a fé — e Cristo muitas vezes os repreendia por isso. Na sua Paixão, fugiram e o

abandonaram. São Pedro negou-o; Judas vendeu-o; todos duvidaram e tiveram dificuldade em crer na sua Ressurreição. Até quando o Senhor se despedia deles para subir ao Céu — momento em que haveria tantas coisas para comover os seus corações e tratar com Ele — ainda estavam ocupados com preocupações relativas ao Reino temporal de Israel.

Quanto aos outros discípulos, que não faziam parte dos Doze, quando o Senhor falava dos segredos do Santíssimo Sacramento, anunciando que daria a sua carne e o seu sangue como alimento divino, escandalizaram-se e acharam tão dura a doutrina que muitos O abandonaram. E quando, na Ceia, lhes falava da necessidade de armas espirituais para vencer as tentações que viriam, responderam de forma imprópria, dizendo que ali havia duas espadas. E, ao verem o Senhor ser preso, pensaram mesmo ter o dever de o defender com a espada.

Prometiam muito de si mesmos, mas no momento da prova enfraqueciam. Quando zelavam pela honra do Senhor, pediam-lhe autorização para mandar descer fogo do Céu sobre os que não o recebiam. E, se viam outros expulsar demónios em nome de Jesus, não suportavam que isso fosse feito por quem não era do grupo dos discípulos, e iam logo queixar-se ao Senhor.

Passavam, pois, muitas outras grosseiras atitudes e despropósitos com Cristo nosso Senhor, como gente ainda de espírito baixo e entendimento limitado.

Tudo isso o Senhor dissimulava, suportava e corrigia com brandura. Com tanta familiaridade, paciência, mansidão e amor, os acompanhava como se já fossem de espírito perfeito e de coração unido ao d'Ele. Tratava-os como iguais, contava-lhes os seus trabalhos como a companheiros — ainda que soubesse que mal os sabiam consolar. Defendia-os dos judeus e de outros adversários como a filhos. Revelava-lhes altíssimos segredos que eles entendiam muito superficialmente. Dava-lhes parte nas suas decisões, embora o seu espírito não alcançasse tal profundidade. Quando pregava, levava-os consigo como aos mais queridos. E quando orava, deixava-os juntos, acolhidos e confortados, e muitas vezes se levantava da oração para os visitar, encorajar e ensinar, mostrando-lhes o grande cuidado e o amor com que os protegia.

Quando pregava parábolas e doutrinas difíceis, explicava-lhes o sentido nas conversas particulares e frequentes que tinha só com eles, dando-lhes a entender que fazia deles mais caso do que de todos os outros. E ali vinham eles com dúvidas e perguntas grosseiras ao seu modo, que o Senhor desfazia com respostas divinas, como se fossem pessoas de maior profundidade e inteligência.

E sendo tão grande a diferença entre a majestade da sua pessoa, a elevação da sua sabedoria, e a baixeza daquela gente, a rudeza dos seus entendimentos e a simplicidade dos seus intentos — como era o caso dos santos Apóstolos naquele tempo — nunca por isso demonstrou fastio nem desprezo. Antes, ocultava-lhes os defeitos, dissimulava as ignorâncias, sofria as culpas, fortalecia as fraquezas, carregava às costas o peso das suas inclinações terrenas, e mantinha-os consigo à mesma mesa, na mesma companhia e convivência, até os tornar tão eminentes em sabedoria sobrenatural e virtudes heroicas como depois foram.

O Senhor ia (como sábio lavrador) semeando naquela terra rude o que sabia que, mais tarde, haveria de nascer e frutificar com o Espírito Divino. E, por então, contentava-se com a modesta simplicidade daquela boa planta apostólica, satisfazendo-se com aquilo que a sua divina sabedoria via que no futuro brotaria para salvação do mundo inteiro.

Não é matéria pequena de meditação imaginar aquela eterna Sabedoria acompanhada de tamanha simplicidade, tratando-lhe segredos altíssimos, valorizando mais o que eles haviam de ser do que o que então eram — e os carinhos e ternuras espirituais que com eles partilhava. E como sabia que ainda não os iluminava para que pudessem saborear, naquele tempo, aquela divina convivência e dar-lhe o devido valor, sendo-lhe tão fácil — como depois foi — mandar-lhes o Espírito Santo.

Também não é menos digno de meditação pensar no que sentiriam de si mesmos e do Senhor os santos Apóstolos, depois de iluminados com o Espírito Santo, ao recordarem a brandura do seu divino Mestre: como os suportava, protegia, acolhia, até lavar-lhes os pés; as palavras suaves que lhes dirigia, as doutrinas que lhes ensinava, os segredos que lhes revelava, e tudo o mais que com eles, como pai amorosíssimo, passava. E com estas lembranças, que contrastariam com a sua rudeza, quantas saudades não

teriam da sua companhia! E como se envergonhariam de si mesmos, e arderiam em amor por aquele divino Mestre e por tudo o que aprenderam da sua suave convivência!

Creio que era isso o que mais os humilhava, inflamava no amor, arrebatava na contemplação e os fazia, com doçura, entregar ao seu serviço as suas forças, trabalhos, cuidados, sangue e vidas.

O modo como Cristo nosso Senhor curou as fraquezas dos santos Apóstolos é um exemplo admirável, pois até nisso, com a sua suave mansidão, se ajustava à cura que eles, naquele momento, podiam receber com proveito, deixando a perfeição da obra ao Espírito Divino, que os havia de encher.

Nunca lhes exagerava os defeitos, porque, como não nasciam de malícia, mas de simplicidade e ignorância humana, não estavam ainda em condições de compreender a gravidade deles. Mas dava-lhes sempre doutrinas de humildade, punha-se como exemplo e, mais do que com rigorosas repreensões, tocava-os com a suavidade da convivência.

O Senhor bem via que o coração não está preparado para odiar o pecado com perfeição senão quando é iluminado com luz divina e abrasado pelo fogo do amor de Deus. E que, antes disso, é como bater em ferro frio querer arrancá-lo com força do que estima; e que é muito melhor reconhecer os defeitos à luz da beleza da virtude, quando esta se manifesta, do que ver a fealdade do erro — que, sem amor divino, não se consegue perceber.

Este é um grande exemplo para quem quer curar as feridas dos outros: primeiro, é preciso compreender até onde vai o entendimento do pecador e suportar-lhe as imperfeições que ele ainda não percebe em si mesmo, nem é capaz de compreender como más. E é melhor e mais eficaz levar-lhe com brandura a ver a virtude como algo bom, sem mostrar desdém ou repulsa pelas suas fraquezas — pois este é o meio mais suave e eficaz para lhe abrir os olhos e dispor a alma a receber a graça, a qual tem por missão iluminar as almas e fazê-las ver e estimar as coisas pelo que realmente são.

Assim dizia Deus por meio de um Profeta: «Jacob não se envergonhará agora, nem se corará o seu rosto do mal que faz, senão quando vir os seus

filhos diante de si glorificar o meu nome».

Ou seja: ainda não é tempo de uma alma se envergonhar de si mesma quando ainda considera boas as coisas que lhe fazem mal e está apegada a elas; mas quando começar a querer glorificar a Deus e servi-lo com todo o seu interior e exterior, e quando o entendimento lhe mostrar o mal que fazia, começará a envergonhar-se de ter empregado tão mal o seu amor e de ter tido juízo tão baixo para julgar as coisas.

Saber esperar essas ocasiões para curar as almas é grande prudência. Foi isso que São Paulo aconselhou aos perfeitos, dizendo: «Vós que sois espirituais, corrigi estes com brandura, considerando-vos a vós mesmos (isto é, sabendo que sois da mesma massa), para que não sejais tentados».

Assim estava profetizado de Cristo: que não acabaria de quebrar a cana rachada, nem apagaria o pavio que ainda fumega. Porque, embora o fumo seja incómodo, é sinal de algum fogo — e a caridade, que quer ganhar todos, sabe como soprar e avivar a faísca que começa a acender, para que cresça; e sabe como levar cada um segundo o seu erro ou inclinação.

Isto é um aviso para os que querem remediar os defeitos alheios. Mas os que devem ser curados, se querem que os deixem continuar no seu erro, já merecem uma cura mais severa — porque, quando alguém quer ser deixado no erro, é sinal de malícia: conhece o seu defeito, mas quer persistir nele.

E isto é ainda mais repreensível nos Religiosos que querem que os seus Prelados se acomodem às suas vontades. Porque a acomodação que a caridade ensina é para se usar com os que, por simplicidade e fraqueza, não conseguem mais; mas não com os que, por dureza, não se rendem ao jugo.

Nada consola e fortalece tanto a nossa fraqueza como ver a bondade deste Senhor na companhia que fez aos seus Apóstolos, mesmo sendo ainda imperfeitos. Pois aceitou-lhes então o pouco serviço, a conversa imperfeita e o afeto que lhe tinham, com o mesmo agrado com que depois aceitou os muitos trabalhos que por Ele sofreram. Mostrou isso com um elogio tão grande por esse pouco que fizeram, como se fosse o muito que fariam depois, ao converterem o mundo.

Durante o discurso da Última Ceia, enquanto eles ainda tinham as suas habituais imperfeições, e Cristo, nosso Senhor, lhes ensinava com as suas divinas doutrinas, disse-lhes: «Já não vos chamarei servos, mas amigos, porque vos revelei todos os meus segredos. Vós sois os que me acompanharam e permaneceram comigo em todas as minhas tribulações».

É admirável pensar em quem dizia isto e a quem o dizia: Quem dizia era o que tinha tomado sobre si o peso de todos os defeitos dos santos Apóstolos, suportando-os e curando-os; e dizia-o àqueles que sempre mostraram fraqueza, e naquela mesma noite haviam de mostrar uma ainda maior, pois todos fugiriam dele.

Mas o Senhor estima tanto o pouco que fazemos por Ele, quando ainda não somos capazes de mais, e valoriza tanto a simplicidade e pureza de intenção daqueles que não alcançam grande altura de virtude, que por isso esquece os defeitos e imperfeições que têm — e toma esse pouco, feito de bom coração, como instrumento para abrir caminho ao muito que deseja dar. E conta que, com isso, se dará por satisfeito.

Grande espelho é este para os superiores e para os que vivem em comunidade. Esperar tudo de todos é gravíssima ignorância, e origem de um governo fraco e prejudicial.

Também é grande fraqueza dos súbditos queixarem-se de lhes serem dadas mais tarefas e trabalhos do que a outros a quem Deus deu menos capacidade do que a que eles têm. Mas os superiores devem ter muito cuidado em observar o ânimo de cada um, e o que parece alcançar, e conforme isso adaptar-se à possibilidade e fraqueza de cada um: disfarçar com o fraco, ajudá-lo, favorecer o seu pouco, animá-lo a ir mais além — e não esperar dele mais perfeição do que aquilo que pode alcançar. Porque de outro modo irá assustá-lo, ele terá medo da virtude — e perder-se-á tudo.

Por isso preferiu o Senhor, enquanto viveu com os santos Apóstolos, suportar os seus defeitos a iluminá-los de imediato — por dois motivos:

Para que víssemos, nestes nossos heroicos mestres, quanto impede o amor terreno de receber as grandezas do Espírito de Deus, os dons da caridade perfeita e de subir à pureza da contemplação elevada; pois eles

foram incapazes da perfeição da luz e da claridade enquanto amaram a presença corporal de Cristo, nosso Senhor.

Ó Senhor meu, quanto vos devo por tudo isso! Bem sei que vos teria sido mais suave, logo ao chamá-los à vossa companhia, reinar perfeitamente nos seus corações, possuir totalmente os seus interiores já purificados, comunicar-lhes os vossos dons perfeitos — como fizestes mais tarde —, de modo que, ardendo em caridade perfeita, os seus espíritos fossem morada dos vossos divinos prazeres.

Mas então preferistes suportá-los, humilhar-vos a tão baixa convivência, lidar com entendimentos e afetos tão pobres, e suportar os trabalhos das suas imperfeições — para me ensinardes, nesses mesmos que seriam os mestres de toda a perfeição, colunas de todas as puras verdades e claríssimas luzes do mundo, que tudo posso esperar de Vós, e que os meus defeitos e culpas não são poderosos o bastante para apagar essa fonte perene de todas as misericórdias e bens.

Ah, amigo perfeitíssimo desta miserável criatura! Não é apenas verdade que, na casa celestial do vosso Pai Eterno, há muitas moradas — mas é precisamente porque, nesse divino e suavíssimo Coração, todos têm morada e lugar.

Lá há lugar para os Apóstolos imperfeitos e cheios de defeitos — e para eles mesmos, mais tarde, lugares muito mais amplos e gloriosos, quando forem heroicos e cheios de todas as virtudes. Lá tem lugar Pedro arrependido e perdoado — e o mesmo Pedro crucificado por vosso amor. Lá está acolhido Tomé, resistente na fé, e depois ferido por ela. Lá tem lugar o ladrão, o publicano, o leproso, a mulher pecadora — e até Judas teve o seu lugar, e tê-lo-ia para sempre, se não se tivesse perdido.

Nesse divino e amoroso Coração, dissipam-se as trevas, consomem-se as imperfeições, extinguem-se os afetos terrenos, purificam-se as inclinações baixas, edificam-se os espíritos. Ali começam, ali crescem, ali florescem, ali dão fruto perfeito. Ali são suportados nas suas fraquezas, humilhados nas suas grandezas e coroados nas suas vitórias.

Pois, Deus da minha alma, se tudo isto passastes com os vossos sagrados e amados discípulos, tanto quando estavam cheios de defeitos como depois, já perfeitíssimos, e se neles me revelastes esses divinos segredos desse divino Coração — só para mim se há de fechar? Não terei eu, bom Jesus, nesse vosso Coração, um lugar onde se consumam todos os podres desta vossa criatura, e onde eu seja renovado pelo vosso Espírito puro?

Adoro-te, divino Coração abrasado em amor eterno, luz mais clara do que a do meio-dia, sol que sempre nasce e nunca se põe, fonte que jorra sempre e nunca se esgota, abismo de infinitos bens sem fundo, sombra fresca para todos os cansados e atribulados, refúgio seguro para todos os atacados por tentações, e abrigo de todos os culpados.

Que eu seja recolhido aí, bom Jesus, onde confio que o meu nome está escrito com amor eterno. Como poderiam consumir-se os meus vícios senão nesse forno? Se aí não houvesse lugar para todos, como seríeis Deus universal, remediador e redentor de todos os pecadores?

É verdade, Senhor, que os meus pecados são muito piores do que as imperfeições dos vossos santos Apóstolos. Porque eles erravam por fraqueza, ignorância e simplicidade — mas não se afastavam de Vós: estavam convosco na oração, nos caminhos, à mesa, nas tribulações do dia a dia, na pobreza e nas vossas perseguições — e nunca se apartavam de Vós, e vos amavam como então sabiam amar. E se fugiram durante a vossa Paixão, foi porque vós não lhes quisestes tirar o medo, para que fugindo, ninguém lhes fizesse mal. Assim, todo o mal deles não tinha raízes que os afastassem de Vós.

Mas eu, miserável pecador, peco por malícia, fujo de Vós sem que ninguém me persiga, afasto-me de Vós todos os dias, nunca persevero no vosso serviço. Antes mesmo que venha a tribulação ou a tentação, já vos tenho esquecido. E os meus pecados nascem de raízes venenosas, que vos ofendem e que aborreceis em mim.

Eles escutavam-Vos, e eu não vos ouço; eles humilhavam-se com a vossa repreensão, e eu não a recebo; eles, mesmo com imperfeições e ignorância, vinham a Vós, e Vós os curáveis — e eu, nessas mesmas

fraquezas, presumo de mim mesmo. A eles, por sua simplicidade, Vós amáveis — e eu mereço ser rejeitado e lançado fora, por causa da minha vontade inclinada ao mal e da minha malícia.

Mas, bom Jesus, saúde destas miseráveis chagas, que Vós vedes e pesais com balança justa — já que elas estão tão descobertas aos vossos olhos, quem as pode suportar senão esse vosso amor paternal que me tendes? Quem me espera, senão esse Coração cheio de misericórdia? Quem me impede de desesperar, senão a vossa bondade e clemência naturais e eternas? Quem me chama a grandes bens e graças, senão esse vosso Coração suave, que deseja ter-me muito junto de Si, e dentro de Si?

Pois, piedoso Jesus, não sois Vós esse, e eu sou este a quem quereis ter tão unido convosco? Eis-me aqui, meu amor; eis-me aqui, minha saúde; eis-me aqui, todo o meu bem.

Quem vos ata, Senhor, para fazerdes o que desejais? Quem vos impede de realizar o que tanto quereis? Ainda agora me quereis deixar como estou? Ainda me quereis continuar a suportar assim? Ainda me quereis fugir e deixar-me neste lodo, longe de Vós?

Amor meu, como não me olhais? Só para mim ficastes surdo e cego? Vida minha, Jesus, porque não me ressuscitais? Saúde minha, Jesus, porque não me curais?

Hoje não vos hei de deixar, não vos hei de largar, até que me convertais totalmente a Vós. Aqui me agarrar-ei aos vossos pés, e irei atrás de Vós para onde quer que fordes.

O que quereis de mim, Senhor? Que me arrependa, que me emende, que Vos ame, que Vos sirva, e que persevere no que agora desejo?

Mas que vedes Vós em mim, bom Jesus, para quereis isso de mim — se não me o derdes Vós? E se quereis que não recuse essa graça, e que a guarde se ma derdes, como poderei fazê-lo, se não fordes Vós a fazê-lo comigo, em mim?

Ah, meu Senhor! Ah, meu doce amor! Quero — quero como e quanto posso — ser vosso, nunca mais, desde agora e para sempre, deixar a vossa companhia. Quero tudo o que Vós quereis de mim.

Ajudai, Deus meu, a minha vontade, ajudai a minha fraqueza, ajudai o meu pobre coração — pois agora digo "quero", e não sei quanto tempo durará este querer.

Já agora, onde estou, as minhas misérias e más inclinações terrenas — essas minhas companheiras contínuas e infelizes — já se revoltam contra mim. Já pensam que me vão perder, e já a minha carne teme deixá-las, e entrar em combate com elas.

Mas Vós, meu piedoso sofredor, e seguro amparo meu, amparai-me, Senhor!

Que os vossos olhos vejam em mim o fruto desse vosso tão antigo e paternal sofrimento — com que não me largueis até arrancardes de mim, com vosso Espírito abrasador, tudo o que em mim vos desagrada, e até me fazerdes todo à vossa imagem e vontade

Não posso, bom Jesus, nunca queixar-me de Vós, mas apenas de mim mesmo, porque sois, e sempre fostes, fidelíssimo amigo desta alma. Sempre que de Vós me afastava, tiráveis de mim os meios para pecar, impedíeis que a morte me levasse, para que tivesse tempo de me converter; inspiráveis-me o que me convinha e chamáveis-me por muitos caminhos. Dáveis-me tristezas e trabalhos, para que, ocupado com eles, não Vos ofendesse tão livremente. Permitíeis que fosse tentado, para que reconhecesse os meus perigos. Deixáveis-me, às vezes, ser vencido, para que conhecesse a minha fraqueza. Deixáveis-me andar angustiado e sem forças, para que visse a necessidade que tinha de Vós. E ainda que muito pequei, muito mais – incomparavelmente mais – teria pecado, se Vós, bom Jesus, não me tivésseis sustentado. Não me soltastes completamente da vossa mão, destes-me muitas ajudas espirituais e temporais, tudo me convertestes sempre em bem. Até os meus pecados me destes como matéria para me humilhar.

Se por vezes me voltava para Vós, logo me acolhíeis com os vossos carinhos interiores, com a doçura da vossa presença. Suportáveis as minhas

grosseiras atitudes terrenas, aceitáveis os meus desejos baixos e imperfeitos de virtude; fazíeis-me tomar e renovar bons propósitos; deixáveis-me ver, nas minhas fraquezas, que só com a vossa graça os poderia cumprir. Suportáveis as minhas infidelidades, deslealdades e inconstâncias.

Ah, meu bom Jesus, quando acabarei de reconhecer e confessar todos os cuidados particulares que tivestes comigo nos meus males e imperfeições, e as graças e bens que me destes? Quando, bom Jesus, deixastes de ser Pai para mim? Quando me voltastes o rosto pelas mentiras do que Vos prometia e não cumpria? Quando não aceitastes o desejo que sabíeis que duraria pouco? E eu logo recaía, e Vós ficáveis em silêncio, suportando a minha falta de delicadeza, e esperando por outra boa vontade para me receberdes – mesmo sabendo que também seria inconstante e mentirosa. Que maior amor que este? Que pai ou mãe mais do que isto? Que amigo mais fiel do que Vós?

Oh, quanto Vos devo, bom Jesus! Mais Vos devo nesta parte do que todos os vossos Apóstolos e Discípulos, pois eles pouco tempo Vos deram que sofrer, e eu, toda a vida. Eles gastaram o mais da vida a arder no vosso amor, e a empregar por Vós tudo o que lhes tínheis dado, e eu nunca o fiz. Mais Vos devo do que todo o mundo, porque a muitos deixais errar na fé, e perdê-la, e a mim conservais-na. A muitos deixais adorar ídolos, e a mim não. A muitos deixais seguir seitas erradas, sem Vos conhecerem, e a mim fazeis cristão. A muitos deixais perseverar até à morte nos pecados, e a mim dais este conhecimento. A muitos não dais a vossa graça eficaz, e a mim fazeis com que Vo-la peça, e perdoais-me tantos pecados quantos teria cometido se me faltasse essa graça.

Adoro-Vos, bom Jesus, por todas estas e muitas outras infinitas graças que me fazeis. Dou-Vos por elas infinitas graças, e ofereço-Vas por mim todos os justos e Anjos do Céu, pois não sou suficiente para Vos louvar como mereceis. Vós, Senhor, que sabeis quão grande impedimento sou para aproveitar estas graças, e para ir com todas as minhas coisas até Vós, e por ter amores por coisas da terra fora de Vós, ou amar-Vos a Vós, mas não puramente por Vós, purificai isto em mim. Não me deixeis ter outro mestre, outro conselheiro, outro juiz das minhas coisas, outro amigo e companheiro senão Vós.

Porque, ainda que para Vós, sendo grande e infinito, só interessem coisas grandes e eternas, sei bem e creio que Vos compraz na simplicidade pura, e que Vos alegrais em cuidar com detalhe das nossas coisas, querendo ser Vós quem tira todos os defeitos e guia os nossos passos. Que mais poderia eu desejar de um amigo fiel e leal do que isto? E se contais cada um dos meus cabelos e cada folha de uma árvore, como não haveis de contar cada abrir e fechar dos meus olhos, cada fôlego que respiro, cada momento em que vivo, cada pensamento que tenho e cada desejo que me surge?

Se cada ano, bom Jesus, tomásseis só uma hora para cuidar das minhas coisas, para saber de mim e prover-me nas minhas necessidades, e dar-me as leis da vossa vontade, já seria razão que todo o ano suspirasse por essa hora, e tivesse tudo preparado para tratar Convosco, e ficar provido das vossas ajudas e misericórdias para todo o tempo, até chegar outra feliz hora. Pois, como não vivo com o mesmo cuidado cada hora para tratar Convosco, e tomar-Vos em tudo por conselheiro e ajudador, se me dais todas as horas e momentos, se os quiser? Nem o governo do mundo e de toda a eternidade Vos impede ou ocupa o tempo, nem Vo-lo tira para deixardes de me olhar cada hora e cada momento.

Porque não vou a Vós com a palavra que me dizem, com o que me vem à mente, e com tudo o que me sucede? Porque não Vos ofereço até cada passo que dou, cada suspiro, cada palavra? Pois tudo me aceitais, e tudo isso Vos agrada. E quando for inteiramente Vosso em todas as coisas, tratando-as Convosco, oh que grandes graças – tão mal conhecidas e entendidas pelo mundo – me fareis!

Se por poucas e tíbias orações e aspirações me dais o que nunca saberei merecer sem Vós, que será se tudo Vos oferecer, e for todo Vosso? Ah, bom Jesus, falta-me uma coisa sem a qual não posso restaurar-me, e sem a qual sinto que é um grande atrevimento e perigo ousar viver um só momento descuidado de Vós: que é a santa humildade, conservadora de todos os bens.

Vós, humilde Jesus, sabeis que só ela me pode fazer desconfiar totalmente de mim, e ter receio dos momentos em que me descuidar de Vós, e suspirar sempre por Vós. Só ela me pode ensinar a importância deste cuidado vivo que devo ter de Vós. Sei que ela em mim Vos agrada

suavemente. Humilhai-me, humilde Jesus; plantai e enraizai em mim esta vossa companheira, amiga e tesoureira dos vossos bens, para que com ela viva sempre temeroso de mim, e fuja sempre para Vós, e só o vosso governo me conduza, e pelos vossos bens suspire, e me una sobretudo a Vós, e viva forte em Vós, livre de mim, e totalmente possuído por Vós.

Meu amigo, meu mestre, meu amparo, meu consolador, minha saúde, meu amor, minha rica bem-aventurança, minha suave guia, minha verdadeira vida, meu Jesus.

Oh humilíssima serva e Mãe de Deus perfeitíssima, em quem nunca houve coisa nem hora desocupada deste Senhor; pois Ele não se contentou em ser todo o meu amparo, mas deu-Vos também por Senhora, advogada e intercessora junto d'Ele; ajudai-me, Senhora. E pois sois filha de Adão, como eu, mas livre das minhas maldades, compadecei-Vos deste da vossa massa, para fazerdes dele, por vossa intercessão, um do vosso espírito.

Oh coro apostólico e sagrado, que fostes as luzes do mundo, alcançai, como prémio dos vossos trabalhos, a este pecador a graça que a todos desejáveis para os converter ao Senhor. E pois passastes pelas minhas imperfeições, compadecei-Vos delas e alcançai-me o divino Espírito que tão perfeitos vos fez.

Oh corte celestial, ajudai-me nesta hora a ser possuído, como o sois, deste Senhor para sempre, sem mudança. Amém

TRABALHO XVIII

Peregrinar a pé de lugar em lugar.

Com este pequeno e apostólico grupo começou, o bom Pastor Cristo, nosso Senhor, a percorrer toda a terra da Palestina, reunindo as ovelhas da casa de Israel, a quem fora prometido e enviado: abrindo caminho e porta para que entrassem todas quantas havia no mundo, no lugar destas que, por sua cegueira e dureza, não haviam de ouvir nem receber. Mas, para que não tivessem desculpa, e para que todo o mundo tivesse mais ricos tesouros dos seus merecimentos, Ele nada deixou de fazer da sua parte para os converter, chamar e anunciar-lhes o Reino do Céu, a lei da graça e as riquezas divinas que com Ele trazia.

E sendo Ele Deus, e Senhor, e o Messias prometido, que, vindo à terra, havia de ser procurado, recebido, reconhecido, adorado e servido pelos judeus — a quem pertencia tão grande mercê —, pelo contrário, eles viviam descuidados do seu bem, e era o Senhor que os andava a procurar e a oferecer-lhes as suas graças.

O Senhor não poupou ao seu corpo trabalho algum, por mais penoso que fosse, para iluminar o povo, tirá-lo dos seus vícios, enchê-lo de benefícios divinos e comunicar-lhe todos os seus tesouros.

Saiu do seu retiro, onde esteve muitos anos em obediência a Nossa Senhora, e passou para Cafarnaum, cidade da Galileia, a qual, como diz São Mateus, estava nos limites das tribos de Zabulão e Neftali. E, segundo se vê no livro de Josué, a tribo de Neftali confinava a sul com Zabulão e a leste com a Judeia. E entre estas fronteiras destas três tribos, que ficavam dentro do Jordão, em relação à Galileia e à Judeia, situava-se Cafarnaum, ao longo de um lago salgado, a que chamavam Mar da Galileia.

Estas duas tribos, Zabulão e Neftali, há muitos anos que estavam destruídas juntamente com as outras do Reino de Israel, que eram dez. Este Reino tinha por capital a cidade de Samaria. E houve tantos e tão

gravíssimos pecados em todas estas dez tribos, que por causa deles Deus as entregou à morte e ao cativeiro.

Por isso, a Sagrada Escritura chama a este Reino povo que andava em trevas e sombra de morte — isto é, em escuridão de pecados e castigos de mortes e degredos. E para que o nosso Senhor cumprisse as profecias, saindo de Nazaré, foi instalar-se em Cafarnaum, cidade que confrontava com os limites e fronteiras deste Reino, junto às terras das tribos de Zabulão e Neftali, que faziam parte dele, para começar por essa parte a pregar, como fez.

Pois estava profetizado que a este povo, que vivia nas trevas da morte e do pecado, o Filho de Deus, o Messias, que é luz divina, havia de esclarecer e nascer para os iluminar e tirar das trevas dos seus erros.

Assim se cumpriu o que Isaías diz: «Terra de Zabulão e de Neftali (pela qual se entende todo aquele desviado Reino de Israel), povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e nasceu essa luz para o povo que andava na região e sombra da morte.»

Aqui esta luz divina lançou mais claros resplendores e raios da sua doutrina e milagres; aqui permaneceu tanto tempo que, esquecida a sua pátria, que era Nazaré, a esta cidade chamavam a sua cidade.

E com muita razão, porque, ainda que o Sol ande com o céu e no céu se mova, não se diz que nasce no céu — porque lá está sempre claro —, mas sim no mundo, onde há noites que o escurecem, e é na terra e nos elementos sujeitos a mudanças e escuridões que faz as suas operações de diferentes resplendores e de produzir diferentes frutos e coisas, conforme as mudanças do tempo.

Assim Cristo, nosso Senhor, não se chama Sol, mas antes resplendor do Paraíso, como diz São João no seu Apocalipse: que não viu Sol na cidade celestial, porque o Cordeiro é a sua luz. A qual, porque é sempre a mesma, sem qualquer movimento nem mudança, é resplendor divino perpétuo — e não como o Sol para nós.

Mas, para os pecadores, que têm dias muito pequenos da sua luz divina, e longas noites de trevas de pecados, e muitas vezes parecem inabitáveis pela contínua duração das trevas sem luz, chama-se o Filho de Deus luz, e Sol que nasce, e luz desta região escura; e esta má terra chama-se sua cidade, onde Ele deseja fazer mais operações divinas das que Lhe são próprias.

O que não é pequeno alento para os pecadores decaídos e obscurecidos, saberem que, se o Senhor é por natureza imutável e luz do Paraíso, também, por nascer e fazer o seu percurso pelas nossas moradas escuras, é o nosso Sol — e fomos nós os seus, e a sua cidade, para quem Ele nasce e a quem deseja iluminar.

Aparecendo, pois, este divino Sol e começando a surgir sobre a terra sujeita às trevas dos pecados e sobre a escura região da sombra da morte, que era Cafarnaum, dali foi correndo e caminhando por todas as cidades das tribos de Israel, onde ainda havia vestígios delas, e por todas as vilas, lugares e cidades de toda a Judeia. Estas, segundo a repartição que Josué fez da Terra Prometida às doze tribos, eram mais de trezentas cidades, fora as que depois se edificaram de novo, e excluindo as suas vilas e lugares. Só a tribo da Judeia recebeu em herança e posse cento e quinze cidades.

Entrava nas sinagogas para pregar, santificava os montes e hortas com oração durante todas as noites; entrava nas casas para curá-los e ensiná-los; fazia muitos milagres nas praças. Esperava-os nos campos e nas praias do mar, onde todos pudessem caber com largueza, e ali lhes pregava, e por vezes lhes dava de comer, multiplicando o seu pobre alforje pela sua virtude divina, para alimentar a todos.

Suportava as suas importunações, acolhia-os com brandura; curava todos os doentes e ressuscitava os seus mortos com poder divino, e trazia-os todos atrás de si, atraídos pelo aroma das suas virtudes, maravilhados, consolados, instruídos e cheios de bens divinos.

E para que não parecesse que era por eles procurado, não se fiava no fervor deles (que qualquer pequeno contratempo ou cansaço podia arrefecer), mas Ele mesmo ia por todos os lugares, de além e aquém do mar, e mandava os seus discípulos adiante para anunciar a sua vinda.

E sendo tantos os lugares, foi necessário para isso que enviasse setenta e dois discípulos, e depois Ele mesmo percorreu todos esses lugares em pessoa.

E porque precisava comunicar-se com muitas partes e acudir a todos (ainda que todo se dava a todos com eterna caridade), repartia os dias, pois os tinha limitados, conforme as necessidades de cada terra. E deixava em cada uma o seu amor ardendo e a acender-se, e o seu espírito a fazer o ofício que a sua presença corporal já não podia.

O cuidado daquele divino coração, o desejo da salvação de todos, a igualdade daquele suave acolhimento para com todos, a generosidade das suas graças e maravilhas com todos, a paciência com que dissimulava e suportava as faltas de todos — isso não se pode escrever nem sequer imaginar completamente.

Tudo lhe custava um trabalho imenso para o seu corpo. Pois andava a pé, e segundo alguns creem, descalço, e percorria muitas léguas por calor, lama e chuva, que o seu delicado corpo não sentia menos por ser seu do que sentiria se fosse de qualquer outro homem.

Dava muitas topadas, e seriam muitas com sangue. E como a terra da Judeia era pedregosa, de muita serra e montanhosa, era muito mais trabalhosa de atravessar. Muitas vezes cansava-se, suava e sentava-se como qualquer outro caminhante fraco.

E quando chegava o tempo de repousar e alojar-se, era para ir às sinagogas pregar e fazer as suas obras divinas. E se mandava os seus discípulos, como costumava, procurar alimento, Ele ficava a tratar do proveito das almas.

Em algumas partes era bem recebido, noutras não, e em algumas até era despedido com afronta. Mas tão grande e admirável era o exemplo de mansidão e paciência com que se retirava e ia procurar outro lugar, e oferecer ali as suas graças, como a brandura com que as fazia a quem as desejava.

Certo dia, escandalizados e indignados os seus discípulos com as gentes e os lugares que não o queriam receber, tendo-o eles (como de facto era) por o maior bem do mundo, pediram-lhe licença para mandar descer fogo do Céu e destruí-los. E o Senhor, com brandura, os repreendeu, dizendo: «Não sabeis, nem conheceis que espírito vos move.»

Dando a entender que o seu espírito era de mansidão e paciência; e de esperar e insistir com as pessoas através das suas graças.

Outro dia, quando lhe perguntavam por que razão ia à Judeia, onde o tinham querido apedrejar, respondeu-lhes: que havia doze horas no dia, das quais a sua clemência julgava bem empregadas onze em ser desprezado e lançado fora, por causa de uma em que pudesse ser o começo de muitas cheias das suas graças.

Tal é o Senhor: que, com muito gosto, se oferece às pessoas e às almas com as suas graças e mercês; despede-se apenas forçado, e, em vez de se indignar, vai sempre olhando para trás, para ver se o tornam a acolher e o chamam.

E onde encontra esse desejo, esquece-se da rejeição e da descortesia com que foi lançado fora, como se tivesse sido sempre acolhido, recebido e servido.

As mercês que nosso Senhor fez àquele povo em todos os caminhos por onde andou e em todos os lugares onde entrou não é possível contá-las. E ainda que muito está escrito, foi tal a quantidade de benefícios e maravilhas divinas, que diz São João que, se tudo houvesse de ser contado, o mundo não teria espaço para os livros que se escreveriam.

E isto não ao longo de três mil anos, mas em pouco mais de três; nem por intermédio de terceiros, mas pela sua própria pessoa, com o seu trabalho e suor do seu rosto.

No pouco tempo que bastou ao Senhor para fazer e concluir tantas e tão grandes obras, e encher a terra de graças divinas, vê-se claramente quanto vale mais uma vida curta bem ocupada do que uma longa vida ociosa, e quão pouco tempo basta para alcançar grandes virtudes e merecimentos.

Por isso, o maior engano da vida é desejar uma vida longa para servir muito a Deus, merecer muito e fazer muitos bens. Se a brevidade da vida fosse toda ocupada ao serviço de Deus, sem dúvida levar-nos-ia ao Céu com um degredo mais curto e mais ricos das suas mercês.

Mas, como a maior parte da vida está povoada de culpas e defeitos, temos necessidade de tempo para chorar o mal cometido, limpar o que nos impede de entrar no Céu e merecê-lo com boas obras. E nosso Senhor, com misericórdia, prolonga muitas vezes este triste degredo, para ter mais gente com quem usar da sua clemência.

A divina Escritura diz que o justo morto condena os maus vivos, e que a sua juventude terminada depressa prolonga a vida do pecador.

Porque o justo, nos poucos anos que vive, possui bens espirituais para si e para repartir com os necessitados deles; e diante de Deus, a juventude bem vivida é considerada como uma honrada velhice, cheia de muitos merecimentos. Já a longa vida do ímpio, sendo ociosa e cheia de pecados, fica assim reprovada e sem desculpa, pois teve muitos anos para viver e neles não soube, ou não quis, aproveitar poucas horas para se salvar.

Ainda que Séneca tenha dito que, impropriamente, se diz que o mau morre — pois não entende como se pode morrer sem nunca ter vivido, e acabar a vida sem nunca a ter começado —, mais próprio é dizer que o mau sempre morreu, porque nunca soube viver.

Pois como não pode ser vida senão aquela que é povoada de bens que fazem viver para sempre, quem vive de modo a morrer para sempre, na verdade, começou a morrer antes de ter começado a viver, e morrendo, continuou na morte onde sempre esteve, desprezando o que de facto é vida.

E assim compara os que vivem muito sem viver bem ao navio que andou muito tempo no mar, sempre à vista do porto, o qual, embora navegando muito, percorreu pouco.

O justo, todo ocupado em servir o Senhor e em salvar-se, encontra em poucos anos tempo para orar muito, jejuar muito, dar muitas esmolas, aconselhar bem, ajudar muitas almas dos próximos, escrever muitos livros,

sofrer muitos trabalhos e exercer muitas virtudes — porque ocupa todas as horas e todos os acontecimentos da vida e do tempo como ocasiões para exercer virtudes e encher-se de merecimentos.

O que descuida da sua salvação, e não trata senão dos seus desejos e inclinações, precisa de tanto tempo para satisfazer ou acalmar a sua ira, saciar os apetites das suas desonestidades, gozar os prazeres da gula, passar o tempo com jogos e músicas, entregar-se às vaidades e vaidosas aparências, cumprir com os pontos de honra e satisfazer mil e uma obrigações que impôs a si próprio ou ao seu estado — sem que Deus o tenha obrigado a isso — que teria necessidade de tantas e tão longas vidas quantas são as coisas em que reparte a única vida que tem: muito breve e tão incerta.

E por isso, quando quer tratar de si e da sua salvação, não encontra tempo nem lugar. Porque tantas coisas de nenhuma ou pouca importância lhe roubaram tantas partes da vida, e sendo ela tão curta, quando chega a morte, então, apressado em salvar-se, lembra-se de se preparar.

E como as coisas feitas à pressa, na maioria das vezes ou não chegam a tempo, ou são de tão pouca valia que de nada servem, só Deus sabe quem é então tão diligente que possa, em tão pouco espaço de tempo e rodeado de dores, preocupações e medos, cortar, coser e acabar o vestido nupcial — sem o qual não terá entrada nos banquetes celestiais.

E quem tudo deixa para esse último momento, se por infelicidade o falha, oh, quão curta lhe parecerá então a longa vida que teve de pecados, e quão longa a eternidade das penas!

Cristo nosso Senhor, em pouco mais de três anos que tirou ao repouso do corpo e à sua particular solidão, e os empregou em obras divinas, teve tempo para percorrer todas aquelas muitas cidades e lugares; para curar muitos doentes, ressuscitar muitos mortos, ensinar muitas doutrinas, dar muitos e cansados passos, consagrar o colégio apostólico, fundar a sua Igreja, receber muitos acolhimentos e serviços, fazer a todos muitas graças, sofrer muitos trabalhos, padecer grandes tormentos, morrer, ressuscitar e subir ao Céu.

E esses seus três anos aproveitaram mais para o nosso perfeito remédio geral do que muitas vidas longas de muitos justos, ainda que bem e santamente vividas, poderiam aproveitar para o remédio particular de cada um deles.

A raiz de tudo isto foi que Ele tinha todo o seu cuidado ocupado na salvação do género humano, que era a vontade e obediência ao seu Eterno Pai. Assim, quando muito se cansava, nada lhe dava mais alívio do que encontrar ocasiões onde pudesse deixar feitas muitas e divinas mercês.

E quem ler a história dos santos Evangelistas verá que o Senhor não fez caminho, nem entrou em terra ou casa alguma, onde não tenham sido escritos maravilhosos benefícios realizados com a sua presença.

Indo um dia perto de Samaria, cansado, sentou-se junto a um poço, e pelo que ali sucedeu se pode compreender em que ocupava o seu coração e o que mais o descansava nos seus trabalhos.

Pois, tendo os seus discípulos ido à cidade buscar alimento, e ficando Ele só, veio ao poço uma mulher pecadora tirar água, e o Senhor pediu-lhe de beber. E a mulher, entendendo que Ele lho pedia por estar cansado, recusou com uma desculpa fraca.

Mas o Senhor, que até aquele poço caminhara na hora do meio-dia para não perder aquele encontro, falou-lhe doutrinas tão sublimes sobre as águas vivas divinas que Ele faz brotar nos corações dos fiéis — as quais correm até à vida eterna — que a pecadora começou a desejar essa água.

E como os seus pecados lho impediam, Ele continuou o diálogo, no qual lhe revelou o mau estado em que vivia. Mas, porque sem a luz divina e sem conhecimento de Deus ninguém pode reconhecer e detestar o estado do pecado, o Senhor levou a conversa a tal ponto que aquilo que nunca revelara claramente em público — nem em segredo a seus Apóstolos, a quem só por rodeios dizia ser Ele o Messias prometido —, claramente o declarou àquela pecadora, pela cuja salvação trabalhava tanto como pela de todo o mundo.

Iluminada e convertida, logo se tornou pregadora das divinas mercês e do Senhor que lhas fizera. E, voltando à cidade, fê-la sair toda para recebê-lo, sendo ocasião de muitas e grandes mercês que Deus lhes concedeu.

Enquanto ela foi a Sicar dar novas do Senhor que estava às portas, e de quem Ele era, chegaram os discípulos com o alimento e rogaram-lhe que tomasse alguma coisa para descansar.

O Senhor, que se alimentava de fazer misericórdias, disse-lhes que Ele comia de um mantimento que eles ainda não conheciam, que era fazer a vontade de seu Eterno Pai, salvando almas e acudindo às searas de Deus, que já estavam brancas e prontas a serem colhidas.

Estando nestas palavras, desceu toda a cidade até Ele, e levaram-no, ouviram-no e reconheceram-no como seu Senhor. E este foi o seu jantar naquele dia — de que Ele tomava muitos, e não tinha outros refrigerantes senão estes.

Por isso, desejando tirar os homens dos trabalhos cansativos e das ocupações excessivas da vida, aconselhava que colocassem como principal cuidado e alegria o ganhar o Reino de Deus, e, se nisto se esforçassem, para todo o resto da vida teriam a Deus da sua parte, que lhes aliviaria muitos trabalhos.

O Senhor não quis dizer com isto que a vida devesse ser ociosa, mas que, em todas as ocupações da vida, se deve buscar a glória. Porque, quando em tudo o mais se busca outro fim que não este, ou não se alcança, ou acaba depressa, ou não satisfaz, e sempre vem acompanhado de misérias e contratempos, que cansam a vida, ficando os cuidados mal empregados e a vida mal vivida.

Mas aquele que, em todos os seus cuidados, tem por principal intenção tratar da vida eterna, come o seu bocado, dorme o seu sono, e trata dos seus negócios com paz.

Porque na perda das coisas se enriquece com a paciência e os louvores a Deus, e na abundância e nos sucessos prósperos delas encontra maiores ocasiões para merecer o Céu. Quando o desejo do Céu é grande, poucas

coisas da terra bastam e chegam a muito, e suprem muitas necessidades; mas quando é pequeno, nenhuma coisa da terra basta, e com qualquer das do Céu se satisfaz. Grande prova disso deu o rico avarento, para quem todo o próspero da terra, de que gozou toda a vida, foi pouco; e tanto era o seu desprezo pelas coisas da alma, que uma esmola a Lázaro — das migalhas de pão que os cães comiam debaixo da sua mesa — nunca chegou a dar.

E depois, quando se viu no Inferno e Lázaro no Paraíso, assim como em vida tivera tão pouco desejo das coisas espirituais, assim também, nas misérias do Inferno, não soube pedir dos infinitos e riquíssimos bens do Céu senão conforme ao seu desejo mesquinho que tivera em vida: uma gota apenas que caísse do dedo mínimo de Lázaro molhado nas águas vivas do Paraíso.

Mas teve por resposta a essa tão miserável petição que, assim como as necessidades de Lázaro estiveram longe do seu coração em vida — tendo-o todos os dias à porta —, assim estavam agora longe os prazeres do Céu das suas misérias eternas, ainda que agora estavam à fala.

Seja a conclusão deste assunto que, se remediar as nossas necessidades, enriquecer a nossa pobreza e tratar da salvação das nossas almas era o alimento da fome de Cristo nosso Senhor, e o alívio e descanso dos seus cansados suores e trabalhos, então merece que seja também o nosso: agradá-lo e servi-lo, e não perdermo-nos.

Exercício da peregrinação do Senhor, cansado e a pé

Fortaleza toda-poderosa, divina e invencível, virtude dos fracos e miseráveis pecadores, meu Deus, meu Senhor e toda a minha bem-aventurança! O que seria de mim, se olhásseis os meus pecados como eu mereço, e não com os olhos da vossa misericórdia?

Há quanto tempo que me teria perdido de vós, e quantas vezes teria ficado sem remédio, se olhásseis os meus males para me castigar, e não para perdoar! Se me soltásseis da vossa mão, como mereço, quantas mais vezes vos teria ofendido, e merecido ser por vós rejeitado!

Mas porque me olhastes com misericórdia, por isso vivo; e porque com o vosso poder me sustentastes, não estou muito mais perdido, nem mais atolado em males; e porque com os vossos merecimentos supristes a justiça que em mim faltava, não me rejeitastes, e dais-me esperança de ser perdoado, e chamais-me com piedade à comunicação dos vossos bens divinos.

A um tão miserável pecador quereis em vossa companhia, bom Jesus, e ao vosso lado? Como não há de a minha impureza temer essa soberana pureza? E a minha miséria e baixeza, como há de levantar os olhos a essa divina grandeza e majestade?

Que comunicação pode ter a minha pobreza com essa eterna riqueza, e um pecador tão chagado como eu com essa altíssima divindade e saúde? E as minhas trevas com essa clara e suave luz?

Eu sou quem vós vedes, e vós sois quem sabeis quem sois — tão alto, que só vós vos podeis compreender inteiramente.

Oh bom Jesus, oh Deus do meu coração, porque sois o que sois e me criastes para vós, não quereis que esteja separado de vós, e quereis iluminar as minhas trevas, curar as minhas chagas, fortalecer a minha fraqueza, limpar as minhas culpas, perdoar as minhas ofensas, ensinar a minha ignorância, ressuscitar as minhas mortes, enriquecer a minha pobreza.

Vós sabeis quão miserável sou sem vós, e quão poderoso sois para, desta pura miséria, fazerdes templo e morada vossa, e por isso quereis tirar-me de mim e aproximar-me de vós.

Pois se tanto me convém, e tanto o desejais — ainda que todo o gosto seja vosso, todo o proveito é meu — quem me prende, e me tem um só momento afastado de vós?

Eu, que deveria clamar por vós, estou mudo, e vós é que me chamais; eu, que deveria bater sempre à vossa porta com lágrimas, estou ocupado em outros cuidados, e vós insistis comigo; eu, que deveria obedecer-vos, estou surdo aos vossos mandamentos, e vós incitais-me.

Como, bom Jesus, se trocou isto? Que o culpado recusa, e o ofendido roga? Que a criatura foge, e o Criador a segue? Que o doente despreza a saúde, e o divino Médico anda com todo o cuidado a curá-lo? Que o ferido ama as suas chagas, e vós, meu Deus, vos doais e compadeceis delas?

Oh Deus da minha alma! Aqui vereis quem sou eu, que amo a minha perdição; e aqui vejo quem sois vós, que só vós, como pai e Senhor amantíssimo, procurais o meu remédio.

Oh, se eu sentisse tanto os meus males como Vós! Oh, se eu os aborrecesse tanto como Vós! Oh, se eu fizesse tanto por sair deles, como Vós fizestes para mos tirar! Oh, se eu trabalhasse tanto pelo meu bem, como Vós trabalhastes para o negociar por mim!

Vós, bom Jesus, que conheceis a gravidade dos meus pecados, os danos que me causam, e os bens que por causa deles perco, e que, vendo já, muito antes de eu nascer, o descuido do meu coração, tivestes piedade de mim, e nenhum trabalho poupastes para me buscar o remédio de que eu precisava.

Aparecestes como luz divina ao povo que, como eu, estava em trevas de pecados; e como bom pastor, andastes à procura das ovelhas tresmalhadas por terras fragosas, por montes ásperos, por vales e caminhos, por cidades, vilas e lugares, a pé, descalço, suando, cansado e quebrantado esse vosso santíssimo corpo.

E porque não quisestes forçar ninguém, com muitas obras de amor procuráveis provocar os corações a amar-Vos, a procurar-Vos e aceitar as vossas graças. Enchestes tudo de doutrinas divinas, de maravilhosas obras e milagres, de sofrimento e paciência, de acolhimento, de mansidão e da suavidade da vossa santa convivência.

Oh, quantas graças concedestes no meio desses trabalhos e suores aos pecadores! Quanto, ó Deus do meu coração, devo a esses vossos caminhos e passos cansados! Ninguém Vos chamava à sua casa sem que Vós lá fôsseis; dissimuláveis a pouca fé deles, e com a vossa misericórdia tudo supríeis e enchíeis de graças.

E se não Vos chamavam, Vós ias procurar com cuidado, misericórdia e mansidão aqueles que sabíeis que precisavam de Vós.

Fostes ao mar buscar os pescadores para os fazer vossos discípulos. Fostes buscar o publicano pecador Mateus, para o fazer vosso Evangelista. Fostes procurar a viúva desconsolada de Naim para ressuscitar o seu filho. Fostes à piscina curar o paralítico abandonado há trinta e oito anos pelos homens.

Fostes a Tiro e Sídon para enriquecer com a vossa graça a pecadora cananeia. Fostes à casa do fariseu para santificar a pecadora Madalena. Fostes à casa de São Pedro para curar a sua sogra. Tomastes o caminho onde sabíeis que Zaqueu, pequeno de corpo e de virtudes, e grande em pecados, desejaria ver-Vos, para pordes nele os vossos suavíssimos olhos, ser seu hóspede e santificar a sua pessoa e a sua casa.

Fostes ao poço de Samaria, ao meio-dia, cheio de calor e suor, para procurar a pecadora samaritana e dar-lhe da vossa água viva.

Fostes muitas vezes ao encontro de muitos cegos para os iluminar; de muitos endemoninhados para os libertar; de muitos leprosos para os curar; de muitos desconsolados para os alegrar; de muitos pecadores para lhes perdoar; de muitos errados para os ensinar e orientar; de muitos duros para os amolecer; e de muitos esquecidos e descuidados do seu bem, para lhes oferecerdes esse bem.

Nenhum passo destes foi dado sem ser para fazer graças.

Quando escorregáveis e caíeis na lama, quando magoáveis os vossos santos pés nas pedras, quando, de tão cansado, já não podíeis andar, quando vos sentáveis para recuperar o fôlego, quando ardíeis com o calor, quando o suor atravessava as vossas vestes, quando os ventos e as chuvas vos incomodavam nos caminhos por onde andáveis, o cuidado pelas vossas ovelhas tresmalhadas animava-vos; o perigo em que as víeis não vos deixava repousar, e a necessidade que tinham de Vós fazia-vos apressar e não descansar.

Era por isso que madrugáveis, por isso vos pareciam as noites compridas, os dias e as horas curtos, e para socorrer a todos e chegar a todas as partes dobráveis e redobráveis o esforço, porque o cuidado e o amor do vosso coração piedoso não vos deixavam parar.

E mesmo que de todos os lugares saíssem aos campos e montes à vossa procura, nunca vos cansáveis com a multidão; antes, com todos partilháveis a vossa misericórdia e a todos satisfazíeis.

E nem por isso deixáveis de ir a todos os lugares, àqueles distraídos ou impedidos de sair aos descampados. Não consentíeis que alguém vos pudesse desejar e não vos encontrar, nem que faltasse a vossa presença e chamado àqueles que ainda não vos conheciam e estavam perdidos.

Ah, bom e piedoso Pastor, abri os meus olhos para que reconheça que sou a ovelha tresmalhada, por quem destes todos esses passos, por quem percorrestes esses caminhos difíceis, com tanto zelo e amor. A mim chamam esses clamores, a mim convidam essas misericórdias, a mim ensinam essas doutrinas, a mim consolam esses acolhimentos que fazíeis aos pecadores; a mim curam esses milagres, a mim aliviam esses cansaços, a mim refrescam esses suores, a mim olham esses olhos piedosos que convertem os pecadores.

Lá leváveis o corpo, e em mim, pecador, o sentido; lá fazíeis as mercês, e já a mim, pobríssimo, chamáveis ao fruto delas. Que Vos darei, Senhor, por todas estas mercês? Ó bom Jesus, pois me buscais tão cansado e suado, não seja em mim em vão tanto cuidado e trabalho. Não sou menos que todos esses pecadores, nem sois Vós menos meu redentor, pastor e salvador que o fostes para eles.

Dai-me, Senhor, um lugar à mesa do pecador Mateus, ou uma entrada na casa do santificado Zaqueu, ou um pé vosso, e as lágrimas de Madalena, para ser com ela perdoado; ou uma migalha do vosso divino pão, para ser, como a cadelinha da vossa casa — a Cananeia — saciado; ou da vossa doce água viva, para ser, como a Samaritana, iluminado no vosso conhecimento e amor.

E se nada disto mereço, ouvi, bom Pastor, o clamor desta ovelha leprosa, que vos grita por cura, e dizei-lhe que seja curada — e logo será limpa.

Vós, Senhor, dissestes que, ainda que fostes enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel, tínheis outras ovelhas que, do Oriente e do Ocidente, havíeis de trazer para o vosso rebanho, e que vos cumpria reuni-las para que não se perdessem. Eu sou, bom Jesus, uma dessas. Sei que, entre todas, não sou esquecido; bem sabeis o meu nome; bem conheceis a minha miséria; bem vedes como estou ferido e despedaçado pelos lobos infernais e pelos pecados.

Pois, Senhor, levai-me ao vosso rebanho, e atrás dos vossos divinos passos, para que me vá sustentando com os vossos pastos espirituais e celestiais.

Oh Pai celeste, clementíssimo Rei e meu Senhor, que me vedes e a quem eu não vejo, fazei que, como me vedes, eu vos veja, e que me conheça como Vós me conheceis.

Que vedes, luz divina, em mim? E o que há, bom Jesus, que eu não vejo em Vós? Fazei-me senti-lo, para que me aborreça a mim mesmo, e Vos deseje. Vós vedes o meu pobríssimo interior, quão longe estou de Vós — e por isso com tanta pressa me buscais; quão cego estou do vosso conhecimento, em região escura de morte — e por isso saís ao meu encontro como luz, e dais tantos passos e voltas para me iluminar.

Quantas razões tenho para duvidar de ser por Vós recebido — e por isso Vos fazeis companheiro dos pecadores.

Oh Senhor, se descêsseis em particular ao que vedes neste interior, quão impossível me seria conhecê-lo e confessá-lo! E Vós, que o vedes, o sofreis, e vos compadeceis de quão miserável estou.

E sobretudo vedes que eu não vos vejo, nem os bens que em Vós se encerram, que só a mim me podem remediar.

Não vos vejo Pai, Amigo, Pastor, Guia, Companheiro, Riqueza e Bem-aventurança minha. Não vejo esse amor que me tendes, senão por semelhanças; nem a virtude das vossas obras, senão por suposições; nem os vossos doces bens, senão por sinais.

Não vejo o incompreensível tesouro de quem Vós sois, e que tudo isso sois meu e para mim. E ainda que tudo isso creia, a minha fé é fria, porque me falta a luz e a experiência da perfeita caridade e amor.

E como cego que não vê, ando arrebatado atrás do que vejo — que ainda mais me cega.

Oh luz divina que nunca se apaga, oh resplendor eterno que nunca tem trevas, oh dia que nunca anoitece, oh Sol soberano que nunca se põe!

Porque, iluminando tanto, estais tão encoberto aos meus miseráveis olhos de coruja, noturnos, que mesmo com o Sol diante, menos vêem?

De quantas voltas destes por estas moradas escuras, dai uma volta por esta alma, para que Vos veja, goze e ame.

Ah, meu bom Jesus, por aquilo que vedes em mim, não descansáveis — e se Vos vir e conhecer, quem me impedirá de Vos amar, de Vos abraçar, de Vos possuir?

Caminhai, Senhor, com a vossa formosura, entrai e reinai nesta alma. Abri esta porta de ferro, desfazei este muro de aço, abrandai a dureza deste coração empedernido; entrai por estas cavernas escuras deste interior, onde se esconde tanta víbora peçonhenta, e onde se acolhem tantos desejos brutos e terrenos.

Fujam, com a vossa presença, todas as potestades inimigas, e estareis Vós com a vossa ovelha tresmalhada nos braços, alegrando-vos por a terdes recuperado, curando-lhe as feridas dos lobos, tosquiando-lhe as sujidades terrenas, e dando-lhe espírito para reconhecer-Vos como o seu bom Pastor e todo o seu bem.

Oh, quando será isso? Quando Vos verei, meu Deus, como sou visto por Vós? Quando Vos amarei como sou amado por Vós? Quando Vos desejarei como sou por Vós procurado? Quando porei em Vós todo o cuidado, como Vós o tendes em mim? E quando Vos possuirei de modo a ser também por Vós possuído?

Se Vós, Senhor, buscais os pecadores pelo que neles esperais encontrar, bem vedes quão pobres e carentes de todo o bem somos — não vos canseis, bom Jesus, em vão.

Mas, se é pelo que lhes quereis dar — dai, meu Deus, dai, minha salvação, o que quereis, e achareis em mim o que desejais

Oh meu Senhor, quanto preciso de me agarrar fortemente a Vós e de não me soltar da vossa mão! Pois vejo gente da minha mesma natureza tão errada e tão cega, mesmo tendo diante dos olhos a vossa luz divina, que, quando Vós os ias buscar às suas cidades e casas, cansado e suado, não vos queriam receber; outros lançavam-vos pedras, e outros, ainda que mais moderados, pediam-vos que vos afastásseis da sua companhia.

Oh cegueira do coração humano! Oh atrevimento da alma miserável, que, rejeitando-Vos e lançando-Vos fora, pensa que encontrará algo melhor do que Vós!

Moisés, iluminado por Vós no monte, com quarenta dias de vossa convivência, aprendeu que não lhe convinha sair daquele lugar até que lhe prometêsseis ir com ele e com o vosso povo, e entendeu que não havia outra forma de saberem que os amáveis, senão acompanhando-os e guiando-os sempre.

E o triste e cego povo, que não tinha provado da vossa doce convivência, fazia deuses de ouro para os guiarem, e vivia contente nos seus erros. Assim, quem mais Vos conhece, sabe que deve temer estar sem Vós por um só momento; e quem Vos não conhece, vive contente sem Vós e com o seu mal.

Oh Deus da minha alma, dai-me a conhecer quão grande mal é estar sem Vós, para que eu tema ser separado de Vós. Até esse pecado me

sofreis, misericordioso Jesus.

Oh, quantas vezes Vos lancei fora do meu coração, rejeitei as vossas inspirações e não quis a vossa companhia! Porque não cubro o meu rosto diante de Vós, meu Deus, se sou esse mesmo? E que coisas procurei quando Vos deixei? A quem obedeci quando não Vos ouvi? A quem acolhi quando Vos expulsei de mim?

Oh bom Jesus, misericórdia! Não Vos troquei por porcos, como os Gerasenos, mas pelos atoleiros, lixos e lodos baixos dos meus desejos terrenos e por aquilo que Vós vedes neste miserável coração.

Convertam-se, Senhor, todas as minhas veias em fontes de lágrimas com que regue esses vossos santos pés, para alcançar misericórdia.

Deixei-Vos, vida minha — e, deixando-Vos, que vida esperava eu sem Vós? Lançei-Vos fora, ó amigo fidelíssimo da minha alma — e quem queria então acolher? Não fechei, assim, a riqueza de todos os bens eternos? E quem ficou então dentro desta alma?

Oh saúde da minha alma, oh doce redentor dela, com que dor de coração e com que vergonha Vos confessarei esta miséria! E como Vos pagarei tamanha descortesia?

Amor da minha alma, olhai para Vós antes de olhardes para o que eu mereço. Quem Vos tinha então que não lançásseis fogo do céu sobre mim? Quem Vos detinha, para que a terra não se abrisse e me engolisse nos seus abismos? Quem intercedia por mim, para que não me entregásseis aos inimigos que me dominavam?

E ainda por cima, quem Vos levava a insistir, a bater à porta muitas vezes, a chamar-me, a importunar-me — quando era eu quem Vos devia importunar?

Quem, meu Deus, quem fazia tudo isso em Vós, senão esse amor que me tendes?

Oh meu amor e meu defensor, oh meu amor e meu amparo, oh meu amor e meu paciente sofredor, oh meu amor e meu amigo, oh meu amor que me converte, que me cura, que me guia, minha saúde, meu médico, meu pai, meu Senhor, todo o meu remédio e bem — socorrei-me, transformai-me, curai-me.

Vinde, amor, agora que Vos desejo; entrai agora que Vos quero; fechai-Vos dentro, pois Vos abro; curai-me, pois vo-lo peço; possuí-me, pois aqui me entrego; governai-me, pois me rendo; e livrai-me de mim, pois a Vós me acolho.

Acabem as cegueiras, as descortesias, as durezas, as infelizes trocas do passado; e desde esta hora para sempre, sede Vós o Senhor desta alma, o seu morador pacífico, o seu servido, o seu adorado, o seu amado, o seu querido e o seu acolhido.

Oh meu amor, oh meu bom Jesus, oh todo o meu bem!

Mãe de Deus e Senhora, que sempre acolhestes e guardastes na vossa alma este Senhor — e que nem quando Ele saiu da vossa casa para me buscar, o vosso amor e espírito puríssimo o deixaram — tomai-me como vosso, dai-me um cantinho na vossa casa, porque sendo ela a mais agradável a este Senhor e onde Ele é mais constante, que aí me encontre, e aí me tenha sempre como seu.

Oh Corte celestial, servos e moradores da casa do Senhor, moradas do seu agrado e prazer, pois para vos acompanhar fui criado, não estejais muito sem mim.

Alcançai para mim que terminem já os erros desta terra extraviada, e os enganos das moradas deste triste exílio, para que com todos vós eu seja recebido, onde o vosso soberano Senhor me tenha sempre consigo, e eu o tenha a Ele para sempre possuído e adorado comigo. Amém

TRABALHO XIX

Dureza da gente judaica.

Grandes foram os trabalhos que o Senhor sofreu nos anos em que andou peregrinando pelas cidades de Israel e da Judeia, os quais o cansavam e afligiam muito mais do que a própria peregrinação. Entre eles, um dos principais foi a dureza do povo judaico, que não só não queria recebê-lo, como também resistia a toda a sua doutrina e às suas obras divinas. E dessa resistência, como de uma fonte, nasceram todos os sofrimentos que deram a Cristo nosso Senhor — e também a sua própria perdição.

É vício muito antigo da nação judaica a dureza de coração, como está abundantemente relatado na Sagrada Escritura. Tanto assim que, sendo entre todas as nações do mundo a escolhida para povo de Deus, separada de todos os outros para O servir e adorar — e embora Deus espantasse o mundo com as maravilhas que fazia por meio deles — nunca os conseguiu dobrar ao seu serviço e obediência.

Fez deles descendentes de patriarcas santos; sempre os teve nas palmas das mãos, cheios de favores e riquíssimas graças; a eles fez todas as promessas do Messias, e de todos os bens da terra e do Céu; falou com eles no monte Sinai, enviou-lhes muitos profetas; castigava-os nos seus pecados com penas espantosas; depois perdoava-lhes com favores admiráveis; livrava-os de todos os seus inimigos; providenciava abundantemente, e por vias extraordinárias, todas as suas necessidades — e mesmo assim nunca os conseguiu manter sujeitos. Foram sempre rebeldes, sempre difíceis de contentar, sempre falsos nas promessas que faziam de o servir.

A Moisés, no deserto, quiseram apedrejar; à vista de Deus, que estava no monte Sinai todo em chamas a falar com ele, fizeram um bezerro de ouro e adoraram-no com festa. Ora matavam os seus profetas, ora punham ídolos para afastar o povo da adoração de Deus no seu templo, ora adoravam os deuses das outras nações — enfim, andavam sempre ao contrário da vontade de Deus.

E é tal, nesta nação, a dureza de coração que, ainda hoje, a experiência nestas partes da Berbéria (onde há grandes comunidades deles) nos mostra como são duros: nem convencidos pelas Escrituras divinas dos seus erros, nem mesmo quando não conseguem contradizer a verdade manifesta, por nada se querem render. Antes, orgulham-se da sua teimosia e tomam como honra aquilo que Deus condena na sua Palavra, como se fossem um povo que só se rende a coisas muito palpáveis e visíveis.

E sendo, na vida e na malícia, o povo mais mal inclinado que pode haver na natureza e no mundo, ainda assim se têm hoje como povo querido e escolhido por Deus — o melhor e o mais aceite, como se pudessem ter a mesma dignidade do próprio santo Abraão, de quem descendem.

E vê-se claramente neles o que diz a Sagrada Escritura: que são vendidos para fazer o mal. Porque assim o tomam por vida e ofício, de tal maneira que, tirando-lhes Deus todos os bens temporais que concede a outras nações erradas, só lhes restou a mentira e o engano para viverem — só disso se sustentam. E tudo isto, sempre com o nome de Deus na boca.

Cumpre-se ainda hoje neles o que diz Isaías: “Este povo louva-me com a boca, mas o seu coração está longe de mim.”

Os erros e heresias que sustentam contra a sua própria Lei e contra a Sagrada Escritura (que todos eles, até as crianças, sabem de cor) são incomparáveis. A baixeza e ignorância, ou com mais rigor e verdade, a torpeza da interpretação que fazem dela, e as infinitíssimas patranhas que acrescentam à sua história, são motivo de vergonha para qualquer espírito minimamente sensato.

Vê-se a olho nu o que Isaías disse deles: “Que Deus, pela sua dureza, tornaria insensato todo o saber e prudência dos sábios.” E também o que disse nosso Pai, Santo Agostinho: que a divina providência ordenou que os judeus guardassem as Escrituras Sagradas, com as quais eles mesmos se cegassem, e as outras nações aprendessem e fossem iluminadas.

Nada do que é natural ao coração humano, nada daquilo para que foi criado e a que é inclinado — e de que a Sagrada Escritura está cheia de

tesouros infinitos — se encontra neles: nem espiritual, nem moral, nem celestial; não sabem compreendê-lo, nem desejá-lo, nem esperá-lo de Deus.

E o pior de tudo é que, quando a Lei de Moisés os obrigava, Deus nunca conseguiu que a guardassem; e agora que já estão desobrigados dela, fazem-se passar por zelosos da sua observância. E sem dúvida se vê, com os próprios olhos, que estes, que não quiseram Cristo, receberão de braços abertos o Anticristo.

Estendi-me tanto sobre isto porque, nestes anos em que estou cativo, tenho tido experiência direta desta gente tão dura, e isso me mostra claramente o que Cristo nosso Senhor sofreu com eles. Pois os de agora são os mesmos de então, e se o nosso Senhor andasse entre estes com a mesma mansidão com que suportou a dureza dos do seu tempo, sem dúvida que nenhum amor nem serviço bastaria para agradecer tamanha misericórdia e tão custosa convivência.

Pois sendo os antepassados e estes da mesma cerviz duríssima e rebelde, como se vê comparando a experiência atual com o que está escrito sobre os antigos, não saberei entender, e muito menos expressar com palavras, o peso gravíssimo do sofrimento que Cristo nosso Senhor suportou ao lidar com eles.

Custou a Moisés governá-los durante quarenta anos com imenso trabalho; e a muitos profetas e servos de Deus custou a vida tentar corrigi-los nos seus erros. E para que nada ficasse por fazer da parte de Deus para salvar este povo, veio o Filho de Deus, como tinha prometido, sofrer os trabalhos dos seus servos; e oferecendo-lhes riquíssimas graças divinas e celestiais, não só não o receberam, mas agravaram ainda mais a sua dureza, dando-lhe a mesma recompensa que tinham dado aos outros seus servos profetas: uma morte cruíssima. Sendo as suas doutrinas divinas capazes de converter até as pedras, e os seus milagres, ternuras e graças, suficientemente poderosos para atrair os montes, apenas encontrou doze apóstolos, e mais alguns poucos discípulos, e algumas mulheres devotas que o seguiam, e alguns principais que o tinham por mestre, mas em segredo, com medo dos outros príncipes, sacerdotes e doutores da Lei.

E vendo-se cumprir diante dos seus olhos tudo o que os profetas tinham anunciado, e vendo a santidade irrepreensível da sua vida, eles fechavam os olhos à luz, julgavam-no mal, murmuravam contra ele e armavam-lhe ciladas, contradiziam tudo o que dizia e fazia, e mostravam ingratidão por todos os bens e graças que dele recebiam — como mais adiante diremos. Aproveitavam-se dos seus milagres quando precisavam deles para os seus doentes e mortos; mas, depois disso, injuriavam-no, pediam-lhe sinais do Céu e faziam conselhos para o destruir.

Um dia, em Nazaré, sua pátria, porque na sinagoga declarou uma passagem de Isaías que falava das suas doutrinas e maravilhas, dizendo que naquele momento se cumpria nele, levaram-no a um alto monte para o lançarem de lá abaixo — e ele escapou-se, tornando-se invisível. Outras vezes quiseram apedrejá-lo por dizer que Deus era seu Pai. Não lhe permitiam fazer milagres ao sábado. Lançavam sentenças como de excomunhão, declarando malditos os que o seguissem e falassem bem dele. Em suma, nada ficou por fazer da parte deles para mostrarem a dureza e o ódio que lhe tinham.

Ele via os seus pensamentos e dizia-lhos claramente; e, em todas as perguntas, os convencia; cada dia envergonhava os príncipes e poderosos diante do povo — e eles tornavam-se ainda mais duros. E como o povo normalmente segue os seus líderes, ainda que andasse admirado com os milagres do Senhor, no fim mostrou também a sua dureza, juntando-se aos seus príncipes e conspirando com eles contra Cristo, com tal obstinação que, para o matarem, tomaram sobre si e sobre os seus filhos o sangue do inocente Cordeiro. Sempre lhes faltou a fé e nunca chegaram a abrir os olhos para ver a luz que tinham diante de si.

Não se despertaram com a entrada dos Reis Magos na sua terra, que davam testemunho do nascimento do Messias. Não se comoveram com o que os pastores contaram sobre o seu nascimento. Não prestaram atenção ao testemunho público que dele deu o Batista, nem à voz do Céu que ouviram no seu batismo. Nem com o facto de ele entrar nas suas casas, ir às suas cidades, mostrar-lhes claramente a verdade — e, o que é mais, nem ao experimentarem o seu poder divino nos seus pais, filhos, parentes, amigos e nos próprios corpos — pernas, braços, membros doentes que saravam —

nunca se renderam ao conhecê-lo, recebê-lo e servi-lo. Tudo isso mais os endurecia e os tornava piores, mais duros do que as pedras.

Porque as pedras quebraram-se na Paixão do Senhor, e o sol escureceu, e os idólatras — o centurião, os algozes — confessaram-no como Filho de Deus. Mas eles venceram as pedras em dureza, e a terra, que tremeu, ao não se comoverem, e as trevas, ao não se deixarem iluminar, e os idólatras, ao permanecerem na sua obstinação.

Com este povo andava o Senhor com tanta fome da sua salvação, com tanto desejo de os salvar, com tanta insistência, continuidade e abundância de graças, sabendo que tudo era em vão, como se eles o tivessem muito merecido e lhe tivessem de agradecer e servir. O quanto isso o magoava, e o trabalho que essa dureza lhe causava, mostrou-o muitas vezes nas queixas que fazia daquele povo duro. Comparava-os aos de Nínive, que com uma pregação de Jonas se converteram e foram perdoados — e a ele, muito maior que Jonas em ser, doutrina e maravilhas, não criam.

Outras vezes apontava como exemplo contra eles a Rainha de Sabá, que viera ouvir a sabedoria de Salomão — e eles, tendo a divina sabedoria infinitamente maior do que a de Salomão a entrar-lhes pelas casas, não a queriam ouvir. Outras vezes comparava-os às cidades de Sodoma, Gomorra, Tiro e Sídon, que, ainda que muito más e perversas, eles superavam em malícia, porque talvez se tivessem convertido se vissem as maravilhas que eles rejeitavam.

Queixava-se com dor de quantas vezes os quisera juntar e acolher como a galinha aos seus pintainhos — e eles não quiseram, e por isso seriam lançados da sua terra. Algumas vezes, com parábolas e com perguntas que lhes fazia, mostrava-lhes claramente a sua dureza, e com as respostas que davam, convenciam-se a si mesmos — e tudo isto para que, ao verem-se, se dobrassem. Mas, vendo-se convencidos, tornavam-se ainda mais endurecidos, e disso mesmo tiravam ocasião para lhe quererem maior mal e desejarem destruí-lo.

O Senhor magoava-se com o sangue de justos que Deus lhes havia de pedir. Quando entrou em Jerusalém com louvores e honras divinas, ia chorando a destruição daquela cidade, que viria por causa da sua dureza.

Sentia que não o recebessem a ele, Filho de Deus, dizendo que aos falsos cristos receberiam — e, desta forma, muitas vezes manifestava a mágoa do seu coração, que não era pequena, pois tantas vezes falava dela.

Não precisa este sofrimento do Senhor de maior encarecimento do que o confronto entre o seu incansável cuidado, ocupação e desejo com que procurou, sem cessar, a salvação deste povo, e o seu descuido, malícia e dureza, que tornava tudo inútil. Pois, para o amor e a ternura do Senhor, essa era a maior dor e o mais áspero tormento possível.

O Senhor considerou este género de tormento tão grande, tão cansativo e insuportável, que, para que os apóstolos não desanimassem nem perdessem o ânimo quando o experimentassem ao pregarem em toda a parte depois de Judeia, avisou-os que o tomassem a ele como espelho, dizendo: «Se guardaram a minha doutrina, também guardarão a vossa», querendo com isso dizer: não esperem que vos aconteça mais do que me aconteceu a mim. Assim como eu não fui ouvido, vós também não o sereis. Mas fazei o que está ao vosso alcance, e contentai-vos, e que a dureza dos corações humanos, que haveis de encontrar no mundo, não vos impeça de trabalhar até à morte pela sua salvação — como eu fiz.

Quão grande e prejudicial é a dureza do coração, vê-se em duas coisas, além de muitas outras. Uma é que nem uma grandeza menor do que a infinita bondade de Deus, usando de um excesso inabitual de piedade e amor, a podia suportar nem disfarçar. Pois suportar quem se arrepende e perdoar a quem se reconhece culpado é a ordem habitual da misericórdia divina. Mas fazer muito por quem tudo vai rejeitar, e sofrer muito por quem nada há de aproveitar disso, é outro género admirável e altíssimo, incompreensível, de demonstração da bondade soberana e infinita.

Vê-se isto claramente na Sagrada Escritura, a qual conta que, quando Moisés pediu insistentemente a Deus que perdoasse ao seu povo o pecado do bezerro de ouro, com o qual tinham idolatrado, e alegando para isso muitas e fortíssimas razões, pedindo-lhe que não os expulsasse dali, e até que continuasse a ir com eles como até então — não conseguiu mais de Deus senão que não mataria o povo por enquanto, e que enviaria com eles, em seu lugar, um anjo. E Deus não dava outra explicação senão que era um

povo de cerviz tão dura que, se ele fosse no meio deles e os acompanhasse, um dia se acenderia a sua ira contra tal dureza e os destruiria a todos.

Nesse mesmo tempo, Moisés também pedia a Deus que lhe mostrasse a sua face, para o conhecer e assim saber que lhe era agradável. Deus prometeu-lhe que no monte lhe mostraria, não o que ele pedia, mas o que bastasse para reconhecer a sua grandeza e quanto lhe era aceite. E levando-o para isso ao monte Sinai, e passando diante dele a glória de Deus, que ele sentia mas não via, ouvia que essa glória passava dizendo: «Deus, Senhor, misericordioso, piedoso, clemente, de muita piedade e verdadeiro, que fazes misericórdia a milhares de gerações e tiras as maldades, culpas e pecados — porque sem ti ninguém por si é inocente diante de ti. E quando castigas, abrange a tua ira até à terceira e quarta geração».

Ouvindo Moisés esta voz, prostrou-se com o rosto em terra e aproveitou-se desses nomes de piedade que o Senhor lhe ensinava sobre si mesmo; e pediu a Deus que não abandonasse o seu povo, dando como única razão o facto de ser de dura cerviz — e que ele, com a sua presença, os livraria dos seus pecados e os conduziria.

De tal forma, que Deus, para não acompanhar o povo, dava como razão a sua dureza, para que não os matasse; e Moisés, para que não os deixasse, dava a mesma razão: que por serem tão duros, só Deus os podia suportar, perdoar e curar. Constrangeu Deus com essa ampla demonstração da sua misericórdia, tão diferente do seu castigo — pois castigava até à quarta geração, mas a sua misericórdia abrange milhares — quase dizendo: Já que vós sois esse, Senhor, cabe-vos suportar a dureza deste povo, para não o destruir, e perdoá-lo e remediá-lo — e não a mim, nem ao anjo que mandais comigo. Porque não temos nós a vossa infinita bondade para suportar a duríssima cerviz deste povo. E pois isso é só vosso, Senhor, vinde vós comigo.

Deus não fugiu a essa razão e, aplacado, perdoou ao povo e prometeu acompanhá-lo e não o abandonar — porque isso é só próprio de si, e de tais excessos que o seu amor desmedido inventa para suportar os pecadores para além de todo o costume e de toda a razão e ordem, e que pareceria impróprio confiar a Moisés, ou a um anjo.

Outra coisa que mostra quão grande é este mal, é que Cristo, nosso Redentor e perfeitíssimo Mestre de todas as virtudes, resumiu tudo o que queria que aprendêssemos d'Ele na mansidão e humildade de coração. E foi sobretudo desta que se fez Mestre, como raiz, fundamento e preparação para todas as outras virtudes, pela sua luz e pelas suas graças.

Quis o Senhor, com tão grande excesso, ao ser Ele manso e humilde de coração, arrancar o outro extremo, abominável, da dureza dos homens. Pois que razão tem o homem para ser duro com Deus? Em que confia? Em que se apoia? Quem é ele? Que substância ou ser tem, senão um vaso de miséria, barro e lodo? E que razão há para que Deus se humilhe, se sujeite e suporte as nossas durezas, abrande a sua fortaleza, abaixe a sua divina majestade, e deixe de desfazer em pó o barro que se atreve contra o seu Criador?

Há tamanha desigualdade entre uma coisa e outra, que por isso o nosso misericordioso Deus tomou a nossa soberba como ocasião para mostrar a sua infinita bondade, e com tão grande excesso de bondade abate a sua grandeza, abranda o seu poder e fortaleza, e faz-se Mestre principalmente de mansidão e humildade, para confundir o outro extremo de atrevimento e soberba, que é o coração humano ser duro, rebelde e obstinado contra o seu Deus.

Assim, São Paulo, vendo quão poderosa é esta bondade e misericórdia do Senhor para vencer qualquer coração endurecido, admira-se da nossa teimosa dureza, que nada consegue dobrar: "Não sabes" – diz ele – "que é a mansidão do Senhor que te convida e chama à penitência?" Pois com a dureza do teu coração fazes tesouros da sua ira para o dia em que precisarás dos da sua misericórdia.

Não conheço vício mais diretamente contrário à natureza humana – cujo ser é racional e deve governar-se por lei e razão – nem mais impróprio à sua natural inclinação para mudar em todas as coisas, e também do mal para o bem, do que este vício de dureza, sendo que por fraqueza, sim, se muda facilmente do bem para o mal.

Dizem os teólogos que uma das razões por que Deus não deu remédio ao pecado dos anjos, mas o deu ao homem, é porque quis seguir a ordem

dessas duas naturezas que já tinha criado. Fez o anjo de natureza imutável, pois, não tendo impedimento corporal para entender as coisas com toda a sua capacidade, aplica-se inteiramente ao que conhece, e não consegue alcançar outra coisa que o faça mudar do que uma vez entendeu. E como o amor segue o entendimento, também se prende de forma imutável àquilo que escolheu.

Por isso os anjos que, com toda a sua capacidade, conheceram a Deus e se submeteram a Ele, foram logo glorificados, porque não podiam avançar além desse conhecimento no estado de prova. E o seu amor, com toda a inclinação, aplicou-se ao que tinham conhecido de Deus, pelo que mereceram ser logo premiados. Mas os anjos que, conhecendo quanto podiam a Deus, se estimaram e amaram a si mesmos (como livres) mais do que a Ele, foram logo condenados, porque não eram capazes, no estado de prova, de mais conhecimento que o da verdade que já tinham conhecido e que, voluntariamente, rejeitaram e desprezaram com todas as suas forças, não por erro ou engano, mas por pura malícia, contra o conhecimento certíssimo que Deus lhes tinha dado de Si. Por isso é próprio dos anjos não serem mutáveis, e dos anjos condenados a obstinação e dureza.

Mas os homens, que pela companhia terrena do corpo de barro não alcançam as coisas com toda a sua capacidade, podem, à medida que crescem no conhecimento e amor delas, também melhorar os seus erros e receber luz verdadeira para reconhecerem os seus enganos. Por isso Deus, nosso Senhor, deu remédio à natureza humana, como naturalmente capaz de mudança, tanto do erro para o bom conhecimento, como do ódio para o amor. Deu-lhe remédio nos seus erros, porque nunca falta no necessário. Por isso, os duros de coração podem cuidar de si, pois mudam de condição e se tornam semelhantes aos demónios, abandonando a natural brandura humana quando chegam a tal estado desventurado.

Assim, nosso Senhor, como justo avaliador dos merecimentos das nossas obras, dá justamente a pena dos demónios àqueles que, por vontade, quiseram assemelhar-se a eles. No inferno, os condenados são infelizes porque têm como pena principal estarem perpetuamente obstinados no mal, de tal maneira que, vendo o mal, não o podem odiar. E assim amam os pecados que já não podem cometer e odeiam a Deus, a quem nunca

quiseram amar, como se tivessem natureza de demónios. E justamente estará para sempre na sua companhia, obstinado contra a natureza humana, aquele que, contra ela, foi por vontade tão duro em vida que nunca quis mudar para melhorar a sua consciência e vida.

A raiz deste desventurado mal é o homem estar preso ao seu próprio parecer e vontade – o que é das coisas menos valorizadas na vida, e muitas vezes tida por virtude ou entendimento. Mas é tão má essa raiz, que se não for cortada cedo e com cuidado, o coração humano (que desde o nascimento está sempre inclinado ao mal) se afeiçoa ainda mais ao seu parecer quando erra do que quando acerta – o que é uma qualidade muito semelhante à dos condenados.

Daqui nascem diferentes géneros de dureza de coração: não de uma só vez, mas pouco a pouco, até chegar à obstinação infernal. Primeiro, com o hábito de seguir o próprio parecer, começa-se também a submeter-se pouco à lei de Deus e a dar liberdade à vontade para pecar – embora a alma ainda não esteja obstinada nesses pecados. Mas com a continuação das quedas e uma emenda fraca ou tíbia, a alma começa a desejar, às vezes, arrepender-se e sair do pecado, mas não encontra em si modo de se dobrar ou de se arrepender verdadeiramente do mal cometido, mesmo o conhecendo e desejando odiá-lo de coração.

Estes ainda têm muitos remédios, e o que tenho por mais poderoso para enternecer o coração é, de qualquer maneira que se saiba, humilhar-se aos pés de Cristo, nosso Senhor crucificado, completamente desconfiado de si mesmo, e pedir àquele seu sangue ardente que mostre a sua virtude numa criatura tão incapaz de si para todo o bem como ali se apresenta.

Conheci uma pessoa que, vendo-se em pecado, desejava arrepender-se, mas não conseguia. Vendo-se desconsolado, saiu de casa sem saber para onde ir ou o que fazer para se abrandar. Encontrou à porta um pedinte negro miserável e repelente. Lembrou-se de que Cristo, nosso Senhor, disse que o que se fazia aos seus pobres, a Ele se fazia. Voltou a entrar em casa, trouxe uma esmola do que encontrou para comer e, de cabeça descoberta e com o joelho no chão, imaginava que se punha diante do Senhor e, com a humildade que então pôde, disse no seu coração: “Senhor meu Jesus Cristo, Vós sois este, neste pobre. Se pudesse, dava-Vos o meu coração, mas está

tão duro que nem vo-lo sei, nem posso dar, nem Vós o quereis aceitar. Tomai agora este pão, que é o que posso, e do coração fazei o que quiserdes.” Foi tão poderosa a humildade com que se rendeu ao Senhor, que antes de se levantar já voltava para casa com rios de lágrimas e brandura de coração, e Deus lhe fez depois muitas graças.

Quem não acorre a tempo a este género de dureza, perde a sensibilidade e o valor dela, e entra no prazer de pecar, vivendo num estado que mais propriamente é um atoleiro de onde não se sai, nem se deseja sair – que é a obstinação. Porque conhece o mal e reconhece-o como tal, mas não tem ânimo nem fervor para o lamentar e resistir-lhe, e deixa-se levar mais pelo prazer da culpa do que pelo conhecimento do seu mal. E como estes estão perto de criar calos duríssimos na consciência, precisam de contínuo recurso aos sacramentos, para renovar muitas vezes a graça, com que a alma recobre forças para resistir, e de submeter-se muito ao conselho de confessores prudentes, para que apliquem remédios saudáveis às qualidades e particularidades das suas inclinações, tentações, ocasiões e motivos para pecar. E se houver descuido em acudir a esta doença, em poucos passos a alma cai numa total dureza de pecados, que já não estima, nem aceita remédio.

Nasce também do homem ser preso à sua própria opinião outro género de dureza muito prejudicial, que não suporta repreensão nem conselho. E chegam muitas vezes a tal grau de desventura — sem disso se aperceberem — que, justamente por serem repreendidos, se recusam a emendar-se. E até as mesmas coisas que fariam por vontade própria, se as percebessem ou nelas reparassem, deixam de as fazer só porque lhas apontaram ou aconselharam. Tomam a repreensão como injúria ou afronta, e o conselho como uma imposição. E perdem ainda mais o temor de Deus e o respeito pelos homens.

Se não mudam com o tempo de disposição, estes vão erguendo muros de aço entre si, a virtude e o seu Deus. No fim de tão desgraçado estado, o coração acostumado às suas feridas chega a uma tal e condenável dureza, que mais mal lhe fazem os bens que lhe oferecem do que os próprios males que já cometeu. Porque todos os bens são, para esses, maiores ocasiões de se tornarem piores do que as oportunidades de pecar.

Deste tipo foi o Faraó, rei do Egipto, que, mesmo perante as maravilhas de Deus, ainda mais se endureceu. Assim também foram os judeus, de quem Isaías diz que, vendo, não viam, e ouvindo, não entendiam. E cegavam-se de tal maneira, que não se deixavam converter nem curar. Quer dizer, que tendo diante dos olhos e ouvindo com os seus ouvidos as coisas divinas — que eram os próprios bens celestiais com que haviam de ser curados —, com eles mesmos pioravam, e, como cães raivosos, se condenavam.

Prouvera a Deus que esse grande mal tivesse acabado com aquele povo; mas, por causa dos nossos pecados, ainda hoje o Senhor tem tanto que sofrer com muitos na sua cristandade, como teve quando lidava com os judeus. E há muitos por quem chorar diante de Deus por causa das suas durezas, que nada ficam a dever à dos perversos judeus, senão pelo grande mal que as suas próprias durezas lhes causam.

O Senhor, agora no Céu, já não pode sentir dor ou sofrimento por causa das nossas durezas, como sentiu na Terra pelos judeus; mas, sendo Deus, ao vê-las então e tê-las presentes, doeram-lhe muito até à morte, e ficou a sofrê-las até hoje. Muitas vezes Deus, como castigo deste mal condenado, ainda nesta vida, abandona as almas à sua sorte e deixa-as cometer e levar por diante todo o mal que quiserem — o que já é princípio do abandono do inferno.

Esta dureza crucificou o Filho de Deus. Esta perseguiu sempre a sua Igreja. Esta inventou as heresias que perderam muitas almas. Esta espalhou pelo mundo as seitas condenadas que são contra a Lei Católica e a Fé do Senhor. E esta é a mãe da condenação, que gera almas para o inferno. E se Cristo nosso Senhor, com a sua presença, não conseguiu acabar com a dureza dos judeus, tenha medo de si mesmo quem, sem a presença de Cristo, vive endurecido, nos braços do demónio obstinado.

Exercício contra a dureza do coração.

Manso e humilde Jesus, Filho de Deus vivo, Senhor e mestre da minha alma, piedoso remediador de todos os meus males: vós não sois menos poderoso para curar as chagas que em mim vedes, do que paciente e

misericordioso para as suportar. Pois se as sofreis para as sarar, não permitais que apodreçam e cresçam tanto que me afastem totalmente de vós, minha vida saudável, minha saúde vital e eterna.

Vós sabeis quantas razões tenho para ter medo de mim mesmo e para andar sempre a clamar a vós por misericórdia, pois de mim nascem todos os perigos em que vivo de vos perder, e só pela vossa graça posso escapar deles. Vós dissestes que o bom tira o bem do tesouro do seu coração, e o mau tira o mal. Quem é bom senão vós, e quem é mau senão eu?

Do meu coração nascem todas as culpas que vedes em mim e que suportais: as afeições que me afastam de vós, a surdez com que não vos ouço, a dureza com que não vos obedeço, a tibieza com que não aprecio as vossas coisas como elas merecem, a preguiça e o descuido no vosso serviço — tudo o que vedes em mim e que vos desagrada. Nenhuma outra fonte tem a minha perdição senão o meu próprio coração. E se ao menos fosse uma fonte que só lançasse mal, talvez alguma vez ficasse limpa. Mas ela recolhe muito mais do que deita fora, e por isso há sempre nela algo a limpar. E o mal que deixa de recolher e lançar de si, deve-o a vós, meu Deus, e não a si mesma. Porque, afastando-me de vós, sou capaz de tantos males quantos são os bens que de vós me poderiam vir.

Porque, se fizestes a minha capacidade segundo a medida desses bens, uma vez vazia deles, que males não poderão nela ter lugar? E se carecer de qualquer bem vosso já é um grandíssimo mal, não serão imensos os males que terei, tantos quantos forem os imensos bens vossos de que carecer?

Ó saúde do Céu, divina medicina de Deus, valei-me, valei-me! Porque não posso, com verdade, pensar que estive sempre convosco. Em que abismos de mal estive, quando estive sem vós! O abismo da minha miséria, sem fundo, só do abismo infinito da vossa misericórdia pode ter cura. E só vós podeis esgotar o veneno que entrou neste meu coração. Fazei-me, Senhor, conhecer o que sou sem vós, para que saiba fugir de mim para vós.

Ó meu Criador, que me fizestes da mesma massa de todos os pecadores errantes, eu sou o que vejo em todos eles — e o que não sou, só a vós o devo. Filhos de Adão eram, e são ainda hoje, os judeus — cheios das vossas promessas, favores e graças. Andastes entre eles, ensinastes coisas divinas,

realizastes maravilhas espantosas, mostraste-lhes na vossa humanidade a perfeição de todas as virtudes; mostráveis em vós o cumprimento de todas as profecias — e eles não vos reconheciam. Resplandecíeis entre eles como luz eterna, e cada vez estavam mais cegos. Mostráveis-lhes os seus pecados — o que lhes desagradava — e nem assim se conheciam. Trabalhastes com brandura para amolecer a sua dureza, e tornavam-se cada vez mais duros. Insististes por entrar nos seus corações, e cada vez mais vos fechavam as portas.

Convivendo com eles, dentro das suas casas, falando com eles, beneficiando-os com a vossa virtude divina para as suas necessidades, nem assim acabavam de vos ver nem conhecer. Nem sequer para se ajudarem vos quiseram, e chegaram a odiar a vossa luz, a vossa verdade, as vossas graças, os vossos milagres, a vossa vida e pessoa — e preferiram os seus próprios males a todos os vossos bens.

E mesmo nesse estado desgraçado, vós choráveis pela sua perdição e eles viviam nela contentes; vós trabalháveis para os tirar de lá, e eles mais se agarravam a ela. E, por amarem tanto os seus pecados, odiavam-vos a Vós, verdadeira saúde e remediador deles.

Vós sentíeis a dor e o sofrimento que eles deveriam ter, e eles, com gosto, vos rejeitavam. Como podem, bom Jesus, as trevas vencer a vossa luz divina? Porque resistem a ser iluminados, e vos deixam com a dor de terdes trabalhado por eles em vão. Nem com os bens que lhes fazíeis, nem com os pecados que lhes mostráveis, nem com as penas eternas com que os ameaçáveis — e o que é mais — nem com a vossa suavíssima presença e divina convivência conseguistes dobrá-los.

Que é isto, bom Jesus? Enfraqueceu a vossa divina fortaleza? Secou-se essa fonte de águas vivas perante a morte desse povo? Morreis Vós por eles, e nem lavando as mãos nesse sangue — poderoso para converter as almas perdidas — se abranda a sua dureza. Antes eles, e seus descendentes até hoje, com esse mesmo sangue ficam mais endurecidos. Então, e até hoje, sempre vos invocam, sempre vos pedem, sempre com a boca vos louvam, sempre vos confessam como seu Deus, sempre escutam as vossas divinas palavras — e também sempre vivem duríssimos, sem luz, sem

verdade, sem Vós, sem coração humano, mas com coração diabólico e dureza infernal.

Ó meu soberano médico e Senhor, como não terei medo de mim ao ver tudo isto? Ninguém fazia força àqueles corações condenados; ninguém os cegava diante da luz; ninguém os endurecia — senão aquilo que dentro deles havia. O inferno reconheceu-vos, os demónios tremeram perante a vossa virtude, a morte obedeceu-vos, os elementos brutos submeteram-se à vossa vontade, o Céu abriu-se aos ladrões por vosso mandato, quando estava fechado aos justos — e os corações humanos, que criastes para Vós, que são a vossa própria casa, e cuja perfeita abundância, riqueza e bem-aventurança sois Vós, esses nem vos conhecem nem vos acolhem.

Que será de mim, meu Deus, se me faltar a vossa graça e se me dominar a minha malícia? Oh, quantas vezes andei quase a rastejar nessa dureza interior! E o que me faltou dela, não o devo a mim, mas a Vós, porque, quanto a mim, esses são os meus passos desgraçados.

Quão cheio das vossas graças nasci! Como me vi cercado delas quando tomei consciência de mim! Quantos chamamentos e inspirações me destes para vos servir! Quantos perigos e trabalhos me mostraste para que fugisse deles e me voltasse para Vós!

Quantos pecados me perdoastes e suportastes, quantas verdades me revelastes, quantos bens continuamente me fazíeis, preparáveis e me oferecíeis? Pois, Senhor, onde estou e como estou aqui tão pobre diante de Vós? Em todo o lugar estais comigo, e não vos sinto. Confesso-vos as minhas culpas, e não me doem, nem me emendo. Confesso a pureza da vossa doutrina, e não a sigo. E, sobretudo, recebo o vosso santíssimo Corpo e Divindade dentro deste peito, e nem assim vos sinto comigo, nem vos amo, nem vos encontro.

Ó meu bom Jesus, será esta dureza pior do que a dos judeus? E desagradarei mais a Vós com ela do que eles? Eles não criam em Vós — e eu creio. Eles não vos recebiam — e eu como-vos. E, no entanto, vivo nos meus pecados, não abandono as minhas imperfeições, continuo caído nas minhas chagas desgraçadas. E talvez as ame mais do que a Vós, porque, se verdadeiramente as odiasse, estaria livre delas e possuído por Vós.

Senhor, Senhor, socorrei-me com a vossa misericórdia; abrandai esta dureza, não a deixeis prosseguir, para que não me lanceis da vossa presença e amizade. Ponde os olhos neste pecador, obra da vossa bondade, redimido pelo vosso preciosíssimo sangue. E, pois até as pedras se desfazem e moem com o fogo, desfazei Vós esta dureza empedernida com o vosso amor divino.

Não podeis, Senhor, dizer que quereis e podeis? Era dura a Madalena, e numa só hora, estando aos vossos pés, abrandastes-lhe a dureza e elevastes-na à união do vosso suave amor. Têm agora menos virtude esses vossos pés do que então? Agora estão abertos pelos cravos da vossa cruz, enquanto então ela os achou ainda fechados. E se ela, com lágrimas, tornou esses cravos fontes de água viva, a minha dureza os fecha. Mas Vós sois o doador de todos os bens, que me podeis regar com suaves lágrimas, para me dispor a receber o mais que me quereis dar.

O coração dela clamava por Vós, e aqui clama o meu. E se eu sou pior, a vossa bondade não diminuiu com o que destes àquela pecadora. Ó meu doce Jesus, não vos endureçais para comigo, pois este vosso pecador deseja enternecer-se para Vós. Quão duro estava, Senhor meu, São Pedro, ao negar-vos! Se Vós não o tivésseis olhado, ainda hoje vos negaria. Mas um só olhar vosso o abrandou e converteu. Pois quem tirou a esses vossos olhos divinos o poder de fazer o mesmo por mim?

Olhai, Senhor, este vosso pobre com misericórdia. Ah, bom Jesus, tudo podeis! Quão endurecido subiu à cruz o ladrão, que não só toda a vida vos ofendeu, mas ainda crucificado vos blasfemava! A vossa cruz pôde abrandá-lo, e em uma hora torná-lo vosso companheiro para entrares com ele no Paraíso. E eu ficarei sem a virtude desse amor que tudo converte em si?

Lembrai-vos de mim, Paraíso de todos os bens. E se sou pior ladrão que aquele, ainda mais sois Vós do que fostes para ele. Não esperastes que São Paulo vos pedisse; quando estava mais inflamado em derramar o sangue dos vossos e endurecido no ódio ao vosso nome, bastou ouvir esse nome saído da vossa boca para, em apenas um momento, ser derrubado, abrandado, transformado em vaso da vossa virtude — para si e para o mundo inteiro. Logo dizia que já não vivia, mas Vós é que vivíeis nele; logo ficou seguro

de que nada — nem do Céu, nem da terra, nem do inferno — poderia separá-lo da vossa caridade e amor.

Pois, Senhor meu, com ele, e com toda a humildade que posso, digo: que quereis que eu faça, Senhor? Revelai-me a vossa vontade e mantende-me sempre sob a vossa suavíssima mão.

Ah, meu bom Jesus, deveria ser a mim mesmo que eu pedisse a brandura que vos peço, pois em Vós tenho a certeza dela — e sou eu mesmo que me endureço. Mas, por mim, sou surdo, e quanto mais preciso, mais duro me torno. Quando vos achei duro, senão quando não me cheguei a Vós? E quando me quis chegar, houve vez que não vos achasse brando e acessível, conforme me fazíeis desejar?

Mas, Senhor, essa contradição a vossa virtude há de vencer, porque a minha miséria sempre me arrasta para o pior. Pelo que em Vós encontrei, não tenho de que me queixar, mas antes dar-vos infinitas graças. Porque sempre que, cheio de pecados, me confessei a Vós — chegava pesado, duro e temeroso — saía leve, contente, aliviado, experimentando em mim a verdade da vossa suave misericórdia.

Se então tivesse perseverado em chorar as minhas culpas, quão livre delas estaria agora! Para minha confusão, confesso ainda mais diante de Vós, minha bem-aventurança, meu suave contentamento, meu doce Jesus. Se alguma vez me deixastes — esquecido dos meus males — abraçar os vossos suavíssimos pés, e ouvistes as grosseiras vozes do meu miserável coração, e me deixastes desejar o vosso amor, achei-vos, meu Deus, porventura duro ou surdo para comigo?

Logo vos vi esquecido do mal que eu merecia. Não sei como faláveis comigo, sem palavras, com linguagem de vida eterna. Deixáveis-vos tratar como se fôsseis meu igual. O meu coração ardia no fervor do vosso Espírito. Tudo me parecia pouco para vos servir. Chorava as horas em que não vos tinha amado. Desejava consumir-me na vossa caridade. Aborrecia tudo o que me afastava de Vós. E aquilo que de Vós me fazíeis sentir — Vós, que sem palavras humanas mo ensináveis — só Vós o sabeis.

Sei que tudo o que há nesta vida é nada comparado com uma hora daquilo. E cada vez que voltava às misérias e corrupções que impedem este suave gosto de Vós, sentia-me novamente pesado. Mas, chegando a Vós, nunca encontrava mudança em Vós: sempre suave, sempre brando, sempre acolhedor, sempre o mesmo amigo fidelíssimo desta pobre alma.

Pois, bom Jesus, onde está aquilo que perdi? Ainda que, para meu bem, oculteis a vossa suavíssima face e me deis espírito para andar clamando por Vós e desejando-vos, quando voltáveis a resplandecer, eu deixava de ser quem era, esquecia-me da minha miséria e exílio, apegava-me a Vós e desejava nunca mais me afastar. Pois quem me afastou? Onde perdi aquilo? Como tornei a endurecer? Não é pior, Senhor meu, endurecer novamente depois de ter experimentado a vossa brandura, do que se nunca a tivesse experimentado?

Ó meu Redentor, por isso grito por vossa misericórdia — porque este sou eu, que aqui vedes. Vós vedes, Senhor, que se a vossa água não regar continuamente esta terra, ela endurece sempre, por sua inclinação. E quando, depois de amolecida, volta a endurecer, fica ainda mais dura que antes. Não me afasteis, meu Deus, de Vós. Não me deixeis cegar por vontade própria diante dessa luz divina, para que não venha a adormecer e repousar na dureza do meu coração.

Ao menos, Senhor, já que não mereço os vossos doces consolos — que tantas vezes perdi por culpa minha, quantas vezes me fizestes a graça de os receber —, não me negueis, por vossa bondade, que eu ande sempre vendo e sentindo a necessidade que tenho de Vós, e odiando e combatendo as minhas más inclinações.

Esforçai-me, Senhor, para que bata sempre neste ferro frio e golpeie sempre esta pedra dura que é o meu coração, para que, ao menos com isso, viva em mim o desejo daquilo que perdi e o ódio ao mal em que me vejo.

Liberalíssimo, poderosíssimo, riquíssimo e suavíssimo Jesus, dai-me o vosso amor, e tão enraizado neste coração, que possa com verdade dizer, com o vosso enternecido Paulo, que nada me poderá separar dele. Que coisa haverá que possa tomar o lugar do vosso amor e merecer este coração?

Quando, por qualquer amigo, ou desejo de algo terreno, ou afeição própria, ou prazer do corpo, vos perco — que ganho? Se fujo dos sofrimentos e com isso perco o vosso amor, caio noutros que me consomem. Se é por amigos, no fim são desleais. Se é por descanso do corpo, no fim fico triste e inquieto. Se é por tibieza e frieza do espírito, fico roubado e assaltado por milhares de tentações. E por qualquer coisa que perca o vosso amor, fico privado dos vossos benefícios, fraco para vos servir, mais inclinado às minhas más inclinações do que à cura delas.

Ó meu Deus, quem me separa do vosso amor e da vossa comunhão? Comparando as horas que perco e que ocupo com coisas que impedem a vossa suave comunicação, e o que nelas faço — a baixeza dessas coisas em que ocupo o coração — com os vossos riquíssimos e suavíssimos tesouros e bens que, nessas ocasiões, não desfruto (ou melhor dizendo, de que fujo e me afasto), quão miserável fico! E, sobretudo, Senhor — que é o maior grau de miséria —, é que assim o vejo, assim o entendo, e não sei o que me detém, nem que peso e fastio é este que me impede de correr para os vossos soberanos e suaves prazeres interiores.

Ah, Senhor, que nada me afaste do vosso amor. E pois que a sujeição, mansidão e humildade com que me hei de deixar guiar por Vós são a perfeita cura destas chagas, humilhai-me, Senhor, a vossos pés. Fazei-me desconfiar de mim mesmo e temer tudo o que me afasta de Vós. Porque a Vós, a quem devo tudo o que sou, e em quem espero, devo também a cura das minhas misérias. Quando vos verei, Senhor, como possuidor e habitante pacífico deste coração?

Ó bom Jesus, até nisto sou miserável: sem ver bem onde estou perdido, nem sei como pedir que me levanteis e me livreis de mim. Vós, que não precisais de ser ensinado, pois tudo vedes, fazei como quem sois — as vossas maravilhas nesta terra cheia de miséria.

Senhora dos Anjos e advogada dos pecadores, ovelha sem mancha, suave morada de Jesus e piedosa remediadora dos pecadores duros de coração; a vós me deu o Senhor para, por vós, alcançar o que não mereço. Pois vedes quantos males nascem da dureza do meu coração, fazei, Senhora, descer da fonte de misericórdia que destes à luz uma água viva que regue sempre e amoleça este coração.

Ó moradores riquíssimos dessa casa celestial do Senhor, mergulhados na humildade e mansidão do suave Cordeiro, se os vossos poderosos espíritos lá estão rendidos ao seu amor e serviço, porque há de estar este coração terreno endurecido para Ele?

Fazei chover do que vos sobra e orvalhai esta terra seca, para que, com a vossa mansidão, se disponha para a vossa perpétua companhia. Ámen

TRABALHO XX

Ser mal julgado.

Quantos pecados me perdoaste e suportaste, quantas verdades me revelaste, e quantos bens continuamente me fizeste, preparaste e ofereceste? Pois, Senhor, onde estou eu, e como me encontro aqui tão pobre diante de Vós? Estais comigo em todo o lugar, e não vos sinto. Confesso-vos as minhas culpas, e não me doem, nem me corrijo. Confesso a pureza da vossa doutrina, e não a sigo. E, sobretudo, recebo o vosso santíssimo corpo e divindade dentro deste peito, e nem por isso vos sinto comigo, nem vos amo, nem vos encontro.

Ó meu bom Jesus, será esta dureza pior do que a dos judeus? E desagradarei eu mais a Vós do que eles? Eles não acreditavam em Vós, e eu creio; eles não vos recebiam, e eu comungo-vos; e, no entanto, vivo nos meus pecados, não abandono as minhas imperfeições, e ainda permaneço nas minhas feridas desgraçadas — talvez porque as ame mais do que a Vós. Porque, se de verdade as aborrecesse, estaria livre delas e cheio de Vós.

Senhor, Senhor, socorrei-me com a vossa misericórdia, abrandai esta dureza antes que vá mais longe, para que não me lanceis para longe da vossa face e amizade. Lançai os vossos olhos sobre este pecador, obra da vossa bondade, redimido pelo vosso preciosíssimo sangue. E pois as pedras se desfazem e se moem com o fogo, desfazei Vós esta dureza empedernida com o vosso amor divino.

Não podeis, Senhor, dizer que quereis e podeis? Dura era Madalena, e numa só hora que esteve a vossos pés, abrandastes-lhe a dureza e elevastes-lhe o coração à união com o vosso suave amor. Têm os vossos pés hoje menos virtude do que então? Hoje estão abertos pelos cravos da vossa cruz, quando ainda então estavam cerrados. E se ela, com lágrimas, amoleceu essas feridas até delas brotar água viva, e a minha dureza as fecha, sois Vós, Senhor, o doador de todos os bens. Vós podeis regar-me com doces lágrimas para me dispor a receber o que mais me quereis dar.

O coração dela clamava por Vós, e agora o meu clama também. E, se sou pior do que ela, a vossa bondade não diminuiu com o que lhe destes. Ó meu doce Jesus, não endureçais para comigo, pois este vosso pecador deseja enternecer-se para Vós. Quão duro estava São Pedro na negação! E se Vós não o tivésseis olhado, até hoje teria negado. Mas um só olhar vosso abrandou-o e converteu-o. Pois quem tirou aos vossos olhos divinos o poder que então tinham? Olhai, Senhor, para este vosso pobre com misericórdia.

Ah, bom Jesus, que tudo podeis! Quão endurecido subiu à cruz o ladrão, que não só toda a vida vos ofendera, mas mesmo crucificado vos blasfemava! A vossa cruz pôde abrandá-lo e, em uma hora, torná-lo vosso companheiro, para entrares com ele no Paraíso pela mão. E eu ficarei sem a virtude desse amor que tudo converte?

Lembrai-vos de mim, Paraíso de todos os bens. E se sou mais ladrão do que ele, Vós sois ainda mais para mim do que fostes para ele. Não esperastes que São Paulo vos suplicasse: quando mais encarniçado estava em derramar o sangue dos vossos, e no ódio do vosso nome, Jesus, bastou pronunciar-lhe esse nome aos ouvidos e ao coração, e logo o derrubastes, logo o abrandastes, logo se tornou vaso da vossa virtude — para si e para todo o mundo. Logo gritava que já não vivia ele, mas Vós em si. Logo ficou certo de que nada no Céu, na Terra, nem no Inferno o poderia separar da vossa caridade e amor.

Pois, Senhor meu, com ele, e com toda a humildade que posso, digo: que quereis que eu faça, Senhor? Revelai-me a vossa vontade e conservai-me sempre sujeito à vossa suavíssima mão.

Ah, meu bom Jesus, eu é que deveria pedir-me a brandura que vos peço, porque em Vós ela é certa, e sou eu que me endureço a mim mesmo. Mas eu, para mim, sou surdo, e para o que mais me convém, o mais endurecido. Quando vos achei duro, senão quando não me aproximei de Vós? E quando quis chegar-me a Vós, não vos achei sempre brando e acessível, tal como Vós me fazíeis desejar? Mas, Senhor, essa contradição há de a vossa virtude resolver, porque a minha miséria sempre me leva ao pior.

Por aquilo que sempre encontrei em Vós, não tenho do que me queixar, senão de vos dar infinitas graças. Porque, sempre que cheio de pecados me

confessei a Vós, cheguei pesado, duro e temeroso, e regressei leve, contente, aliviado, experimentando em mim a verdade da vossa suave misericórdia. Se então tivesse perseverado em chorar as minhas culpas, quão liberto delas estaria agora!

Para minha confusão, confessarei diante de Vós, minha bem-aventurança, meu doce contentamento, meu suave Jesus: se alguma vez me permitistes (esquecido dos meus males) abraçar os vossos suavíssimos pés, e ouvistes as rudes vozes do meu miserável coração, e me permitistes desejar o vosso amor, alguma vez vos achei duro, ou surdo para comigo? Logo vos vi esquecido do mal que eu merecia; não sei como faláveis comigo, sem palavras, com a linguagem da vida eterna. Deixáveis-vos tratar como se fôsseis meu igual; ardia o meu coração com o fervor do vosso Espírito; tudo para vos servir me parecia pouco. Chorava o tempo que não vos tinha amado, desejava consumir-me na vossa caridade, aborrecia tudo o que me afastava de Vós — e tudo quanto me fazíeis sentir, Vós, que sem palavras mo ensináveis, Vós o sabeis.

Aqui fica entendido que os servos de Deus não devem dar importância aos juízos humanos imprudentes, e devem ter como certo que não podem escapar ao julgamento da pureza e santidade da vida de Cristo nosso Senhor. Mas, quando decidirem servi-Lo, devem esperar sofrer com a cruz e o trabalho. Porque o mundo, que é de Deus, há de dar a todos os seus servos provações. E chamo “mundo” nesta matéria a todos, de qualquer grau ou qualidade que sejam, que não têm espírito para praticar boas obras; que julgam mal e não têm uso nem experiência da beleza da virtude. São não só os mundanos seculares vaidosos, mas também os religiosos e eclesiásticos mornos e esquecidos das suas obrigações e da perfeição do estado que professaram.

É verdade que, enquanto o espírito não está muito elevado nas coisas divinas, custa muito ser mal julgado injustamente, mas isso é próprio dos imperfeitos. Que se lembrem, porém, de quanta obrigação têm para com Deus de se empenharem na virtude e se mostrarem mais firmes a seguir a verdade que Deus lhes revela. Tenham certeza de que o mundo não julga mal do bem por ódio ao mal, mas apenas porque desacredita a virtude; porque o mundo ama os vícios, embora saiba que são males, pois vive

deles; e para os sustentar, os promove, consagra e aprova. E como as virtudes lhe são contrárias, difama-as com os nomes dos males que gosta. Por isso chama ao recolhimento hipocrisia, ao zelo paixão, à justiça indignação, à reforma ambição, à santa conduta desonestidade, e tudo assim nomeia; porque, fazendo parecer que as virtudes são iguais aos seus vícios, lhes tira o medo e o respeito, e fica mais à vontade e destemido para continuar nos seus pecados.

"Se fostes do mundo — disse o Senhor aos Apóstolos — o mundo vos amaria; mas porque não sois do mundo, vos odeia." Do mesmo modo, se os virtuosos fossem realmente tão maus como o mundo pensa, o mundo os louvava, assim como louva os vingativos, chamando-os corajosos; aos vaidosos, honrados; aos pródigos, liberais; e aos mais viciosos, honrados, favorecendo-os nos males que lhes atribui. Mas, como o mundo sabe que a virtude que os justos seguem é a sua condenação, odeia-os, persegue-os e julga-os da mesma forma que ele é, para os fazer seus aliados ou para envergonhar a virtude.

Portanto, assim como em qualquer outra coisa não se deve dar importância ao juízo e à opinião de quem não tem uso nem experiência dela, também não se deve dar importância aos juízos dos homens que têm experiência dos vícios para que tudo lhes pareça igual a eles, e não têm experiência da virtude para a aprovar e louvar quando a vêem.

Não digo que os servos de Deus considerem os outros como maus para sustentarem a virtude, mas que, certos da verdade que dela entendem, reconheçam a armadilha com que o demónio quer assustá-los e quebrantá-los, para que com mais ânimo perseverem nela, vençam com paciência e peçam a Deus nosso Senhor pelos que os perseguem, para que lhes mostre a beleza da virtude. E para se orientarem, quando se virem mal julgados, considerem a regra que devem ter lido, que disse São Paulo assim: "De nenhum modo considero justo ser julgado por Vós, nem eu mesmo me julgo; quem me julga é Deus": que são três avisos importantes.

O primeiro é que não devemos depender puramente do juízo humano, nem para o bem nem para o mal, porque, sendo fraco, ele aprova ou desaprova erradamente, mais pelo que quer, vê ou imagina do que pela verdade das coisas. Por isso não é suficiente ter razão para fazer as coisas,

para que sejam aprovadas pelos homens, nem para deixar de as fazer por serem mal julgadas. Se assim fosse, não seria possível agradar a todos, já que cada um tem o seu juízo, nem escaparíamos de muitos aborrecimentos que acontecem ao querer agradar a todos.

O segundo é que, nas nossas coisas, nem mesmo no nosso próprio juízo devemos confiar totalmente, para considerar algo bom ou mau apenas por ele. Basta que, com boa intenção, com temor de Deus e com o bom conselho de alguns dos seus servos, quando for necessário, sigamos o que nos parecer melhor e mais conforme ao seu serviço; e, com puro desejo de agradar a Deus, façamos da nossa parte o que pudermos. Mas as obrigações que temos para com Deus e para com a nossa salvação são tão grandes, e as imperfeições da nossa miserável natureza são tantas, que ninguém deve pensar que agrada a Deus em tudo, nem justificar-se a si mesmo, pois isso é tomar o lugar de Deus e caminho para perder a santa humildade. Também não é pouca tentação querer saber o estado da alma; se fosse bom para nós, Deus não o esconderia. Mas o que nos cabe é trabalhar para fazer muito, e nunca achar que fizemos tudo o que devíamos. E quanto mais formos rigorosos no juízo dos nossos próprios méritos, tanto mais puramente os faremos.

O terceiro é que a alma que quiser viver consolada e em paz lance os olhos, no meio de todos os juízos humanos, para Deus, que tudo vê, e se humilhe perante Ele, procurando sempre agradar-Lhe; porque, como se governa com uma sabedoria infalível, que tudo vê e pesa numa balança justa, nunca podemos perder com Ele. Porque Ele é um juiz que, por ser bom e tudo ver, ajuda e acrescenta com sua graça e favor; cobre e limpa as nossas imperfeições; fortalece a nossa fraqueza para fazermos mais; e ilumina o nosso entendimento para conhecermos e fugirmos do mal. E o mal que vê em nós, Ele o julga, limita, corrige e perdoa com misericórdia.

Exercício de ser o Senhor mal julgado para acalmar almas nos juizos humanos.

Juiz sapientíssimo e conhecedor justo do meu interior, a quem nada está oculto e cujos olhos estão sempre sobre os bons e maus filhos dos homens. Vês este meu coração e sabes o que nele te desagrada; sabes também o

quanto falho no meu dever de te servir. Onde poderei esconder-me do teu julgamento? Se for ao Céu, lá estás; se descer ao Inferno, lá me reconhecerás; no centro da terra também estarei sujeito a ti. Melhor será que me vejas e me conheças do que me esconda de ti, ainda que pudesse, porque escondido com o meu mal ficaria, e tu olhas sempre com misericórdia. E mesmo que, pelo que há em mim, tivesse razão para fugir de ti e te temer, para onde irei fora de ti que me possa curar? Pois tu és Deus meu, e meu Juiz; lança em mim os teus olhos piedosos. Vê como crescem os meus males. Vê a pressa e diligência dos meus inimigos para me afastar de ti. Vê a minha fraqueza para lhes resistir, a minha malícia em te ofender, a minha pobreza em toda a virtude, o meu descuido em te servir. Julga-me, Deus meu, pela minha justiça e inocência que procedem dos méritos dos teus sofrimentos.

O amor que me tens eternamente viu que tudo o que há em mim é contra mim, e por não ter da minha parte justiça alguma que me valha diante do teu divino julgamento, deu-me o teu suor, o teu sangue, as tuas dores, as tuas aflições que por mim passaste, a tua inocência e perfeita virtude para alegar por mim. Lê, Senhor, nestas leis que em ti escreveste a sentença que preciso, e por elas me julgarei. Olha, Senhor, as raízes de todo o mal que estão lançadas neste coração, a imperfeição de todo o bem. Faz justiça, tira tudo isso de mim, e planta com a tua mão, neste coração, aquilo que queres que nele cresça e dê frutos.

Meu bom Jesus, quando vejo quão mau coração tenho, temo que me vejas e sou forçado a pedir-te, com o teu santo David, que afastes os teus olhos dos meus pecados. Quando vejo que só tu podes curar, temo que não queiras olhar para mim, e por isso te peço que olhes para mim com misericórdia. Cria em mim, Senhor, um coração novo e limpo, e tudo remediarás. Lembra-te, Senhor, que por vezes disseste a Noé, como verdadeiro conhecedor dos nossos corações, que toda a imaginação e inclinação do coração humano é sempre para o mal. Não disseste que tudo o que ele tem é mau? Nem disseste que em nós há alguma boa hora de que pudéssemos nos orgulhar? Não nos fizeste assim, mas porque nós pervertemos todos os bens que em nós criaste, com justo juízo nos consideras fonte de todos os males. Oh fonte de todos os bens, se não és

poderoso para reformar o condenado, serás para criar de novo? Cria em mim um espírito novo que renove os bens que esta alma tem perdido.

Que mal há, Deus meu, que não nasça do coração humano? E se tu com a tua poderosa mão não o curas, que bem poderá nele entrar? Entre os homens viveste, luz divina; trabalhaste, saúde eterna, para curar os seus vícios; fizeste-te espelho de toda a perfeição e virtude; nada deixaste por fazer para ensinar e iluminar; e encontraste tudo tão condenado e tão cheio de horríveis males, que os corações humanos corriam para ti, mas não aceitavam os teus bens, antes julgavam a tua bondade pelas suas maldades. Oh Filho de Deus vivo, adoro essa mansidão e paciência com que quiseste sofrer tamanhos desatinos dos corações humanos. Parece-me que te devo ainda mais porque quiseste ser homem mal julgado do que morto; pois para te matarem, podiam cegar-te pela paixão e dar-te a morte que desejavas, mas para te julgarem mal nem com cuidado e de propósito podiam encontrar nas tuas verdades eternas algo que os enganasse; julgavam de ti só a baixeza e malícia das suas mentiras, que tu aborreces. Que bondade é essa que tanto sofre? Ah, bom Jesus, que o mundo não sabe julgar-te senão pelo que faz. Não sabe comer contigo senão para profanas bebedeiras, e não pode cuidar de ti, fonte de saúde divina, que te humilhaste a comer com eles para os converteres, e não para outro fim.

O mundo mantém todo o seu trato e comércio com o demónio, a quem obedece e serve, e não consegue compreender a tua virtude divina, que lhe faria tantos bens pela tua bondade, senão como companheiro de Satanás. Que viu em ti o mundo para julgar mal das tuas obras? Nunca ouviu da tua boca uma palavra má ou inútil; nunca viu na tua puríssima modéstia nada de leviano ou profano; nunca na tua conversação encontrou leviandade ou ociosidade; nunca na tua doutrina achou senão conselhos divinos; nunca nos teus milagres viu mentira ou mal de demónio; nunca encontrou verdadeiros defeitos no que em ti via; nunca quiseste o seu mal; nunca lho tiraste; nunca o procuraste. Então, que acha em ti para lançar as tuas obras ao desprezo? Até esta cruz tão baixa aceitaste carregar por mim, bom Jesus? Os teus açoites, a coroa de espinhos, as bofetadas e a cruz fizeram dos ladrões cidadãos do Céu e curaram os pecados dos mesmos que te atormentaram. Mas seres injustamente julgado pelos homens cura ainda

mais os pecados de tão maus juízes e fecha as portas da alma a toda a tua luz e misericórdia.

Bendito e louvado sejas, que, a tão alto preço, quiseste consolar-me neste trabalho em que me via, e mostrar-me quanto devo temer este meu perverso coração humano. Ah Senhor meu, Redentor da minha alma, cura este coração enfermo! Eis do que me queixo diante da tua misericórdia: por isso gemo, por isso o meu interior clama aos teus ouvidos misericordiosos. Tu dizes que toda a minha inclinação é sempre para o mal; os corações dos filhos de Adão confirmam que é tão verdade, que não só desejam e querem sempre o mal, mas nem a tua soberana verdade, diante dos seus olhos, conseguem ver senão como mal e para o mal. Ah meu Deus, ó bondade infinita, é a essa bondade que me acolho, pois não posso fugir de mim senão para ela, e só ela tem poder de vencer a minha grande malícia.

Ainda hoje sou isto: aquilo que me defendes, julgo por bom; o que me mata, tenho por vida; o que me afasta de ti, por consolação; a tua lei considero pesada; a tua companhia, rigorosa; deixar os pecados, penoso; cometê-los, prazer; ocupar-me sempre em ti, aborrecimento; gastar a vida em vaidades, alívio; os prazeres do corpo, tenho-os por recreativos e doces. E o pior é que, embora acredite tudo isto pela fé, sigo o contrário daquilo em que acredito, pelo juízo da terra que sempre me arrasta para baixo. Quando, Deus meu, me livrarás de mim? Que há em mim que não corra sempre para o mal? Os próprios bens que me dás julgo com juízo tão perverso, que, se mos deres assim, deixarias de ser quem és. Julgo que posso abusar da tua misericórdia para pecar; que posso adiar a emenda apoiado na tua paciência; que me posso salvar com a tua piedade, vivendo à minha vontade. Julgo poder juntar neste coração triste o teu manjar divino com as minhas abominações. Julgo que a tua justiça perfeita passará tão facilmente pelas minhas culpas que me perdoará sem emenda. Tudo em mim é juízo e afeto desordenado e pervertido.

Alarga, bom Jesus, essa bondade com que até agora me tens suportado, também para me curar como necessito. Bem vês, Senhor, que estou tão enfermo que, sendo verdade, ainda me considero são e bom, e me orgulho de qualquer faísca de barro ou de qualquer migalha de virtude que às vezes me fazes desejar ou praticar. Quero ser tido pelos homens por mais do que

sou. Não suporto ser mal julgado, não sendo possível que me julguem pior do que realmente sou, como tu bem sabes. Cura, Senhor, estas chagas com a tua virtude. Levanta os meus olhos para ti e ilumina-os, para que em ti veja o que em ti possuo, e em mim o que tu vês e reprovas. Não me deixes trocar mais o juízo das coisas; que eu as estime pelo que são, e a mim pelo que verdadeiramente mereço; e a ti, Deus meu, estime, deseje e abrace como meu verdadeiro Senhor, Juiz, Pai e todo o meu bem. Reforma, Senhor, as potências desta alma, pois para ti as criaste; limpa este interior, pois é isso sobretudo que queres que te ofereça. Vença em mim a tua misericórdia, fazendo deste charco e poço sem fundo de males a casa e morada do teu Espírito tão puro.

E já que estou sempre inclinado para o pior mal que me afasta de ti, e mesmo assim não me afastas de ti, vem a mim e com a tua presença santifica os erros desta tua criatura.

Um dos maiores erros, Deus da minha alma, que nasce da minha soberba, é sentir demasiado ser julgado pelos homens; e tu sabes, meu Deus, que eu não sentiria tanto isto se não desse tanto valor a ser por eles louvado em tudo. Que grande vaidade é essa, humildíssimo Jesus, tu o sabes; e quanto dano me faz, tu o entendes. Que podem os juízos humanos fazer-me? Eu sou verdadeiramente tal qual tu me julgas; os seus louvores não me melhoram, e a sua má reputação não me faz mal; e na verdade ninguém pode ser tão mau que consiga julgar de mim tanto mal como o que deste miserável coração pode nascer.

E se todas as criaturas se juntassem para condenar os males que cometo contra ti, não os saberiam pesar com justiça, porque são mais feios do que podem imaginar. Pois de que me queixo? E, ainda assim, bom Jesus, tendo diante de mim a grande obrigação de te agradar, meu justíssimo Juiz, queixo-me se os homens se descontentam comigo. Lembro-me de quanto faço para agradar aos homens; peso as palavras para lhes agradar e queria juntar as condições e gostos de todos, segundo o meu parecer, para que ninguém se zangasse com o juízo que queria que tivessem das minhas obras! Oh, desventurada vaidade! Que grande parte do coração me ocupa, quanto me consome, quanto me entristece, indigna e enche de pensamentos que não agradam aos teus olhos divinos! E quão maior vaidade é, Senhor

meu, quando me alegro de parecer bem o que faço e de sentir que os homens ficam contentes comigo e com a minha conduta, e quando o meu coração me inclina a querer saber o que pensam de mim, não para evitar escândalo, mas para satisfazer-me a mim mesmo. Oh, quão puro é o espírito que a tudo isso renuncia e nada disso o move!

Piedosíssimo médico da minha alma, arrebata todo o meu pensamento, cuidado e tentação para ti; tem piedade deste coração tão disperso. Para te agradar a ti, Deus da minha alma, não tenho dificuldade, porque és bom e com a tua bondade acomodas-te ao que posso e ao que sei. No que toca à minha salvação, revelaste-me a tua vontade para que não erre; e nas coisas de menor importância, em que não preciso de certeza absoluta sobre o que queres, aceitas a boa intenção e o desejo, ainda que seja diferente do que queres nessas coisas. Suportas-me quando erro e ajudas-me a levantar-me, e nunca diante de ti sou tão mau que o teu juízo piedoso não encontre razão para me favorecer e para que eu não me perca.

Contigo, meu Deus, estou sempre bem. Mas com os homens, limitados no entendimento, agarrados ao juízo, diferentes nas inclinações e opiniões, como posso contentá-los? Aprovam e desaprovam sem critério; um quer que eu sofra, outro que me vingue; um chama-me humilde, outro hipócrita; um acha-me mole, outro recolhido; e tudo sem fundamento. E ainda que fosse possível contentá-los a todos, que proveito teria para a minha alma?

Meu Criador e Mestre divino, infinitas graças vos dou pelo amor com que me libertastes de todos esses cuidados e juntastes todas as minhas obrigações em vos amar de todo o coração. Se aí estiver o meu amor, nunca ofenderei ninguém, porque não será possível fazer a vossa vontade e errar no que devo aos outros.

Pois bem, Senhor, reuni a Vós os dispersos de Israel. Tirai deste coração o apego aos juízos humanos, bons ou maus, para que nenhuma parte dele me leve a algo fora de Vós. Não me deixeis desejar agradar a um mundo que nunca se agradou de Vós, nem dar importância aos juízos daqueles que nunca souberam julgar bem a vosso respeito. Só a Vós quero agradar de verdade; a Vós ofereço todas as minhas coisas interiores e exteriores.

Que viva sempre em meu coração a vossa divina presença, e que elevem a Vós sempre o meu espírito; porque desapegado de tudo o que não pode encher-me do vosso amor, para Vós viva, para Vós fale, para Vós cuide, para Vós deseje, e em Vós todo o meu interior descanse, meu bom Jesus, meu justíssimo juiz, meu piedosíssimo amigo e meu suavíssimo redentor e salvador.

Ó Mãe de Deus, cheia de graça e rica do Senhor, que com vós sempre está; quão grande e rica fostes aos olhos de Deus, e quão desconhecida aos olhos do mundo! Pelas prisões de puro amor que sempre vos uniram ao vosso Deus, Senhor, Esposo, Filho e divino Tesouro, vos peço o favor para que ele tome este coração em si, com simples e santa intenção, e puro amor em todas as coisas, para que nenhuma parte dele me leve a alguma baixa criatura.

Corte celestial muitíssimo agradável a este Senhor e divino Juiz, desconhecida e não desejada do mundo, ponde nesses vossos bens o desejo e o cuidado deste pobre coração, para que ocupado não possais perder coisas da vida, nem eu me perca. Amém.

TRABALHO XXI

Ser murmurado.

O trabalho de ser mal julgado traz consigo outro não menos pesado: ser alvo de murmurações. E nisso se vê quão grande é esse mal, pois muitos, entre os que vivem no mundo, com o tempo tornam mais leve o peso de más opiniões; mas este, com a continuação, torna-se ainda mais penoso. A murmuração é o carrasco do mau juízo, porque não condena o coração do próximo sem primeiro lançar sobre ele algo do mau juízo que tem. E faz isso com tanto dano, que não só expõe em público o mal próprio escondido, mas também condena o coração alheio e ainda procura justificá-lo com razões e aparências de bem. E como quase todos os homens, pouco ou muito, estão tocados por este vício, não há pessoa nem coisa que escape de, de algum modo, ser murmurada.

Ninguém pense que, vivendo entre gente, poderá escapar a esse fardo; pois nem a Cristo nosso Senhor a santidade da sua pessoa e a pureza da sua vida valeram para não sofrer a maior parte deste peso, que suportou com mansidão e paciência. Pelas praças e ruas, pelas casas e oficinas, e muito mais nas sinagogas e conselhos dos judeus, entre os doutores e principais, houve tantas e tão feias murmurações contra o Senhor, quantas nenhum outro justo sofreu por amor da virtude e de Deus. Em multidões e ajuntamentos, em conversas ao sol, em serões, em mesas e passeios, não havia prática mais comum do que murmurar d’Ele e zombar dos que O seguiam, com língua maldizente.

Alguns defendiam-no, mas isso apenas servia para dar mais força às más línguas e ocasião maior para contendas e discussões sobre Ele. E, como a malícia, uma vez encontrada, se aperfeiçoa, os murmuradores lançavam palavras ainda mais feias e pragas contra o Senhor, quando alguns O tinham por amigo. Uns diziam que um pecador não podia fazer milagres; outros afirmavam que era pecador quem não guardava o sábado. Os sacerdotes diziam que nenhum dos príncipes O seguia, senão apenas a ralé do povo maldito, e que só com gente baixa se atrevia a andar. Os letrados murmuravam por Ele se declarar Filho de Deus. Os fariseus chamavam-no

feiticeiro e companheiro de Satanás, e criticavam a sua convivência com pecadores.

Passavam o tempo a criticar a condição dos discípulos que Ele reunia — pescadores. Escarneciam de todos os que O seguiam e, quando havia ocasião, cada um inventava mil escárnios e afrontas, como o mundo costuma fazer, e tudo recaía como afronta sobre Cristo nosso Senhor. Tantas e tão variadas eram as murmurações contra Ele, fundadas em malícia e misturadas com falsidades, que são sempre companheiras da murmuração. Quem as suporta e não abandona a obra da redenção, apesar do nojo e do cansaço das línguas maldizentes, é devedor de tanto amor e reconhecimento quanto pela própria obra.

Não devemos, pois, amar menos o Senhor pelo modo e pelas circunstâncias com que nos fez graças do que pelas graças em si. Tudo isto serve para quebrar a vontade e tirar o gosto de fazer o bem aos murmuradores, ou até para deixar inacabado o bem começado. Deus nosso Senhor, ainda que tenha cumprido o que prometeu a Abraão, de dar à sua descendência a terra prometida, não quis que nela entrasse nenhum dos murmuradores que saíram do Egito — todos morreram no deserto, exceto dois.

Mas, feito homem, suportou as murmurações com paciência e não deixou de continuar os benefícios ao mesmo povo. E para que os apóstolos seguissem o mesmo espírito e não deixassem de procurar a salvação até dos que mais os importunassem com murmurações, advertiu-os de que, se não suportassem os maus juízos do mundo, não seriam seus discípulos, e ordenou-lhes que não dessem importância às murmurações, mas pensassem que não encontrariam contra si menos do que Ele mesmo sofreu, dizendo: «Se ao dono da casa chamaram Belzebu, quanto mais aos da sua família?»

Por isso, sabendo que enfrentariam trabalho tão cansativo e penoso, deviam estar determinados a não abandonar a sua obra, por mais veneno que as más línguas lançassem contra eles. Isto é uma grande consolação para todos os servos de Deus que fazem obras boas e virtuosas — e justamente esses são, em geral, os mais murmurados —: que Deus os conte entre os membros da sua casa e lhes dê parte do mesmo trabalho que Ele

passou. Para conservar tão grande privilégio e honra, é necessário que se assemelhem ao Senhor da casa, suportando esse trabalho.

Porque muitos outros que não O servem também são murmurados, mas não podem ser tidos como seus servos. O mundo é terra de trabalhos, e todos os sofrem, bons e maus; mas a paciência é o que faz a diferença entre eles. Os da casa de Deus recebem com humildade os trabalhos que merecem, para satisfação deles, e os que não merecem, com gosto, para se parecerem com Ele. Já os maus não suportam nem os trabalhos que merecem, nem os que não merecem, senão com uma paciência raivosa — porque não podem mais. E muitas vezes ficam ainda mais culpados pela perversa paciência que têm do que pelas próprias culpas que causaram os trabalhos.

Cristo nosso Senhor, Pai da família, que por graça recebeu murmurações, deu-nos n'Ele exemplo tão heroico que não ofereceu menos benefícios aos que O chamavam companheiro de Belzebu e O rejeitavam do que aos que O recebiam com louvores. Esse é o perfeito remédio para confundir as línguas dos murmuradores: vencê-los com perseverança na virtude, paciência, brandura e boas obras, sempre que necessário. Porque nada é mais inútil do que gastar tempo e vida em justificações contra as más línguas. Quem murmura não busca razão para o que diz, mas apenas pretexto para falar. E mais se atiça quando encontra razão contra si.

Se antes de ouvir a justificação murmura da obra, depois de a ouvir murmura querendo desfazê-la, contrapondo palavras, gestos, modos e razões, e até das boas razões faz combustível para aumentar o fogo da murmuração. Mas o silêncio, a paciência, a brandura, a perseverança na virtude, a dissimulação santa, o silêncio diante de tudo o que se diz — tudo isto é o escudo mais poderoso contra a murmuração. Pois, se ela nasce da malícia, a própria raiva a castiga; se não consegue sair, enfraquece. Se nasce da ignorância e do hábito descuidado, corta-se mais depressa.

Todos têm esta obrigação: trabalhar para que em si não haja justa razão para serem murmurados. Só por isso encontramos tantas vezes na doutrina dos Santos o conselho de cuidar com atenção no que os homens poderão dizer das nossas obras. Não para que isso seja a regra da nossa vida, mas para que não haja motivo justo para falar.

E quando a obra é feita não só com reta intenção, mas também com o modo que Deus manda, ficamos totalmente livres da obrigação de nos preocupar com o que digam. A experiência mostra que a maior praga da vida virtuosa é justamente a preocupação com o que dirão. Porque muitos, cuidando demais disso, deixam de fazer o que devem por medo do juízo dos outros. Como são poucos os que têm espírito para cumprir o seu dever quando isso contraria a vontade de um amigo, de um superior, de um companheiro, ou até da opinião do povo, ainda que errada, é mais fácil à nossa fraqueza desistir do que é justo do que enfrentar o que dirão.

Por isso, o Senhor resolveu tudo dizendo que os seus não seriam menos murmurados do que Ele, e que só seriam aceites quando, fechando os ouvidos a tudo, fizessem o que deviam, como Ele fez.

Que os servos de Deus aprendam a não se inquietar com murmurações injustas contra eles. Por mais que lutem, e ainda que vençam pela perseverança, nunca conseguirão calar todas as línguas. Tomem por espelho Cristo nosso Senhor, que, apesar de sofrer murmurações tantas vezes profetizadas por David, e de se queixar delas a Deus, e de ser delas libertado, nunca as fez calar de todo. Assim se vê que o mal das murmurações não se cura com o silêncio delas, mas sim se desmente com a pureza de vida.

Ainda que o nosso Senhor tenha tido perfeita vitória sobre os murmuradores e os tenha confundido, o anúncio público dessa vitória só será feito no dia do juízo final.

Do mesmo modo, Deus conduzirá os seus santos — contra os quais muitas vezes permitirá que as línguas dos maldizentes prevaleçam aos olhos dos homens, por juízos secretos —, mas levará todos para Si com uma vitória consumada, de modo que nenhum mal dessas línguas fará dano às suas almas. Essa glória e honra da vitória permanecerá escondida até ao juízo final, quando se verá como os maldizentes receberam o que mereciam e os murmurados terão a honra e glória que nunca imaginaram.

Assim diz a Sagrada Escritura: quando os maus, no dia do juízo, virem a honra dos justos, a quem na vida zombaram e murmuraram, ficarão confundidos e reconhecidos como errados, dizendo: «Estes são os que

escarnecíamos e insultávamos, e fazíamos alvo dos nossos vitupérios. Vede como estão agora entre os filhos de Deus e que sorte tiveram entre os santos! Logo errámos e não fomos iluminados pela luz da justiça.»

Por isso, os servos de Deus devem considerar o tempo gasto em satisfazer murmurações como tempo muito mal aproveitado. E como o tempo é breve, é melhor poupá-lo para a paciência e para a imitação do nosso Senhor, deixando-Lhe a Ele a causa.

Isto não elimina, nalguns casos, a necessidade ou obrigação de prestar contas, em público ou a pessoas particulares, pelo bem de algumas almas, pela honra da Igreja ou pelo serviço de Deus. Mas deve ser feito com mansidão, brandura e moderação, para se cumprir a obrigação e pôr freio na língua, para que quem se justifica não acabe por se tornar também murmurador dos maldizentes. Pois, se numa coisa ficar justificado, noutra poderá ser como eles.

E, como na nossa própria causa, na maior parte das vezes, somos muito injustos, deve-se procurar conselho junto dos servos de Deus e não ultrapassar o que eles regulam.

É preciso vigiar muito um vício: o de se queixar demasiado e dar demasiada importância às razões dos maldizentes. Porque, ainda que pareça fundar-se na injustiça e na razão, esconde, com maior prejuízo, o dano da alma. Quem valoriza demasiado as suas queixas perde grande parte da pureza da paciência, corre o risco de confiar excessivamente em si mesmo, envaidece-se da sua virtude e razão, destrói a confiança dos outros, diminui a perfeição do amor que lhes deve e toma para si assuntos que deveria deixar a Deus.

E, quando no fim das queixas quiser voltar-se para Deus, a experiência mostrará que terá mais que corrigir em si próprio do que nas línguas dos maldizentes. Muitos são os bens que se perdem por causa das queixas, e muitas as imperfeições da alma que elas escondem; deixo isso à experiência, para não me alongar. E digo também que só quem tiver cuidado principal com o aproveitamento espiritual da alma o sentirá e compreenderá.

Se seguirem o meu conselho, gastem o tempo das queixas com Deus, que tudo vê, e verão que é um grande e secreto tesouro de bens espirituais ter sempre muito para queixar-se, para calar muito, sofrer muito e assim conquistar em segredo os favores do nosso soberano Pai de família, que os maldizentes, por viverem fora da sua família, não conhecem.

A murmuração tem uma característica que a torna imprópria para quem quer viver em paz: é quase uma doença sem cura. Porque quem mais murmura é, pelo menos quando murmura, ocioso, muitas vezes malicioso, e toma a murmuração como passatempo e distração. E, como as coisas que servem de passatempo na vida e não têm freio da razão são geralmente as mais apreciadas e seguidas, ainda que o incómodo que causem seja pesado e cansativo, o seu remédio é muito mais difícil.

Daí vem que, quanto mais te magoas com o que dizem de ti, mais prazer tira o murmurador, passando sobre ti as suas melhores horas de divertimento. Por isso não sei maior erro que um homem sério possa cometer do que consumir-se em tristeza por causa dos ociosos passatempos dos fofoqueiros e maldizentes. E o mundo, e as línguas que não podem ser curadas pela razão, não o serão pela ira. Porque, se o murmurador é malicioso, alegra-se quando te vê perturbado; e, se é ocioso, acha as suas falas ainda mais divertidas quando te vê inquieto.

Muito melhor é o conselho dos antigos filósofos, que diziam que devemos usar os murmuradores como lição e espelho para os virtuosos. Muitas vezes o amigo ou deixa passar o defeito, ou tem respeito ou descuido e não o aponta a quem ama. Mas o murmurador, como não tem respeito, encontra melhor os defeitos alheios e sem cuidado os denuncia. E o homem sério e virtuoso, nas críticas que o murmurador lhe faz, vê mais claramente os defeitos que deve corrigir, se os tiver, ou aqueles que deve evitar, se lhe são atribuídos.

Além disso, como a virtude e a boa consciência não podem cair sob a lança da língua, esta não tem poder para lhes causar verdadeiro dano, e, pelo seu próprio peso, muito mais as levanta. Porque, se o murmurador diz bem do mal, é impossível juntar os dois, e assim o mal fica melhor condenado. E se diz mal do bem, nem por isso o bem pode ser prejudicado; e o mal, contra o verdadeiro bem, fica condenado pela própria língua do

murmurador. Por isso, de todas as formas, a virtude sai sempre vencedora: porque nem combatida pode ser vencida, e porque os próprios males que a combatem acabam julgados e condenados pelas línguas que a reprovam.

De tudo isto se percebe, com grande razão, o que São Bernardo disse aos prelados — e que também serve aos servos de Deus murmurados —: que a virtude estaria sempre ociosa se só fosse exercida entre gente sã e virtuosa, pois estes não necessitam de cura. Mas, quando se emprega nos ociosos, maliciosos e murmuradores, suportando-os, favorecendo-os, servindo-os e fazendo-lhes bem, então a virtude aparece mais admirável e formosa.

Mas não sei se me queixo de São Bernardo ter infamado os monges, dizendo que a sua perdição era a murmuração. Ele sentia bem os danos desse vício, pois não o conseguiu eliminar apenas com a sua virtude. E creio que no Céu, onde está, aceitará que todos os desta profissão o desmintamos; e os que não o fizerem, lembrem-se do que diz o Apóstolo São Tiago: «A religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo.» E acrescenta: «O religioso que não refreia a sua língua, mas engana o seu coração, a sua religião é vã.»

Exercício de ser o Senhor murmurado, para consolar a alma nas línguas dos murmuradores.

Bondade infinita, Deus da minha alma, bom Jesus, meu Senhor, minha bem-aventurança: adoro-vos e dou-vos infinitas graças porque, por tantas vias e ao vosso custo, me tirais o amor de todas as coisas terrenas e vos ofereceis ao meu coração, para satisfazerdes todos os meus desejos. Se eu tiver os olhos abertos, como poderia amar e estar apegado a esta terra e a estas pessoas, que cometeram tanto mal, que se atrevem a falar contra Vós, meu soberano bem, e não para vos louvar nem para vos pedir o que só Vós nos podeis dar?

Para que vivo nesta vida? Levai-me, Senhor, para onde eu vos possa louvar e adorar sempre, para sempre. Levai-me à companhia daqueles puríssimos Espíritos Celestiais que sabem ver-vos, estimar-vos, amar-vos e

adorar-vos, e se derretem perpetuamente nos vossos divinos e soberanos louvores, como mereceis. E enquanto não me concederdes essa graça, dai-me um desprezo profundo pelos elogios e louvores humanos, e que não queira nenhum favor nem coisa alguma das línguas que não vos sabem adorar nem agradecer por tudo o que mereceis.

Se todos os nervos, veias e ossos de todos os homens se transformassem em línguas, e todo o amor do Paraíso se juntasse a elas para engrandecer o que por nós fizestes, que valeria tudo isso em comparação com quem sois e com o amor que nos tendes? Nem sequer uma pobre língua que nos destes a cada um seria suficiente para vos louvar.

Ó amor da minha alma, o que há em Vós para se poder falar, senão louvores divinos e grandezas soberanas? Que comestes com pecadores; que quebrastes o sábado; que vos associastes com pobres e homens maus, deixando os soberbos e ricos; que fostes chamado endemoninhado e Samaritano.

Nenhum bem recebia o mundo de Vós, nenhum bem lhe fazíeis; não via em Vós coisa que lhe parecesse boa, nem notava nas vossas obras a vossa divina virtude. Não via a vossa misericórdia e brandura. Tão cego estava que não podia ver em Vós senão o seu mal. Pois, meu Deus, como quero que este mundo veja em mim o que não viu em Vós? E diga de mim o que não soube dizer de Vós?

Amor da minha alma, já que a morte e a vida estão nas mãos da língua, e estes em Vós só encontraram a língua da morte, abri, Senhor meu, a minha boca, e louvarei as vossas grandezas, e darei infinitas graças pelas mercês que o mundo não soube conhecer em Vós; e viverei louvando-vos pela língua, minha vida soberana e eterna. E adorarei por essas mesmas mercês pelas quais o mundo murmurava de Vós.

Adoro-vos, bom Jesus, pela misericórdia com que comestes com os pecadores e os acolhestes sempre junto de Vós. Que seria de mim se Vós andásseis só com os justos? Que esperança teria eu de alcançar misericórdia se vos visse apenas com os inocentes e santos? Que faria das minhas chagas e doenças, se Vós, saúde soberana, não entrásseis nas casas dos miseráveis enfermos e das almas perdidas?

Ah, meu Deus, digam o que quiserem os cegos fariseus; Vós sois a minha saúde, sois a minha misericórdia, sois o meu refúgio. Não tendes menos piedade das mesas dos pecadores do que dos anjos, porque nas nossas almas arde o vosso amor numa matéria mais dura e pior para queimar, e opera mais fortemente.

Pois, Senhor, entrai neste coração e vinde comer comigo; já sabeis o que tenho para vos dar. Haveis de suportar a imundícia desta casa interior, tudo vos hei de dar frio e tibio; o amor coalhado e sem sabor, os desejos sem sal do espírito, as obras podres e, para não ver, tudo haveis de aceitar como Vós o vedes. Mas, Senhor, não vos podeis recusar a vir a mim, que vos desejo, porque Vós, saúde minha, fareis tudo ao vosso modo, pois todos os vossos bens trareis convosco.

Lembrai-vos, Senhor, que tendo dito que viríeis morar e recrear convosco quem vos amasse e guardasse a vossa doutrina, tivestes tanta consideração com os pecadores que, sem vos amarem nem conhecerem, fostes comer com eles; porque fostes aos justos para que vos amassem, e aos pecadores para que vos amassem.

Pois, meu Deus, aquecereis este espírito, encher-me-eis do vosso amor, reformareis tudo em mim e, sem que murmurem os fariseus, os anjos vos adorarão, e eu vos louvarei.

Adoro-vos, Deus do meu coração, por não quererdes ter outro descanso no sábado senão fazer-me misericórdia. O vosso divino amor, que não descansa, depois de ter criado todas as criaturas corporais em seis dias, tomou o sábado para descansar.

Porventura, meu Deus e Deus do amor, quisestes estar ocioso ao sábado? Ó amor da minha alma, porque não entendem os fariseus? Porque murmuram deste benefício incompreensível? Porque o sábado é a vossa festa para descansar na minha alma; quereis que nenhuma outra ocupação eu tenha senão convosco.

Senhor meu, obrigastes-me a festas para que eu as tivesse, ou para que as tivésseis comigo.

Diga o mundo o que quiser de Vós; eu creio e adoro esse amor eterno com que tudo quereis para mim; adoro esse desejo de só descansar em mim; adoro esse gosto que tudo fez por mim; adoro a vontade amorosa com que dissestes que sois tão Senhor do sábado para me fazer mercês nesse dia como dos outros para criar tudo.

Não impeçais que as minhas maldades vos roubem os vossos descansos e prazeres.

Adoro-vos, meu Samaritano e vencedor do inimigo demónio.

Os vossos murmuradores não sabiam o que diziam, porque tudo diziam com entranhas condenadas; mas dou-vos infinitas graças pela mercê que me fizestes ao revelar-me esta verdade. Vós, bom Jesus, fizestes-vos figura de pecador, Samaritano, não conhecido no mundo por quem sois; mas, caminhando por este degredo, encontrastes-nos saqueados pelo demónio, carregados e mortos pelos nossos vícios, cheios de fraqueza e sem remédio; e com misericórdia tomastes-nos às costas, curastes as nossas chagas e mostráveis que sois o nosso verdadeiro próximo e amigo.

Ó divino amor, mostrai-me esse coração.

Que gosto, Senhor, sentistes quando por injúria vos chamavam Samaritano, lembrando-vos do amor com que o quisestes ser por nós? Por uma parte, dói-vos muito que esses maldizentes não conhecessem tamanha misericórdia, que gastavam em amor para outra coisa, e desejo de se deixarem curar por Vós. Não quisestes que o amor do próximo tivesse outro mais próximo do que Vós, em quem se empregasse.

Ó meu único próximo, guardai a lei que me destes, fazei-me a mim o que quereis que eu vos faça a Vós. Amai-me, mostrai-me em mim a força e grandeza do vosso amor, estai sempre comigo, ponde os vossos olhos em mim, porque dali me virá a virtude, força e luz para o que quereis de mim.

Adoro-vos e dou-vos infinitos louvores, bom Jesus, pela grande misericórdia que tivestes para com os pecadores, que, tendo em Judeia muitas casas de príncipes, doutores, sacerdotes e ricos, tivestes mais consideração pelos desejos humildes do pecador Zaqueu, que desejava ver-

vos para vos receber em sua casa, do que por todos os poderosos, embora soubésseis que eles se queixariam disso. Que é isto, Senhor? Estão tão contados diante dos vossos olhos os desejos dos pecadores, mesmo quando são imperfeitos? Bom Jesus, quem há mais pecador do que eu?

Desejo a vossa saúde, desejo a vossa formosura divina, desejo o vosso bem soberano, desejo a vossa misericórdia, desejo a vossa riqueza, desejo-vos, amigo meu, meu redentor, meu senhor, meu pai, meu tesouro, toda a minha glória e bem-aventurança. Desejo ver-vos, mas sou pequeno e não consigo alcançar-vos com o olhar, mas sei que sou visto e compreendido por Vós, e não esperais que o que desejo seja perfeito, mas verdadeiro. Vós, verdade eterna, fazei que este pecador vos deseje de verdade com o coração.

Olhai para mim, Senhor, com misericórdia, como olhastes para Zaqueu e para Mateus. Vinde acolher-vos comigo, e fazei que vos receba com amor e alegria, e fazei saúde na vossa casa; morai nela, deixai os que não vos querem, e vinde a mim.

Adoro-vos por todas as graças que fizestes ao mundo, que ele não conhece. Por tudo o que disseram mal de Vós vos louvo, dou-vos infinitas graças, e muito mais por quererdes sofrer por mim este grande sofrimento das más línguas, e tudo o que elas vos causaram. Particularmente vos adoro e louvo pela graça que me ofereceis ao quererdes ter-me em vossa casa, e nela me protegerdes de todas as más línguas.

Ah Senhor, fazei-me conhecer aquela bem-aventurada verdade que vosso Santo David (sofredor por vosso amor das más línguas) disse: que Vós guardareis os vossos no escondido da vossa face, das perturbações dos homens e das contradições das línguas. Oh, belo segredo, oh rico esconderijo dessa divina face! Quando ocupardes nele todo o segredo do meu coração, que me importaria com o que as pessoas dizem? As pessoas dizem o que não vêem nem sabem, e quem está aí escondido não deixa de ver nem de saber.

Desfruto da frescura das vossas águas vivas, da substância do vosso pão divino, dos prazeres da vossa conversa secreta, dos tesouros escondidos aos olhos do mundo. Ah Senhor, não sinto o que dizem as línguas, senão porque

amo ainda o que quero que digam, e não gosto do que está em Vós escondido.

Estou cheio de Vós, que me importa que digam que estou pobre, esfomeado, preso e cativo do vosso amor? Que me importa que digam que sou covarde? Todo ocupado em amar-vos e sempre presente em Vós, e com isto todo embebido em Vós, que me importa que digam que não sou nada? Ah, se nunca fizesse nada senão amar-vos, ah, se nunca soubesse senão amar-vos, ah, se por vos amar ficasse completamente tolo, ah, se me tornasse totalmente inútil para o mundo por estar possuído de Vós!

Que fale o mundo e eu vos ouça, meu bom Jesus; que murmure ele e eu vos alcance; que se queixe ele e eu não vos perca; que fale mal de mim e eu vos contente a Vós. Quem perderia, bom Jesus, ou quem ganharia com o amor divino?

Ah, rompei, céus, e deixai-me ver este meu Senhor e meu bem! Que digo, bom Jesus? São surdos estes céus, não me entendem. Esse vosso suave coração é o meu céu vivo, que tem olhos e vê; ouvidos e ouve; vontade que ama; sabedoria que conhece; formosura que alegra; luz que ilumina; e para todos lugar e brandura.

Ó meu céu vivo, que me vês e me entendes, abre-te para mim, resplandece sobre mim, deixa-me ver o que guardas em ti. Recebe-me, meu doce céu, e fecha-te comigo em ti, e defende-me de quantos se levantarem contra mim. Ah céu divino, céu amoroso, que não és duro por natureza nem esquivo para os pecadores, não te feches para mim. Se eu estou endurecido, faz chover em mim dessas águas divinas; se estou cego, envia essa luz celestial; se estou manchado de pecados, derrama sobre mim esse orvalho misericordioso que me torne digno de entrar em ti.

Sei que lá me desejas, e sabes que neste momento te desejo: abre-te para mim, abre-te e recolhe-me. Amar-te-ei, louvar-te-ei, possuir-me-ás e possuir-te-ei, fugirei de mim e viverei em ti. Ah divino amor, tu que me fazes desejar-te, tu te conheces e me conheces; faz em mim o que quiseres, e quer em mim o que quiseres.

Oh Padre divino das famílias, que quisestes que o mundo vos chamasse Belzebu para consolação de todos os que são da vossa família: visto que tivestes tanta consideração pelo que eu havia de sofrer no mundo; que quisestes primeiro sofrer isso muito mais do que eu, ensinai-me a alegrar-me por me parecer em tudo convosco e com a vossa casa.

O mundo tem razão para prezar o vassalo do seu rei, o criado do seu senhor, para morrer com ele, correr perigo com ele, sofrer os seus trabalhos e afrontas, sendo o senhor da terra como o criado, e miserável o rei como o vassalo. E eu, meu Deus, com muito mais razão devo alegrar-me por passar pelo que Vós passais.

Por que quero eu louvores da boca do mundo que vos blasfema? Ou porque não quero ser murmurado com os vossos, sendo eu da vossa família? Pois Vós, nosso Padre e Senhor, sois o Senhor, e Deus meu, Vós que não vos pusestes por mestre nem por espelho meu, senão porque viste a minha fraqueza, lembrai-vos com misericórdia de mim, tirai do meu coração o cuidado e o sentimento pelas línguas dos homens.

Vós sabeis, Senhor, que elas não me podem causar grande cuidado, senão quando o meu coração está tão baixo que ainda deseja contentá-las. Quando, Senhor, de coração, quererei que nem os vossos servos me tenham em boa conta, para que viva só do puro desejo de vos contentar?

Da vossa casa, Deus meu, recebo todos os bens corporais e espirituais, e espero todos os celestiais. Por Vós fogem de mim os demónios; por Vós me sofreis, perdoais e esperais; por Vós sou salvo de todos os males, e estou cheio de todos os bens. Pois esta tão pequena coisa, como sofrer por Vós qualquer má língua, pois Vós a sofrestes por mim, o que muito farei?

Que muito, pois a Vós, de quem tudo recebo, quero contentar-me, e não quero que o mundo se desaponte comigo? Oh bom Jesus, só Vós sabeis a imperfeição deste coração, quando fica sentido com o que se diz, e quando teme o que se dirá; tende misericórdia de mim e iluminai-me nesta verdade.

Ensinai-me e ajudai-me a não dar justa matéria de murmuração, para que ninguém em mim e por mim vos ofenda; mas que assim seja só com pura intenção de vos contentar, para que nenhum cuidado nem pena me dê

se falarem de mim, nem perca vida e tempo em me justificar perante os homens; senão que toda a vida, tempo e ocupação deste pobre coração seja contentar-vos a Vós e sofrer tudo por amor a vós.

Oh Mestre de eternas verdades, que nos mandastes rogar por aqueles que de nós disserem mal; não quereis ser rogado senão para sermos ouvidos. Pois, Senhor, assim o mandais, abri as vossas piedosas orelhas à indigna oração deste vosso pecador, que vos pede misericórdia por todos os que de mim dizem, disseram ou a alguma hora disserem mal.

Vós sabeis, Senhor, que eles não sabem dizer o mal que há em mim, e que não pecam tanto por dizerem mais mal do que eu tenho — o que não é possível — quanto porque a vossa bondade impede que o digam.

Vós, Senhor, podeis curar tudo, remediar os meus males e fazer com que eles não falem. Não permitais, Senhor meu, que eu seja causa da perdição das criaturas que vós, com o vosso sangue, redimistes. Fazei que conheçam a pureza do vosso amor, para que o desejem; a riqueza do vosso Espírito, para que a peçam; a suavidade da vossa conversa, para que a busquem; aquilo que dais aos vossos amigos, para que todos se ocupem em vós — e me deixem, não para meu descanso, mas para sua riqueza espiritual.

Mudai, Senhor, o mal das suas línguas em louvores a vós, para que sejais glorificado por aqueles que vos ofendem. Concedei-lhes verdadeira caridade, para que procurem curar com amor espiritual o mal que virem em mim, e que aquilo que para eles é ocasião de vos ofender se torne para eles motivo de salvação.

E a mim, junto com eles, uni em união de puro amor vosso, para que sejais amado, adorado, louvado e servido por todos para sempre.

Mãe de Deus, Senhora do mundo, Rainha do Céu e Mãe dos pecadores, favorecei este pobre que a vós se chega. Alcançai-me do vosso único Filho e Deus, que eu seja da sua família, que me alegre sempre de passar os trabalhos que por mim passou. E a todos os que de mim dizem mal, alcançai na mesma vossa e sua casa lugar, para que todos sejamos vossos e empregados no serviço do vosso Jesus.

Ó cidadãos da casa e cidade soberana, seguros dos nossos perigos e dos vossos tesouros, mostrai-nos a todos quanto merece ser esse Senhor que adorais, para que o nosso amor e as línguas em seus louvores estejam para sempre convosco unidos e empregados. Amém.

TRABALHO XXII

Contradição da sua doutrina e obras.

Não é comum que o pecado, quando já está profundamente enraizado, ande sozinho; costuma vir acompanhado de outros pecados tão maus ou piores, que dele nascem e que abrem portas e caminhos a outros males. Como diz São Gregório, a culpa que a penitência não purifica e corrige, pelo seu peso arrasta outras consigo. Quem se observar bem a si mesmo verá que, mesmo que não cometa muitos vícios, se não refrear o hábito de um único, ao qual está inclinado, por esse entrarão outros — ou todos, ou pelo menos os que mais dano lhe possam causar. É por isso que o demónio tentador se empenha sobretudo em impedir a correção de qualquer mau hábito; e, tendo assim preso um coração, não se preocupa em atrapalhar os outros bens que esse coração possa fazer, porque sabe que, enquanto aquela porta permanecer aberta, terá sempre ocasião de o condenar quando quiser. Para isso, tanto faz que as coisas sejam leves ou graves, desde que sejam más e habituais; porque, embora a queda seja mais lenta, se houver descuido, será igualmente perigosa. «Quem não dá importância ao pouco — diz o Sábio —, pouco a pouco cairá.»

Ainda mais na vida religiosa, onde o dever é a reforma da alma, há grande experiência de que a observância não se perde por grandes devassidões, mas por pequenas relaxações. O pecado não entra de repente, mas pouco a pouco, até que, imitando uns aos outros, se perde tudo. O religioso esquece o fervor com que entrou, torna-se preguiçoso, depois distraído, logo murmurador, depois impaciente, desobediente e, por fim, cansado da disciplina da observância. Outro torna-se ocioso, outro deixa-se levar por pequenos desejos e vontades insignificantes; outro perde o recolhimento em conversas e visitas; outros caem em coisas que, no princípio, parecem apenas pequenas faltas toleradas pelos superiores, mas que mais tarde se tornam pedras duríssimas, que nem com fogo nem com martelo se conseguem desfazer.

No mundo, a maioria dos males nasce de uma primeira má inclinação que não foi contida. E, para não nos afastarmos do que temos em mãos,

falemos do hábito de murmurar, que parece um simples passatempo e é geralmente tomado como divertimento. Quantos vícios não nascem daí? Logo se junta a mentira, ao exagerar ou diminuir o que se diz; depois vem a difamação do próximo, a praga, o falso testemunho, tudo acompanhado de ira, raiva, indignação, escárnio, zombaria e exigências de honra que nunca se satisfazem. E, acima de tudo, com o hábito de murmurar sobre tudo, vem o falar mal do bem, reprovar a virtude, desacreditá-la e condená-la o mais possível.

Não é pequeno exemplo disso o grande e perverso mal a que chegaram as línguas que murmuravam de Cristo nosso Senhor, chegando a contradizer toda a sua doutrina e obras divinas, de modo que, quanto mais claras e conhecidas eram as suas verdades, mais trabalhavam para as obscurecer; e quanto mais admiráveis eram as suas obras, mais procuravam apontar defeitos. Foi também por essa porta da murmuração contra o Senhor, que não fecharam, que entraram os gravíssimos pecados e crueldades que depois cometeram contra Ele.

Além do mal que faziam a si mesmos, davam a nosso Senhor grande trabalho, opondo-se a Ele de todas as formas, atingindo o que mais lhe doía. Aos fracos retirava a aceitação das suas graças; aos de bom coração escandalizavam; aos maliciosos atiçavam; aos de pouca fé afastavam do Senhor; aos próprios contraditores endureciam e impediam o efeito da luz que podia brilhar neles; e a Cristo Jesus afligiam profundamente, pois sentia a perda de todos, e o tempo que queria empregar em lhes dar misericórdia era consumido em os convencer e defender-se, para que não se perdessem muitos.

Quando dava esperança ou certeza de perdão aos pecadores, e confirmava essa verdade com milagres, eles publicavam aquilo como blasfémia. Quando se declarava Filho de Deus, diziam que era falsidade, porque apenas dava testemunho de si mesmo. E, tendo diante dos olhos obras divinas, rejeitavam tudo para obscurecer a verdade eterna.

Às vezes, desacreditando-O publicamente, perguntavam com que autoridade pregava e fazia milagres. Quando ensinava e confirmava a doutrina com milagres nas sinagogas aos sábados, os responsáveis perturbavam o povo e expulsavam-no. Muitas vezes faziam conselhos, em

nome do bem público, para travar as suas obras divinas, para que os romanos não pensassem que queriam revoltar-se. Alguns entre eles eram secretamente discípulos do Senhor, mas quando falavam em sua defesa eram abafados com discussões, contendas e blasfémias. E quando viam que a verdade prevalecia, diziam nos conselhos: «Não vedes que nada conseguimos?»

Isso mostrava que a malícia e o desejo de O contradizer em tudo eram muito maiores do que o que deixavam ver exteriormente, pois a sabedoria divina do Senhor nada podia ocultar. No dia de Ramos, ao verem os louvores que o povo e as crianças Lhe davam, cheios de raiva acusaram-No por não os mandar calar. Como o povo, maravilhado pelas suas obras, louvava a Deus e O engrandecia, logo eles se empenhavam em destruir publicamente tais obras. Faziam muitas perguntas para O embaraçar; e quando Ele respondia com sabedoria divina, em vez de agradecerem, reuniam novos conselhos para encontrar forma de O abater.

Durante três anos, viveram inflamados nestes pecados, infidelidades e contradições, até que, vendo que nada resultava, mandaram-no prender publicamente para O desacreditar diante do povo. Os guardas, maravilhados com a sua doutrina, começaram a engrandecê-la. Eles, porém, como feras, decidiram levantar-se publicamente contra Ele e criaram leis penais — que promulgaram, como já se disse — contra todos os que O seguissem e aprovassem as suas ideias.

E, como o povo costuma apoiar os seus superiores, logo surgiram espiões e mexeriqueiros que, quando Jesus realizava um milagre, o interpretavam mal e chamavam os curados para os interrogar sobre o modo e o tempo do milagre, para ver se encontravam motivo de condenação. Foi o que fizeram com o paralítico da piscina e com o cego de nascença.

Neste último caso, insistiram tanto que chamaram os pais para ver se negavam que o filho tivesse nascido cego; mas eles, mesmo com medo, acabaram por confirmar a verdade. O filho foi interrogado repetidas vezes, com tanta discussão e blasfémia, que, iluminado mais na alma do que nos olhos, lhes respondeu de tal forma que os confundiu e calou. Não tiveram outra saída senão expulsá-lo da sinagoga, com insultos, como maldito e

excomungado, por se atrever a dizer-lhes que seria bom tornarem-se discípulos daquele que o curara, e por ousar ensiná-los.

Até Lázaro, ressuscitado depois de quatro dias morto, quiseram matar, porque muitos, por esse milagre, acreditavam no Senhor. Isto pesava tanto sobre o Divino Cordeiro, que já o profeta Isaías, muito antes, anunciava que Ele seria procurado por quem não O conhecia e encontrado por quem não O buscava; e que trabalharia em vão com esse povo, pois todos os dias estendia as mãos cheias de graças a um povo incrédulo, que seguia os seus próprios pensamentos e sempre, como diz São Paulo, O contradizia.

Por isso, algumas vezes, cansado deles e para dar espaço à sua malícia, deixava-os na Judeia e ia para outras regiões, ou escondia-se por algum tempo; ora os abandonava, ora voltava, e nada adiantava. Quando se escondia, decretavam que todos deviam denunciar onde Ele estava; quando se mostrava, enfureciam-se por não conseguirem condená-Lo. Onde quer que fosse, seguiam-No para Lhe resistir. Enquanto podiam, cansavam aquele espírito manso, que ardia no desejo de os salvar.

Quanto esse sofrimento cansava o Senhor é tão evidente que não é necessário, nem possível, exagerar. A malícia dos corações humanos, decidida a condenar verdades conhecidas e obras divinas, é o que mais causa admiração neste assunto, porque da parte do Senhor nunca houve razão para tal.

Nunca Ele evitou a sua companhia; nunca rejeitou os mantimentos e refeições que, para disfarçar, Lhe ofereciam; nunca deixou de ir às suas casas; curava os seus doentes quando O chamavam; nunca deixou de responder quando Lhe perguntavam; mostrava-lhes claramente a verdade de tudo, que não podiam negar. E sobretudo, não pedia nada deles, nem permitia que O impedissem.

Não lhes tirava a obediência que o povo lhes devia; pelo contrário, ensinava que, ainda que fossem maus, deviam obedecer-lhes como a bons. Não os invejava, nem desejava as suas honras, dignidades, riquezas ou bens, nem eles Lhe ofereciam. Por isso, não podia ser malícia d’Ele, nem cobiça, nem interesse de coisa alguma que lhes tirasse ou impedisse; não

havia desonras, nem queixas verdadeiras e justas contra Ele, nem pregações rigorosas ou impossíveis que os movessem a tanta maldade contra Ele.

E, no entanto, sem nenhuma razão, contradiziam a sua vida, doutrina e obras, que eram divinas e admiráveis — sendo eles os mesmos que, com cara de santidade, diziam que aceitariam São João Batista como Messias, se ele afirmasse que o era. Nem o prestígio que queriam ganhar junto do povo que seguia João, nem o interesse de prosperar ao seu lado, sendo os primeiros a reconhecê-lo, os cegou para se lhe renderem. E isso bastou para os mover a querer a mesma importância com Cristo nosso Senhor, que em tudo era mais admirável que o Batista. De modo que, nem por virtude, nem por ambição ou interesse, se renderam, nem deixaram de O contradizer, impedir e enfrentar em tudo, sem qualquer razão da parte de Cristo nosso Senhor.

Esta desgraça de contradizer a virtude e a verdade conhecida nesta gente má não terminou até hoje. Ainda hoje muitos servos de Deus passam por esse sofrimento, que Ele permite como prova da sua virtude. E, para que essa virtude seja mais provada, permite que a oposição venha muitas vezes dos próprios familiares, amigos, companheiros e pessoas a quem se deve respeito — e é daí que vem a maior parte deste sofrimento. Às vezes, até pessoas com crédito, nome e autoridade se tornam os piores e mais cruéis perseguidores, porque conseguem dar aparência de justiça ao mal que fazem, sob o pretexto de cuidar do bem público, de não deixar o povo ser enganado ou por outros motivos que não apagam a sua malícia, mas antes a justificam.

Por vezes, essa cruz pesa tanto que não sei se lhe posso chamar a maior, a mais cruel e poderosa para ferir, e aquela em que o servo de Deus mais precisa de vigilância para não se deixar derrubar. Essa cruz é ver contraditas, negadas e rejeitadas as verdades, as boas obras e as coisas dignas de louvor, não por algum motivo ou interesse, mas apenas por despeito contra a reputação da pessoa. Isto existe no mundo em tanta abundância, que até as obras que se deviam fazer, e que com mais facilidade, gosto e proveito se fariam numa determinada pessoa, são rejeitadas — não porque tragam algum mal, mas só porque não querem que os outros vejam que dela pode vir um bem maior e mais perfeito do que de

outros. Preferem privar-se do bem que poderiam ter, e contentar-se com muitas falhas e até com desonra, a ver alguma vantagem naquela pessoa. Rompe-se, assim, com a justiça, a consciência, o amor ao próximo, a própria honra e virtude, o governo e o bem comum, só para não deixar de contradizer a virtude, a honra e a pessoa que se quer abater.

Isto foi, literalmente, a malícia dos judeus: porque, se quisessem convencer o povo, ninguém os honraria mais do que Cristo nosso Senhor; se quisessem ser santos, ninguém os santificaria mais; se quisessem valer muito, ninguém os exaltaria mais; se quisessem libertar-se do jugo dos romanos, ninguém os defenderia mais do que Aquele que ressuscitava mortos e era obedecido pelo mar, pela terra, pela morte, pelo inferno e pelos demónios. Mas, só porque não viam honra em Cristo, e porque queriam desfazer a sua pessoa, decidiram opor-se a tudo, sem outra razão.

Quando esta desgraça acontece entre pessoas que professam santidade, é ainda pior de remediar, porque aproveitam-se da sua profissão para se mostrarem zeladores, enquanto dão rédea solta à sua natureza, com maior e mais cruel malícia, perseguindo a verdade conhecida contra toda a obrigação. Gostaria de me alongar aqui para dar conforto e ânimo a quem sofre este trabalho, porque, se verdadeiramente amam a Deus e ao próximo com pureza de intenção, suportam uma cruz gravíssima. Mas, como o Senhor que servem é quem, para sua maior glória e recompensa, lhes permite passar por este sofrimento, não direi mais, para ser breve, senão que ponham os olhos n’Ele que os governa e vejam como Ele mesmo sofreu esta rigorosa cruz, dando-lhe muitas graças por os tornar participantes dela. E que, com atenção, vejam como Ele tratou os seus adversários, para n’Ele encontrarem consolo, pois é verdadeiro refúgio, amigo e juiz.

Mas aqueles que caem em tão grande cegueira precisariam aqui de grande doutrina para se entenderem e reconhecerem. Porém, como presumo que é impossível iluminar olhos cegos com uma malícia tão perversa, que nem a luz divina quer penetrar, contento-me em dirigir-me aos que ainda não caíram na culpa de contradizer a verdade conhecida, para se guardarem. É a séria advertência do profeta Oséias, que diz: Deus viu muitos pecados na terra, pelos quais a castigaria, porque nela não havia verdade, nem misericórdia, nem conhecimento de Deus. Havia muitos falsos juramentos,

mentiras, homicídios, adultérios e tantos pecados e derramamentos de sangue, que uns se sucediam aos outros sem cessar; e por isso Deus decidiu castigar e destruir a terra, e punir igualmente o povo, profetas e sacerdotes, porque uns eram tão culpados como os outros.

E para que ninguém considere esta justiça como rigorosa, Deus diz pela sua própria voz que ninguém se atreva a julgar ou acusar a Deus (reparem nesta palavra), porque todos eram como gente que contradiz o sacerdote. Ou seja, Deus viu tamanha e grave culpa em contradizer o sacerdote que não podia haver maldade pior. E assim é, porque Deus instituiu o sacerdócio naquele povo para perpetuar o seu culto, a sua doutrina e a lembrança da sua lei; para haver quem tivesse a missão de aplacar a ira divina com orações e sacrifícios, remediar as culpas do povo e conservá-lo no conhecimento de Deus.

Por isso, estava estabelecido que, quando o povo chegasse a contradizer os ministros da sua salvação espiritual e mediadores junto de Deus, já nada lhes poderia servir para se salvarem, nem para expiar as culpas, nem para escapar ao castigo que mereciam. Quanto maior e mais sem remédio seria, então, contradizer a própria verdade suprema: o Filho de Deus vivo, sacerdote eterno, nosso sacrifício, redentor, salvador e remediador da humanidade, enviado do Céu para nos socorrer na perdição.

Não há palavras suficientes para descrever este género de culpa, porque nela caem — muitas vezes sem se aperceberem da gravidade — todos os que contradizem a verdade conhecida. Pois, como os nossos erros só podem ser curados pela verdade reconhecida e aceite, o hábito de lhe resistir é como fazer um pacto com a mentira e rejeitar a própria salvação.

Os que resistem à virtude e contradizem as pessoas — não por outro motivo senão por não lhes terem afeição, ou por as quererem desacreditar, mesmo sabendo que delas vem a verdade —, não pensem que podem agradar a Deus quando se apresentarem diante d’Ele, nem se iludam diante dos olhos do Divino Juiz. Porque, sendo todo o bem — onde quer que se encontre — e até a pessoa que eles desprezam, algo que pertence a Deus, quando Ele vê uma alma que, contra a razão e a verdade, contradiz o que Ele não desaprova, olha para essa alma como inimiga e entristece-se com ela como adversária.

E é por pequenas coisas (como dissemos antes) que, não sendo corrigidas, se cria um hábito que endurece o coração até contra coisas graves. Por teimar em manter a sua posição, por vergonha de se desdizer, por hábito de discutir contra o que lhe é mostrado, ou por capricho, acaba-se por perder o respeito pela verdade e pela virtude, e já não se teme enfrentá-las.

Por isso dizia o Sábio: «Em nenhuma circunstância contradigas a verdade; antes, mostra arrependimento da mentira e da ignorância.» É sinal de pouca sabedoria e de espírito escravizado quando alguém não é capaz de recuar no que disse com falsidade ou pouco conhecimento, pois mostra que não tem virtude para se corrigir, nem discernimento para compreender mais. Mas a virtude, por si, é tão bela que, mesmo aquele que se arrepende da mentira que disse ou do pouco que sabia, fica mais honrado e verdadeiro. Porque é — e sempre será — verdade o que a Suprema Verdade afirmou: quem segue a verdade será por ela libertado, e só esse será verdadeiramente livre.

Exercício da contradição que o Senhor sofreu contra as suas verdades.

Eterna e suprema Verdade, Verbo sempiterno, Filho do Deus vivo, eu Te glorifico com todos os Espíritos Angélicos, com todos os bem-aventurados, com todos os justos, com todos os que por Ti foram redimidos, com toda a Tua Igreja Católica, com todas as Tuas criaturas, com todas as Tuas virtudes e obras, que eternamente Te glorificam.

Porque Tu és o meu Caminho, Verdade e Vida: caminho pelo qual vou até Ti, verdade pela qual Te conheço, vida pela qual vivo em Ti. Caminho sem perigo, verdade sem engano, vida sem morte. Quem não caminha por Ti, perde-se; quem não vê com a Tua luz, cega-se; quem não vive em Ti, está sempre a morrer.

Tu és a minha vida verdadeira, a minha verdade viva e eterna, o meu caminho firme e seguro. Tu és o meu Deus vivo, a quem sirvo; o meu Deus verdadeiro, a quem amo; o meu Deus eterno e soberano, para quem caminho.

Prende, Senhor, a Ti os meus pés, para que não sigam outro caminho. Dá-me a Tua luz para que sempre veja a Tua verdade. Vive em mim, para que não tenha outra vida senão a Tua.

E já que todo esse bem vem de Ti, livra-me do mal que pode vir dos Teus inimigos — e de mim mesmo. Pois se Tu não me livrares, eu sempre desfaleço em mim, e quanto mais fores para mim, sem que eu Te tenha, tanto mais me faltará de Ti.

Tu sabes, Senhor, que até com a Tua luz mais me cegaria, se ela não penetrar no meu coração, para que com ela mesma eu possa ver. Lembra-Te, Senhor, do que disseste sobre os que se julgavam iluminados: “Oxalá soubessem que estavam cegos; mas, como não o sabiam, cegavam-se ainda mais diante de Ti.” Reconheço, Senhor, que nasci cego; reconheço que sempre o sou. Tem misericórdia de mim, Filho de David, para que Te veja, para que em Tuas obras Te conheça e, enfeitiçado pela beleza da Tua luz, Te siga sempre.

Não Te peço senão aquilo que Tu mesmo desejas dar-me, e pelo qual tanto sofreste. Já que me dás a graça de querer, dá-me também a graça de merecer; e, com gratidão e amor, aceitar todas as misericórdias que me ofereces e desejas dar-me. Pois Tu não queres que as Tuas misericórdias me aproveitem sem mim, e eu, por mim, nada posso sem Ti: ensina-me a conhecê-las, faz-me desejá-las, dá-me a graça de as aceitar, amar e estimar, para que me tornem aquilo que Tu queres que eu seja, para que Te agrade.

Como, Senhor meu, me negarás aquilo que Te peço, ainda que não mereça e nem saiba pedir como convém? Não és Tu o mesmo Salvador e Redentor misericordioso, que estendes sempre as Tuas mãos cheias de bondade e de soberanas graças, mesmo àqueles que não creem em Ti, aos que as rejeitam e Te contradizem? Pois sendo o mesmo, e não tendo diminuído o Teu amor, nem sendo menos meu do que de todos, ouve-me, enche-me, e concede-me as Tuas misericórdias.

Lembra-Te, Senhor, com quanto amor andaste entre gente incrédula, com quanta brandura os suportaste, com quanto esforço disfarçaste as contradições que Te faziam. Com a Tua luz se cegavam tanto, que não suportavam que iluminasses o mundo. Insistiam em encobrir com as suas

malícias, e abafar a Tua divina virtude. Lutavam por afastar os homens do Teu conhecimento e do Teu amor. Negavam as Tuas verdades puras e desprezavam, quanto podiam, as Tuas obras divinas.

Encontravam-Te diante dos olhos, no rosto e na face de todo o mundo — e ainda assim Te contradiziam. Faziam leis contra Ti. E com o próprio bem, se condenavam; com a própria misericórdia, se perdiam; com a Tua luz, cegavam-se; com a Tua própria cura e redenção, se perdiam — por odiarem o bem e amarem a sua malícia.

Ó Cordeiro Jesus! Quanto mais suave teria sido para o Teu amor ser crucificado cada dia para os salvar, do que ver a contradição dos seus corações infiéis, com a qual se perdiam!

Na cruz, um ladrão achou em Ti o paraíso; e no templo, e nas suas próprias casas contigo, os que pareciam santos, por sua rebeldia, mereciam o inferno. Todavia, com muito trabalho e dor os suportaste: com misericórdia, com brandura lutaste contra a dureza deles, com mansidão resististe à sua resistência, com contínuas graças combateste a sua teimosa contradição. E nem isso adiantou: porque eles se perderam, e Tu, meu bom Jesus, ficaste com a Tua dor e a Tua mágoa.

Transforma, Senhor, essa angústia e esse zelo em mim. Eu confesso as verdades que eles não creram, adoro as virtudes que eles aborreceram, glorifico as obras divinas que eles rejeitaram. Já que tanto fazes por quem Te rejeita — vem, Jesus, àquele que Te chama. Tu, Senhor, disseste que abríssemos a boca, e isso bastaria, porque Tu a encherias e saciarias. Oh, se todo o meu interior se convertesse em bocas desejosas e famintas de Ti, para que me desses muito de Ti!

Mas alargo, quanto posso, os suspiros deste coração e o desejo deste espírito. Vem, Senhor, com a Tua luz, com as Tuas verdades, com os bens que comunicas aos Teus. Enche esta alma, para que contigo se esvazie de tudo o que a impede de receber a riqueza dos Teus suaves bens.

Ah, meu bom Jesus, bem sei que, se olhardes para o que mereço com rigorosa justiça, os vossos olhos se fecharão para mim, os vossos ouvidos se tornarão surdos às minhas súplicas, e a vossa doce presença fugirá de mim

— pois não mereço menos castigo do que esses rebeldes que contradiziam as vossas doutrinas e obras. Crendo eu no que eles negavam, e adorando o que eles rejeitavam, fui sempre rebelde aos vossos chamados e inspirações.

E, se sou pobre e miserável, é porque a culpa foi sempre minha, nunca vossa. Quando eu ainda não vos conhecia, fostes Vós que me ensinastes; quando de Vós fugia, chamastes-me; quando me esquecia de Vós, iluminastes-me; quando pecava, estendíeis-me a mão com as vossas inspirações; quando arrefecia, reacendíeis em mim o fervor. Sempre me providenciastes com abundância, sustentastes-me com amor, suportastes-me com piedade, guiastes-me com cuidado, cercastes-me com largueza de todos os bens — de dia e de noite, em tudo o que fazia e em tudo o que vivia.

Mesmo pecando e ofendendo-vos, nunca me negastes as vossas graças. E, com tudo isto, sempre segui mais os meus apetites do que a vossa vontade. Não respondi às vossas vozes; preferi as mentiras que me pervertiam o coração e os sentidos, e me roubavam este miserável interior, às vossas puras verdades, cheias de tesouros divinos.

Sou um daqueles de quem, com justíssima razão, vos queixais por vos terem virado as costas em vez de vos procurarem o rosto. Vós pusestes em mim os vossos olhos piedosos, e eu nos abismos das vaidades. Vós me destes o vosso amor, e eu o entreguei às criaturas. Vós sempre correndo atrás de mim, e eu atrás do que me fugia. Vós mergulhado em mim, e eu mergulhado em tudo o que está fora de Vós.

Se, com a fé, não contrariei as vossas verdades, com os meus gostos e cuidados favoreci as mentiras do mundo. Se não rejeitei as vossas obras, não me submeti ao vosso doce serviço. Ó misericordioso Senhor, que nem posso, nem sei confessar-vos quanto fui rebelde! Vejo-me cercado das vossas graças e continuo pobríssimo; criado nas vossas doutrinas, e ceguíssimo; envolvido em tudo quanto fizestes por mim, e miserável.

Todos os meus afetos se desviaram para onde não deviam, e Vós — a quem devo tudo — quando é que recebestes de mim o que vos era devido? Quando não vos troquei por cada uma das minhas afeições? Ó meu Deus, prefiro calar os meus males para que não escandalizem as vossas criaturas;

vede-os Vós com a mesma misericórdia com que os suportais, e curai-os com o amor com que tudo me dais.

E já que não mereço o consolo dos vossos doces abraços, que tantas vezes rejeitei, não me negueis ao menos o humilde reconhecimento e arrependimento por tê-los desprezado. Ó meu Jesus, que ganhei em andar sempre contra a vossa vontade? Que me restou, por vos contrariar continuamente, senão estar aqui diante de Vós, pobre, desfeito, ferido e miserável — quando podia estar cheio de Vós e dos vossos ricos tesouros?

Mas Vós, bom Jesus, não sois como aquele rico avarento que via Lázaro à porta e passava sem o olhar, indo fartar-se sem ter piedade dele — deixando que apenas os cães lhe lambessem as feridas. Vós não sois avarento dos vossos bens: antes, ofereceis generosamente as vossas graças até a quem as recusa. Não as quereis guardar só para Vós, porque sois Jesus e Salvador de todos.

Por isso, meu rico Jesus, dai esmola de misericórdia a este pecador; esmola de luz a este cego; esmola de saúde a este ferido; esmola de amor a este tíbio; esmola de submissão a este rebelde; esmola de contrição a este perdido; esmola de vida a este morto. Pois não me destes cães para me lamberem as chagas, mas o vosso sangue para as banhar e lavar — fazei que eu sinta a virtude desse sangue em transformar-me completamente segundo o vosso gosto e vontade.

Que acabem, Senhor, desde esta hora para sempre, as minhas fugas, contradições e desobediências à vossa vontade. Tomai todo o meu coração, todo o meu amor, todas as minhas potências e toda a minha alma. Recolhei, bom Jesus, o que é vosso das mãos dos meus inimigos. Guardai-o, gozai-o, possuí-o para sempre, meu Jesus.

Não fareis, Senhor, que eu lance fora de mim o mundo e tudo o que nele Vós aborreceis, e que me despreze a mim mesmo, e me tenha por indigno, por amor de Vós?

Foi isto o que aconteceu ao que nasceu cego — aquele que confessava as vossas maravilhas e, mesmo sem vos ter visto, já tinha recebido de Vós a visão. E quando foi lançado fora do mundo por ser vosso, sem saber onde

vos encontrar, fostes Vós que o buscastes. E então o achastes digno de vos ver com os próprios olhos que lhe havíeis aberto — quando, por amor de Vós, ele suportou que o mundo, como se fora maldito, já não o quisesse ver.

Foi então que vos viu, então que vos adorou, então que lhe revelastes quem sois. E ele vos seguiu, e Vós o aceitastes para sempre como vosso. Oh, quem me dera tamanha felicidade!

Se me faz mal ter olhos, cegai-me, Senhor, para que Vós mesmo me volteis a iluminar e eu vos veja. Se me prejudica tudo o que vejo fora de Vós, fixai os meus olhos em Vós, e revelai-vos a este coração, para que ele se prenda ao vosso amor.

Ah, Senhor! Tão grande é o valor que dais aos desprezados do mundo, e eu, até agora, desejei e procurei ser estimado por ele? Ai de mim, pobre miserável, que nem sequer sou digno da graça que concedestes a esse cego! Desde que nasceu, até já avançado em idade, ele sempre foi pedinte e mendigo — enquanto, ó meu Deus, ainda não vos tinha visto. Mas, ao ver-vos, já não pôde mais viver como mendigo, nem sentiu mais miséria alguma. Oh riqueza desconhecida do mundo! Por que me deixais andar tantos anos a mendigar atrás desta pobreza que é o mundo?

Aparecei-me, minha verdadeira riqueza! Mostrai-vos aos meus olhos, ó grandeza infinita! Pois não quisestes mais do cego do que saber se ele cria e desejava ver o Filho de Deus — e logo lhe dissestes quem sois. Eu também creio, Senhor; também quero, Senhor; também desejo, Senhor, conhecer-vos, ver-vos e amar-vos. Não me negueis aquilo mesmo que me fazeis desejar.

É verdade, bom Jesus: o cego nunca tinha visto as coisas que prendem o coração; e os fariseus, presos às afeições da terra, nunca vos reconheceram — e eu sou como eles. Mas Vós, Senhor, não limitastes o vosso poder apenas aos cegos, pois São Paulo não era cego quando o cegastes para que pudesse ver-vos.

Fechai, bom Jesus, os meus olhos, para que eu não veja as vaidades do mundo, e tirai do meu coração os grilhões da terra, para que eu possa ver-

vos — luz dos meus olhos, satisfação perfeita do meu coração, riqueza eterna, infinita.

Ó Mãe de Deus, serva humilde, que mais vos gloriais de ser serva obediente que de ser Mãe gloriosa — humilhai o meu coração, submetei-o à verdade, e libertai-o dos enganos da vida, para que a verdade me liberte deles.

Ó espíritos celestes e cidadãos do céu, que vedes, ardeis e possuís os bens eternos e soberanos que amais — pois também eu fui criado para esses bens — tirai este pobre coração das coisas terrenas, para que, liberto delas e de mim mesmo, eu viva convosco em Deus, e para sempre. Amém.

TRABALHO XXIII

Ardis e ciladas que lhe armavam para o destruir.

Ao peso do sofrimento causado pela contradição do povo judeu — tão duro e rebelde — acrescentou-se ainda outro não menos pesado: a oposição particular dos príncipes do povo, dos sacerdotes, dos escribas e dos fariseus. Estes o enfrentavam com empenho, tentando apanhá-lo, desacreditá-lo e destruí-lo.

Este foi um dos sofrimentos mais particulares e importantes de Jesus: as muitas armadilhas que lhe preparavam, os ardis que inventavam para o apanhar em palavras, procurando um motivo para acusá-lo e justificar o mal que desejavam fazer-lhe.

O profeta David já considerava isso como um grande sofrimento, e por diversas vezes o profetizou: ora com palavras de lamento, descrevendo o mal que queriam fazer-lhe com os seus laços traiçoeiros; ora cantando a vitória do Senhor sobre os seus inimigos, e como se livrou deles, fazendo-os cair nas próprias armadilhas. Diz David: "O ímpio prepara ciladas para matar o inocente, esconde-se para apanhá-lo; a sua língua está cheia de malícia e engano." E noutra parte: "Armaram laços aos meus pés para abaterem a minha alma." E ainda: "No caminho por onde andava, os soberbos me prepararam armadilhas." E noutro salmo: "Envolveram-me laços de morte."

Assim, muitas vezes, em nome de Cristo, David se queixa das muitas ciladas e armadilhas que lhe armavam para o prender, derrubar e encontrar ocasião para o destruir.

Eram seus inimigos tão insistentes e importunos, que todos os seus conselhos a respeito de Cristo se resumiam em inventar novos ardis contra ele. Onde quer que fosse, o seguiam. E ao verem uma multidão reunida, logo se aproximavam, para ver se encontravam algo em que o pudessem acusar. Usavam para isso todo tipo de perguntas, muitas vezes com

impertinência, insolência e teimosia — falando todos ao mesmo tempo, amontoando-se contra ele, para o confundir e cansar.

Assim relata São Lucas, ao contar que, certo dia, quando Jesus lhes dizia quão desgraçados eram — pois, tendo em mãos a chave da sabedoria, que é a Sagrada Escritura, nem entravam por ela, nem deixavam os outros entrar —, os fariseus e escribas começaram a apertá-lo com força, sufocando-o com perguntas e discussões, armando-lhe ciladas para arrancar-lhe alguma palavra que pudessem usar como acusação. O evangelista não descreveu isso com palavras tão intensas à toa, mas para mostrar o descomedido e exaltado modo como agiam — conforme o seu costume.

Ora vinham os saduceus (que pertenciam a uma seita), ora vinham os fariseus (de outra seita), ora mandavam discípulos seus, com fingida mansidão, com palavras lisonjeiras e bajulações, como fizeram na questão dos tributos a César — querendo ver se ele se colocava do lado da liberdade do povo, ou do imperador. Outras vezes vinham com tumulto e agitação, como quando lhe trouxeram a mulher adúltera, para ver se a mandava apedrejar ou se a perdoava. E, por muitas outras vias, mostravam-se incansáveis na malícia. E mesmo saindo sempre vencidos, não cessavam, com as suas manhas e ardis, de incomodar, fazer sofrer e cansar o Divino Cordeiro.

O mais espantoso em tudo isso é que nada bastava para conter a malícia desenfreada desses perseguidores. Cristo mesmo disse que "quem faz o mal, odeia a luz, para que as suas obras não sejam descobertas e repreendidas." Por isso, quem é malicioso, normalmente deseja não ser descoberto; e, se o é, disfarça-se com fingimento para se encobrir e alcançar o que quer. Mas esses homens, mesmo dissimulando, viam claramente que Jesus conhecia os seus pensamentos antes mesmo de falarem. Ele os desmascarava e expunha as murmurações que murmuravam em segredo, e as intenções maliciosas com que o tentavam — e sabiam por experiência que nada se lhe escondia.

Assim, como diz o sábio: "Em vão se arma a rede à vista dos pássaros," pois, ainda que sejam brutos, por instinto se assustam e evitam o que não lhes é familiar — assim também esses homens deviam perceber que era inútil conspirar contra quem tudo via e sabia antes mesmo que o pudessem

prejudicar. Contudo, mesmo assim, ousavam tentar enganar aquele que não era uma criatura ignorante, mas a própria Sabedoria divina.

Além disso, todas as vezes que lhe faziam perguntas para o apanhar em contradição, encontravam respostas tais, que nem com toda a sua astúcia e teimosa malícia conseguiam contradizer, e emudeciam, forçados pela luz da verdade clara. E, quando o Senhor lhes fazia perguntas, com as suas próprias respostas os condenava, convencia e envergonhava diante do povo, que acabava sempre por perceber a ignorância deles e por zombar deles.

Sobretudo, pelos próprios meios com que queriam condenar Cristo, acabavam por desacreditar-se a si mesmos — e isso costuma ser, por vezes, um freio à malícia. Porque eles queriam mostrar-se justos e santos, e o Senhor dizia-lhes quem realmente eram, e os erros que acrescentavam à Lei, desfazendo-os com doutrinas divinas e perfeitíssimas. Mostrava-lhes tanta mansidão, paciência e tolerância com tudo, que, comparando isso com os seus alvoroços, motins e corações inquietos, e com as ciladas que todos já lhes percebiam, acabavam por ficar, na opinião do povo com quem queriam brilhar, expostos e desacreditados. E o Senhor, a quem desejavam desacreditar, ficava mais honrado e glorificado.

Mesmo com tudo isto, pouco lhes importou a evidência da sua malícia e da irrepreensível bondade do Senhor. Como não conseguiram sobrepor-se a Ele pelo prestígio de santidade, como pretendiam, decidiram recorrer à própria malícia e crueldade, e tramaram-lhe a morte — como de facto fizeram, com a permissão do Senhor, que veio ao mundo para morrer por nós e, morrendo, vencer. Mas que conselho ou prudência pode prevalecer contra a sabedoria e virtude divinas? Muito trabalho deu ao Senhor essa malícia tão obstinada, assim como a morte que por ela lhe deram. Mas em tudo venceu, e nenhum mal pôde atingi-lo.

Assim o disse David: «As suas chagas (isto é, o sofrimento que causavam ao Senhor) eram como setas de criança. Desfaleceram os que o investigavam; e o homem levantou-se com ânimo forte (como Deus que era) e ficou esse mesmo Deus mais glorificado, honrado e conhecido». E noutro salmo diz: «Em vão me esconderam a morte nos seus laços; em vão zombaram de mim. Caia sobre eles o laço que não conhecem, e fiquem presos na cilada com que me quiseram caçar». E assim foi, porque eles,

presos da sua malícia, caíram no laço do demónio e da justiça divina (que não viam), e o Senhor saiu vencedor em tudo.

Disto se entende claramente que a virtude não precisa de outras armas contra a malícia senão dela mesma. Pois o mau e perseguidor da virtude não procura outra forma de a destruir senão fazendo dela malícia, pois essa é a única estratégia que a consome e destrói. Todas as suas ciladas tendem a fazer parecer que a virtude é malícia, quando não a conseguem vencer nem derrubar de outra forma. Mas como é impossível à virtude, se for perfeita, constante e verdadeira, parecer-se com a malícia, forçosamente acaba por vencê-la com ela mesma.

Assim o entenderam todos os antigos filósofos que trataram da verdadeira sabedoria, que é a virtude. Máximo Tírio dizia que os muros e a casa da virtude são tão altos que quem neles se fortifica não pode ser vencido por nada — nem escavações, nem artimanhas, nem combates da malícia. E Séneca dizia que a virtude, com ela mesma, faz desaparecer todos os males e sofrimentos da vida, tal como o sol apaga todos os pequenos lumes; e que tanto fazia atingirem a virtude como atirarem-na ao mar. E David disse-o melhor que todos: «O Senhor não deixará que o cetro dos pecadores domine a sorte dos justos, para que os justos não estendam as mãos à maldade».

Por "cetro" entende-se poder, força, domínio — aquilo em que os pecadores se apoiam e por onde se governam, que é a maldade. Esta, diz ele, poderá combater contra a sorte dos justos — que é a herança da virtude, do amor de Deus, das esperanças do Céu, da pureza de vida com que agradam a Deus e de que vivem e se sustentam — mas Deus nunca permitirá que tenham domínio ou jurisdição sobre essa riqueza divina. Para que os justos não estendam as mãos à maldade, o que se entende de duas maneiras: uma, para que os justos não desanimem ao ver que a virtude possa ser vencida pela malícia, e sigam antes esse melhor, mais honroso e mais poderoso caminho; e outra, para que os justos não busquem armas de malícia para combater as artimanhas e combates maliciosos, mas saibam que a força da virtude é invencível, e com ela mesma se defende de toda a malícia.

Todo o mau — diz a divina Escritura — é ignorante. E isso vê-se claramente no demónio, que parece saber muito, e a quem ninguém supera em astúcia; mas foi tão ignorante, que estando no caminho da bem-aventurança e à porta dela, não soube senão escolher a perdição — precisamente por onde pensava subir. Assim sucede a todo aquele que segue a maldade.

Se os sensatos quisessem vencer os ignorantes com as suas próprias ignorâncias, todos seriam insensatos; e se os avisados quisessem desfazer as loucuras com outras loucuras, todos seriam tolos. O mesmo se aplica a toda a virtude: se se quiser vencer a malícia com outra malícia, tudo se torna malicioso. A verdade defende-se da mentira por si mesma; a paciência vence a ira com ela mesma; a humildade abate a soberba com ela mesma; e o mesmo acontece com todas as outras virtudes.

Por isso, o servo de Deus não precisa de outra arma para se defender e combater os inimigos da virtude senão agarrar-se fortemente a ela, perseverar nela e, cada vez mais, tornar-se mais perfeito nela. É aqui que o perseguidor malicioso se perde e se confunde.

É verdade que os que pouco entendem e não seguem a virtude, por vezes pensam que os maliciosos são mais fortes e que saem vencedores, porque não vêem os virtuosos lutar com as mesmas armas da malícia. Mas esses segredos só os entendem os servos da virtude.

Pelo profeta Malaquias queixava-se Deus de que, no mundo, os maus pensavam poder mais que os que o servem, e consideravam que servi-lo era vaidade, rigor e perda, e que, no fim, os maus é que viviam felizes e levavam os seus prazeres avante. E tal é o mundo, diz Deus: «Poderão as vossas palavras mudar a opinião do povo mais do que as minhas?» Mas Deus diz: «Está escrito um livro de recordação diante de mim dos que me temem. E serão para mim, no meu dia, a minha herança; e perdoarei os seus pecados, como o pai perdoa ao filho que o serve. Convertei-vos, e vereis quanto vai do bom ao mau, e quanta diferença há entre o que serve a Deus e o que não o serve».

Contentem-se os servos de Deus com conhecer esta diferença, e por Deus serem admitidos a possuir tão importante segredo. E, certificados da

verdade que lhes é revelada, alegrem-se de sofrer com paciência as cegueiras dos ignorantes e maliciosos perseguidores, que a seu tempo verão que estavam enganados.

Um grande bem nos resultou de todos estes sofrimentos e das ciladas que os homens armaram a Cristo. Serviram-Lhe de ocasião para nos ensinar, em cada uma delas, segredos divinos e importantíssimos para a luz da nossa fé e para acender em nós o Seu amor. Não deixarei de apontar alguns, para consolação dos que O servem e para colhermos o fruto desses sofrimentos que o Senhor suportou por nós.

Das ciladas armadas ao sábado — uma vez na sinagoga com um homem que tinha a mão seca, e outra em casa de um fariseu com um hidrópico, entre outras — ensinou-nos que o homem não foi feito para o sábado, mas o sábado para o homem. Ou seja, o sábado serve para levar o homem a fazer o bem e a ocupar-se em obras ao serviço do Senhor. Com isto, libertou-nos das observâncias supersticiosas dos judeus sobre o sábado.

Quando O tentaram pedindo sinais do Céu, ensinou aquela doutrina temível e importantíssima: que os incrédulos, que não aproveitam os sinais e graças recebidas para o seu bem, receberão esses sinais como causa da sua condenação — mesmo que sejam sinais extraordinários. Assim foi com os judeus, que, vendo demónios expulsos e mortos ressuscitados, não criam e pediam, com malícia, um sinal do Céu. O único sinal que lhes foi dado foi o da ressurreição do Senhor — para a sua própria condenação. Porque Jonas, com muito menos, converteu os de Nínive, e a Rainha do Sul, com menos, veio de longe ver a sabedoria de Salomão. E eles, que tinham diante de si mais do que Jonas e Salomão, não criam. Por isso, o muito que aqueles fizeram com pouco, e o pouco que os judeus fizeram com muito, foi sinal claro da sua perdição. Isto é um aviso importantíssimo para os que descuidam da sua salvação, e uma doce consolação para os justos, que em Jesus pobre e humilde têm tudo: mais riqueza, mais glória, mais sabedoria do que a de Salomão, que espantou o mundo; e um remédio mais eficaz do que Jonas, que pregava destruição — pois este chama à conversa suave, aos tesouros e graças divinas.

Quando O tentaram com a questão de se era lícito ao homem dar carta de repúdio à mulher, esperando que, por amar tanto a castidade, dissesse

algo contra a Lei, ensinou então a verdadeira lei do matrimónio, que os judeus tinham pervertido com falsos entendimentos. Deu o seu lugar divino à sagrada virtude da castidade, até ali desconhecida no mundo, e nunca antes ensinada por Cristo. Elevou-a tanto que lhe chamou "angélica", e disse que os castos são como os anjos de Deus no Céu. Isto é um grande estímulo para os combates que, por esta gloriosa virtude, sofrem os servos de Deus na sua Igreja.

Quando O tentaram perguntando com que autoridade fazia as suas obras, revelou-nos a sua divindade, dizendo que o Messias era mais do que um homem, pois era Senhor de David — embora viesse da sua linhagem segundo a carne. E deu aos pecadores aquela grande consolação: que eles, por crerem e se converterem, precederiam diante de Deus todos os incrédulos, sábios e fariseus, e teriam entrada nos bens celestes dos quais eles seriam excluídos.

Quando O tentaram com a questão do tributo a César — para ver se era do lado do povo ou do Imperador, e assim o tornar malquisto se dissesse que se devia pagar — os próprios tentadores disseram, ainda que fingidamente, aquela suavíssima verdade que consola e alegra os justos: «Sois verdadeiro, e ensinais o caminho de Deus com verdade, sem fazer acepção de pessoas». E o Senhor deu-nos uma regra de paz interior: dar a Deus o que é de Deus, e ao mundo o que é do mundo, sem trocar uma coisa pela outra, nem prender o coração a partidos ou pretensões vãs.

Quando O tentaram perguntando por que razão os seus discípulos não jejuavam, ao contrário dos fariseus e dos discípulos de João, declarou-se como esposo das nossas almas, e disse que enquanto o esposo está presente com os seus numa festa espiritual, não há lugar para outra coisa. Porque então nem o jejum é penoso, nem o comer saboroso — tudo é preenchido pela doce presença do Esposo divino, que transforma todas as preocupações e dores em gozo.

Quando O criticaram por não lavar as mãos antes de comer, ensinou-nos aquela importantíssima doutrina: que o homem deve preocupar-se com o seu interior, porque só o mal que sai do coração é que faz dano. Esse é o que se deve temer como principal. Todo o resto são coisas menores, e só devem ser valorizadas na medida em que ajudam o homem interior.

Quando O censuraram por comer com pecadores, ensinou o modo da conversão do filho pródigo; mostrou o cuidado e o amor com que veio buscar a ovelha perdida e a moeda desaparecida; declarou-se salvador dos pecadores, a quem veio do Céu especialmente ajudar; e revelou-nos a condição do seu doce Coração, que deseja mais misericórdia do que sacrifícios. E se Ele quer isso de nós, podemos crer que Ele próprio é um sacrifício de misericórdia para os pecadores necessitados.

Quando apareceu no Templo no dia da festa dos Tabernáculos, depois de alguns dias escondido, e começou a pregar, mandaram-no prender. Mas ensinou então coisas tão elevadas sobre as águas vivas que o Espírito Santo dá aos fiéis, que até os soldados ficaram pasmados e, em vez de prender, regressaram consolados, e a nossa fé ficou mais fortalecida com os louvores que eles davam à grandeza da sua doutrina.

Quando O tentaram com a mulher adúltera — para ver se a mandava apedrejar e assim o acusar perante o povo ou se a perdoava e violava a Lei — ensinou-nos o modo de julgar o próximo com conhecimento de si próprio. Mostrou que quem merece ser apedrejado pelas suas próprias culpas, deve tratar com muita prudência as culpas dos outros. E demonstrou com doçura como perdoa aos pecadores, dizendo à mulher: «Pois ninguém te acusou, nem te condena, eu também não te condenarei. Vai em paz e não peques mais». Que amor tão grande é este, que convida todos a buscar o perdão e a mudar de vida para não ofender a tão bondoso Senhor!

Que direi das doutrinas que deu quando lhe perguntaram sobre os mandamentos e qual era o maior? Ou quando lhe perguntaram pela ressurreição dos mortos? Ou quando dava testemunho de Si mesmo, e das suas obras, ou quando O interrogavam sobre quem era? E muito mais poderia dizer da traição de Judas e do que fez para o converter, e dos conselhos dos judeus que o levaram à morte. Quantas doutrinas e exemplos nos deu por estas ocasiões! Quantos bens nos trouxe de tudo isso! E como converteu todos os seus sofrimentos em proveito nosso! Esta é uma matéria amplíssima, porque os tesouros divinos que nos vieram da malícia dos seus inimigos não pesam menos do que os que nos foram revelados do seu divino Coração.

E tanto resplandeceu sobre nós a sua luz nas trevas mais densas como n’Ele mesmo, claro e divino Sol — porque em tudo é o mesmo, e em tudo Se manifesta conforme é.

Daí se entende bem aquela sagrada verdade de São Paulo: que para os que temem e amam a Deus, tudo se converte em bem. Por isso, os que se vêem perseguidos pelos maus e cercados pelas suas ciladas, podem — e devem — pensar que o seu tesouro e interesses estão seguros, se tiverem temor e amor a este Senhor. Devem ocupar-se mais em alcançar Deus para que lhes perdoe e converta, do que em combater diretamente os ardis dos maus.

Não desejem maior felicidade do que ter ocasião de se mostrarem fiéis a Deus, corajosos no combate, vencedores da malícia, sustentadores invencíveis das virtudes, imitadores do seu Divino Mestre, inimigos do seu inimigo — o mundo —, depositários das verdades que os maus não conhecem, e valorosos defensores da honra do atribulado Jesus.

Exercício Espiritual sobre as Ciladas e Ardis dos maus Judeus que o Senhor sofreu, com adoração das soberanas verdades que, por essa ocasião, nos ensinou

Suavíssimo Jesus, amor da minha alma, puríssimo e fidelíssimo Amante dos que Vos pertencem — quem se atreve a entristecer e afligir esse Vosso Espírito manso como cordeiro?

Amais… e não sois amado. Iluminais… e não sois reconhecido. Acolheis todos… e ninguém Vos procura. Passais pelos corações dos homens como um mendigo… e não há quem Vos abra a porta, nem quem Vos dê o amor que tanto desejais, mais do que tudo.

Porquê, bom Jesus? Que há em Vós para ser rejeitado? Ou que pode haver fora de Vós, e sem Vós, que mereça ser desejado? Deus da minha alma, não Vos cansa a nossa maldade! Lembrai-Vos do que dissestes: que o dia tem doze horas. Sois poderoso para fazer nascer uma boa hora — em que sejais amado e conhecido. Começai, Senhor, por mim, ao menos nesta hora da tarde, que pode bem ser a última, já que as anteriores gastei… e não

em Vos amar. Que esta seja a hora em que começo a conhecer-Vos e a possuir-Vos no meu coração.

Não Vos foram menos agradáveis aqueles que, estando o dia todo ociosos, aceitaram tarde o Vosso chamamento e foram trabalhar na Vossa vinha, do que os que nela estiveram desde o início. Porque só desagradais com os que não querem entrar.

Pois bem, Senhor: esquecei o passado. A partir de agora, tomai-me por Vosso. Que Vos ame o meu coração, que Vos deseje o meu espírito, que Vos abrace o meu interior.

Oh! Quando poderei dizer, com verdade: quem me separará do amor de Jesus, meu Senhor? E se Vos amar de verdade, minha doçura, como não direi com toda a certeza essas palavras?

Não me afastará de Vós o medo da morte, porque Vós sois a minha vida. Nem o apego a esta vida, porque desejo perdê-la por Vós. Nem as virtudes celestes, porque sois mais glorioso do que todas. Nem as coisas futuras, porque nelas nada quero senão a Vós. Nem a tribulação, porque me consolais. Nem a aflição, porque me aliviais. Nem a fome, porque me saciais. Nem a pobreza, porque me enriqueces. Nem os perigos, porque me protegeis. Nem a perseguição, porque me libertais. Nem a espada e o tormento, porque por Vós são liberdade. Nem a liberdade, porque alegro-me em ser cativo do Vosso amor. Nem as criaturas, porque todas são nada diante de Vós. Nem as mudanças da vida, nem os ardis do inimigo, nem as tentações dos homens — porque tudo transformais em bem.

Se Vós estais comigo, bom Jesus, quem poderá estar contra mim? Deste-Vos a mim com amor eterno — como não me dareis tudo, se me dais a Vós mesmo?

Amando-Vos, sou forte, sou manso, sou paciente, sou generoso. Espero tudo, desejo grandes coisas, posso tudo, fujo de todo o mal — porque, amando-Vos, tenho-Vos, e nada me falta.

Amando-Vos, sou verdadeiramente homem, sou como um anjo, sou cidadão do Céu; estou morto para os desejos e os pecados do mundo, e vivo

só para Vós. Se não Vos amo, que bem possuo? E que mal deixo de ter?

Há uma só dor no Vosso amor: a dor de não Vos ter amado antes — mas é uma dor viva! Mas, quando não Vos amo, nem sinto essa dor… ah, quão morto estou! Ai, meu Jesus, como me dói não Vos ter amado! Por isso, fazei com que Vos ame muito, já que vivo do Vosso amor. Iluminai os meus olhos, bom Jesus, para que vejam sempre a doçura, mansidão e caridade do Vosso Coração. E, prisioneiro da Vossa beleza, que nada mais tenha entrada em mim.

É isto que quereis, bom Jesus — e por isso sofreis e esperais. Pois então, Deus da minha alma, que chegue já esta hora bendita e feliz em que começo a amar-Vos.

Oh, bom Jesus, quão morto e perdido está quem não Vos ama! Só vive para o mal, e para se perder. Está louco, porque acha sensato não se orientar por Vós. Está pior do que doente, porque julga ter saúde sem Vós. Está pior do que morto, porque pensa que vive… sem Vós!

O que posso dizer, Senhor meu? Quem poderá descrever o estado miserável de quem vive afastado de Vós? Que pior pode haver do que alguém pensar que pode opor-se a Vós, e ainda Vos acusar e censurar? Oh, meu Jesus e meu Deus! Que loucuras são estas do coração humano, abandonado ao desamor de Vós?

A Vós, luz divina — quer escurecer? A Vós, pureza infinita — quer acusar? A Vós, sabedoria eterna — quer enganar? A Vós, verdade absoluta — quer desmentir? A Vós, Verbo eterno — quer apanhar em palavras?

Oh, meu suave Jesus, o que mais quero saber senão o que vai no íntimo desse Vosso amantíssimo Coração?

Ver que vedes tudo isto — estas loucuras, estas quedas — e mesmo assim sofreis e Vos deixais tratar conforme a vontade de cada um… isso é mais do que posso entender.

Vedes as ânsias dos maus, as suas raivas contra Vós, os seus conselhos infernais contra a Vossa virtude divina, as suas armadilhas contra a Vossa

inocência, e todas as suas intenções e artimanhas perversas… e pesais tudo isso com a Vossa sabedoria divina — quem contra quem, os porquês e para quês — e mesmo assim… calais e sofreis.

Oh Coração digno de ser amado acima de tudo! Que Vos falta, Coração divino, para merecer o amor de todas as almas?

Sois tão imutável, tão invencível, tão brando no tempo da ira, tão paciente na injúria, tão incansável na tribulação, tão compassivo para com os males dos Vossos inimigos, tão sábio a transformar tudo em bem, tão cheio de um bem que não sei explicar…

Adoro-Vos, divino Coração. Adoro-Vos, perfeições soberanas e incompreensíveis.

Oh, meu mar de bens! Oh, meu rio de graças! Oh, meu fogo de caridade pura! Oh, meu tesouro de toda a bem-aventurança!

É nessa paz, nesse repouso, nessa ternura, que quero dormir e descansar.

Ah! Se esses homens souberam armar ciladas para Vos prender para si — e Vós Vos deixastes apanhar por elas! Com que gosto, meu Jesus, teríeis revelado segredos divinos, se Vos tivessem tentado apenas para ser instruídos! Como Vos teríeis deixado “roubar”, se só desejassem os Vossos dons!

Será isso estranho em Vós, bom Jesus?

Quantas vezes Vos chamo, e logo correis ao meu encontro, sabendo que Vos hei de rejeitar em seguida! Quantas vezes me perdoais, e aceitais a minha vontade de não pecar — mesmo sabendo que voltarei aos meus erros! Quantas vezes aceitais os contratos que renovo conVosco — sabendo que os hei de quebrar!

Parece que Vos deixais enganar… porque esse Vosso amor fiel deseja apenas que chegue uma hora — uma hora apenas — em que fiqueis preso no meu amor, e permaneçais para sempre no lar do meu pobre coração humano.

Mas, meu bom Jesus, quem possui mais ardis? Estes homens astutos procuravam prender-vos com as suas armadilhas; mas sois Vós quem, com sabedoria divina, os caçais a eles — e a mim também. Oh, pobre de mim! Sendo eu uma criatura frágil, ainda não conseguis trazer-me a Vós da forma que desejais. Que mistério é este, Senhor? Que monstro sou eu?

Eles, maus e terrenos, pretendiam prender-vos, que sois a Virtude divina e invencível; e Vós, que sois Deus eterno e poder infinito, vos deixastes tomar. E eu, que sou apenas pó e cinza, como é que resisto a Vós, como fujo das redes do vosso amor?

Com tudo me armais para me prender a Vós — com as tribulações, com as tentações, com as consolações, com a vossa doutrina, com as ameaças da vossa justiça, com os dons da vossa misericórdia, com tudo quanto existe na vida, no inferno e no Céu — e, mesmo assim, escapo. Oh miserável de mim! Que digo, escapo? Na verdade, são outras desgraças que me mantêm preso e impedem que caia nos vossos doces laços.

Desatai, Senhor, as minhas correntes, e eu vos oferecerei um sacrifício de louvor; saberei invocar o vosso nome santo e suave. Ó vida da minha alma, ó remédio do meu ser, como será isto? Vós me armais laços de amor, e quereis que eu me entregue por livre vontade, porque não quereis um amor forçado — e não pode ser amor verdadeiro aquilo que nasce da força.

Pois bem, Senhor, libertai-me Vós daquilo que me obriga a fugir de Vós, e eu vos amarei livremente. Porque, ainda que eu, livremente, ame aquilo que de Vós me separa, bem sabeis que o hábito do pecado tornou-se uma cadeia tão forte, que vejo o bem e quase não consigo deixar o mal. Desejo-vos, mas não sei desejar-vos totalmente; pois, se o fosse de todo o coração, já estaria convosco.

Só a vossa graça pode quebrar essa cadeia, libertar-me de mim mesmo e prender-me a Vós. Fazei, Senhor, a vossa obra — obra que é só vossa — e prendei-me ao vosso amor.

Adoração das verdades, que o Senhor nos revelou ao livrar-se dos ardis dos seus inimigos.

Ó tesouro de todos os bens, dou-Vos infinitas graças, não só porque me ofereceis tudo quanto tendes, mas também porque de todos os males tirais bens. Dou-Vos graças sem fim pela força desse Vosso amor, que, em vez de condenar os Vossos inimigos — como bem mereciam —, de todas as suas malícias e armadilhas fazeis nascer divinas consolações, sublimes doutrinas e riquíssimas verdades, para me iluminar e prender a Vós.

Ensinai-me, Senhor, a conhecê-las todas e a adorá-las; imprimi-as no meu coração, para que, por meio delas, Vos ame, ó soberana fonte de todo o bem.

Adoro-Vos, meu Rei pacífico, que não quisestes que eu fosse governado pela sabedoria de Salomão, nem chamado pelas ameaças de Jonas, que pregava aos Ninivitas da terra. Não quisestes que visse em Vós apenas grandezas terrenas, mas que o meu governo fosse superior a Salomão — sabedoria eterna, riqueza infinita, reino perpétuo — e que tudo isso me fosse revelado pelo Vosso amor e pelas obras da Vossa caridade.

Ó meu mais que Salomão, que nenhuma afeição terrena pode mudar! Mais que Salomão, porque a Vossa paz é interior, plena de todas as consolações do Céu. Mais que Salomão, porque a Vossa riqueza e glória não podem ser diminuídas nem destruídas. Mais que Salomão, porque sois todo de todos, e todo meu.

Adoro-Vos mais do que a Jonas — vencedor da morte, amansador dos mares da tribulação, perdoador dos pecados e doce acolhedor dos pecadores. Não permitais, Senhor, que essas misericórdias se convertam, por minha culpa, em condenação; mas fazei que eu as ame, e por elas Vos sirva, e que todas me sirvam de sinal e remédio para a vida eterna.

Adoro-Vos, puríssimo Jesus, amante das almas limpas, pela estima que tendes da pura e santa castidade. Desprendei, Senhor, o meu coração de todas as coisas terrenas, para que ame esta virtude angélica. E como tal dom vem só de Vós — e por isso dissestes que nem todos o recebem —, vencei Vós os meus inimigos, acendei em mim o fogo da Vossa caridade, que é o único que pode elevar este coração terreno às prisões espirituais, purificando-o e tornando-o angelical.

Adoro-Vos, Príncipe, Capitão, Salvador dos pecadores, que também Vos dignastes ser conhecido como Pastor deles. Dou-Vos infinitas graças pela larga entrada que abristeis aos publicanos e pecadores no Vosso Reino. Não me deixeis de fora, meu Deus! Se esses têm ali grande lugar, como hei de eu, que sou o maior dos pecadores, ficar excluído? Convertei-me, meu Reparador e Salvador, e que, convertido, eu me abomine a mim mesmo, Vos abrace, Vos reconheça como meu Senhor, meu único Bem e toda a minha Glória.

Adoro-Vos com fé verdadeira e coração inteiro — não como os fariseus hipócritas, com fingimento e engano — e confesso-Vos como meu Mestre de puras verdades, como luz divina que mostra o caminho de Deus, como amante fiel das almas, que sem acepção de pessoas a todos abris o Vosso coração.

Ensinai-me, Senhor, a dar ao mundo e a César o que lhes pertence, conforme a Vossa Lei; e a Vós, minha bem-aventurança, esta alma onde está gravada a Vossa imagem e onde imprimistes a Vossa semelhança. E como para Vós foi criada, seja só Vossa.

Tirai de mim, Senhor, os tributos que, como traidor e perverso, quis dar aos meus pecados e aos Vossos inimigos. Fazei que toda a inclinação desta alma se entregue a Vós, a quem unicamente pertence

Adoro-Vos, amigo verdadeiro, que tão claramente Vos revelastes como Esposo das almas. Não permitais que a minha alma se incline para outros amores. Ó meu divino Esposo, sede Vós toda a minha riqueza, toda a minha honra, toda a minha alegria, todos os meus prazeres. Dai-me, Senhor, aquela veste de caridade que exigis dos que hão de entrar para estas núpcias divinas. Nunca escondais de mim o Vosso rosto; que os meus ouvidos escutem sempre a Vossa voz suave, para que fuja de mim tudo o que Vos desagrada e esta alma Vos seja uma esposa fiel, sem deixar entrar nenhum outro amor.

Adoro-Vos, divina Sabedoria, que me ensinastes todo o bem e vês o mal que procede do meu coração. Os Vossos puríssimos olhos não se enganam com o que está por fora — olhais ao que está dentro. Limpai, Senhor, o mal que vedes neste meu interior. Renovai em mim um espírito novo, para que

eu não seja lançado fora da Vossa presença. Ó bom Jesus, como isso Vos é leve, mas a mim me é tão difícil! Mas o Vosso amor e misericórdia são maiores do que a minha dureza e cegueira. Fazei brilhar, Senhor, a Vossa luz nestas grutas escuras do meu coração, e fazei brotar nelas a fonte de águas vivas que corram até Vós.

Adoro-Vos, Pai piedoso, que com tanto amor recebeis os filhos pródigos e arruinados. Não mereço sequer erguer os olhos ao Céu, nem ser contado entre os Vossos filhos — mas fazei de mim o mais pequeno da Vossa casa, e isso me bastará.

Adoro-Vos, Pastor das ovelhas desgarradas, que com amor procurais as que de Vós fogem. Eu errei mais que todos. Alegrai a Vossa casa ao encontrar-me e salvar-me. Adoro-Vos, divino companheiro dos pecadores necessitados: entrai nesta pobre casa e fazei nela a Vossa salvação, mostrando a Vossa misericórdia, pois mais a desejais do que qualquer sacrifício.

Adoro-Vos, verdadeiro refúgio dos extraviados e poderoso convertedor dos corações perdidos. Assim como com as Vossas palavras divinas abrandastes os que vinham para Vos prender, e confessaram que faláveis acima do que é humano, assim me convertei por inteiro a Vós, e fazei-me ver as Vossas verdades. E assim como não condenastes a adúltera, quando todos a deixaram entregue ao Vosso poder, assim me tomai também a mim — porque sei com certeza que de Vós só pode vir perdão, consolação, salvação, graça e amor.

Ó bom Jesus, que os vossos inimigos vos armem ciladas e inventem ardis, pois de cada um deles tirareis para esta pobre alma tantas riquezas! Que temo eu, bom Jesus, quando tenho receio? Porque me parece pesada a batalha das tentações e a mortificação da minha má natureza? Porque hesito em deixar tudo para vos servir? Quem pode — e quem quer — converter-me inteiramente para o bem senão Vós? Nada Vos custou que não abrisse para mim uma fonte de misericórdias. Então, de que tenho medo?

Vós tornastes doces as águas salgadas, fizestes brotar água da pedra dura, abrandastes as ondas do mar, da morte tirastes vida. Então que temo? Ó bom Jesus, dilatai e alargai este coração, para que, com espírito, fé e

amor, me lance nesse mar de caridade com que me amais, e nesses braços de amor com que me governais; para que em Vós repouse, a Vós ame, a Vós possua em Vós, e de Vós seja possuído para sempre.

Ó Mãe puríssima, tesoureira das graças divinas, que só deste Senhor vivestes e com Ele só subistes à perfeição e glória que tendes: levai-me após Vós, firmando-me na fé e no amor deste Senhor, pois só Ele é o meu refúgio e abrigo.

Corte celestial e glorificada, cativa do amor deste Senhor e rica dos Seus tesouros já revelados a vós e ainda escondidos para nós: deixai cair umas gotas dessas suaves águas neste coração sedento, para que o seu gosto me leve a suspirar continuamente por essa plenitude suprema, até que mereça ser desatado e ir à vossa bem-aventurada companhia, para aí ser eternamente saciado. Amém.

TRABALHO XXIV

Ingratidão dos benefícios.

Os vícios, na maior parte das vezes, andam tão ligados entre si que parecem pais e filhos, causas e efeitos uns dos outros. Por isso, os Santos, quando falam da raiz de todos os males, ora dizem que é o amor-próprio, ora que é a soberba, ora a inveja, ora a desobediência a Deus. Cada um destes vícios pode ser apontado como a origem de todos os males, porque se chamam uns aos outros e abrem caminho mutuamente, a ponto de cada um parecer a fonte de todas as desgraças.

Assim, quem vence verdadeiramente um único vício, corta pela raiz todos os outros; mas quem se deixa dominar apenas por um, acaba por se tornar escravo de todos os que o acompanham. Entre todos, os Santos destacam a ingratidão como especialmente venenosa, capaz por si só de perder as almas e destruir todo o bem.

São Bernardo chama-lhe mortal, inimiga da graça, destruidora de méritos, exílio das virtudes, perda das bênçãos de Deus. Diz que é como vento abrasador, seca a fonte da piedade, dissipa o orvalho da graça, interrompe o curso da misericórdia. É inimiga da salvação porque é dos pecados que mais ofendem a Deus. Todos os Santos falam dela como de um vício que ata as mãos de Deus, fecha a fonte de todos os bens, destrói os dons já recebidos e torna a alma incapaz de acolher os prometidos. Tudo o que se pode dizer de mais grave acerca de qualquer pecado, atribui-se à ingratidão.

Durante os três anos em que Cristo conviveu com os judeus, eles mostraram tantos e tão perversos vícios que cada um, por si só, parecia suficiente para a sua perdição e para causar-Lhe os sofrimentos que Lhe deram. Estavam tão dominados por tantos males que não é fácil dizer qual foi o maior. Mas a ingratidão não teve neles menos força do que qualquer outro. Podemos até dizer que os outros vícios lhe deram asas e raízes mais fundas, tornando-a ainda mais mortal, e que ela, por sua vez, agravou todos os outros e fechou a porta a todos os bens que o Senhor lhes queria dar.

Da ingratidão, como de uma fonte envenenada, brotaram todos os tormentos que Cristo sofreu. Cada circunstância foi tão dura e dolorosa que, mesmo isolada, já bastaria para exigir d'Ele paciência invencível. O sofrimento de receber continuamente ingratidões em troca de benefícios divinos só pôde ser suportado pelo Seu amor incomparável. Nunca houve ingratidões tão grandes como as que Ele sofreu, e nem sequer podem ser ditas por palavras.

Uns rejeitavam as Suas graças, como sacerdotes e príncipes do povo, que, por não quererem reconhecer o quanto Lhe deviam, desprezavam os Seus dons — e quanto mais Lhe deviam, mais O odiavam. Outros seguiam-n'O apenas por interesse, e se não se viam satisfeitos, voltavam-se contra Ele. Como os cinco mil que foram alimentados com cinco pães e dois peixes: quiseram fazê-l'O rei só porque tinham comido sem esforço. Mas, quando Ele lhes falou do verdadeiro Pão do Céu, voltaram-se contra Ele e pediram novos sinais, como se os milagres já feitos não fossem nada.

Outros, depois de curados, nem voltavam para agradecer, como os dez leprosos, dos quais só um regressou — e era estrangeiro. O próprio Senhor Se lamentou disso. Assim, uns e outros pagavam as Suas graças com desprezo e ofensas.

E no auge dessa ingratidão, o próprio povo que no Domingo de Ramos O aclamara com ramos e cânticos como Salvador, seis dias depois preferiu Barrabás e pediu a morte de Cristo, como se fosse um criminoso. Os mesmos que diziam "tudo faz bem" e "Deus visitou o Seu povo por Ele" clamaram agora que fosse crucificado.

Os que outrora se apressavam para tocar nas Suas vestes e serem curados pediam agora, aos gritos, que fosse morto. E os lugares onde antes O procuravam para O ouvir, foram os mesmos que O expulsaram da cidade, carregado com a cruz, até ao Calvário. Ali, O pregaram entre gritos e insultos, esquecidos de tudo o que Lhe deviam.

O mais admirável é que o Senhor, sabendo de antemão a ingratidão com que seria pago, não deixou de fazer o bem. Deu graças a Judas, que O vendeu; curou Malco, que O ajudou a prender; favoreceu com dons divinos os mesmos que O haviam de atormentar.

A própria razão humana reconhece a gravidade da ingratidão, permitindo que pais deserdem filhos ingratos, que senhores castiguem servos infiéis, e que a amizade se rompa quando é traída por ela. Só Cristo, com o Seu amor divino, pôde transformar a ingratidão em ocasião de maior amor e sacrifício, tirando dela ocasião para abrir tesouros de graça até aos próprios inimigos.

E assim, todos nós, filhos de Adão, estamos incluídos entre os ingratos que feriram este Cordeiro divino. E, com maior razão ainda, nós que nascemos na Sua Igreja, recebemos a fé e a esperança do Seu amor e paixão, e temos diante dos olhos as promessas eternas que Ele nos deixou.

Deixamos logo de lado tudo o que devíamos a Deus assim que nos surge algum apego, desejo ou gosto terreno, esquecendo-nos do que Lhe devemos e tratando tudo isso como se Ele fosse o enganador e os nossos enganos fossem verdades eternas. Corremos atrás desses enganos com tanto entusiasmo e liberdade como se fossem verdades do Céu, mesmo já sabendo, pela experiência de cada dia, que são mentiras.

O que mais impressiona é a ousadia com que, ingratos por tudo o que Lhe devemos, nos apresentamos diante d'Ele, falamos com Ele na oração e O tratamos na Sua casa como se fôssemos servos fiéis e dedicados. Entramos e saímos das Suas igrejas como se nada fosse, andando diante dos Seus olhos sem pensar que Ele vê em nós que foi preciso tanto ou mais sofrimento para disfarçar connosco do que para suportar os Seus próprios crucificadores.

Os teólogos ensinam que cada pecado reincidente traz consigo uma marca de ingratidão que o torna mais grave. Que gravidade terão então os pecados que, mesmo tantas vezes perdoados, repetimos ainda mais vezes? Junte-se a isto o mau uso que fazemos dos bens corporais que Deus nos deu para alcançar a salvação, e que usamos para a nossa perdição; o desprezo pelos bens espirituais; a facilidade com que perdemos a graça recebida; o descuido em recuperá-la; a falta de respeito com que rejeitamos as inspirações divinas e as graças que Ele nos oferece; e a troca de tudo isso por coisas baixas, torpes e indignas.

Mais ainda: damos mais valor ao mundo, aos homens, aos desejos, aos apetites, a coisas vergonhosas, do que à majestade divina, à verdade, à eternidade, ao poder e à glória de Deus — Aquele de cuja bondade dependemos em tudo e da cuja justiça ninguém pode escapar.

Assim, a nossa ingratidão transforma-se num mar imenso de males e de perdição para nós, e numa carga tão pesada e ofensiva contra a divina Majestade, que não nos restaria esperança nenhuma se não fosse a caridade de Cristo, que, vendo tudo isto de antemão, quis ser crucificado por nós, justamente por causa destes atos de ingratidão.

E essa mesma caridade, tal como O levou a morrer por ingratos, fá-Lo-á também esquecer as nossas ingratidões se a Ele nos voltarmos. Mas não percebemos que estas duas correntes — a da nossa contínua ingratidão e a do Seu perpétuo amor sofredor — correm sempre juntas. Se o Seu amor tivesse tomado outro rumo, há muito estaríamos perdidos em condenação eterna.

Que isto nos leve a envergonhar-nos de nós mesmos e a sentir quanto mal retribuímos ao Senhor. Porque, se o Seu sofrimento continuar a ser para nós apenas ocasião de esquecimento e ingratidão, pode chegar a hora em que seja ocasião de justa ira, e Ele nos afaste com uma separação eterna.

A misericórdia que o Senhor usa connosco deve levar-nos a imitá-l'O em todas as ingratidões que sofremos nesta vida: mais nos deve pesar a obrigação de Lhe retribuir, ao menos em parte, o muito que Lhe devemos, fazendo bem aos ingratos — do que todas as razões humanas que nos poderiam levar a não o fazer.

Por isso Cristo disse, no Evangelho de São Lucas: «Que mérito tem amar quem vos ama? Também os maus amam quem os ama. Se fizerdes o bem a quem vo-lo faz, que recompensa mereceis? Também os maus fazem isso. Mas Eu digo-vos: amai os vossos inimigos, fazei o bem e dai sem esperar nada em troca, e tereis grande recompensa no Céu, e sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é benigno até com os ingratos e maus. Sede, pois, misericordiosos como o vosso Pai».

Mesmo sem esta ordem divina, já Séneca entendia que quem deixa de fazer o bem ao ingrato é quem mais perde: porque o ingrato perde os bens que não aproveita, mas muito mais perde quem deixa de os dar por causa da ingratidão alheia. Fugir do risco da ingratidão, recusando fazer o bem, é cair num mal maior: o de deixar de praticar o bem.

É melhor fazer o bem ao ingrato, para que o mal dele não me prejudique, do que deixar de o fazer para evitar que o meu bem lhe sirva de ocasião de pecado. Ao dar-lhe o bem, corro o risco feliz de o tornar agradecido; se o nego, ele permanece ingrato — ou pior — e eu torno-me menos virtuoso.

Com o grande espelho diante dos olhos que é o muito que recebemos de Deus, mesmo sendo ingratos, não precisamos de mais provas para ver quanto Lhe agrada que O imitemos nisso. Quem quiser fazer o bem, ponha os olhos apenas em Deus, fazendo tudo por amor d'Ele, como Ele tudo nos dá por amor de Si mesmo. E, com essa intenção, não deixe de praticar o bem, sem esperar agradecimento.

A experiência mostra que a maior parte das pessoas esquece logo todos os benefícios recebidos à primeira coisa que deseja e lhe é negada. Por isso, muitas vezes se perde quem espera gratidão dos homens.

A Escritura diz que a fidelidade do ingrato se dissipa como gelo de inverno, passa como água que não aproveita. Só se lembram da boa obra enquanto dela precisam; depois, esquecem-na tão completamente que chegam até a atribuir a si mesmos os bens recebidos.

E o pior — como dizia Séneca — é que, para não parecerem em dívida, os ingratos desvalorizam o que receberam e transformam benefícios em ofensas.

Séneca resumiu bem: a ingratidão é veneno pior do que o das víboras. Estas só fazem mal com o veneno que têm; o ingrato prejudica-se a si mesmo — mas aperfeiçoa aquele que, mesmo assim, lhe faz o bem.

Portanto, tanto o exemplo de Cristo como a própria razão natural mostram claramente que o homem virtuoso deve fazer o bem mesmo aos

ingratos. Nada nesta vida é mais digno de santa inveja do que os bens interiores que goza, diante de Deus, aquele que recebe o mal em troca do bem, mas não deixa de praticar o bem a quem não lho agradece.

E quem duvidar, entre nos bens do Senhor e partilhe comigo a experiência: porque até os restos dela eu considerarei um ganho.

Exercício da ingratidão que o Senhor sofreu por beneficios, e contra este pestífero vício.

Que é isto, bom Jesus? Nenhum trabalho, nem aflição quisestes deixar por sofrer? Ainda por cima de todos os sofrimentos que por nós passastes, suportastes ser completamente desagradecido — e que os vossos próprios inimigos tirassem das vossas graças motivos para vos serem ainda mais ingratos. Bendito seja o vosso amor, que tanto vos faz sofrer.

Ó puríssimo e suavíssimo Jesus, deixai-me ver o segredo desse Coração. Por um lado, ninguém sente mais do que Vós o mal que é ver os seus bens rejeitados com ingratidão, e ninguém poderá imaginar quanto isso vos custa e aflige; mas, por outro lado, quando parece que bastariam tantos atos de ingratidão para secar as fontes das águas divinas e das graças que brotam desse Coração, rebentam delas ainda mais fortes jorros e mais abundantes, e inundais de graças os mesmos que vo-las rejeitam.

E quando parece que vos afogam em sofrimentos e ingratidões, com essas mesmas dores abris em Vós a fonte de todo o bem. Adoro-vos, divino Coração: quem é digno de ser amado senão Vós? Quem é digno de ser adorado, louvado e servido senão Vós? Abundante em amor, abundante em fazer o bem, e abundante em padecer por quem, com ingratidão, vos faz mal.

Ninguém pode vencer a grandeza e a bondade desse Coração. Vedes diante dos vossos olhos tamanhos excessos de ingratidão, que querem aniquilar todos os vossos bens divinos e desacreditar todas as vossas graças. Pagam-vos com injúrias, desprezos, afrontas, tormentos e morte. Voltaram contra Vós os próprios membros que lhes curastes, os corações que lhes ensinastes, e tudo quanto lhes destes. E só Vós sabeis o que isso vos custa.

E, no entanto, essa fonte de bondade que mana desse Coração divino não se seca, nem arrefece o forno de amor divino onde arde. Nem desesperais dos ingratos, nem lhes negais o remédio, mas ainda os provocais a receber novas e maiores graças.

Ó fonte de toda a bondade, que poderia desejar aquele povo que, tendo-Vos a Vós, ainda algo lhe faltasse? Que razão tinham para Vos serem ingratos? Se lhes faltava alimento, das Vossas mãos brotava a abundância; e, ao conhecerdes a sua necessidade, não esperáveis sequer que Vos pedissem — primeiro Vos compadecíeis dela do que eles próprios a sentiam.

Em Vós tinham médico e remédio de divinas curas para o corpo e para a alma. Acalmáveis o mar nas tempestades; consoláveis as viúvas ressuscitando os seus mortos; os demónios tremiam diante de Vós; os paralíticos saltavam; e quem não vos podia falar, curava-se só de vos tocar.

Ensináveis-lhes a pura verdade da Lei de Deus; aos que mereciam castigo, livráveis da pena; aos culpados, perdoáveis a culpa. Que mais podiam desejar para o corpo, para a alma e para tudo o que é possível desejar?

Com quanta mais razão se poderia dizer de Vós, meu Deus, o que a Rainha do Sul disse a Salomão: «Bem-aventurado o teu povo, bem-aventurados os teus servos que estão sempre diante de ti e ouvem a sabedoria da tua boca». Porque Deus amava Israel, deu-lhes tal Rei para fazer juízo e justiça.

E esta mulher viu apenas o que aos olhos parecia espantoso num homem de terra; mas Vós, bom Jesus, mostrastes poder divino, sabedoria divina, amor divino e todos os bens divinos. Se aquele povo foi considerado feliz por ter tal rei, que poderia esperar quem vos teve a Vós?

E, no entanto, aqueles corações maus nada vos agradecem. Preferem as baixezas da terra a Vós, e não descansam na sua ingratidão enquanto não vos tiram de diante de si e vos matam.

Ficam-lhes as praças, ruas, casas, sinagogas e campos cheios das vossas graças e dos vossos divinos tesouros, e mesmo assim rejeitam-vos e não vos querem.

Ó meu Jesus, como não lhes tirais a vida, a saúde e as outras graças que lhes destes? Como não recolheis para Vós tudo, já que eles não vos querem nem vos agradecem?

Adoro esse amor tão suave para com os que vos não querem, e essa compaixão com que esse divino Coração sente ser rejeitado.

Abri, Senhor, no meu espírito uma fonte de amor e raios da vossa luz, para que eu saiba reconhecer esse mal e esse bem que brota do vosso divino Coração. Convertei-me, Senhor, para que eu ame o que vejo em Vós, e aborreça o que vos rejeita.

Que fica a quem vos rejeita? Oh, como é verdade, Senhor, o que dissestes: que quem vos não quer, vindo Vós do Céu cheio de soberanas riquezas em nome do vosso eterno Pai, há de receber de braços abertos qualquer outro que venha em seu próprio nome, para engano e perdição. Preferiram-se a si mesmos em vez de a Vós; o mundo em vez do vosso bem; as suas cobiças em vez das vossas graças; e trocaram a vida pela morte eterna. E Vós sentis o seu mal, e dói-vos a sua perdição — e eles, sem Vós, ficam contentes com a sua desgraça. Assim se trocam os sentimentos: eles, sem sentir a sua perda; Vós, a penar e a afligir-vos por ela.

Bendito e louvado seja esse eterno e infinito amor!

Ah, meu Senhor, grande sofredor de corações ingratos, tenho sempre de chorar diante de Vós pelos males novos e antigos, pelas feridas velhas e renovadas, que só Vós podeis curar. Eu, Senhor, embora não Vos tenha visto em carne, creio em Vós em espírito, e com tudo o que fizestes na terra, criastes para mim abismos de infinitos tesouros. Nascestes tanto para mim só, como para todo o mundo, e assim como Vós não tendes fim, também nenhuma das Vossas obras e virtudes se perdeu ou se consumiu: tudo está reservado para mim, intacto e fresco. É dessas graças que vivo,

elas me sustentam, elas me governam, por elas existo, por elas espero, e o que não vejo, creio.

E sendo Vós isto, e tudo o que tendes para mim, eu sou mais ingrato que todos os homens e desconhecedor de todas as Vossas graças. Como, meu Deus, posso estar diante de Vós? Como me atrevo a levantar os olhos para Vós? Que conta Vos hei de dar de mim, se ma pedirdes com rigor e justiça? Ah, Senhor, mereço que todas as Vossas misericórdias se levantem contra mim, que todas as Vossas graças me condenem, que toda a Vossa bondade me confunda, e que tudo o que fizestes para me remediar me lance fora e me afaste de Vós.

Que serviços Vos prestaram estes olhos, esta língua, estes ouvidos, todos estes membros deste corpo, estas forças, este entendimento, esta memória, esta vontade, esta alma, e todo este miserável pecador? Ou que ofensas deixei de cometer com tudo isto contra Vós? Que louvores Vos dei pelo céu, pela terra, pelo ar e pelos elementos, pela saúde, pela vida e pelos bens temporais que me destes? Quando deixei de fazer mau uso de tudo isso, com suma ingratidão e com muitas ofensas contra Vós? E se eu entrar na corrente perene das graças espirituais que me tendes prometido — e que perdi e desprezei — que será de mim diante do Vosso juízo?

Oh miserável e perverso de mim, se não me olhardes com a misericórdia com que morrestes pelos ingratos. Quando, meu Deus, me visitastes com a Vossa doce presença, a minha alma cativava-se e prendia-se à Vossa formosura, tudo o que da terra a afastava Vos era pesado, nenhuma coisa mais a satisfazia, e a necessidade de cuidar do corpo e das coisas da terra tornava-se penosa; porém, mal saía desse estado, esquecia-Vos e distraía-se com outros amores, e distraída, rejeitava as verdades que tinha experimentado.

Vós não deixastes de ser quem sois, nem o que há fora de Vós deixou de ser o que é — baixo e mutável; então que razão tenho eu para Vos trocar por coisas em que nunca encontro o que Vós me comunicais quando me chego a Vós? Quando me voltei arrependido para Vós, logo me recebestes, consolastes e perdoastes, pois compreendi que sem Vós nada me podia remediar, e que só unindo-me a Vós me podia salvar. Então por que me

afastei de Vós? Por que esqueci essas graças? O que encontrei nas coisas que de Vós me afastam para, por elas, voltar a ofender-Vos?

Oh, quão miserável estou diante de Vós, meu Deus!

Lembre-se aqui quem se exercita das graças particulares que de Deus recebeu, dos pecados que Ele perdoou, das tentações de que o livrou, e do esquecimento que teve de tudo isto; como sempre voltou ao caminho errado como o cão, e foi ingrato por graças tão grandes e tão particulares — e faça-o com muita humildade, dor e reconhecimento; então, prossiga.

ORAÇÃO SOBRE NOVE VERSOS DO SALMO «MISERERE MEI DEUS» .

«*Tibi soli peccavi, et malum coram te fecit: ut justificeris in sermonibus tuis, et vincas cum judicaris.*»

Tudo isto me tendes suportado, meu Deus, conhecendo todos os graus do meu profundo desagradecimento. E sou de tal modo, que nem sequer posso prometer de mim mesmo que, daqui em diante, Vos serei tão agradecido como Vos devo ser. Mas, apesar de ser assim, também creio na grandeza da Vossa misericórdia. Pequei somente contra Vós, porque só a Vós devo todo o bem que tenho, e só Vós mereceis o amor desta alma; e ainda que serdes Vós o ofendido me pudesse levar ao desespero, por quem sois e por quem sou, só Vós sois o sofredor e o perdoador amoroso, e só Vós sabeis dar remédio aos mais desesperados.

Pois, Senhor, estão diante dos Vossos olhos todos estes meus males e ingratidões. Assim como me vistes e suportastes até agora — para que ninguém julgue da Vossa misericórdia senão aquilo que nela há —, e quando parece que com justiça lançareis fora os pecadores, então a Vossa piedade vence as suas ingratidões; assim, bom Jesus, vença a Vossa clemência todos estes males. Não fecheis para mim a fonte da Vossa misericórdia, pois não é possível que ela se esgote.

“Eis que fui concebido na iniquidade, e em pecado me gerou a minha mãe.”

Eu, Senhor, como miserável filho de Adão, concebido em pecado e nele nascido, sou desde o ventre da minha mãe inclinado ao mal. E porque Vós sabíeis esta inclinação do coração humano para todo o mal, dissestes a Noé que não nos castigaríeis como merecemos, para não nos destruir completamente, mas que usarias de paciência e misericórdia. Se não usardes comigo dessa misericórdia, que será de mim? Pois sempre caminho mal, e todas as Vossas graças a minha malícia transforma em ofensas contra Vós, e a minha ingratidão merece que me priveis delas.

"Eis que amastes a verdade; os segredos e mistérios da Vossa sabedoria me manifestastes."

Vós, meu Deus, amais a verdade, e por isso sei e confesso que mereço que não acrediteis em mim quando Vos prometo emenda, nem me recebais quando, ingrato e traidor, volto a Vós, pois sempre Vos minto e logo Vos torno a ofender. Mas, Senhor, para que me revelastes os segredos deste coração? Para que me manifestastes a sabedoria com que encontrastes para todos os meus males remédios soberanos, senão para que de Vós espere tudo, precisamente quando estiver mais desesperado de mim?

Pudestes fazer-Vos homem por mim, pudestes, sem perder nada do que é Vosso, morrer por mim numa Cruz; soubestes humilhar-Vos para me levantar; soubestes derramar o Vosso sangue para me santificar; e sem perderdes a Vossa majestade, enchestes-me dos Vossos merecimentos, para que dessas Vossas eternas verdades esperasse o remédio das minhas ingratidões e mentiras. E embora tudo isso que me ensinastes mais condene as minhas ingratidões, já não posso ignorar que estais disposto a receber até o mais perdido, se a Vós se voltar arrependido. Ó Amante da verdade, como poderei já desconfiar de Vós?

"Aspergi-me-eis, Senhor, com hissopo, e serei purificado; lavar-me-eis, e ficarei mais branco que a neve."

Não desconfiarei, bom Jesus, pois tenho por mim o Vosso sangue. Não desconfiarei, porque a minha confiança não está no sangue dos sacrifícios da antiga lei, que era aspergido com a humilde erva hissopo sobre o povo, em figura do Vosso; mas sim na virtude do Vosso sangue, de valor infinito,

que dessa humilde humanidade brotou, e me pode limpar e santificar por completo.

A pureza e corrente desse limpíssimo sangue pode lavar e embelezar com a sua brancura e resplendor a escuridão das minhas culpas, e tornar mais alvo que a neve este espírito tornado em cinza e carvão. Vós podeis tornar-me de ingrato, agradecido; de fraco, constante; de inclinado a todo o mal, desejoso do Vosso serviço; de apegado às coisas terrenas, por Vós perdido, cheio de amor puro, que sempre se una a Vós.

"Farei ouvir a alegria e a felicidade; e exultarão os ossos que humilhastes."

Quando, bom Jesus, me moldardes totalmente à Vossa vontade e transformardes as minhas baixas inclinações, os meus ouvidos alegrar-se-ão com a Vossa voz. Então, de verdade, rejeitarão as vozes terrenas que até agora amaram e de que se deleitaram. E todos os meus ossos, que diante de Vós estão abatidos pelas tantas ingratidões e condenados pela justa sentença de perdição, com essa mudança misericordiosa transformar-se-ão em alegria no Vosso serviço.

Porque, tendo todos servido ao pecado, como poderiam servir-Vos, se a Vossa voz não chamasse todo o meu interior e exterior, dando-me confiança de que tudo em mim Vos pode glorificar, mesmo o que Vos ofendeu?

"Desviai o Vosso olhar dos meus pecados; e apagai todas as minhas iniquidades."

Ah, misericordioso Jesus, quando chegará a hora de me tirardes do abismo das minhas ingratidões? Se a fealdade delas Vos impede, desviai os olhos dos meus pecados, e olhai para esta criatura que criastes, redimistes e com amor eterno amais. E se estão tão unidos a mim, que não é possível ver-me sem eles, vede antes o dano que causam a esta criatura que amais, para que não vejais a ofensa que com eles Vos tenho feito. Porque, curando com misericórdia as feridas que me fazem, ficarão também curadas as ofensas contra Vós. Ó meu Deus, tirai de mim estes males, para que, quando olhardes para mim, não os vejais. Porque, se nesses misericordiosos

olhos está o meu remédio, para que não deixeis de me olhar como preciso, afastai de mim os meus pecados, para que esses piedosos olhos não se afastem de mim, sendo eles o remédio das minhas necessidades.

“Criai em mim, ó Deus, um coração puro, e renovai em mim um espírito reto.”

Bem sei, Senhor, que a luz e as trevas não podem habitar juntas neste coração terreno e envelhecido; e que ele está tão danificado pelos perversos hóspedes que nele acolhi contra a Vossa vontade, que a Vossa grandeza e majestade não podem nele ter o lugar que merecem. Mas quem pode fazer casa onde Vós caibais, senão Vós mesmo, que fizestes o meu coração à Vossa medida?

Mostrai, bom Jesus, a Vossa virtude, Vós que criastes esta alma do nada: tornai a criar em mim um novo coração, capaz de Vós, digno de ser a Vossa morada. E para que em mim permaneçais, renovai neste coração o Vosso espírito — que aborrece tudo o que Vos desagrada, e ama apenas a Vossa pureza e formosura. Sem este espírito, bem vedes que tudo em mim anda abatido, curvado, sem ordem nem fundamento, porque separado de Vós só posso viver no erro e no engano. Só o Vosso espírito reto e perfeito me pode renovar no Vosso amor e conhecimento, e cativar-me com firmeza a Vós.

“Não me lanceis para longe da Vossa face, e não retireis de mim o Vosso espírito santo.”

Não me rejeiteis, Senhor, ainda que eu Vos rejeitei; não me lanceis fora, mesmo tendo-Vos lançado de mim; não me escondais por completo a Vossa face, embora muitas vezes eu não quis olhar para ela; nem me deixeis de todo sem remédio, endurecido nos meus erros. Se me tirardes totalmente o Vosso santo espírito, que será de mim? Reinará nesta Vossa casa o espírito da soberba, o espírito do apego ao sofrimento, o espírito do erro, e todos os males e desventuras. E os Vossos inimigos gloriar-se-ão, dizendo que puderam mais do que Vós, e que Vos roubaram e possuem o que é Vosso.

“Restituí-me a alegria da Vossa salvação, e fortalecei-me com um espírito generoso.”

Ah, Pai eterno, tudo quanto há em mim são desventuras destes perversos hóspedes, aos quais dei entrada. Às almas que Vos amam, ides com o Vosso Filho e o Espírito Santo, e nelas habitais, e com elas ceais, e elas convosco gozam de delícias divinas, que só quem habita convosco conhece e experimenta. Eu, dando o meu amor a quem não devia, perdi a liberdade da virtude e estou cativo; perdi a saúde e estou doente; perdi a vida e estou morto. Pois, ao lançar fora com coração ingrato, por meus vícios, as Vossas graças e companhia alegre e segura, fui despojado de todo o bem e caí em todas estas perdas.

Que prazer posso ter, vendo-me tão perdido? Este vale é verdadeiramente, para mim, um degredo de puras lágrimas, pois não há em mim nada com que possa respirar. Socorrei-me, Pai eterno: restituí-me a primeira inocência, vinde habitar nesta alma, devolvei-me a alegria do Vosso divino Salvador, e fazei-me alegrar com o meu Jesus, minha salvação e todo o meu bem. Ah, minha verdadeira alegria, arrebatai para Vós todo este interior; e para que nunca mais nada fora de Vós me agrade, nem eu volte às minhas habituais ingratidões, fortalecei-me neste desejo que me dais, com um espírito generoso, forte e invencível, para que todo o meu ser — interior e exterior — responda às obrigações que Vos tenho, e as minhas ingratidões se convertam num amor unido, fervoroso, constante e inseparável de Vós, minha salvação, minha glória, minha bem-aventurança e meu Jesus. Ámen.

Riquíssima Rainha do Céu, formosa glória do Paraíso, pureza da natureza humana, honra da nossa baixeza. Assim como nunca esteve em Vós a graça sem fruto, e por isso são incomparáveis as riquezas dos Vossos soberanos bens, assim Vos fez Deus tão perfeita para remédio e auxílio das nossas faltas e misérias.

Valhei-me, Senhora; ajudai este ingrato e inútil, merecedor de ser lançado fora de todo o bem. Que por Vós eu seja de novo recebido na casa e no amor do Senhor, que tão perfeita Vos fez; e tão confirmado n’Ele, que nunca mais me torne a afastar.

Cidadãos celestes, seguros das Vossas riquezas, compadecei-vos das inconstâncias e perigos daqueles que ainda peregrinamos neste vale de misérias. Alcançai-me perpétua lembrança e desejo desses soberanos bens, para que os terrenos me causem enfado, e só pela Vossa companhia eu suspire sem mudança. Ámen.

TRABALHO XXV

Desejo fervoroso e receio humano de sofrer. E da transfiguração do Senhor.

Zelava o divino amor, que no peito de Cristo nosso Senhor ardia continuamente, tanto pela honra de Seu Eterno Pai — que com Seu amor havia de espalhar pelo mundo — como pelas verdades católicas que tinha ensinado — e que com a Sua paixão havia de confirmar — e pela redenção e salvação das almas, que com o Seu sangue havia de consumar. Enquanto viveu neste mundo, não teve outro atormentador mais rigoroso do Seu suave espírito do que esse mesmo amor, que não suportava ver adiada a realização daquilo que tanto desejava. Esse amor fazia-O sentir humanamente aquilo que sabia que havia de padecer, para que a dor e o esforço com que havia de consumar tão grandes obras fosse mais contínuo e mais cheio de riquíssimos merecimentos para os redimidos.

E assim compreendamos que a Sua cruel morte e dolorosa paixão não foram acaso, mas nascidas de um amor antigo e muito deliberado, que Ele desejou ao longo de toda a vida, sofrendo com esperança aflita a sua demora. Nem a brevidade das vinte horas, mais ou menos, em que padeceu, Lhe tornou mais fácil a passagem pelos tormentos; pois não sofreu apenas quando Lhos infligiram, mas durante toda a vida, com receios humanos e sentidos, que a Sua carne continuamente tinha daquilo que havia de padecer.

Já tratei deste sofrimento do Senhor em parte nos primeiros momentos que Ele se dignou passar, quando Se encarnou no ventre de Sua Santíssima Mãe; e outra parte tratarei no início da segunda parte desta obra, nas agonias que teve no Horto. Mas com esta corrente, ou rio de amor, que na fonte da Encarnação começou a manifestar-se, e no Horto encontrou a sua foz, lançou-se nos largos e impetuosos mares da Sua sacratíssima Paixão.

Desses princípios e fim tratei particularmente, como de sofrimentos particulares que merecem, entre os outros que o Senhor teve, especial destaque e consideração: porque em cada um desses tempos teve diferentes

manifestações e extremos. Pela mesma razão, a continuidade e suave corrente que esse rio teve durante trinta e três anos, por aquela larga via do Seu divino Coração — sempre cheio até à borda de amor desejoso de sofrer, e de sentimento pela crueldade dos tormentos — deve ser para nós motivo de conhecimento mais profundo e de muito particular agradecimento. Porque Aquele que andou durante toda a vida crucificado no Seu íntimo desejo, merece não só a primeira obediência com que aceitou sê-lo, nem apenas a execução final com que morreu pregado na Cruz, mas igualmente nos obriga o amor com que toda a vida o desejou e a dor do que sabia que havia de sofrer, que sempre magoou e atormentou a Sua santíssima humanidade.

Este desejo contínuo e receio de padecer, que mantinham o Senhor sempre ocupado, declarou-o Ele por estas palavras divinas e amorosas: «Fogo vim lançar na terra, e que quero senão que se acenda?» «Tenho de ser baptizado com um baptismo — e que angústias tenho enquanto ele não se cumpre!» «Julgais que vim trazer paz à terra? Não, digo-vos, mas divisão.» E São Mateus diz: «Não vim senão trazer a espada.»

Nos santos Evangelhos, o nosso Senhor chamou por vezes à Sua santíssima Paixão o nome de baptismo — não só neste lugar, mas também quando os dois Apóstolos, filhos de Zebedeu, Lhe pediram os primeiros lugares no Seu reino. Perguntou-lhes se se atreviam a beber do Seu cálice e a serem baptizados com o baptismo com que Ele seria baptizado. Esses dois nomes — cálice e baptismo (que é lavatório ou banho) — significam coisas de delícias e gosto. E por essas palavras nomeia Ele a Sua Paixão, porque nela Se havia de banhar no Seu sangue, e nos havia de deixar por piscina e banho de saúde para as nossas chagas espirituais, que Ele veio curar.

O Seu divino amor não tinha outro refresco mais suave que ver-Se mergulhado nesse banho e lavado nesse sangue, onde tantas almas — que Ele viera do Céu buscar — haviam de encontrar saúde e bens.

A Sagrada Escritura está repleta das maravilhas que recebemos pelo sangue de Cristo. Esse sangue é o sangue da nova aliança de amor. É com esse mesmo sangue que Ele fala por nós a Deus. Cristo, nosso Sumo Sacerdote, entrou com o poder do seu preciosíssimo sangue no Santo dos Santos do Céu; e foi por esse sangue que obtivemos reconciliação com

Deus e a redenção dos nossos pecados. Há ainda muitos outros benefícios que nos mostram que todo o nosso bem está nesse sangue.

Por isso, diz São Paulo que, assim como na antiga Lei não havia perdão sem sacrifício de sangue, assim também as nossas obras mortais só são perdoadas pelo sangue deste imaculado Cordeiro de Deus. Por isso, assim como Cristo quis ser baptizado por São João Baptista para nos santificar, assim também quis batizar-se — banhar-se completamente — no seu próprio sangue, para que soubéssemos que nele não há sangue de morte, mas sim de vida e de perdão.

Todos os dons que a humanidade havia de receber por esse sangue, o Senhor os tinha continuamente presentes no seu espírito. E nada desejava mais do que chegar à sua hora. Por isso creio sem dúvida que, mesmo quando o Senhor curava os doentes, e via paralíticos a andar com uma palavra, cegos a ver, mudos a falar, mortos a voltar à vida, e todos se alegravam — mesmo sabendo que essas graças beneficiavam a tão poucos — pensava que, pela sua morte, com o poder do seu sangue, haveria de espalhar por todo o mundo curas espirituais muito mais perfeitas, disponíveis para todos os que as quisessem receber. E esse pensamento enchia-lhe o coração de saudade e desejo por esses bens universais, fazendo-lhe pesar o tempo de vida que ainda restava e que lhe adiava a realização de desejos tão grandes e tão cheios de amor.

Víamos isso claramente em muitos gestos e atitudes suas, especialmente no facto de muitas vezes parecer distrair-se ou perder-se no que mais lhe ocupava o coração — e isso é o maior sinal daquilo que alguém verdadeiramente deseja. Porque parece que todos, ao falar de qualquer coisa, acabam sempre por tocar no que mais amam. Assim, Cristo nosso Senhor, vendo a ingratidão dos judeus, falava logo da entrada de todos os povos nesses bens eternos que os judeus rejeitavam.

Ao falar de comer e beber, aproveitava para falar do alimento do seu Corpo e Sangue, que dá vida ao mundo. Ora dizia que tinha ainda muitas ovelhas por todo o mundo, que era preciso chamar e trazer; ora, exultando no Espírito, dizia que viriam do Oriente e do Ocidente para se sentar à sua mesa; ora mandava os seus discípulos olhar para os povos do mundo, que já estavam maduros para a colheita; ora dizia que, quando fosse levantado na

cruz, tudo atrairia a Si. Assim, com palavras terníssimas, sempre que surgia ocasião, revelava os desejos inflamados que trazia no coração de remediar todo o mundo. Por isso, quando disse que tinha vindo lançar fogo sobre a terra, e que nada mais desejava senão que esse fogo pegasse e se acendesse, lembrando-se de que seria com o seu sangue e a sua morte que esse amor abrasaria tudo, soltou um suspiro do fundo do peito e disse: «Ah, como este coração se aperta por ainda não ter chegado o batismo do meu sangue, no qual me hei-de banhar, e com o qual hei-de acender este fogo nas almas em vivas chamas!»

Que brandura maior, que amor mais intenso, que cuidado mais fiel e que amizade mais leal poderia haver do que esta?

Não entendo como é que os homens não passam mais tempo a meditar neste coração divino do nosso Senhor, tão esquecido de si mesmo e tão ocupado connosco; tão universal para todos, e ao mesmo tempo tão particular com cada um. Ele é um espelho claríssimo, no qual cada um pode ver o quanto se aproxima ou se afasta deste Senhor, e se participa ou não dos cuidados do seu coração. Porque o grande desejo que Ele tinha de nos remediar tornava-lhe pesadas as horas em que ainda não tinha consumado esse sacrifício — mesmo enchendo todas essas horas com riquíssimos dons e tesouros de méritos para nosso bem. Era esse cuidado que ocupava inteiramente o seu coração.

E nós, os remidos, temo que sintamos anseios pelas coisas que Ele aborrecia e das quais quis libertar os nossos corações com a sua morte. Posso ao menos afirmar esta verdade: que em muitos anos de vida, são raríssimas as almas que dedicam sequer uma hora com o mesmo cuidado à sua salvação como dedicam ao amor das coisas que as perdem. E quase nenhuma se angustia por estar afastada de Deus como se angustia quando perde as coisas que a afastam d’Ele.

Oh loucura dos corações humanos! Que deixam para a hora da morte todas essas santas agonias e cuidados, e pensam que, nesse momento derradeiro — em que a alma estará cheia de medo pelos pecados cometidos, temores dos castigos que merece, dores que lhe roubam a vida — conseguirão ter presença de espírito para cuidar da sua salvação e amar este

Senhor de todo o coração. E no entanto, passaram toda a vida sem esse amor, entregues a coisas que agora os atormentam e afligem.

Mas não foi assim com este nosso amigo fidelíssimo. Ele escolheu uma hora para dar todo o seu sangue e morrer por nós, e todas as horas da sua vida foi morrendo, porque desejava essa hora final. E se é verdade — como é — que a vontade com que se fazem as coisas vale tanto como as próprias obras, então devemos ao Senhor tantas mortes quantas foram as lembranças que teve, durante a sua vida, da morte que por nós havia de padecer. Porque cada lembrança reacendia n'Ele um novo desejo, uma nova vontade, uma nova ânsia de se ver mergulhado nesse sangue por amor de nós.

Desse mesmo amor e vontade nascia outra parte do tormento contínuo em que vivia: o receio e o sofrimento antecipado das dores que havia de suportar. Porque, tendo Ele escolhido as dores, penas e tormentos como manifestação da fortaleza, da constância e da fidelidade do seu amor invencível, nunca quis estar sem essa prova. Assim como, na Paixão, mostrou nos grandes extremos de dor os excessos do amor que sempre ardeu no seu coração, também durante toda a vida quis que a sua humanidade mantivesse sempre presentes, com toda a intensidade, os tormentos cruéis e inumanos que havia de sofrer. E queria sentir antecipadamente o peso de tudo o que isso lhe iria custar, para que, nesse lenho de contínuos sofrimentos e temores, o seu amor divino se alimentasse ainda mais e se acendesse em desejos de padecer aquilo que a sua carne tanto temia.

É costume dos homens de coragem e honra procurarem nos combates os lugares de maior perigo. E aqueles que, pela experiência, sabem bem os riscos que correm, quando ouvem o toque de alarme e pegam em armas, sofrem naturalmente tremores, calafrios e outros sinais de fraqueza humana — sinais esses que, quanto mais parecem debilidade, mais são prova de força e decisão. Porque mostram que estão dispostos a vencer os medos naturais e a entrar no combate como homens novos, diferentes do que pareciam antes de entrar nele.

Foi nesses tremores que viveu aquela sagrada humanidade; e foi nesses esforços que se manifestava o seu amor divino: temendo, pela fragilidade natural, a batalha cruel que o esperava, mas decidindo-se, por amor, a

suportar todo o seu peso. Entre estes dois extremos — medo e desejo — viveu durante toda a vida o terno coração de Jesus: receoso, mas desejoso de mergulhar no mar dos seus imensos sofrimentos e cruéis tormentos.

Por isso, logo depois de dizer o quanto sentia o aperto de ainda não ter chegado o batismo do seu sangue, acrescentou: «Não penseis que vim trazer paz à terra, mas espada e guerra.» Como que dizendo: Não será tão leve passar por este banho, que tanto desejo, que não me custe grande batalha, afastamento de toda a consolação, muita desonra, muitas cruzes e tormentos. Porque o fogo que vim lançar à terra, e que quero que se acenda e alastre, deverá manifestar-se e inflamar-se nas batalhas da alma contra as tentações do mundo, que afastam as almas dos verdadeiros bens. Será nesses combates que se alcançarão as riquezas do Céu, que o meu amor veio revelar e prometer à terra. E por esse mesmo caminho quero eu passar. Quero que o amor que vos tenho seja conhecido pelo mesmo estilo com que será provado o vosso amor por mim.

Aqui há uma grande lição para os servos de Deus, que sofrem com as fraquezas e misérias da natureza, e sentem que essas fragilidades são como freios que os impedem de subir, e crescer no amor que os atrai para o alto. Quem as sente, experimenta um peso muito difícil de suportar. Mas o Senhor, que fundou edifícios tão ricos sobre alicerces tão frágeis e terrenos, assim o dispôs: que a fraqueza da natureza — desde que a vontade, deliberadamente, não consinta em ceder — não prejudique a pureza do amor, antes o faça crescer ainda mais.

Porque o sentimento das misérias humanas e das suas dores, quando o espírito está vivo e inflamado, desperta desejos ainda mais íntimos e ardentes, e suspiros de liberdade do coração que anseia dar-se e receber o Amor, sem impedimentos, conforme a generosidade divina que sente sobre si. E quando alguém se esforça por fazer o que a carne teme, e a vontade e o fervor superam a possibilidade da fraqueza, então — aos olhos do Amado Jesus — o amor é julgado mais precioso, a luta mais leal, a amizade mais fiel. E onde parece que a natureza cai, o espírito, sob o comando deste divino e experimentado Capitão, alcança coroas mais ricas.

Da Transfiguração.

Cristo, nosso Senhor, mostrou ambas estas realidades no mistério da sua sacratíssima Transfiguração e nas suas circunstâncias. Este mistério foi uma antecipação e imagem dos bens e riquezas que Ele preparou para os seus amados — aqueles que, por amor d'Ele, se deixam crucificar com Ele.

Por isso, oito dias depois de ter ensinado claramente aos seus discípulos a doutrina da santa Cruz — que por ela deveriam imitá-lo, e que Ele não reconheceria como seus senão os que carregassem a sua cruz atrás d'Ele —, e andando tão desejoso de se entregar à Cruz, que repetia muitas vezes esse ensino aos seus discípulos, decidiu dar-lhes uma pequena amostra da sua glória, para alargar os corações dos que com Ele seriam crucificados e inflamar os seus espíritos com a experiência do que está escondido na Cruz.

E, escolhendo apenas três apóstolos como testemunhas dessas verdades — São Tiago, que seria o primeiro a ser morto por Ele; São Pedro, que havia de morrer crucificado por amor d'Ele; e São João, que arderia durante longos anos em puro amor, depois de acompanhar Cristo crucificado —, retirou-se com eles ao alto do Monte Tabor (que significa pureza ou escolha), e pôs-se em oração. Quis mostrar com isso que a oração é a maior força que o coração humano tem para suportar todo o peso dos sofrimentos que é preciso enfrentar por causa do Reino de Deus. É a forja mais viva e ardente onde o amor se apura e onde a criatura se transforma e se eleva do terreno e baixo ao espiritual e celeste.

E, estando a orar, o Senhor libertou a glória da sua alma, que até ali mantinha milagrosamente reprimida para poder sofrer, e permitiu que, por breves instantes, essa glória se manifestasse no corpo. E o seu rosto tornou-se mais resplandecente do que o Sol, e as suas vestes mais brancas do que a neve. Com isto ensinava que, se reservava tanta glória até para o miserável corpo, sujeito à corrupção, por causa da parte que este leva das tribulações, que não teria preparado para a alma, que só vive do seu amor e onde Ele reina?

Apareceram ali com o Senhor Moisés e Elias. Deus escolheu estes dois, entre todos os santos do passado, por serem testemunhas mais próprias do amor e da Cruz onde queria firmar o coração dos seus. Elias, que nunca teve descanso neste mundo por causa da honra de Deus, perseguido e odiado pelos maus, levado ao céu num carro de fogo — exemplo dos que,

crucificados ao mundo, só no divino amor encontram descanso, pois este amor lhes arranca os afetos da terra.

Moisés, que vivia diante da face de Deus e se sustentava no seu amor e nas suas comunicações; esse amor o levou a desprezar a luxuosa criação da casa do Faraó, preferindo a companhia do atribulado povo de Deus ao gozo temporal da corte — sinal do que o amor de Deus opera nas almas que Ele possui: despoja-as de tudo, tira-lhes o sabor de tudo, e a mais doce sensação que sentem na terra é o rigor e aspereza que mais desagrada à natureza, pois é nisso que mais se purificam.

Colocou o Senhor estes dois grandes amantes e amigos da sua Cruz e dos seus sofrimentos ao seu lado, naquela demonstração de glória em que o seu corpo estava transfigurado. O que aqueles corações sentiram ao verem o Deus humanado, que tanto tinham desejado na vida, é impossível de descrever com palavras. Viam a beleza exterior daquele corpo, e com fé vivíssima a pureza e bem-aventurança daquela alma; viam o amor da eterna castidade que nela ardia, e os tesouros secretos e incompreensíveis encerrados em cada coisa ali presente — tesouros que a mente humana nem consegue imaginar, quanto mais explicar.

E mesmo com tanto para ver naquele breve momento, não souberam falar com o Senhor sobre nada mais adequado ao mistério ali revelado senão sobre aquilo que viam que mais ocupava o seu terno coração: o excesso de amor pelos homens que o consumia, e as excessivas demonstrações que estava prestes a dar, nos gravíssimos tormentos, afrontas desumanas e na cruenta morte em Jerusalém.

Assim como o Senhor, muitas vezes, falava aos seus discípulos, em pormenor, dos açoites, bofetadas, escarros e cruz que iria sofrer — como se em cada uma dessas dores estivesse todo o sentimento da sua alma —, também aqui, estes dois amantes do Senhor, espantados com tão admirável beleza interior e exterior, e com o amor divino em que Ele ardia, falaram da coroa com que seria coroado; das mudanças que as bofetadas trariam à formosura do seu rosto; das fontes de lágrimas que os seus olhos derramariam; de tudo o que cada membro iria sofrer; da invencível paciência com que tudo suportaria; e do triunfo com que o seu amor havia de consumar, por esse caminho, tudo quanto desejava.

Viam, naquela conversa, os ardentes movimentos do coração terno de Jesus para tudo aquilo. Viam a submissão daquela humilde e humana natureza, entregue a padecer tudo. Viam quanto tudo aquilo lhe custaria, e quanto o amor divino se inflamaria nesse lenho de sofrimento. Entendiam que, por não ter ao seu lado discípulos que o compreendessem, o Senhor os tinha chamado ali, para com eles desabafar as ânsias do seu amor — amor que O consumia por ter de adiar o que tanto desejava, e pelos temores da humanidade por onde teria de passar, e pelos frutos que esperava colher dos seus sofrimentos. Por isso, foi só nesse tema que se ocupou aquela hora, pasmados eles do que viam e compreendiam, até que, adorando aquele amor divino, foram por Ele consolados e despedidos — até ao dia em que o tornassem a ver glorificado.

Deixando de lado o mais que se passou ali — a admiração de São Pedro, o esquecimento de tudo o mais, e o desejo fervoroso de não sair daquele lugar, ainda que imperfeito —, e também a nuvem que os envolveu e o medo que os santos Apóstolos sentiram, há duas coisas que não se devem deixar passar sem reflexão.

A primeira é a voz do Pai, que se ouviu naquele momento, dizendo: «Este é o meu Filho amado, no qual pus toda a minha complacência. Escutai-O.» Nessas palavras, o Pai eterno não apenas aprovou todos os desígnios de amor que o seu Filho unigénito tinha pelos homens e tudo o que decidira sofrer e fazer por eles — mostrando que também esses eram os desejos do seu coração e da sua vontade paternal e divina —, mas também declarou claramente que só seria aceite por Ele o que fosse ouvido e imitado neste Senhor.

Porque, ao dar-nos o seu Filho, deu-nos tudo. E não quer apenas que O tomemos como aquele que repara as nossas faltas, reconcilia as nossas inimizades e redime os nossos pecados. Quer também que compreendamos que no-lo deu como reformador das nossas desordens, espelho da nossa vida, e mestre único, a quem devemos ouvir e imitar.

Isto é o que quer dizer: «Nele pus toda a minha complacência: ouvi-O.» Não diz “dele”, mas nele, porque quanto à sua pessoa não havia o que comentar — pois, sendo gerado eternamente da substância do Pai, é evidente que n’Ele se compraz por natureza. Mas nele, isto é, em Cristo

enquanto feito homem e cabeça da Igreja, Deus Pai quis encontrar contentamento por nós — pois, estando legitimamente descontente com as almas que criou, por causa dos seus pecados e desordens, encontrou neste Filho unigénito o remédio para Se reconciliar com elas.

É em Cristo que o Pai se há de compadecer de todas as almas que, por amor, estiverem unidas a Ele; de todas as obras que se assemelharem às suas; de todos os méritos que, por verdadeiro amor, participarem dos Seus — e não de outros nem de outrem.

Por isso disse o Senhor: «Sem mim nada podeis fazer» — ou seja, nada que agrade a Deus.

Oh, de quantas coisas, e de quantas almas, Deus se desgosta! Vede, filhos de Adão! Vede, cristãos, que tanto vos gloriais desse nome: em que tendes ocupado a vossa vida? A que estais presos pelo amor do vosso coração? Porque de tudo o que não encontra lugar neste Senhor, Deus se desagrada.

É nele que Deus Pai Se compraz dos cuidados que se parecem com os do seu Coração; nele Se compraz dos intentos que seguem os de seu amor; nele Se compraz das obras que imitam a sua vida; nele das almas que vivem para O agradar. Foi nele que o Pai eterno quis fixar os olhos como remédio, para Se alegrar em todos os que quisessem ser seus. E como se poderá Deus agradar com alguém cujas ações o próprio Cristo rejeita como estranhas a Si? Pois a Ele ouvi, diz o Pai eterno — a Ele ouvi — e fechai os ouvidos a todas as vozes que vos enganam fora d’Ele. Deixo para os que têm ofício de ensinar o povo cristão o que mais deveriam insistir: que ouçam este Senhor, e fechem os ouvidos a tudo o mais.

A segunda coisa que se deve ponderar é que Deus mandou que este mistério fosse mantido em segredo até Cristo ser glorificado. Isto mostra claramente que ninguém pode — nem sequer começar a entrever — o segredo do amor e da Cruz, a não ser quem verdadeiramente trata das coisas do Céu. O Senhor disse a Ananias, quando o mandou batizar São Paulo, que lhe mostraria quanto ele teria de sofrer por seu amor. Essa linguagem, e essa verdade, foi-lhe ensinada no Céu, donde ele desceu tão iluminado e inflamado que, depois de dizer que tinha aprendido ali coisas que não é

lícito ao homem revelar, acabou por resumir tudo em Cristo crucificado, afirmando: «Nada quero saber senão a Jesus, e este crucificado». Para ele, sofrer tornou-se tão familiar como amar.

Com isto se entende a razão pela qual Deus nunca, desde o pecado de Adão, quis dar paz duradoura e segura ao mundo — e nunca a negou aos que O amaram. Mas sempre lhes deu a maior parte dos sofrimentos do mundo. Porque todo o governo do mundo depende da predestinação dos escolhidos, que Deus traz ao mundo como a uma escola, para neles ensinar a sabedoria do Céu e exercitar o amor puro.

E assim enche a vida deles com tantos dilúvios, que não encontrem onde descansar o pé senão na arca que os salva, que é Jesus. E dá-lhes, em segredo, uma paz tão doce — desconhecida do mundo — que essa experiência os liberta do medo das tribulações e do apego às coisas que o mundo, iludido, estima. E, juntando todos os seus cuidados num só, que é Jesus, descansam e dormem n'Ele na sua paz.

Por isso, entre os trabalhos de trinta anos já passados e os mares tormentosos e sem fundo da sua Paixão, o Senhor quis mostrar aos seus três discípulos os segredos do seu amor e da sua Cruz, bem como da glória e da paz interior que tem reservadas para os seus verdadeiros imitadores.

Mas quis que tudo isso ficasse em segredo, até que os corações estivessem instruídos no amor das coisas do Céu, inflamados com a glória da Ressurreição, e confirmados com a sabedoria do Espírito Santo. Porque só corações cheios de amor, sabedoria e vida celeste são capazes desses segredos espirituais.

Não espereis, cristãos, encontrar aqui na terra um lugar de descanso para os vossos sofrimentos — porque esta terra não foi feita para isso. É necessário que os escolhidos, pelos quais o mundo é sustentado, nunca tenham repouso nem paz. Para que todos os intentos dos homens, ocupados fora de Deus, tenham o mundo — que seguem iludidos — por algoz. E assim, os que se esqueceram de Deus não encontrem descanso em mais nada, e os seus verdadeiros amantes tenham receio de pôr o seu amor onde sabem que o podem perder.

Buscai a paz e a consolação nas tribulações que sofreis, pois é aí que ela se encontra — no divino amor e na intimidade com Jesus. E experimentareis aquela grande verdade que, em si, sentiu o inflamado Agostinho, meu Pai, depois de se converter a Deus com todo o amor, rompendo com todos os amores desordenados da vida que o afastavam d'Ele. E disse: «Com grande alegria perdi as coisas que antes temia perder.»

FIM DO TOMO I